

PRÍNCIPE DA DESTRUIÇÃO



ANTÔNIO A. FONSECA JR.

BIZANTIUM



Príncipe da Destruição

Por Antônio Augusto Shaftiel

Gostaria de agradecer ao Cristiano DeLira e ao Estevão Costa pelas opiniões e comentários; André Zuppani, e Emanuel Campos pelo apoio desde o início; Leonardo Pezzella e Rafael Guimarães pelos e-mails trocados; ao Daniel, Adriano, Luís, Renata e outros com quem já tive oportunidade de conversar sobre meus livros e ouvir suas opiniões.

Personagens

Af : anjo Captare caído, Anjo da Fúria e assassino da Irmandade Rubra

Azazel: anjo caído da Segunda Rebelião

Belcol : anjo Recípere, Vigia das Almas Santas

Betânia : anjo Recípere, seguidora de Laoviah

Decrus : demônio guerreiro

Dumah : anjo do silêncio, muçulmano e, misteriosamente, guerreiro das Lanças de Christos

Elkalas : anjo da morte

Ephain : anjo Protetore Querubim, amigo de Helenius

Francisco: mago humano, amante de Gabriela

Gabriel : Anjo da Morte e da Anunciação, um dos Príncipes Angelicais

Gabriela : anjo Protetore Dominação, amante de Francisco, ex-Lança de Christos

Helenius : Arcanjo de Divinópolis

Kesser : anjo Protetore Dominação, Anjo da Força

Kushiel : anjo Corpore, Anjo da Punição e general de Laoviah

Laoviah : Serafim da Destruição e do Castigo Final

Laviniah : anjo Captare líder das Lanças de Christos

Letiziah : anjo caída, assassina seguidora de Lúcifer

Liel : anjo Corpore mago, amigo de Francisco e Gabriela, ex-Lança de Christos

Lúcifer: o líder da Primeira Rebelião Celestial, também chamado Portador da Luz

Metatron: o Príncipe dos Serafins, um dos grandes líderes da Cidade de Prata

Giuliano : identidade de Zih'Diel na forma humana

Patrícia : anjo Captare caída, Anjo da Culpa e assassina da Irmandade Rubra

Shof Kam: anjo Protetore Dominação, Anjo da Vigilância e um dos generais de Laoviah

Rafael : Anjo da Vida e um dos Príncipes Angelicais

Rizelle : anjo Nimbus, Anjo da Justificação e conselheira de

Laoviah

Tel'Merah: anjo da guarda caído, chamado de Assassino

Abençoado

Trael : anjo Principado de Divinópolis

Victorius: mago humano servo de Moloch, contratado como

assassino pela Nova Cruz

Zem'Yuriah: anjo da destruição e aliado de Elkalas

Zih'Diel : anjo Recípere, Anjo da Fé e general de Laoviah

Zilliah : anjo Capture, Anjo da Retribuição e conselheira de

Laoviah

Prólogo

Insurreição

Era a primeira vez que o Céu agitava-se. A noção de Inferno começava a ser criada nas mentes dos anjos. A guerra que se alastrava pela cidade criada por Demiurgo não seria registrada em livros, anotada em diários, mas marcada nas almas. As batalhas de violência crescente anunciavam que o conceito de morte e destruição vigorava aonde deveria haver paz e beleza. O exército de anjos rebeldes avançava em seus planos de conquistas, atravessando as defesas fiéis a Demiurgo. Castelos eram tomados por celestiais que portavam espadas banhadas de sangue vindo do fratricídio. Os filhos do Criador se matavam na luta incansável.

Miguel, Príncipe da Guerra, observava a aproximação das forças rebeldes vestindo uma armadura dourada que cobria o coração corajoso. Levantava uma espada larga que refletia os oponentes que seriam suas vítimas. O elmo deixava espaço apenas para os olhos e a boca, cobrindo o restante da cabeça e aumentando a austeridade facial que as grossas sobranceiras já criavam. Estava em cima da muralha que protegia o castelo de Solarium, sede do conselho que liderava a Cidade de Prata. Era a última defesa antes que a batalha se tornasse desesperada, para não dizer perdida. As forças inimigas chegavam mais perto. As fálanges que desafiavam a defesa de Miguel eram lideradas por Moloch. O Príncipe da Guerra lamentava ao ver o irmão caminhar pelas ruas brilhantes agora cobertas de corpos, passar pelas catedrais arruinadas. A túnica branca de Moloch, que cobria a armadura, estava vermelha, tingida pelo sangue daqueles que assassinara.

- Preparar arcos – ordenou Miguel, o que fez um anjo a seu lado tocar uma trombeta. Pontas de flechas apareceram nas frestas das muralhas. – Levantar lanças e escudos. – Mais um toque da trombeta. Ouviu-se o movimento conjunto de milhares de mãos e o tilintar de metal. As armas foram erguidas pelos guerreiros atrás das muralhas. Eram quase estátuas, guerreiros treinados por Miguel para moverem-se

apenas quando o general assim desejasse. Ali ficaram, prontos para a luta assim que os inimigos sobrevoassem as muralhas. Assim era na guerra dos anjos, a morte vinha tanto da terra quanto do céu.

Os olhos de Miguel miraram as forças de Moloch. Os anjos rebeldes movimentavam-se, colocando seus arqueiros na frente e preparando os grandes escudos que os defenderiam quando comessem a voar sobre as muralhas. Antes que pudessem terminar seus planos, a trombeta dos guerreiros fiéis soou e as setas deixaram os arcos. O som dos projéteis voando foi acompanhado pelos gritos dos renegados atingidos. Mais cadáveres macularam a beleza do céu, mas a batalha continuou, com combatentes insensíveis à destruição. Apenas seguiam ordens para que a fê que construíam se tornasse a vigente, a que seria chamada de verdadeira e de correta nos milênios que transcorreriam.

Os arqueiros de Moloch conseguiram preparar seus ataques. As flechas deixaram os arcos, seguidas pelos anjos que portavam os escudos gigantes. Pelo menos cinco guerreiros se protegiam através daquelas defesas. Eles seguiam as setas, não se importando quando a maioria delas se perdeu nas muralhas ou quebrou-se nos escudos das tropas de Miguel. Começaram a forçar a passagem sobre a muralha, mas outro sinal soou entre exército de Demiurgo. Os primeiros anjos de lança voaram para interceptar esses inimigos. Tentando evitar a massa que queria detê-los, os guerreiros de Moloch voaram mais alto, agora ficando sobre as tropas que esperavam atrás das últimas defesas fiéis. Os rebeldes acabaram alcançados e uma tempestade de espadas, lanças, escudos e sangue formou-se no céu, impedindo a visão das nuvens. Miguel deu ordens para que mais flechas fossem atiradas, pois as outras falanges de Moloch preparavam-se para alçar vôo. A morte acompanhava os disparos dos arqueiros fiéis. Ao lado de Moloch, soldados eram incapacitados e eliminados, atravessados por setas que atingiam pontos mortais. O guerreiro renegado não se importava. Pelo contrário, um sorriso crescia no rosto coberto por sangue, aparecendo entre as manchas vermelhas que lhe cobriam a face.

Miguel notou a risada no rosto do irmão insurreto. Olhou para o lado para dar ordem para mais um toque de trombeta, mas uma

flecha atravessou a garganta do soldado. O pobre coitado caiu da muralha sem saber se segurava a seta ou a trombeta. O Príncipe da Guerra não se importou. Ele mesmo sacou seu instrumento musical e deu o toque para a luta, mas já era tarde demais. Caíra na armadilha. Olhou para cima para ver o círculo que se formava nos céus. Os guerreiros fiéis haviam vencido as forças de Moloch apenas para ver que aqueles grandes escudos não passavam de distração para que as falanges rebeldes se organizassem no céu. Miguel balançou a cabeça, quase se irritando com a própria falha. Deu ordens para os arqueiros deixarem as muralhas e para os lanceiros começarem a subida. As asas dos soldados bateram enquanto os pés deixavam o chão e os escudos eram colocados sobre as cabeças.

As forças de Moloch pressionaram ainda mais, porém Miguel não estava vencido. Seus arqueiros recuavam ainda atirando, esperando que algum rebelde passasse pela muralha. Alguns lanceiros formavam uma parede de retenção que atrasava o salto das falanges rebeldes, dando tempo para que os inimigos fossem alvejados pelas setas. Os lanceiros continuavam subindo para encontrar o círculo de rebeldes que crescia logo abaixo das nuvens. Miguel abriu as asas para liderar o ataque dos lanceiros, pois sabia quem estava lá em cima. Sua certeza se concretizou quando a borda do círculo começou a descer. Um cone formava-se lentamente, preparando-se para envolver os guerreiros fiéis. Miguel fez a tropa voar mais rápido. Tinha pouco tempo. Bateu as asas com força e deu ordem para que suas falanges tentassem formar uma esfera de defesa, mas o cone as envolveu antes do esperado. Outra armadilha que foi fácil de notar quando a chuva de flechas desceu sobre eles. Não havia meio de fugir, pois a única área que os rebeldes deixavam livre era o chão. Os anjos perceberam isso quando alguns dos seus tomaram o rumo para baixo, todos esses atingidos mortalmente.

Uma flecha atravessou a asa de Miguel e as gotas de sangue espalharam-se pelo ar, banhando os rostos dos soldados e dos inimigos, já que o Príncipe da Guerra não parava de voar para a ponta do cone. O caminho se estreitava e mais inimigos apareciam pela

frente. Estes logo se distanciavam mutilados, para não dizer destruídos pela espada de Miguel. Uma ou outra lâmina bateu na armadura do general, alguns cortes apareceram em seus braços, mas nada comparado ao que seus golpes criavam nos cadáveres que ele jogava para baixo. Ele continuava seu avanço, pois a ponta do cone estava próxima. Lá estava seu objetivo. Era de lá que ele emitia as ordens que tanto dano causavam ao exército fiel.

Uma espada derrubou um dos soldados que subia ao lado de Miguel. Uma flecha prendeu-se na ombreira do Príncipe da Guerra. O sangue de um inimigo espirrou na testa do general, acumulando-se na sobancelha. Uma lança subiu, passando sobre o ombro e enfiando-se no olho de um rebelde. Quanto o corpo deste caiu, Miguel o afastou com um braço, usando o outro para decepar mais um oponente. Sua subida continuou, enquanto um rastro de sangue era deixado. Agora já enxergava perfeitamente a ponta do cone. Estava ao alcance da espada. Era hora de levantar a lâmina contra Lúcifer.

O Primeiro Entre os Anjos levantou a própria arma, exibindo o brilho exuberante da espada para o inimigo que se aproximava. A face, tão bela quanto única, tão imponente quanto carismática, era a perfeita criação de Demiurgo, com olhos que não poderiam ser comparados com nada menos do que sóis. Seus trajes deviam ser feitos de fios de luz para brilhar tanto. Ou toda aquela luminosidade vinha de seu próprio ser? Lúcifer fez um arco com a espada, chocando-a com a arma de Miguel e afastando o ataque do irmão. O Príncipe da Guerra deixou o braço ser levado mas continuou o avanço, deixando o corpo se chocar contra o ex-Príncipe dos Anjos. As armaduras se bateram, deixando lascas luminosas voarem como faíscas. Lúcifer recuou um pouco, enquanto o braço era estendido para socar Miguel. Sua manopla bateu no elmo, amassando-o e enfiando uma ponta cortante na bochecha do general fiel. A espada do rebelde moveu-se mais uma vez, mas foi defendida por Miguel. Os anjos se afastaram para avançar um sobre o outro com maior rapidez e força. Lúcifer esperou o golpe do irmão e parou de repente, já prevendo o ataque em arco. Deixou que a espada de Miguel passasse a centímetros de sua armadura, para então

bater as asas e adiantar-se para uma estocada. A lâmina enfiou-se no peito do Príncipe da Guerra, começando um ferimento mortal. O golpe foi interrompido quando o general fez sua arma rumar contra o pescoço de Lúcifer. O rebelde precisou se esquivar, dando tempo para uma batida forte das asas do Príncipe da Guerra. Ele afastou-se enquanto seu sangue espirrava e perdia-se na luz do Primeiro Entre os Anjos.

Miguel desceu, sendo mirado por Lúcifer. O Príncipe da Guerra começou a se perder no meio da batalha que agitava-se abaixo, mas soube que o irmão começava a persegui-lo quando uma chuva de sangue molhou sua armadura e avermelhou suas asas brancas. Era hora de repensar a estratégia. Olhou para baixo e viu, com dificuldade, que as forças de Moloch atravessavam as muralhas. Seus lanceiros estavam quase derrotados. Fora uma falha vergonhosa, mas ao menos ganhara tempo para que os príncipes angelicais se reorganizassem. Ele fora o primeiro a conseguir atrasar o avanço de Lúcifer. Tocou a trombeta, dando sinal para o recuo. Muitos poderiam tomar a atitude como covardia, mas Miguel sabia o que fazia. Não era à toa que tinha o título de Príncipe da Guerra. Havia o momento de recuar e o de contra-atacar.

Os generais do Paraíso se agitavam na sacada do castelo. Seus olhos iluminados não conseguiam se desviar da batalha que ocorria na cidade abaixo. daquelas muralhas, em cima da maior montanha do Céu, eles podiam ver toda a destruição que se alastrava. Viam sua preciosa cidade ser devastada pelo avanço inclemente das falanges da Estrela da Manhã. Cada vez mais de seus irmãos caíam enquanto o Portador da Luz abria caminho pelas ruas douradas com a força de sua espada.

Seus corações se apertavam sempre que um guerreiro corajoso tombava ao tentar inutilmente deter aquele que era o mais poderoso entre as criaturas do Senhor. Agora surgiam pragas, desafios e, principalmente, lamentos, pois seu irmão Feliel acabara de falecer ao

confrontar o Príncipe do Poder. Mais um que sucumbira perante a força de Lúcifer.

Tentiel, Anjo da Lua, não mais agüentou presenciar aquela luta. Brandiu a lança e fêrfe as asas, subindo frente ao imponente castelo. Sua mão sacou a trombeta, prateada como o luar, e levou-a a boca. O som do instrumento alertou suas tropas, convocando-as para a batalha. Assim ele partiu, enquanto seus irmãos observavam. Era mais um que desobedecia ao comando que Miguel dera para que esperassem. “Corações que confundem coragem e fê”, pensava o Príncipe da Guerra, embora tentasse não julgar seus irmãos.

Aqueles generais que ali ficavam tinham seus pensamentos voltados para as ocorrências desde o início da rebelião. Nada parecido acontecera desde a Criação e suas mentes ainda tentavam entender como alguém podia rebelar-se contra a vontade do Senhor. Ainda que impacientes, continuavam esperando por novas ordens e tentando decidir como lidariam com seus irmãos rebelados. Ainda tinham dois terços dos anjos a seu lado e, entretanto, eram derrotados. Cada um que abria suas asas e deixava sua companhia acabava tombando frente ao Portador da Luz.

A observação da luta fê interrompida quando se ouviu a porta às suas costas se abrindo. Os olhares ansiosos convergiram para um anjo em especial, alguém que acabara de chegar à sacada.

- Metatron – disseram todos com respeito, em um coro bonito e afinado.

O poderoso anjo adiantou-se de cabeça erguida. Seu corpo e a expressão de seu rosto não podiam ser definidos, pois fogo e luz cobriam sua pele. Uma coroa de olhos flamejantes envolvia sua cabeça. Suas chamas crepitavam com mais força conforme seu humor. No momento, ardiam tanto que os outros generais se afastavam. Metatron controlou-se e seu fogo diminuiu, o que permitiu aos outros anjos verem que alguém o acompanhava. Alguns cumprimentaram esta nova figura com igual respeito, outros apenas com uma leve cortesia, especialmente Rafael. O anjo que agora aparecia era Laoviah, criado por Demiurgo para destruir e castigar, nada além desse intento. E, se

estava ali, era para executar sua missão sem hesitar. Seus olhos brilhavam ávidos, enquanto seus três pares de asas farfalhavam. Mexia os dedos enquanto preparava as mãos para tocar sua espada, com mérito chamada de Expurgo.

Miguel, criado por Demiurgo para ser o Príncipe da Guerra, observou Laoviah, avaliando sua força e aprovando seu poder. Gabriel, Anjo da Morte, que futuramente também seria o Anjo da Anunciação, sorriu ironicamente, observando o Destruidor e percebendo a devoção e a fé em seus olhos, exibidas por um brilho quase obsessivo. Rafael virou o rosto, balançando a cabeça, triste por uma criatura como aquela existir. Mas Laoviah pouca atenção deu a eles, principalmente depois de a voz de Metatron ribombar nos ouvidos de todos na sacada.

- Assim ele acaba nos vencendo – comentou o Príncipe dos Serafins.

- A organização dos exércitos dele chega a ser perfeita – falou Miguel, sem sair de onde estava. Seu rosto, como sempre, não demonstrava nenhuma emoção.

- Não é só isso, o próprio poder dele acaba com o equilíbrio da batalha. Poderias enfrentá-lo, Metatron? – perguntou Gabriel quase em desafio. Cochichos espalharam-se entre os anjos, comentando a ousadia do Anjo da Morte. Mas assim era Gabriel, fiel a Demiurgo, mas debochado, dando pouca atenção à complexa hierarquia do Paraíso.

As bocas se calaram quando os olhares sérios de Miguel e de Laoviah apontaram para os outros generais. Seguiu-se um silêncio em que apenas o crepitar das chamas de Metatron era ouvido, além do barulho distante do movimento das tropas de Lúcifer.

- Não podes usar o poder da destruição. Não ainda! Não o faças, Metatron! Espera pela mensagem do Senhor. Ele nos enviará a salvação! – argumentou Rafael, olhando com desdém para Laoviah.

- Cala-te, Rafael! Deixa tal sentimentalismo e ergue tua espada para a batalha – falou Laoviah, farto das lamentações do Anjo da Vida.

- Criatura lamentável, surgiste apenas para acabar com a bela

criação do Senhor. É uma pena que existas.

- Por acaso as ordens do próprio Senhor são dignas de pena? Por acaso alguém tem direito de lamentar por Suas decisões? Fui criado para punir aqueles que, como o Portador da Luz, desafiavam a glória e magnificência de Demiurgo.

Rafael corou ao ouvir as palavras do Destruidor. Gabriel riu da discussão, contente de ver dois anjos usando seu livre arbítrio e sua inteligência, sem, no entanto, deixarem sua fé. Pena que Rafael fosse assim em tão poucos momentos e que Laoviah sempre estivesse tão cego em sua vontade de cumprir a missão do Senhor. O Anjo da Morte sabia que aquela seria a perdição de ambos, mas não imaginava o quanto estava certo e nem a destruição que surgiria.

- Parem de brigar, os dois – exigiu Metatron. Nenhum anjo disse mais nada. Ouviu-se apenas a risada de Gabriel. Um dos olhos da coroa do Príncipe dos Serafins apontou para ele. – Não posso lutar contra Lúcifer, Gabriel – respondeu, sem se sentir obrigado a dar qualquer outra satisfação. Outro olho flamejante apontou para Miguel. - Miguel, já lutaste?

O Príncipe da Guerra adiantou-se respeitosamente.

- Sim, fui derrotado. Assim que o exército de Lúcifer surgiu, minhas falanges se aprontaram, mas ele me fez recuar. Consegui evitar que nos derrotasse por completo, mas falhei ao lutar diretamente contra o Portador. – Fez uma pausa em que lembrou a batalha e continuou. - Ainda tenho guerreiros em vários pontos da cidade. Todos estão tentando manter as defesas e evitar que Lúcifer avance.

- E vós continuastes enviando os generais para deter o próprio Portador da Luz. Esforço inútil. Precisamos de tempo e castigo. – Agora os olhos apontavam para o Anjo da Destruição. – Laoviah, parte e usa tuas falanges.

Laoviah sorriu e abriu os braços, deixando o corpo ser tomado por chamas. Os cabelos colocaram-se de pé e atçaram-se em fogo vermelho e dourado, o mesmo que agora envolvia as asas. A armadura brilhou ainda mais e a espada flamejante, quando sacada, emanava luz agressiva como o sol do deserto. Então ele alçou vôo para

desafiar o Portador da Luz.

Ele ergueu-se soberbo, ciente de todo o seu esplendor. Suas asas de luz abriram-se para iluminar seus aliados e inspirar medo nos corações inimigos. Os olhos procuraram por mais alvos para sua espada. Tão imponente era sua forma, que cada vez menos guerreiros o desafiavam naquela batalha. Os corpos dos antigos oponentes acumulavam-se a seus pés, mas o sangue dos falecidos não maculava sua forma. Estava limpo, pois a luz e o calor que emanavam de seu coração não deixavam seu corpo ser tocado.

Olhou para os lados e viu seu exército avançando pelos céus e pelas enormes avenidas douradas da Cidade de Prata. Um terço do exército celestial, todos anjos decididos a seguirem seu orgulhoso mestre, o primeiro rebelde a aparecer no Reino do Senhor. Seus guerreiros adiantavam-se com ímpeto, fôsse batendo suas botas contra os tijolos brilhantes ou com suas asas agitando-se nos ventos.

Ele, Lúcifer, o Portador da Luz, sorriu vaidoso ao notar que mais falanges preparavam defesas contra o exército rebelde. Os servos do Arcanjo Fiel haviam tombado, eram um grupo que a Criação nunca mais veria, cuja história não seria mais registrada. Conseguiram derrubar alguns dos rebeldes, mas não impuseram nenhuma baixa significativa. O próprio Fiel tombou pela espada de Lúcifer, trespassado no peito pela lâmina que fez seu sangue ferver, dobrando os joelhos e desfalecendo-se perante a força da Estrela da Manhã.

Olhou mais uma vez, notando as altas torres de marfim e os castelos de platina. Seus anjos pairavam sobre estes, tomando-os como posições estratégicas. Cercando essas construções estavam jardins cuja grama era de um verde impecável e cujas plantas sempre exibiam flores com as cores mais vivas que os olhos poderiam notar. Agora, tanto grama quanto flor tinham tons avermelhados do sangue dos anjos cujos corpos ali caíam e se espalhavam.

Lúcifer ergueu uma das mãos protegida por uma luva de ouro

e platina. Foi uma ordem para que seus anjos esperassem. Mais fálanges batiam suas asas rumo aos rebeldes. Haveria outro embate e essa simples idéia o divertia. Fechou os dedos, indicando que os arqueiros deveriam se preparar. Flechas foram postas nos arcos e as cordas foram retesadas, enquanto olhos brilhantes miravam nos corações de seus antigos irmãos.

O líder rebelde reconheceu o brasão nas armaduras, pertencia a Tientel, Anjo da Lua. Era um sujeito dado a loucuras, sem, no entanto, nunca ter coragem para realmente ser o que queria. Recusara-se se juntar à Estrela da Manhã naquela revolta. Ainda sorrindo, Lúcifer baixou a mão e as flechas dispararam pelo ar. Seu sorriso aumentou ainda mais quando viu os projéteis atravessando os brasões e cravando-se na carne dos guerreiros de Tientel. Asas pararam de bater, tornando-se moles enquanto os corpos dos anjos caíam inertes rumo aos jardins e tijolos.

Outro sinal e finalmente os guerreiros rebeldes avançaram, inclusive o próprio Lúcifer. Brilhava cada vez mais, um brilho alimentado pelo orgulho de si mesmo, além do ódio que sentia. Suas asas de luz o levaram até os anjos de Tientel enquanto sua mente relembra os fatos. Ele, a mais perfeita criação de Demiurgo, traído pelo próprio Pai, tendo seu reino entregue a desprezíveis criaturas! Ele, que servira fielmente, obrigado a tolerar e a servir seres cuja vida passava num piscar de olhos! O ódio aumentou em seu coração, dando-lhe forças ainda maiores. Então sua espada rodopiou e cortou, mais sangue sagrado espirrou pelo Paraíso. Podia usar seus poderes para apagar a luz dos corpos dos soldados inimigos, derrubando-os em uma de suas inúmeras demonstrações de força.

Nenhum guerreiro conseguia parar o líder rebelde. O próprio Tientel pôs-se a sua frente na tentativa de evitar o sacrifício de seus soldados. Apontou a lança e preparou o escudo prateado. Mas sua forma não era nada diante de Lúcifer. Emitia pouco além de um luar calmo, que desaparecia ao ser confrontado com a luz da Estrela da Manhã.

Espada chocou-se com escudo, quebrando a defesa de Tientel

e espalhando lascas prateadas que refletiram a luz intensa do inimigo. O Anjo da Lua recuou e atacou com a lança, mas o golpe foi desviado habilmente por Lúcifer. Tentiel ainda notou o sorriso do inimigo, debochando de sua fútil resistência. Então a mão do anjo rebelde fechou-se no cabo de sua lança e a puxou para que, em seguida, a espada brilhante descesse em um arco para quebrar a armadura e enfiar-se no peito esquerdo do anjo fiel. Seus olhos não se apagaram, pois era poderoso demais para morrer com apenas um golpe. No entanto, suas forças se esvaíram e as asas deixaram de ter forças para mantê-lo no ar. Começou a cair, sentido toda a dor à medida que a lâmina ia saindo de seu peito.

Mas Lúcifer não deixou seu irmão tocar o chão. Em um vôo rasante, pegou-o antes que se chocasse com os tijolos de ouro. Voou em meio a seus guerreiros, que já haviam rechaçado as falanges da lua. Aproximou-se de um dos castelos voando em círculos sobre a torre. Começou a voar em torno de um mastro que exibia os restos de uma bandeira. O Portador da Luz levantou o corpo de seu antigo irmão com um só braço e jogou-o contra a haste, empalando-o sem nenhuma piedade. O coração foi perfurado e o anjo segurou o metal que o atravessava na inútil tentativa de escapar. Os olhos de Tentiel se apagaram enquanto as mãos agora pendiam ao lado.

Lúcifer pousou na mesma torre e cravou sua espada na cabeça do falecido Anjo da Lua, deixando-a descansar, enquanto cruzava os braços e esperava mais uma luta contra os anjos fiéis. Já tomara quase toda a Cidade de Prata e tantos celestiais haviam tombado que ele não esperava mais uma derrota, mesmo que Gabriel e Rafael ainda não houvessem aparecido.

Seus generais pousaram a seu lado, entre eles Moloch que tinha o corpo coberto de tanto sangue que nem o brasão de sua armadura podia ser visto.

- Quem virá agora? – perguntou o general, agitando sua lança em uma espera ansiosa por mais sangue.

- Não sei, mas tenho certeza de que eles estão perdendo seus principais generais. Não duvido que enviem...

Lúcifer não chegou a terminar a frase. Antes que outra palavra saísse de sua boca, um turbilhão de fogo e enxofre alçou-se sobre eles. O próprio Portador da Luz nada fez além de estender sua mão e criar um escudo iluminado para si mesmo. Moloch foi duramente atingido, sendo arremessado da torre juntamente com outros anjos. Corpos queimados e partidos acumularam-se nos jardins, ao lado de cadáveres que eles mesmos haviam derrubado. Lúcifer olhou com desdém para baixo, vendo Moloch levantar-se com dificuldade. Em seguida, olhou para frente para ver seu novo inimigo aproximando-se. Um sorriso cortou seu rosto enquanto dizia:

- Agora tudo fica mais interessante.

Suas asas chamejantes agitavam no ar, espalhando línguas de fogo pelo Paraíso. Laoviah abriu mais uma vez os braços e tudo que eram chamas teve sua intensidade aumentada. Até o céu mudou de cor perante o seu poder, assumindo uma coloração avermelhada como o pôr-do-sol. Solto as labaredas em um tufo destruidor que limparia os pecados daqueles rebeldes.

Os seguidores de Lúcifer foram seguida e duramente atingidos pela força do Anjo da Destruição. O castigo dos rebeldes chegara nas mãos daquele novo general. Corpos negros ou ainda em chamas caíam continuamente. Alguns anjos tinham suas asas ardendo em fogo e rumavam para o chão como estrelas cadentes.

As falanges de Laoviah avançaram, seus comandantes erguiam suas espadas para punir os rebeldes e ganharem tempo para que os outros anjos se organizassem. Laoviah assistiu a batalha por algum tempo, coordenando o avanço de suas falanges. Atirava seu fogo castigador em posições estratégicas, evitando que os inimigos pudessem se reorganizar. Foi assim até seus olhos de fogo fixarem-se em Lúcifer, que o observava sorridente. Todas as chamas se aticaram ainda mais e o desejo de punir o Portador da Luz aumentou no coração do anjo. Em seu íntimo, tinha certeza de que deveria fazer aquilo em

nome de Demiurgo. Fora criado com o intuito de punir e nunca alguém cometera tamanho pecado contra o Senhor.

Lançou seu poder mais uma vez na direção do Primeiro Rebelde. O turbilhão atingiu a torre e a destruiu, espalhando seus pedaços pelo campo de batalha. Lúcifer nada sofreu, saltando e abrindo suas asas de luz. Com a espada na mão, avançou na direção de Laoviah. Parecia uma flecha durante aquele vôo rápido. Sua lâmina bateu contra a do anjo fiel, causando uma explosão de fogo e luz. Então eles se afastaram e riram um para o outro, satisfeitos por se enfrentarem.

- Tu deverias estar conosco, Laoviah! Deverias punir esses homens, destruí-los! – disse o Portador da Luz, com aquela voz perfeita que pertencia apenas a ele.

- Não, eu sigo ao Senhor acima de tudo. Ele não aprova tuas atitudes – gritou Laoviah.

O Príncipe da Destruição deixou Expurgo bater contra a lâmina do irmão. Reconheceu o brilho da arma que já fora chamada de Poder. Agora havia duas inscrições naquele metal. De um lado, a palavra Insurreição estava marcada em baixo relevo. Do outro, as letras que se juntavam para formar Verdade mostravam-se negras no meio da espada brilhante. Seus olhos se cruzaram, as chamas pulavam das órbitas de Laoviah para desafiar os raios de luz que partiam de Lúcifer. O seguidor de Demiurgo tinha o rosto firme e decidido, enquanto o rebelde demonstrava um sorriso cínico no meio da face guerreira.

Expurgo fez um arco de cima para baixo, mas acabou aparada por Insurreição. Laoviah afastou a espada e tentou estocar. Agora Lúcifer escapou batendo as asas esquerdas, afastando o peito e, automaticamente, movimentando o braço direito na direção do Destruidor. A investida não passou pelas defesas do anjo fiel por pouco. Parando a estocada, Laoviah moveu Expurgo para bater em Insurreição de baixo para cima, afastando o perigo. Antes que pudesse pensar em um ataque, já via Lúcifer o atacando mais uma vez. Precisou bater as asas para subir, ganhando tempo para invocar a destruição mais uma vez. As mãos se moveram para liberar o poder da Palavra.

Fogo e enxofre deixaram os dedos de Laoviah, atingindo Lúcifer em cheio, justamente quando ele avançava. O Portador da Luz foi jogado para baixo, caindo no meio de um bosque e desaparecendo entre as copas das árvores.

Laoviah desceu orgulhoso do golpe certo e orando em agradecimento. Queimou todas as plantas enquanto rumava para o chão. As chamas que deixavam o corpo abriram uma clareira, arruinando a beleza do bosque e tornando-o um amontoado de cinzas de carvão. Um breve sorriso surgiu no rosto do Destruidor no instante em que os olhos procuravam pelo inimigo. Pena que os lábios voltaram à expressão de firmeza quando ouviram palmas à suas costas. Laoviah virou-se arremessando outra torrente de fogo, mas, para Lúcifer, essa não foi mais do que um hálito quente e mal cheiroso. Ele continuava batendo palmas. O cinismo e o deboche temperavam o rosto orgulhoso. Insurreição estava fincada no meio das cinzas logo à frente dele.

- Sabes por que o Anjo da Verdade foi destruído, Laoviah? – perguntou Lúcifer, com uma voz tão impregnada de sutileza e insinuação que o apelido de Serpente do Éden não seria menos do que perfeito para sua pessoa.

Laoviah ergueu Expurgo e preparou-se para a investida. Não tinha outra resposta para a pergunta. Quando Demiurgo cogitou a criação da humanidade, houve anjos que discordaram do Senhor. O Anjo da Verdade, junto com o Anjo da Paz, demonstraram suas opiniões com uma avidez soou como petulância, no mínimo como insubordinação, grandes pecados perante o Criador. Ninguém soube o motivo de tal reação, mas os opositores acabaram queimados e seus nomes foram apagados. Laoviah, que recebera as ordens para destruí-los, não se importou com o motivo, apenas cumpriu seu dever. O Príncipe da Destruição desconfiava que Lúcifer manipulara aqueles dois, apesar de que seria muito difícil mentir para o Anjo da Verdade. A pergunta passou pela mente do guerreiro fiel como um relâmpago, desaparecendo com um lampejo e sem deixar marcas.

- Eu sei – respondeu o líder rebelde, pegando Insurreição e a

levantando despreocupadamente.

O Príncipe da Destruição abriu as asas e deu um salto em forma de arco, caindo sobre o inimigo. Lúcifer defendeu o golpe de espada e saltou para o lado, usando a espada para atingir as costas do oponente. A armadura partiu-se e Insurreição provou sangue mais uma vez. Laoviah virou-se com um golpe, enquanto a mão esquerda preparava-se para liberar mais um poder. Lúcifer defendeu-se do ataque e tentou uma estocada, mas Laoviah saltou para trás, outra vez fazendo um arco. Ele apontou a mão esquerda e invocou um dos poderes punitivos. Correntes surgiram do chão, envolvendo os braços e pernas do Portador da Luz. As pontas estavam cheias de ganchos e enfiavam-se na pele do rebelde. O mesmo ocorreu no pescoço, sendo que algumas quase atingiram os olhos. Laoviah preparou Expurgo mais uma vez, começando uma corrida para executar o golpe final.

A lâmina do Príncipe da Destruição afundou-se na armadura da Estrela da Manhã, rompendo o metal luminoso. Tocou a pele imaculada e começou a perfurá-la, mas o golpe parou. A mão esquerda de Lúcifer envolveu Expurgo, segurando o ataque e iniciando uma disputa de força. Lúcifer, dotado do orgulho de ser o Primeiro Entre os Anjos, arrancou a lâmina do peito e a afastou com força. Golpeou Laoviah em seguida, acertando-o com tanta força que fez o anjo rolar pelas cinzas e bater em um tronco queimado.

- Basta – Lúcifer sussurrou para si mesmo, com a potente voz de guerreiro e líder aumentando ainda mais o orgulho do coração. Um gesto liberou o poder da palavra, destruindo as correntes de Laoviah. Começou a caminhar na direção do oponente. – Meu irmão... Eu poderia alertar-lhe contra a própria falha dos Mandamentos. Sabes da incongruência ao dar ouvidos à ordem de nos prostarmos perante os humanos quando o primeiro de nossas ordens é amá-Lo sobre todas as coisas? Poderia passar algumas horas discursando sobre isso. Ou então alertando sobre o sacrifício do Anjo da Verdade. Quem sabe alertando sobre o que essas criaturas farão com o presente que Ele pretende lhes dar?

Parou em frente a Laoviah e o segurou pela armadura, fazendo

com que se encarassem mais uma vez. Tomou ar com um ímpeto de orgulho, mas que outra expressão o marcaria melhor? Talvez tragédia, pois foi aquilo que surgiu de repente no meio daquela luz.

- Percebas que o que faço tem que ser feito, Laoviah. Há um sacrifício para tudo. Há um motivo para tudo. Se não é a fã que crio em mim, o que ergue minha espada é o Destino. Então de quem é a culpa? Talvez apenas o tempo mostre os erros, se eu deixar que sobre alguém para observar.

- Agora eu digo que basta de tuas palavras...

A mão de Laoviah levantou-se subitamente, fechando-se no pescoço de Lúcifer. Os dedos pressionaram a garanta, enquanto o fogo começava a aumentar no corpo do Príncipe da Destruição. As chamas do castigo os envolveram, primeiro como espirais, depois como uma esfera destruidora que aniquilou anjos, construções e jardins em volta. Pedras voaram por toda parte, restos carbonizados de guerreiros fiéis e rebeldes caíram junto às cinzas que um dia foram tanto plantas quanto soldados.

- Quanto poder! – exclamou Uriel, o Anjo do Sol.

- Deixa-me triste alguém se impressionar assim com a destruição – lamentou Rafael, mas o outro anjo nada disse, continuando a observar a impressionante luta.

- Tu lamentas demais, Rafael – zombou Gabriel.

Antes que o Anjo da Vida pudesse responder a seu irmão, Metatron interveio. Era hora de dar um fim a toda aquela loucura. Sentiu isso em seu íntimo, sabendo que a vontade do Senhor deveria ser cumprida. Ele, a Voz de Demiurgo, emitiu as ordens:

- Miguel, vai.

O Príncipe da Guerra não disse nada, nem sequer pensou em questionar aquela ordem. Abriu suas poderosas asas e ergueu seu corpo imponente. Da esquerda, sacou sua espada e, da direita, pegou a trombeta. Soprou o instrumento com força, chamando todas as falanges

da Cidade de Prata para a luta final. A música foi seguida pelo som de asas e espadas movimentando-se.

A luta entre Lúcifer e Laoviah continuava, até os se aproximarem e começarem uma disputa de força. Uriel apontou para os dois quando a nuvem de destruição os cobriu. Já não havia torres ou castelos inteiros ao lado deles. Até suas ruínas começaram a desaparecer enquanto a nuvem crescia.

- Ele conseguiu! – exclamou o Anjo do Sol, brilhando de excitação.

- Ele conseguiu... – sussurrou Rafael para si mesmo, recusando-se a acreditar.

- Não conseguiu – negou Metatron, assustando todos os anjos.

Então toda a nuvem de destruição desapareceu de repente, acumulando-se em um só ponto, uma esfera. Como um cometa, essa esfera voou na direção do castelo. Queimou anjos em seu caminho e deixou um rastro de fogo. Por fim, explodiu logo acima da sacada. Os anjos protegeram-se dos destroços com as próprias asas, para então olhar para cima. E lá viram Laoviah estendido entre os tijolos, pregado à parede. Não havia mais chamas em seu corpo, mas sim ferimentos de onde escorriam seu sangue sagrado. Os olhos assustados dos generais começaram a seguir o rastro de fogo até voltarem ao campo de batalha. E lá estava Lúcifer, desafiando-os com todo seu poder.

- É tudo o que podeis fazer? É assim que Ele pretende proteger o Paraíso? Pois agora eu digo! Agora declaro que, se nada Ele pretende falar, se isso é tudo que tem a oferecer como resistência, irei eu mesmo governar! Subirei em Seu trono se for preciso para que os humanos sejam colocados em seu devido lugar, para que a Criação seja entregue a quem deve pertencer! – gritou o Portador da Luz.

As falanges rebeldes voltaram a se reunir quando os guerreiros de Laoviah recuaram para se juntarem ao exército fiel. A luta final estava para começar.

- Quem o desafiará? – perguntou Uriel, com a mão na espada.
- Lúcifer é quem faz diferença nessa batalha. É sua força e sua

inteligência que nos vence.

- Parece que está do lado do inimigo, Uriel – comentou Rafael, nada gentil. O Anjo do Sol retribuiu o comentário com um olhar ríspido.

- Ele será desafiado. O Filho virá! – anunciou Gabriel, sem que seus olhos deixassem a forma iluminada de Lúcifer.

- Quem é esse? – perguntou Uriel.

- É o Ungido, o Messias que vem agora para nos salvar e só voltará quando for realmente necessário, sob a benção do Senhor – profetizou Metatron.

Acima deles, Laoviah ouviu tudo. Já começava a levantar, ainda que seu corpo estivesse cortado e alguns ossos quebrados. Um dos olhos estava tão machucado que não pôde enxergar a luz que cobriu todo o castelo em seguida. O Anjo da Destruição viu Miguel preparar suas falanges e avançar, mas o Arcanjo da Guerra não voltou a desafiar Lúcifer. Quem o fez foi o Ungido que surgiu em glória divina, iluminado como só Ele. Portando uma espada que ninguém mais veria nos milênios que se seguiriam, enfrentou o anjo rebelde.

Houve tanta luz no Paraíso que os anjos quase se cegaram. O fogo e o brilho que houve naquele dia não foi mais repetido, nem a batalha. Aqueles que não viram só presenciariam uma luta assim quando o Fim chegasse. Não houve nuvem que não se movesse quando as espadas celestiais se tocavam, nem ouvido que não escutasse o ribombar daqueles choques. Se os olhos eram desviados para a luta, não podiam fazer menos do que admirar, pois as maiores manifestações do Senhor se enfrentavam.

Enquanto Miguel liderava o exército celestial, o Ungido combatia o próprio Lúcifer. E assim veio a vitória para as forças fiéis a Demiurgo. Laoviah observou toda aquela batalha. Quando tudo acabou, sentiu um misto de satisfação e insatisfação, sem que ele mesmo pudesse definir suas emoções. O Portador da Luz recebera seu castigo, Demiurgo enviara a punição ao primeiro dos anjos e ele fora precipitado no Abismo pela espada do Ungido. No entanto, ainda faltava decretar seu fim, o julgamento final, algo que cabia apenas a ele,

Laoviah, aquele que o Senhor criara somente para esse intento.

Nenhum dos seguidores de Lúcifer pisava no solo da Cidade de Prata. Se havia algum ali, estava morto, com ferimentos espalhados por seus corpos e suas armas caídas a seu lado. A cidade voltava a seu ritmo normal, preparando-se para os novos planos do Senhor. O Ungido voltara ao cerne de Demiurgo, deixando os anjos executarem a Obra.

Laoviah observava os anjos voarem de um lado para o outro, tentando reconstruir tudo o que fora perdido. Ele tinha certeza de que seu lar voltaria à antiga glória, por isso não se preocupava. Mas outra coisa o atormentava, algo em que não deixava de pensar.

- O que te atormentas, Laoviah? – perguntou uma voz logo atrás. Era Gabriel, com aquele típico sorriso enigmático. – Voltaste a essa sacada por quê? Para contemplar a humilhação que sofremos?

- Pode ser. Mas, no fim, a vontade do Senhor foi cumprida – respondeu o anjo, ainda que sua voz não tivesse a mesma certeza de antes. – Sabes o que Lúcifer queria verdadeiramente, Gabriel?

- Não sei, meu irmão. Realmente não sei. Ele foi o primeiro de nós e pensava diferente de todos nós. Nem Metatron sabe direito o que o Portador da Luz queria. Histórias e histórias surgirão para tentar explicar o ocorrido.

- Imagino. Eu gostava dele. Lúcifer não deveria ter cometido esse erro. Com quem debateremos agora, Gabriel? Eu, você, Saruel, Samyaza, Lailah, poucos de nós agora restam. Muitos com quem conversávamos morreram na batalha ou acompanharam a Estrela da Manhã. – Pensando em suas próprias palavras, resolveu corrigir-se. – Quando digo poucos de nós, refiro-me àqueles que questionam.

- Surgirão mais discussões, Laoviah. Tenho certeza que sim. Por enquanto, podes discutir com Rafael – zombou Gabriel.

- Rafael? Ah, como estou farto de discutir com ele! Sempre diz a mesma coisa!

- Ele argumenta que tu só fãlas em destruir e castigar. –
Recebendo um olhar de repreensão de Laoviah, Gabriel calou-se e riu. Infelizmente poucos de seus irmãos tinham senso de humor e Laoviah ainda não desenvolvera muito bem essa parte de sua natureza. - Venha, eu vim te chamar, pois o Conselho quer se reunir. Precisamos estar lá.

- Tenho algo a fazer antes – anunciou, abrindo as asas e deixando que fossem tomadas pelas chamas.

Gabriel observou o vôo de Laoviah, vendo-o rumar para o antigo castelo de Lúcifer, aquele que fora construído sobre uma nuvem.

O Anjo da Destruição pousou sobre a nuvem, suas botas tocando o chão fofo e branco. Começou a andar na direção da magnífica construção, feita dos mais puros metais e pedras preciosas. Cada passo deixava a nuvem ardendo em chamas, criando pequenas fogueiras no meio daquela brancura. Seguiu decidido até encarar os enormes portões. Pôde ver seu rosto refletido no metal e notou as marcas que Lúcifer lhe deixara. Elas sumiriam na face, mas o anjo teve certeza de que ficariam em seu coração.

Abriu a mão e tocou a entrada que, mesmo sendo de metal, passou uma sensação de calor. Concentrou-se e invocou seu poder, fazendo os portões explodirem para dentro do castelo. Entrou majestoso com o corpo em chamas. Não deu atenção para a decoração suntuosa. Nem bem entrou, o calor de seu corpo fez as tapeçarias se queimarem. Andou até ficar no meio do salão e então caiu de joelhos, sentindo-se fraco por dentro.

- Senhor, falhei contigo! Miserável seja Lúcifer, antigo amigo de todos nós! Como pôde ele ter se revelado traidor!? Traiu amizades e, pior do que tudo, traiu o Senhor! Traiu a fé ao Senhor! Ah, Altíssimo, penso se eu mesmo falhei contigo como ele o fez. Tenho fé, mas não sei se foi suficiente. No entanto, provarei de hoje em diante o motivo de minha criação. Ninguém entrará nessa cidade sem julgamento! Pois levarei o castigo a quem merece! Não haverá pecadores vivendo perante Tua glória, pois eles serão redimidos pelo castigo! Inclusive aquele que ousou falar contra Tua magnificência!

Levantou-se rapidamente e chamou por sua nuvem de

destruição. Foi envolvido pelas chamas e ventos fortes imediatamente. Tudo a seu redor começou a ser destruído. Todo aquele castelo seria transformado em ruínas para mostrar a todos os anjos que ninguém desafiava Demiurgo. Falhar com Ele merecia punição.

O próprio Laoviah pensava que fãlhara por não ter tido forças para derrotar o traidor. Imaginava que por isso fãra humilhado pelo Portador da Luz. Mas ainda viria o momento de sua vingança, ele fãria aquele maldito pagar por seus pecados, tanto ele quanto qualquer um que ousasse pecar contra o Senhor. Era sua promessa e seria cumprida por toda sua eternidade. A humilhação seria retribuída.

Seu coração não se acalentara quando restavam apenas as ruínas do castelo. A nuvem ainda queimava e mostrava-se vermelha para todos os habitantes da Cidade de Prata. Anjos olhavam curiosos para o céu e rezavam para que a fãria do Senhor não fãsse mais uma vez necessária. E não fãram poucos os corações que acompanharam Laoviah na promessa de retribuição, de castigo aos pecadores.

- Que assim seja! – disse o Serafim para si mesmo.

Parte I

Punição

Onze anjos sentavam-se naquela sala, ainda que houvesse treze assentos. Ninguém falava, sendo o único barulho vindo de um farfalhar de asas de alguém que estava ansioso demais ou o tilintar de metal quando outro mexia em suas armas ou na armadura. Naquelas cadeiras, que mais pareciam tronos, suas formas imponentes deixavam claras suas posições de liderança, talvez seu poder quase supremo na Cidade de Prata. Apenas a palavra do Senhor tinha mais poder do que as ordens do Conselho dos Treze. E por isso algumas daquelas poderosas criaturas estavam nervosas. Esperavam para cumprir as ordens do Altíssimo.

As gigantescas portas de ouro se abriram, revelando dois anjos de igual magnitude. Ambos ostentavam as gigantescas asas brancas, que eram fontes de luz como seus olhos e seu corpo. No rosto de um deles estava estampado um sorriso irônico, enquanto o outro tinha uma expressão decepcionada, senão emburrada. Caminharam lentamente até estar frente a frente com o Conselho.

Metatron, Príncipe dos Serafins, Primeiro entre os Treze, quebrou o silêncio e o nervosismo de todos. Seus olhos de chamas fitaram cada um dos anjos na sala, sentados ou não. Queria saber quais seriam suas reações e gravá-las muito bem. As chamas que envolviam seu corpo crepitaram com um pouco mais de força e luz antes que sua voz saísse.

- O que julgaram? – perguntou, enquanto seus olhos percebiam a ansiedade nos olhos de Uriel, além do desânimo na face de Phanuel.

Gabriel, um dos anjos que estava de pé, não respondeu nada. Apenas riu e estendeu a mão para o outro celestial a seu lado, dando-lhe a oportunidade de falar. Rafael olhou-o com raiva antes de dar um passo à frente e começar:

- Nem dez almas puras achamos lá. Nem dez almas que mereçam a salvação nós achamos em Sodoma. Por mais que Abraão tenha pedido ao Senhor, por mais que tenhamos ouvido suas preces e

concordado com seus pedidos, não podemos deixar que aquela perversidade continue. A Palavra veio para decretar o fim daquelas cidades e assim deve ser.

Os olhos flamejantes de Metatron detectaram um leve olhar de raiva partindo de Rafael para um outro Serafim que se sentava no Conselho. Esse anjo, Laoviah, respondeu àquela fúria com um sorriso de vitória. Ele mesmo dissera que aquela viagem era infutífera. De fato, o Conselho resolvera atender às preces de Abraão apenas devido à insistência de Rafael. O próprio Anjo da Vida intercedera perante o Senhor, pedindo que as almas fossem salvas.

Enviados para julgarem Sodoma e Gomorra, os dois anjos voltavam com uma sentença que o próprio Laoviah já proferira. Muitos outros já sabiam que aquilo estava para acontecer. Assim, quando Metatron falou de novo, dando ordens, não houve surpresa.

- Laoviah, vai ao mundo dos homens e cumpre a palavra do Senhor.

Assim o Serafim da Destruição e do Castigo Final se ergueu, pronto para deixar a marca da ira divina na Terra, com a mão na espada e as asas abertas. Saiu da sala respeitosamente, sendo acompanhado por um olhar decepcionado e furioso de Rafael.

Não precisou tocar nenhuma trombeta para chamar suas fâlanges. Bateu suas palmas e o trovão que se seguiu pôs de pé todos os seus guerreiros, já com as lâminas em riste para cumprir as ordens do Altíssimo.

Já anoitecia em Sodoma quando as hostes celestiais apareceram no céu, com suas asas de fogo e luz avermelhando ainda mais aquele pôr-do-sol. A vermelhidão que crescia nas nuvens anunciava apenas a destruição que se seguiria enquanto as estrelas ainda estivessem à vista. À frente deles, um ser em especial se destacava. Com seus olhos de fogo e asas de chamas expandindo-se pelo céu, ele observava as pessoas logo abaixo. Entretanto, não era

totalmente verdade dizer que ele via pessoas. Laoviah enxergava apenas corações tomados pelo pecado. Não enxergava almas, mas sim consciências pesadas. Ao vislumbrar um rosto, não enxergava olhos, mas testemunhas de crimes. Também não via bocas, mas apenas línguas blasfemadoras.

Assim, certificando-se que o pecado dominava a cidade, ele sacou sua espada. Expurgo saiu da bainha como um relâmpago deixa as nuvens negras do céu, acompanhada pelo assustador som do trovão. Brandiu a espada e esperou chegar o último sinal. Um de seus mensageiros apareceu pouco tempo depois, avisando que Ló, parente de Abraão, já deixara a cidade. Laoviah, não sorriu, nem se entristeceu quando invocou seus poderes e gritou:

- Pela Obra do Senhor, eu invoco o castigo sobre estas cidades!

Assim todas as nuvens se agitaram como se grandes criaturas se mexessem dentro de seus ventres. Tomaram um tom ainda mais vermelho, como se estivessem prestes a explodir. Lá embaixo, as pessoas olhavam aterrorizadas para o terror que vinha do céu. Abaixavam-se e tapavam os ouvidos quando os trovões ressoavam pelo ar. E nada além disso puderam fazer quando viram fogo e enxofre descer do céu, quando finalmente as nuvens liberaram a fúria divina em imensas esferas de chamas. A destruição começou em Sodoma e Gomorra. Por intermédio de Laoviah, Demiurgo destruiu as casas e famílias daquele povo que julgara pecador. Fez suas peles queimarem, suas bocas gritarem até o último instante, além de suas mentes lembrarem todos os seus crimes até que finalmente fôlessem em meio ao sofrimento.

Foi quase uma noite inteira. Só durante a madrugada o fogo parou de descer dos céus. Então foram os anjos que começaram a descer, Laoviah à sua frente, sem deixar de exibir a lâmina de Expurgo. Durante a descida, surgiu a seu lado um outro anjo. Era o irônico Gabriel, com aquele olhar ambíguo no rosto, observando sem sorrir, mas com um brilho que poderia indicar uma risada resignada. Batia suas asas sem se preocupar, como se nem notasse a destruição logo

abaixo.

- Espere apenas até eu recolher as almas – disse o Anjo da Morte, fazendo uma leve reverência.

Laoviah notou o tom irônico naquele gesto, mas não alterou sua expressão. Continuou olhando para a cidade em chamas até seus pés tocarem o solo agora quebradiço e destruído. Não havia corpos, muito menos sangue jogado no chão. Apenas ossos calcinados, enegrecidos pelas chamas furiosas, estavam caídos em meio aos escombros. Olhando a sua volta, o Serafim sentiu o clamor das almas, o arrependimento e o ódio daqueles espíritos que foram julgados. Seu coração se deliciou com aquele momento, mas ainda faltava outro veredicto. A noite não acabara.

Observou Gabriel recolher as almas e guia-las para seu devido lugar. Esperou pacientemente, imóvel como uma estátua. Mexeu-se apenas quando sentiu que era hora. Então um sorriso surgiu em seu rosto e sua mão apertou-se mais no punho de Expurgo.

- Saíam das sombras, filhos do Inferno – gritou com sua voz de trovão. – Ah, eu sei que estão aqui. Saiba que o fogo que agora experimentastes foi para punir os mortais. Para vós, agora há minha espada e a força dos anjos do Senhor.

Um a um, os anjos tocaram o solo. Lanças e espadas apontaram para o céu, enquanto os olhos observavam as sombras formadas pelas chamas que ainda queimavam em meio às ruínas. Foi no meio dessa escuridão que começou o movimento dos seres infernais. Era ali que se escondia um daqueles que merecia o julgamento do senhor.

Aquelas criaturas deformadas começaram a aparecer. Suas vozes esganiçadas deixaram as sombras primeiro, lançando blasfêmias contra os anjos. Em seguida apareceram suas garras e armas, que não tinham vergonha de desafiar as hostes celestiais. Os anjos não se moveram enquanto Laoviah não deu sinal. O Serafim só deu ordens quando o último infernal apareceu. Esse era um de seus irmãos Decaídos, chamado de Gadreel. Com seus olhos refletindo as chamas da cidade que fora sua morada, ele sacou suas armas e pôs em frente ao

Serafim da Destruição e do Castigo Final.

- Eu já imaginava que viria buscar-me, Laoviah. Quem mais seria enviado? – disse Gadreel com uma voz doce como o mel, mas que escondia tanta amargura quanto o fel.

- Sabias que não poderia fugir para sempre. És um fugitivo da Segunda Rebelião e vives em meio à estas criaturas degradadas – acusou Laoviah.

Ambos se lembraram da Segunda Guerra do Céu, a Segunda Rebelião, quando Samyaza desceu dos céus juntamente com duzentos outros anjos e tomou as filhas dos homens como esposas. Foram tempos terríveis que só terminaram quando o Senhor enviou seus anjos para punirem os fugitivos e invocou o dilúvio para acabar com suas progênies perversas.

- Ah, sim, Laoviah. Sou da Segunda Rebelião. Vim à Terra e deitei-me com as filhas dos homens. Tive filhos com elas, belos que eram, crias do meu ser. Tal acontecimento, tal revelação, você não pode compreender. Nasceram de mim e de meus irmãos tanto os Gigantes quanto os Nephalins. E eu me orgulhei disso. Orgulhei-me de deixar descendentes. No entanto, vocês, Gabriel, Rafael, Miguel e tantos outros, desceram aqui para acabar com nossa felicidade – gritou Gadreel, apontando a ponta da espada para o rosto de Laoviah.

- Os mortais clamaram por ajuda, pois teus filhos estavam os agredindo, acabando com a paz que tinham – explicou Laoviah, sem alterar-se, mas ansioso para a luta que começaria em breve.

Gadreel gargalhou e estendeu uma das mãos para o céu, em um movimento de impaciência.

- Fracos, Laoviah. Eram apenas os fracos, Serafim. O que fará Demiurgo se atender a todos os pedidos dos fracos? Enviará um dilúvio toda semana para acabar com os mais fortes? Em breve restará apenas a escória se assim o fizer. Mas talvez esses fracos possam ser melhor manipulados por vocês – falou com um tom de acusação.

- Não sabes o que diz, irmão Decaído. Logo tu, que eras tão bom em construir armas para nossas falanges, tão útil para as hostes celestiais, agora está aqui em meio a estas ruínas, a essa cidade que

corrompeu.

- Não corrompi ninguém, Laoviah. Ninguém! Apenas me escondi entre eles. Este povo, feito de fracos poupados pelo dilúvio, já tinha a maldade em seus corações.

- Basta! Vim para fazer-te cumprir tua sentença, Gadreel – falou Laoviah, farto da conversa. Era o momento de batalhar, espalhar o sangue demoníaco pelo solo. – Tu, filho de Deus, que negastes a luz ao descer dos Céus junto a Samyaza para deitar-se com as filhas dos homens; tu, anjo do Senhor, que introduziu aos homens instrumentos de batalha; tu, irmão de Azazel, que deu a ele as armas para que ensinasse aos homens como matar usando-as; tu serás condenado à prisão no Deserto de Dudael até o dia do Julgamento Final, quando o Senhor te fará te arrepender amargamente de todos os teus pecados.

Terminando de proferir as acusações e a sentença, Laoviah partiu para cima de Gadreel, enquanto seus soldados marchavam para derrubar os demônios. Seguiu-se uma algazarra misturada com o clamor da batalha, sons que nem Gadreel ou Laoviah ouviam, tão entretidos estavam em sua luta. Assim era o Serafim da Destruição e do Castigo final, que não se distraía ou pensava em nada mais quando estava cumprindo sua missão. Nada via além do réu que deveria receber seu castigo. Não emitia golpes com sua espada, apenas o castigo devido. Não matava, apenas cumpria a sentença.

Gadreel tentou se defender. Ele conhecia a arte da guerra e todos os instrumentos de combate, mas não os manipulava tão bem quanto seu irmão, Azazel. Ao perceber Laoviah à sua frente, já sentira que estava condenado, pois o poder do Serafim era superior ao dele. Suas chances eram tão diminutas que chegou a pensar em se render, mas preferiu mostrar que não concordava com as regras do Céu. Considerava o Conselho da Cidade de Prata um grupo de ditadores que nada queria além de domínio.

Seu protesto pouco adiantou. Já havia alçado vôo e tentava se defender dos golpes do anjo destruidor quando finalmente foi atingido. A lâmina de Expurgo penetrou em seu ombro, seguida por uma corrente de chamas que espalhou-se por seu corpo. Gadreel sentiu sua

armadura se desfazer e seus dedos soltarem a espada. As penas das asas transformaram-se em cinzas uma a uma, enquanto o corpo se enfraquecia. Quando sua espada fincou-se no chão, Gadreel já estava completamente derrotado.

Laoviah sorriu antes de invocar outro de seus poderes. Abriu uma mão, que irradiou uma luz vermelha, e então correntes envolveram o corpo do Decaído. Voltou-se para suas tropas, vendo que haviam escorraçado todos os demônios. Era hora de voltar para a Cidade de Prata e deixar para trás aquela terra desolada. Aquela cidade que ele mesmo transformara em ruínas.

Um sol gigantesco e impossivelmente quente brilhava sobre o Deserto de Dudaël. Seus raios de luz pareciam espadas de fogo atacando constantemente a pele de quem caminhava por suas areias escaldantes. Era difícil até manter os olhos abertos no meio de toda aquela luz. Ainda mais se mover sem ter que limpar o suor que escorria do rosto. E no meio daquelas dunas várias figuras estavam aprisionadas, acorrentadas em um sofrimento eterno e à espera de um julgamento final. Nenhum deles ergueu a cabeça ou disse algo ao notar a aproximação de seus captores, aqueles que eram seus irmãos.

Laoviah aproximou-se carregando Gadreel e era acompanhado por Rafael, Gabriel e Uriel. Caminhou em meio às correntes e aos corpos suados de seus irmãos até se aproximar de uma criatura um pouco diferente dos outros. Este Decaído tinha o rosto coberto por um véu, impedido de ver qualquer luz. No entanto, sentiu a aproximação dos anjos e soube muito bem que era seu irmão o prisioneiro agora acorrentado a seu lado. Também sentiu a presença de Rafael, o que o fez se agitar, forçando os grilhões que o prendiam. Se seu rosto não estivesse coberto, irradiaria ódio na direção do Anjo da Cura, aquele que o vencera e o prendera naquele sofrimento.

- Azazel, ainda não te esqueceste da derrota? Não estarias aqui se não desses ouvidos a Samyaza. Trouxemos Gadreel para fazer-

te companhia até seu Julgamento Final – provocou Rafael, que odiava anjos como Azazel, que entregava armas aos humanos para que eles pudessem retirar o dom da vida.

O Decaído não respondeu. Apenas voltou para sua posição e respirou profundamente, tentando não sentir aqueles anjos a seu redor.

- Ainda caçaremos os outros e eles hão de se juntar a vós em meio a gritos e terror, em meio a seu sol castigador – anunciou Uriel, que além dos movimentos do sol, presidia os gritos e o terror. Este anjo podia ser belo e acolhedor como a luz do sol na primavera, mas também terrível e inclemente como o sol do deserto.

- Assim será, meu irmão – concordou Laoviah, que era um grande aliado de Uriel.

Rafael olhou para aqueles dois sem qualquer vestígio de simpatia. Podia ser um guerreiro poderoso das hostes celestiais, como já provara ao vencer Azazel, mas não deixava de ser o Anjo da Vida e recusava-se a falar sempre em tormento como seus irmãos. Farfálhou as asas impaciente e deu as costas para os Decaídos, alçando vôo de volta à Cidade de Prata.

Gabriel soltou o ar pelo nariz e farfálhou as asas, como alguém que se incomoda com uma conclusão repentina. Atraiu a atenção dos outros dois, que se deliciavam com o sofrimento dos pecadores. Ambos olharam com uma interrogação evidente em seus rostos. Nem parecia que já estavam acostumados com os modos inquisitivos e inquietos do Príncipe da Morte.

- Do que ris, meu irmão? – perguntou Laoviah, mais questionador do que Uriel.

- Ainda existirão outros dias de discórdia no Céu e eu me pergunto quem será atormentado aqui nesse deserto ou quem viverá para rir desses tormentos – respondeu o Anjo da Morte com aquele eterno tom profético de quem sabe dos acontecimentos futuros não por poderes, mas por inteligência.

Os outros dois não deram atenção às estranhas frases e atitudes de Gabriel, pois assim era o Príncipe da Morte, cheio de excentricidades que não cabiam a mais ninguém entender.

Ele já estava velho quando caminhou pelas ruínas de Sodoma, vendo os ossos queimados e o que restara das antigas casas. Seus pés arrastavam terra e cinzas a cada passo, deixando suas sandálias impregnadas do que foram tijolos e carne humana. Os olhos tristes avaliavam a cena e tentavam entender o ocorrido, ainda estarecidos com toda a destruição e temerosos da ira do Senhor.

Ainda lembrava-se do poder da voz do altíssimo quando lhe fora dado o nome de Abraão e agora via mais uma evidência de sua magnitude, além de sua ira. Suspirou aliviado por seguir obediente as regras do Criador e caminhou mais um pouco, sem deixar de observar aquele local amaldiçoado. Fazia questão de olhar tudo para continuar assustado, para que nunca seu coração pudesse ter coragem de desobedecer ao Senhor. Sempre temeria sua ira, que era lei. Enquanto pensava, chutou algo entre as cinzas. Quase gritou um palavrão enquanto se abaixava para massagear o dedão do pé. Então seus olhos viram uma arma caída no meio das cinzas e da areia. Esqueceu-se da dor e chegou a estender a mão para tocá-la, mas seu coração encheu-se de medo e lembrou-o de onde estava. Não deveria tocar em nada ali. Apenas mexeu um pouco na areia para notar que estava diante de uma lança, uma arma forjada pela ira do Senhor.

Abraão deu as costas para a arma e tomou o rumo do acampamento. Precisava voltar para sua esposa e deixar aquele lugar. Em seus pensamentos, temia quando a ira do Criador fosse novamente atizada e seu castigo recaísse sobre a Terra mais uma vez. Ainda mais quando seu julgamento recaísse sem clemência alguma. Longe dele ter a ambição de entender o Altíssimo, mas não conseguia deixar de se perguntar como seria quando o castigo final chegasse. Por isso faria questão de deixar tudo aquilo registrado. Precisava que alguém escrevesse para ele sobre aquele anjo da destruição, a ira do Senhor e a necessidade de se pagar por seus pecados.

Capítulo Um

O Chamado

Já era tarde, quase madrugada, quando ele olhava para a cidade abaixo, vendo o pouco movimento das avenidas. Seus olhos claros observavam as pessoas irem e virem naquela quente noite de verão. Em pouco tempo, aquelas ruas e calçadas estariam cheias. Veria humanos caminhando de um lado para outro, indo para seus trabalhos enquanto conversavam ou pensavam. Poderiam rir ou manterem-se sérios durante todo o percurso. Iriam para empregos que gostavam ou detestavam. Seriam ricos ou pobres. No entanto, para ele, eram todos iguais, apenas réus cujas almas esperavam o momento certo para serem julgadas. Todos carregavam certo peso em seus corações, que mediria sua punição.

Nenhum pecado era brando em sua visão. Ele não colocava níveis nas penas. Só existia a punição por transgredir as regras. A única possibilidade de redenção era passar pelo castigo devido, redimir-se depois de sofrer com a ira do Senhor. Assim ele pensava e por isso estava ali. Ele, Laoviah, Serafim caído, agora autoproclamado Caroz, ou arauto, também líder da Nova Cruz ou, como os anjos preferiam chamar, referindo-se em hebraico, Hadash Tzlav. Assumira a forma da carne para se aproximar dos humanos, misturar-se a eles e atraí-los para o julgamento. Assim faria a redenção da humanidade. Assim impediria que os pecadores continuassem entrando no Céu e maculando sua morada. Nunca mais entraria na Cidade de Prata uma alma que não sofresse o julgamento. Não! Nada disso de arrependimento na última hora! Nada de perdão! Muito menos de sacrifícios para salvar a humanidade! Haveria apenas o julgamento, o castigo para as transgressões da Lei.

Laoviah se sacrificara para castigar, fora expulso do Céu porque esse era seu único intento. Havia em seu coração este desejo voraz de levar o castigo divino às pessoas. E justamente essa emoção gerara outras vontades inevitáveis em seu coração. Ódio pelas almas e anjos não castigados como ele achava que deveria; a ânsia pelo poder

para exercer sua missão com firmeza, sem a opinião alheia; o orgulho que impedia sua paz interior pois o lembrava de suas derrotas; tudo isso contribuiu para sua Queda, tornando-a quase inevitável. Por isso Serafim estava ali, agora desviando o olhar para suas mãos e vendo-as em tom rosado, sentindo o sangue correr por seu corpo, corpo agora quase humano, que ele mesmo transformara. Para ser humano, só faltava ter uma alma fixada a carne, tornando-se completamente igual a um membro do Rebanho. Ele até já usara seus poderes para castigar anjos assim, transformando-os em morais. Fitava seus membros intensamente, perguntando-se sobre a fragilidade daquela casca. Nada tinha de sua glória celestial, de sua forma terrível, aquela que assumia para lutar contra os demônios e seus antigos irmãos. Inevitável pensar neles, seres infernais e celestiais; vivendo acima ou abaixo, agora eram seus inimigos.

O domínio de Laoviah não era mais o Céu e nem seria o Inferno, mas sim a Terra. Todos já estavam tramando para acabar com seu poder e ele sabia disso, por isso não pararia sua conspiração, seus planos para o Castigo Final. Ouvindo os passos à suas costas, ele quase sorriu. Era uma de suas seguidoras se aproximando, também em forma humana, para se misturar aos mortais. Seu nome era Betânia, antes anjo Recípere, agora uma Caroz da Hadash Tzlav, arauto da Nova Cruz.

Parou a cinco passos de seu Senhor, mantendo-se imóvel até que recebesse permissão para falar. Perguntava-se quais seriam suas ordens ou, como sempre, temia ser castigada por algum erro. Verificou muito bem tudo o que fizera recentemente para ter certeza de que não desagradara em nada seu Serafim.

- Sinta-se à vontade, Betânia – disse ele, com sua voz poderosa.

- Agradeço, Meretz – falou ela, curvando-se ligeiramente enquanto pronunciava o título sagrado de seu líder.

Betânia abriu sua maleta sem retirar os olhos de Laoviah, que ainda continuava de costas. Enquanto remexia em seus papéis, olhava para o terno negro dele. "Roupa bonita", pensou ela, "Combinou

mesmo. Também, fui eu quem escolhi. Tomara que esteja usando a gravata azul, é melhor do que aquela rubra ou a púrpura". Desviou seu olhar para encontrar os papéis corretos. Não encontrava a planilha com os investimentos e a análise de custos. Achou-a no fundo da pasta e retirou-a depressa.

Seu rosto se empalideceu quando levantou seus olhos para ver o rosto sério de Laoviah a observando. Ele estava a um passo dela e a olhava de cima, imperioso como sempre. A bela face estava marcada por algumas cicatrizes de queimadura, umas poucas na testa e outras próximas às têmporas, todas adquiridas durante sua Queda. Ainda havia outras que a roupa escondida, estas no braço direito, nas costas e uma na coxa esquerda. Os cabelos eram loiros, mas bem escuros, estando enegrecidos nas pontas, principalmente na franja e na nuca. Tinha olhos de leão, ameaçadores, mas também indicadores de força e inteligência.

Betânia avaliou-o muito bem, pensando nela mesma. A anjo parecia mais uma executiva, sempre vestida com um terno feminino, mantendo presos os cabelos loiros, em cortes sempre elegantes. Gostava de se maquiar, sempre realçando os olhos azuis, que demonstravam toda sua inteligência e sagacidade. Gostava que olhassem para ela e pensassem: essa mulher é inteligente, melhor nem tentar enganá-la. Mas, é claro, também se maquiava por pura vaidade, usando esmaltes vermelhos, que, por sinal, sempre tinham a cruz da seita desenhada.

- Pare de pensar em frivolidades. E, como pode ver, estou usando a gravata azul – disse Laoviah, fazendo-a tremer. Ela até abriu a boca para dizer algo, mas ele respondeu antes que a pergunta deixasse seus lábios. – Sim, eu li seus pensamentos. É quase inevitável, já que não tem os controlado muito bem.

- Meu Meretz, juro que faço de tudo para proteger minha mente. Esse foi um desvio. Mas também deixo claro que não escondo meus pensamentos do senhor. Nunca – disse, baixando a cabeça. – A gravata azul fica muito melhor mesmo – comentou, buscando uma aproximação mais íntima com seu líder.

- Tenho seguido suas sugestões quanto a isso. Mas não é hora para essas conversas, Betânia. Temos planos a seguir e o tempo está contra nós, assim como o Céu e o Inferno. Sei que o Conselho da Cidade de Prata já se movimenta para impedir que a Nova Cruz se erga. Já temos nossa organização quase pronta, precisamos começar a agir.

- Sim, meu Meretz. Trouxe as planilhas de custo para os projetos. Tenho aqui tudo o que gastaremos para a construção da nossa grande catedral aqui na Terra. Fiz o cálculo para várias cidades, várias capitais, para dizer a verdade – disse ela, ansiosa para mostrar os gráficos e todos os cálculos. Queria mostrar seu sucesso além de todo o dinheiro que conseguira investindo ao longo dos anos. Tudo para aumentar a influência de Laoviah na Terra.

- Confio em suas palavras Betânia. Não precisa me mostrar. Se lhe dei esta missão, foi porque sei que é capaz. Mas não faça custos para as capitais e sim para o interior. Nossas recentes derrotas provaram que ainda não estamos prontos para enfrentar diretamente Céu ou Inferno – falou Laoviah, passando a mão sobre as cicatrizes no rosto. Lembrou-se de Lúcifer e da batalha no Limbo imediatamente. Ainda era vívida a imagem de sua Queda, provocada por um artilheiro do Portador da Luz.

Betânia olhou para as cicatrizes e também lembrou-se dos últimos acontecimentos. Não fosse pela manipulação de Lúcifer, talvez os planos de Laoviah surtissem efeito. Ainda havia o caso do ritual de purificação da Nova Cruz, que quase dera errado por causa de interferência celestial e de um certo mago humano. O primeiro evento, a guerra que Laoviah criara e fora desfeita pelo Portador da Luz, ocorrera em mil novecentos e noventa e nove. O ritual da Nova Cruz acontecera há quase três anos, em meados de dois mil e um.

- Quer dizer que nada de entrar em São Paulo? Seria uma ótima base para o nosso poder. Ainda podemos tentar Buenos Aires ou Montevidéu. Ou poderíamos fazer isso aqui mesmo, em Belo Horizonte. O Principado daqui está muito fraco justamente por causa dos eventos que o senhor mesmo desencadeou – comentou Betânia, já

fazendo planos para as cidades do interior. Com o tanto de recursos que tinha disponível, seria ainda mais fácil.

- São Paulo não. Há demônios poderosos lá, que exauririam nossos guerreiros em uma luta. Há outras capitais no Brasil que podemos tomar, mas ainda não quero. Não agora. Nossa base será por aqui e em breve lhe contarei o motivo. Por falar em Buenos Aires, sei que a tomaríamos facilmente, mas não é o momento. Diga a Shof Kam para terminar seu trabalho e vir para cá.

- O quê? – perguntou ela, surpresa em ouvir o nome daquele anjo. Não queria ver Shof Kam de novo, não tão cedo. Não era o momento para que aquilo acontecesse com nenhum dos dois. Começou a pensar em seu passado, a reviver tudo o que ocorrera com aquele anjo. Só quando sentiu o olhar rígido de Laoviah sobre si, Betânia voltou à realidade. – Desculpe-me, meu Meretz. Enviarei o chamado para Shof Kam. Quer que escreva algo em especial?

- Não. Quero que chame tanto ele quanto o restante do Conselho Coah. Quero todos os Coah aqui com urgência e preparados para a luta. Que terminem logo o que estão fazendo e compareçam a uma reunião aqui em três dias.

- Todos os Coah? – perguntou ela. Aqueles eram anjos poderosos, os principais conselheiros e generais de Laoviah. Poderiam até não ser os mais poderosos da seita, mas, ainda sim, eram os mais próximos do Meretz. Betânia não era um desses, era apenas uma seguidora, ainda que de grande importância. Mas, aqueles anjos, eram criaturas mais velhas, cuja existência ultrapassava os séculos.

- Chame o Assassino de Almas também. E pare de questionar minhas ordens, Betânia. Não direi isso outra vez – falou ele, dando-lhe as costas para observar a cidade mais uma vez. Só se lembrara do nome daquele lugar quando Betânia o dissera. Belo Horizonte. A cidade ainda seria dele, como muitas outras, mas ainda demoraria um pouco. Podia esperar pacientemente.

O encontro chegara ao fim. Betânia andou de costas por algum tempo antes de se virar. "Fui repreendida!", pensou, "Como pude deixar isso acontecer?". Saiu depressa para realizar o ritual que

chamaria cada um dos Coah e, ainda, o Assassino de Almas. Odiava aquela criatura, principalmente porque a temia, mas seria obrigada a contatá-la. Ainda bem que os rituais não exigiam uma conversa, apenas uma mensagem seria enviada para cada destinatário.

A forma angelical de Betânia não era muito diferente de sua forma humana. Tinha mais beleza, isso é certo, mas não havia asas, nem mesmo uma auréola. Ela insistia em utilizar o mesmo terno feminino e os saltos altos. Odiava o visual de guerreira celestial que muitas das anjos adoravam usar. Achava a maioria das botas fora de moda e as armaduras um tanto incômodas. É claro que tinha esse equipamento, necessário à todo celestial, já que estavam constantemente em guerra, mas preferia continuar apenas negociando. Para missões mais perigosas, Laoviah sempre enviava um guerreiro para protegê-la.

Assim, a única diferença marcante entre sua forma humana e angelical era a luz que emanava de sua pele, além do tom dourado dos cabelos. Isso sem contar o fato de que não era vista pelos mortais, já que a maioria das pessoas não tem sensibilidade para perceber os seres espirituais a não ser quando se materializam. Desse modo, Betânia seguiu pela rua escura até encontrar o lugar certo para realizar seu ritual. Era madrugada e não havia ninguém fora de casa. Sua única testemunha era a lua cheia e, talvez, um ou outro gato ou cachorro de rua. Notou também uma coruja que a observava avidamente. Abriu a mala e começou a retirar todo o material. Primeiro sangue de coruja, o que a fez olhar para a ave pousada no galho e dar uma pequena risada.

- Se o ritual falhar, acho que vou pegar você mesma, minha cara.

Continuou pegando os componentes. Penas e sangue de uma pomba negra, o pergaminho com as palavras mágicas, o papel com as mensagens escritas molhado em água benta. Pronto, agora era só usar

uma peça diferente para cada chamado, uma para atingir cada anjo em especial. Para Kushiel, ela usaria pernas de corvo e até um pouco de sangue da ave. Assim que misturou tudo e recitou as palavras mágicas, uma sombra abriu asas e voou como se fosse uma criatura viva. Betânia observou o corvo sombrio subir bastante para logo depois descer rumo ao solo, atravessando o asfalto e seguindo para o fundo da Terra. A mensagem atravessara o portal para o Inferno.

Sentiu-se aliviada, pois Kushiel era o mais difícil de contatar. Os outros seriam mais fáceis. Para Zilliah, misturou um pouco de lágrimas de vingança; para Rizielle, ela usou incenso; para Kesser, ela usou um pequeno martelo de ouro, que desapareceu quando a última palavra mágica foi recitada; para Zih'Diel, Betânia usou uma cruz e uma estrela de Davi. Agora só faltavam dois, duas criaturas que ela temia entrar em contato. Uma delas era o Assassino de Almas e suas razões eram óbvias. Ninguém gostava de estar frente a frente com aquela criatura. Aquele ser significava apenas aniquilação, um vazio, nada além disso. Nem seu mestre, Laoviah, tinha esse significado. O Serafim queria a destruição e o castigo, mas não acabar com o mundo, a não ser que essas fossem as ordens de Demiurgo. Quanto ao Assassino de Almas, Betânia suspeitava que ele existisse apenas para esse intento. Por isso, quando usou seu próprio sangue para chamá-lo, desejou que ele se esquecesse logo dela. De certo modo, também queria que Shof Kam, o último Coah a ser chamado, se esquecesse dela. Só iria chamá-lo porque precisava seguir as ordens de Laoviah, senão o deixaria de fora de tudo aquilo. Temeu que, ao ouvir seu chamado, o Coah imaginasse que ainda existia algo entre os dois. Mas não, não havia e não poderia haver. Ela já estava farta de relacionamentos e queria seguir em frente sozinha. O caso que tiveram só a atrapalharia se fosse reatado.

Torcendo para que Shof Kam não desse muita atenção a quem estava o chamando, ela pegou um olho ressecado de um animal morto e queimou-o. Assim o último membro do Conselho Coah foi chamado. Agora só lhe restava esperar para que todos comparecessem no dia certo. Não queria ver seu Meretz irritado.

Um mortal em plena sanidade não descreveria completamente a paisagem que se estendia perante o anjo Kushiell. Não poderia fazer isso, pois estaria atraído pelo enorme buraco que tomava seu cetro, um buraco tão grande que mais parecia um mar de escuridão se estendendo por milhares de quilômetros. Se ver o outro lado já era difícil por causa da distância, a tarefa se tornava praticamente impossível devido ao que se chamava de Cascata dos Pecadores ou Cascata das Almas.

Os olhos escuros de Kushiell, que eram apenas dois buracos de escuridão em sua face negra, observavam muito bem aquela paisagem. Estava de pé em uma das inúmeras montanhas que circundavam o enorme buraco. Eram formações rochosas que mais pareciam dentes daquela enorme boca negra. De cima de cada uma um anjo ou demônio observava a Cascata dos Pecadores. E o que era isso? Que fenômeno era aquele que já se iniciara há milhares de anos? Aquilo era a queda constante das almas, ininterrupto caminho para o Inferno, uma viagem que começara quando Lúcifer fora derrotado pelo Ungido e jogado dos Céus. Agora era formada por uma multidão de almas, algumas negras, mas a maioria feitas de uma luz pálida, características dos fantasmas. Todas caíam sem parar para chegarem a seus respectivos círculos no Inferno, onde encontrariam a punição adequada. Ocasionalmente, um anjo ou demônio caía junto, arremessado do Céu ou da Terra após uma derrota humilhante. Não importando quem fosse, descia gritando sem parar, sentindo o espírito ser cortado por um vento às vezes gelado, às vezes impossivelmente quente. Os berros se somavam para se tornar um som quase ensurdecedor, para não dizer enlouquecedor.

Kushiell, Anjo da Punição, observava como sempre, como era seu trabalho há séculos. Às vezes pegava uma ou outra alma que se desviava da trajetória e a jogava novamente no Poço. Outras vezes, segurava um espírito e o levava para sua montanha, pois ali ele deveria fornecer-lhe punição adequada, diferente daquela que teria no Inferno. Às vezes o fazia para impedir que uma alma muito poderosa caísse nas

mãos dos demônios. Mas não era só esse seu trabalho. Também precisava impedir que um ou outro demônio escapasse por ali.

Naquele dia, teve que fazer as duas coisas. Assistiu um espírito descer em queda livre, gritando como sempre. Tinha a forma de um jovem com enormes olheiras e cabelos raspados. Os olhos escuros de Kushiell leram toda sua alma e viram seus crimes, até percebendo que ele morrera por overdose. Poderia ter ido direto para o Inferno, mas ocorreu um daqueles erros ocasionais na Cascata. O jovem foi arremessado e acabou caindo na base da montanha. Assim Kushiell abriu seus dois enormes pares de asas negras e voou como um raio na direção de seu alvo.

Olhando para os lados, percebeu que demônios nas outras montanhas se ataçavam, enquanto outros anjos, também guardiões das portas do Inferno, observavam seu irmão fazer seu trabalho. Kushiell continuou seu vôo, aproveitando para sacar a espada bastarda, que tinha o cabo negro e a lâmina vermelha. Avistou a alma sendo cercada por alguns demônios menores, criaturas patéticas que não conseguiam se conter, mesmo sabendo que aquela montanha era vigiada por um anjo da punição.

O celestial desceu sobre os infernais mostrando do que era capaz e sem exibir qualquer sinal de piedade ou compreensão. Sua espada cortou todos, um a um, derrubando seus corpos flamejantes na terra negra que constituía a paisagem. Ficaram de pé apenas o anjo e a alma amedrontada. O jovem olhou para seu salvador, vendo aquele anjo negro vestido em uma túnica vermelha e cinza. O peito também era coberto por uma armadura, onde se via uma cruz feita de ouro e diamantes. O objeto era envolvido por uma rosa cheia de espinhos, como se fosse uma cobra se enroscando em sua presa. Era o símbolo da Nova Cruz, só que com uma diferença. Representando o poder de Kushiell, estavam uma serpente e um chicote, também abraçando a cruz, seguindo paralelamente à planta.

O espírito se encolheu, olhando para trás e vendo o buraco enorme se estendendo naquela vastidão negra. A Cascata dos Pecadores o assustou ainda mais do que os demônios e o anjo à sua frente.

Quando olhou de volta, Kushiel estava tão perto que seria possível sentir sua respiração, se o anjo precisasse respirar.

- Obrigado por me salvar. Não sei como vim parar aqui, mas agradeço mesmo! – disse o espírito desesperado, quase se ajoelhando perante o anjo.

Kushiel não se alterou ao ouvir o agradecimento. Nada fez além de estender o braço e empurrar a alma de volta para o buraco. Assistiu-a cair novamente com uma expressão de medo e confusão no rosto, seu grito já se misturando ao dos outros pecadores.

O anjo já estava dando as costas para o buraco quando pôde definir um barulho diferente vindo do Poço. Eram asas batendo velozmente, subindo para tentar chegar à Terra. Ao se virar de novo, viu um demônio alado subir em meio aos pecadores, tentando se misturar na luz pálida. Mais uma vez Kushiel cumpriu seu trabalho sem alterar sua expressão. Apenas abriu as asas e concentrou-se. Do meio de suas penas saíram serpentes, saltando para cravar suas presas afiadas no corpo do demônio. Foram oito delas que morderam e atravessaram a pele vermelha da criatura infernal. Kushiel puxou o fugitivo de volta e, quando ele já estava bem próximo, usou sua espada para decapitá-lo, não dando tempo nem para desculpa. Todo demônio sabia qual era a pena por tentar escapar do Inferno.

Quando o sangue negro ainda pingava de sua espada, um corvo negro saiu da Cascata dos Pecadores, voando na direção do anjo. Kushiel manteve-se quieto e esperou sua aproximação até a ave chocar-se contra seu peito e desaparecer. Era uma mensagem de Laoviah. Chegara o momento de sair dali. Seu líder o chamava com urgência.

Outros anjos que haviam visto o corvo logo apareceram para conversar com Kushiel. Todos eram de uma aparência tão paradoxal quanto o guardião daquela montanha; eram muito belos, mas também terríveis e ameaçadores. Foram quatro aqueles que pousaram em volta dele. Dois tinham armas nas mãos, mas apenas para se precaverem caso houvesse um combate.

- Foi chamado, Kushiel? – perguntou um deles, Amaliel, que ainda era fiel à Cidade de Prata.

- Sim, vou lutar ao lado do Castigador. Levarei a punição onde é devida – respondeu Kushiell para seu irmão, também um Anjo da Punição.

- Nosso lugar é aqui – falou Rogziel, também fiel ao Conselho dos Treze da Cidade de Prata. – Você tem que cuidar de sua montanha, Kushiell.

- Não se preocupe com sua montanha, meu irmão. Há muitos Anjos da Punição aqui e nós cuidaremos dela para você – interferiu Lahatiell, uma anjo de pele pálida e olhos totalmente negros. – Vá e siga o Castigador porque ele o chama.

- Assim deve ser – disse Hutriel, concordando com sua irmã.

Os outros não interfeririam. Assim eram os Anjos da Punição, raramente intrometiam-se nos assuntos de seus irmãos e companheiros naquela desolação. Já era muito terrível viver ali, não poderiam procurar brigas entre si.

- E ele? – perguntou Amaliell, o que fez todos os anjos olharem para uma grande montanha coberta por nuvens tempestuosas.

- Ele já sabe que eu vou. Não vai dizer nada. Sabe que ele apenas espera seu momento – falou Kushiell. Voltando seu olhar para sua montanha. Percorreu toda ela, vendo as inúmeras almas acorrentadas, sendo punidas por anjos menos poderosos, mas também, de certo modo, anjos da punição.

- Todos cuidaremos para que o castigo continue. Vá cumprir sua missão – disse Lahatiell, olhando para seus outros três irmãos. Todos concordaram em ajudar. Era a missão de todos.

Assim Kushiell abriu suas asas mais uma vez. Já conseguiria tudo o que precisava para lutar, portanto partiu sem mais demora para finalmente reencontrar seu grande general.

Os magos batalharam muito para realizar aquele ritual e chamar pela anjo. Além da dificuldade para se encontrar os componentes materiais, não foi nada fácil passar vinte horas de jejum e

de pé recitando milhares de palavras mágicas. Mas os três estavam cientes do quanto era difícil convocar um anjo daquela magnitude. Quando terminaram de recitar, seus corpos estavam exaustos, as pernas e braços tremiam. Suas mentes começavam a voltar à consciência para avisar-lhes do estado precário em que se encontravam seus músculos. Seus olhos abriram-se para ver os colegas e averiguar o que mudara na pequena sala de paredes vermelhas. À frente deles, o círculo de invocação continuava vazio, com as velas vermelhas o circundando.

- Acho que não funcionou... – lamentou um deles, o mais novo.

Os outros quase concordaram, chegando a baixar as cabeças desanimados com o esforço inútil.

- Não, funcionou sim... – o mais novo corrigiu-se, ao ver um ponto de luz começando a se formar no meio do círculo.

Os outros dois olharam rapidamente, com sorrisos nos rostos. Viram o ponto de luz crescer progressivamente, assumindo cores variadas até finalmente surgir uma explosão luminosa que quase os cegou. Quando abriram os olhos novamente, com manchas coloridas surgindo em sua visão, começaram a focalizar um ser parado no meio do círculo. Era uma mulher linda, cuja pele tinha um fascinante tom de chocolate. Seus olhos eram de um verde muito escuro e brilhavam de maneira acusadora. Os cabelos longos e lisos eram negros, caindo sobre os ombros. Tinha dois pares de asas alvas como as nuvens. Usava sobre sua armadura uma grande túnica azul com o símbolo da Nova Cruz bordado. A diferença era que a cruz parecia uma balança, já que tinha dois pratos pendurados, sobre o esquerdo havia chamas e sobre o direito uma nuvem.

- Anjo da Retribuição, seja bem vinda – disse o mais velho com um tom cortês, ainda que a voz saísse fraca devido ao cansaço.

A anjo observou cada um, examinando suas almas e corações, lendo suas mentes e sentindo seus desejos. Seu olhar não se alterava, mas retribuía o tom sério que os magos lhe concediam. Se recebesse um sorriso, sorria de volta, na mesma intensidade, encantando quem estava olhando.

- O que desejam de mim? – perguntou ela.

- Oh, Zilliah, Anjo da Retribuição, invocamos sua presença para que possa atender aos nossos desejos. Queremos vingança para a morte de nosso mestre. Ele foi assassinado brutalmente por nossos inimigos, criaturas malignas que merecem a punição divina – pediu o mais velho com a mesma cortesia.

Ela poderia até atender ao pedido, mas não o fãria. Recusava-se a fazê-lo, pois vira a ambição no coração de dois daqueles homens. Apenas o mais novo queria vingança legítima, a retribuição pela perda de alguém querido. Os outros desejavam recuperar os pertences roubados de seu mestre para conseguirem mais poder.

- Não posso, pois não há justa retribuição em seu pedido. Acha que pode enganar-me? Vejo em seu coração, homem mortal. Leio sua mente quando quero assim como sua alma é um livro aberto para mim. Só vejo ambição neles. Apenas um de vocês quer legitimamente a vingança pela perda de seu mestre – disse ela, apontando com o queixo para o mago mais novo enquanto cruzava os braços.

Os mais velhos franziram o cenho ao olhar para seu colega.

- Não disse para você fazer o círculo de proteção contra esses poderes de leitura! Eu avisei! – gritou o mais velho para o mais novo.

- Os componentes materiais acabariam com os nossos recursos – desculpou-se o jovem. No início seu tom estava moderado, mas depois começou a gritar. – Imaginei que não fosse necessário! Pensei que vocês tivessem o mesmo objetivo que eu!

Zilliah assistiu os três discutindo por um longo tempo, até que os dois primeiros sacaram adagas e cercavam o colega. Acabariam com ele ali.

- A morte dele exigirá retribuição – alertou ela.

- Cale-se, anjo! Depois cuidaremos de você. Esse círculo de proteção é tão poderoso que não te permitirá sair daí, nem mesmo fugir. Então cuidaremos de você – disse um deles, sem nem se virar.

Zilliah sabia que o mago dissera a verdade. Ela não podia quebrar o círculo de proteção, nem usando todo seu poder. Foi obrigada a assistir a cena. Talvez quando o jovem fosse morto, ela

pudesse invocar o poder da retribuição e da vingança para quebrar a barreira mágica e punir os dois transgressores.

- Ela pode sair sim! – gritou o mais novo, erguendo os braços e mexendo os dedos rapidamente. Invocando uma magia, ele apagou todas as velas e as derrubou, o que desfz o feitiço que prendia Zilliah.

Os magos nem tiveram tempo de se virar. Antes que se mexessem, lâminas circulares com cerca de dez centímetros de diâmetro surgiram nas mãos da anjo. Com movimentos mais rápidos ainda, ela as arremessou contra o mago mais velho. Ambas rodopiaram no ar até atingirem os pulsos do homem, decepando suas mãos sem arrancar sangue. O segundo tentou fugir, mas a mão de Zilliah já se fechava em seu ombro antes que terminasse o primeiro passo. Ela o encarou e tocou seus olhos, fazendo cada um deles tomar um tom esbranquiçado.

- Ele perderá as mãos porque usou-as para colaborar na morte de seu mestre. Você perde seus olhos porque assistiu a tudo sem fazer nada. Maneta e cego vocês serão de hoje em diante.

Ela jogou o homem no chão e caminhou na direção do mais novo. Passou pelo mago mais velho, que se contorcia de dor. Seus ferimentos não sangravam, pois Zilliah não queria matá-lo, não tinha permissão para isso. A anjo tinha um poder especial que só provocava sangramento quando quisesse, o que era bastante necessário para executar suas penas.

- Você agiu justamente, por isso salvei sua vida. Mereceu essa retribuição – disse, parando em frente ao jovem mago. Então, de repente, segurou seu braço e sacou a espada, decepando-lhe uma das mãos. Surpreso e cheio de dor, ele caiu de joelhos. – Isso é por ter roubado os componentes materiais desse ritual. Não deveria ter cometido o crime. Poderia arrancar-lhe a outra mão, mas deixo-a em retribuição a outros de seus bons feitos. A partir de hoje, que vocês três vivam conforme a Lei.

Ela virou-se para ir embora, sentindo-se satisfeita por ter cumprido seu dever. Neste momento, sentiu que uma mensagem estava

chegando. Sobre seu rosto, caíram lágrimas surgidas do nada. Enquanto as sentia escorrerem por sua pele, ouviu em sua mente o chamado. Laoviah queria que comparecesse logo para uma reunião. E ela não faltaria, nunca faltaria com ele, de maneira alguma.

- Muito bem, gente, vamos dando um passinho pra frente, sem empurrar, que todo mundo chega lá. Afinal, agora nenhum de vocês precisa mais ter pressa de viver, não é? – disse Elkalas, um anjo da morte bastante peculiar. Sua face pálida exibia um grande sorriso naqueles lábios sem cor. O restante de sua expressão não podia ser vista, já que os olhos eram cobertos por uma grande venda negra. Por sinal, a cor negra era uma constante naquele anjo. Seu sobretudo era totalmente preto, assim como as botas e o restante de suas roupas. Seus cabelos espetados também eram daquela cor, assim como os dois pares de asas. Tinha um visual moderno e gótico, como ele mesmo gostava de dizer. Deixava o tom da pele pálido e as roupas negras porque achava que combinavam com o trabalho. Já a modernidade era para não assustar muito as almas que deveria enviar para o Paraíso.

É claro que o visual não funcionava muito. Como se não bastasse a perda da vida, as pessoas tinham que se deparar com um anjo que fazia piadas de sua condição o tempo inteiro. E o pior era que ele parecia sinceramente achar que as piadas estavam ajudando. Nada disso. Nenhum sorriso era dado a ele, apenas rostos assustados.

Era assim que ele estava recebendo aquelas vítimas de acidente de trânsito. Um ônibus acabara de rolar uma ribanceira e treze passageiros haviam morrido. Agora o local estava cheio de bombeiros tentando retirar as vítimas das ferragens, enquanto curiosos olhavam lá de cima. Ninguém era capaz de notar Elkalas fazendo seu trabalho. Ninguém o via segurando aquele pergaminho estranho e escrevendo com aquela pena negra, com exceção dos espíritos temerosos que estavam à sua volta.

- Muito bem! Será que dá pra fazer um círculo aqui! Tenho

que explicar umas coisas básicas sobre a morte para vocês! – disse abrindo os braços e chamando todos. – Primeiro e mais importante: nada de tentar voltar aos corpos ou se comunicarem com parentes queridos. Acabou isso! Quem se despediu que fique feliz, quem não o fez pode chorar em um ombro amigo. Mas no meu não! No meu não porque meu sobretudo é novo.

Deu mais uma olhada em um pergaminho e grifou algo, para em seguida olhar para uma maca carregada pelos bombeiros.

- Espera só um pouquinho – disse à sua assustada e morta platéia, enquanto aproximava-se dos bombeiros no mesmo momento em que uma alma começava a se separar de seu corpo. Elkalas segurou-a pela testa enquanto sorria e a enfiou de volta sem nem pensar em ser delicado. – Não é sua hora não. O seu é o caso de luz no fim do túnel e coisa e tal. Fica aí. – Olhou para os outros falecidos, notando uma expressão de esperança em alguns rostos. – Ah, mas vocês não tiveram tanta sorte assim não. Quero dizer, tiveram porque puderam me conhecer, mas não vão mais poder gozar dos prazeres da vida como aquele carinha ali.

Ficou no meio deles mais uma vez, ainda exibindo aquele sorriso assustador. A morte nunca ri por bons motivos, ao menos não por motivos que agradem os vivos. Muito menos os recém-falecidos.

- É hora de ir. Não se preocupem porque vocês vão para um lugar muito interessante. Ah, desculpa, quero dizer, você não vai não – corrigiu, apontando para uma mulher à sua esquerda. Todos olharam para ela, que apontou para si mesma com um rosto cheio de medo e surpresa. – Isso sempre acontece, sabe. Mas eu não faço por mal. Desculpa, minha senhora, mas você vai pro Inferno. Olha, mas eu não menti. Lá é um lugar interessante. Tem gente que se diverte lá. Os demônios torturadores por exemplo. Acho que você não vai se divertir, mas é o que acontece por abandonar a família toda, roubar dinheiro de vários homens e coisas do tipo. Coisa boa você não esperava, não é?

Nem bem o anjo da morte acabou de falar, tentáculos escuros e flamejantes surgiram das sombras, agarrando a mulher e a levando para a escuridão. Seus gritos e apelos desapareceram quando finalmente

tomou o rumo que lhe era destinado.

- Agora é hora de ir – disse Elkalas. Já ia abrir a boca para continuar falando, o que parecia uma compulsão, quando foi interrompido.

- Ainda não, Elkalas – falou alguém de cima do ônibus.

Todos olharam na mesma direção, para notar uma anjo incrivelmente bela, bem diferente do guia espiritual que haviam acabado de conhecer. Aquela mulher era linda, com sua face branca e as bochechas rosadas, aqueles lábios vermelhos, os cabelos longos e encaracolados derramando-se sobre uma túnica negra. Sua roupa era cheia de bordados dourados e cobria uma armadura leve. No peito havia o símbolo da Nova Cruz só que com duas rosas envolvendo-o, uma azul e outra vermelha, que se misturavam no alto. Suas quatro asas eram brancas e negras, em uma mistura perfeita de tons, que as deixava ainda mais atraente.

- Rizielle – falou Elkalas, deixando todos os modos brincalhões de lado. Sacou sua espada imediatamente e abriu as asas. Com uma mistura de salto e vôo, caiu na frente de seus protegidos. – O que quer aqui?

- Vim fazer meu trabalho, Elkalas, assim como você fará o seu. – Ela sacou sua arma, um sabre de batalha com o cabo dourado. – Por acaso pretende me enfrentar?

- Se for preciso, sim. Não deixarei que leve nenhum deles – bradou, sem saber que havia alguns ali que achavam a forma da anjo muito mais interessante do que as piadas dele.

- Não faça isso. Deixe-me fazer meu trabalho. Oito dessas almas estão arrependidas, mas ainda lhes falta o castigo antes que possam conhecer a Morada do Senhor. Os outros quatro você pode levar. Leve mesmo, porque eles merecem descansar em paz. Eu, Anjo da Justificação, afirmo que eles podem subir aos Céus e descansar junto aos anjos. Serão elevados à graça do Senhor – abençoou ela, saltando como o anjo da morte fizera e caindo em frente a ele.

- O arrependimento sincero delas basta. Não precisamos de nada além disso – falou Elkalas, sem disposição para recuar.

- Elkalas, hoje a Cidade de Prata aceita qualquer alma. Sabe que isso é mais uma questão política do que teológica. Querem tornar mais fácil a entrada no Paraíso. Acha isso justo? – perguntou ela, aproximando-se perigosamente, o que o fez apontar-lhe a espada. Arrancou-lhe um sorriso ao fazer isso.

- Ah sim. Baixamos o nível por um tempo mesmo, aceitando qualquer um. Havia alguns como você, por exemplo. Ou Laoviah!

- Não ouse falar de mim ou de meu Meretz. Nós provaremos quem está certo. Agora saia da frente ou serei forçada a arrancar sua cabeça.

- Ouse, Rizielle. Ouse e veremos o que acontecerá.

Mais uma vez ela sorriu e levantou a espada. Os dois se fitaram longamente, até o sorriso dela se alargar mais uma vez.

- Deixemos que eles se decidam, Elkalas. Vocês, que pecaram e sabem disso – gritou ela para os espíritos. Vendo que conseguira sua atenção total, continuou. – Alguns de vocês pecaram e ainda não receberam a punição por isso. Arrependeram-se e isso é um passo para a redenção. No entanto, ainda lhes falta a punição adequada pelo que fizeram. Aham justo subir ao Céu apenas por causa do arrependimento, só porque prometeram não fazer mais o que já haviam feito?

Rizielle começou a caminhar até ficar entre os espíritos. Mirava cada um deles nos olhos, com uma força que abalava suas essências.

- Será que, se continuassem vivos, se tivessem mais uma chance, não repetiriam os pecado? É justo subirem aos Céus sabendo que fizeram mal a outras pessoas, inclusive seus entes queridos, e agora podem desfrutar da paz eterna? Terão mesmo paz ou macularão a Morada do Senhor com seus corações ainda não redimidos? Pense naqueles que ainda não lhes perdoaram pelo que fizeram. Pensem no mal que espalharam.

Os espíritos se encolheram, pensando em suas vidas e relembrando tudo o que já haviam feito. Passaram-se alguns minutos

até que um deles caiu de joelhos na frente de Rizielle.

- Reconheço meus erros e quero receber minha sentença para subir e viver diante do Senhor.

Mais dois imitaram o ato, como se a iniciativa do primeiro houvesse lhes dado coragem. Os outros se olharam e pensaram mais um pouco. Sentiram um pouco de culpa e até egoísmo por quererem a salvação enquanto aqueles três estavam se entregando para sua sentença. Assim, mais dois se ajoelharam para receber sua punição. Faltavam apenas três. Um deles se entregou quando Rizielle apontou-lhe seus olhos azuis. Os outros dois se esconderam em meio aos outros.

A Anjo da Justificação olhou sorridente para Elkalas, que havia baixado sua espada negra. O anjo da morte se aproximou e passou sem dar atenção a ela ou às almas ajoelhadas. Parou em frente às outras e preparou-se para abrir um portal. Virado para seus protegidos e de costas para os outros, disse:

-Vocês não precisam fazer isso. É escolha de vocês. Os outros vão comigo porque já receberam o perdão. E você, Rizielle, espero que saiba muito bem o que está fazendo. O Velho Código se foi...

- A Lei não pode ser adaptada, Elkalas.

Os dois não disseram mais nada um ao outro. Rizielle nem observou a partida de Elkalas. Ao sentir um aroma delicioso penetrar suas narinas, soube que Laoviah estava a chamando. Era hora de reencontrá-lo. Era sempre bom vê-lo. Aproveitaria para levar aquelas almas também. Elas precisavam ser punidas para encontrarem sua salvação logo.

A cena da batalha era um vasto cafézal. Os pés de café espalhavam-se por toda parte, perfeitamente enfileirados, mas ainda fora da época da colheita. Não havia nenhuma outra planta, deixando monótona a paisagem. Apenas a uma boa distância estava a sede da fazenda, casa luxuosa, cheia de ostentação. No entanto, tudo isso

passava despercebido pelos guerreiros que preparavam-se para lutar. Batendo suas asas logo acima da plantação estavam anjos e demônios, duas dezenas de cada grupo desses. O líder dos anjos era Kesser, um Coah, também conhecido como Anjo da Força.

Aquele anjo poderoso tinha um rosto largo, grande barba loira e encaracolada como seus cabelos e olhos azuis sérios. O corpo era gigantesco, com músculos tão grandes que pareciam prestes a explodir. A armadura pesada cobria o enorme peito assim como as pernas e os braços. Em sua mão esquerda estava um escudo com o símbolo da Nova Cruz segurado por uma poderosa mão como se fôsse uma arma. Na mão direita portava um enorme machado de batalha que usaria implacavelmente contra os demônios.

- Nenhum de vocês deveria ter pisado aqui. Nós, os Caroz da Hadash Tzlav, não podemos permitir isso. Ou voltam para o Inferno onde é seu lugar ou perecem por nossas armas – gritou Kesser com sua voz rouca.

Os demônios gargalharam e exibiram suas armas, como já era esperado. Poucos deles davam ouvidos aos conselhos dos anjos. Era de sua natureza discordar deles, portanto a batalha começou. Kesser deu ordem para que seus guerreiros penetrassem na formação dos demônios usando toda sua força nos primeiros golpes. Sabia que eles não manteriam coesão com um ataque tão brutal. Em seguida, bastaria aos Caroz entrarem em uma formação de defesa e esperarem que os infernais voassem para suas espadas, lanças e machados.

A lâmina de Kesser afundou em um demônio, jogando-o no cafeeiro para nunca mais se levantar. O mesmo aconteceu com outros dois que surgiram na sua frente. Estava fácil para ele, seus golpes eram poderosos demais para aquelas criaturas patéticas. Querendo um desafio maior, procurou pelo líder daquele grupo e voou para interceptá-lo. Seus guerreiros abriram caminho para sua passagem.

O demônio tentou atingi-lo com um tridente, mas a arma resvalou por seu escudo. Assim ele levantou o machado e golpeou a arma infernal, partindo-a em duas. O demônio ficou parado, surpreendido com o ataque, mas essa expressão desapareceu de seu

rosto quando o machado mergulhou entre seus olhos. Kesser desprende o corpo de sua arma e virou-se para o campo de batalha, procurando por outros inimigos, mas todos os infernais já estavam derrotados, seus corpos profanos caídos em meio às plantas. Os guerreiros angelicais se aproximaram de seu líder para receberem novas ordens, mas se surpreenderam quando um martelo dourado voou entre eles para fundir-se ao corpo de Kesser.

- Temos ordens de Laoviah. O Meretz nos chama. Vocês, vão na frente – disse para um grupo de Caroz. Em seguida, apontou para aqueles que estavam mais próximos. – Vocês me ajudam aqui. Vou limpar esse campo da profanação e partir.

Quando os outros Caroz já haviam desaparecido no Céu, um dos guerreiros se aproximou do Coah.

- Senhor, o que faremos? – perguntou com certa relutância.

- Seguiremos as ordens como deve ser feito. Assim que acabarmos de limpar tudo aqui, vou até Laoviah para saber o que ele quer.

Os Pergaminhos do Mar Morto sempre foram origem de muita controvérsia. Houve polêmica sem fim na sua tradução, envolvendo muitos escândalos que perturbaram as comunidades religiosas e pesquisadoras. Seguiu-se uma verdadeira batalha entre várias facções para se determinar quem estava certo e a quem cabia o direito de traduzir aquelas raras peças arqueológicas. Brigas políticas e religiosas não faltaram nesse tempo.

Uma das pessoas mais envolvidas nessa tradução foi o padre Giuliano, indivíduo misterioso da Igreja. Apesar de seus segredos e mistérios, ninguém conseguia desconfiar de Giuliano, considerando-o uma das pessoas mais sábias e capazes naquela tradução. A ele coube uma das partes mais difíceis daquela pesquisa. Precisou cuidar de textos escritos em um aramaico bastante peculiar, pouco entendido pela maioria dos paleógrafos.

Ainda precisou ter paciência, pois nem todos os pergaminhos lhes foram entregues e ele necessitava de todos para saber qual era o contexto para encontrar as palavras certas e o sentido da tradução. Assim, quando todos julgaram que a tradução daqueles escandalosos pergaminhos estava acabada, ainda havia o mistério que o padre Giuliano pesquisava há tantos anos. Textos que acabaram espalhados no meio de tanta briga.

Quando finalmente terminou a tradução completa, o resultado foram profecias que negavam muitas palavras do cristianismo em geral, além de revelações sobre anjos e leis do Senhor. As autoridades religiosas católicas e protestantes que souberam daquilo não gostaram nada. Alguns preferiram apenas desconsiderar tudo aquilo, mas houve quem perseguisse Giuliano, que se recusava a entregar os pergaminhos, tendo os escondido em locais secretos. Ninguém soube de quem ele recebera ajuda financeira para aquilo, mas a própria Igreja resolveu se calar e afastá-lo, mantendo-o em um monastério onde podia continuar seus trabalhos de pesquisa histórica e a escrever seus maravilhosos textos sobre a fê. Ainda que não concordasse com o padre em muitas coisas, os bispos sabiam que não podiam perdê-lo. No entanto, houve um dia em que se cansaram de ouvi-lo falar de punição pelos pecados e da subida dos pecadores ao céu apenas depois de receberem o castigo adequado. Ele negava veementemente o perdão, dizendo que tudo estava escrito nos pergaminhos, que as palavras traduzidas negavam a Boa Nova de Christos. Os bispos o chamaram para uma conversa e avisaram para parar. Ele foi do monastério para o Vaticano apenas para ouvir uma lição de moral. Por isso, naquela noite, ele desistiu de avisar a Igreja. Não havia mais motivo para isso.

Enquanto ouvia um bispo falar, ele recebeu o sinal, a mensagem que esperava há tanto tempo. Sorriu enquanto ouvia aquelas palavras em sua mente, deixando o bispo nervoso.

- Está zombando de mim? – perguntou o sacerdote católico com raiva.

- Não – foi só o que respondeu antes de se levantar e dar as costas àqueles homens.

Deixou para trás as autoridades e sumiu junto com os pergaminhos, para levar a nova mensagem para o povo. Era hora de esquecer o Evangelho e mostrar o que encontrara. Havia as Admoestações de Abraão, as Revelações dos Anjos, o Credo do Senhor, os Assuntos da Lei e outros textos que ele considerava serem a sua verdade.

Ele tomou sua forma verdadeira, transformando-se no anjo Zih'Diel, o Anjo da Fé. Não surgiram asas em suas costas, pois ele não as tinha. Se precisava subir apenas levitava ou planava como se não tivesse peso, se precisava viajar, abria portais. Sua vestimenta era uma grande túnica branca, bordada com símbolos de várias religiões ligadas ao cristianismo, judaísmo e islamismo. Os olhos, naquela face branca e fina, eram amendoados e carismáticos. Seus cabelos eram negros e estavam sempre cortados bem curtos. Assumindo esta forma, abriu um portal para se encontrar com seu Meretz.

Havia um casarão abandonado naquela cidade. Como era regra, sempre surgiam histórias sobre assombrações naquele lugar. A diferença entre a história dessa cidade e desse casarão com a de outras cidades e casarões era sua veracidade. Realmente havia almas penadas vagando pela velha construção. Durante a noite, era possível ouvir seu caminhar, ouvi-las subindo as escadas e fazendo a madeira podre ranger. Quem passava perto logo se arrepiava, pois à meia-noite, podia-se ouvir vozes lá dentro. Era uma conversa pouco animada, sempre sussurrada, que às vezes fazia comentários sobre quem caminhava pela rua. Quem não saía correndo logo sentia um frio na nuca que o fazia apertar o passo. Quem ousava ficar acabava tendo pesadelos por longos anos.

As lendas sobre a casa surgiam praticamente desde a fundação da cidade. E havia poucos cidadãos que não tinham uma história para contar sobre quando passaram por ali à noite e viram ou ouviram coisas estranhas. Quem não contava nada era quem não tivera coragem

ou fora sensato por não passar perto. Seja como for, estas pessoas nunca mais teriam a oportunidade de ter contato com aquele estranho fenômeno. Não mais. A última história que ouviriam é de quando em uma estranha noite, mais escura que o normal, uma sombra saltou sobre o teto semidestruído do casarão. Dizem que o que caiu lá parecia ter grandes asas negras, que se misturavam com a escuridão. Tinha uma pele prateada como a lua, mas que, ao invés de emanar luz, brilhava porque sugava essa luminosidade o tempo todo.

Depois que esta criatura apareceu, ninguém mais ouviu nada de estranho na casa. Aparentemente, aquela era a Morte que aparecera para levar as almas penadas. As pessoas insistiam em dizer isso, mas seus corações contavam algo pior, algo tão ruim que fizera o medo pela casa aumentar ainda mais. Com ou sem alma penada, ninguém mais se atrevia a passar perto da rua. Aqueles que moravam perto, perceberam aos poucos que não conseguiam mais sonhar e sentiram um grande vazio no dia em que a Morte apareceu para levar os fantasmas. Por medo, acabaram mudando dali, deixando a rua vazia, deixando apenas uma história do mal que ali ocorrera. Algo que todas as mentes temiam.

Dizem que a Morte ficou ali durante algum tempo, observando os vivos e, com um simples olhar, retirando aos poucos suas forças, enfraquecendo suas almas, acabando com seus sonhos. Mas um dia ela foi embora. Abriu suas asas de seda negra e desapareceu para continuar seu trabalho em outro lugar. Alguns contam que a Morte foi chamada. Por quem não se sabe. Mas é certo que o motivo do chamado talvez fosse pior do que sua presença ali. Alguns sussurravam que almas seriam ceifadas. E quem não poderia suspeitar que seriam assassinadas? Alguém acusaria um Assassino de Almas?

Buenos Aires estava com um céu feio naquele dia, bastante fechado para dizer a verdade. Parecia que uma terrível chuva desabaria sobre as pessoas a qualquer momento. Por isso os argentinos corriam

de um lado para o outro, procurando chegar depressa em casa para evitarem maiores transtornos.

Enquanto isso, em um beco na periferia da cidade, havia um estranho grupo que não se movia apesar da chuva iminente. Eles não seriam afetados por ela, já que eram apenas seres espirituais. Eles eram anjos e demônios reunidos para resolverem problemas relativos ao Céu e ao Inferno e na distribuição das almas da cidade. Estavam ali o Principado, representante dos celestiais, e o Senhor Negro, representante dos infernais. Cada um contava com mais três guerreiros para se protegerem de qualquer eventualidade.

- Não sei se as almas estão sendo distribuídas da maneira correta. Acho que vocês estão violando o pacto. Estão levando espíritos que deveriam ir para o Céu – acusou o líder angelical.

- Não sei do que está falando, anjo. Nós simplesmente estamos coletando nossas almas, levando os pecadores para seu devido lugar. Nada além disso – retrucou o representante dos demônios com sua voz distorcida.

- Vocês, demônios, não sabem o que estão fazendo. Não podem roubar almas assim!

- Não somos nós! Não quebramos o pacto. Você sabe que não podemos fazê-lo. E se forem os espíritos nativos? Eles, sim, possuem esse costume. Nenhum deles está ligado ao pacto.

Os dois grupos pararam e o líder angelical se voltou para um de seus conselheiros. Aquele anjo taciturno à sua direita era o que dava os conselhos mais diretos e mais sábios. Ele deveria lhe dizer se era possível confiar naqueles demônios ou não.

- O que acha? – perguntou, usando sua telepatia.

- Não sei se podemos confiar nesses demônios. Talvez eles estejam dizendo a verdade, por mais raro que isso seja. Acho que podemos acreditar neles e depois mostrar quem detém o poder rechaçando alguns infernais da periferia, assim como um ou outro espírito nativo que esteja causando distúrbio ou que tenha saído do campo e vindo para a cidade – respondeu o anjo conselheiro, ainda de olho nos demônios e pensando em muitas outras coisas. Só que o

restante de sua mente era fechado. Nem o Principado conseguia saber o que se passava nos pensamentos mais profundos daquele celestial.

- Muito bem, demônios. Nós acreditaremos em vocês, mas saibam que manteremos vigilância. A ira do Senhor recairá sobre vocês se soubermos que têm quebrado o mais sagrado dos pactos.

Os infernais não disseram mais nada, nem se preocuparam com uma despedida cortês. Talvez porque quisessem fazer justiça a sua fama de maus ou, quem sabe, simplesmente porque se sentiram ofendidos. Os anjos não se preocuparam com a razão, pois já esperavam aquela atitude de seus oponentes. Assim os celestiais também abriram suas asas e prepararam-se para voar.

Apenas um deles continuou parado, justamente o anjo conselheiro. Uma mudança ocorreu em seu rosto, passando de inexpressivo para um sorriso bizarro. Tudo isso porque acabara de ouvir algo em sua mente. "Shof Kam, Laoviah o chama agora. Termine o que está fazendo, conclua sua missão com toda urgência e venha para cá. Mas venha preparado para a batalha, pois nosso Meretz tem grandes planos em mente. Que a justiça de Demiurgo acompanhe sua viagem", dizia a mensagem, que era a voz de Betânia em sua mente.

Shof Kam se transformou. Deixou aquela forma de anjo frágil e sábio para tornar-se o guerreiro, espião e assassino do qual se orgulhava, aquele que já enganara grupos como a Irmandade Rubra. Toda a sua roupa mudou. Não era mais uma toga branca cobrindo a pele alva. Agora tinha uma cota de malha negra em seu peito, calças e botas de cor igual nos membros inferiores. Uma roupa simples que cobria todo o corpo, escurecendo sua imagem e o protegendo. A face era atenta, nada a marcava mais do que atenção. Seus cabelos negros eram longos e amarrados em três tranças. Os olhos eram completamente azuis, por sinal um azul bem escuro. Na testa estava o símbolo da Nova Cruz, cravado com metal como se fosse parte do osso. Em volta dele estavam olhos em chamas. Shof Kam tinha uma auréola formada por olhos flamejantes, talvez parecida com a coroa usada pelo Serafim Metatron, mas longe de ser tão imponente. Aquilo

significava atenção completa ao mundo, pois Shof Kam era o Anjo da Vigilância, encarregado de observar tudo e todos, coletar informações e até acabar com os crimes que via. Era um Coah, um dos generais do Serafim da Destruição.

Ainda seria bom citar os adornos estranhos que Shof Kam usava. No pescoço, tinha uma espécie de colar africano, cheio de energia mágica. No braço, usava pulseiras budistas com contas de cores diferentes. Suas armas não eram comuns entre os anjos. As espadas eram japonesas, uma katana e uma wazakashi, lâmina grande e lâmina curta, que ele adorava usar em conjunto. Tudo isso ele conseguira em suas andanças pelo mundo, coletando informações para Laoviah e a Cidade de Prata durante longos anos.

Ele também deveria coletar informações em Buenos Aires, saber tudo o que estava acontecendo e criar um certo tumulto entre os anjos e demônios locais, preparar uma invasão pela Nova Cruz. Precisaria de mais tempo para aquilo, mas agora recebera ordens para concluir tudo com rapidez. E ouvira as ordens de sua Betânia... Mais uma razão para efetuar tudo com um sorriso no rosto.

Adagas apareceram em suas mãos bem no momento em que os anjos perceberam que um deles não alçara vôo. Quando o primeiro virou-se para chamar pelo colega, uma lâmina enfiou-se em sua testa. Enquanto esse caía, outro já recebia uma lâmina na nuca. O Principado se virou para ver o que estava acontecendo e viu Shof Kam movimentando-se como o vento, arremessando adagas nos demônios, derrubando os três guarda-costas do Senhor Negro. O líder angelical sacou sua espada no momento em que o último demônio mostrou as garras para defender-se de Shof Kam.

O Anjo da Vigilância deixou asas crescerem em suas costas. Essas tinham penas flamejantes, penas que pareciam ter olhos nas pontas. Alçou vôo para evitar o ataque do Principado e seguiu na direção do Senhor Negro. Já conhecendo os dois inimigos, sabia que o demônio poderia fugir, mas o anjo lutaria até a morte para acabar com o traidor.

O infernal observou a aproximação do seu algoz e saltou para

a esquerda, espremendo-se contra a parede de um prédio. Sentiu a katana raspar seu peito, deixando um extenso filete de sangue negro. Mas Shof Kam já esperava por aquele movimento. Em pleno vôo, ele virou-se já guardando uma das espadas e sacando uma besta que aparecera de lugar nenhum, como que por mágica. Disparou a seta, acertando o olho do inimigo, enquanto esse começava a respirar aliviado por ter sobrevivido à primeira investida do Caroz.

O Principado passou pelo demônio, aproveitando para decapitá-lo enquanto avançava contra Shof Kam. O anjo traidor atirou mais duas setas antes de fazer a besta desaparecer de novo e sacar sua espada menor. O líder celestial escapou dos dois disparos sem muito esforço e continuou sua investida, já notando que Shof Kam recolhera suas asas e esperava no chão, assumindo uma posição de batalha com a espada maior preparada para a defesa e a outra claramente pronta para um contra-ataque.

- Traidor! – gritou o Principado.

- Não sou traidor! Vocês são traidores, por cobrirem seus olhos diante de almas pecadoras que merecem punição! – respondeu Shof Kam, esperando pelo ataque.

O anjo fiel à Cidade de Prata julgou conhecer a estratégia do Caroz, portanto atacou diretamente, já preparado para receber o golpe da espada menor. Foi um erro que custou sua vida, pois quando já estava muito próximo, próximo demais para parar, Shof Kam arremessou a espada menor e rolou pelo chão. O Principado tentou se defender de uma das armas, mas foi pego pela katana que atingiu seu peito e rasgou sua pele e entranhas até a virilha. O sangue espirrou por toda parte quando o anjo caiu e arrastou-se no chão sujo, sua luz apagando-se quando finalmente trombou contra o lixo em um canto.

Shof Kam levantou-se e observou a cena, sentindo-se feliz por cumprir seu trabalho. Agora Buenos Aires estava sem líderes, o que geraria muita confusão. Enquanto se organizava, a Nova Cruz poderia invadir ou procurar pelo que quisesse na região. Mas o que se passaria dali por diante não era de sua responsabilidade. Havia outros Caroz na região que se encarregariam de continuar com tudo. Shof

'Kam iria embora para realizar outra missão para seu Meretz. E, além dessa honra, teria a oportunidade de reencontrar Betânia.

A reunião se iniciou ao entardecer, quando o céu estava avermelhado, lembrando fogo, como Laoviah gostava. Mais uma vez ele estava em cima do prédio, observando o movimento da cidade ao entardecer. Divertia-se com os corações agitados indo de um lado para o outro lá embaixo. Gostava cada vez mais de estar ali, de ter aquele Reino para si, sob seus domínios para julgar e decidir quem deveria subir aos Céus e quem deveria descer ao Inferno.

Naquele dia, o Serafim tinha sua forma angelical, se é que um mortal o chamaria de anjo. Era uma criatura terrível que lembrava em tudo a sua missão, além de seu estado de anjo caído. Portava uma armadura no estilo romano, finamente ornamentada. Era feita de ouro e platina e no meio tinha um enorme sol que lembrava opressão e destruição. Mais parecia uma estrela prestes a explodir. Ou melhor, parecera, pois agora o esplendor daquele símbolo fora desfeito por uma rachadura no peito. Com um pouco de atenção, alguém poderia ver pelo buraco e notar uma cicatriz sobre o coração.

A cabeça era coberta por um elmo, também parecido com aquele usado pelos romanos, só que com uma crista de fogo. Na cintura tinha uma espada imponente, que chamava de Expurgo, arma que usara desde sua criação, desde que surgira para levar castigo e destruição. Nas costas tinha o símbolo da Nova Cruz, aquele crucifixo de ouro e diamantes negros, envolto pela rosa espinhenta. Esse símbolo estava bordado por toda a capa púrpura que usava para cobrir o corpo. Era um acessório usado por quase todos os seus seguidores, como era possível notar já que estavam todos chegando naquele momento.

A primeira a aparecer foi Zilliah, fazendo questão de mostrar a seu Meretz como era pontual e estava disposta a cumprir suas ordens. Pousou diante dele e curvou-se para demonstrar respeito. Laoviah

sorriu para ela, o que alegrou o coração da Caroz. Queria conversar um pouco com o Serafim, mas não teve a oportunidade, pois os outros começaram a se apresentar.

Rizielle aproximou-se e curvou-se da mesma maneira, só que com muito mais elegância, também arrancando um sorriso de Laoviah. Esse fato deixou Zilliah um pouco nervosa, fazendo-a se ater calada em seu canto, sem demonstrar mais nenhuma emoção.

Os outros se apresentaram de maneira semelhante. Kesser, Zih'Diel, Kushiel e, por fim, Shof Kam apareceram e tomaram seus lugares. Todos os Coah estavam ali, mas Laoviah ainda não disse nada, continuando a esperar e a observá-los. Tudo isso até Betânia aparecer, vestindo trajes que pareciam com os de um espadachim do século XVII, só que com um toque feminino e bastante moderno. Usava um chapéu com uma grande pena vermelha e um sabre na cintura. Também tinha a capa púrpura cobrindo o corpo.

- Podemos começar – disse Laoviah, o que fez Betânia começar a abrir a boca. – Se vai perguntar sobre o Assassino de Almas, ele está aqui.

Sim, ele estava. Todos sentiam a sua falta, por isso sabiam que a criatura estava em seu meio, fazendo um vazio surgir até nos corações mais poderosos. O Assassino de Almas era um grande paradoxo, pois mostrava sua existência justamente por mostrar a falta, o vácuo. Quando não queria ser percebido, podia muito bem evitar que os sentidos soubessem que estava em qualquer lugar, pois anulá-los não era tarefa difícil para quem não deveria existir. Ele era o fim e o começo, o que não existia antes e o que era o destino da existência, o nada.

Tornando-se outro paradoxo, a criatura fazia sua presença nesse mundo chamando para si a matéria. Como se fosse um buraco negro, ele atraía a energia a seu redor e tomava forma. Assim ele começou a aparecer, com sua pele prateada, o rosto fino brilhando como se fosse luar. Seus olhos ocos levavam ao vazio, assim como fazia sua boca quando se abria. Vestia uma armadura negra, como era de se esperar. Nela havia vários buracos pequenos, assim como rostos

gritando em agonia. Esses mexiam suas bocas, pedindo por ajuda, apenas para depois desaparecerem naquele metal sem brilho. Na cintura, havia a espada Fim das Almas, que tinha adornos semelhantes em seu cabo. E, como não poderia deixar de ser, o mesmo ocorria com a espada curta presa nas costas e com as adagas guardadas nas botas. As asas eram uma falha na realidade, assemelhava-se a seda negra cortada para se parecer com acessórios para vôo. Quando apareceu, elas se fecharam sobre seu corpo, cobrindo-o todo como se fossem uma capa que se arrastava pelo chão.

De todos os Coah, apenas Kushiell não se incomodou com a presença da criatura. Betânia foi a que ficou mais assustada, pois era a menos poderosa e teve que ficar do lado do estranho. Os outros haviam formado um semicírculo alguns metros à frente. Como ela e o Assassino de Almas não eram parte do Conselho Coah, ficaram ao lado do Meretz. A anjo Recípere tentou não tremer enquanto estava tão próxima do Avatar do Nada.

- Começaremos a dominação. Faremos a Nova Cruz surgir entre os mortais e a Hadash Tzlav mostrar-se aos anjos. Haverá guerra, meus irmãos, e nós prevaleceremos. A partir de hoje, começaremos a nossa integração ao Coro Celestial como é nosso direito. Nada de ter nosso poder e nossos ofícios tomados como inferiores ou menos dignos ou, mais absurdo ainda, desnecessários – discursou o Serafim, sua voz tocando os corações e mentes, fazendo-os se lembrarem de seu passado.

Houve um tempo em que todos aqueles anjos viviam na Cidade de Prata, portando-se dignos perante o senhor e realizando suas missões sem pestanejar, sem ao menos questionar o motivo. Eram sempre a parte mais árdua, que exigia maior imparcialidade. Cabia a eles levar o castigo, a punição pelos crimes, julgar quem deveria entrar no Céu, manter vigília sobre os pensamentos e atitudes das pessoas, verificar se seus corações realmente tinham fé, se não fraquejavam em momento algum. Eram todos aspectos da justiça divina, mas que atraíam o descontentamento dos mortais, que falhavam frequentemente com o Senhor.

O tempo foi passando e veio a Boa Nova, a palavra de Christos, que criou o perdão para as almas fracas que não trilhavam o árduo caminho da Lei. A nova religião era mais complacente, deixava mais espaço para a benevolência divina. Na maioria das vezes, os mortais enxergavam tão somente essa bondade e preferiam se esquecer do castigo. Passaram a ver os aspectos mais rígidos de Demiurgo como parte do mal, como se tudo fosse obra do Inferno, local para onde iriam as almas malévolas. Assim a maioria dos anjos com esse encargo foi desaparecendo da Cidade de Prata, sempre obrigados a assumir moradias em outras áreas espirituais para continuarem a conclusão de sua missão. Se não fizessem isso, tinham duas outras opções. A primeira era Cair, abandonar sua ligação com o Céu. A segunda era fechar os olhos para os pecadores que entravam no Paraíso sem serem punidos por seus pecados, apenas por se arrependem e serem perdoados.

Zilliah escolheu a primeira opção, saindo da Cidade de Prata depois de muito discutir com os membros do Conselho. Outros como Kushiell, Zih'Diel e Shof Kam preferiram assumir missões longe do Paraíso, voltando para lá apenas em ocasiões especiais, como quando eram chamados por Laoviah.

- É o momento de voltarmos a nossa glória e realizarmos nossas missões, que são a vontade do Senhor. Não mais veremos a vontade dos mortais prevalecer sobre a de Demiurgo. Afinal, Ele está sobre tudo e todos e Sua vontade que deve prevalecer. Julgaremos os mortais e faremos apenas as almas puras aparecerem diante dele, mesmo que nós tenhamos de purificá-las. Por isso estão aqui. Começaremos agora.

Parou para observar seu conselho. Julgava estar ali quem seria necessário para que fossem escolhidas as almas certas para a entrada no Céu. Havia um Anjo da Fé para definir os princípios básicos da religião que fundaria; um Anjo da Justificação para decidir quem merecia ser salvo, quem era justo perante o Senhor; um Anjo da Punição, para levar as almas pecadoras para o lugar certo e dar o devido castigo a quem merecia; um Anjo da Retribuição para que

sempre fosse feita justiça; um Anjo da Força para abrir os caminhos mais difíceis e, por fim, um Anjo da Vigilância, que observaria os mortais.

- Precisamos de um representante entre os mortais. Não temos ninguém para levar nossa palavra e isso não pode faltar.

- Quem o senhor tem em mente, meu Meretz? – perguntou Rizielle.

- Neffali, o nefalim – respondeu ele, já prevendo a surpresa em alguns rostos. Alguns como Kushiel e Shof Kam ficaram impassíveis. Zih'Diel exibiu toda sua surpresa, quase retrucando algo.

- Mas por que esse pária? Ele não é querido nem entre os seus! – disse Kesser, aquele que parecia mais surpreso.

- Kesser, eu sei o que faço. Não deveria duvidar de mim depois do tanto que lutamos juntos – respondeu Laoviah, com o olhar sério e a voz ríspida. Betânia se encolheu atrás dele, lembrando-se da repreensão que já tivera.

- Peço desculpas, meu general, mas poderíamos saber a razão de o senhor procurar por essa criatura? – perguntou Kesser, baixando um pouco a cabeça.

- Neffali é necessário para levar nossa palavra. Precisamos dele e depressa. A Lei precisa chegar aos corações dos mortais.

- Meu Meretz já tem meios para localizá-lo? Tem sido muito difícil localizar o local de renascimento das almas nefalim – falou Shof Kam, tentando não ser tão mal educado quanto Kesser.

- Sim. Todo nefalim é filho de um anjo caído da Segunda Rebelião e seus pais podem encontrá-los. Ao menos a maioria deles tinha esse poder antes de os prendermos. Portanto, faremos seu pai o achar.

Os rostos se alteraram mais uma vez, pensativos e tentando adivinhar os planos de seu líder. Laoviah não parecia preocupado em dizer nada. Foi Betânia quem concluiu algo que todos estavam pensando. Suas palavras soaram como se ela estivesse pensando alto e fizeram Laoviah sorrir discretamente, talvez por divertir-se com os modos dela ou por estar orgulhoso de sua conclusão.

- Mas Neffali é filho de Azazel, o atual porta-estandarte dos exércitos de Lúcifer. Teríamos que enviar alguém ao Inferno para contatá-lo.

Os olhares convergiram em Betânia e depois se voltaram para Laoviah, esperando que ele confirmasse ou negasse aquelas palavras.

- Isso mesmo, Betânia. Enviaremos um grupo ao Inferno para trazer Azazel à Terra. Ele encontrará Neffali para a Nova Cruz.

- Para o Inferno? Suponho que sou um daqueles que vai – disse Kushiel, demonstrando pouca surpresa se comparado ao outros.

- Sim, Kushiel, você vai ao Inferno juntamente com Shol 'Kam, Zilliah, Rizielle e Kesser. Zih'Diel ficará aqui para começar os fundamentos de nossa igreja na Terra.

- Pretende mandar todo o Conselho Coah nessa missão, senhor? – perguntou Kesser, tentando ser mais educado e respeitoso do que antes.

- Sim, porque confio em vocês. Envio cada um com uma função específica. Kushiel será o guia, por conhecer o Inferno, Shol 'Kam os ajudará a passarem despercebidos, Zilliah poderá indicar a melhor direção para encontrar Azazel e Rizielle ajudará na negociação, além de ser responsável por avaliar todos os seus encontros naquele lugar. Kesser, você será muito importante. Confio a proteção de meus Coah a você. Com sua força, será o guerreiro que impedirá que o Mal os alcance. Será uma tarefa impossível passar sempre despercebido ou escolher um caminho sem perigos naquele lugar. Por isso preciso de um guerreiro como você entre eles. Conheço suas habilidades e sei de sua capacidade para realizar o que lhe ordeno.

- Como sairemos de lá? – perguntou o Anjo da Força, ainda achando aquele plano absurdo. Seus olhos indicavam que vários pensamentos borbulhavam em sua mente.

- Eu posso retirar quem eu quiser do Inferno – respondeu Rizielle, com a voz fria, como se quisesse ofender Kesser.

- Até um pecador como Azazel? Ele merece ser punido – retrucou o guerreiro.

A resposta deixou Rizielle calada e pensativa. Tinha como

rebater o argumento, mas não queria revelar nada naquele instante. Tinha ordens de seu líder para não fazê-lo. Falar sobre a Chave antes da hora seria um erro.

- Concordo com Kesser, meu Meretz. Não poderemos retirar aquela criatura do Inferno – falou Shof Kam.

Foi a vez de outro Coah tomar a palavra, enquanto Laoviah apenas observava e julgava a discussão.

- Perceba, Shof Kam. Você também, Kesser. Nós retiraremos um pecador do Inferno, mas desde quando Azazel está sendo punido no Orco? Sua sentença era ficar preso no Deserto de Dudael, acorrentando junto a seus irmãos. No entanto, os agentes de Lúcifer o retiraram de lá e o levaram para se tornar o porta-estandarte do Inferno, aquele que carregará a bandeira do Portador da Luz na batalha final – falou Zih 'Diel, como se estivesse passando um sermão. No entanto, nem de longe parecia ser enfadonho. Os ouvidos captavam apenas sabedoria e verdade vindos de sua voz.

- Ainda sim, não sei se estaremos cumprindo a Lei se retirarmos Azazel de lá – argumentou Shof Kam.

- Nem mesmo descumprindo – comentou Zilliah, com um sussurro tímido que não deixou de ser captado por ouvidos atentos. Aquilo fez Laoviah sorrir mais uma vez, o que agradou o coração da anjo.

- Kesser, posso contar com sua presença nessa comitiva?

- Ainda não entendo por que não enviar apenas uma mensagem... – disse o guerreiro, balançando a cabeça e coçando a barba loira.

- Porque nenhuma mensagem mágica chegará até Azazel. Ele está se escondendo muito bem para que uma magia ou um mensageiro comum chegue até ele – falou Kushiell, aquele que menos se importava em viajar para o Inferno.

- Por isso eu vou. Com meus poderes, posso achá-lo facilmente. Azazel precisa receber sua justiça, então conseguirei encontrá-lo – falou Zilliah, mirando Kesser, mas tentando captar outro sorriso de Laoviah com o canto dos olhos.

Por fim, quem não concordava se calou. Não restavam muito mais argumentos contra, além de suas opiniões pessoais.

- Terminada a discussão, acho que é hora de partirem.

- Senhor, preciso me preparar para essa jornada – disse

Kesser.

- Não, Kesser. Dei ordens para que todos viessem preparados.

Vocês partirão agora.

O Anjo da Força não disse mais nada. Baixou a cabeça resoluto e fez um prece para se acalmar. Odiava ter que viajar para um local como o Inferno. Não que tivesse medo ou coisa parecida, mas não se sentia bem entre aqueles pecadores. Aquele não era um local para um anjo. Olhou para os outros, vendo todos conferirem suas armas e tentou não observar Laoviah por muito tempo. Esperava que o Serafim não estivesse desconfiado dele. Sua opinião contra a viagem poderia levantar alguma suspeita, mas Kesser sempre fora ponderado. Não era do tipo "guerreiro sanguinolento sem cérebro" que lutava simplesmente pelo prazer de lutar. Gostava de usar a força apenas quando necessário, quando julgasse justo. Laoviah sabia disso. Esse era o motivo da presença de Kesser no Conselho Coah, para aconselhar seu líder a usar a força com sabedoria. O Serafim podia não precisar muito de conselhos, mas algumas vezes considerava isso necessário, quando sua obsessão por destruir e castigar começava a suplantiar seu raciocínio. Kesser precisava se aproveitar disso, só que com cuidado, muito cuidado.

Quando todos os Coah estavam preparados, Laoviah abriu bem seus braços e invocou seus poderes. Como tinha controle pleno sobre os castigos e a destruição, era natural que fosse capaz de abrir um portal para o Inferno, local onde havia nada mais, nada menos, do que aquilo. Depois de gritar bem alto, o Serafim bateu palmas e enfiou os dedos no ar, como se estivesse abrindo à força uma porta dupla. Aos poucos, entre suas mãos, foram surgindo chamas que formaram um risco no ar, como se esse estivesse sendo rasgado. Cheiro de enxofre começou a chegar às narinas dos Coah, seguido por gritos e berros de dor e agonia.

O risco de chamas começou a se separar, abrindo-se e revelando uma paisagem avermelhada, com criaturas voando de um lado para o outro. Montanhas com picos pontiagudos se sobressaíam ao longe. Ruínas se acomodavam em alguns lugares, enquanto outras estruturas arquitetadas por mestres do pesadelo erguiam-se em outros. Os anjos observaram tudo sem medo. Todos ali tiveram contato com o Inferno algum dia. Alguns mais, como Kushiell, outros menos, como Kesser.

- Que a Bênção de Demiurgo acompanhe-os – falou Zih'Diel.

- Assim esperamos – responderam todos.

- Que a confiança em nosso Meretz não abandone seus corações – continuou o Anjo da Fé, quando eles começavam a saltar pelo portal.

Kesser foi o primeiro, portanto sua resposta não foi ouvida. Mas os outros responderam:

- Assim esperamos.

Tão logo os cinco Caroz atravessaram o portal, Laoviah o fechou, precisando apenas parar de se concentrar na abertura da passagem para que ela se fechasse automaticamente. O Serafim virou-se para Betânia, que já se aproximava para fazer um comentário. Ela olhou para os lados antes de começar a falar.

- Meu Meretz, desculpe minha insolência, mas o senhor não acha que Kesser está falando demais? Ele foi muito contra seus planos...

Laoviah colocou a mão sobre o ombro dela e os joelhos da anjo tremeram quase que por instinto. No entanto, ela se conteve e mordeu os lábios, tentando não demonstrar o quanto temia uma punição por parte de seu líder. Acalmou-se apenas quando viu um sorriso em seus lábios.

- Não me importo se você fala assim, apenas quando ousa discutir minhas ordens diretas. No momento, falta-lhe perceber que

Kesser está seguindo sua missão aqui. Todos temos um trabalho a cumprir, minha Caroz – disse ele, soltando-a e começando a caminhar.

Betânia lembrou-se de que Kesser deveria alertar o Conselho quanto ao uso desnecessário da força. Sentindo-se mais calma, voltou-se para seu líder, em quem tinha plena confiança. Ele já estava diante de Zih'Diel e do Assassino de Almas, preparando-se para dar mais ordens.

- Zih'Diel, você deve seguir seu caminho com Betânia. Assuma sua forma humana, assim como ela fará. Agora que já encontrou os pergaminhos como as Admoestações de Abraão, deve mostrar ao mundo os novos textos. Betânia financiará tudo. Lembre-se de trazer a tradução para o Brasil e começar a impressão do Livro dos Justos. É hora de nossa fé se espalhar.

O Anjo da Fé baixou a cabeça, aceitando as ordens sem questionar e aproximou-se de Betânia. Agora restava apenas o Assassino de Almas. Laoviah não disse nada à criatura enquanto os dois Caroz estavam ali. Percebendo que não deveriam ouvir nada, se foram, deixando os planos misteriosos daqueles dois seres que não eram temidos sem razão.

Capítulo Dois

Assassinos e Aliados

Francisco acordou sobressaltado. Abriu os olhos com tanta pressa que nem se deu conta do que estava fazendo. Quando percebeu, já estava sentado na cama, olhando para o relógio na parede. Piscou uma vez, apenas uma vez, e, quando abriu mais uma vez as pálpebras, já haviam se passado dez minutos. Sua reação não foi de espanto, mas de uma surpresa fria, como soubesse o que estava acontecendo. De uma maneira inconsciente, ele sabia o que estava ocorrendo com ele, mas sua própria mente não lhe dava as respostas. Esfregou o rosto e suspirou, depois olhou para a mulher a seu lado. Seu coração bateu mais forte simplesmente ao vê-la deitada, como sempre acontecia. Gabriela dormia nua a seu lado, sorrindo por causa dos momentos ardentes do início da noite.

Ele estendeu o braço e acariciou a bochecha dela. Sempre temia que não pudesse a agradar de alguma maneira, que não conseguisse superar as expectativas dela. Aquele era o grande medo que tinha. As mudanças dentro de seu ser causavam-lhe estranheza, mas não era nada comparado o pavor que sentia simplesmente ao imaginar que poderia perder Gabriela. Observou as duas cicatrizes em suas costas e suspirou mais uma vez. Se ela tinha aquelas marcas era culpa sua, porque não fora suficientemente forte ou inteligente para protegê-la. Ela que não ouvisse seus pensamentos ou teria um ataque de raiva ao imaginar que Francisco voltava a pensar daquela maneira paternalista. No entanto, ele não conseguia deixar de pensar que precisava protegê-la.

Abaixou-se um pouco e beijou a bochecha dela, para, em seguida, levantar-se e se vestir. Colocou a calça preta, as botas curtas e a camisa social, dobrando a manga longa até o cotovelo. Saiu devagar do quarto, mas parou em frente a porta, justamente quando estendeu o braço para apagar a luz. Foi então que se deu conta de que a luz já estava apagada. Apagada! Seus olhos se voltaram para todo o quarto e notaram todos os detalhes, mesmo naquela escuridão. Foi mais uma

vez que soltou o ar profundamente e balançou a cabeça. Não conseguia ficar espantado com aquilo, mas ainda se surpreendia, ainda que não soubesse se aquela era uma surpresa boa ou não.

Saiu de casa a pé, sem se preocupar em pegar o carro. Não pretendia andar muito e também não tinha medo de nenhum dos perigos que aquela cidade poderia oferecer. Já passara tempo demais enfrentando demônios, anjos, vampiros, lendas antigas. Por que precisaria temer os mortais?

Começou a descer o morro com calma, passando por algumas casas grandes do bairro nobre da cidade. De lá de cima, podia ver o centro de Itaúna. Notava o quão parada era aquela cidade e tentava imaginar como ainda não morrera de tédio ali. Havia fugido para lá para se afastar das tragédias que haviam ocorrido em sua vida nos últimos anos. Foram tempos conturbados em que enfrentara seu mestre, um mago milenar, além de um certo Serafim que não tinha nada menos do que o título de Anjo da Destruição e do Castigo Final. Esse último era justamente a criatura que arrancara as asas de Gabriela, sua anjo caída, sua paixão. Ele, Laoviah, era o ser que manipulara Francisco, fazendo-o libertar o Assassino de Almas. Foi uma aventura que, apesar de tudo, lhe rendeu algum poder, amadurecimento e a libertação de Gabriela. Agora ela e seu amigo Liel podiam ser anjos afastados do Céu, sem, no entanto, perder sua natureza divina.

Continuou caminhando enquanto pensamentos ruins apareciam em sua mente. Aquela não era a primeira vez nem seria a última em que se imaginaria usando seu poder para destruir Itaúna, descontando toda sua raiva e absorvendo as almas de algumas pessoas mesquinhas que já encontrara ali. Absorvendo almas! De novo! De novo aquela idéia voltava à sua mente! Aquilo era triste, mas, desde que tivera contato com a espada Fim das Almas, ainda pensava na sensação de ter dentro dele o poder de várias almas. Era uma vontade difícil de controlar, mas não impossível.

Suspirou mais uma vez e já ia se repreender sobre o número de vezes que estava fazendo aquilo quando foi distraído. Antes que pudesse se xingar por estar parecendo um fracassado, algo o atingiu.

Foi um ataque rápido vindo do nada, surgindo como círculos rodopiantes que batiam sobre seu corpo. Por sorte, seus amuletos o protegeram, apesar de o impacto tê-lo jogado no chão. Caiu sobre o calçamento, mas se levantou com um salto. Seu corpo estava forte como nunca. Uma excitação se apossou de seu ser. Seu coração bombeava a vontade de lutar, enquanto ativava partes de sua mente que estavam paradas há muito tempo. Tempo demais!

Os olhos procuraram pelo inimigo oculto e não demoraram a encontrá-lo sobre uma casa. Francisco teve aquela mistura de surpresa e resignação mais uma vez, pois não esperava encontrar o inimigo tão facilmente. O outro mago soube que fora avistado e preparou-se para a disputa que viria. Não esperava nada menos do que uma grande batalha ao enfrentar Francisco. Ele flutuou da casa para a rua, deixando uma capa negra balançar no vento tênue da noite. Suas sandálias tocaram o chão enquanto seus olhos negros fitaram o mago.

Francisco xingou-se por não ter levado sua sacola de componentes materiais ou o casaco mágico, mas agora não tinha tempo para lamentar. Deveria se defender com o que tinha.

- E então, assassino? Acha que essa é uma boa noite para morrer? – perguntou, deixando um sorriso se formar no meio do cavanhaque. Os olhos castanhos miraram o inimigo, avaliando-o.

- Todo dia é um dia bom para morrer – respondeu o outro, também sorrindo. Ele levantou as mãos para preparar outra magia. Tinha carvão e enxofre entre os dedos.

Francisco reconheceu de imediato a magia que seria usada. Aquele demente não se preocupava em usar uma bola de fogo no meio da rua. Era certo que não havia ninguém acordado e o bairro estava deserto, mas era difícil acreditar que ainda existiam loucos que lutavam em terreno aberto assim. Aquele assassino deveria estar desesperado para matá-lo. Francisco só entendeu o motivo quando viu as tatuagens em seus pulsos. Eram como algemas, com certeza um encanto para prendê-lo.

A bola de fogo começou a se formar nas mãos do assassino, crescendo e crepitando alimentada por energia mística. Foi disparada e

avançou como uma esfera de dois metros de raio, queimando folhas secas que estavam jogadas no chão e iluminando toda a rua. Francisco observou sua aproximação e teve que se defender com o componente material mais abundante que tinha no momento, seu sangue. Mais do que depressa, arrancou um dedal com garra do bolso. O item não estava lá, mas fora invocado do mundo espiritual com um encanto simples. Usou o objeto para cortar a palma da mão, apontando-a para a bola de fogo. Usando sua energia vital, ele invocou a proteção do mundo para garantir a perpetuação de sua existência. Assim a bola de fogo deveria passar por ele sem queimar nem um fio de cabelo. Mas isso não aconteceu.

Tanto Francisco quanto o assassino ficaram boquiabertos quando a esfera tocou o corpo do mago. As chamas o engolfaram e desapareceram como que extinguidas no vácuo. Francisco olhou para si mesmo, surpreso com o ocorrido. O efeito da magia fora alterado de algum modo, mas ela funcionara, protegendo-o quase como o esperado. “E desde quando eu reclamo por estar vivo?”, disse para si mesmo, sorrindo antes de preparar seu contra-ataque. Era hora de usar sua energia vital mais uma vez.

- Muito bem! Agora nós vamos conversar seriamente! Primeiro eu te mato, depois eu faço algumas perguntas. Está ouvindo? – perguntou ele. Seus dedos se mexiam cheios de sangue, enquanto palavras arcanas saíam de sua boca. Usava-as para invocar os espíritos, que estavam sempre sedentos para experimentar sangue mortal, para ter as sensações do mundo dos vivos. Atraindo-os com seu sangue, Francisco os fez voarem, liberando a barreira entre os mundos para que as entidades devorassem o inimigo.

A área em volta do assassino ficou nublada por alguns segundos. Movimentos rápidos podiam ser notados, enquanto as garras e presas dos espíritos avançavam. O mago conseguiu se proteger com uma contra-magia rápida, mas, quando sua imagem voltou ao normal, tinha sangue escorrendo do braço, além dos arranhões no pescoço e da capa rasgada. Agora estava furioso e olhou para seu oponente enquanto mordida os lábios. Cuspiu um pouco de sangue no

chão e gritou raivoso:

- É isso que pode? Hoje é realmente um dia bom para você morrer nas mãos de Victorius!

- Mas é mesmo? Ainda bem que você me avisou, se não eu nem perceberia que já estava na hora de eu morrer – ironizou Francisco, na verdade preocupado com o próximo ataque.

Victorius retirou uma minúscula adaga de um dos bolsos e apontou para Francisco. O mago precisou pensar depressa. Ele se abaixou no mesmo momento e pegou um pouco de areia no chão. Era hora do improviso, justamente a característica que o mantivera vivo por mais de dois séculos. Quando se levantou, já recitando as últimas fases do encanto, já havia sete adagas mágicas voando em sua direção. Francisco apontou a mão cheia de terra para elas e liberou seu feitiço. A velocidade das adagas diminuiu drasticamente. Elas voavam em câmera lenta em uma velocidade medida pelo tempo em que a areia demorava para sair da mão de Francisco. Aquilo permitiu ao mago se desviar de cada uma delas. Não foi capaz de sair ileso, sendo que uma rasgou sua camisa e outra cortou sua bochecha. Uma terceira fez um corte leve na perna, mas nada grave. O restante da terra caiu de sua mão enquanto ele imaginava que poderia ter ficado sem ferimentos se já tivesse tudo preparado.

- Amador – disse Francisco, apenas para irritar o oponente. – Será que você não tem vergonha na cara? Tente assassinar alguns magos débeis antes de vir me atacar.

Ele não tinha aquela certeza toda dentro dele, apesar da bravata. Victorius era poderoso e já estava preparando outro ataque, enquanto ele não tinha quase nada para usar como fonte de proteção. Repetir magias seria inútil contra alguém do nível de seu oponente. Precisava pensar rápido mais uma vez. Usando o dedal, arrancou um pedaço do pano de sua camisa. Era feita de algodão, o que o ajudaria em uma magia. Nada que pudesse causar espanto, mas esperava que fosse o suficiente para salvar sua vida naquela noite. Jogou os retalhos de pano no ar e recitou as palavras mágicas.

Victorius viu que Francisco estava preparando algo e não

ficou nada satisfeito. Mal conseguira ferir aquele mago maldito. Começou a mover as mãos mais uma vez, agora usando um pedaço de cascalho polido como foco para a magia. Os movimentos de seus lábios e mãos pararam e as pedras do calçamento começaram a vibrar. Muitas delas mudaram, tomando formas pontiagudas para depois saltarem na direção de Francisco.

O mago quase se desesperou com aquele ataque poderoso. Quando os retalhos de sua roupa começaram a queimar, sua magia se ativou, abrindo as portas do mundo espiritual e jogando as pedras para lá. Quase todo o perigo foi evitado, mas uma delas ainda bateu em seu ombro, cortando a roupa e arrancando sangue. Ele quase gritou de dor, mas não era de ficar choramingando. O início daquela noite fora uma falha em sua personalidade. Aproveitando que sua barreira mágica dificultava a visão de Victorius, ele chamou por sua espada mágica, a Espada do Espírito Silencioso.

Francisco avançou sobre o inimigo usando a lâmina com toda a força e destreza que tinha. Cortou de baixo para cima na esperança de acabar com a esquiva de Victorius, mas não adiantou. O golpe bateu contra uma barreira mágica e os braços do mago doeram. Antes que ele pudesse recuar, uma força violenta arrancou a arma de suas mãos e a jogou na rua. Um outro golpe telecinético fez o mago cair e bater com a cabeça. Ele sentiu mais sangue escorrendo de seu corpo enquanto via Victorius preparar o golpe final. O mago olhava de cima, mordendo os lábios mais uma vez e apontando os dedos para liberar outro de seus encantos.

- Foi um bom desafio, Francisco – disse ele.

Raios negros saíram dos dedos do assassino, mas nenhum deles atingiu o mago. Ele usou mais uma vez a barreira espiritual, deixando os pedaços de pano queimando em volta dele e absorvendo o poder de Victorius. Mas o inimigo continuou concentrando sua energia, sabendo que passaria pela barreira rapidamente.

- Isso é só o tempo para seu último desejo – falou Victorius.

Aquelas foram as últimas palavras de Victorius, pois, enquanto ele baixava sua guarda para o ataque final, Francisco invocou

Espírito Silencioso, fazendo-a voar pela rua até atravessar o corpo do inimigo. A lâmina fora guiada por um fantasma fraco, quase inútil, que esgotara todo o seu poder apenas para aquele golpe. Francisco o invocara sem muito problema, sem componente material.

O mago levantou-se enquanto seu oponente caía sangrando. Mais do que depressa, ele segurou a cabeça de Victorius e escreveu algo em sua testa usando seu indicador e o próprio sangue. Era parte do encanto para prender a alma do inimigo.

- Eu não perco para amadores – falou Francisco, ainda que negasse para si mesmo o fato de ter quase morrido. Fora muita sorte Victorius ter caído naquele truque estúpido.

Ele recitou as palavras mágicas para aprisionar a alma do mago e surpreendeu-se quando o corpo dele secou de repente, transformando-se em cinzas em segundos. Até as roupas do inimigo desapareceram. O que sobrou foi só a alma dele, transformada em um ponto luminoso que flutuou até parar na palma ensangüentada de Francisco. O mago olhou sem entender e só então algo veio a sua mente. Ele lembrou-se da inscrição que fizera na testa de Victorius. Não fora o desenho correto para o encanto. Fora um símbolo, uma palavra, uma letra, justamente o glifo da destruição, vindo direto do alfabeto perdido dos primeiros dias. Subitamente, ele viu que estava em sua posse uma daquelas palavras. Foi sua primeira grande surpresa. Ficou boquiaberto enquanto lembrava-se que seu mestre, Adapa, um mago milenar, conhecia apenas quatro daqueles glifos. Ele já conhecia um e nem sabia como surgira em sua cabeça. E nem entendia como poderia saber que aquilo que desenhara era uma letra que nunca vira em sua vida e que demorava anos para ser compreendida e redesenhada por alguém.

- Será que agora é momento para eu choramingar pelo que está acontecendo comigo? – falou para si mesmo, tentando se entender e pensando no que Gabriela já falara sobre liberar seus sentimentos. – Não, não é. Tenho o poder da destruição em minhas mãos. Quem se lamentaria de ter isso?

Cogitou que fora o poder do glifo que destruía o corpo de

Victorius e o que quer que estivesse prendendo a alma dele. Pretendia analisar mais um pouco daquilo quando se lembrou de Gabriela! Gabriela! Seus inimigos também poderiam estar atrás de sua amada. Ainda sangrando, correu como um louco de volta para casa. Por sorte, nenhum mortal notara o dramático combate.

Gabriela abriu os olhos quando estava mexendo-se na cama e procurando abraçar o amante. Seus braços encontraram um espaço vazio que incomodou seu coração. Chateada, ela levantou-se deixando o maravilhoso corpo exposto na escuridão. Jogou de lado o cobertor que a cobria parcialmente e levantou-se para acender a luz. Suas curvas perfeitas ficaram evidentes com a lâmpada acesa. A pele bronzeada brilhou sedutora, assim como os seios que eram a vontade de qualquer homem. Ela abaixou-se e pegou um roupão para poder andar pela casa. Não gostava que ninguém além de Francisco a visse em seu estado natural. Liel vivia juntamente com eles, no andar de baixo. Ao contrário dela, o anjo da luz nunca dormia. Ele preferia rejeitar esse costume mundano.

Saiu do quarto preocupada com o que poderia ter acontecido com Francisco. Sabia que ele não estava em casa. O mago estaria fazendo muito barulho ou teria a acordado para continuar a diversão se ainda estivesse por ali. Suas saídas sorrateiras sempre significavam problemas. Não havia dúvida que más notícias apareceriam naquela noite. Depois de um bom tempo de paz, agora ela via sua felicidade de ter uma vida comum ao lado do amante se acabar. Não teria mais a oportunidade de montar a creche que tanto sonhava nem de se manter afastada das batalhas dos anjos e demônios. Parecia fadada à luta eterna. Quanto tempo ainda agüentaria isso?

Ela já começava a ficar farta das lutas antes de elas recomeçarem. Convencera Francisco a se isolar em Itaúna e esquecer-se das conspirações do mundo. No início, o mago concordou plenamente, pronto para dar apoio à amante, mas o tempo foi o mudando e ele se

envolveu em pesquisas de magia e continuou vendendo livros e informações. Readquirindo grande parte do seu dinheiro, Francisco comprou a enorme casa onde moravam agora e ficou mais tranquilo. Gostava de dizer que poderia se isolar, mas não deixaria de viver bem. Gabriela não se importou, pois estava mais preocupada em montar sua creche. Ela gostava de crianças e achava que seria ótimo poder cuidar delas, mesmo sabendo o quanto Francisco achava aquela idéia idiota.

Um barulho no primeiro andar chamou sua atenção. O som foi seguido por uma explosão de luz que iluminou toda a casa. Era um aviso de perigo de Liel, sem dúvida. Gabriela tratou de usar seus poderes para perceber inimigos e encontrou três deles escondidos nas sombras, observando-a e esperando para dar o bote. Estavam analisando suas fraquezas para matá-la com um golpe só. Mas ela não lhes daria esse prazer.

O primeiro a saltar foi um demônio de pele negra e pequenos chifres na testa. Gabriela esquivou-se dele com habilidade já esperando o avanço do segundo e do terceiro. Um demônio de olhos flamejantes tentou cortá-la com uma espada, mas a anjo segurou seu braço e o socou, jogando-o contra o último que saltava. Esse não foi pego facilmente. Desviou-se do aliado e tentou chutar a anjo. Ela defendeu-se e saltou para trás, percebendo que aquele atacava de mãos vazias. Ele não tinha olhos e usava apenas uma armadura leve para a batalha.

Gabriela usou outro de seus poderes, invocando sua lança divina. A arma apareceu em suas mãos quando o inimigo de chifres tentava fincar suas garras nela mais uma vez. A guerreira não se preocupou, pois aquele não era um oponente de valor. Acertou o cabo da lança em uma de suas pernas, desequilibrando-o, para depois enfiar a lâmina em sua testa.

Um ataque de espada quase cortou seus seios, mas Gabriela não se alarmou. Precisava manter a concentração na luta. O demônio esquivou-se de sua lança, mas não escapou de um chute no estômago e de uma pancada na cabeça. Seu fim veio com a arma angelical enfiando-se em seu coração. Menos um, mas, também, menos uma arma, pois ela precisou saltar para fugir da sequência de golpes do

demônio cego. Ele chutava e socava como um mestre de artes marciais, procurando os pontos de maior força na musculatura dela. Um de seus golpes acertou seu ombro, o que a fez perder a concentração. Aproveitando-se o infernal lançou uma sequência mortal, desferindo ataques que jogaram a anjo contra a parede, deixando-a fraca e quase sem forças para se movimentar.

O infernal apontou sua cabeça sem olhos para ela e ergueu a mão, deixando uma espada negra aparecer entre os dedos. Rodopiou-a como se estivesse a testando e depois avançou para executar a anjo. Era para ser o último suspiro de Gabriela, mas ela usou seus poderes para acabar com a felicidade do inimigo. Invocou um outro poder de sua casta angelical, anulando as magias da criatura. Aquilo fez a espada desaparecer das mãos dele e deu tempo para que ela usasse suas últimas forças para saltar para longe, atravessando a janela e caindo no jardim. Alguns pedaços de vidro pregaram-se em sua pele, mas nenhum causou muito dano.

Sua escapada durou pouco, pois o infernal logo saltou para acabar seu serviço. Foi durante aquele pulo que foi pego pela magia de Francisco. O mago invocara mais uma vez os espíritos, agora para experimentar sangue demoníaco. O inimigo sentiu sua pele ser rasgada pelos espíritos furiosos, mas o ataque não o perturbou muito. Caiu de pé, ainda que seu sangue negro e flamejante escorresse e caísse na grama. Mais uma vez invocou a espada negra, voltando-se para Gabriela, que agora se levantava nos braços de Francisco. Só então os dois notaram que a criatura não tinha boca nem nariz. Acharam estranho, mas aquele não era o ser mais esquisito que já haviam visto.

- Onde está Liel? – perguntou o mago, já verificando o estado de sua amante.

O outro anjo apareceu ao lado deles em meio a uma explosão luminosa. Seus cabelos e olhos de diamante brilhavam enquanto ainda preparava outra magia. Antes que terminasse, um ser vestindo um manto negro saltou para ficar ao lado do demônio cego. Não era possível ver nada abaixo do manto, apenas uma escuridão amedrontadora. Ao lado dele surgiram várias sombras menores que

voaram para cima do mago e dos anjos. Liel liberou sua magia, deixando que raios de luz escapassem de seus dedos. Cada um deles atingiu uma sombra, desmanchando-as no ar.

- Esses assassinos estão atrás de você, mago. O que aprontou agora? – perguntou Liel, já preparando outro encanto.

- Eu? E eu lá tenho culpa de atrair tanta inveja? Eu nasci perfeito assim, Liel. Não tenho culpa disso – falou o mago, escondendo sua preocupação por não ter magias para se defender.

- Realmente, não podemos culpar ninguém por sua vida. É um peso muito grande para qualquer consciência – retrucou Liel.

Francisco riu apesar de suas preocupações. Fez sinal para que o anjo mago usasse seus poderes de cura sobre Gabriela enquanto dava um passo à frente. Tinha que tentar um último recurso.

- Escutem. Eu tenho aqui a alma de Victorious. Deixem-nos ir e eu lhes entrego.

O demônio olhou para o ser sombrio. Não havia expressões em sua face apagada, mas ficou evidente que estava surpreso com alguma coisa. A criatura de trevas avançou um pouco, flutuando dentro de seu manto.

- É mentira! Como pode ter a alma do mago? Ninguém pode fazer isso. Ela estava presa e condenada – gritou o ser sombrio.

Francisco notou que eles não se preocupavam com o mago. Estavam apenas cumprindo uma missão e o faziam separadamente, sem se preocuparem com os outros.

- Vocês também estão presos. Eu posso libertá-los... – ofereceu o mago, ainda que fosse uma oferta falsa. Nunca deixaria aquelas criaturas à solta para caçá-lo de novo, por qualquer motivo.

- Você mente. Acha que pode mentir para demônios? Venceu Victorious porque o mago estava perturbado com sua prisão, mas nós não temos esse problema. Vamos destruí-lo e conquistar nossa liberdade – gritou o ser sombrio.

O demônio cego atacou primeiro, saltando no meio do grupo como um raio e distribuindo golpes. Sua espada cortou a barriga de Liel, enquanto um soco jogou Francisco no chão e Gabriela quase caiu

devido a um chute no rosto. Não fôsse pela guerreira, a luta teria acabado ali. Ela conseguiu ficar de pé e segurar o demônio, jogando-o contra o muro e usando seus poderes para dissipar a espada mais uma vez.

O ser sombrio expandiu suas trevas e avançou sobre eles, envolvendo-os na escuridão e impedindo a visão dos anjos. Francisco se assustou a princípio, mas não se desorientou. Seu raciocínio continuou perfeito mesmo quando o monstro usou seus poderes para fazer o grupo perder a noção de espaço e tempo. Ele soube perfeitamente o que estava acontecendo e usou Espírito Silencioso para golpear o inimigo em seu ponto fraco. Não entendeu como encontrou o calcanhar de Aquiles da criatura, mas acertou-o em cheio, fazendo o oponente recuar e deixá-los livres para se protegerem. Só que ainda estavam cercados e não estavam prontos para derrotar assassinos poderosos como aqueles.

O ser sombrio estava cheio de raiva e ficou maior, crescendo com a fúria que o mago gerara nele. Agora havia garras em suas mãos trevosas e seu corpo tremulava ensandecido pela batalha. Ele começou a rugir enquanto o demônio cego preparava-se para o ataque. Francisco ergueu Espírito Silencioso, mas soube o quanto estava próximo do fim, embora jurasse resistir com suas últimas forças. Olhou para Gabriela e teve vontade de lhe dar um último beijo, mas não tinha coragem de desviar sua atenção dos rugidos do ser sombrio. Isso até a criatura se emudecer de repente. Francisco olhou-a atentamente e viu que ela ainda tentava emitir seus urros. Já o demônio cego ficou subitamente paralisado, como que perdido no espaço. O mago tentou gritar para os outros correrem, mas sua voz não saiu. Foi então que percebeu a área de silêncio que fora criada em volta dele. E sentiu-se bem no meio daquele vazio que os separava do mundo.

Foi de repente que alguma coisa veio dos céus e caiu atrás do demônio cego. Francisco viu uma lâmina atravessando todo o corpo do assassino, partindo-o ao meio e deixando seus órgãos espalharem-se pelo chão. A criatura caiu aos pedaços, deixando à vista um homem enorme. Ele era negro e usava um machado prateado. Era Dumah, o

anjo muçulmano das Lanças de Christos.

Laviniah, líder das Lanças, apareceu logo depois. Ela atacou o ser sombrio, afastando-o com espada e lança, cortando sua essência tenebrosa e arrancando gritos que se perdiam no silêncio criado pelo anjo Dumah. O inimigo levantou vôo e foi parar em cima da casa, parando algum tempo para reavaliar a situação. A área de silêncio se extinguiu e os anjos recém chegados aproximaram-se. Eles não estavam vestindo suas tradicionais armaduras, nem tinham suas asas aparecendo.

A guerreira Capture Laviniah usava roupas de couro prateado. Tinha calças apertadas, mostrando sem temor suas formas perfeitas. Uma blusa de decote mostrava o início de seus seios. No meio deles havia uma jóia, um rubi, cobrindo a marca de uma cruz vermelha que a indicava como grande caçadora de pecados. Os cabelos negros estavam amarrados em uma grande trança que entrava em sua blusa, uma proteção para que ninguém a puxasse por ali. Seus olhos de esmeralda fitavam o inimigo, enquanto a Espada da Sina e a lança apontavam em ameaça.

Dumah vestia apenas um terno negro e uma gravata prateada. Parecia mais um grande guarda-costa quando parou ao lado de Francisco, portando aquele machado que era quase do tamanho do mago.

- A cavalaria chegou – comentou o mago, tentando imaginar se aquilo era uma notícia boa ou ruim. Ele não tinha um relacionamento bom com Laviniah. Para piorar, Gabriela e Liel eram anjos caídos fugidos do grupo de caça daquela Capture.

- E já estamos indo embora. Aquele é Borfan e é um demônio poderoso demais para enfrentarmos aqui – falou Laviniah, começando a dar os primeiros passos para trás. – Dumah o conhece e não é bom que fiquemos aqui para enfrentá-lo.

- Onde está o restante das Lanças de Christos? – perguntou Liel. Gabriela pensava na mesma pergunta, mas não ousaria falar com sua antiga líder. Não sabia se era por vergonha ou medo, mas preferia não ter contato com ela.

- Só pude trazer um e fui aconselhada a vir com Dumah. Venham! Vamos embora! – disse ela, começando a recuar. Dumah ficou para retardar Borfân.

A criatura de trevas saltou sobre o anjo negro, mas ele não a temeu por um segundo, pulando para embater-se com o inimigo no ar. Seu machado afundou-se nas trevas, cortando a essência do oponente e atravessando-o. O celestial foi aparecer de novo em cima do telhado, enquanto aquele manto de trevas espalhava-se pelo jardim, movimentando-se e crescendo para mais um ataque. Dumah saltou mais uma vez, agora para cair perto de Laviniah, que corria com os outros para longe. Ela não se preocupou em perguntar se ele estava bem. Não precisava fazer perguntas como essa para um guerreiro como Dumah.

O grupo atravessou as ruas de Itaúna em uma correria desenfreada, parando apenas quando já estavam próximos ao centro. Nesse meio tempo, Francisco já estava quase morto de cansaço. Era quase impossível acompanhar aqueles anjos com seus corpos perfeitos. Ele recusou-se a ser carregado e continuou mesmo quando o peito doía e já estava a ponto de cair e. Laviniah deu ordens para que parassem e ele encostou-se a um muro com a garganta doendo. Suas pernas não suportaram mais seu peso, o que o derrubou exausto. Nunca correria tanto assim.

- Cansado, mago? – perguntou a anjo, olhando para o mortal com um sorriso debochado.

Francisco olhou de volta e tentou responder aquela mulher arrogante, mas a voz não lhe saía. Tinha que continuar puxando o ar, não dava tempo para falar nada.

- Pegue-o, Gabriela. Nós precisamos sair daqui depressa. Borfân não tarda a chegar e ainda não encontramos um bom lugar para enfrentá-lo – ordenou ela.

Gabriela agiu por impulso. Pegou Francisco sem dar tempo para o amante protestar e correu atrás de sua antiga líder. Foi só no meio do caminho que ela percebeu que estava seguindo ordens como antigamente. Sabia que não era obrigada a isso, mas sentia-se estranha,

sem saber se deveria ou não ficar do lado de Laviniah. Não conseguia decidir, afinal, a guerreira poderia matá-la a qualquer momento. A Cidade de Prata não tratava seus fugitivos com clemência.

Eles atravessaram a cidade correndo, parando em um terreno baldio e continuando com as armas nas mãos, prontos para lutarem. Liel pegou sua lança de diamante e deixou-a preparada para enfrentar tanto Borfan quanto Laviniah. Temia que sua antiga líder estivesse ali para caçá-lo. Com um simples toque de magia, avisou Francisco e Gabriela para fazerem o mesmo. O mago humano já estava pronto para isso. “Acho que você me julga um idiota, Liel”, comentou ele. O anjo mago não disse nada, cortando a conexão mental entre os dois enquanto já ouvia os planos se formarem na cabeça do aliado.

- O que você quer aqui, Laviniah. Por que assumiu a forma da carne? – perguntou Francisco, recuperado do cansaço.

- Ordens superiores – disse ela, olhando para os lados à espera de Borfan. Não demonstrou dar nenhuma importância à pergunta de Francisco.

- Estou falando com você, anjo. É melhor me responder – disse o mago, deixando a voz em um tom frio.

Laviniah não se preocupou com a ameaça, mas Dumah colocou-se entre os dois, fitando Francisco com um olhar escuro e carente de emoções. Só era possível enxergar devoção na máscara de seriedade que era o rosto daquele anjo.

- Tudo bem. Sou paciente. Eu espero Demiurgo descer aqui e limpar essas suas orelhas. Talvez ele traga seu cérebro também, então nós poderíamos... – Ela moveu-se rapidamente, colocando a Espada da Sina no pescoço dele. – conversar... Agora melhorou.

- Você me irrita, mago. Não toque no nome do Senhor de novo ou...

- Você me mata? – perguntou ele, irônico. – Ou marca minha alma de novo?

O tom de Francisco era tão desafiador que Laviniah precisou orar para não enfiar a espada no pescoço dele. Não tinha o direito de matar nenhum humano. Não podia tocar naquele mago desgraçado, a

menos que fosse para marcar sua alma para o Inferno. Infelizmente, da última vez que o fizera, as coisas não deram muito certo.

- Criatura petulante. Você já escapou de algumas, mas eu não preciso marcar sua alma para que ela vá para o Inferno. Há um lugar especial para você lá – declarou ela.

- É? O bom é que lá eu terei companhia. Deve ser mais divertido do que aquela cidade deserta de vocês.

- Meu amor, pare, por favor – disse Gabriela, no ouvido dele. Ela falou com timidez, pois não queria se intrometer na briga.

Laviniah a mirou como se estivesse preparando um ataque. Quase abriu a boca para dizer alguma coisa, mas preferiu ficar calada. Virou-se para Dumah e deu ordem para que ele tentasse sentir a aproximação de Borfân.

- Não vai me contar o que está acontecendo? – perguntou Francisco.

- Laviniah, seja sensata. Diga logo. Você conhece o mago de outras aventuras. Sabe o quanto ele é insistente e chato quando quer alguma coisa. Diga antes que ele faça uma besteira – falou Liel, que se mantivera calado até poder perceber quais eram os pensamentos de Laviniah em relação a ele e Gabriela.

A guerreira de Christos ficou calada, fingindo que não estava ouvindo, o que arrancou uma risada irônica de Liel.

- Você não costumava ser assim – disse ela, surpresa com o comportamento de seu antigo subordinado.

- Não é à toa que o mundo gira, Laviniah – comentou o celestial mago, apoiando a lança no chão e abraçando a arma. Estava sério e formal, como sempre, com seu ar aristocrático, mas o ar de ironia pairava a seu redor.

- Aprendeu o que não devia com Francisco – disse ela, com uma expressão de decepção marcando seu rosto.

- É o que eu sempre digo. Não existe isso de não se servir para nada. Ao menos de mal exemplo eu sirvo – brincou o mago humano, o que fez Gabriela pedir para que se calasse mais uma vez. Ele a abraçou e pediu que se acalmasse. – Vai nos contar ou não?

Ela soltou o ar com força, irritada, antes de começar a falar.

- Laoviah está tramando algo. Temos certeza disso. Além do mais, ficamos sabendo que assassinos foram enviados atrás de você. Não podíamos deixar de vir para cá para saber o que era. Você pode ter algumas informações que poderão nos ajudar – falou ela.

- Por que ele mandaria me matar? Aquele Serafim não tem mais nada comigo. Eu atrapalhei os planos dele, mas duvido que tenha sido tão ruim assim. O maldito sempre tem um plano dentro de outro – comentou o mago, coçando o cavanhaque e tentando imaginar o que estava acontecendo. Talvez Laoviah houvesse colocado aquelas marcas em Victorious. Seria uma boa idéia interrogar o espírito do mago naquele momento.

- Ele está cada vez mais perigoso. Não conseguimos encontrá-lo, nem sabemos o que tem acontecido com seus arautos. Eles estão se deslocando para fazer alguma coisa, mas ainda não sabemos o que é.

- Sei...

Francisco ficou intrigado. Precisaria conversar com seus informantes sobre aquilo, principalmente com CD. Aquele demônio anão deveria saber de alguma coisa. Talvez até fosse ele o delator da localização de Francisco. Quem sabe?

Dumah deu um sinal para Laviniah, avisando que Borfân estava chegando. Todos ergueram as armas, apenas esperando pela chegada do demônio. Então as trevas surgiram.

Os dois pararam no alto do prédio. O primeiro deles estava des preocupado, olhando para a cidade e rindo como se acabasse de ouvir uma piada. Isso deixava seu amigo ainda mais nervoso. Mas conviver com Elkalas era assim. Nunca dava para entender o que o anjo da morte estava querendo ou do que estava rindo. Às vezes era melhor nem perguntar, pois a resposta não era das melhores, ao menos não para os vivos. No entanto, aquele ao lado de Elkalas não estava

vivo, portanto resolveu perguntar qual era a piada do momento. Zem 'Yuriah, anjo da destruição, tinha medo da resposta porque sabia que ficaria nervoso, mas nunca conseguia resistir à vontade de perguntar.

- Do que você está rindo agora? – perguntou ele.

Elkalas, com seus olhos vendados, deu de ombros ao olhar para seu amigo. Não se impressionou com aquele anjo de chamas a seu lado. Zem 'Yuriah tinha cabelos de fogo que subiam aos céus. Por sinal, todo o seu rosto estava inflamado, ocultando suas feições. Apenas os olhos rubi podiam ser vistos naquela face e, de vez em quando, a boca. Suas asas também tinham penas flamejantes e estavam abertas em dois pares intimidadores. A armadura era dourada e rubra, assemelhando-se a de um guerreiro romano. Trazia nas costas uma espada quase do seu tamanho, isto é, quase dois metros de aço e brilho celestial, pronto para fátiar demônios.

- Você está rindo de alguma coisa sim! Fala de uma vez! – disse o anjo da destruição.

- Hum... Sujeito nervoso. Olha... Eu sou a morte, meu amigo. Acredite, você não vai gostar de ouvir o que a morte tem pra dizer – respondeu Elkalas, pomposo. – Eu falo isso porque tenho muitas testemunhas. É pura experiência no caso. Basta eu chegar pra dar uma aviso e a choradeira começa. Até parece que é ruim ficar em minha companhia.

- Acredite, é ruim. Não é à toa que os mortais não acham boa a idéia de Passagem. Eles devem ficar sabendo que você trabalha nesse ramo da morte. Não é uma boa coisa encontrar você logo depois de desencarnar – disse o outro, cruzando os braços.

- Blasfêmia! Como você pode falar isso de mim! Quer apostar quanto que eu sou irresistível? – perguntou ele.

- Todos os mortais te odeiam, Elkalas – constatou Zem 'Yuriah.

- Você está se queimando de inveja de mim. Ninguém gosta de um anjo da destruição, isso sim!

- Como não? Como não!? Até hoje eles acham o máximo a gente ter queimado Sodoma e Gomorra! – declarou o guerreiro de

chamas.

- É, quem te contou isso deve estar muito iludido. E não adiantaria nada vocês terem botado fogo em tudo lá se não houvesse um anjo da morte para limpar a bagunça de vocês.

- O quê? Está escrito no Livro, Elkalas. Você não pode discutir com isso. Eles têm isso no livro deles! Contam história da gente há mais milênios. Todo mortal gosta de destruição.

- E, por consequência, da morte. É pura lógica – disse o anjo da morte, sorrindo como se fosse um campeão.

- Não mesmo. Pode-se destruir sem matar. Nós fizemos muito disso ao longo dos séculos – defendeu-se Zem'Yuriah.

- Ih, pura filosofia barata. Eu vou te provar agora!

Zem'Yuriah observou o anjo da morte sorrir, enquanto um som de uma coruja piando três vezes saía de dentro do sobretudo negro dele. Rindo como uma criança, Elkalas retirou um relógio negro de lá de dentro. Consultou o relógio de ponteiros, tão antigo que era movido a corda, e riu mais uma vez.

- Vou te provar isso é agora – falou ele, abrindo as quatro asas negras e voando para dar a má notícia.

Zem'Yuriah rezou pela alma que se depararia com aquele anjo maluco e voou atrás do amigo, deixando um rastro de fogo enquanto descia para a rua. Não demorou para ver aonde o outro estava indo. Um carro movia-se de um lado para outro na pista a toda velocidade. Elkalas o observou e olhou para Zem'Yuriah. O anjo da destruição pôde jurar que ele estava piscando debaixo da venda. Ah, como ele odiava isso! Conhecía pelo menos uma centena de anjos que mataria Elkalas simplesmente por vê-lo fazendo aquilo.

O anjo da morte retirou um pergaminho e uma pena negra debaixo do sobretudo e começou a escrever nele enquanto seguia o carro despreocupadamente.

- Eu avisei. Ah, eu adoro essa frase! E você por quê? Por que a gente só fala depois que aconteceu. E aí não tem mais jeito. Quer falar isso com ele? – perguntou o anjo, começando a descer no exato momento em que o carro bateu contra um poste a mais de cem

quilômetros por hora. O motorista foi arremessado contra o muro, deixando uma marca de sangue nos tijolos. Seu corpo ficou caído em uma posição quase impossível, com a cabeça quebrada afundando-se entre os ombros.

Zem'Yuriah desceu junto com Elkalas e os dois pararam bem ao lado do corpo, simplesmente o observando. Foi aos poucos que a alma começou a se desprender da carne. Foi soltando-se calmamente, deixando sua forma translúcida aparecer como uma cópia do que o humano fora. Ele se levantou balançando a cabeça e tentando entender o que aconteceu. Quando viu os dois anjos, seus olhos se arregalaram e a boca se abriu para um grito. Elkalas riu para ele, depois fez sinal para Zem'Yuriah ter paciência.

- Isso é comum. O procedimento padrão é deixar ele gritar.

E o pobre coitado gritou como um louco, começando a revisar sua vida e tentando entender por que estava diante de seres tão estranhos. Concluiu que bebera demais. Foi a cachaça, com certeza. Sua mãe avisara para não beber tanto nas festas de faculdade. Por fim, parou de gritar e fechou os olhos, esperando que, quando os abrisse, aqueles seres houvessem desaparecido. Ergueu uma pálpebra lentamente, mas seu olhar encontrou o sorriso de Elkalas. Tentou não gritar, mas não conseguiu quando o anjo da morte acenou para ele como se fosse um velho amigo. O recém-falecido imaginou que ele fosse uma daquelas visitas que sempre apareciam no momento errado.

- E agora? – perguntou Zem'Yuriah, depois que o coitado parou de gritar de novo e começou a olhar para os lados.

- Agora a gente dá a notícia. – Ele olhou para o falecido e acenou de novo, chamando sua atenção. Ainda rindo, abriu os braços. – Meu amigo, me dê um abraço. – Apertou o coitado como se quisesse quebrar seus ossos, se ainda houvesse algum para quebrar, tanto na alma quanto no cadáver.

- Por quê? – perguntou ele, sem saber o quanto as pessoas se arrependiam de fazer perguntas para Elkalas.

O anjo da morte abriu um sorriso do tamanho de seu rosto e começou a gritar como em uma festa surpresa.

- Porque você está...

Elkalas não terminou a frase, pois Zem'Yuriah o puxou com força.

- Você está louco? Vai dar a notícia assim? Será que não tem sensibilidade nenhuma? O humano acabou de morrer. Não é à toa que tem essa fama ruim.

- O que é isso? Um anjo da destruição sensível? – disse Elkalas, soltando o falecido com força e o jogando sobre seu cadáver. O pobre coitado começou a gritar de novo, olhando hora para seus restos mortais hora para aqueles dois seres extraordinários. Um estava em chamas e o outro era a criatura mais mórbida que já vira.

- Eu não sou sensível! – gritou Zem'Yuriah. – Eu te parto ao meio se falar isso de novo!

- Então pára de encher. Quer dar a notícia você?

- O que tá acontecendo comigo? – perguntou o falecido, tremendo como se estivesse doente. Levantou-se, mas seus joelhos batiam um no outro descontrolados.

- Garanto que eu faria isso melhor do que você está fazendo, seu louco.

- Ah, você está se queimando de inveja! Dá pra ver no seu rosto!

Zem'Yuriah esfregou a face em chamas e seus olhos rubis brilharam de raiva. Enquanto isso o falecido continuava a perguntar:

- O que tá acontecendo comigo?

- Você morreu! – gritaram os dois anjos de uma vez.

- Você é burro, é? Não está vendo seu corpo quebrado ali no chão, não? Por acaso acha que existe transfusão de sangue para recuperar o que saiu da sua cabeça? – gritou Zem'Yuriah, nervoso com tudo aquilo.

Elkalas calou-se de repente e balançou a cabeça decepcionado enquanto o falecido caía no chão e olhava para seu corpo, chorando como uma criança.

- Pela graça de Demiurgo! Você acha que precisava mesmo tratar ele assim? Não te ensinaram o que é piedade não? – perguntou o

anjo, abaixando-se solidariamente e erguendo a alma.

Zem'Yuriah quase teve outro surto de raiva. A vontade de destruir tudo aumentou tanto que suas chamas cresceram, transformando seu corpo em uma pira perigosa.

Elkalas se afastou com a alma, ainda balançando a cabeça. Ele notou o aliado mordendo os lábios e fazendo uma oração para se acalmar. Suas mãos se abriam e fechavam, quase indo para as costas para pegar sua espada. Aos poucos ele foi se acalmando, lembrando-se de todo o treino que tivera para parar com seus destrutivos surtos de ira. Há séculos vinha treinando para se controlar. Algo que o ajudou nisso foi um hectaedro que retirou de uma sacola que carregava a tiracolo. Era um objeto quase do tamanho de seu punho e todas as suas faces podiam ser movidas pelos dedos. Fora um presente, um jogo de paciência que ele deveria montar até que todas as peças se encaixassem, até que ele pudesse ler o texto que se espalhava pela superfície, o Primeiro Evangelho. Olhou para as palavras de uma das faces e repetiu-as vinte vezes, falando em aramaico, depois olhou de volta para Elkalas. Ele conversava animado com o espírito.

- Mas é lógico que você está morto! O que você esperava? Um túnel negro com uma luz no final?

- Acho que sim – respondeu o falecido, decepcionado.

- Que idéia mais idiota. Mas acho que o Zem'Yuriah pode fazer um túnel de chamas para você, não pode? – O anjo da destruição fez que sim, mas o espírito balançou a cabeça desesperado, dizendo que preferia continuar daquele modo. – Tudo bem, mas nós estamos aqui para definir algo muito importante...

- Para onde vão me levar? – arriscou o falecido.

- Hum... Pensando bem, isso também é importante. Mas isso já está definido. A gente quer falar de outra coisa. O que você acha mais impressionante de tudo. Destruição ou pura e simplesmente a bela e irresistível idéia da morte? – perguntou ele, olhando para Zem'Yuriah como se estivesse pronto para ganhar a aposta.

- Não sei... mas sempre preferi filmes de guerra e de catástrofe do que aqueles que o povo morre sem mais nem menos – confessou

ele.

Elkalas não sabia muito bem o que eram filmes, mas afastou-se do espírito já percebendo o que ele preferia. Zem'Yuriah, que vivera entre os humanos, abriu um largo sorriso no meio das chamas de seu rosto.

- Eu falei – disse ele, vitorioso.

- Eu não posso ter outra chance? Eu só tinha bebido, o que há de mal nisso? Me dá outra chance?

- Ninguém mandou ficar bêbado. Mas tenho que confessar que o álcool tem ajudado a garantir meu emprego e o de muitos outros, sabe? – falou Elkalas, de cara um pouco fechada.

- Mas até Jesus fez vinho. Tá na Bíblia, então o que tem de mal nisso? – argumentou o morto.

- Eu falei! Eu avisei desde o princípio que isso era má propaganda. Viu o que gerou? Tudo bem, eu não reclamo de ter que trabalhar mais. Já disse que isso é bom para meu pessoal, mas aqui na Terra não é uma boa propaganda. Eu disse várias vezes para o pessoal tomar cuidado com o que escreve. Mas ninguém dá ouvidos a um anjo da morte! Acham que a gente não entende. Nós entendemos as consequências de tudo, afinal, nós somos a consequência de tudo. Mas esse mundo está de ponta a cabeça mesmo. Garanto que foi um anjo da destruição sensível que deu a idéia...

- Vai começar a provocar só porque perdeu a aposta? – perguntou Zem'Yuriah, apertando o poliedro em sua mão.

O anjo da morte não respondeu nada, apenas pegou sua pena e seu pergaminho de novo, pronto para anotar alguma coisa.

- E agora? – perguntou a alma desencarnada.

- Agora você espera aí – respondeu Elkalas, carrancudo.

Não demorou muito tempo para que algo acontecesse. Um buraco se abriu sob os pés do espírito e tentáculos sombrios o agarraram, puxando-o para um túnel de chamas, jogando-o na Cascata das Almas. Os dois anjos chegaram na beirada e observaram o espírito descer gritando, pedindo por ajuda. Por fim, ele desapareceu em meio à trevas e fogo.

- Hum... No fim, eu ganhei – falou Elkalas.

- O quê? Mas você não viu ele falando que preferia a destruição? – berrou Zem'Yuriah, quase perdendo o controle de novo.

- Hum... E por que você acha que ele foi pro Inferno? Todo mundo que vai pro Inferno está errado... É uma conclusão óbvia.

- Ele não foi para o Inferno por causa disso. Com certeza os pecados dele estão nesse pergaminho aí!

- É... estão. Mas eu não vou te contar quais são. Isso é sigilo. Francamente, Zem, você deveria saber disso.

O anjo da destruição orou mais uma vez, segurando o poliedro com força e pedindo sabedoria para lidar com aquele anjo da morte. Passara anos a seu lado e ainda não conseguia entendê-lo. Começava a pensar que Elkalas era uma de suas penitências. Mais uma delas, talvez a mais terrível.

- Deixe disso, anjo da morte. Nós temos uma missão nessa cidade. Vamos logo encontrar esse mago e a amante dele.

Elkalas balançou a cabeça, agora agindo como se houvesse ouvido uma afirmação absurda de uma criança de quatro anos. Infelizmente, aquela era uma atitude comum daquele celestial mórbido.

- Ah, meu caro. A morte não procura ninguém. Cedo ou tarde, todos a encontram – falou ele, guardando o pergaminho.

- Pare com isso. Tenho que levar essa missão a sério. Você sabe que é raro eles me colocarem na ativa de novo – falou Zem'Yuriah.

Mais uma vez o anjo da morte balançou a cabeça. Agora ele apontou para o fim da rua. Perto de uma esquina, uma grande sombra movia-se rapidamente, dobrando a esquina e desaparecendo.

- Borfan! – exclamou Zem'Yuriah, sacando sua enorme espada, Doutrina. – Vamos destruí-lo.

Era hora de começar a ação. Elkalas sacou sua lança e sua espada, preparando-se para a luta difícil que teriam. Último Suspiro, apelidada de Sinto Muito, emitiu seu brilho negro, enquanto a lâmina de Boas Vindas à Morte, também chamada de Já Era, surgiu como um decreto de morte. O tom de brincadeira abandonou a face de Elkalas.

Era o momento da batalha.

Borfan apareceu como um enorme manto de trevas, abrindo-se sobre eles para engolir-los e absorver suas energias. Francisco sentiu o plano daquela criatura, mas não sabia como reagir. Estava sem componentes materiais para suas magias e aquelas que não necessitavam de tais focos eram fracas demais para afetar o inimigo. Ele olhou para Gabriela e a empurrou para longe da área afetada pelo demônio, depois correu para se colocar ao lado de Liel.

- Faça uma explosão de luz – disse ele, enquanto arrancava uma pena das asas alvas dele. Obviamente, Liel não gostou daquilo, mas não era hora de reclamar. Começando a orar, ele largou a lança e colocou uma mão sobre a outra como se segurasse uma esfera. Uma bola de luz se formou entre seus dedos e ele a soltou contra Borfan. Quando a esfera tocou as trevas do demônio, explodiu emitindo lanças luminosas em todas as direções. Alguns pontos do manto sombrio foram perfurados, mas ele continuou descendo sobre seus alvos.

Francisco viu as trevas se aproximando e agiu com pressa. Apontou a pena de Liel para o inimigo enquanto pronunciava as palavras mágicas e gesticulava com a mão livre. Usaria o poder espiritual para atacar Borfan, canalizando energias boas para atingir o inimigo. Invocou aquela com toda a vontade que tinha, pois sentia que precisava se concentrar mais para aquele feitiço. Não entendia o motivo, mas estava ficando fraco para lidar com alguns tipos de energia. Quando a pena se transformou em um relâmpago translúcido, ele riu, deixando toda a força mágica transbordar para atingir o demônio. Não houve barulho algum, mas todo o corpo do infernal tremulou e perdeu consistência por alguns segundos. Dessa vez Borfan foi forçado a parar seu ataque, recolhendo suas trevas e parando em frente ao grupo.

Gabriela atacou assim que o demônio tocou o chão, cortando parte de sua escuridão com a lança. Ela passou por ele e saltou,

afastando-se depois do ataque. Um tentáculo de trevas surgiu da criatura, não a pegando por pouco.

Laviniah atacou em seguida, agora só com a Espada da Sina. A lâmina branca rodopiou várias vezes, procurando por uma brecha na defesa de Borfan. Ela tentou acertar o que deveriam ser as pernas do monstro, depois o peito, mas tudo foram apenas distrações para um golpe decisivo. Ela jogou a espada para cima, tentando cortar a cabeça do oponente. Pensou que pudesse conseguir, mas o ataque falhou. O pescoço de Borfan fez uma curva como se fosse feito de elástico, suas trevas se afastando da lâmina branca. Tendo falhado, Laviniah se afastou e Dumah entrou em cena mais uma vez.

O anjo do silêncio surgiu do nada, discreto como só ele, apesar do tamanho descomunal. Seu machado atingiu as costas do inimigo, fazendo com que se dobrasse e desse alguns passos para frente. Vendo seu inimigo aturdido, Dumah tentou outro ataque, mas agora Borfan esquivou-se como fizera com Laviniah. Seu corpo de trevas se separou e tentáculos negros seguraram o anjo do silêncio. Esses novos membros tornaram-se espinhentos, penetrando na pele dura do anjo. Apesar da dor, ele não emitiu um som que fosse. Sua boca continuou fechada, enquanto os olhos se comprimiram e os músculos eram postos para funcionar. Ele deixou o machado cair e segurou os tentáculos sem se importar com os espinhos que se enfiaram em sua mão. Moveu-se com toda sua força e arremessou Borfan contra um muro. Por um momento, pareceu que ele seria levado juntamente, pois os tentáculos o seguravam, mas Dumah permaneceu imóvel como uma montanha e o demônio o soltou, batendo no muro, porém caindo de pé de novo como um gato.

Foi de repente que inúmeras esferas negras surgiram do manto de Borfan, voando para atingir os inimigos. Francisco escapou graças à Gabriela, que saltou para livrá-lo do ataque. Os dois caíram abraçados e a anjo levantou-se depressa. Liel ergueu um escudo mágico, mas assim que a esfera o tocou, ele foi englobado por trevas. Era uma armadilha que o prendeu em suas próprias defesas. “Interessante”, pensou ele, apesar de estar levemente irritado por não

ter percebido o artifício.

Laviniah não viu Liel ser preso, já que estava destruindo as esferas com golpes rápidos de sua espada. O problema era que elas não paravam de aparecer, não havendo tempo para a anjo contra-atacar. Dumah estava na mesma situação, mas já fora atingindo algumas vezes. Feridas negras apareciam em sua pele, apesar de o anjo parecer não notar nenhuma delas.

As esferas continuaram a surgir até Borfân sofrer um ataque súbito. Uma bola de fogo surgiu dos céus e precipitou-se contra o demônio, atingindo-o em cheio e deixando as chamas espalharem-se por seu manto. Enquanto o infernal queimava, um anjo flamejante desceu da noite escura e golpeou o inimigo com uma espada imensa. A lâmina de fogo cortou através das energias negativas que compunham o demônio, fazendo-o quase berrar de raiva, mas não o destruindo. Borfân reuniu seus poderes e usou sua própria essência para um ataque de força maligna contra o anjo. Aquela onda de energia atingiu o guerreiro, fazendo-o recuar até parar ao lado de Laviniah.

Houve silêncio por algum tempo, enquanto eles tentavam entender quem era aquela nova criatura que entrava na batalha. Borfân preparou-se para iniciar uma nova sequência de ataques enquanto as chamas começavam a se apagar em seu manto, mas antes que pudesse concentrar seus poderes, uma lança furo seu peito. A arma negra apareceu de repente, perfurando o inimigo e o mantendo preso ao muro. O anjo da morte Elkalas apareceu um segundo depois, caindo frente ao demônio e golpeando com precisão. Sua espada decapitou o inimigo, dissipando suas energias tenebrosas. O corpo de Borfân se desfz diluindo-se em pleno ar. Ninguém se surpreendeu com aquilo, mas sim com a chegada inesperada daqueles anjos estranhos. Laviniah foi a primeira a se manifestar, enquanto Francisco olhava de um lado para o outro, pensando em aproveitar o momento para fugir.

- Quem são vocês? – perguntou a guerreira Capture, petulante como sempre. Para a surpresa dela, eles não se apresentaram imediatamente. Voltaram seus olhos para um ponto atrás da anjo e baixaram levemente a cabeça, demonstrando respeito.

- Dumah, é um prazer revê-lo – disseram os dois. Só então o anjo de negro virou-se para Laviniah. – Meu nome é Elkalas, anjo da morte, a seu dispor. – Beijou a mão dela com delicadeza, curvando-se sem deixar de encará-la. Laviniah pôde jurar que ele estava dando uma piscada galante debaixo daquela venda. – Essa é Último Suspiro, mas eu a chamado de Sinto Muito. Não que eu me sinta mal pelo que eu faço. Sou extremamente profissional, sabe? Não é nada pessoal.

- Eu sei... quem é o outro? – perguntou Laviniah impaciente.

- Zem'Yuriah, anjo da destruição – apresentou-se o guerreiro flamejante, sabendo que era esperar demais que Elkalas o colocasse logo na conversa.

- O que estão fazendo aqui? – perguntou, intrigada pelo modo como haviam cumprimentado Dumah.

- Viemos para proteger aquele povinho ali – disse Elkalas, apontando para Francisco, que estava no meio de uma magia para transportar ele e seus amigos pelo mundo espiritual. Estava pronto para usar um componente material que Liel o emprestara quando percebeu seus poderes serem anulados de repente. Um dos anjos devia ter usado alguma habilidade especial sobre ele, talvez Dumah, que tinha algumas semelhantes às de Gabriela.

- Um anjo da morte fazendo serviço de guarda? – perguntou Liel, incrédulo. Ele sabia que o plano de Francisco não daria certo, então entrou na conversa logo, curioso para saber o que estava acontecendo.

- É... Imagina só que ironia? Pior que isso é só um anjo da destruição sensível – disse Elkalas, balançando a cabeça.

- Você vai começar com isso de novo? – gritou Zem'Yuriah, suas chamas ficando mais vermelhas.

- Desculpem meu amigo, ele é muito sensível a provocações. Mas, muito bem, estou aqui como anjo da guarda honorário. Francisco e Gabriela, vocês estão sob minha proteção.

Francisco soltou o ar com força, começando a andar na direção dos anjos, seguido por Gabriela. Como se não bastasse andar com Laviniah, agora precisaria suportar um anjo da morte com um

sério desvio de sanidade. O que poderia ser pior do que um anjo da morte com humor?

- Bem que vocês poderiam ter vindo antes. Eu quase fui assassinado por um mago e passamos um grande aperto com uns demônios.

- Eles enfrentaram alguns assassinos e um demônio Nufátia, além de Borfan – explicou Laviniah.

O rosto de Elkalas tornou-se sério mais uma vez. Ele guardou as armas e coçou o queixo, curioso com aquilo.

- O que um assassino da Igreja de Satã estava fazendo aqui? Eles não agem por contrato. Borfan era um assassino que recebia para matar. Mas um Nufátia? E como vocês sabem que ele era isso?

- Você não vai acreditar, mas ele estava em sua forma verdadeira. Atacou sem se disfarçar.

- Um Nufátia sem disfarce? Mas eles são espiões de inúmeras faces. Costumam estar infiltrados em mais de uma seita de uma vez. É raro estarem em sua verdadeira forma – comentou Zem'Yuriah, olhando de vez em quando para Francisco, desconfiado do mago. Começava a imaginar que aquele seria um dos piores trabalhos de sua vida. Conhecendo a ficha criminal do humano, sabia que ele daria tanto trabalho quanto Elkalas. Suportar os dois de uma vez seria um grande avanço em sua penitência. “Senhor, dai-me sabedoria para suportar esses dois. Não peço força, porque com ela eu os deixaria inconscientes enquanto isso durasse”, orou silenciosamente.

Francisco entrou no meio deles sem cerimônia, interrompendo a conversa e sendo observado por todos. Quase sumiu no meio daqueles anjos de aparência assustadora. Liel soltou uma risada abafada, achando engraçado e ao mesmo tempo se irritando com a prepotência do mago. Gabriela ficou indecisa, pensando se deveria ou não o impedir de se aproximar de Laviniah.

- Será que eu vou poder ficar sabendo o que está acontecendo ou não? – falou, cruzando os braços.

- Escute aqui, mago... – começou Laviniah, apontando o dedo, mas, antes que pudesse terminar, Francisco já erguera a mão

como que estivesse a mandado se calar e estava virado para Zem 'Yuriah. O rosto da anjo avermelhou-se e faltou pouco para que saltasse sobre o humano e arrancasse seu coração. – Como pode uma criatura ser tão prepotente e irritante?

- Prática... – falou Francisco. Ele sorriu, sabendo o quanto irritara a líder das Lanças de Christos. Continuou falando, agora com Zem 'Yuriah. – Suponho que você seja um guerreiro sensato. Pode me explicar o que está acontecendo para que eu possa organizar minhas defesas e colaborar com vocês na luta contra Laoviah?

Zem olhou de um lado para o outro e parou os olhos sobre Elkalas. Queria perguntar ao anjo da morte o que poderia revelar a Francisco, mas seu colega estava distraído demais observando o decote dos seios de Laviniah.

- Não há muito o que dizer. Apenas temos que descobrir como esses assassinos vieram parar aqui. Um demônio Nufátia e uma criatura como Borfan não saem cometendo assassinatos assim. O que você acha, Elkalas?

Todos olharam para o anjo da morte e o pegaram em sua ação indiscreta. Laviniah ficou ainda mais irritada, resmungando algo sobre trabalhar com incompetentes e sobre como certos tipos de ajuda podiam deixar o serviço mais difícil.

- Tenho algumas suspeitas...

- Então por que não nos conta? – perguntou Liel. Agora ele estava na forma humana, tendo suas asas desaparecido e o tom de diamante dos cabelos tornado-se branco. Os olhos eram cristalinos como água.

- Porque a morte só age com certeza – disse ele e fez, de novo, aquela piscadela sob a venda. Liel precisou morder os lábios para não xingar.

Francisco ouviu o grupo e retirou algo do bolso. Uma pequena esfera iluminada apareceu em sua mão, pulsando como um organismo vivo.

- Essa é a alma de um mago que foi enviado para me matar. Era um amador. Não foi difícil vencê-lo. Acho que podemos interrogar

a alma dele – falou o mago, começando a concentrar uma magia para expelir as respostas do espírito de Victorius.

Elkalas ficou sério mais uma vez, aproximando-se de Francisco e estendendo a mão até seus dedos quase se tocarem.

- Não posso deixar que se aposse de uma alma assim, mago. Ela deve seguir o ciclo. O caminho dessa criatura é o Inferno.

- Não... aí quando eu puder interrogá-lo de novo vai ser só quando eu morrer. Tarde demais, não acha? – perguntou Francisco.

Elkalas riu, divertindo-se com o tom irônico do humano. “Acho que eu vou gostar desse mago”, pensou.

- E vou aparecer pra te cumprimentar nesse dia. Posso até te dar uma carona, apesar de que o caminho para o Inferno não é tão longo assim.

- É, eu sei. Tenho um pouco de experiência nisso, ainda mais com alguns anjos me ensinando todos os atalhos – respondeu o mago, olhando de soslaio para Laviniah.

A guerreira irritou-se mais uma vez com as brincadeiras dos dois. Quase bufando, aproximou-se de Francisco para começar a dar ordens. Dumah estava a seu lado, apenas observando tudo sem dar opinião. Impassível, o anjo do silêncio agia apenas como um guardião de sua líder.

- Parem, os dois. Temos algo sério a tratar e envolve uma ameaça para esse mundo.

Zem’Yuriah a interrompeu:

- Laoviah não quer destruir o mundo. Ele não foi criado para isso. Vocês estão entendendo errado algumas partes do...

- Um anjo da destruição falando de outro. Não duvido que já tenha trabalhado para ele – falou Laviniah, quase como uma inquisidora.

- Fui um dos Arcanjos dele, se quer saber. Abandonei as ordens dele há muito anos – retrucou Zem, não querendo dar muitas explicações àquela anjo.

- Certo. Então pare de defender aquela criatura. Francisco, você não pode manter uma alma presa. É contra as leis, sendo que ela

está destinada ao Inferno. Só poderia tê-la no caso de um contrato.

- Laviniah, essa criatura pode me dar respostas. Além do mais, sinto que se a soltar, ela não irá para o Inferno. Esse mago deixou algum feitiço pronto para levar seu espírito para algum lugar – contou Francisco. Só naquele momento ele percebera que havia uma força tentando arrancar a alma de suas mãos e transportá-la. Não era suficientemente forte para romper o poder do mago e, com certeza, também não seria para acabar com o que quer que fosse que dominava Victorius antes que a letra da destruição fosse usada nele. Francisco achou melhor ocultar o último detalhe.

- Então a libere para que possamos a seguir – falou Elkalas, como se aquele fosse a decisão mais óbvia a se tomar.

- Ele contará a nossos inimigos o que viu – falou Zem 'Yuriah.

Dumah moveu-se assim que a última palavra saiu da boca do anjo da destruição. Todo o grupo se surpreendeu quando o muçulmano envolveu a esfera com suas enormes mãos. O silêncio continuou quando ele voltou a sua posição como se nada houvesse acontecido.

- Acho que agora não temos mais problemas. Libere a alma, mago – falou Elkalas, rindo.

Francisco pronunciou algumas palavras mágicas, jogando alguns feitiços sobre o espírito, e o liberou. A esfera luminosa desapareceu de repente, passando para o mundo espiritual e sumindo da visão de todos, exceto de Elkalas, que a acompanhou durante algum tempo.

- Pronto. Agora temos que seguir o espírito e ver para onde está indo. Será uma pista – falou o anjo da morte.

- Ainda não. Temos ordens para tomar a forma da carne e agir entre os humanos. Não podemos agir no mundo espiritual. Temos que andar disfarçados – falou Laviniah.

Elkalas deu de ombros, sem se importar. Imediatamente, uma névoa se formou em volta dele. Era uma nuvem escura que ocultou suas feições enquanto as asas sumiam em suas costas e suas cores se tornavam mais intensas. A face continuou pálida, mas agora era

possível notar vasos sanguíneos em suas bochechas. Só que ninguém viu isso a princípio. Todos miraram seu rosto, ansiosos por enxergar os olhos por baixo da venda. Nada viram lá, pois óculos escuros ocultavam parte de seu rosto. Fora os óculos, poucas mudanças ocorreram em sua aparência. Continuou com o sobretudo e as roupas pretas, parecendo uma figura moderna, talvez de algum filme.

Zem'Yuriah também iniciou sua transformação. Suas chamas foram desaparecendo aos poucos, assim como a armadura. O fogo da cabeça foi substituído por cabelos longos que começavam negros e iam clareado, até se tornarem dourados lá pela metade. Estavam amarrados em um rabo com uma presilha que tinha duas pequenas correntes que se estendiam até seus brincos. Usava roupas folgadas, como uma calça preta cheia de bolsos e uma camisa de flanela vermelha. Tinha um grande sorriso no rosto e os olhos eram castanhos brilhantes. Diferente da figura ameaçadora de antes, a forma humana de Zem'Yuriah atraía os olhares das humanas por paixão ao invés de medo.

- Ótimo, agora podemos nos misturar – falou o anjo da destruição, que não se sentia nada mal em andar entre os humanos.

- E isso lá é ser discreto? – perguntou Francisco, abrindo os braços em protesto.

Elkalas olhou para si mesmo procurando por alguma coisa de errado, mas não encontrou nada.

- Francamente, apenas vampiros malucos homicidas usam sobretudo e óculos escuros à noite – falou o mago, que conhecia umas figuras assim.

- Vampiros... homicidas... morte... tudo a ver... – disse Elkalas, sentindo-se ainda mais satisfeito com seu visual. – E não se preocupe. Os humanos não me notarão. Eles odeiam ver a morte e só vêem quando é tarde demais.

- Sei... – resmungaram Francisco, Laviniah e Zem'Yuriah em conjunto.

- Sim, porque a morte é discreta, mistura-se, está inserida. Agora... um anjo da destruição sensível...

- De novo! De novo! Será que você não nota o tanto que isso

cansa?! – gritou o anjo da destruição, mas Elkalas já não estava olhando para ele. O anjo da morte observava Laviniah com intensidade. Ela não gostou nada de ser observada durante tanto tempo por ele, ainda mais daquele modo, como se ela fosse o próximo alvo da morte.

- Pare de me olhar assim, Elkalas – disse ela.

- Está com medo de cair nos braços da morte? Eu tenho que confessar, sem modéstia, que a morte é realmente irresistível – perguntou ele, erguendo uma sobrancelha, enquanto ria.

- Você se acha engraçado?!

Uma outra discussão se iniciou depois disso. Ninguém sabia sobre o que falava ou gritava no meio daquilo. Liel ficou apenas observando, parado ao lado de Gabriela. Imaginava que nada daquilo daria certo. Aqueles anjos eram diferentes demais um dos outros para poderem trabalhar em conjunto. Até os motivos de estarem ali variava. Era evidente em seus rostos. O anjo mago já começava a lamentar a formação daquele grupo que parecia tão fadado ao fracasso quanto a última formação das Lanças de Christos do qual fizera parte. Não havia consenso em suas opiniões. De certo modo, eles eram tão desunidos que pareciam até... humanos. A idéia lhe fez pensar nas discussões filosóficas que tinha com outros anjos na Cidade de Prata. Eles sempre falavam nas brigas mesquinhas dos humanos e, no entanto, os celestiais também tinham as suas próprias. Logo eles que sempre se diziam superiores.

Liel deixou de prestar atenção à briga e se perdeu em seus pensamentos. Humano... anjo... ele mesmo não sabia o que era. Tornara-se algo entre os dois depois que tomara o sangue do Assassino de Almas. Às vezes tinha lampejos de memória de sua vida antes de se tornar um celestial e ter suas lembranças apagadas. Algumas eram de sofrimento, como a de ser queimado na fogueira da Inquisição. Outras eram de luxúria. Tentações apareciam em seu corpo e mente, às vezes quase impossíveis de se conter. Já se pegara olhando Gabriela com uma vontade de possuí-la que só foi contida quando enfiou uma faca em sua mão. Era um desejo que não lhe era comum, que sua vontade

ainda não aprendera a controlar. Parecia até um adolescente faminto por sexo, apaixonado. Será que era certo sentir aquilo? Era correto ser humano de novo? Ou deveria simplesmente ser um anjo? Aquelas questões cansavam sua mente, porque cada vida tinha sua responsabilidade. Se em uma deveria lidar com aqueles desejos do corpo, na outra tinha a luta espiritual que nunca terminava.

Gabriela, diferente de Liel, estava quase tão humana que nem dava atenção às lutas espirituais. Não sentia culpa em satisfazer seus desejos sexuais com Francisco, muito menos em conviver diretamente com os mortais. Mal pensava nos conflitos da Cidade de Prata ou nas lutas espirituais, a não ser quando era essencial. Só agora, diante de Laviniah, sua cabeça se confundia. Um misto de vergonha e obediência se misturava em seu coração, ao mesmo tempo que um sentimento de revolta sussurrava em seu ouvido, exigindo que não se subjugasse aos olhares inquisidores de sua ex-líder.

A guerreira caída observava Francisco discutir no meio daqueles anjos como se estivesse diante de uma situação corriqueira. Via o quanto o mago estava se divertindo apesar da tensão em seu rosto. Estava mais vivo, mais contente, como se uma nova energia enchesse sua alma. Aquele Francisco era diferente do homem que estivera a seu lado nas últimas semanas, aquele que não parava de reclamar de Itaúna e fazia mil planos para destruir a cidade simplesmente porque estava entediado. O mago precisava daquilo, da luta, das conspirações e aventuras.

- Ira divina! Vamos parar com essa discussão! Temos que resolver o que fazer logo – gritou Zem'Yuriah.

Foi com algum esforço que eles decidiram voltar à casa de Francisco para pegar os pertences mais importantes do mago e depois seguirem viagem. Elkalas estava encarregado de seguir a alma, sendo que contaria com a ajuda dos poderes Capture de Laviniah.

Victorius sentiu quando seu espírito parou a viagem astral.

Finalmente encontrara seu corpo de novo. No princípio, sentiu um alívio que o teria feito suspirar, mas não demorou para que a dor começasse. A alma voltava a se integrar ao corpo, assumindo mais uma vez a forma, atando-se à carne para recuperar a vida. Esticava-se e entrava naquele recipiente vazio, que nada era além de um monte de músculos e ossos sem seu espírito. Partes diferentes dele mexiam-se sem seu comando e ele só percebeu isso quando os olhos se abriram forçados e viu a escuridão a seu redor. Os sentidos começavam a funcionar. Os ouvidos abriram-se para o mundo, sendo recebidos pelos gritos que viam de sua garganta, que quase se arrebatava pelo esforço de expressar a dor. Mas ele se levantou quando aqueles momentos de angústia passaram. Estava fraco, mas se pôs de pé. Passou a mão pelos cabelos vermelhos, pintados com sangue de vítimas de rituais. Os olhos negros atravessaram a escuridão procurando por alguma coisa, enquanto sua mente se sintonizava.

- Demorou a acordar – falou uma voz a seu lado.

O mago assustou-se por alguns segundos e levou a mão instantaneamente aos bolsos do manto negro que vestia. Encontrou o dono da voz a poucos metros, sentado em uma cadeira... estava atrás das grades que guardavam o corpo de Victorious. Era uma pessoa tranqüila de cabeça raspada, um monge. Ele observava com calma e com um sorriso que quase atraiu a boa vontade do mago, quase, porque Victorious não tinha boa vontade com ninguém.

- Giuliano? – perguntou ele.

- Quem mais estaria esperando por você, Victorious? – respondeu o padre.

“Moloch?”, pensou ele, tentando descobrir por que não estava no Inferno.

- Por algum motivo, você morreu e voltou a seu corpo. Seu ritual deveria falhar depois que os grilhões foram colocados em seus antigos braços – falou Giuliano, levantando-se e abrindo a porta da cela.

Victorius espantou-se e olhou para os próprios braços. Não havia marcas ali. Elas pertenciam ao antigo corpo, aquele capturado

por Moloch, aquele que o mago possuía para se livrar daquela prisão. Ele observou Giuliano se aproximar enquanto tentava entender o que o mago estava fazendo ali.

- Por que a Rosa Cruz te deixou entrar?

- Eles não me negariam isso. Agora vamos embora. Tome – disse Giuliano, entregando uma sacola para o mago. Ele reconheceu sua bolsa com todos os componentes materiais de suas magias. Tocou-a como se pegasse toneladas de ouro. Seus olhos brilharam. – Vai precisar disso para continuar seu trabalho.

Victorius apertou a bolsa e sentiu-a em seus braços como se estivesse agarrando uma pessoa amada. Ali estavam componentes materiais para todas as suas magias. Começou a guardar a maioria nos bolsos secretos de seu manto, mas outros continuariam ali, sendo a primeira munição a ser gasta. Ele retirou alguns pós de cores diferentes e misturou em suas mãos.

- Não precisa se preocupar. Esses rosacruzês estão do nosso lado – comentou Giuliano, como se não falasse nada anormal.

Victorius emudeceu-se. Não podia acreditar que os magos rosacruzês estavam deixando seu maior prisioneiro sair sem problemas ao lado daquele padre maluco. Desconfiado, deixou os pós na mão, pronto para usar seus poderes caso algo desse errado. Para sua surpresa, não precisou de nada. A porta do calabouço foi aberta pelo líder da ordem, que recebeu Giuliano com honra, ainda que olhasse desconfiado para seu antigo prisioneiro. Outros membros da Rosa Cruz os cercavam.

- Tenham fé. Acreditem... Às vezes precisamos de algumas dessas almas pecadoras para nos mostrar o verdadeiro caminho. Victorius será nosso instrumento.

- O quê? – perguntou o arcano maligno, irritado. Nem bem as palavras saíram de sua boca, cinco magos rosacruzês prepararam-se para lançar feitiços contra ele. – Calma... Eu não sou inimigo de vocês...

Giuliano soltou uma risada amistosa e começou a caminhar em direção à saída. Os rosacruzês o acompanhavam perguntando

quando seria a revelação, quando poderiam se ajoelhar perante os pés do Castigador. O padre não os respondia, mas apenas ria e pedia paciência, além de vigília.

Victorius acompanhou Giuliano ainda impressionado. Não conseguia entender como os rosacruzes haviam se tornado seguidores daquele padre. Quando perguntou o motivo, Giuliano apenas respondeu que sabia ser bastante eloqüente quando se tratava de lidar com a fê das pessoas. O mago se deu por satisfeito já que estava livre e no próprio corpo mais uma vez. Teria a oportunidade de se vingar de Francisco. A derrota ainda amargava em sua boca, gerando uma raiva que agitava-se atrás de seus olhos.

- O que aconteceu? – perguntou Giuliano, quando passavam pelo jardim em frente à casa da ordem. Já podiam ver a vila abaixo do morro.

Victorius não respondeu. Continuou andando, apesar de ter aberto a boca para tentar falar. A voz não saía de seus lábios. Não importava se movesse a língua ou se soltasse o ar, as palavras não surgiam. Giuliano não pareceu se importar. Continuou caminhando; usava sandálias de couro. Sorriu mais uma vez como um mestre sábio e humilde, paciente com um aluno.

- Silenciado. Você foi silenciado. Pela vontade de Demiurgo, você foi silenciado – disse ele, ainda com o sorriso no rosto. – Quando pretende reiniciar sua missão?

- Agora – respondeu Victorius, surpreso quando sua voz saiu de novo. Temeu por alguns instantes que não pudesse falar mais nada.

- Ótimo. Há alguém que o espera na vila, Victorius. Vá e lembre-se que Demiurgo o observa.

O padre parou de repente e deixou que o mago continuasse andando. Victorius não olhou para trás, sabendo que veria apenas a face de homem bondoso. Desconfiado, ele continuou seu caminho até se aproximar da vila. Ainda se lembrava do dia em que pisara ali para roubar os segredos dos rosacruzes. Imaginava que seria fácil derrotá-los, mas eles contavam com muita ajuda espiritual. Acabou vencido e preso, só escapando através da possessão espiritual, que diminuiu seus

poderes consideravelmente. Fora por isso que perdera para aquele mago maldito. Estava mais fraco e se descuidara. Na próxima vez não haveria erros. Francisco seria morto.

O mago nem precisou entrar na vila. Foi recebido por um carro negro, cuja porta foi aberta assim que ele despontou na pequena estrada que descia da colina. Victorius entrou sem cerimônia pela porta de trás e sentou-se no estofado negro, aconchegando-se. Ao lado dele estava um homem barbudo cujos olhos vermelhos brilharam na penumbra do interior do veículo.

- Meu mestre... – cumprimentou Victorius.

- O que eles queriam com você? – perguntou o homem, sem se importar com o cumprimento. Ele, Moloch, não achava necessário nada disso ao lidar com um servo tão antigo quanto Victorius.

- Eles têm a Chave, meu mestre. Querem usá-la para abrir um portal – respondeu o mago, sentindo que o carro começara a entrar em movimento. Eles passaram por dentro da vila e o cheiro de comida chegou a suas narinas. Lembrou-se de que aquele corpo encontrava-se em animação suspensa há muito tempo. Precisava comer algo depressa.

- A Chave? Laoviah pretende usar a Chave? Mas como? – perguntou Moloch, coçando a barba enquanto seus pensamentos afundavam-se em preocupação.

- Não sei, meu mestre... mas eles andam um tanto misteriosos. Para abrir o portal, precisam da vida de um dos anjos que tomou o sangue do Assassino de Almas. No entanto, eles não querem sacrificar um dos seus. – O estômago dele roncou, o que atraiu um olhar reprovador de Moloch. – Sinceras desculpas.

- Laoviah não costuma brincar com os seus... Diferente de mim... Então você foi assassinar o mago que ajudou a acabar com os planos de meu irmão e, ao mesmo tempo, conseguir a vítima do sacrifício. Continue seu trabalho e procure pela Chave. Eu a quero.

O carro parou no meio da estrada e a porta se abriu. Victorius desceu sem perguntar nada. Só pensava em voltar para a vila e comer alguma coisa. Mataria qualquer um por um pouco de comida.

Observou o carro desaparecer na escuridão e iniciou a caminhada de volta, xingando porque fora deixado ali. Qual a necessidade de o fazer andar daquele modo?

- Pare de xingar, humano – gritou uma voz da escuridão. Foi mais uma surpresa para o mago naquela noite. Ele viu mantos rubros se movimentarem nas sombras. Pés silenciosos tocaram a estrada e se aproximaram. Dois grandes vultos caminharam até ele e pararam diante de seus olhos. Atrás deles havia outros seres de mantos vermelhos, mas eles eram figuras menos impressionantes, meros coadjuvantes que serviam àqueles dois.

- Irmãos Rubros – comentou ele.

- Sim... sou Draquiel – disse o primeiro, o mais alto e forte. Ele retirou o capuz para mostrar os olhos de dragão e os dentes pontiagudos saindo pelos lábios. Tinham uma face larga e bruta coberta por tatuagens. – Esse é Rasfirian, o Criador de Corvos. – O segundo assassino retirou o capuz, revelando o rosto negro e esguio. Seus olhos eram totalmente pretos, não havendo um traço qualquer de branco. Atrás de suas orelhas havia um leque de penas escuras.

Victorius reconheceu os nomes. Já ouvira falar daqueles dois assassinos. Sabia que estava em boa companhia. Poderia contar com eles. Com certeza seriam mais úteis do que aquele demônio Nufátia que Laoviah enviara a seu lado. Também serviriam mais do que Borfan, um mero idiota que só pensava em agir sozinho. Tinha dois anjos caídos da elite infernal a seu lado e ainda um bando de demônios treinados pela Irmandade Rubra. Sua missão seria fácil e a vingança seria doce, apetitosa. Com sabor de sangue, para dizer a verdade.

Capítulo Três

Chegada ao Inferno

O portal fechou-se nas costas dos cinco, deixando-os sozinhos para trilharem os tortuosos, para não dizer perigosos, caminhos do Inferno. Nenhum deles olhou para trás para ver a passagem se fechando. Tinham seus olhos fixos na paisagem à frente. Inúmeros picos pontiagudos, de montanhas enormes, cresciam naquela vastidão. Até mesmo os corações dos anjos eram abalados perante aquela visão. Gritos angustiados chegavam a seus ouvidos ininterruptamente e seus olhos não podiam deixar de ver todo aquele sofrimento e mal que se espalhava por todo o lugar.

Fecharam suas asas ao sentirem os ventos fortes. Havia tornados, grandes furacões entre as montanhas. Podiam ver o ar movimentando-se violentamente, como se ele próprio estivesse nervoso, uma entidade furiosa que corria entre as montanhas, soltando urros furiosos. Os sentidos aguçados dos anjos viam muito bem a cena, não deixando de notar as almas dos pecadores voando enquanto suas bocas soltavam berros desesperados. Os olhos daqueles espíritos se arregalavam quando se viam aproximando-se das pedras para mais um choque inevitável, pancadas que se repetiam desde sua chegada ali e que não tinham perspectivas de terminar. Bastava baterem contra a parede de rocha e começarem a cair para serem novamente erguidos pelo vento e mais uma vez arremessados contra as pedras.

Os corações dos anjos começaram a se acalmar depois de algum tempo e seu silêncio foi quebrado por Shof Kam.

- Não há como entrar no Inferno e não se impressionar – comentou o Anjo da Vigilância.

- Impressionar-se com o pecado? Odeio esse lugar, odeio essa balbúrdia! – disse Kesser com um tom ácido.

- Kesser, Shof Kam estava apenas fazendo um comentário. Ninguém aqui disse que está a favor do Inferno – retrucou Rizielle.

- Tudo bem, Rizielle. Só digo isso porque não me agrada estar aqui. Vim aqui apenas para cumprir as ordens de Laoviah.

- Como todos nós, Kesser – falou Zilliah com sua voz tímida.

- Deixem de discussão. Recolham as asas ou elas serão partidas pelo vento – ordenou Kushiell, que assumira a liderança do grupo.

As asas dos anjos desapareceram em suas costas, deixando-os um pouco mais parecidos com os mortais, mas nem tanto. Aqueles Caroz tinham marcas que identificavam suas fidelidades e não era possível se enganar sobre sua aparência. Ainda que os olhos não percebessem, as almas avisariam à mente de um humano o perigo que estava diante dele. No fundo, a maioria dos mortais rezava para não se deparar com nenhum daqueles Caroz.

- Saquem as armas. Vejo que estamos no Segundo Círculo, onde são punidos os luxuriosos. Seremos obrigados a descer bastante para encontrarmos Azazel. Duvido que aquela víbora esteja por aqui. Tem alguma sensação, Zilliah? – perguntou Kushiell quando os outros já tinham suas armas em mãos. Apenas ele estava com as mãos livres. De fato, não precisava de muitas armas, fazendo-as surgir quando era necessário. Deixou a espada na bainha e os poderes preparados para serem ativados.

- O que sinto é muito fraco. Há almas demais aqui, todas com necessidade de algum tipo de retribuição – falou ela, constatando o óbvio. – Mas sei que ele não está nesse Círculo. Sinto que está muito adiante – continuou, lamentando terem parado tão longe.

- Por que o portal nos trouxe tão longe? – perguntou Rizielle, tentando achar uma trilha em meio aos picos.

- O portal teve um efeito aleatório. Poderíamos parar em qualquer parte do Inferno. Nosso Meretz fez isso para evitar que pudessemos ser localizados – explicou Shof Kam. Kushiell balançou a cabeça, assentindo.

- Vamos seguir em frente. Quero sair logo daqui e, de preferência, deixar algumas carcaças de demônios para trás antes de ir embora – disse Kesser, rodopiando seu machado.

Kushiell quase riu da demonstração desnecessária de força,

mas não disse nada, por entender que todos os Caroz estavam nervosos por comparecer aquele ambiente tão hostil. Seus olhos ocos encontraram uma trilha que julgou ser boa para descer. Como estava em maior sintonia com o Inferno do que os outros, era mais fácil para ele encontrar os caminhos.

- Rizielle, olhe para o caminho e veja se poderemos ter sucesso passando por ele. ShofKam, veja se é possível passar despercebido por ali – ordenou, apontando para a trilha apertada no meio das pedras.

Os dois anjos fizeram como foi pedido e confirmaram a boa escolha do Kushiell. Assim eles começaram sua descida, com Shof 'Kam e Kesser na frente. O primeiro indo como batedor e o segundo já preparado para enfrentar qualquer ameaça.

A trilha era tortuosa e difícil. Teria cortado seus pés ou suas botas se não tivessem proteção tão especial. Todos faziam questão de usar luvas, pois não havia pedra que não fosse cortante. Seus cabelos e capas púrpuras se agitavam com os fortes ventos, enquanto os olhos lacrimejavam ao serem agredidos pela ventania. Não conversaram por muito tempo, preferindo se aterem à suas rezas ou suas próprias preocupações.

Talvez aquele que se sentia mais inseguro ali fosse, ironicamente, Kesser, o Anjo da Força. Não havia como não se sentir mal. Via-se sozinho no Inferno, já que nenhum de seus companheiros era mesmo seu amigo. Ele ainda era fiel à Cidade de Prata e não queria seguir os planos de Laoviah. Era um espião infiltrado entre os Caroz para denunciar todos os seus crimes e vencê-los por dentro. Um dia fora fiel ao Serafim da Destruição, mas desistira de tudo ao presenciar o uso desenfreado de seu poder. Não acreditava que aquele chamado de Meretz pelos outros soubesse como usar sua força verdadeiramente.

Kesser tentava convencê-lo, mas não era capaz de enxergar nenhum sucesso. Além disso, ele tinha fé na palavra de Christos, via força na Boa Nova do Nazareno. Diferente de Laoviah, o guerreiro Protetore acreditava no poder do arrependimento e do perdão. Para Kesser, uma pessoa precisava ser muito forte para se arrepender

plenamente de tudo o que fizera e ainda mais forte para perdoar seus inimigos e amá-los. Claro que ele não amava os demônios, mas dizia isso em relação aos mortais, ao convívio entre os humanos.

Enquanto caminhava pelas escarpas, não parava de rezar, imaginando que tinha como aliados apenas sua fé e seu machado. Igualmente, sua defesa também eram apenas a fé e o escudo. Chegou a olhar para trás algumas vezes, verificando os rostos dos colegas. Kushiell vinha decidido e atento, também insensível como sempre, escondendo seu poder e envolto naquele manto de mistérios. Rizielle mantinha-se séria, mas tentava sorrir de vez em quando. Zilliah não dizia nada, mas retribuía o olhar de Kesser de um modo que ele temeu que a Captare soubesse de sua traição. E se ela soubesse que o Protetore estava passando informações para a Cidade de Prata? Tentou afastar esse temor concentrando-se no que estava à frente.

Começaram a chegar em uma área um pouco mais aberta, onde o vento era mais forte. Agora a trilha não estava mais fechada entre as rochas, mas dava para um penhasco por onde os furacões passavam uivando e levavam as almas berrantes. Algumas delas voaram na direção dos Caroz e eles foram obrigados a se desviarem. Mais de um espírito passou perto deles, acabando por se chocar em uma rocha, bem em uma extremidade pontiaguda, onde se cortavam ou acabam empalados, gritando desesperados até sua carne se romper com a força do ar e serem jogados de novo no furacão. Ali começavam a se regenerar, apenas para receberem outra pancada.

A alma de uma mulher voou bem na direção de Kesser e ele defendeu-se com o escudo, deixando-a cair a seu lado. Outro espírito veio em seguida e ele cortou-o ao meio com seu machado. Viu os dois corpos caídos, o da mulher tentando se segurar nas pedras, mas suas mãos sendo cortadas. Ela olhava desesperada para o anjo e pedia ajuda, já quase se soltando. Kesser não se mexeu e voltou seu olhar para o espírito partido. Esse começava a ser arrastado pelo vento enquanto olhava para o Anjo da Força sem saber se pedia ajuda ou esperava uma outra punição.

Kesser acompanhou com os olhos as duas metades do corpo

voando até se juntarem mais uma vez. Viu o desespero nos olhos da alma pecadora que sabia que seu destino seria mais uma vez ser dilacerada. O anjo se compadeceu daquela criatura, por sofrer tanto, mas não moveria um dedo para retirá-la dali. Era seu destino sofrer até o fim dos dias. Aquela era sua sina por ter pecado. Por isso ele se surpreendeu quando viu Kushiell se aproximando da mulher desesperada, que já perdera um dedo nas pedras afiadas. No início, imaginou que o Anjo da Punição fosse chutá-la para o vento, mas quando o viu se abaixando com cuidado, surpreendeu-se.

- Rizielle, ela está pronta? – perguntou, sem olhar para a Anjo da Justificação.

Por sua vez, a Caroz aproximou-se e olhou atentamente aquela mulher. Seus olhos brilharam um pouco, como se tentassem aproximar mais daquela alma sofredora.

- Sim, ela está pronta – respondeu a anjo Nimbus.

Kushiell estendeu a mão para segurar a mulher e Kesser ficou boquiaberto ao ver seus companheiros interferindo na ordem natural do universo. Aquela pecadora deveria sofrer e pagar por seus pecados até o dia final! Assim ele baixou seu machado, decepando os braços dela, enquanto arrancava-lhe um grito que era ao mesmo tempo um pedido de ajuda e um berro de dor.

Kushiell levantou-se depressa, o rosto cheio de raiva. Voltou-se para Kesser, encarando-o cheio de repreensão e sendo retribuído do mesmo modo. De seu peito, saindo dentre os panos de sua túnica, saiu uma corrente que parecia viva, saltando para envolver a mulher e a puxar de volta para perto do grupo. Os braços dela já estavam mais uma vez colando-se no corpo; outra cena bizarra que não mereceu a atenção de nenhum dos Caroz.

- O que pensa que está fazendo? – perguntou o Anjo da Punição.

- Essa mulher pecou e deve ficar aqui até o Fim! – disse o Anjo da Força.

- Não, Kesser. Ela está arrependida de tudo. Passou milhares de anos sofrendo aqui. Houve tempo em que odiou o Senhor por ser

mandada para cá, houve épocas em que jurava a si mesmo que voltaria a fazer tudo de novo se renascesse. Agora ela percebeu seu erro e acha que o Senhor é realmente superior em tudo e que ela errou. Portanto chegou o momento de sair daqui – justificou Rizielle, tentando não demonstrar seu descontentamento com a atitude de Kesser. Ela realmente não gostava do guerreiro, sempre se sentindo incomodada na presença dele.

- Mas está escrito que todos os pecadores devem vir para cá e esperar o Juízo Final – retrucou ele.

- Cale-se, Kesser. Laoviah não está aqui para impedir que nós o calemos. Estou farto de você falando. Sempre fica questionando tudo! – falou Kushiell, que considerava Kesser um Caroz de muito valor, desde que mantivesse a boca fechada.

- Por favor, não vamos começar uma discussão aqui. Kesser, essa mulher teve a retribuição por se arrepender e aceitar o quanto o Senhor é poderoso. Ela pagou por seus pecados, foi punida como deveria. É o momento de levá-la – falou Zilliah, tentando conciliar todos. Como anjo Captare, gostava de Kesser, por apreciar sua moderação e sua perícia nas batalhas.

- Vão levar todas então? – perguntou ele, apontando para o furacão e para as almas berrantes.

- Não. Vamos acabar com essa discussão agora. Kesser, você é o guerreiro do grupo. Por favor, pare de questionar – pediu Kushiell. Ele pretendia dar uma ordem, mas achou melhor ser um pouco mais educado com o colega. Não queria que o outro pensasse que não era bem-vindo no grupo. Sempre fora clara a briga entre ele e Rizielle, se houvesse mais alguém que não gostasse dele ali, o guerreiro poderia se sentir meio afastado, o que atrapalharia o rendimento dos anjos em uma missão tão perigosa.

Quando a discussão acabou, Shof Kam apareceu subindo a trilha velozmente. Um dos olhos de sua auréola mirou a alma presa na corrente de Kushiell, mas ele mesmo não disse nada. Quando abriu a boca, foi para avisar do que descobrira.

- Parece que há vigilantes de Baalzebub procurando alguma

coisa por aqui. Não sei se procuram por nós, mas acho melhor nos apressarmos – contou o Anjo da Vigilância.

Correram durante muito tempo, até receberem ordens para diminuir o passo e pouparem energias. Então começaram a caminhar, ainda com atenção para evitar inimigos. Kushiell avisou que precisavam evitar os combates para não atraírem mais oponentes ou a vigília dos Senhores do Inferno. Caminharam calados durante um bom tempo, sendo que às vezes Kesser e Zilliah conversavam discutindo sobre uma ou outra batalha na Terra ou sobre o que haviam feito no período em que não estavam sob ordens diretas de Laoviah, quando o Serafim ainda estava iniciando seus planos para a formação da Hadaash Tzlav. Chegou um momento em que nem os dois estavam falando. Nuvens ainda mais tempestuosas começavam a se formar acima de suas cabeças e a temperatura começava a baixar rapidamente. Eles podiam ver que uma tempestade de neve e granizo estava se aproximando, o que os deixava preocupados e pensativos. Foi o espírito que carregavam que disse algo, tendo seu medo superado a curiosidade. Imaginando que não podia receber punição pior do que já tinha, resolveu arriscar falar com aquelas criaturas que haviam a resgatado tão inesperadamente.

- Por que me resgataram? – perguntou com uma voz vacilante.

De início, ninguém respondeu. O grupo continuou caminhando sem pensar na pergunta.

- Vocês atenderam às minhas preces? – insistiu ela, caminhando no meio do grupo.

Kesser mirou-a com um olhar julgador, sendo a primeira atenção que recebeu do grupo, mas não a que queria. Ela virou seu rosto, encontrando Zilliah que a olhava como se a compreendesse e retribuísse seu medo de algum modo, fosse sentindo algo parecido em seu íntimo ou tentando encorajá-la. No entanto, quem lhe respondeu

fô Rizielle.

- Nós ouvimos sua prece, principalmente eu, Zih'Diel e nosso Meretz. Ouvimos várias preces, mas a encontramos por acaso. Podíamos ter encontrado muitos dos outros que rezaram para nós, aqueles que acreditam na Antiga Lei, nos antigos julgadores da humanidade – falou ela, sem virar-se para a mulher.

- Eu creio em vocês. Houve um tempo em que não acreditava, depois os amaldiçoei, mas eu me arrependo. Agradeço por ter sido punida e ter o verdadeiro caminho revelado. Mas por que me libertaram? O que eu tenho que fazer agora? – teimou ela, querendo saber o motivo de ter sido libertada, como poderia pagar aquilo.

- Agora você tem que seguir o caminho justo, seguir a Lei. É hora de usar seus dons a nosso favor, em favor de Demiurgo – continuou Rizielle. – Vai voltar à Terra e escolher se quer nos ajudar.

- Já escolhi. Vou ajudá-los de qualquer maneira. Mas quem são vocês? – Eles se apresentaram e os olhos delas se arregalaram ao saber de seus títulos. – Meu nome é Annah e já tive vários títulos, apesar de agora não me orgulhar de nenhum.

- Ótimo, Annah. Faz bem em estar arrependida. Por isso caminhará conosco e depois usará seus dons em nosso favor – disse Rizielle para calar-se em seguida e observar a tempestade aproximando-se ainda mais depressa. Agora a tormenta parecia ter uma vontade aterradora de acabar com os Caroz, como se soubesse que eles estivessem ali. – Acha que alguém sabe de nossa presença, Kushiel? – perguntou ela, percebendo que o Anjo da Punição também observava as nuvens com preocupação.

- Não, essas tempestades têm sempre a mesma intensidade e aproximam-se assim, abalando os corações. – Os olhos do anjo negro já procuravam por um esconderijo para se protegerem daquela ameaça.

- Há uma caverna ali! – gritou Shof Kam, pois não seria ouvido se falasse normalmente. Os ventos já estavam tão fortes que uivavam como se estivessem em desespero. De repente, uma alma foi jogada contra eles e chocou-se contra a parede, seu corpo estalando como se todos os ossos houvessem se quebrado. Seus olhos

continuaram abertos, sendo que o benefício da inconsciência lhe fora negado.

Os Caroz não deram mais atenção para o espírito caído. Apenas Annah o olhou por algum tempo, mas logo foi puxada por seus novos companheiros e eles correram para uma caverna na encosta. Precisaram descer bastante pela trilha, rumo à tempestade, até chegarem em uma região mais plana e espaçosa, uma espécie de vale no meio das montanhas. Entraram apressados, já sentindo as pedras de gelo agredirem suas peles, cortando-os como lâminas frias.

Ajeitaram-se dentro da caverna escura, sentando-se enquanto se encostavam na parede. Apenas Shof Kam ficou de pé para averiguar se não havia nenhum perigo à espreita. Não precisaram de muito tempo para perceber os perigos do local e de menos tempo ainda para se livrar dos demônios patéticos que apareceram. Criaturas de pele azul e olhos de gelo surgiram das sombras, com garras que pareciam cristais brilhando na escuridão. Os anjos não precisavam de luz para enxergá-los. Eram todos acostumados a enfrentar as trevas. Portanto levantaram suas armas e se livraram logo daquele incômodo.

Shof Kam atacou rápido, sacando as duas espadas. Em uma corrida, enfiou a katana no coração de um demônio e a wazakashi no pescoço de outro. Apareceram mais três das sombras e um deles foi vítima das correntes de Kushiel, que nem saiu do lugar para acabar com a criatura. Kesser livrou-se dos outros dois. Aproveitando-se de que os inimigos estavam próximos um do outro, avançou contra o primeiro e empurrou-o com o escudo, enquanto enfiava o machado no peito do segundo. Retirou a arma, deixando o inimigo tombar e acertou o primeiro no ombro, fazendo a lâmina chegar até sua barriga.

Annah ficou impressionada com o poder daqueles anjos. Os demônios atormentavam os pecadores e nunca ninguém foi capaz de desafiá-los sem apenas aumentar seu sofrimento como retribuição. Viu os anjos se sentarem e os acompanhou, ficando ao lado de Kushiel. Notou que Kesser ficou um pouco mais afastado do grupo com a desculpa de montar guarda. Zilliah aproximou-se um pouco dele e os dois começaram a conversar. Shof Kam ajoelhou-se calado e fechou os

olhos como se estivesse rezando. Rizielle juntou-se a Annah e Kushiell.

- Ainda não entendo o motivo da presença de Kesser. Não acho que nosso Meretz esteja certo ao mantê-lo junto conosco. Não vejo justificativa nisso – comentou ela com a voz baixa. Annah teve dificuldade para ouvir e teve certeza de que nenhum dos outros Caroz soube o que eles estavam falando, mesmo porque o barulho da tempestade abafava a maioria dos sons dentro da caverna.

- Não sei, Rizielle. Prefiro confiar nas decisões de nosso Meretz. Tenho feito isso há muito tempo e não me arrependo. Ele conseguiu nos livrar da opressão do Conselho e está caminhando para nos restituir à nossa glória – falou Kushiell.

- Ainda sim, temo que possamos ser prejudicados com a presença de Kesser no Conselho Coah. Há muitos outros Caroz que poderiam estar lá, outros mais poderosos ou mesmo mais sábios – argumentou ela.

- Mas ele é o Anjo da Força. Ele deve mostrar a nosso Meretz quando usar todo seu poder. Assim como eu devo cuidar das punições e você deve orientar quanto a quem merece ser reparado à glória do Senhor. Tudo isso para evitar que a Palavra de Destruição de Laoviah acabe com tudo – respondeu Kushiell, agora observando a concentração de Shof Kam.

Annah ficou calada, ouvindo os dois conversarem. Cada vez ficava com mais medo desse Meretz. Qual era esse poder de destruição que a criatura possuía? Que poder era esse que precisava de conselhos e da orientação de anjos tão fortes como aqueles que a resgataram? Ela soube que havia uma grande ameaça ali. Mesmo que temesse uma represália, resolveu perguntar:

- Seu Meretz pretende destruir o mundo?

Sorrisos surgiram nos rostos dos dois Caroz. Eles não olharam para ela, mas a responderam. Primeiro Rizielle e depois Kushiell.

- Sempre há alguém pensando nisso. Mas não, nosso Meretz não pretende fazê-lo. Acha que ele destruiria a Criação do Senhor?

Apenas alguns demônios têm essas idéias mirabolantes. Ele está aqui para cumprir a missão que lhe foi dada quando foi criado. Veio para castigar e destruir quem se opõe à Lei de Demiurgo. Só passaria a planos de destruir o mundo se assim lhe fosse ordenado pelo Altíssimo. Mas o Senhor da Cidade de Prata não é tão direto nem com os anjos como os mortais gostam de pensar.

- E ele é seu Meretz também, Annah. Lembre-se disso...

Ela entendeu que aquela ameaça era para todos os pecadores. Mas quem aquela criatura considerava pecadores? O pecado variava tanto pelas religiões, até mesmo entre os cristãos! Annah baixou a cabeça e ficou pensativa, imaginando como seria sua vida dali para frente. Olhou para a entrada da caverna e desejou que fosse melhor do que o sofrimento no Inferno. Por algum motivo, não sabia mais se estaria segura na Terra. Não com o líder daqueles anjos agindo.

- Satisfeito por matar os primeiros demônios aqui no Inferno? – perguntou Zilliah, imaginando que poderia melhorar um pouco o humor de Kesser.

- Sempre fico satisfeito por acabar com essas criaturas, mas fico pensando se é certo acabar com elas aqui, onde realmente deveriam estar e existir. É o objetivo delas estar aqui para punir quem não vive sob as leis da luz – respondeu ele, como se desse uma lição de moral.

Zilliah resistiu para não retribuir aquela lição de moral. Era de sua natureza retribuir tudo o que ouvia, mas não queria discutir com Kesser. Não o queria afastado do grupo ou dela. Os dois sempre foram grandes amigos, ajudando-se e aconselhando-se. Afastaram-se apenas quando a Anjo da Retribuição resolveu deixar a Cidade de Prata. Uma espécie de abismo foi criado entre os dois amigos, porque pensavam muitas coisas diferentes.

- Ainda não foi retribuída em seus sentimentos? – perguntou ele, olhando fixamente para ela.

Zilliah não ficou tímida. Retribuiu o olhar com a mesma

força antes de responder.

- Ainda não, mas sei que ele me respeita.

- É irônico, não? Uma anjo da retribuição, ou melhor, a Anjo da Retribuição, não ter seus sentimentos retribuídos. Será que ele não considera isso proibido? – perguntou Kesser. Zilliah notou que havia um pouco de intriga naquela pergunta.

- Não. Ele já nos deixou isso bem certo. Nada de gerar filhos com os mortais, pois o Senhor deixou bem claro que isso é proibido durante a Segunda Rebelião. Mas não há lei que proíba que nos amemos. A maioria dos anjos não sente essa necessidade e considera isso uma aberração. Por isso surgiu o hábito de o Conselho proibir tal atitude – justificou ela.

- Não vejo o que vocês podem encontrar de bom nisso. Não há amor que supere o que tenho pelo Senhor – disse ele, em outra lição de moral.

- Quem disse que eu não amo o Senhor? Mas é diferente. Kesser, você precisa sentir para saber o que quero dizer – respondeu com o mesmo tom de voz pedante que o Anjo da Força usara.

- Certo, deixemos disso. Não é meu dever julgar suas escolhas. Mas acho que deveria parar com isso, Zilliah. Você é minha amiga e não quero a ver sofrendo por não ser retribuída nesse amor – falou ele, colocando a pesada mão sobre os ombros dela.

- Não me importo tanto assim. Veja o caso de Shof Kam e Betânia. Os dois tiveram um ótimo relacionamento e continuam suas vidas apesar do fim. Podem sofrer um pouco, mas vivem com isso. Têm a fé no Senhor e em nosso Meretz para guiá-los. Comigo é o mesmo.

Kesser riu um pouco enquanto olhava para o Anjo da Vigilância.

- Já disse para ele. Não sei como ele, que é mais velho e mais experiente, pode se entregar a sentimentos, a paixões que só os humanos deveriam ter.

- Demiurgo criou a nós todos. Vai ver quis deixar certos sentimentos e até pensamentos básicos em todos. Cada um os usa ou

se deixa usar por eles como quer.

- Escolhas. Às vezes elas pesam muito em nossos ombros – disse ele, com a voz parecendo cansada.

- Um Anjo da Força falando isso? Suas escolhas devem ser muito pesadas. Cuidado, pois você será retribuído de alguma maneira por elas – respondeu a Caroz, aproximando-se dele e cobrindo-se com sua capa púrpura. O frio estava aumentando muito, chegando a afetar até mesmo os dois.

Kesser a abraçou e a acolheu, mas ficou distraído pensando em suas escolhas. Estaria certo no que fazia? Jurou a si mesmo que sim, que não poderia estar errado. Tinha que se agarrar a isso se fosse continuar e concluir o que já começara. Quando saíssem do Inferno, talvez tudo acabasse e ele pudesse voltar a lutar tranqüilo.

A passagem do tempo era relativa no Inferno, principalmente para os pecadores. Seu tormento transformava um mero minuto em horas e quando finalmente paravam de sofrer, os minutos pareciam nem existir em sua contagem, de tão rápido que passavam. Os Caroz julgaram que haviam passado cerca de um dia dentro daquela caverna, apenas esperando que a tempestade acabasse. Então Kushiel deu ordens para se levantarem e saírem dali com as armas em punho.

Shof Kam percebeu que havia algo de errado assim que se pôs de pé. Seus sentidos o avisaram do perigo que havia lá fora. Podia ouvir e até mesmo ver três dezenas de demônios que voavam de um lado para o outro, esperando que os Caroz saíssem da caverna. Pelo que pôde ouvir de suas conversas, eles não sabiam que encontrariam anjos ali, mas tinham certeza de que alguém havia matado seus companheiros que viviam na caverna, aqueles que deveriam tê-los encontrado há um bom tempo atrás.

- Acha que pode nos esconder? – perguntou Kushiel.

- Não sei se é bom eu usar meu poder de maneira tão evidente assim uma outra vez. Com certeza Baalzebub já sabe que sua

atenção foi desviada em algum momento. Saberá se eu usar meus dons para turvar os sentidos dessas criaturas de maneira tão evidente. Não há problema em continuar nos ocultando como tenho feito, mas usar meus dons diretamente tantas vezes não é aconselhável – explicou Shof 'Kam.

- Então vamos lutar. Sairemos em carga. Preparem suas asas. Annah, você fica aqui dentro. Todos ataquem como puderem e não se preocupem com fugas. Rizielle, use seu arco para deter qualquer fugitivo. E não se preocupe, eu também estarei pronto com minhas correntes.

O primeiro a sair da caverna foi Kesser, como já era de se esperar. Foi seguido por Zilliah e Kushiell, enquanto Shof Kam vinha um pouco mais atrás. Rizielle ficou parada na entrada, com seu arco já disparando em todos os inimigos.

Os demônios eram criaturas aladas, com asas de morcego, mas da cor de gelo. Sua pele azulada era grossa e parecia cobrir uma espessa camada de gordura que espirrava quando as lâminas enfiavam-se em seus corpos. No entanto, não eram seres tão patéticos como aqueles mortos dentro da caverna. Eles começaram a cercar os Caroz retribuindo o ataque sem nenhum medo.

Kesser se viu cercado rapidamente, com seu machado e escudo trabalhando sem cessar. Os monstros usavam lanças e espadas para atacar e faziam o anjo aparar, defender e esquivar de tantos golpes que mal havia tempo para revidar. Não houve como escapar de todos os golpes. Acabou sendo atingido algumas vezes, mas isso não o impediu de continuar lutando, considerando aqueles ferimentos um mero detalhe na batalha.

Aos poucos o Caroz conseguiu tempo para atacar, fazendo seu machado passar pelas defesas dos inimigos. Os demônios tentavam aparar com suas armas de gelo infernal, que eram tão duras quanto aço. No entanto, tudo se quebrava como se fosse gelo normal quando Kesser golpeava. Aos poucos os inimigos começaram a cair. Cada um que tombava apenas facilitava o combate para o Caroz, pois sobrava mais tempo para seus ataques. Assim ele foi vencendo, ainda que se

ferindo várias vezes.

Kushiel sacou sua espada de lâmina vermelha e cabo negro, mas não a usou muito. Correntes saltavam de seu peito e de suas mangas, assim como das asas. Serpentes também surgiram de dentro das penas, assim como chicotes apareciam do nada, tudo para defendê-lo e atacar os inimigos. Bastava um dos demônios alados se aproximar para ser perfurado pelas correntes, mordido e envenenado pelas serpentes ou chicoteado violentamente. Isso quando não era preso e levado até a espada do Caroz. Alguns deles chegaram a atravessar as defesas, mas pereceram na lâmina vermelha. Apenas quando vários deles se juntaram, puderam chegar até Kushiel.

Os demônios envolveram o Anjo da Punição, atingindo-o com suas armas. O Caroz sentiu aquelas lâminas frias perfurarem sua pele, fazendo seu sangue gelar, mas não se deu por derrotado. Ainda que se visse obrigado a recuar alguns passos, fez suas correntes segurarem seus inimigos e as cobras os abraçarem enquanto os chicotes retiravam suas armas. Então aproveitava sua proximidade para atingi-los com a espada. Quando finalmente acabou, estava ferido, ainda que não sangrasse. Todo o sangue que começara a sair pela ferida acabara se congelando devido às armas de seus agressores.

Zilliah e ShofKam lutaram em conjunto. O sabre dela, aliado às armas exóticas dele, era rápido demais para os demônios. Ela atacava sem lhes dar tempo para pensarem e sempre era ajudada pelas flechas de Rizielle. Como os dois eram os guerreiros menos preparados do grupo, a Anjo da Justificação deixou suas flechas mais voltadas para eles. Seus inimigos estavam em menor número do que os de Kesser e de Kushiel, por isso se preocuparam quando viram os dois cercados, mas tudo o que puderam fazer foi lutar contra seus próprios oponentes e ter fê nos companheiros.

Quando o último demônio finalmente tombou, restaram apenas os anjos feridos e pouco preparados para uma nova luta. Kushiel e Kesser tinham cortes por todo o corpo, diferente dos outros que estavam quase intactos.

- Quanto tempo até você se regenerar, Kesser? – perguntou

Kushiel, quando eles formaram um círculo. Annah saíra da caverna e se juntara a eles.

- Pouco, esses ferimentos não são muito para mim – respondeu ele, orgulhoso de seu poder.

- Ótimo, siga com os outros. Eu vou ficar – ordenou Kushiel.

- Por quê? – perguntou Zilliah, preocupada com seu líder.

A resposta veio de ShofKam que apontou para o céu, mostrando um bando de demônios alados vindo na direção deles. Devia haver mais uns quinze deles. Os outros prepararam as armas, mas Kushiel fez sinal para saírem dali.

- Vão embora e sigam pelo Rio Cócito. Ele os levará até Azazel. Basta seguirem a orientação dada por Zilliah e a ocultação de ShofKam. Rizielle, use seus poderes para encontrar os melhores caminhos. Vão agora!

Não havia como discutir com Kushiel. Assim eles voaram depressa dali, carregando a alma de Annah. Ela olhou preocupada para Kushiel, querendo apenas seu bem. Considerava-o seu salvador e não queria vê-lo tombando. Viu os demônios se aproximando e cercando o Anjo da Punição. Imediatamente as correntes, as serpentes e os chicotes saltaram para acertar aquelas criaturas, jogando mais de um no chão. Eles avançaram e o cercaram, continuando a ser abatidos pelas defesas do Caroz, mas aproximavam-se cada vez mais. Sua última visão dele foi aterrorizante, pois os demônios estavam à sua volta e ele precisava usar sua espada enquanto era cortado pelas lâminas de gelo.

Capítulo Quatro

Reflexões Violentas

Elkalas apreciara bastante a viagem de avião, divertindo-se com o medo da morte de algumas pessoas. Uma pobre senhora viajou a seu lado e teve que suportar suas fúrias durante todo o vôo até Portugal.

- Sabe, uma vez a asa de um avião se partiu durante a decolagem e metade dos passageiros morreram. Pela paciência de Jó... Foi difícil conversar com aquele pessoal e convencer todos de que haviam voado para os braços da morte.

- Na altura em que estamos, não há como sobreviver.

- O pouso pode ser uma parte delicada. Já houve casos de tragédia...

A mulher desmaiou várias vezes e foi trocada de lugar. Laviniah foi obrigada a se sentar ao lado do anjo da morte para tentar contê-lo. Pelo sorriso que brilhou em seu rosto pálido, aquele deveria ser seu plano.

- Sem brincadeiras... – disse ela, abrindo uma revista e tentando ler.

Elkalas não disse mais nada, mas seus olhos caíram sobre ela, analisando seu corpo, sua face, tentando a entender. Começava a sentir que gostaria muito de trabalhar ao lado daquela guerreira. Sentia-se confortável ao conversar com ela, apesar da vontade de ela se manter afastada dele. Mas Elkalas achava isso engraçado, estava acostumado com aquela situação. Ninguém gostava de abraçar a morte. “Mas não há quem consiga se manter afastado por muito tempo”, pensou ele, divertindo-se.

Os dois começaram a conversar na metade do caminho. Algumas horas de vôo haviam se passado e Laviniah acabou se interessando pelas histórias do anjo da morte. Começaram a trocar experiências de suas batalhas, falando sobre estratégias e inimigos. O assunto mais discutido foi Af Ambos já haviam perdido muitos conhecidos para o Anjo da Fúria e o próprio Elkalas contou que já o

enfrentara, mostrando uma cicatriz que tinha no abdome. Tanto ele quanto Zem'Yuriah já haviam sofrido o peso das espadas daquele assassino.

Elkalas apreciou conversar com a anjo, mas começou a falar menos quando já estavam para chegar. Suas respostas se tornaram cada vez mais curtas, sendo tão sucintas que a guerreira achou melhor não falar mais nada. Ele calou-se depois de algum tempo, observando as nuvens pela janela, perdido em lembranças amarguradas. Levantou-se mudo quando chegaram, passando por todos como se não os conhecesse e saindo do avião. Só abriu a boca para falar com Zem'Yuriah quando já estavam no saguão do aeroporto de Lisboa. Francisco estava pegando suas malas e procurava por carros para alugarem, quando os dois amigos se juntaram novamente.

- Conversou com Dumah? – perguntou Elkalas, observando o movimento das pessoas, vendo despedidas e reencontros.

- Sim, mas ele não me respondeu nada. Gostou de viajar ao lado de Laviniah? – insinuou o guerreiro, antes de perceber o quanto o amigo estava amuado. – Elas são parecidas, não são? Lembranças despertaram?

- Sabe qual o consolo dos humanos? Eles podem morrer e reiniciar suas vidas depois, ainda que de maneiras diferentes. Nós somos obrigados a conviver com nossas memórias e decisões pela eternidade – falou o anjo da morte, mexendo nos óculos escuros. Ele percebeu Francisco os chamando. – O mago nos chama. Vamos logo. A vila fica há um bom tempo daqui.

Zem'Yuriah tinha um grande sorriso quando pegaram os carros. Finalmente iria dirigir. Ele iria em um carro com Elkalas, Dumah e Liel, enquanto no outro estariam Francisco, Laviniah e Gabriela. O anjo da destruição deu partida e disparou na direção apontada pelo anjo da morte, seu guia naquela missão.

- Zem, sabe o que me deixa feliz? Não precisarei me preocupar com desemprego enquanto houver motoristas como você aqui na Terra – comentou o anjo da morte, enquanto via os outros carros mais próximos do que achava humanamente seguro.

Laviniah desceu do carro e levou suas malas para seu quarto com tanta pressa que os outros não tiveram tempo de dizer nada. Ela subiu as escadas da pousada e trancou-se no quarto, enquanto Francisco e Gabriela estranhavam sua atitude. Ela não dissera nada durante toda a viagem, nem dando atenção para os comentários provocantes do mago.

- O que será que ela tem? – perguntou Gabriela, preocupada com sua antiga líder. Ela não era de permanecer silenciosa por muito tempo, nem de perder a oportunidade de discutir com Francisco.

O mago simplesmente deu de ombros enquanto preenchia os papéis da pousada.

- Talvez tenha criado bom senso e tenha percebido o quanto o Universo é melhor quando ela está calada.

Laviniah ouviu aquele comentário, mas preferiu não dar mais atenção que a necessária, apenas o registrando em sua memória para poder acertar as contas mais tarde. Deixou-se cair na cama, sentindo com prazer os lençóis de algodão. Cada sensação era uma característica nova agora que tinha a forma da carne. Percebia o mundo como os humanos, algo inusitado para os anjos, principalmente para um como ela que nunca assumira aquele estado desde que sua alma fora transformada em um ser celestial.

“Talvez seja por isso que estou assim”, pensou ela, preocupada consigo mesma. Lembrava-se do quanto se abrira com Elkalas e se sentia culpada por ter falado tanto. Desabafou sobre a agonia de ter sido derrotada por Af, do sofrimento que Laoviah e a Irmandade Rubra já haviam causado nela. Os últimos anos haviam sido difíceis para a anjo, tendo perdido seus amigos mais próximos e seus confidentes. Há um bom tempo não conversava com mais ninguém sobre o que sentia, encontrando conforto apenas em suas orações. Não tinha mais ninguém como Ioulah, Critias ou Saú, anjos com quem dividira seus medos e anseios sem que temesse parecer uma líder fraca. Ela precisou de anos de convivência para confiar seu coração

àqueles amigos, mas em poucas horas contou tudo a Elkalas. O maldito anjo da morte lhe arrancou tudo para depois se calar, justamente quando ela se sentia bem, leve por poder falar. Deveria ter começado a analisar seus sentimentos, talvez para fazer um relatório para seus superiores ou usar contra ela. Poderia ser isso.

A porta se abriu e Dumah entrou. Aquele era outro de seus grandes amigos, mas uma figura tão misteriosa e calada que era quase impossível confidenciar com ele. Ela nunca sabia o que se passava na mente do muçulmano. “Nem na de Elkalas”, pensou. A culpa era daquela forma que gerava uma fraqueza em seu ser. Precisava voltar a ser a líder forte de sempre. Não podia deixar que seu coração se abalasse de novo.

- O que os outros estão fazendo? – perguntou ela.

Dumah fez um simples gesto, mostrando que haviam se recolhido para procurarem por seu alvo no dia seguinte. Ele jogou uma mala sobre a cama e a abriu. Retirou um tapete negro da bagagem e estendeu-o com gentileza no chão, para depois se ajoelhar e começar suas orações. Laviniah o observou por algum tempo, depois foi tomar um banho. A água quente a ajudaria a relaxar.

Francisco ajeitou suas coisas na sacola enquanto subia a colina. Eles haviam decidido ir a pé para não chamar muita atenção, apesar de saberem que sua presença não era nenhum segredo. O mago usara seus informantes em Portugal e descobrira que ali havia um esconderijo dos rosacruz. Aqueles magos já deveriam ter colhido informações sobre os estranhos turistas que haviam chegado em sua vila. Como não poderiam com um louco vestido de vampiro e um outro que parecia pretender ter um visual ainda mais moderno. Isso sem contar um negro de dois metros de altura agindo como guarda-costas de uma mulher que mais apreciava uma atriz de TV.

O mago subia na frente, acompanhado pelos outros. Ele até sugerira que uma parte do grupo ficasse de guarda, mas Laviniah

avisou que não adiantaria nada, afirmando que eles estariam apenas divididos e enfraquecidos. Depois de zombar da idéia leviana do mago, ela começou a dar ordens para uma formação de defesa caso fossem atacados.

- Será que ela não podia passar ao menos mais um dia calada? – perguntou para Gabriela, quando chegaram em frente ao jardim da casa da Rosa Cruz. Havia apenas uma pequena cerca de madeira separando o território. Logo atrás dela, rosas, lírios e begônias estavam distribuídos. Um jovem de quase vinte anos cuidava delas e aproximou-se do portão para recebê-los.

- Não a provoque, meu amor. Deixe-a falar. Ela se sente bem dando ordens – disse Gabriela.

- Mas eu me sinto bem descumprindo ordens – disse ele, falando mais baixo quando o jovem encostou-se à cerca.

- O que os senhores querem? – falou com um sotaque português. Francisco segurou uma risada, lembrando-se do quanto odiava aquele sotaque na época do Brasil colonial, em que era obrigado a fugir dos magos da metrópole para poder sobreviver. Não foram poucas as vezes em que os roubou e os enganou, tomando para si todo o conhecimento que podia.

- Viemos falar com Joaquim Santos, líder Rosa Cruz – disse, o que fez Laviniah arregalar os olhos e avermelhar-se de imediato. Aqueles não eram os planos. Eles não deveriam denunciar que sabiam quem eram os rosacruz. – Diga que o assunto é urgente.

O garoto abriu o portão e os convidou a entrar, não falando mais nada enquanto andavam até a casa. Deixou que se ajeitassem no sofá enquanto ia chamar os outros membros da ordem.

- Por que fez isso? – perguntou Laviniah, em um tom ríspido. Sua voz chegou como uma faca aos ouvidos de Francisco.

- Apenas para lhes poupar o trabalho de usarem suas magias para retirar de nossas mente o que sabemos – respondeu ele, petulante, mas ainda sorridente.

Elkalas se intrometeu antes que a discussão continuasse.

- Gostaria de avisar a vocês dois que estou de férias e que, no

caso de se matarem, não poderão contar com minha companhia na Passagem.

As palavras do anjo da morte serviram apenas como munição para a briga.

- Não se preocupe. O Inferno enviará alguém para pegar esse mortal petulante – disse ela.

- Ah, será uma felicidade estar em um lugar onde não vou ter o desprazer de te encontrar.

“Quem precisava de um anjo da destruição com o poder de fogo que Elkalas dá para esses dois brigarem?”, pensou Zem’Yuriah, cruzando os braços e observando a casa. Todas as paredes estavam pintadas de branco e havia cópias de quadros famosos pendurados por toda parte. Ele se impressionava com a fidelidade com quem foram copiados, ficando tentado a elogiar o pintor que os fizera. Não duvidava que fôsse um dos magos rosacruz.

Liel cansou-se da discussão quando Gabriela entrou na briga para tentar calar Francisco e Elkalas começava a flertar mais uma vez com Laviniah. Observou uma Monalisa sorrindo em sua direção durante alguns minutos até sua atenção ser distraída por uma súbita vibração no ambiente. Havia alguma coisa os observando. Curioso, ele fez uma oração e um movimento os dedos, invocando uma magia para perceber espíritos. Sentiu-os por toda casa, em uma preparação ansiosa. Olhou para Elkalas, julgando que ele estivesse distraído demais para perceber, mas podia notar que o anjo tinha as mãos no bolso, pronto para retirar alguma arma de lá.

Joaquim, o líder local dos rosacruzes, chegou acompanhado de um homem vestido de padre. O mago português sentou perto de Francisco; tinha olhos amendoados, cabelos curtos quase tão brancos quanto os de Liel, além de um rosto cheio de rugas, de alguém que parecia cansado da vida. O padre que o acompanhava era um homem sorridente, vestido de maneira simples. Ele roubou a atenção do ambiente simplesmente por estar ali, agindo como um ímã para os corações de todos, exceto de Francisco, que o observou com desconfiança.

- Meus amigos, esse a meu lado é o padre Giuliano. Ele está nos fazendo uma visita, tendo nos trazido ótimos debates religiosos – falou o rosacruz. – E os senhores, o que nos trazem?

- Perguntas, apenas algumas perguntas, Joaquim – falou Francisco, mas não pôde continuar, sendo interrompido por Laviniah.

- Estamos aqui no meio de uma busca e suspeitamos que encontraríamos aqui algumas respostas para os problemas que nos afligem – falou a anjo.

- Posso saber quais seriam esses problemas? – Joaquim parecia bastante tranqüilo enquanto falava, sendo observado por Giuliano em cada frase.

Francisco não gostava nem um pouco da presença de padres. Já não os apreciava desde que começara a ser perseguido por eles há mais de duzentos anos, mas agora não era apenas o caso de caça e caçador. Sentia algo esquisito partindo de Giuliano, como um animal estranha o cheiro de alguém.

- Temos alguns inimigos espalhados pelo mundo e achamos que os rosacruzes podem nos ajudar. Nosso amigo aqui – apontou para Francisco – descobriu que vocês aqui trabalham com problemas espirituais e possuem vários criminosos presos. Gostaríamos de saber se poderíamos saber sobre o histórico desses que vocês aprisionaram.

- Precisarei de um tempo para reunir os arquivos de que precisam. Mas... a quem devo entregá-los? – perguntou Joaquim, apontando a falta de educação deles em não se apresentarem.

- Perdoe-nos pela falta de cortesia, mas preferimos continuar com nossas identidades em segredo. Achamos melhor assim do que mentir para as pessoas que pretendemos ajudar. Sabemos que isso será até mais seguro para os rosacruzes – falou Liel, percebendo que Laviniah ficara sem respostas e intervindo antes que Francisco contasse uma mentira.

Joaquim parou para pensar um pouco e olhou discretamente para Giuliano. Os dois pareceram se consultar por uma fração de segundos e depois o líder rosacruz levantou-se para guiá-los até a porta. O mago português disse que precisaria de um tempo para

organizar os arquivos e passar informações que não prejudicassem sua própria ordem.

- O que acham? – perguntou Liel, quando estavam reunidos no pequeno, mas aconchegante, restaurante da vila. Escolheram uma mesa nos fundos. Dumah havia usado seus poderes no local e ninguém podia ouvir qualquer informação secreta da discussão deles.

Francisco estava ocupado bebendo um pouco de vinho e elogiando Gabriela, que ria feliz ao ouvir as palavras doces que saíam da boca de seu amante. O restante do grupo observava os dois, apenas esperando que parassem com aquele momento romântico para que dessem continuidade à discussão.

- Não gosto de Giuliano – disse Francisco, colocando o copo na mesa como se estivesse encerrando um julgamento com um martelo.

- Você tem um grave problema com tudo o que é religioso. Ele parece ser um homem de fé – disse Laviniah.

- Realmente. Aquele homem transpira fé. De algum modo, me deixa mais a vontade para orar. É como se me incitasse a entrar em contato com Demiurgo – comentou Liel.

Elkalas e Zem'Yuriah trocaram olhares preocupados.

- Eu senti o mesmo – falou o anjo da destruição.

Gabriela e Dumah também concordaram. Aparentemente, apenas Elkalas e Francisco tinham opiniões diferentes. Liel continuou seus comentários, sem querer saber por que os outros pensavam diferente. A presença de Giuliano acabou com suas dúvidas por alguns instantes. Se aqueles dois não haviam sentido o mesmo, era porque lhes faltava fé.

- Acho bom estarmos preparados quando voltarmos amanhã. Eu...

- Espíritos – comentaram Francisco e Elkalas em conjunto.

- Talvez eles tenham os invocado apenas para se protegerem –

falou Gabriela, sempre agindo da mesma maneira pacífica. Ela não gostava de entrar em combate, mas, se era para o fazer, agia com pressa para acabar logo com a situação.

Eles preferiram concordar com as palavras de Gabriela e deram a reunião por encerrada. Esperavam que no dia seguinte soubessem o que acontecera com a alma de Victorius. Suspeitavam que ela estivesse presa naquela casa, uma prisão de onde escapara para eliminar Francisco. O problema seria ligar os rosacruzês a Laovich. A ordem era poderosa e nunca se uniria ao Serafim da Destruição. Teria aquele pequeno grupo português aliado-se à Nova Cruz?

Liel saiu cheio de dúvidas do restaurante. Depois que deixaram a casa, estivera ansioso para conversar com Giuliano de novo. Queria saber mais sobre os debates de fé que ele tinha com os rosacruzês. Talvez encontrasse algumas respostas para suas dúvidas nas palavras dele. Sua esperança era até irônica. Um anjo procurando apelar sua angústia com o que um humano tinha a dizer? Não deixou de rir da situação enquanto caminhava pelas pequenas ruas da vila, apreciando o luar.

Suas andanças o levaram até o fim da vila, onde parou para observar a estrada que levava de volta à Lisboa. Ficou parado durante algum tempo, ainda aflito com as lembranças que saltavam à sua mente, mas lhe escapavam quando tentava se fixar para saber mais sobre seu passado.

- Aflito? – perguntou uma voz atrás dele. Não precisaria se virar para saber que era Giuliano, mas voltou-se educadamente e o cumprimentou. – Vejo que está aproveitando a noite para refletir sobre suas aflições. Já orou hoje?

Liel lembrou-se que sua única oração naquele dia fora a que usara para invocar a magia para perceber os espíritos. Sentiu-se envergonhado por não dedicar alguns preciosos minutos para comungar com o Senhor.

- Não se sinta mal. O Senhor é paciente e sabe que ainda ouvirá suas orações. Ele espera isso de sua parte, mas não precisa ser um pai punitivo. Reconhecendo seu arrependimento e sua penitência,

ele permitirá que continue em sua luz – falou o padre.

- Penitência? – perguntou Liel, curioso com as palavras do padre.

- Ah, sim.... Nós temos que pagar nossa penitência para merecermos continuar ao lado do Senhor. Todos pecamos, meu amigo, mas devemos estar atentos para nos arrependermos e pagarmos por nossos erros. É assim que se encontra a paz verdadeira, quando você estirpa as trevas de dentro de você. Tenho certeza de que isso lhe fará bem. Sabe, é nos momentos de penitência que nos lembramos de nosso passado, do que fizemos. Precisamos disso para seguir em frente.

- Qual seria minha penitência, padre? – perguntou Liel, sedento para saber mais. Era algo quase irracional, mas sentia que precisava daquelas palavras para reestruturar os alicerces de sua fé. Há um bom tempo não conseguia mais se concentrar no que era, desde que as memórias haviam voltado. Agora precisava se decidir se continuava procurando seu passado para se entender ou se deixava tudo de lado e recomeçava uma vida nova. Precisava se decidir. Não poderia continuar naquele meio termo, sendo hora anjo, hora humano.

- Isso depende do que você quer, meu amigo. Alguns querem se livrar do passado e precisam destruir o presente para fazê-lo. Muitas vezes o presente nos faz pecar, talvez o que nos cerca. É... isso pode nos separar da luz. O pecado pode estar nos cercando e nos recusamos a vê-lo. Acabar com o pecado que nos cerca é um meio de reencontrar a luz – disse o padre cruzando os braços nas costas e olhando para o céu. – Ele está lá assistindo a tudo, esperando pelos nossos sacrifícios em Seu nome.

Liel fitou as estrelas e sentiu-se tomado por uma vontade de unir-se a Demiurgo mais uma vez. Sabia que não podia voltar à Cidade de Prata e aquilo o deixava desesperado, pois não teria lugar naquele mundo. Continuaría cercado de pecadores. Sim, porque todos eram pecadores! Francisco, Gabriela... Nem em Laviniah ou nos outros anjos poderia confiar, pois eles o caçariam tão logo tudo aquilo acabasse. Só sobreviveria se voltasse a se reencontrar com Demiurgo,

sentindo-se uno mais uma vez, sem precisar das forças celestiais ou sem se misturar aos mortais.

- Pense bem em uma vida, meu amigo. Eu tenho que ir – disse Giuliano, dando as costas e caminhando calmamente, arrastando os pés pela rua enquanto voltava para a colina dos rosacruz.

Liel cerrou os punhos enquanto via o padre se afastar. Pensava em um meio de voltar a se unir. Talvez a única oportunidade fosse encerrando de vez com os pecados de Gabriela e Francisco, que eram o mal que o cercava. Talvez também pudesse acabar com os planos de Laviniah. Decidido, ele começou a preparar suas magias, enquanto voltava para a pousada. Seu coração estava ditando as regras, tendo apagado tudo o que sua mente tinha a dizer. Sentia-se cheio de fé, poderoso porque as dúvidas haviam desaparecido. Era apenas anjo mais uma vez, disposto a viver em prol do Senhor.

Gabriela estava sentada na sala da pousada. Encostara-se no sofá e observava o local. Notou que não havia nenhum símbolo religioso lá. Achou estranho, porque Portugal era conhecido por ser um país católico. A devoção do povo costumava ser grande. Ela mesma queria ao menos ver uma peça religiosa, para saber se seria afetada por alguma delas. Cruzes, estrelas de David, a Bíblia e o Alcorão empunhados com fé tendiam a afastar a anjo, apesar de há algum tempo ter perdido essa aversão. Francisco ajudara-a muito a perder todo o temor e o dano causado por isso. Ainda sim, ela sempre queria se testar, principalmente depois do encontro com Giuliano, que a fizera se questionar se estava certo continuar seu caminho como uma humana. Ela sabia que seu sangue era diferente. Nunca seria como Francisco, nascido do ventre de uma humana. Talvez precisasse voltar a comungar com Demiurgo e não a agir como se ele fosse apenas alguém que a esperasse depois que as consequências de suas decisões houvessem chegado.

Estava quase decidida a conversar com Laviniah, perguntar se

ela poderia ser aceita como uma agente das Lanças de Christos, uma guerreira secreta que os ajudasse na Terra. O que a fez mudar de rumo foi um simples choro de uma criança. Ela ouviu um bebê dentro da pousada. Havia um ali. Levantou-se de imediato e não achou Francisco em lugar algum. Sem se preocupar com o mago, dirigiu-se até o balcão e chamou pela dona. A mulher não demorou a aparecer com a criança nos braços. O bebê já parara de chorar e brincava com um chocalho. O sorriso dele se abriu ainda mais quando a guerreira se aproximou, tocando-o com cuidado. Aquilo a fez se esquecer de qualquer vontade de se tornar anjo novamente.

- Posso segurá-lo? – perguntou com uma ternura irresistível.

A mulher não pôde negar o pedido e entregou o filho com cuidado.

Gabriela segurou a criança, sentindo seu calor e se encantando com os simples movimentos que o bebê fazia. Sua risada acariciava os ouvidos dela mais do que um coral de anjos faria. Ter o menino em seus braços deu-lhe vontade de ser mais humana ainda, talvez de gerar um ser como aquele e criá-lo como seu. Aquele seria mais um sonho que depositaria em seu coração: ter um filho com Francisco. Riu mais uma vez só de imaginar qual não seria a reação de surpresa e os xingamentos do mago quando ela comentasse aquilo.

A porta se abriu de repente, escancarando-se com violência e deixando a forma iluminada de Liel transparecer. Gabriela olhou aturdida para o amigo, tentando entender o que acontecia. Ela notou que ele carregava uma esfera de luz em uma das mãos e, na outra, segurava Francisco inconsciente pela gola do casaco. Ele preparou-se para arremessar a magia na direção dela, mas hesitou quando viu o bebê. A cena deixou o anjo duvidoso sobre o que fazer com Gabriela. De repente, ela lhe pareceu uma humana, uma pessoa boa a quem não lhe cabia punir. Vê-la segurando o bebê foi algo inesperado. Preferia surpreendê-la em uma de suas noites de paixão com Francisco, quando poderia usar todos os poderes contra eles, tendo presenciado seus atos. Uma memória veio à mente naquele instante, apagando por alguns momentos a fogueira da fé que ardia plenamente em seu coração. Uma mulher chamava por ele na cama, pedindo para que se apressasse. Ele

demorava-se por um bom motivo, um garoto de dez anos tentava lhe mostrar o mais novo encanto que aprendera. Assim como veio, a lembrança desapareceu, como se fôsse apenas um eco. Liel se viu de novo na sala da pousada, mas agora não havia nenhum bebê nas mãos da bela Gabriela. Nem mesmo a dona da pousada estava atrás do balcão.

A guerreira não sabia o que acontecera com seu amigo, mas não permitiria que ele nem ninguém tocasse em Francisco. Ela estava decidida a ser humana, mas não deixaria de ser uma guerreira, nem abria mão de seus poderes. Rapidamente, invocou uma habilidade especial que adquirira há poucos meses. Cruzou os braços, levando as mãos à cintura e depois os levou à frente, como se houvesse sacado alguma coisa. Adagas apareceram em suas mãos, sendo soltas e rumando na direção de Liel. Elas se dividiram no ar, passando de duas para quatro, depois para oito.

Liel sentiu uma das lâminas se enfiar em seu ombro, mas as outras foram detidas pelo escudo mágico que havia invocado mais cedo, antes de pegar Francisco de surpresa. As armas desapareceram e foram engolfadas por esferas de luz que surgiram em volta do corpo do anjo mago. Quase refêito da surpresa, ele liberou sua magia, deixando a bola iluminada que segurava partir em busca de Gabriela. O ataque místico atingiu a anjo quando ela já avançava com sua lança. Arremessada contra o balcão e sentindo o peito arder pela energia do golpe, ela rolou pelo chão para escapar de outro ataque, desaparecendo atrás do sofá.

O ambiente se iluminava cada vez mais, pois quanto mais excitado o anjo mago ficava, mais luz emitia. Assim ele preparou mais de suas magias, agora invocando uma de poder mais destruidor. Começou a se concentrar e liberou raios incandescentes que ricochetearam pelas paredes. Satisfeito, largou Francisco e sacou sua própria lança, correndo para se engalfinhar com Gabriela.

A guerreira saltou de trás do sofá, jogando todo o peso de seu golpe contra a lança de Liel. Por pouco o mago não caiu, sendo obrigado a recuar para recuperar-se da força do ataque. Gabriela avançou

para o atingir, mas não pôde continuar. Um dos raios passou por ela, queimando seu braço de raspão, depois ricocheteando no chão e rumando para Liel. A anjo se preocupou com o amigo, mas sentiu-se boba ao ver que o raio passara por ele sem causar dano. Com raiva, ela apontou para o mago e usou sua habilidade especial para cancelar os poderes místicos do inimigo. Dali por diante, ele não poderia mais lançar magias.

- Eu já estava preparado para isso, pecadora – gritou ele, avançando com sua lança.

Gabriela defendeu-se do ataque, estando pronta para contra-atacar com um golpe certo, mas um dos raios atingiu suas costas, fazendo-a cair de joelhos. Sem piedade, Liel estendeu sua lança de diamante e enfiou-a no ombro da inimiga. Como uma guerreira, ela já esperava aquele golpe, tendo se esquivado, mas deixado que a arma do mago penetrasse em seu ombro. Com o rosto contorcido de dor, ela agiu mais do que depressa, usando sua força para socar entre as pernas dele, fazendo-o se dobrar com um grito. A anjo levantou-se socando, agora atingindo o queixo de Liel e o fazendo voar pelo recinto. Vendo o corpo desfalecido de seu amigo, ela arrancou a lança do ombro e andou sangrando até Francisco. Abaixou-se para verificar como ele estava, deixando que o sangue caísse sobre o rosto de seu amante.

- Francisco... Francisco – chamou, mas ele não atendeu. Seus olhos continuaram fechados. Foi só então que ela notou o sangue saindo de suas roupas. Aquela visão fez lágrimas escorrerem por seu rosto, ainda que fosse uma guerreira acostumada com as perdas nas batalhas. Abraçou-se a ele enquanto o desespero aumentava em seu íntimo. Foi por pouco que não se lembrou do casaco dele, onde o mago carregava de tudo. Enfiou a mão em um dos bolsos, atingindo o espaço mágico. Desejou uma das poções de cura que Francisco sempre dispunha para essas situações. Quando retirou o pote, tremia tanto que quase não conseguiu jogar o líquido na ferida e fazer o mago engolir o restante. Já estava para procurar outra poção quando o viu abrir os olhos. – Fique quieto.

- O quê? – perguntou ele, sentindo a anjo carregá-lo. Foi

posto no sofá enquanto milhares de perguntas eclodiam em sua mente. Só se lembrava de um feixe de luz o atingindo.

Gabriela não sabia o que dizer. Como contaria a Francisco que um de seus melhores amigos o atacara? Olhou para Liel e viu que o mago começava a se levantar. Mais do que depressa, ela sacou sua lança e apontou para o pescoço dele.

- O que você... – começou a perguntar Francisco, mas sua mente ligou as informações naquele instante. Colocou-se de pé com dificuldade, não ligando para os protestos de Gabriela. – Por quê? Responda antes que eu te mate!

Francisco notou que Gabriela chorava. Olhou para a amante e notou o ferimento que se fechava em seu ombro. Aquilo o irritou ainda mais. Eles foram traídos e Gabriela ferida daquele modo! Pensou em pegar uma poção mágica para ela, mas não seria necessário. Os poderes de regeneração dela funcionavam melhor do que qualquer magia. Ela só precisaria de ajuda se estivesse com ferimentos muito profundos.

- Traidor! – gritou Francisco, começando a movimentar os dedos.

Liel pensou em invocar uma magia de proteção, mas antes que se desse conta de que não podia mais fazê-lo, foi tomado por outra memória. O ambiente se transformou, tornando-se escuro. Estava em uma masmorra e gritava a mesma palavra que Francisco. Sentia o sangue escorrer por todo o corpo enquanto berrava agoniado e esperava pela morte. Acordou quando ouviu os gritos de Gabriela pedindo para que Francisco se acalmasse. Ela agora olhava para Liel, lágrimas ainda banhando o rosto.

- Por quê? Por favor, diga... – pediu ela.

A fogueira de fê foi apagada por aquelas lágrimas. Já fora abrandada pelas memórias e não resistiria ao choro daquela mulher que o tratara com tanto cuidado desde que ele caíra. Como poderia tentar matar aqueles que haviam o acolhido com tanto carinho? Cansado, ele se ajoelhou orando. Os olhos estavam úmidos, prontos para liberar a corrente de sentimentos que se agitava em seu interior.

- Eu pequei contra meus amigos... Por favor... me perdoem...

Eu... – Não sabia o que dizer. As únicas palavras que saíam de sua boca eram desculpas. Seus modos aristocráticos e educados haviam desaparecido para que o orgulho não o impedisse de implorar pelo perdão dos amigos. Parou de falar quando sentiu as mãos em seu rosto. Gabriela o ajudou a se erguer.

- Não se preocupe – disse ela, com uma ternura que o deixou ainda mais arrependido. Ao contrário dela, Francisco ainda o olhava com raiva. Suas sobrancelhas estavam unidas e a testa enrugada indicava sua raiva. Ele não perdoava com facilidade, ainda mais alguém que havia tocado sua preciosa Gabriela. – Francisco – pediu a anjo.

- Escute... – começou ele, apontando um dedo. – Eu o cortaria em pedaços aqui e talvez ainda faça isso um dia... – Parou por alguns instantes, pois mal conseguia controlar a raiva. De repente, veio um desejo de destruir Liel e sugar toda sua energia. Queria extinguir aquela luz nas trevas dentro dele. Só se deu conta do quanto aquilo era errado quando olhou de novo para Gabriela. Mais por ela do que por ele mesmo, continuou – Você tem sorte porque Gabriela me torna uma pessoa melhor, Liel. Não sou ninguém para perdoar seu erro, mas espero que continuemos amigos.

Francisco cruzou os braços com raiva e tentou não olhar para o anjo. Respirou profundamente enquanto ouvia as explicações do outro.

- Não sei o que aconteceu comigo. Foi uma vontade estranha de voltar a me unir com Demiurgo. Minha fé atingiu um nível que eu nunca imaginei ser possível. Eu era comandado por ela. Sentia que não havia outra razão para viver a não ser me entregar a tudo que fosse necessário para manter a Lei. Não sei, mas as palavras de Giuliano me afetaram – contou ele.

- Giuliano? Por um momento, eu também pensei nele e minha fé ressurgiu quase como era antes... – começou ela.

- Eu disse que o padre era perigoso – falou Francisco, apenas para demonstrar que estava certo.

- Os outros? Onde estão os outros? – perguntou Gabriela.

Ela levantou a lança enquanto via Liel reassumir seus modos nobres e orgulhosos. Francisco tomou outra poção de cura para se recuperar mais depressa. Era hora de lutar mais uma vez.

A anjo estava no meio de um pasto, sentindo o vento frio bater em seu rosto. Laviniah estava ansiosa para abrir as asas mais uma vez. Seu peito queimava de vontade de voltar à Cidade de Prata e orar perante a luz do Senhor. Queria voltar a ouvir o canto dos anjos. Precisava da Sinfonia mais uma vez em seus ouvidos, atingindo a parte mais profunda de seu ser. Ela queria ser uma anjo completa mais uma vez. Estava cansada de se manter na forma da carne. No entanto, precisava continuar aquilo por causa de... Francisco. A culpa era dele, daquele pecador. Ele precisava ser punido. Deu meia volta e invocou sua lança. Precisava lutar, acabar com os pecadores.

Ela começou a caminhar na direção da vila, mas um braço forte a segurou. Sentiu os dedos de Dumah a apertando. O anjo do silêncio a observava com seriedade e impedia seu movimento.

- Largue-me, Dumah. Eu preciso ir. Tenho um trabalho a fazer – disse ela.

O muçulmano apenas balançou a cabeça em resposta, não a soltando. Laviniah não se moveu um centímetro enquanto estava segura.

- Eu disse para me soltar. Se não o fizer, estará agindo contra sua líder – gritou ela.

Dumah continuou parado, analisando e julgando Laviniah. Como sempre, nenhuma palavra saía de sua boca.

- Era de se esperar de um verme seguidor de Maomé como você! Tudo o que merece é o sabor de minha lança! – xingou ela, preparando-se para atacá-lo.

As estrelas brilhavam como se estivessem ansiosas por combate, observando tudo de cima. Dumah saltou para trás e o machado prateado apareceu em sua mão, ainda que ele o mantivesse

baixo. Laviniah apontou a lança para o guerreiro e cruzou seus olhos esmeralda com as órbitas escuras dele. Vendo aquele olhar que tão raramente se alterava, as chamas de seu coração pararam de crepitar por alguns segundos.

- O que eu estou fazendo? – perguntou para si mesma. Olhou para a lança e depois pensou nas palavras que dissera. Não tinha o direito de falar daquela maneira com Dumah, alguém que estivera a seu lado nos momentos mais difíceis e sempre obedecera calado a suas ordens. – Dumah, perdoe-me pelas palavras brutas. Eu... fui intolerante.

Ela não se surpreendeu com o silêncio do amigo, mas viu que havia compreensão em seu rosto. Os dois se aproximaram e se abraçaram. Laviniah se deixou envolver pelos braços enormes do guerreiro, chorando em seu ombro. Não sabia o que estava acontecendo. Havia emoções demais em seu interior e sentia que a culpa não era da forma que assumira. O furacão de sentimentos começara há alguns anos, quando descera à Terra para capturar o arquimago Adapa. Lembrou-se das batalhas e dos amigos que perdera naquele que seria um curto período na vida de um anjo. “Preciso repensar muita coisa em minha vida”, disse para si mesma, antes de orar e pedir iluminação a Christos.

- Eu ouço a prece que você faz ao Nazareno – disse uma voz atrás dela.

Laviniah virou-se para ver o padre Giuliano no meio do pasto. Ele olhava para as estrelas enquanto falava. Parecia despreocupado, como se não se importasse com a lança que ela tinha em mão, muito menos com o machado de Dumah.

- Ele vai ouvi-la e pode ser que a perdoe. Não sei, mas Ele não costuma perdoar anjos. Nem o Nazareno nem o Pai. Acostume-se com seus erros, pois eles se acumularão em sua eternidade – disse Giuliano, antes de voltar a caminhar pelo pasto. Tinha as mãos cruzadas nas costas e andava despreocupado.

- Pare! Onde pensa que vai! Vem aqui e ousa tocar no nome de Christos! Acha que pode falar assim do Filho?

- “Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, Rocha minha, Redentor meu” – disse Giuliano, citando os Salmos da Bíblia.

- Acha que Demiurgo vai mesmo ouvir isso? Acha que ele quer conselhos como esse? – perguntou ela, nervosa. Ergueu a lança e jogou-a com um tiro certo, visando as costas de Giuliano, mas a arma chocou-se contra um escudo invisível.

- “A nossa alma espera no Senhor; Ele é nosso auxílio e nosso escudo” – citou mais uma vez, continuando sua caminhada.

Laviniah não se deu por vencida. A Espada da Sina materializou-se em sua mão e ela preparou um ataque, mas foi contida por Dumah.

- O que é você? Só pode ser um demônio! Ou é um Decaído!? – gritou ela, antes de perceber que havia dois magos rosacruz os cercando, sem contar alguns espíritos que haviam se materializado. Os últimos tinham formas escuras com galhos brotando de suas faces. Outros se pareciam com humanos e deviam ser almas penadas. – Vocês vão nos desafiar? Como pode a Rosa Cruz se unir a um verme como ele?

- A resposta está na fê – respondeu um dos magos, já preparando um encanto.

- “Mas, na verdade, Oxalá que Deus fâlasse e abrisse Seus lábios contra ti e te fizesse saber os segredos da sabedoria” – citou Giuliano pela última vez, antes de desaparecer na escuridão.

Fogo espiritual brilhou na noite, crepitando na direção de Laviniah. As chamas famintas não a acertaram por pouco. Pulou usando as pernas poderosas, sendo recebida por um espírito em pleno ar. A criatura saltou para lhe enfiar as garras, mas foi recebida pela Espada da Sina. Decapitada, a criatura desapareceu antes de cair, sendo enviada de volta a seu mundo. A anjo caiu em frente ao mago, mas não atacou a tempo. Outros espíritos saltaram sobre ela, sendo que um cortou seu braço e outro a segurou por trás. O mago se aproveitou do momento para invocar outra magia. Concentrou a energia dos espíritos e os explodiu. Laviniah tremeu e depois se sentiu queimar quando a

força espiritual varreu seu corpo. Caiu fraca, coberta por queimaduras. O mago estava invocando outra magia, porém foi impedido quando um espírito chocou-se com ele. Os dois caíram na grama e Dumah tocou o chão a seu lado.

O machado prateado do guerreiro voou de um lado para o outro, destruindo espíritos e almas que tentavam se aproximar. Membros separavam-se dos corpos materializados e desapareciam segundos depois. Os inimigos foram diminuindo gradualmente. Quando Laviniah se levantou, havia apenas os magos. Ela brandiu sua espada e preparou-se para o ataque.

- Como podem aceitar os dizeres de um louco? – perguntou ela.

- Criatura intolerante. Vai saber o que é punição – disse o rosacruz, jogando as chamas mais uma vez contra os anjos. O outro chamou por outra magia, essa poderosa o suficiente para cortar as pele dos anjos sem que eles pudessem se defender. Cortes se abriram em seus corpos, deixando que o sangue celestial escorresse por suas roupas humanas.

Laviniah viu Dumah absorver o poder das chamas e aproveitou-se para correr na direção dos magos. Sua espada chocou-se contra barreiras místicas, mas rompeu as defesas, atingindo os inimigos. Ela não os cortou mortalmente, mas deixou a Espada da Sina executar seu poder. Não sabia qual seria o destino daqueles dois e não parou para ver. Deixou-os inconscientes enquanto corria para a vila. Dumah a acompanhou durante o percurso, suas feridas desaparecendo enquanto aproximavam-se de mais um combate.

A anjo olhava para a Espada da Sina, imaginando se a usaria contra outros magos. A Lâmina tinha o poder de punir suas vítimas como se tivesse vida própria. Tocando os espíritos, Laviniah poderia enviá-los para Spiritum, mas ela nunca tinha certeza do que acontecia. Alguns eram destruídos ou aprisionados depois de serem golpeados. Tinha medo de usar a lâmina em humanos, primeiro por desconhecer as conseqüências e segundo pelo poder colateral dela. Sempre que a anjo matava com orgulho ou raiva, uma mancha aparecia. Ao pensar na

intolerância a que o mago se referiria, ela guardou a espada. Temia que estivesse errada naquela luta desesperada contra os servos de Laoviah ou quem quer que agisse por trás de Giuliano. Invocou a lança e continuou a corrida.

- Quem você acha que é esse Giuliano? – perguntou Zem'Yuriah, enquanto andavam pela vila.

- Você está morrendo de curiosidade, não? – brincou Elkalas, ainda que se preocupasse com o estranho padre.

- Acha que pode ser Laoviah? – continuou o anjo da destruição, sem atentar para a brincadeira do amigo.

- Gostaria de falar com certeza que estamos enfrentando Laoviah, mas eu não sei.

Os dois continuaram andando um pouco, até algo chamar a atenção de Elkalas. Havia um gato dormindo na calçada. Eles passaram pelo animal e o bicho não se moveu, continuando deitado e despreocupado. O anjo da morte olhou para os lados e viu luzes acesas nas casas, mas não havia nenhuma atividade. Seus ouvidos atentos não encontraram nenhum barulho, nenhuma conversa que fosse.

- Silêncio no sono, silêncio na morte... não são os mesmos, mas são louváveis a seu próprio modo – disse ele, parando e olhando para os telhados das casas. Como esperava, viu formas se movendo de um lado para o outro. – Saque suas armas. Não se preocupe em ser discreto. Todos estão dormindo.

Zem'Yuriah não precisava ouvir duas vezes uma ordem para entrar em batalha. Doutrina, a espada flamejante, brilhou em sua aparição súbita. Naquele mesmo instante, fantasmas materializados os cercaram. Os magos apareceram no fim da rua.

- Acho que eles pretendiam nos fazer dormir também – comentou Zem'Yuriah, só agora percebendo o plano dos inimigos.

- A morte não dorme, oras. Como são ingênuos! Aparecem aqui e querem vencer a morte? Ainda que se fosse em um jogo de

xadrez eu aceitaria... mas... matar a morte? – perguntou Elkalas, enquanto sacava duas pistolas negras do sobretudo.

- Onde você arranjou isso? – perguntou Zem'Yuriah.

- Como assim onde? Você acha que eu seria suficientemente idiota para assumir a forma da carne e não me aproveitar das armas humanas? Eu sou um anjo atualizado, Zem. Lembre-se que a morte sempre está atualizada. Ou você tem visto os humanos vivendo para sempre por aí? – falou Elkalas, contando o número de espíritos. Deveria haver pelo menos quinze deles, fora os seis magos que estavam na calçada. A batalha seria difícil. – É hora de lhes apresentar Foice... que eu gosto de chamar de Eu Estou Certo do Que Estou Fazendo e Desencarnadora... que... que ainda não tem um apelido. Mas isso é uma questão de tempo.

- Pelo que eu conheço da sua imaginação fértil... não duvido. Vamos ver o que elas podem fazer por nós – disse Zem'Yuriah, encostando suas costas nas de Elkalas.

Os espíritos começaram a saltar sobre eles com garras prontas para acabar com sua existência. Elkalas abriu um grande sorriso, pois finalmente poderia testar suas armas. Fora difícil consegui-las, mais difícil ainda convencer um anjo Virtude a abençoá-las. Ele gargalhou satisfeito quando a primeira bala foi disparada. O projétil voou deixando um rastro negro para os olhos espirituais. Passou entre vários espíritos para atingir seu alvo. O primeiro inimigo tombou com uma bala na testa, contorcendo-se e depois sumindo, mandado de volta para o mundo espiritual.

- Esse desencarnou! Agora é hora de ceifar! – riu o anjo da morte, começando a disparar para todos os lados.

Zem'Yuriah levantou a espada e começou a golpear aqueles que chegavam mais perto. Doutrina cortava de um lado para o outro, enchendo o ar de chamas e jogando espíritos queimados no chão. As criaturas caíam agonizantes, rolando para apagar o fogo que consumia suas formas materializadas. O anjo da destruição sentia-se cada vez mais poderoso acabando com aqueles inimigos. Não se descuidava por um segundo que fosse. Com o tempo, os oponentes ficaram cientes do

poder dos anjos e formaram um círculo, avaliando melhor a estratégia de ataque.

Joaquim apareceu entre as criaturas que ele mesmo invocara. Apontou um bastão prateado para os celestiais. Os outros magos tomaram outras posições ao redor dos adversários.

- Esse será o fim de vocês! – declarou o homem.

- Ele está falando com a gente? – perguntou Elkalas.

- Bem, eu não estou vendo mais nenhum anjo com espada flamejante ou um idiota com óculos escuros por aqui – retrucou o anjo da destruição, que já começava a invocar uma bola de fogo. As chamas brilhavam em sua mão esquerda, prontas para serem arremessadas.

- Sei... É preciso muita sensibilidade para notar uma coisa dessas.

- Querem brincar em seus últimos momentos? – gritou Joaquim, começando a invocar o poder de seu bastão mágico.

- Fim... último... Eu gosto tanto dessas palavras. Você, não? – falou Elkalas.

- Não... prefiro algo como: Cabum! – respondeu Zem'Yuriah.

- Sucinto... – falou Elkalas, momentos antes de o poder do bastão fazer efeito.

Toda a área em volta dos anjos começou a brilhar. A energia aumentava formando um redemoinho espiritual que começava a sugar os poderes dos anjos. Eles sentiam suas habilidades decaindo em força. Seus músculos começavam a se enfraquecer, pois não conseguiam mais manter sua forma humana, ao mesmo tempo que não tinham como se livrar dela. Elkalas sentiu os joelhos fraquejarem, mas não se deu por vencido. Levantou Foice e Desencarnadora, começando a disparar na direção de Joaquim. As balas passaram pelo redemoinho, mas foram interceptadas pelos espíritos. Mais quatro deles desapareceram enquanto Elkalas sentia o restante de suas forças sumirem.

Zem'Yuriah tentou reagir, mas a bola de fogo que invocara desapareceu, sugada pela força do redemoinho. Agora só tinha Doutrina e mesmo a espada já começava a perder sua energia. Suas atitudes deveriam ser rápidas se quisesse escapar. A única alternativa que

apareceu em sua mente foi criar seu furacão de ira, invocando toda sua energia de anjo da destruição. Já estava para usar seus poderes quando sentiu o redemoinho desaparecer. Notou que Joaquim olhava-os surpreso, tentando ativar o bastão mais uma vez. Ao lado do líder rosacruz, um dos magos caiu quando espinhos mágicos penetraram em seus olhos.

- O que seria dos anjos da morte se não fossem os humanos para trabalharem por eles? – disse Francisco, aparecendo no alto de uma das casas. Liel e Gabriela estavam ao lado deles.

Os rosacruzes não tiveram tempo para reagir. O celestial mago invocou esferas de energia, mas não ousou usá-las contra os humanos. Não queria matar nenhum deles. Seria um erro encerrar a vida daquelas pessoas ali. Se o fizesse, não as daria a oportunidade de se redimirem. Elas ainda precisavam de tempo para perceberem o erro que haviam cometido ao seguir Giuliano. Ele usou suas esferas para destruir o escudo místico de um rosacruz e depois o deixou inconsciente com uma magia de dano menor.

Gabriela saltou sobre os inimigos jogando suas adagas enquanto ainda estava no ar. As lâminas voaram atravessando a barreira mágica de um mago e enfiando-se no peito, na barriga e na face esquerda. Não havia dúvidas de que ele tombara morto. Ela caiu e rolou, invocando a lança durante o movimento e só parando quando a arma estava enfiada em um espírito.

Francisco, ao contrário de Liel, não se preocupava em poupar a vida de ninguém. Suas magias eram as mais mortais possíveis. Ele não se importava com o que podia acontecer com aquelas almas. As escolhas delas eram de responsabilidade de mais ninguém a não ser delas mesmas. Se queriam lutar em nome de uma causa, que morressem em nome dela então. Ninguém ali era ingênuo a ponto de colocar a mão no fogo e julgar que não se queimaria. Por isso ele invocou uma magia chamada corte espectral. Retirou uma adaga e um pedaço de vidro de dentro do casaco. Usou a lâmina para arranhar o vidro enquanto recitava as palavras mágicas. Mais um rosacruz caiu, aparentemente sem ferimentos. Só quando já estava no chão foi

possível ver o sangue brotando da camisa. Seu peito fora cortado tão profundamente que as costelas se partiram e o coração e os pulmões foram destruídos. Usou a magia contra outro mago, agora mirando no pescoço. A cabeça do rosacruz foi separada do corpo e rolou no meio da batalha.

- Esse mago dá muito valor ao meu trabalho – disse Elkalas, atirando nos espíritos que tentavam se aproximar. Suas balas furavam os corpos dos inimigos e acabavam com suas formas físicas. Quando eles já estavam muito perto, o anjo guardou Foice e sacou a espada Boas Vindas à Morte.

Zem'Yuriah começou a utilizar seu poder de destruição, agora que suas energias haviam voltado a seu corpo. Chamas voavam de um lado para o outro, explodindo sobre os espíritos e enviando outros deles para longe dali. Os poucos que restavam para desafiarem os anjos sumiram por causa das balas de Elkalas ou pelo poder do anjo da destruição. Agora só restavam dois magos.

Um dos rosacruzes tentou reagir ao ataque de Gabriela, mas as adagas mágicas que invocou contra a guerreira não surtiram efeito. Ela se desviou de todas e quebrou a barreira mística do inimigo com três golpes de sua lança. Ele afastou-se surpreso e tentou usar outro feitiço. Antes que pudesse terminar a invocação, a lança de Gabriela estava enfiada em seu peito.

O último rosacruz era Joaquim. À frente dele estavam Liel e Francisco, ambos com magias prontas para um ataque final. Laviniah e Dumah apareceram pouco depois já com as armas nas mãos. Ele baixou o bastão enquanto olhava se deixava ser cercado pelos inimigos. Tinha o rosto sereno como se não se importasse com a derrota.

- A quem você está servindo, mago? – perguntou Laviniah, apontando sua lança para o humano.

Joaquim não respondeu, apesar de seus lábios terem se movido levemente.

- Cuidado! – gritou Francisco, já retirando um de seus amuletos de proteção e o ativando.

Elkalas notou o que estava acontecendo e saltou na frente de Laviniah, abrindo os braços e invocando seus poderes. O bastão que Joaquim segurava explodiu, liberando toda a energia espiritual que continha, criando uma onda cortante que teria estraçalhado o corpo dos anjos se não fosse a proteção de Elkalas e o amuleto de Francisco. O ar vibrou como se uma onda de calor estivesse expandindo-se na região, depois tudo voltou ao normal, como se nada houvesse acontecido.

O grupo parou para olhar os corpos dos magos espalhados pelo chão. Liel abaixou-se para verificar o estado daquele que deixara desmaiado. Não havia pulso. Foi fácil deduzir que a alma dele fora duramente atingida no ataque, talvez tanto que sua mente tenha sido destruída, causando sua morte. O anjo levantou-se lamentoso, porém sem perder a costumeira dignidade. Parou ao lado de Gabriela, cruzando os braços e soltando um ar de nobre enfiado, aborrecido como se o mundo não estivesse agindo como deveria.

- Por que está matando assim, Gabriela? Somos anjos, não deveríamos matar – falou ele.

- Você pode ser um anjo, Liel, mas eu não. Sou humana, quero ser humana. Está vendo asas em minhas costas? Ainda que eu anseie por elas de novo, eu não tenho coração de anjo, mas de mulher – falou ela, decidindo-se cada vez mais por seu destino.

- Mas você está negando a eles a chance de se arrependerem – insistiu o celestial mago.

- Eles tomaram suas decisões nessas vidas e devem arcar com as consequências no que vem agora. Nenhum deles era inocente, eram todos adultos. Também, o mundo não acaba aqui, Liel. Tudo faz parte do ciclo. Eles terão outra chance no futuro, mas, se escolherem lutar contra mim, perderão outra oportunidade de viverem – rebateu ela, cruzando os braços enquanto observava os outros.

- Acho que matar não é a melhor resposta – disse ele, lembrando o quanto agira errado ao pensar em matar Francisco e Gabriela.

- Matar ou assassinar? Eu sou uma guerreira Liel. Fui treinada para matar pelos próprios anjos. Na própria história dos

seguidores de Demiurgo há uma multidão de guerreiros que matam seus inimigos. Eu não mato por prazer ou por vingança, mas por uma causa ou para me defender – dizia ela, mais para si mesma do que para ele. Falava com firmeza porque aquelas palavras deveriam estar gravadas em seu coração. Elas eram sua escolha de vida e não as entregaria a ninguém.

- Você fez sua escolha, eu fiz a minha. Espero que isso não nos separe um dia, pois o que eu sinto por você fará meu coração doer tanto quanto a distância que estiver entre nós – declarou, antes de afastar-se para ouvir o que Laviniah debatia com Francisco.

Elkalas estava ao lado de Zem'Yuriah. Os dois observavam os corpos dos magos, notando que suas almas haviam desaparecido. Talvez estivessem perdidas no mundo espiritual por causa dos poderes do bastão de Joaquim. Anjos da morte ou demônios da morte precisariam ser enviados para as resgatarem.

- Ai, que triste – falou Elkalas.

- É, eu sei o que está sentindo. É triste ver todas estas pessoas mortas e suas almas perdidas por aí. Faz a gente se sentir mal por nosso trabalho. Ainda bem que nossa fê nos consola nesses momentos – falou o anjo da destruição. Tinha uma expressão solene, que se alterou para curiosidade ao ver o estranhamento no rosto de Elkalas.

- Do que você está falando? Ai Que Triste é o apelido que eu acabei de criar para a Desencarnadora! O que acha? Genial, não é?

Zem'Yuriah ficou mudo por alguns instantes. Seu rosto tornou-se vermelho tanto de raiva quanto de vergonha. Parecia prestes a entrar em chamas quando Elkalas mostrou-lhe a língua e fez uma careta.

- É... Você tem certeza de que está no ramo certo? – perguntou o anjo da morte para o amigo.

- Qual é seu problema? Eu tenho sentimentos – falou o anjo da destruição.

Elkalas tentou não rir depois disso. Aquela declaração foi séria para os dois, trazendo de volta as memórias mais amargas de suas

vidas. Seus sentimentos já haviam lhes causado muitos problemas. Zem'Yuriah deixara a Cidade de Prata por se preocupar com a situação dos mortais, tendo quase se perdido depois de se apaixonar por uma humana. Ele observou a mulher durante toda a vida da mortal, vendo-a morrer de velhice e carregando-a para o Céu. Aquela foi a última vez em que o anjo da destruição pisou no Paraíso. Foi quando recebeu o poliedro de Christos e voltou para seu exílio na tentativa de conter seus sentimentos e o ímpeto furioso, a impulsividade que o movia a usar seus poderes contra qualquer um que julgasse inimigo dos anjos. Elkalas lembrava-se muito bem de todas as vezes que Zem'Yuriah desafiou seus superiores, ficando próximo à Queda. Foi quase o que ele mesmo fizera por causa de um mero sentimento. Mas aquela era uma lembrança amarga que ele não queria recordar no momento.

Enquanto os dois anjos calavam-se para amargar as memórias antigas, uma discussão se iniciava perto do corpo de Joaquim. Era uma briga tão corriqueira que ninguém se importou com a gritaria.

- Por que você tinha que matar todo mundo? – berrava Laviniah.

- Oh, meu Deus! Outro pecado na minha lista. E agora, o que farei? – perguntou Francisco, cínico como sempre.

- Vai sofrer mago. Pode ter certeza – disse ela, quase avançando para cima dele.

- Ai, como minha alma geme de medo nesse momento de dor. Será que não basta o peso que se abate sobre minha consciência nesse momento? – A encenação do mago fazia seu cinismo bater recordes naquele dia. Francisco não estava nem um pouco disposto a ouvir as acusações da anjo e sabia que um jeito de rebater aqueles gritos de maldições religiosas era com muita ironia.

- Eu faço questão de descer ao Inferno apenas para ouvir seus pedidos de clemência – jurou a anjo.

- Pela fúria do Senhor! E eu que pensei que você preferia música clássica. Ia te convidar para ouvir um amigo meu, um Tronos, tocar – disse Elkalas, aparecendo de repente, súbito como um ataque cardíaco fulminante.

- Por que a discussão? – perguntou Zem'Yuriah, parando ao lado do anjo da morte.

- Olhe, estão todos mortos! – apontou Laviniah.

- Pragas Egípcias! E eu que pensei que estivessem fingindo!

Bem que eu vi que aquele sangue parecia real demais. E eu sabia que humanos não podiam prender a respiração por tanto tempo – falou Elkalas, a ironia tão sutil quanto os gritos de um condenado da Inquisição.

- Acho que você não notou por causa dos óculos – comentou Francisco. – Mas ao menos você já veio com a roupa nas cores apropriadas.

- Parem com isso! – gritou Laviniah.

- É mesmo. Sou um anjo precavido. Sabe, por pura coincidência, encontro muita gente nessa situação no meu trabalho. Então já me visto assim por sinal de respeito – continuou Elkalas, sem dar atenção à anjo.

- Parem com isso! – gritou Laviniah, mais uma vez, com mais força.

- Muito bonito da sua parte, Elkalas. Sabe, eu também me encontro nessa situação com muita frequência, quando as pessoas me irritam ou discordam de mim, por exemplo. Só que não consigo ficar preparado para isso. Mas eu mando flores para as famílias deles – falou Francisco, obviamente usando apenas ironia, falando aquilo apenas para irritar Laviniah.

- Parem com isso agora!

- Ai, que triste. Deve ser muito ruim não estar vestido adequadamente para uma situação como essa. Mas acho muito bonito de sua parte enviar as flores.

- É um sinal de respeito.

- E um sinal de seus pêsames.

Gabriela abraçou Francisco e Zem'Yuriah segurou Elkalas com força, com vontade de esbofetear o amigo. Liel ria discretamente da situação, não por gostar de ver os dois caçarem de Laviniah, mas por achar tudo aquilo infantil. O celestial mago queria partir logo para

ação, pois estava preocupado com os planos de Laoviah. Cada minuto que perdiam com brincadeiras era aproveitado pelos servos do Serafim para que seus planos progredissem.

Dumah segurou Laviniah, claramente pedindo que sua líder se acalmasse. Ela parou e orou, pedindo mais sabedoria e paciência naquele momento.

- Depois eu te ensino uma oração que eu fiz para suportar esse anjo da morte por tantos anos – falou Zem'Yuriah, antes que ela voltasse a falar.

- Acho que Giuliano é um dos servos de Laoviah. Agora ele já sabe que estamos atrás dele – disse ela. – Talvez possamos usar nossas formas espirituais mais uma vez. Poderíamos partir para o combate direto. Estou ansiosa para encontrar aquele Serafim.

- O quê? Só se for você! Eu não estou nem um pouco empolgado para ficar frente a frente com uma máquina de destruição criada por Demiurgo e aperfeiçoada por milênios – falou Francisco.

- Laviniah, Francisco tem razão. Eu li sobre seus confrontos com o Serafim e vi que você conheceu o poder dele apenas em momentos em que estava debilitado como depois de sua Queda ou após o ritual do Assassino de Almas. Acredite, ele pode muito mais do que você imagina – falou Zem'Yuriah.

- Você diz isso porque o serviu. É um anjo da destruição também – acusou Liel, desconfiado do colega. Temia que pudesse acontecer com ele o mesmo que lhe ocorrera. Pensava que seria mais difícil para Zem'Yuriah escapar da tentação da fê.

- Sou um anjo da destruição e Laoviah foi meu general por muito tempo, Liel. Eu conheço nosso inimigo ainda mais do que vocês. – O anjo da destruição estava insatisfeito com a desconfiança, mas não podia culpá-los. Houve uma época em que ele pensava como seu antigo general. Foi essa uma das razões que o levaram ao exílio. Preferiu se abster da política angelical a se submeter às novas doutrinas que surgiam como o perdão e a falta do castigo. Ele e muitos anjos que lidavam com questões usadas em tempos de mais violência ou em que a justiça tinha uma mão mais pesada foram se exilando para não

caírem. Foram necessárias algumas décadas para que Zem'Yuriah passasse a se preocupar com a humanidade e pensasse em usar seus poderes apenas para destruir demônios, não para atingir o mundo material e os humanos.

- Podem confiar em Zem'Yuriah. Ele é meu amigo. – Elkalas falou de um modo que sua declaração não podia ser questionada.

- Muito bem. Temos que seguir em frente. Acho que seguir Giuliano será o próximo passo. Duvido que encontremos algo útil na casa dos rosacruz – disse ela, olhando para Francisco com uma expressão acusadora.

- O quê? O que tem eu? – perguntou ele, cínico como sempre. Na verdade, ele não precisaria ir à casa para procurar nada; já enviara alguns espíritos para lá. Em breve teria todo o material dos rosacruz. Haveria muito mais conhecimentos e poderes para juntar aos que já tinha. Ele só lamentava que magos tão capazes e que auxiliavam tanto a humanidade houvessem caído nas palavras de Giuliano. Francisco não era de todo insensível e sabia das obras de caridade e das proteções espirituais que a Rosa Cruz criava nos locais onde agia. Esperava que outros deles aparecessem ali para continuar o trabalho. Ele mesmo passaria a informação adiante sobre o que acontecera, aproveitando para alertar os magos sobre a destruição que Laoviah poderia causar em seu meio.

- Esqueça – disse Laviniah, sabendo que era perda de tempo discutir com ele. Aquele era o momento de se unirem e partirem para a luta direta.

- Acho que podemos voltar a nossas formas naturais – falou Zem'Yuriah, apressado para abrir suas asas e apanhar Giuliano antes que ele reencontrasse Laoviah. Liel concordou, assim como Dumah, mas a resposta negativa veio por parte de Laviniah, para a surpresa de todos.

- Confesso que também estou ansiosa para voltar a abrir minhas asas, mas não foi à toa que recebemos ordens de tomar a forma da carne. Viajar pelo mudo espiritual chamaria ainda mais a atenção para nosso grupo. Há mais seitas e organizações envolvidas nisso. A

prova é o demônio Nufátia. Duvido que ele estivesse preso aqui com os rosacruz. Na minha opinião, ele foi pego espionando a Nova Cruz e incumbido por magia ou ordem espiritual a assassinar Francisco.

Elkalas sorriu, satisfeito com as palavras dela. Olhou para o rosto da anjo, atraído pelas palavras fortes, e se encantou com sua beleza mais uma vez.

- Francisco, arrume as passagens de volta e tente conseguir informações sobre Giuliano. Nós vamos viajar para encontrá-lo. Duvido que ele fique em Portugal. Ele vai viajar para encontrar Laoviah – ordenou a anjo.

- E por que você acha que ele não está aqui? – perguntou Liel.

- Ainda estamos vivos – falou Gabriela. A resposta agradou a todos, menos Laviniah que diria que se o Serafim estivesse em Portugal, estaria coordenando diretamente a missão dos rosacruz, aproveitando melhor o poder daqueles magos.

Francisco começou a dar telefonemas e a fazer transferências em suas contas de banco ou a enviar pergaminhos mágicos em troca das informações que começava a receber. Não demorou a saber que Giuliano tomara um avião para o Brasil.

Giuliano acabara de embarcar e sentara-se ao lado de Betânia no avião que ela comprara para as viagens que precisava fazer no mundo humano. O padre apreciava a eficiência da parceira, sempre sabendo como lidar com o dinheiro dos humanos e manipular os investimentos. Era por causa dela que a Nova Cruz já tinha tanto dinheiro no mundo mortal sem nem mesmo ter arrebatado os fiéis como tinha intenção. Ela tomava uma taça de vinho enquanto lia alguns papéis. Estava de pernas cruzadas e seria uma tentação se o homem à frente não fosse tão certo de sua fé.

- Quais as novidades? – perguntou ela só depois que o avião alçou vôo.

Giuliano não respondeu por algum tempo, primeiro achando engraçado o fato de anjos usarem aquelas máquinas para voarem.

- Victorius não encontrou Francisco e os outros como deveria. Eles me descobriram junto aos rosacruz – contou, só então atraindo a atenção dela.

Betânia ergueu os olhos dos papéis para o padre. Colocou a taça de vinho sobre a pequena mesa e fitou intensamente seu aliado.

- Eles já sabem sobre nós... O que sabemos sobre eles? – perguntou ela, descruzando as pernas e depois cruzando novamente.

- Há um grupo misterioso atrás de nós. Todos estão na forma da carne. Assumiram a forma humana para nos caçar. Pelo que vi, são Laviniah, Dumah, Francisco, Gabriela, Liel, Elkalas e Zem'Yuriah.

- Dumah? Eles enviaram apenas ele e Laviniah daquelas tais Lanças de Christos?

Giuliano fez que sim, colocando uma mão no queixo e olhando pela janela.

- Nosso Meretz não ficará feliz com isso. Nem um pouco para dizer a verdade. O fato de eles terem nos descoberto pode arruinar nossos planos – falou Betânia, mas o comentário arrancou uma leve risada de Giuliano.

- Nosso Meretz tem milênios de idade, Betânia. Acha que ele tem um simples plano que segue uma linha reta?

Ela parou para pensar naquilo. Mordeu a própria língua com força para lembrar-se de não mais duvidar de Laoviah. Seu coração tremeu por alguns instantes. Devia tomar mais cuidado ao fazer algum comentário sobre o Serafim. Eles estavam indo de volta para o Brasil e se encontrariam de novo com seu líder. Ela poderia ser punida severamente se não acreditasse no futuro promissor da Nova Cruz. Pensando bem, não havia como não fazê-lo. O Serafim era eficiente no que fazia.

Capítulo Cinco

No Rio Cócito

A perda de Kushiell abalou o grupo. Nenhum deles esperava que o Anjo da Punição ficasse para trás, principalmente porque contavam com ele como guia. Claro que também havia os laços de amizade, mas nada os abalou mais do que perder um dos principais Coah. Aquilo significava que todos poderiam ser derrotados a qualquer momento.

- Fé em nosso Meretz. Nós vamos conseguir – incentivou Rizielle, quando já estavam no Terceiro Círculo do Inferno.

Naquela região eram punidos os gulosos; seus enormes e pesados corpos eram jogados em grandes valas onde se esmagavam e gritavam em sua eterna fome. Mas não era só assim que eram punidos, como os anjos puderam ver pelas estradas pelas quais andavam. Durante um bom tempo eles caminharam por ruas que eram feitas a partir de almas cobertas por piche fervente. Tudo o que podiam ver desses espíritos eram seus rostos enegrecidos que pediam ajuda e comida constantemente, enquanto xingavam quem pisava sobre eles. Às vezes tentavam morder as botas dos anjos ou distraí-los para jogá-los em um dos poços de glutões.

Kesser levava Annah nos ombros e chutava aqueles rostos mais afoitos que ousavam falar com ele. O Anjo da Força não queria a atenção de nenhum daqueles pecadores, já se sentindo mal por carregar aquela mulher.

Caminharam e voaram durante dias, ou imaginavam que fossem, até chegarem ao Rio Cócito. Encontraram algumas batalhas, mas passaram por todas, às vezes com ferimentos graves, mas sem perderem mais membros do grupo. Graças aos poderes de Shof Kam, não eram percebidos pela maioria dos habitantes do Inferno e Rizielle sempre indicava o caminho onde haveria menos demônios ou criaturas mais fracas.

Encontrar o Rio Cócito não melhorou o humor de nenhum deles. As águas daquele rio eram feitas de almas, espíritos que não

eram capazes de formar um corpo no Inferno. Eles assumiam uma forma fluida e gelada, viajando pelas correntezas espirituais incessantemente. Seus rostos emergiam de quando em quando para pedir ajuda, reclamar, xingar ou tentar levar outros para compartilhar seu sofrimento. Os anjos pensaram em procurar por uma embarcação ali, mas não encontraram nenhuma. Mais tarde, quando estavam seguindo o rio, souberam o motivo. Havia cachoeiras demais e aquela parte do Cócito não era navegável.

Andaram durante muito tempo até encontrarem uma ponte de cordas e madeira sobre uma cachoeira. Precisavam atravessá-la para pegar uma trilha na outra margem, por onde poderiam descer e continuar a seguir pelo rio. Até pensaram em descer voando, mas o penhasco estava cheio de morcegos gigantes. Havia milhares deles voando próximos às águas, entrando e saindo de cavernas escondidas atrás das águas da cachoeira. Passar sobre o rio também não seria possível, já que havia alguns dragões no céu e eles logo veriam os anjos como boas presas.

O maior problema era que em frente à ponte havia um gigante medindo quase dez metros, com músculos tão grandes que seu braço era quase do tamanho de um dos anjos. Tinha o rosto deformado com oito olhos, alguns nas bochechas, outros na testa. Sua cabeça não tinha cabelos, mas era coberta por orelhas. Havia um enorme machado de bronze em uma de suas mãos. Com a outra ele coçava o queixo e olhava para a ponte. Os anjos prepararam suas armas, mas Rizielle os conteve.

- Shof Kam, acha que pode usar um de seus poderes de disfarce sobre mim? Eu tenho um plano para passar por ele. Deixe-me parecida com um anjo caído.

- Não sei o motivo disso. Por que sempre há um gigante protegendo uma ponte? Só falta fazer uma pergunta, uma charada para nos deixar passar – comentou Shof Kam enquanto invocava seu poder sobre Rizielle, deixando-a com uma aparência mórbida.

A Caroz mandou o grupo se esconder perto de algumas árvores enquanto se aproximava do gigante. Avisou que se comunicaria

com eles através de telepatia e que deveriam seguir todas as suas ordens.

O monstro olhou-a com curiosidade e de maneira bizarra, já que uma criatura de oito olhos não poderia olhar de outro modo. Ele sorriu e mostrou seus dentes pontudos, ainda sem deixar de coçar o queixo.

- Um anjo caído – disse com uma voz que parecia vir de um fosso. – O que quer aqui?

- Atravessar a ponte, se me permitir – respondeu ela, com educação.

- Pode me responder uma coisa, anjo? Só vai saber se esteve no mundo dos mortais por esses tempos – disse ele, ficando de joelhos e a encarando.

- Se for preciso, posso responder.

- A Gincana da Fé já acabou? – perguntou, com os olhos das bochechas piscando e os da testa arregalando-se.

- Não, ainda não – respondeu ela, ainda que não gostasse da brincadeira.

Ele gargalhou e os olhos das bochechas fecharam-se, soltando algumas lágrimas, enquanto os da testa acompanharam a gargalhada.

- Então a competição para ver quem ganha a salvação continua. Qual é a prova dessa vez? – Coçou o queixo antes de continuar. – Lembro-me quando me disseram que era disputar quem queimava mais almas. Mas parece que houve uma época de que era quem jogava mais gente aos leões. Ouvi um comentário há um tempo atrás de que agora seria quem arrecada mais dinheiro. É verdade?

- Não seria melhor você ir comprovar? – disse ela. Não gostava de nenhuma daquelas brincadeiras dos demônios.

O monstro deu uma palmada no joelho e riu, como se ouvisse uma piada.

- Não posso. Tenho que cuidar dessa ponte. Pra dizer a verdade, eu tinha que atravessá-la, mas não consigo. Tenho medo de altura e só conseguiria atravessar sem olhar para baixo. Mas não posso deixar de olhar, meus olhos sempre se fixam na água. E meus ouvidos

não param de dar atenção às malditas almas do rio – contou, olhando para o rio e para a cachoeira. A queda das almas formava um barulho estranho, um berreiro misturado ao cair de água. Então se virou para Rizielle com um brilho esperto nos olhos. – Mas não ache que eu posso te pegar se tentar passar por ela. Quando alguém quer passar, meus olhos se fixam nele e eu posso ir até o outro lado para pegá-lo. Seguir pelo Inferno inteiro até o pegar. O problema é que eu acabo tendo que voltar aqui e atravessar de novo.

Rizielle riu da estupidez daquilo. No fundo, tudo o que o gigante tinha que fazer era vencer seu próprio medo. Deveria atravessar sem nenhum artifício, apenas mostrando que seu coração era maior do que aquilo. Mas essas fraquezas não saem tão facilmente, ainda mais de um coração demoníaco, que é próprio das fraquezas do Universo.

De qualquer maneira, o plano que tinha funcionaria. Para dizer a verdade, seria ainda mais fácil do que antes. "Shof Kam, traga Annah e a coloque no meio da ponte, depois diga para que ela corra para o outro lado", ordenou ela por telepatia, "Eu vou distraí-lo, enquanto Kesser e Zilliah passam por ele. Ao chegar ao outro lado, quero que cortem uma das cordas".

As ordens foram seguidas rapidamente, enquanto Rizielle conversava com o monstro. Quando ela finalmente viu Annah parada no meio da ponte, parou a conversa e apontou um dedo em sua direção.

- E aquela alma lá? Ela tem permissão? – perguntou, cheia de malícia na voz.

O gigante voltou-se bruscamente e seus olhos se comprimiram, cheios de raiva.

- Ninguém passa! Anjo, fica aqui se não quiser morrer. Eu vou jogar a alma no rio. E nem tente passar voando debaixo da ponte. Vai notar que aqui nesse Círculo há um vento entre os penhascos que te leva direto para a água.

Terminando de dar o aviso, ele correu pela ponte, todos os olhos fixos em Annah. Ela ficou desesperada e começou a fugir para o outro lado, enquanto o gigante ria e gritava atrás dela, diminuindo

rapidamente a distância entre os dois. Então Kesser e Zilliah alçaram vôo e dispararam na direção de Annah. Passaram por pouco pelo gigante. Ele não os notou na hora, pois tinha os oito olhos fixos na mulher. Só quando Zilliah abraçou-a e começou a levá-la para o outro lado, ele se irritou com os anjos.

Kesser chegou do outro lado e ergueu o machado, cortando uma das enormes cordas sem hesitar. Imediatamente, a ponte cedeu de um lado, balançando e derrubando o gigante. Por sorte, dele, não dos anjos, a criatura conseguiu segurar-se na outra corda.

Rizielle subiu em uma das cordas grossas e usou seu equilíbrio perfeito para correr sobre elas até chegar aos dedos do gigante. Ele gritou com a anjo, xingando-a várias vezes, xingamento acompanhado pelas almas que estavam lá embaixo no rio. O monstro até pensou em acertar-lhe o machado, mas se a errasse, cortaria a corda. Então apenas tentou pegá-la com a mão que tinha livre. Rizielle defendeu-se espetando-o com seu sabre, cortando seus dedos toda vez que se aproximavam. Então as adagas de Shof Kam e as lâminas circulares de Zilliah voaram nos olhos do inimigo, distraíndo-o por tempo suficiente para que a Caroz saltasse por sua mão e continuasse sua corrida na direção dos companheiros.

O monstro se recuperou logo e começou a se agarrar na corda e rumar para o outro lado, mas não teve tempo. Assim que Rizielle se aproximou, deu um salto, caindo no rumo dos companheiros enquanto Kesser partia a outra corda. Como se balançasse em um cipó, o gigante começou a cair, até a ponte bater nas pedras no lado oposto ao dos Caroz. Ele ainda se manteve agarrado à corda, praguejando e evitando olhar para baixo.

- Não podemos deixá-lo vivo – constatou Rizielle, retirando seu arco e preparando uma flecha. – Kesser, invoque sua força sobre a flecha, ela vai precisar passar por uma distância muito grande. Shof Kam, aguce minha mira.

Assim ela atirou acertando a corda. Não foi a própria flecha que partiu aquele grosso emaranhado. Quando ela se fincou, surgiu um fogo santo que a queimou. O mesmo aconteceu quando ela atirou do

outro lado, fazendo o gigante despencar no rio. A Caroz ainda atingiu um de seus olhos durante a queda e outro quando ele emergiu. Por fim, apenas o viram ser levado pela cachoeira.

- Pronto, podemos seguir – concluiu ela.

Passar para o Quarto Círculo os deixou mais animados. Agora haviam finalmente encontrado as partes navegáveis do Cócito e poderiam apressar sua viagem. Ainda tinham esperança de encontrar menos inimigos pela frente, já que as batalhas estavam os esgotando e os obrigavam a parar por algum tempo até recuperarem suas energias. Aquele era o lugar onde os aventos eram punidos, sendo obrigados a sofrer com seus pecados por toda a eternidade. Eram obrigados a carregar grandes sacos com tanto ouro que um mortal poderia comprar um país – se o dinheiro não se transformasse em chumbo ao deixar as profundezas infernais. Muitos dos espíritos aventos tinham mãos deformadas, fechadas para sempre para não poderem pega ro dinheiro que tanto amavam. Os anjos não precisaram se encontrar com essas almas, ficando mais próximos do rio e pensando em um modo de conseguir uma embarcação.

- Temos que atravessar depressa o Quarto e o Quinto Círculo – falou Rizielle, de braços cruzados em frente ao rio e pensando em um plano.

Alguns barcos passavam pela água espiritual, todos enegrecidos e feitos de uma madeira podre ou de um metal misterioso. Eram sempre de aparência decadente e moviam-se devagar pela correnteza. Seus condutores eram figuras de mantos escuros com capuzes ocultando suas fâces. As embarcações levavam almas acorrentadas e desesperadas ou apenas demônios aproveitando a carona. Aquele era um dos melhores meios de se passar pelos Círculos Infernais.

- Acha que podemos acabar com um desses Barqueiros e roubar sua embarcação? – perguntou Kesser. Estava aflito para deixar o

Infêrno e não se importava em usar seu machado sobre aqueles demônios.

- Eu não sugeriria isso, pois fãria essas criaturas comunicarem o atentado e imporem uma perseguição sobre nós. Pode não parecer, mas eles estão ligados e se comunicam o tempo todo. Eu ouço suas vozes – explicou Shof Kam.

O grupo ficou algum tempo parado, apenas observando os barcos passarem e pensando em uma maneira de abordá-los. Não poderiam se misturar àquelas criaturas, pois seu disfarce não duraria toda a viagem. Chegaram a lamentar a ausência de Kushiel, mas não se ativeram a tal sentimento. Antes que pudessem falar por muito tempo, ouviram as árvores sendo derrubadas atrás deles. Havia alguém se aproximando com pressa e violência. Shof Kam logo sentiu quem era o inimigo e, quando todos se viraram, deram de cara com o mesmo gigante que os vira na ponte. O monstro parou em frente a eles com seu corpo marcado e vários olhos machucados, incapazes de se abrirem. Os Caroz sacaram suas armas imediatamente.

- Anjos! Vocês sempre se acham espertos. Acharam mesmo que iam escapar de mim? Ainda não. Vim para acabar com vocês – vociferou ele, erguendo o machado para atacar.

- Por que quer acabar conosco? Nós estamos apenas levando uma alma. Olhe para os barcos! Eles estão cheios de almas. Já pensou se elas passaram por sua ponte enquanto você não estava lá? Reconstruí-la não seria tão difícil e todas essas almas poderiam tomar o mesmo caminho que nós. Poderíamos levar quantos espíritos quiséssemos por lá e encher esses barcos quando quisermos – Rizielle gritou de volta, falando depressa para confundir a criatura.

Era bem clara a deficiência daquele gigante. Ele tinha tantas orelhas e tantos olhos justamente para se distrair e dar ouvidos ao que não devia. Por isso ele coçou o queixo e pensou bem, mirando para as embarcações enquanto franzia a testa.

"Voem para perto das embarcações. Rápido. Aqui não há problema em voar sobre o rio!", ordenou Rizielle através de sua telepatia. Assim os anjos fizeram, abrindo suas asas e passando sobre

os barcos mais próximos à margem enquanto eram observados por almas e demônios. Mas a atenção dos passageiros logo se voltou para o machado do gigante que começou a descer sobre eles, jogando-os nas águas e acabando com seus meios de transporte.

"Shof Kam, use seus poderes sobre um dos Barqueiros e faça o gigante o ver como um de nós", disse Rizielle na mente do Anjo da Vigilância.

Assim foi feito e o machado do gigante desceu sobre o demônio de manto escuro antes que ele pudesse se defender. Foi partido ao meio e uma de suas metades caiu na água, afundando em meio aos rostos fluidos.

"Agora é hora de atacar. Kesser, tente acertar atrás dos joelhos dele. Zilliah, atraia a atenção da criatura. Shof Kam, lance suas adagas nos olhos dele", comandou a Caroz líder, alçando vôo e carregando Annah para longe.

Zilliah seguiu aquele plano básico para acabar com criaturas estúpidas como aquela. Não se sentia bem seguindo ordens de Rizielle, mas deveria fazê-lo, pois ela estava no comando e suas ordens eram como as de Laoviah. Lembrou-se do Serafim enquanto assumiu posição em frente ao inimigo, lembrando-se de seus olhares para Rizielle, assim como as conversas intensas que tinha com a Anjo da Justificação. Haveria algo entre os dois ou era apenas ciúmes de sua parte? Ela esperava que não, desejou que estivesse imaginando tudo enquanto viu o machado do gigante rumar em sua direção. Era hora de mostrar o poder, fazer o Inferno entender porque ela era a Anjo da Retribuição. Sabia premiar as pessoas por suas boas atitudes, mas ministrava a justiça divina para quem ameaçava os seguidores do Senhor. Apontou sua espada para o inimigo e concentrou-se, esperando a chegada da grande lâmina. Nem chegou a piscar quando o machado se aproximou e parou diante da ponta de sua própria arma, fazendo aquela espada angelical parecer insignificante. Mas o que importava era que o golpe fora parado no ar, como se batesse em uma barreira. E tudo parou por alguns segundos.

Quando os anjos olharam para o gigante, Shof Kam atirando

suas adagas e Kesser passando para trás dele, notaram um buraco se abrir no peito da criatura, como se ela tivesse sido golpeada por seu próprio machado. O monstro cambaleou, caindo em meio às árvores, derrubando várias delas.

Zilliah pousou para recuperar suas forças, pois não fora fácil fazer a força daquele golpe voltar para o gigante. E nem sempre ela podia usar esse poder, principalmente no Inferno, onde era mais fraca. Rizielle atirava suas flechas sobre o gigante, enquanto Kesser e Shof 'Kam saltavam sobre ele, golpeando sem piedade. Mas houve um momento em que a criatura levantou-se abanando os braços e espantando os Caroz.

- Esse demônio não morre? – perguntou Shof Kam, voando ao lado de Kesser. Os dois se afastaram um pouco e começaram a recuar em direção ao rio.

- Parece que precisaremos de outra estratégia. Vamos cortar a cabeça dele. Vou invocar meu poder para isso.

Kesser começou a invocar seus poderes, mas não precisou terminar. De repente, os joelhos do gigante se dobraram e ele começou a cair. Durante a queda, algo saltou das árvores e acertou as costas do demônio, fazendo-o rolar e cair no rio. Os Caroz ficaram olhando impressionados, até avistarem uma criatura parada próxima a margem. Todos voaram em sua direção, cercando-o imediatamente.

Por um momento, tiveram esperança que fosse Kushiel, mas não era possível se enganar. Rizielle e Zilliah ficaram desanimadas, mas Kesser ficou feliz, pois a perda de Kushiel era boa para seus planos e para todos os que acreditavam na Boa Nova. Shof Kam se sentiu triste no início, mas abriu um grande sorriso quando reconheceu o aliado.

- Decrus? – perguntou Shof Kam, preparando-se para um abraço.

No meio dos Caroz estava um demônio bastante estranho. Tinha a pele negra bastante lisa, com apenas pequenos chifres sobre as mãos. Usava roupas exóticas que pareciam trajes de combate orientais e ao mesmo tempo calçava botas. Seu maxilar tinha uma fileira de

chifres que se estendiam das orelhas até o queixo. Os olhos eram amarelos e tinham pupilas verticais. Seus cabelos eram muito pretos e estavam espetados, mais parecendo chifres. Como arma, parecia ter apenas um bastão. Se houvesse mais alguma coisa, estaria na bolsa que carregava a tiracolo.

Decrus estendeu uma mão, evitando o abraço de Shof Kam. O Caroz não entendeu e ficou sem graça, mas os outros ficaram aliviados por não ver o colega abraçando um demônio.

- O que foi, Decrus? – perguntou o Anjo da Vigilância.

- Não quero contato com você. Nossa rivalidade passou, Shof Kam – respondeu ele com uma voz contida.

- O quê? Depois você me explica isso – disse ele, voltando-se para os companheiros. – Esse é Decrus, meu grande rival na maioria das minhas missões no oriente. Lutamos muito juntos e um contra o outro. Mas parece que agora ele está um pouco mudado.

- Como nos achou aqui, demônio? – perguntou Rizielle, mostrando seu sabre. A seu lado, Kesser já tinha o machado pronto.

- Eu e Shof Kam estamos ligados por sermos criaturas opostas. Eu deveria acabar com a vigilância dele e revelar os pecados, mostrar todo o mal para espalhá-lo entre os mortais, além de ocultar o que havia de bom e deixar pistas falsas para as pessoas seguirem. Foi fácil seguir suas pistas quando senti que estavam no Inferno – respondeu ele, não se importando com as armas. – Não quero lutar com vocês. Pretendo me unir a sua causa. Sei que tenho uma missão nos planos de Demiurgo.

Os queixos dos anjos quase caíram quando ouviram o demônio falando daquela maneira, principalmente porque sentiam que havia verdade naquelas palavras. A maioria dos infernais recusava-se a concordar que fazia parte dos planos do Senhor. Rizielle foi a que mais se sentiu surpresa, pois sabia que havia intenção e fê naquele demônio, apesar de sua natureza ainda estar contida ali dentro, pronta para despertar.

- Não sei se devemos confiar em você – falou Kesser.

- Precisamos retribuir a ajuda que ele nos prestou. Além

disso, Rizielle pode saber se ele quer mesmo servir Demiurgo e encontrar a Luz – argumentou Zilliah.

- Também posso guiá-los. Suas trilhas têm sido aleatórias, por isso demorei para os encontrar. Posso levá-los mais facilmente, principalmente se pretendem navegar pelo Cócito – disse ele, apontando para o barco que descia desgovernado pelo rio.

- Vamos então. Por enquanto não há mal nenhum em levá-lo – disse Rizielle, pegando Annah e voando na direção do barco.

Os outros a acompanharam, sendo que Decrus seguiu-os com saltos impressionantes. Quando finalmente pousaram no barco, Decrus logo foi para a popa e tomou o controle. Não seria preciso remar, apenas deixariam que o barco descesse o rio.

Algumas almas ainda estavam sobre a embarcação, mas os Caroz não permitiram que ficassem ali por muito tempo. Todos, com exceção de Kesser, empurraram-nas para o rio, sem se preocupar com seus pedidos de ajuda.

- Por que não ajudou, Kesser? – perguntou Zilliah, quando se sentaram novamente para continuar a viagem.

- Não era o destino daqueles pecadores serem punidos desse modo. Não deveríamos interferir nisso – respondeu ele, cruzando os braços e olhando sério para a amiga.

Os dois se calaram para observar a paisagem do Inferno enquanto o barco descia calmamente pelas águas. Perturbando seu silêncio havia apenas o clamor das almas, que não os incomodava nem um pouco.

Shof Kam foi conversar com Decrus, curioso para saber o que acontecera com aquele estranho demônio.

- O que passa por sua cabeça, Decrus?

- Tenho meus planos, Shof Kam. Durante minhas viagens e minhas batalhas, percebi que tudo não passa de um plano do Senhor. Se eu tentava os humanos era em nome Dele, para testá-los. Nada fazia que não fosse Sua vontade – disse ele, com a mesma voz contida e os olhos fixos no curso do rio.

- Estranho você passar a acreditar nisso agora. Mastema e

seus servos têm essa crença, mas a maioria dos habitantes do Inferno não. Existem até anjos pensam assim, mas a maioria sabe que é difícil sustentar essa crença quando se nota o poder de Satã e como a Luz e as Trevas se enfrentam. Os mortais é que preferem esse pensamento de guerra já vencida. É mais cômodo para eles imaginar que a batalha contra o Mal já está vencida – disse Shof Kam, preocupado com a filosofia do colega. Muitas vezes, pensar daquela maneira fazia os anjos caírem em grandes armadilhas nos combates contra os infernais.

- Realmente, Mastema fez esse pacto com o Senhor e eu pretendo fazer o mesmo. Quero ver se ainda existe salvação para mim e, se não existir, cumprirei meu trabalho seguindo a Ele e não ao Rei das Trevas – concluiu Decrus, farto de explicar suas convicções.

Shof Kam ficou imaginando todo o tempo que passou vigiando os mortais, observando seus pecados e coletando informações sobre suas atividades. Realmente, era mais confortável para eles crer que não havia anjos morrendo e caindo na infinita luta contra as forças infernais. Não seria fácil para a população conviver com aquilo, saber que a qualquer momento poderiam ter suas almas engolidas por uma criatura infernal se um anjo falhasse.

- E sua sede de sangue? Acha que suportará ficar sem ela? – insistiu Shof Kam.

- Sim, por enquanto sim. Eu mudei, anjo – respondeu ele, só agora olhando para o Caroz.

- Será? Nós não mudamos, Decrus. Somos criados como somos. Os humanos têm oportunidade de mudança, mas isso raramente acontece conosco. Fazemos escolhas, tomamos decisões, mas somos o que somos.

Os dois olharam para Annah.

- Não sei se é assim, mas se não conseguir mudar o que sou, troco meu nome – jurou ele. Ambos entenderam que aquele era um juramento solene. Para uma criatura como eles, trocar de nome verdadeiro era como mudar seu íntimo, deixar tudo o que era, ir para o vazio e voltar. Continuaram olhando para a mulher e indagando-se se aquilo era necessário ou sensato.

Annah ficou ao lado de Rizielle durante toda a viagem, as duas vigiando a proa e tentando imaginar quais perigos as esperavam rio abaixo. Havia muito o que navegar e aquela travessia não seria fácil.

- Acha que Kushiell está vivo? – perguntou ela.

- Não sei se ele ainda existe, Annah. Realmente não tenho essa resposta – respondeu ela.

- Tudo parece mais difícil sem ele, apesar do pouco tempo que passei a seu lado – lamentou Annah, baixando a cabeça.

- Não se preocupe, pois o Senhor está do nosso lado, mesmo aqui. Ele provê todas as oportunidades para nosso sucesso. Foi ele quem colocou o gigante em nossa perseguição. Nós aproveitamos a oportunidade e a usamos para conseguir a embarcação. Os sinais estão a nosso favor – falou ela, certa de tudo o que estava dizendo. Havia firmeza em sua voz e em sua face.

Finalmente deixaram o Quarto Círculo e já estavam no fim do Quinto, lar dos raivosos. Seu caminho fora tranquilo, graças aos poderes conjuntos de Rizielle, Decrus e Shof Kam. Os dois primeiros aliaram poder e conhecimento para evitar inimigos, sabendo esperar e chamar pela proteção de Shof Kam quando necessário. Decrus também tinha poderes de ocultação, o que facilitou ainda mais a viagem.

Só surgiu um problema quando passaram por uma parte mais estreita do rio. Ficou óbvio que haveria uma emboscada ali. As águas passavam entre dois penhascos, deixando uma boa oportunidade para que qualquer um saltasse sobre as embarcações.

- Todos preparados, mas não deixem que ninguém perceba que estamos prontos – ordenou Rizielle, deixando a mão sobre o sabre, mas escondida debaixo da capa púrpura.

A correnteza aumentou um pouco antes que chegassem aos penhascos e Decrus foi obrigado a prestar mais atenção ao controle do barco. Então, quando já estavam bem no meio, aquelas criaturas

começaram a saltar. Eram seres chifrados com patas de bode e rabos de lagarto. Suas armas eram variadas, indo de espadas a garras, lanças a punhais.

Três deles foram detidos durante o salto, pois Zilliah arremessou suas lâminas circulares, acertando suas testas e fazendo-os cair na água. Outro foi partido ao meio por Kesser assim que seus cascos tocaram a madeira podre da proa.

Eles foram caindo seguidamente enquanto os Caroz provavam que não eram meros inimigos. O problema era que os salteadores não paravam de aparecer. Até mesmo Decrus foi obrigado a participar da luta, quando um demônio passou por Shof Kam e tentou enfiar-lhe as garras. Então o guerreiro levou uma das mãos à bolsa e retirou uma esfera de metal, arremessando-a na testa da criatura. Foi um tiro certeiro que rachou o crânio do oponente, deixando-o cair na popa enquanto a esfera voltava para a mão do demônio.

Aos poucos os Caroz se viram obrigados a recuar para a popa e formar um círculo, enquanto os inimigos continuavam a saltar e a tombar por suas armas. No entanto, eles estavam cada vez mais encantoados e a quantidade de demônios no barco estava fazendo a madeira ceder. Ela era resistente, mas não para comportar tanto peso e batalhas.

Rizielle recuou um pouco para invocar uma proteção contra o mal. Aos poucos a luz começou a crescer em seu corpo e a espalhar-se, até envolver todos os seus companheiros. A invocação deixou os demônios um pouco assustados e sem reação. Os Caroz aproveitaram-se para avançar sobre eles e os cortar incansavelmente.

- Não sei se poderemos agüentar por muito tempo – disse Shof Kam.

- Muito menos o barco – comentou Decrus.

- Falta pouco para passarmos pelos penhascos. Resistam e tentem jogá-los para fora – ordenou Rizielle.

Kesser seguiu a ordem à risca, correndo na direção dos inimigos e empurrando-os com o escudo enquanto golpeava com o machado. Surgiu uma confusão, o que gerou um empurra-empurra que

derrubou vários deles, além de dar espaço para o Caroz atacar ainda mais. Zilliah o acompanhou, dando cobertura. Lá de trás, Rizielle invocava seus poderes sobre os dois, impedindo que os demônios pudessem atingi-los.

- Cuide do barco, Shof Kam – disse Decrus, soltando o leme. Ele nem esperou resposta, já saltando para perto de Kesser e Zilliah.

O demônio retirou o bastão as costas, movimentando-o com uma só mão. Começou a golpear os oponentes, girando a arma sem parar, às vezes trocando de mão ou socando e chutando nos intervalos entre os golpes. Quando um inimigo ficava mais afastado, ele pegava uma de suas esferas e arremessava. Era uma técnica impressionante. Às vezes, deixava que a bola de aço voltasse em sua direção e, ao invés de agarrá-la, abaixava-se e ela acertava um dos salteadores, enquanto ele usava seu bastão para derrubar outro. Chegou a arremessar três esferas e elas voavam de um lado para o outro, jogadas aqui e ali, acertando testas, joelhos e virilhas.

Finalmente passaram pelos penhascos, quando Rizielle e Shof Kam cuidavam para que nenhum outro salteador pulasse para o barco. Flechas e adagas interrompiam os pulos. Tudo acabou alguns minutos depois e eles jogaram todos os corpos no rio, respirando aliviados por terem vencido mais uma etapa em sua missão.

- Continua lutando bem – elogiou Shof Kam.

- Sem violência agora, apenas concentração – respondeu ele, tentando não se mostrar orgulhoso. Seu peito arfava e os olhos estavam comprimidos. Era evidente que Decrus estava se contendo como podia. Tomou de volta o leme e começou a rezar, passando logo para um mantra.

- Demônio esquisito – comentou Annah, quando ela e Rizielle haviam voltado para a proa. – Confesso que isso eu nunca vi. E olha que há muita coisa bizarra aqui no Inferno.

- Eu muito menos. Mas o Universo é cheio de surpresas.

- Ele está aqui – afirmou Zilliah, quando finalmente chegaram ao Sexto Círculo. Ela indicou o caminho, apontando para um bosque bem à frente.

- O Bosque dos Suicidas – disse Decrus.

- Ótimo. Vamos depressa para lá.

Seguindo o comando de Rizielle, o grupo saltou do barco e tomou o caminho do bosque. Todos estavam satisfeitos por finalmente chegarem a seu destino e concluírem a missão. Não viam a hora de sair do Inferno, lugar que deprimia seus poderes e era fonte constante de inimigos. Não fosse pelas técnicas de Shof Kam e depois de Decrus, sua jornada seria quase impossível. A prova disso foi que deixaram Kushiell para trás, aquele que era o mais velho daqueles Caroz.

O Bosque dos Suicidas era um local desolador, desconfortável como a maior parte do Inferno. Não havia visão agradável nem acolhedora, apenas sofrimento e pecado se espalhando entre as árvores, até no chão. Caminharam durante um bom tempo entre os suicidas. Aquelas pessoas eram transformadas em plantas e ali ficavam, sendo atormentadas pelas harpias. Além deles haviam almas que eram perseguidas por grandes mastins, sendo dilaceradas pelos cães. Nem bem os cães iam para outra vítima, o espírito esquartejado começava a tomar forma novamente, apenas para sofrer mais uma perseguição.

Gritos e mais gritos, lamentos infindáveis como em todo o Orco. Essa característica era constante e deixava os ouvidos dos anjos fârtos. No bosque era ainda pior, porque quase tudo era formado pelos espíritos. Até as sombras geradas pelas árvores tinham maldade, tomando formas assustadoras, às vezes mexendo-se sem que as árvores houvessem se movido. Pior ainda era se deparar com um dos pecadores dilacerados, às vezes pisando em um de seus membros e o ouvindo reclamar, enquanto seu corpo se encaixava. Um deles chegou a ajoelhar-se junto aos anjos, pedindo sua ajuda, mas eles nem lhe deram atenção. O rugido de um mastim surgiu dentre as árvores e o pecador levantou-se depressa para escapar.

Foram encontrar Azazel no fim do bosque, enquanto ele

observava algumas árvores, curioso com a forma que haviam tomado. Às vezes cortava-se com sua espada e colocava os dedos no sangue que escorria. Os Caroz se aproximaram daquele anjo negro, totalmente coberto por panos. Além da roupa que impedia qualquer visão de sua pele, havia uma capa que parecia constantemente agitada pelo vento, ainda que não houvesse nenhum no bosque. O rosto era coberto por um véu negro, mas eles puderam notar um sorriso ali por baixo quando ele se virou para encará-los. A seu lado estava um grande estandarte, coberto por um tecido preto.

Ele agitou o que restava de suas asas, ossos cobertos por algumas penas e carne queimadas, algo que nunca seria regenerado. Então sua cabeça se ergueu levemente, como se olhasse para algo atrás dos anjos. De fato, havia alguma coisa lá. Os suicidas estavam gritando mais desesperados e as árvores começavam a ser derrubadas de uma maneira que os fez lembrar do gigante de muitos olhos.

- Ele está aqui – disse Shof Kam. – Essa criatura não morre nunca!

O monstro logo surgiu entre as árvores, mais uma vez segurando seu machado. O corpo estava cheio de cicatrizes, já tendo se regenerado de todos os golpes dos anjos.

- Acharam que era possível fugir de mim? – perguntou ele, erguendo a arma para mais uma batalha. Agora estava decidido a não dar ouvidos para as palavras de Rizielle.

Nem bem os anjos prepararam suas armas, a criatura parou. Não mexeu nem um centímetro, até que algo saiu de seus olhos e boca. Correntes furaram os globos oculares e a língua, surgindo de dentro de seu corpo. Elas haviam atravessado suas orelhas e perfuravam seu cérebro. Quando saíam, buscavam uma nova entrada, para penetrar no crânio mais uma vez. Por fim, seu movimento parou e elas se retesaram, puxando o gigante para trás.

Ele caiu sobre as árvores, enquanto as almas suicidas gritavam de pânico quando aquela criatura começava a amassá-las. Sua queda permitiu aos anjos verem quem havia feito aquilo. E era óbvio que encontrariam Kushiel ali, segurando suas correntes e começando a

retraí-las. Ele começou a caminhar na direção dos companheiros, passando por cima do cadáver do inimigo e colocando-se no meio do grupo. Mirou Decrus, mas não deu-lhe mais atenção, confiando nas atitudes dos outros.

- Foi difícil encontrar vocês. Por sorte eu descobri essa criatura e a segui até aqui. Vejo que encontraram Azazel – disse ele, olhando para o anjo caído.

Todos se voltaram para Azazel, que se mantinha quieto e calmo, esperando para saber porque aquelas criaturas estavam ali. Seria um novo desafio? Ele já estava cansado de matar desafiantes incautos, que ousavam duvidar que ele era um dos melhores, se não o melhor, espadachim do Inferno. Afinal, não fora ele quem ensinara os humanos a usar a espada?

- Azazel, viemos em nome de Laoviah para levá-lo para a Terra – falou Kushiel.

- A Terra? Não devo pisar lá a não ser para levar esse estandarte – disse, mostrando o que tinha a seu lado. – Então ele será descoberto e vocês verão os exércitos marchando no mundo mortal.

- Tem a oportunidade de ir agora, de rever a luz – explicou Rizielle, dando um passo para ficar ao lado de Kushiel.

- Por que me querem? – perguntou ele, com sua voz singela, que nem parecia a de um demônio ou a de um guerreiro tão experiente.

- Precisamos encontrar Neftali, seu filho. Queremos saber onde a alma dele está – contou Rizielle.

Mais uma vez ele pareceu sorrir debaixo daquele véu, agora se adiantando um pouco e olhando os anjos um por um, inclusive Annah e Decrus.

- O que ganharia com isso? – perguntou ele.

- Laoviah vai lhe entregar Rafael. Não foi ele quem o derrotou a primeira vez e arrancou suas asas? Pois bem, terá a oportunidade de o enfrentar mais uma vez. Mais uma luta entre vocês dois. Não quer ter essa oportunidade? – A voz de Rizielle aumentava a tentação de sua proposta, atraindo ainda mais a atenção de Azazel.

De repente, ela sentiu a respiração dele em sua nuca e o véu

de seda negra roçando em seu pescoço. O anjo caído movera-se tão rapidamente que ninguém o vira parar atrás da Caroz. No entanto, ninguém sacou as armas. Todos apenas esperaram. Kesser torceu para que Azazel enfiasse sua espada nas costas dela e para que todo aquele plano desse errado. Não se importaria em ser morto ali, desde que Azazel não sáisse do Inferno e todos aqueles Caroz fossem destruídos.

- Sua proposta me tenta, mas por que eu me aliaria a Laoviah, que tanto mal causou a meus irmãos. Cedo ou tarde eu me encontrarei com Rafael – sussurrou ele.

- Será? Rafael também sempre foi inimigo de Laoviah. E se os dois se encontrarem antes e o Serafim da Destruição acabar com o Anjo da Vida? Não acha que ficará muito frustrado com isso? – perguntou ela, voltando-se para ele com um olhar cheio de malícia.

Azazel parou para pensar um pouco. Havia lógica no que ela falava. A desavença entre Laoviah e Rafael sempre fora transparente na Cidade de Prata. Era lógico que o Anjo da Vida seria um dos mais ativos para deter os planos do Serafim.

- Tire-nos daqui, bela. Quero ver o mundo dos mortais mais uma vez. E quero lutar contra os celestiais.

Os Caroz tiveram sua missão concluída, podendo Rizielle abrir o portal para a Terra, libertando-os do sofrimento do Inferno.

Capítulo Seis

Fé Desesperada e Jogos Cínicos

Tel'Merah estava parado na cozinha em frente aquela mesa há mais de cinco horas. Não fizera nada além de ficar sentado olhando para a espada pousada sobre o forro. Continuava quieto como uma estátua, com os olhos profundos analisando as marcas de sangue na lâmina. Ele não ousara limpar a arma, com medo do que poderia acontecer. Talvez suas mãos se manchassem ainda mais se o fizesse. Sim, as mãos que estavam nos bolsos do paletó. Envergonhava-se dos erros que cometera através delas, portanto ele não ousava tirá-las de lá. Elas estavam vermelhas, marcadas pelo crime que cometera. Ele, um anjo da guarda, cometera um assassinato. Errava e usara a arma que deveria erguer apenas para defender como instrumento de ataque.

- Tel'Merah – chamou uma voz chorosa a seu lado. Ele preferiu fingir que não ouvia, apesar de ter erguido os olhos para observá-la. Não conseguia conter a vontade de apreciar a beleza dela. Aquela mulher o fizera pecar e agora o deixara naquela amarga dúvida. Errara ou não? Viveria aquela paixão ou não? Ele olhava para Susana sedento pelo corpo feminino e perfumado, mas continuava paralisado. Seu corpo não se movia por causa da espada à sua frente. A lâmina refletia sua imagem como uma acusação, deixando o rosto do anjo aparecer no meio das manchas de sangue como a própria face dele estivesse sujo.

A mulher chamou de novo e ele fechou os olhos, mas foi logo obrigado a abri-los depressa. Não podia deixá-los fechados. Bastava as pálpebras se moverem para as lembranças surgirem diante dele. Vinham de novo as glórias de grande defensor dos portões do Céu, assim como a homenagem ao ser indicado para proteger uma alma preciosa que ainda estava na Terra. Ele desceu sozinho, ciente de que nenhum inimigo poderia vencê-lo enquanto estivesse disposto a defender seu protegido. Belcol, Vigia de Almas Santas, contava com ele. Miguel e Gabriel não deixaram de o elogiar. No entanto, Tel'Merah falhou com todos eles. Desceu em São Paulo e ali lutou contra

todos os demônios que tentaram tomar a alma de seu protegido. Conseguiu evitar que criaturas como Arekon devorassem aquele espírito sagrado, destruiu os assassinos que os magos da Irmandade de Tenebras enviaram. Nenhum inimigo foi páreo para ele, mesmo que fosse obrigado a fugir de alguns, como Arekon. Manteve o santo vivo até ser vencido pelo próprio coração.

Tel'Merah não imaginava que algo realmente pudesse dar errado até conhecer Susana. Ele viu seu protegido se apaixonar pela mulher e deitar-se com ela. Tentou dissuadi-lo, afirmando que não era são um santo ter relações sexuais. Aquele foi o princípio de sua Queda, sua primeira mentira. Primeiro começou mentindo para si mesmo, afirmando que não falava aquilo por ciúmes, mas para orientar seu protegido. Depois a raiva tornou-se insuportável e ele não resistiu à vontade de ter Susana. Mesmo que ela estivesse noiva de seu protegido, o anjo da guarda a visitou em sonhos. Em breve, já estava assumindo a forma humana para poder tocá-la. Seu amor foi correspondido e ele se julgou feliz, até o protegido descobrir que era traído pelo próprio anjo da guarda. Foi um momento insano, cheio de discussão e raiva, tentativas de agressão. Por fim, Tel'Merah ergueu a espada e trespassou o coração do santo. "Eu apenas liberei sua alma", dizia para si mesmo, mas as marcas em suas mãos revelam a verdade do assassinato, sua culpa.

Susana era apenas dele. Estavam no apartamento dela há algumas semanas. Tiveram alguns momentos felizes, mas bastava a mulher dormir para que Tel'Merah assumisse aquele estado de torpor. Passava as noites parado, olhando para a espada. Naquele dia, estava pior. Tivera uma notícia surpreendente. Susana estava grávida. Teria um filho dele. Aquilo o deixou alegre, mas a felicidade foi diminuindo ao longo do dia, desaparecendo naquela noite. Será que também falharia em defender seu filho? Estava afundando ainda mais no poço ao assumir aquela criança?

Sentiu as mãos de Susana o envolverem. Ela estava atrás dele, começando a massagear seus ombros. Chamava-o para cama. Dizia que poderiam conversar e acalantar suas dúvidas. Tel'Merah não

queria ir, mas acabou se levantando, não suportando mais a acusação da espada. Eles tinham sorrisos, mas seus rostos tornaram-se pálidos quando se viraram para ver que um homem os observava na porta da cozinha. O anjo da guarda quase levou sua mão a espada, mas hesitou no último instante. O homem riu, deixando à mostra algumas marcas de queimadura no rosto.

- Perto da loucura, Tel'Merah? – perguntou Laoviah.

O anjo da guarda demorou um pouco para reconhecer a voz. Aquela forma não fazia justiça ao poder do Serafim.

- Laoviah? – perguntou ele, incrédulo, colocando Susana às costas.

O Serafim passou por eles e chegou à mesa. Pegou a espada sem nenhum temor e observou sua lâmina.

- Arrependido? – inquiriu, seus olhos brilhando e desafiando o anjo a falar a verdade.

- Não sei – falou o anjo da guarda, virando o rosto. – Sim...

- Retire as mãos do bolso – ordenou o Serafim. Tel'Merah não conseguiu resistir ao comando. Mostrou os dedos ensangüentados, sendo que gotas vermelhas começaram a cair nos azulejos da cozinha.

- O que está acontecendo, meu amor? – perguntou Susana. Laoviah não deu atenção à mulher.

- Diga então que quer se purificar, que quer ascender à sua velha forma! – falou Laoviah.

- Não há perdão para anjos – argumentou Tel'Merah. Susana o abraçou temerosa.

- Não ofereço o perdão. Ofereço purificação, punição por seus pecados para se ver livre deles e ascender para lutar em nome dos Céus mais uma vez. Ou prefere continuar com as mãos manchadas pelo restante de suas vida? Seus serviços como anjo da guarda ainda podem ser muito úteis. – as palavras de Laoviah tocaram o coração do anjo, mas os braços de Susana impediam que ele tomasse uma decisão. Tel'Merah olhou para a mulher e tentou levantar a mão para tocar o rosto dela, mas parou ao ver as manchas de sangue. Elas pareciam ainda maiores perto de Laoviah, o que não era surpresa visto o que o Serafim

representava. – A mulher? A mulher o impede? Francamente, Tel 'Merah, ela abandonou uma alma santa para ficar a seu lado. Ela traiu... Acha que não trairá na próxima oportunidade?

- Não! – gritou Susana, com ainda mais medo. Teve vontade de avançar em Laoviah, mas conseguiu apenas abraçar seu amante ainda mais.

Tel 'Merah se desvencilhou dela e ficou parado perto da mesa, mas ainda distante de Laoviah. As palavras do Serafim não deixavam de ser verdadeiras. Agora já não cria mais no amor de Susana e avaliava de outra maneira suas decisões. Valera a pena perder o Céu por causa do coração volúvel daquela mulher? Não, não valera. Mas ele não podia aceitar a proposta. Havia algo a mais. Seus olhos foram para a barriga dela, insensíveis às lágrimas que inundavam o rosto que já amara tanto.

- Um filho! Ele não é mais que a representação de seu pecado, um fruto proibido! O Senhor já condenou esses frutos uma vez e aqui eu o condeno mais uma – falou Laoviah olhando para Susana.. Ele moveu-se devagar e seus passos transformaram-se em um tormento para a mulher. Ela não o conhecia, mas, por instinto, sabia o que estava para acontecer. Laoviah tocou sua barriga e, naquele exato instante, Susana sentiu que não era mais mãe. Ajoelhou-se perdida e derrotada. O sangue escorria entre suas pernas, marcando o chão e anunciando a perda do filho. Insensível ao choro, Laoviah deu-lhe as costas e jogou a espada para Tel 'Merah.

- Você terá outra alma para proteger, algo que foi o fruto do pecado, mas agora vem para mostrar ao mundo qual o verdadeiro caminho.

Tel 'Merah pegou a espada e começou a acompanhar o Serafim para fora do apartamento. Os dois saíram como humanos, ele escondendo a espada e as mãos, seu novo mestre andando com o porte de um rei. O anjo da guarda não olhou para trás, nem deixou que os ouvidos dessem atenção ao choro desesperado daquela que amara tanto. Estava ocupado demais em acabar com o próprio desespero e encontrar sua salvação. Reconhecia seus pecados e queria ser punido logo, para

se ver livre deles.

- Por que você odeia tanto os humanos? – perguntou o anjo caído. Ele mexeu nos cabelos, deixando a tatuagem de um dragão aparecer perto de um dos olhos.

- Eu não odeio, apenas castigo. Meus olhos não enxergam humanos, enxergam pecados. Não tenho porque odiar a Criação do Senhor. Eu nasci para destruí-la quando ordenado e para castigar, nada mais. Não nasci para odiar nada da Terra. Deixo tudo isso para Lúcifer...

- Deixa o seu ódio para Lúcifer ou o ódio contra os humanos para o Portador da Luz? – perguntou Tel'Merah. Laoviah gargalhou.

- Tel'Merah, meu Assassino Abençoado, prepare-se para o futuro. Sua espada ficará gasta nas batalhas que virão – contou o Serafim.

Francisco contou a verdade quando disse que seus contatos haviam revelado que Giuliano havia ido para o Brasil, mas, quando comprou as passagens de avião para São Paulo, não disse que tinha outros planos em mente. Nem bem chegaram ao aeroporto, fez questão de falar que tinha alguns assuntos a resolver. Queria falar pessoalmente com o demônio CD para deixar claro suas pendências. Laviniah e os outros não gostaram da idéia, afirmando que não havia motivos para revelarem suas presenças na cidade.

- A capital é perigosa demais! – alertou Laviniah.

- Pensa que eu não sei, anjo! Eu conheço esse país! Agora acho melhor vocês irem, eu tenho mais o que fazer – falou o mago. A essa altura, o grupo já saía do aeroporto. O tempo que passaram discutindo impediu que se irritassem ainda mais com o trânsito ou com o calor infernal daquele dia. A luz do sol parecia uma tortura para todos e, pela primeira vez, os óculos de Elkalas não pareciam tão deslocados.

O grupo se dividira em dois táxis, sendo que Gabriela foi no

primeiro com Zem'Yuriah e Elkalas. Francisco foi obrigado a ir no segundo, acompanhado, ou melhor, escoltado por Laviniah, Dumah e Liel. Sem dúvida, o mago brigou durante todo o caminho, xingando Laviniah de todos os nomes que podia. A anjo não deixou nada de lado, cobrindo os ouvidos de todos com lições de moral que não agrediam apenas a Francisco. Liel se viu preso no meio do tiroteio. Olhou para os lados, procurando ajuda em Dumah e preocupado com a reação do taxista, mas os dois agiam como se nada diferente estivesse ocorrendo. O celestial mago deduziu que o anjo do silêncio usara seus poderes para não se exasperar ouvindo aquela briga.

A Catedral da Sé ficou à vista sem que notassem. O sinal vermelho brilhava à frente do carro. As horas que passaram discutindo haviam evaporado e ambos já começavam a se cansar. Liel estava com dor de cabeça e já tentava imaginar uma oração para ficar surdo quando Francisco falou que precisava beber água. Estava no meio de Liel e Laviniah, enquanto Dumah ocupava o banco de frente. Indiscreto, o mago sentou-se no colo da anjo e abriu o vidro de trás. Chamou por um garoto que vendia água no sinal e comprou uma garrafa. Esperou o menino se distanciar para depois começar a gritar desesperado:

- Ele me roubou! Ele roubou meu relógio mágico! Pega o maldito! – gritou Francisco.

- O quê? – perguntou Laviniah.

- Isso é pecado, é roubo, anjo! Pega o moleque! – gritou Francisco, cada vez mais nervoso.

Laviniah abriu a porta do carro e saiu para procurar pelo menino. Logo o achou ainda parado no sinal, conversando com um homem de idade. Passava o dinheiro para aquela figura que podia ser seu pai, avô ou simplesmente um qualquer que explorava o trabalho infantil. A anjo moveu-se para procurar pela criança, jurando que aproveitaria para espancar aquele pecador que corrompia o menor. Foi então que Francisco saiu correndo do carro. Naquele exato momento, Liel acabara de se lembrar que Francisco não tinha nenhum relógio mágico. O celestial mago saiu do carro gritando que o mago havia fugido, mas já não havia sinal de Francisco quando Laviniah olhou.

Eles começaram a correr na direção em que o fugitivo desaparecera e logo foram acompanhados pelos outros. Abandonaram os táxis sem pagar e, desacostumados a lidar com dinheiro, nem notaram o problema. Não ouviram os gritos dos taxistas enquanto corriam desesperados atrás do mago. Por fim, pararam em frente à Catedral da Sé. A enorme igreja, com seu estilo gótico, projetava uma sombra acolhedora, onde eles finalmente puderam descansar de verdade. Não se importaram com a multidão de pessoas que andava em volta, parando próximos aos degraus da igreja. Laviniah acabou os convencendo a entrar e a se sentarem.

- Ele não vai longe, Gabriela está conosco – falou Laviniah, achando que conhecia Francisco muito bem. Os outros não discordaram, pois nunca puderam ver o mago se afastar da amante.

- Eu bem que não me importaria de trabalhar nessa cidade – falou Elkalas, sorrindo. – Há muita oportunidade de emprego para um anjo da morte aqui.

- Você só fala nisso? Não pode parar para apreciar a beleza da catedral? Nem para imaginar quantas pessoas estão andando lá fora! Imagina só o que você pode conhecer aqui! – disse Zem'Yuriah.

Elkalas o olhou e bocejou sem vergonha alguma. Umedeceu os lábios antes de voltar a falar.

- Você não se cansa de ser sensível assim não? Tem certeza de que está no trabalho certo? Francamente, você me mata de vergonha, Zem'Yuriah.

- Pela Luz Divina! Não agüento mais ouvir discussões! Parem com isso logo! – pediu Liel.

Elkalas riu e se calou, perdendo-se em pensamentos. São Paulo o fazia se lembrar de muitas batalhas contra seres das trevas. Também havia uma amiga que vivia ali, alguém que não via há um bom tempo e talvez fosse bom encontrar mais uma vez.

Francisco misturou-se no meio das pessoas, aproveitando

para usar um amuleto que o permitia se ocultar mais facilmente no meio da multidão. Já tinha tudo planejado quando saiu do carro, por isso mesmo não retirava o casaco mesmo com o calor que fazia. Satisfeito por ter deixado o grupo, alcançou um telefone público e tratou de discar para um velho colega. Do outro lado do telefone, Jeremiah Gonzalez atendeu já sabendo quem o procurava. Não havia mais ninguém que usava aquele número além do aliado ocasional que desaparecera há tanto tempo. Marcaram de se encontrar no Museu de Artes de São Paulo, o MASP.

Jeremiah foi o primeiro a chegar, movendo-se pela cidade com uma rapidez assustadora. Não era para menos, pois o mago sombrio estava acostumado a se descolar por São Paulo em busca de inimigos ou em fugas desesperadas. Francisco chegou ao MASP suado e cansado, mas sem se preocupar em se trocar. Sabia que Jeremiah também não perderia tempo se impressionando com a aparência do colega. Mas o próprio Gonzalez era o oposto do recém-chegado. Quase encostado a uma das colunas do edifício, ele vestia um terno fino, tão negro que poderia ter sido tecido de sombras. A gravata era cinza e a camisa branca só não brilhava porque não estava ao sol no momento. O mago sombrio estava se protegendo sob as sombras e usava óculos escuros que tapavam completamente os olhos, quase ocultando as sobrancelhas. Quase sorriu quando viu Francisco chegando, mas aquilo não fazia parte de sua personalidade. Jeremiah sofria de um único mal, paixão perdida, o que lhe permitia ter poucos momentos felizes.

Os dois magos se abraçaram, quase contentes de se verem após tanto tempo. Jeremiah quase não ouvira falar de Francisco depois do incidente com Adapa. Não fosse pelas informações que colheira no meio místico, poderia jurar que o colega acabara morto na aventura. Ele só não ficou realmente contente pelo reencontro porque sabia que Francisco estava ali para pedir alguma ajuda e aquilo só poderia significar perigo. Conversara um pouco e rodearam o assunto antes de alcançarem as perguntas e respostas que realmente importavam.

- O que o fez me chamar? – perguntou Jeremiah, cruzando os braços e afinando os olhos ocultos pelas lentes.

- Preciso trocar algumas informações. Não quer se livrar de nenhum grupo de magos ou demônios que tem o atormentado? – perguntou o mago, como se ele mesmo fosse destruir os inimigos de Jeremiah.

- Acha que pode encontrar Diacon para mim? – perguntou o mago sombrio, falando de seu pior inimigo. Francisco olhou de volta como se perguntasse se o colega estava rindo dele. – Tudo bem, foi pedir demais. Pretende acabar com meus inimigos sozinho?

- Eu resolvo isso, Jeremiah. Tenho meus recursos...

- Humpf.. Quem vai sujar as mãos por você dessa vez? – perguntou o mago sombrio.

- Um mágico nunca revela seus truques, Jeremiah.

- Tudo bem...

Gonzalez contou o que sabia sobre um pequeno grupo de magos das sombras que se recusava a colaborar com ele. Revelou que já estava farto daquele grupo que adorava se denominar A Cabala e adoraria vê-los destruídos. Ele mesmo não o fãria porque acabaria encontrando problemas com sua própria ordem e não podia dispor de nenhum de seus recursos no momento. Estava ocupado demais envolvendo-se na luta contra Diacon e alguns demônios invocados pelo mago inimigo. Francisco ouviu as informações com atenção, aprendendo sobre os projetos da chamada Cabala e deduzindo como poderia abordar aqueles aprendizes pretensiosos. Aquilo era o que não faltava no mudo, aprendizes pretensiosos que poderiam ser facilmente usados por um mago esperto. Naquela ocasião, ele, Francisco. Depois de ouvir o que queria, o amante de Gabriela foi embora para executar quaisquer planos que tinha.

Jeremiah observou o colega se afastar, pensando no que poderia estar acontecendo naqueles dias. Tentou imaginar o que o outro fizera nos últimos tempos. Se ele continuava o solitário cínico de sempre ou se já tomara um rumo diferente. O mago sombrio gostaria de saber se era possível mudar algum dia, depois de se prender nas teias de conspiração da sociedade sobrenatural. Jeremiah queria apenas vingança, não importando os meios. Seguiu indiferente, mesmo

com os avisos de pessoas como Francisco, que alertavam quanto ao fato de se unir aos magos sombrios. No entanto, ele mesmo reconhecia que a vingança muda o coração das pessoas, afundando-as em um caminho de trevas. Tudo por causa de uma perda amorosa. Uma história de amor trágica como muitas outras que o levou a se tornar o que era.

André Rocha era um militar misterioso, mas reconhecido como um dos melhores combatentes do exército brasileiro. Em geral, os soldados da base militar de Pirassununga impressionavam-se com o fato de até os oficiais de patente superior ao Tenente Rocha o tratarem com um respeito que não condizia com a hierarquia militar. Apenas um seletos grupo entendia o motivo daquele tratamento diferenciado. André podia ser um tenente no exército, mas, dentro da secreta ordem de guerreiros e caçadores de bruxas oculta entre os militares, ele era de um grau elevado, um daqueles de posto mais alto no Brasil. Eles se apelidavam de Templários e se diziam os responsáveis por manter o Brasil limpo da corja que lidava com bruxaria.

Foi justamente a importância de André que levou um dos soldados, também membro do grupo secreto, a entregar em mãos uma carta recém-chegada. André a abriu com pressa e já irritado, pois o remetente era ninguém menos que Francisco, aquele mago irritante que vivia causando problemas. Os Templários do Rio do Janeiro viviam reclamando daquela figura insolente, mas nunca haviam movido um dedo que fosse para o capturar, apenas deixando que continuasse com seus planos caóticos. André leu três vezes a carta e ainda olhou o verso para ver se achava mais alguma coisa. Não havia nada além daquilo que Francisco sempre escrevia. O mago indicava um grupo de inimigos a ser destruído e pedia algo em troca. Então, em uma reação que já poderia ser considerada padrão, André tinha um ataque de fúria, gritava com alguns subordinados, ligava para a esposa para perguntar se as crianças haviam feito o dever de casa e depois se sentava de novo

mordendo os lábios e alisando a pistola no coldre. Depois de algum tempo meditando, o militar resolveu o de sempre: chamaria Francisco para uma conversa e mandaria os soldados confirmarem os dados da carta, só então passaria as informações que o mago queria.

O que impressionava André era o fato de Francisco ter marcado o encontro antecipadamente. O mago disse que estaria esperando por André em frente aos portões da base naquela mesma noite. E assim estava quando o tenente apareceu uniformizado para verificar pessoalmente se havia alguém ali. Permitiu a entrada do mago, dando ordens para que os soldados não comentassem nada. Depois disso aquele passaria a ser um segredo mortal dentro da base. Nem bem chegaram ao escritório de André, o mago caiu na poltrona exausto. Estava totalmente ativo há dois dias, tendo passado todo o dia anterior em São Paulo, seguindo a Cabala delatada por Jeremiah e conseguindo informações mais apuradas para passar para André. Depois viajara para encontrar-se com o militar.

André passou para seu lado na mesa e apoiou os braços com os punhos fechados, mostrando um rosto moreno e nervoso para Francisco. O mago não se impressionou, olhando de volta com tédio, para não dizer impaciência. Ficaram calados por alguns minutos até que o telefone tocou. André atendeu depressa e resmungou algumas coisas.

- Executem a tarefa – disse por fim, o que fez Francisco sorrir.
- O que quer, mago?

A raiva contida na voz de André devia-se ao fato de que ele vivia para caçar pessoas como Francisco e, no entanto, aquela deveria ser a décima vez em que passava informações para o mago em troca da localização de algum grupo de criaturas malignas. Na mente do militar, aquilo era quase que fazer um pacto com o demônio, mas ele estava disposto a pagar o preço, desde que houvesse menos perigo no mundo. Costumava suspeitar que Francisco estava o usando algumas vezes, mas não se importava, desde que tivesse a oportunidade de lutar. Aprendera há muito tempo que deveria ser humilde e aceitar ajudas pouco ortodoxas algumas vezes.

- Quero falar com ele...

- Não... – recusou o tenente, agora cruzando os braços sobre o peitoral musculoso.

- André...

- Não pronuncie meu nome! – gritou o militar, apontando o dedo para o mago. Francisco deu de ombros e suspirou.

- Escute, preciso de uma informação urgente. Pode ter certeza de que a morte desses magos sombrios pagará por esse momento. Lembre-se de que essa não será a última vez que eu poderei ajudá-lo, a não ser que negue o que estou pedindo. Também, não acredito que vá descumprir uma promessa. Nesse meio tempo, seus homens já devem estar no meio da luta. Eu cumpri minha parte do acordo, você cumpre a sua agora – falou Francisco.

- Eu não prometi nada! – retrucou André. Francisco o fitou e esperou, não dizendo nada. Sabia que poderia contar como senso de honra daquele homem. – Tudo bem – disse por fim, soltando as palavras como se acabasse de vender sua alma. – Mas esteja pronto a me entregar pelo menos mais dois covis nas próximas semanas.

- Tudo bem – falou Francisco, levantando-se para mostrar que queria sua parte naquele exato momento. André começou a dar a volta da mesa e o conduziu para fora do escritório.

Francisco deixou que André vendasse seus olhos e não se importou em entregar o casaco. Fez o tenente prometer que ninguém tocaria em suas roupas ou ficaria as investigando e que seriam entregues assim que ele saísse vivo da base. Poderia ter ficado receoso e feito um plano de fuga, mas o mago sabia que podia sempre contar com a honra de André. Era por isso que não tinha problemas em manipulá-lo. Eles desceram por uma porta secreta, passando por corredores de paredes cinzentas até chegarem às prisões dos seres sobrenaturais que a ordem secreta guardava. Francisco notou que chegara ao lugar quando suas vendas foram retiradas e viu as portas

com símbolos cabalísticos. Sem dúvida, cada um daqueles desenhos era uma marca de proteção contra o que estava dentro da cela.

Aquele era um bom lugar para se criar prisões para criaturas do além, pois a região toda tinha grande tendência a enfraquecer qualquer criatura com poder mágico. Era um efeito raríssimo, mas que fora descoberto e muito bem aproveitado pela ordem de André. Francisco sabia que seria um erro tentar invocar qualquer feitiço naquele lugar, mas sabia que não seria necessário. Nem pensava naquilo quando André parou em frente a uma porta coberta por letras hebraicas. Francisco não conseguiu entender o que estava escrito, pois antes que pudesse se esforçar para traduzir, André retirou uma chave e a abriu. As luzes se acenderam dentro da cela, passando pelas barras de aço que ficavam logo atrás da porta e refletindo-se de leve no vidro à prova de balas que estava depois das barras.

- Vou esperá-lo no fim do corredor – disse André, dando as costas no momento em que Francisco ouviu barulhos de corrente se agitando.

O olhar do mago foi atraído para o canto da cela, onde viu uma criatura pálida sentada no chão. Era um homem musculoso cujos dedos terminavam em garras. Os longos cabelos negros tapavam o rosto, ocultando um olhar perverso que não tardou em reconhecer o mago. Ele mexeu um dos braços, puxando as correntes. Os elos de aço eram mais grossos do que os braços da criatura.

- Eu imaginei que viesse um dia. Demorou dezoito anos, três meses, cinco dias e exatamente duas horas para aparecer, mas aqui está. Como está, Francisco? – perguntou a criatura, cruzando os braços em cima dos joelhos.

- Bem... Kobiel. Espero que não guarde ressentimentos – disse o mago, só não sendo mais cínico porque o momento não lhe permitia.

- Humpf.. Ressentimentos só porque me denunciou para esses malditos caçadores de bruxas? Apenas por isso?

- O que eu podia fazer? Você é um anjo caído perverso e assassino que, por sinal, queria me matar. Eu, um pobre humano

indefeso, tive que fazer alguma coisa para continuar minha frágil vida.

Kobiel levantou-se com um salto, mas quase caiu por causa do peso das correntes. Aproximou-se do vidro, ainda com os cabelos cobrindo o rosto. Pôs a mão alva na superfície e fitou o mago com raiva.

- O que quer? – perguntou Kobiel, começando a imaginar que poderia retirar alguma vantagem daquele encontro.

- Quero que me conte algo. Quero que me conte sobre isso. – O mago aproximou-se do vidro e fez um desenho na superfície, bem em frente à mão do anjo caído.

Kobiel retraiu o corpo imediatamente, assustado com o que acabara de ver. Agitou as correntes com raiva e gritou. Não podia acreditar que seu inimigo aprendera aquilo.

- Adapa o ensinou? Adapa o ensinou? Por que ele não ensinou a mim como abrir o selo da destruição? Por que não ensinou a mim? Eu deveria ter trocado essa informação com ele! Fazia parte dos nossos planos! Maldito arquimago! Se eu um dia sair daqui, acabo com aquele maldito!

Francisco conseguiu ocultar a surpresa em sua face. Desconfiava do que acabara de ouvir, mas ainda não acreditava. Adapa realmente usava os selos sagrados em suas magias. Com certeza a letra da destruição, que agora Francisco sabia que na verdade era uma das chaves dos selos divinos, era usada por seu antigo mestre na magia para destruir anjos. Mas como criar uma interação perfeita entre uma magia e uma letra sagrada?

- O que quer saber sobre o selo? Por que Adapa o ensinou? Ele foi libertado da Cidade de Prata? – perguntou Kobiel, aproximando-se do vidro mais uma vez, agora aflito para saber de seu aliado. Começava a quase enlouquecer com a possibilidade de ser libertado por Adapa.

- Conte-me o que quero saber que eu digo a Adapa onde você está. Envio uma mensagem para ele – falou Francisco, tendo certeza de que Kobiel ainda não sabia o que acontecera com o arquimago. – Estou prometendo e não posso mentir sobre isso na sua frente. Você

sabe...

- Eu sei. Pois bem... – Kobiel começou a falar apressado, louco para que Francisco sáisse logo dali e fosse contar a Adapa onde seu aliado estava. – Os selos divinos são marcas únicas que representam idéias abstratas ou concretas da Criação. Usá-los é como uma pessoa escrever, ela passa para o papel o que imagina, moldando sua imaginação e a dos outros quando alguém lê. Um mago com as letras ou chaves pode abrir os selos, liberando essas idéias no mundo, aproveitando para moldar seus poderes. Não sei como isso pode ser feito, pois eu mesmo passei quinhentos anos pesquisando uma dessas e não consegui aprendê-las. Fico admirado como alguém novo como você tenha conseguido. Deve haver algo mais na sua história, mas não me importa como fez.

- Como posso usar uma letra com eficiência em minha magia? – perguntou Francisco, ocultando a ansiedade que quase brilhava em seus olhos.

- Não sei muito bem, mas... Talvez a inscrevendo em seu corpo e canalizando a energia mágica através dela. Marcando-a em sua alma... Substituindo palavras chaves na invocação pela letra. São hipóteses... Apenas hipóteses... – falou Kobiel. Calou-se pouco depois, pois não sabia mais nada.

Francisco deu as costas ao anjo caído e desapareceu no corredor. Não se importou nem um pouco com os gritos desesperados que desapareceram quando a porta se fechou. Saiu junto com André, imaginando quais os planos que Kobiel tivera ao lado de Adapa. Os dois deveriam ter começado a planejar justamente o que o arquimago gerara há alguns anos. Kobiel era famoso por perseguir anjos muçulmanos e desesperado por livrar os humanos da dominação angelical, assim como Adapa. Uma aliança entre os dois era providencial.

Saindo da base militar com todos os seus pertences e, mais importante, com sua vida, Francisco tomou o rumo de São Paulo mais uma vez. Usando um carro alugado, o mago só parou uma vez no meio da estrada. Desceu do carro, pegou um pedaço de papel e

escreveu uma mensagem para Adapa: Kobiél está preso em uma base militar no Brasil. A partir de um pequeno ritual, o mago abriu uma passagem para o Inferno. Não era nada pelo qual um demônio pudesse passar. Para dizer a verdade, o portal era só de ida, o que era muito mais fácil de se criar. O Inferno era um lugar bastante receptivo para qualquer um que quisesse fazer uma visita. Selando a carta, o mago jogou-a em direção ao Orco. Sua promessa estava feita. Que a alma de Adapa, onde estivesse no Inferno, ficasse sabendo que um de seus grandes aliados estava derrotado.

Jeremiah observou Francisco entregar o carro na locadora de automóveis e pediu para seu motorista parar em frente ao mago assim que ele estivesse para atravessar a rua. Ofereceu uma carona que quase foi recusada, mas as intenções de González foram logo percebidas pelo outro feiticeiro. Entrando no carro, Francisco logo aceitou um copo de vinho, bebendo com vontade. Respirou profundamente logo depois e estalou os dedos, aquecendo-os para o que estava para acontecer.

- Já descobriram? – perguntou o mago.

- Obviamente, sim. Agora virão em seu encalço. Ainda bem que já estou aqui para repreendê-lo.

Eles continuaram conversando sobre frivolidades enquanto viam que o motorista não os conduzia para a casa de Jeremiah. O mago sombrio não dera ordens para seu servo seguir na direção daquele beco abandonado, mas não se importou em dar ordens para o impedir. Quando o carro parou, nenhum dos dois feiticeiros ficou surpreso ao notar o sangue escorrendo pela boca do motorista.

- Qual ritual é esse? – perguntou Francisco.

- Típico da ordem. Um domínio mental completo, que ultrapassa as barreiras que um outro mago tenha colocado. Pena que mata o dominado.

Francisco poderia até se entristecer com a morte do motorista, mas sabia que aquele homem já deveria ter vendido sua

alma para o chefe. Ninguém que trabalhava para um mago sombrio era inocente. A dupla saiu do carro e andou até ficar em frente ao veículo. Ficaram de costas um para o outro. Jeremiah, com seu terno impecável, respirava suavemente, concentrando-se para o combate. Francisco movimentava as mãos e imaginava qual seria sua primeira magia.

- Como nos velhos tempos? – perguntou o mago sombrio.

- E por que não haveria de ser? Eu ataco primeiro! – falou

Francisco, quando notaram os primeiros inimigos se aproximando.

A primeira aparição foi de um mago sombrio que disputava poder com Jeremiah. Era justamente o mestre dos novatos que Francisco entregara para André. Ele apareceu também em um terno preto. Tinha os cabelos raspados e tatuagens na testa. Nas paredes dos prédios que formavam o beco, criaturas humanóides começaram a descer como aranhas. Elas moviam-se no lodo e na sujeira acumulada, emitindo sons que lembravam alguém ansioso por comida. Tinham a pele cinzenta e seca, prestes a rachar.

- São zumbis tibiác. Gostaria de aprender como fazê-los. São criaturas ágeis e assassinos úteis – explicou Jeremiah, contando quatro daqueles seres.

- Não é minha área. Aí já é descer demais – falou Francisco, vendo que seus inimigos já os cercavam.

- Jeremiah – gritou o mago inimigo. – Deixe esse cretino comigo. Eu vim para acabar com esse delator.

- Não pode fazer isso, Sales. Eu já vim aqui para conversar com esse meu aliado. Como eu o conheço, é meu direito acabar com esse novo inimigo da ordem – falou González, conseguindo ser tão cínico que fez Francisco soltar uma risada.

- Não pense em... – Sales começou a dizer, mas suas palavras acabaram-se, interrompidas para que pudesse erguer uma magia de proteção. Punhais energéticos haviam brilhado em sua direção, o que o obrigou a usar uma barreira especial. O mago sombrio sabia que os punhais criariam um campo que perturbaria as energias mágicas a seu redor, afetando suas invocações. Raios saíram de seus dedos,

consumindo o ataque que partira de Francisco. Usando o mesmo feitiço, Sales voltou-se contra a dupla de magos, agora querendo aproveitar para derrotar González e assumir a posição do rival.

Jeremiah já estava pronto, momentos antes, erguera um véu sombrio que absorveu o ataque do inimigo transformando os raios em forças tenebrosas que apenas aumentaram o poder de sua próxima magia. Quando os zumbis atacaram, ele criou um escudo de sombras que surgia toda vez que um daqueles seres tentava pousar suas garras sobre a dupla. Francisco nem dava atenção aos zumbis, pois contava que seu aliado cuidaria deles. De fato, o mago sombrio estava fazendo um bom trabalho. Ele arrancou um pouco de cinzas de um dos bolsos e espalhou-as nos dedos. Os zumbis sentiram o efeito mágico no mesmo instante. Seus olhos transformaram-se em pó, assim como seu sangue, que começou a ser vomitado, perdendo-se no ar assim que era expelido do corpo. Um a um, os tibiác foram caindo, vítimas de um feitiço preparado exatamente para a ocasião. Jeremiah não deixaria de criar uma contra-mágica para os assassinos criados por um rival.

Francisco precisou de algum tempo para penetrar nas defesas de Sales. Seus punhais energéticos, uma magia que detestava, não haviam funcionado. O inimigo já erguera um escudo de proteção contra poderes espirituais e preparava um ataque com dardos tenebrosos. Francisco reconheceu a magia nem bem o adversário começou a fazer os gestos e a recitar. Começou sua própria invocação para proteger-se, só esperando para ativar quando viu os dardos rumando na sua direção. Sabia que aquele ataque era um veneno para o espírito e ele já tinha problemas espirituais demais com que se preocupar. Sales estava sorrindo antes que seus dardos desaparecessem diante do oponente. Englobados em um portal de sombras, os projéteis tomaram outro rumo. Francisco usou seu corte espectral no instante seguinte. Sales não reagiu, imaginando-se protegido pela barreira mágica. Continuou preparando seu próximo ataque, parando de recitar quando sentiu que os próprios dardos tenebrosos haviam se chocado contra seu escudo, quebrando a barreira e dando oportunidade para o feitiço de Francisco o atingir. Suas roupas não foram tocadas, mas mancharam-se de sangue

por causa da ferida que se abriu em seu peito. Desnortado, ele pegou um amuleto no bolso, seu último recurso.

- Parem! – gritou alguém.

Francisco olhou para cima e viu que uma anjo com dois pares de asas caía sobre Sales. Ela o chutou nas costas, jogando o amuleto no canto do beco. Com o mago sombrio caído, a celestial sacou uma espada e apontou para seu pescoço. Seus olhos de luz voltaram-se para os outros dois feiticeiros, ameaçando-os com uma face brilhante e quase os encantando com os cabelos loiros feitos de raios de sol. Ela apontou-lhes um dedo, ordenando que não se mexessem. Francisco começou a pensar em uma magia contra anjos, mas não precisou usar. Gabriela e os outros apareceram pouco depois. A guerreira o abraçou enquanto os outros cercaram Jeremiah.

- Eu ainda acabo com você! Como pode me deixar tão preocupada assim? – perguntou a anjo, beijando-o.

- Eu também estava com saudades, meu amor. Conheça Jeremiah, meu amigo de longa data. Como me acharam? – Francisco estava feliz, apesar de preocupado. Jeremiah já emitia um olhar hostil para os anjos. – Jeremiah, conheça Gabriela e relaxe, ninguém lhe fará mal.

O mago sombrio virou-se para o casal e sua expressão passou de ameaçadora para triste, com uma sombra amarga cobrindo seus olhos.

- Você tem sorte. Cuide bem dela. Eu acho que já vou – disse ele, começando a se mover, mas os anjos fecharam o cerco.

- Não deixem esse mago sombrio escapar – exclamou a anjo que tinha um dos pés sobre a cabeça de Sales. Ela acabara de o prender com algemas douradas.

- Litah, ele é amigo de Francisco – protestou Gabriela. A anjo não deu atenção, olhando para Laviniah e Elkalas.

- Escute! É melhor deixá-lo ir. Ouça o que eu digo, anjo. É melhor para você e para São Paulo – retrucou Francisco.

A anjo Litah observou o mago durante algum tempo, depois fez sinal para os outros liberarem a passagem de Jeremiah. Avaliando a

situação, achou que seria melhor seguir o conselho de Francisco. Eles observaram o mago sombrio começar a se afastar até o carro, jogar o corpo do motorista para o banco de passageiros e começar a dirigir para fora do beco. Quando desapareceu, Litah já estava ao lado de Francisco.

- Acredite, Litah, ele pode estar aliado aos magos sombrios, mas não é mal... Não enquanto alguém não se intromete em sua vingança. E é por causa dessa vingança que ele luta contra forças piores ainda que os magos sombrios. Prendê-lo seria acabar com qualquer equilíbrio frágil que exista em São Paulo. Leve apenas esse fracassado aí. Mas, como me acharam? Será que vão que responder?

- Litah é amiga de Elkalas e nos achou quando estávamos na Catedral da Sé. Ela mantém vigias em todas as igrejas, sejam católicas ou evangélicas. Gosta de manter-se atenta a qualquer oração e saber o que os humanos estão fazendo, não importando a religião – explicou Gabriela, exibindo um grande sorriso.

- Ela também contou que Laoviah esteve aqui recentemente, não para lutar, mas apenas de passagem – falou Laviniah, o que fez Francisco pensar: Maldição! Preciso me lembrar de nunca acertar sem querer. Vir logo para onde esse Serafim está... – Mas Giuliano não está aqui. Parece que está no Rio de Janeiro.

- Peço que tomem bastante cuidado. Laoviah esteve bastante ativo nesses últimos anos. Ele vem reunindo um exército, pelo que sei. Está agindo devagar, sem procurar desavença na maioria dos lugares onde passa. Foi esperto ao não procurar briga com nenhum anjo ou demônio aqui em São Paulo. Nós não o teríamos notado se ele não estivesse à procura de um Decaído que estávamos vigiando – contou Litah.

O grupo não precisava saber de mais nada. Era hora de viajar mais uma vez, agora apara o Rio de Janeiro. Francisco só exigiu dormir ao menos um dia em um hotel e descansar ao lado de Gabriela antes que fôsse fazer qualquer coisa. Estava exausto e precisava pensar nas informações que conseguira. Precisava imaginar um meio de usar a letra da destruição sem aniquilar a si mesmo. E, mais difícil ainda,

descobrir como se livrar dela, já que aparecera em sua mente a partir do nada.

Parte 2

Crucificação

Podia-se dizer que o mundo parou para assistir as cenas que se seguiriam naquele fim de tarde. Ah, sim, lágrimas escorreram pelas faces, fato que se repetiria durante séculos quando aquele momento fosse lembrado. Olhos cerraram-se para não ver a dor daquele instante, como aconteceria na mesma data em anos futuros, só que para tentar visualizar o ocorrido. Assim as pessoas observavam aquela procissão, quando o homem chamado de Jesus era levado pelas ruas de Jerusalém, carregando a própria cruz. Houve um tropeço que fez os corações se agitarem e quase exigirem que mãos se erguessem para ajudá-lo, mas, por fim, o medo impediu a ação. Houve apenas um homem que carregou a cruz para o condenado, mas por ordem dos soldados que o escoltavam para sua crucificação.

Havia agitação e lamúria entre os humanos, porém o momento quase lhes passou despercebido para grande parte da população, só vindo a repercutir mais tarde, bem mais tarde. Por que então dizer que o mundo parou? Porque o mundo espiritual não se moveu naquela tarde. Almas falecidas não foram retiradas de seus corpos, milagres não foram realizados, batalhas pararam para perceber aquele momento. Não era só uma questão de fé, mas também de dúvida do que se passaria depois.

Anjos e demônios observavam de longe, fosse de pé sobre os telhados das casas, batendo suas asas no céu ou observando ao longe, perto dos montes. Um grupo em especial tinha interesse naquela ocasião, criaturas poderosas que lideravam a Cidade de Prata. Havia outros espalhados pelos montes, mas aqueles discutiam algo em especial, pois estavam mais envolvidos com a situação. O primeiro deles, Gabriel, observava com interesse, perdido em contemplação, como se fosse um arquiteto assistindo sua obra se realizar, porém, se apreciava ou não, era difícil dizer. Os outros estavam curiosos com a reação do Anjo da Morte, também chamado de Anjo da Anunciação. Eles eram Rafael, Uriel, Laoviah e Miguel.

- Diz-nos, Gabriel. Ele é ou não é o Ungido. Tu o anunciaste

como filho de Demiurgo, mas qual humano ou anjo não o é? – perguntou Laoviah, curioso para saber se o Príncipe dos Céus voltara para cumprir a missão final e acabar de vez com as forças opostas a Demiurgo.

Gabriel não se voltou para seu irmão, continuando a observar com as mãos no cabo de sua espada. O nome da lâmina era Mensagem e anunciava tanto vida quanto morte, tanto boas quanto más notícias. Sempre a mostrava como indício de sua missão.

- Anunciei como tu dizes. Agora ele é chamado de Messias por quem acredita – respondeu o Anjo da Morte com aquele tom enigmático de sempre. Seus olhos agora miravam o horizonte, buscando as conseqüências daquele momento. Uma sombra passou por seu rosto, fruto do peso de decisões e ordens cumpridas, tudo que apenas ele poderia fazer.

- Não me respondeste – falou Laoviah, aproximando-se.

- Ele não vai responder, Laoviah. Acreditas se quiser ou não. Mas sabes que ainda sim tem uma missão a cumprir hoje – falou Rafael, que estivera aturdido com o sofrimento do Profeta. Seu rosto ainda estava molhado por lágrimas enquanto observava o Homem aproximar-se lentamente do Gólgota, o Lugar da Caveira, o local da crucificação.

- Parece que ainda não é hoje que tocaremos nossas trombetas para espalhar o que presidimos pela Terra, meu irmão – comentou Uriel.

As palavras de Uriel se confirmaram assim que ele acabou de pronunciá-las. O último pedido de Jesus foi feito antes que suas roupas fossem retiradas pelos soldados. "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem", pensava o profeta, assumindo para si as dores do mundo. Fosse como fosse, os anjos reclinaram a cabeça, pois naquele dia não haveria guerra. Ela fora adiada pelas ações de Jesus, que sofreria em nome dos pecadores. Assim Laoviah abriu suas asas para levar o castigo que nunca faltava aos pecadores. Só que seu poder seria dirigido a apenas uma pessoa em nome de muitas. Antes de voar, virou-se para os outros e disse:

- Lutareis em nome dele?

- Eu lutarei! – afirmou Rafael, assumindo a fê naquele homem, considerando-o o Ungido como a grande maioria dos anjos já estava fazendo.

- Houve algum dia que não cumpri as ordens a mim dadas para proteger as Leis do Senhor? – respondeu Uriel.

- Lutamos em nome de quem luta por Demiurgo e assim será – respondeu Miguel com sua eterna face de guerreiro, que nunca se alterava. Exibia apenas o semblante decidido de quem vai a luta em nome da fê.

Gabriel apenas sorriu, nada dizendo. O olhar do Príncipe da Morte continuou vidrado no horizonte, enquanto soltava um suspiro longo e cansado. As pontas de seus lábios moveram-se levemente, praticamente forçando o sorriso para Laoviah. Mas o Destruidor não se importou, alçou vôo pensando nas três respostas que recebera. De algum modo, aqueles anjos estariam ao lado daquele que muitos chamariam de Christos, seguindo sua palavra, ainda que alguns não revelassem diretamente se acreditavam que era o Ungido. Esperariam pela palavra final de Demiurgo ou, quem sabe, Metatron. Muitos outros já haviam se recusado a acreditar, assim como havia aqueles que já se movimentavam para fortalecer a fê na Nova Aliança.

Os homens não sentiram quando o Serafim pousou magnânimo em meio a eles. Já haviam deitado o Nazareno na cruz e preparavam-se para enfiar-lhes os cravos nas mãos e nos pés. Laoviah olhou e pensou que fora notado pelo homem agonizante, mas não deu atenção. Respirou profundamente e colocou-se atrás do soldado que se preparava para bater o primeiro cravo em uma das mãos. Amarrado à madeira, o prisioneiro não resistiria quando a carne fosse perfurada.

O anjo ajoelhou-se ao lado da cruz e segurou o braço do soldado, não para pará-lo, mas para ajudá-lo a erguer o martelo. Com suas mãos poderosas, envolveu a outra mão do crucificador, que mirava o cravo bem no pulso do condenado.

- O primeiro castigo recaiu sobre os homens e tu o aceitas. Tu recebes o castigo de Demiurgo para salvar os pecadores, todos

aqueles que desobedeceram as Leis. Assim tu sofres em nome de todos – anunciou, levantando o braço do soldado, sem que esse percebesse a ajuda sobrenatural. O anjo olhou para o crucificado, notando seus lábios se movendo em prece e os olhos úmidos fitando o céu. A visão fez o celestial hesitar um pouco e olhar para cima, enxergando apenas as nuvens e outros de seus irmãos que voavam.

Seus olhos desceram juntamente com o martelo, batendo contra o cravo, furando a pele e pregando o braço à madeira. Houve um gemido quando os lábios do crucificado pararam de se mover para apertarem-se. Os olhos fecharam-se e comprimiram-se, fazendo lágrimas escorrerem pelo rosto sujo e abatido. O sangue brotou entre a pele e o cravo que a perfurava, manchando de vermelho o membro.

Laoviah se levantou e o soldado também. O homem não se importava com o que fazia, já crucificara vários. O anjo, sim, dava importância; era a primeira vez que castigava de tal maneira e tinha seu trabalho impedido. Seus olhos observaram a multidão, vendo os corações pecadores. Não podia enxergar corações redimidos. Respirou mais uma vez, enquanto via o crucificador saltando o corpo para ir até o outro braço. Fez o mesmo, só que com mais cerimônia. Mais uma vez ajoelhou-se ao lado do homem e segurou braço e mão, martelo e cravo.

Ergueu a cabeça mais uma vez. Notou seus irmãos o observando ao longe. Tinha certeza de que Rafael chorava, o que o fez amaldiçoar o Anjo da Vida. “Como és patético, Rafael”, pensou e teve vontade de dizer. Poderia ainda ter se voltado para o olhar enigmático de Gabriel, a resignação de Uriel ou a face inalterada de Miguel, mas seu coração e olhos o levaram a outro lugar. Sobre um outro monte, encontrou outra criatura. Lá estava ele, aquele que ainda não fora punido. Brilhando em meio aos demônios, estava Lúcifer, observando como se fosse um príncipe invencível.

Laoviah quase se levantou e sacou sua espada, mas tinha uma missão a cumprir. Seu coração ferveu, o ódio borbulhou em suas entranhas, assim como a fúria viajou por seu sangue e mente. Voltou a si e viu que o soldado estava paralisado, cheio de medo. Ele sentira a

fúria do anjo e quase morrera. Laoviah controlou-se e voltou-se para o crucificado.

- Agora recebes o segundo castigo, tomas para ti, pela segunda vez, a ira que Demiurgo levaria aos pecadores. Recebe-a por minhas mãos, que agem por Sua vontade, pois foram criadas por Ele para castigar – disse, vendo que o prisioneiro ainda rezava, só que agora com os olhos fechados, cerrados pela dor e pela concentração. O martelo desceu, o cravo furou e mais uma vez a prece parou para dar lugar a um gemido sofrido.

Soldado e anjo se levantaram juntos. O mortal andou em direção aos pés para o último cravo, mas o anjo ficou parado, seus olhos cheios de chamas enquanto miravam Lúcifer.

- Sabe que nosso encontro será adiado por obra Dele – gritou para o arquiinimigo enquanto apontava para o corpo agonizante de Christos. – Mas haverá um dia em que nos encontraremos. Nossas espadas se tocarão mais uma vez e teu castigo será devidamente entregue.

Os demônios e anjos caídos se ataçaram em volta do Portador da Luz, mas ele mesmo nada disse. Apenas cruzou os braços e deixou uma das pontas dos lábios se esticarem em um sorriso misterioso de quem planeja e espera.

Laoviah deixou de encará-lo. Deixara-se tomar pela fúria mais uma vez, precisava se controlar. Foi um gemido de Christos que o despertou, fazendo-o voltar-se para o soldado. O mortal paralisara-se outra vez, com seu coração quase parando devido ao medo que sentiu quando a fúria do Serafim o tocou. Laoviah caminhou lentamente, moderando movimentos, pensamentos e sentimentos. Estava ali para cumprir uma missão e só nisso deveria pensar.

Assim ele segurou mais uma vez os braços do crucificador e os dois ajoelharam-se para fazer o último cravo penetrar nos pés do condenado. Laoviah ouviu um suspiro profundo vindo de Christos, como se estivesse prevendo a dor que tomaria seus pés. À medida que o soldado e o anjo erguiam o martelo, a boca do profeta movia-se mais rapidamente, rezando com tanta velocidade que quase juntava as

palavras. E então o martelo desceu. Pela terceira vez a prece foi substituída pelo gemido doloroso e as lágrimas escorreram pelo rosto.

Soldado e anjo levantaram-se, deixando Christos deitado com sangue escorrendo de seus membros e preces escapando de seus lábios em meio a gemidos. O militar observou seu trabalho sem se impressionar. Aquele era apenas mais um louco judeu que levava para a morte. O celestial via ali deitado o homem que acabava com o motivo de sua vida, que ia contra tudo o que Demiurgo ordenara-lhe durante sua criação. Assim, não lamentou quando começaram a erguer a cruz. Já não era de sua natureza lamentar, ainda mais quando via sua existência se desfazer daquele modo.

Suas mãos se agarraram à madeira e ajudaram a levantar. Terminado o trabalho, deu alguns passos para trás para observá-lo, sem se importar com os humanos que estavam atrás de suas asas. Assistiu as horas que se passaram sem se mover, apenas manteve dentro de si mesmo o poder da destruição e do castigo, concentrando-o para o momento final. Liberaria a punição de Demiurgo, que antes era para a humanidade, no espírito daquele homem crucificado.

Então, na hora nona, o Nazareno ergueu a cabeça pela última vez, seus olhos fitando o céu, ainda que mal enxergassem um palmo à sua frente. Laoviah sabia que era aquele o momento, portanto começou a liberar o poder na direção do crucificado. Quando já estava para acontecer, ouviu as palavras que acertariam seu coração como uma espada, que doeriam ainda mais do que os ferimentos que Lúcifer um dia lhe causara.

- Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? – lamentou o Nazareno.

Aquela pergunta fez os olhos de fogo do Serafim se arregalarem enquanto liberava o poder do castigo. Aquelas palavras ressoaram em seu coração produzindo um eco de dúvida em seus pensamentos. Seu poder foi liberado em meio à dúvida, deixando sua forma estagnada durante o restante das cenas.

Não deu atenção aos anjos movimentando-se em volta da cruz, nem às últimas gotas de sangue caindo, nem ao último brado

antes do Homem expirar pela última vez. O espírito se separou do corpo, sendo atingido por uma nuvem de fogo e lágrimas que o fez gritar. Sendo envolvido pelo poder, foi finalmente arremessado ao mundo dos mortos, para conhecer o destino dos pecadores. Dali só voltaria três dias depois.

Perante aquele poderio, os corações mortais estremeceram, sentiram um terremoto em suas almas. O véu que protegia o santuário de seus corações rasgou-se, desmascarando tudo o que havia em seus sentimentos. Vícios e virtudes foram revelados para que pudessem se redimir e se fortalecer, para enfim encontrarem a salvação.

O Serafim ouviu algumas palavras em meio à sua confusão. Este era o filho de Deus, dissera um centurião. No entanto, o anjo não pôde definir se aquela era um pergunta ou uma afirmação. Mesmo que sua mente não soubesse, seu coração estava questionando. E, mesmo que acreditasse que aquele era o Ungido, não sabia se realmente cumprira a vontade de Demiurgo. Desamparo era o que sentia e nada mais. Era um sentimento que geraria frustração e esta ainda se transformaria em fúria e destruição.

Laoviah não pôde dar importância a nada que se passava à sua volta, pois apenas olhava aturdido para o corpo inerte na cruz. Quando finalmente despertou, viu que os soldados estavam quebrando os ossos das pernas dos dois ladrões crucificados ao lado do Nazareno. Um centurião aproximou-se com uma lança para enfiar no peito do profeta. Laoviah, bem mais alto do que o humano, colocou-se a seu lado e segurou a lança. Ajudou-o a perfurar o corpo, vendo sangue e água jorrarem do ferimento. Aquela fora a última chaga que colocara naquele corpo. Foram cinco, mas ele só participara da segunda à quinta. A primeira, a coroa de espinhos, os humanos lhe deram. Outras três foram apenas por ordens. A última, sem que ninguém soubesse, era acompanhada por ódio e vingança contra aquele que lhe roubara sua missão. O coração do Serafim ardia ao pensar que todos aqueles pecadores haviam sido perdoados e não compreendia como aquele homem morto à sua frente poderia se sacrificar por pessoas que não hesitaram em o mandar para a cruz. Incapaz de entender o que

significava o perdão, Laoviah deixava a fôrma de seu coração aquecer-se.

Antes de dar as costas para o lugar e ver os fiéis retirarem o corpo da cruz, olhou para Lúcifer, vendo-o balançar a cabeça para os lados enquanto sorria, como se debochasse de tudo aquilo. As chamas dos olhos de Laoviah brilharam ainda mais e suas asas transformaram-se em fogo enquanto saltava rumo aos céus. Toda a dúvida foi substituída pela fúria e sua missão de castigar e destruir ressurgiu com força em seu peito. Seu dia ainda chegaria, o dia do Castigo Final.

Gabriel pousou em frente a um penhasco, fechando suas asas enquanto contemplava o deserto de Moab. A desolação à sua frente só era quebrada por um ou outro peregrino que ia jejuar nas cavernas ali perto. O anjo ficou observando enquanto esperava pelo momento de seu encontro. Apenas alguns minutos depois o outro chegou. Pousou a seu lado sem se preocupar em esconder seu poder. Orgulhoso como sempre, exibia suas armas e armadura, assim como as enormes asas de sangue. Lúcifer parecia tanto contente quanto triste, um paradoxo que não impressionava Gabriel, anjo que era, por si só, uma verdadeira fonte de contradições.

- Vais levá-lo até o Inferno? – perguntou o celestial, aquele que ainda vivia na Cidade de Prata.

- Vou. Três dias de trégua na guerra. Ele conhecerá meu reino e saberá o destino dos pecadores. Aproveite esses dias, Gabriel – disse Lúcifer, com sua voz que seduzia e assustava, que era uma fonte de blasfêmia e encanto.

- Ah, sim. Estejas certo de que aproveitarei. Quando não o fiz, meu irmão? – perguntou. Nem era preciso dizer que a pergunta foi feita em meio a um de seus sorrisos, fato constante era esse. No entanto, a sombra ainda continuava sob seus olhos. Sua mente vagava ao mesmo tempo que sua boca dava as respostas ao irmão caído.

- Ah, Gabriel, sabes por que não te destruo?

- O mundo seria muito sem graça sem minha existência. O que seria dos Céus sem minha presença, meu irmão? - respondeu o anjo, sem hesitar ou se envergonhar.

- Sabe que eu me pergunto o mesmo todos os dias?

Terminaram o encontro rindo e cada um abriu suas asas para tomar um rumo. O primeiro subiu aos céus e o segundo desceu ao Inferno.

Capítulo Sete

Aquisições

Giuliano entrou na rica cobertura sem se impressionar com as obras de arte colocadas em sincronia com a decoração. Nenhum dos quadros chamou sua atenção. Caminhou pelo tapete vermelho, que combinava com as cortinas da mesma cor. Os móveis no estilo vitoriano até o agradaram, mas ele preferia algo mais austero, sem todo aquele luxo. Porém, já era de se esperar aquela opulência, pois o morador do luxuoso apartamento era um político e, tanto no Céu quanto na Terra, essa classe ligava-se às minúcias da riqueza. O anfitrião de Giuliano já o esperava sentado em frente a uma pequena mesa redonda, onde uma garrafa de vinho já estava aberta e os copos servidos. Salak, o Nimbus, estendeu a mão para oferecer o assento ao recém-chegado. Giuliano se sentou, mas recusou o vinho.

- É um prazer conhecê-lo, Zih'Diel – falou o político, apenas para demonstrar que conhecia a verdadeira identidade do padre.

- O prazer é todo meu, Salak – respondeu o Caroz. A partir daí, a conversa deu algumas voltas, apenas rodeando o assunto principal e evitando as partes delicadas até que nenhum dos dois pudesse se esquivar.

- Você quer entrada livre no Rio de Janeiro? – perguntou Salak, rodando um dos anéis no dedo.

- Sim, nada além disso. Apenas quero que deixe que mais uma religião se fixe na cidade. Viremos por bem ou por mal, mas você sabe que, se viermos por bem, será melhor para você – falou Giuliano com um tom que demonstrava que também sabia jogar.

- Por que eu acreditaria nisso?

- Porque a cidade ainda não tem seu Principado e eu sei muito bem que você não quer nenhum Principado aqui, pois tem controlado muito bem os anjos do Rio de Janeiro. A morte de Josué foi providencial para você – revelou Giuliano, lembrando-se do que ocorrera na cidade em mil novecentos e noventa e nove. A Irmandade Rubra, aliada ao mago Adapa, invadira a capital e provocara uma

guerra entre os seres espirituais. No meio de toda a batalha, Af, o Anjo da Fúria, destruíra o antigo Principado do Rio de Janeiro, Josué. Conhecido por proteger a cidade de males espirituais e manter a paz entre as religiões, o falecido governante angelical deixou uma vaga aberta. A Cidade de Prata ainda não indicara um substituto devido à delicada situação do Rio de Janeiro. – Francamente, Salak, quanto tempo acha que continuará nesse jogo? Já vi outros Nimbus caírem por causa dessas brincadeiras...

- Logo você falando isso comigo? – acusou o político, arrancando uma risada de Giuliano.

- Sim, sabe por quanto tempo continuamos na Cidade de Prata sem sermos descobertos em nossos planos? Lembre-se que fizemos nossos jogos na própria sede angelical. E você, conseguiria isso? Acha que sim?

Salak girou o anel no dedo mais uma vez, preocupado com o que o Caroz estava dizendo. Assumindo a forma humana, o Nimbus conseguira se infiltrar em várias seitas e na sociedade humana do Rio de Janeiro, contribuindo para aumentar seu poder e sendo um ótimo substituto para Josué, ainda que lhe faltassem as atitudes benevolentes e sem ambição do Principado. Ele ainda conseguira manter os políticos angelicais ocupados e longe da capital, mas seus planos de dominação poderiam ser descobertos. Se fosse criado como um Principado, talvez fosse mais feliz, mas agora era obrigado a subverter a hierarquia angelical para se manter em uma posição superior. Olhou para Giuliano e quase se assustou com a expressão acusadora do Caroz. “Isso é um dos maiores crimes que os anjos cometem”, parecia dizer o padre.

- Pode entrar na cidade e realizar seus planos, desde que não entre em batalhas com nenhuma das outras religiões. A trégua que se formou é tênue e qualquer faísca é capaz de criar uma explosão. Você deve saber muito bem disso.

Giuliano assentiu e começou a se levantar. Não tinha mais nada para combinar com Salak. Já fora dito tudo que seria necessário para colher o que precisavam no Rio de Janeiro. O padre saiu pensando

o quão providencial fora a morte de Josué. O Principado, com todos os seus idéias, nunca permitiria uma negociação como aquela. Não hesitaria por um minuto em acabar com uma seita herética como a Nova Cruz.

A próxima parada de Giuliano foi o Cemitério do Caju. O lugar compreendia o cemitério municipal do Caju, o Memorial do Carmo e o cemitério israelita. Fora ampliado por Dom Pedro II após uma grande epidemia de varíola. O padre andava entre os túmulos em plena madrugada, alheio aos sussurros fantasmagóricos que vinham de dentro das lápides ou das almas penadas que o acompanhavam curiosas. Não era o momento de lidar com elas. Precisava cumprir um compromisso primeiro. Apenas seu acompanhante, uma pessoa afetada, insistia em discutir com os espíritos desencarnados.

- Saiam daqui, seu bando de fracassados! Saiam logo senão eu queimo vocês! – gritava Victorius.

- Cale-se, Victorius. Por falar em fracasso, ainda não conseguiu encontrar suas presas? – perguntou o padre, continuando a caminhar. Victorius seguiu-o calado por algum tempo.

- Eu já tenho um plano. Pode ter certeza que tudo dará certo.

- Espero que sim, para seu próprio bem – falou Giuliano, calando-se, já que estavam próximos do local do encontro.

Victorius manteve uma expressão fechada durante o restante do percurso, tentando conter seus pensamentos. Imaginava como usaria o poder de Moloch a seu favor e como ajudaria o anjo caído a erguer seu poder mais uma vez. Eles seriam invencíveis e Victorius nunca mais precisaria agüentar essas humilhações por parte de Giuliano. Se possível, ele mesmo acabaria com aquele padre imbecil. Por falar em padre... Por que ainda insistia em chamar aquele homem de sacerdote? Ele já fora banido da Igreja Católica e até as igrejas evangélicas estavam a procura dele. Não havia cristão fiel que não se irritasse com

as palavras de Giuliano.

A criatura que os esperava no momento era um demônio. Seu nome era Edruhur, demônio arkanita, despertado há poucas décadas para voltar a lutar contra o Céu. Seus quatro enormes chifres cresciam da testa como espadas que procuravam pelos inimigos. Os olhos estavam cheios de chamas negras que, ao invés de iluminar enchiam de sombras seu rosto. O corpo era todo negro, sendo o peito coberto de pêlos duros. As enormes mãos, parecidas com as de um macaco, tinham garras, como era de se esperar de um demônio. Usava como roupa um grande manto cinza que o cobria até os pés, apesar de estar aberto do pescoço até a cintura. Coube a Victorius a apresentação, já que o mago marcara o encontro em nome de Giuliano.

- Edruhur, aqui está o Caroz Zih'Diel, servo de Laoviah, só que disfarçado de padre ou ex-padre... Não sei. Ele quer falar com você sobre alguns planos, por isso marquei o encontro. - Zih'Diel lamentou a falta de trato social do aliado.

- Diga logo o que quer. Eu não gosto de ficar nesse cemitério. Há almas demais por aqui e suspeito que elas possam me tomar como inimigo. Isso prejudicaria muitos dos pactos que eu consegui desde a guerra em que Josué morreu - falou o demônio, despejando um hálito de carne apodrecida sobre os outros dois. Victorius não se importou com o cheiro, mas Giuliano teria vomitado se sua força de vontade não fosse tão grande.

- Edruhur, vim aqui justamente para falar sobre as almas que o incomodam. Há muitos espíritos lamentosos aqui, como era de se esperar em um cemitério desse porte. Muitas das almas já deixaram seus corpos e lápides há muito tempo, destinadas ao Céu ou ao Inferno, no entanto, outras ainda vagam, justamente os espíritos sem descanso que podem ameaçar seus pactos. A oferta que eu tenho é a seguinte, eu levo esses espíritos comigo e você libera os demônios que querem seguir Laoviah - ofereceu o Caroz.

Edruhur, muito mais alto que o anjo e o mago, abaixou-se no meio das lápides para encarar o servo de Laoviah. As chamas saltaram de seus olhos, quase chamuscando o rosto de Zih'Diel. O

Caroz não se mexeu, nem piscou, continuando a observar o demônio sem alterar a expressão.

- Laoviah já esteve aqui várias vezes, andando pela cidade. Ele sabe como atrair meus aliados. Ofereceu-lhes a oportunidade de perseguir almas atormentadas e as capturar, atormentando quem se afastasse de Deus. Eles não seriam perseguidos por fazer nada disso – falou Edruhur. – Justamente o pacto que Mastema fez com Demiurgo.

O infernal acabara de falar de outro demônio poderoso que um dia fizera uma oferta ao Senhor da Cidade de Prata. Quando Demiurgo ameaçou destruir os demônios e nefalins, Mastema entrevistou, negociando a favor das criaturas do mal. Alegou que seria sábio permitir que alguns infernais continuassem seu trabalho, pois os pecadores precisavam ser vigiados, precisando temer o mal para se manterem no caminho de Deus. Além disso, eles precisavam ter sua fé testada. Demiurgo pensou então e manteve um décimo dos demônios sob a liderança de Mastema, trabalhando em subserviência ao Senhor e provando que nada existia sem Seu consentimento. Tudo fora descrito para os mortais no apócrifo Livro dos Jubileus.

- Vamos refazer o pacto para aqueles que não tiveram oportunidade de segui-lo. Agora, libere os demônios que estão com você – falou Zih'Diel.

- Eles os seguirão assim que as almas desaparecerem – falou Edruhur, então seu corpo se dividiu em centenas de besouros negros, que desapareceram na madrugada.

Zih'Diel deixou que sua forma se alterasse, deixando aquela carne frágil para voltar a ser o Anjo da Fé. A túnica branca, cheia de símbolos religiosos, mas com a Nova Cruz estampada no peito, brilhou no meio da noite, chamando ainda mais a atenção das almas. Elas se aproximaram para ver o que acontecia. Então Zih'Diel começou seu discurso acalorado, chamando aqueles espíritos para seu descanso final. Dizia que eles passariam pelas últimas provas, onde aqueles arrependidos e cheios de fé conseguiriam seu caminho para a salvação. Alguns se afastaram, irritados com as perspectivas de encontrarem mais sofrimento. Outros se encheram de esperanças,

dispostos a tudo para deixar aquele estado penoso.

Uma multidão de criaturas pálidas e translúcidas acompanhou Zih'Diel, preparando-se para cruzar o mundo espiritual ao lado do Anjo da Fé. Seduzidos pela eloquência do Caroz, eles não se importavam com mais nada. Victorius seguiu o aliado, curioso para fazer algumas perguntas.

- Giuliano... Zih'Diel... Tenho uma dúvida. Qual o problema de Laoviah com Christos? Ele não deveria seguir o Filho de Demiurgo de uma vez por todas?

- Ah, Victorius, como você é simplório... Nem acredito que alcançou esse poder como mago... Deixe-me contar que, o Ungido, que virá em nome de Demiurgo, existe em várias religiões. No cristianismo, Christos é aceito como tal, mas só o aceita quem quer. O livre arbítrio existe para isso. Nós não o aceitamos, muito menos à sua teoria de perdão. É inegável o poder que ele tem na Cidade de Prata, mas isso não impede que haja oposição. Sendo ele o Filho ou não, meu Meretz, Laoviah, não permitirá que Christos continue convencendo o Pai a lidar com esse perdão e arrependimento frágeis.

Victorius deixou que o outro seguisse em frente. Era hora de se separar do padre e começar a procurar por Francisco. Tinha um plano em mente e precisava executá-lo logo.

- É por isso que todo mundo vai pro Inferno. O lugar lá é muito mais receptivo. Acho que tem uma placa logo na entrada: Aberto vinte e quatro horas, inclusive domingos e feriados. – falou Francisco, enquanto acabava de tomar seu café. Estavam em um dos apartamentos do mago, em Copacabana. Ele não abria o lugar há muito tempo, mas uma empregada tratara de manter tudo limpo em sua ausência.

- O quê? Óbvio que não. Eles abriram essa promoção porque sabem que ninguém aparece lá se não for assim. No Céu é tudo mais incrementado. É só para quem pode. Acha que a morte é pra qualquer

um? – perguntou Elkalas.

- Humpf.. Eu conheci o Céu e a única coisa que consegui de lá foi adquirir o bom senso de nunca querer comparecer a um lugar tão tedioso. Faz um favor, se, por algum milagre, as preces dos meus inimigos forem atendidos e eu morrer, me deixa no meio do caminho – falou Francisco, comendo uma uva.

- E quem disse que eu vou te levar lá para cima? Mas já disse que posso dar uma carona até o Inferno – falou Elkalas.

- Não precisava se incomodar. Tem muita gente indo pra lá e esse pessoal não hesita em levar ninguém para o mesmo buraco que eles – replicou Francisco.

- Verdade... Verdade... – constatou Elkalas, com aquela certeza mórbida. – Sabe que você tem bom senso? Pena que você não usa com frequência...

- Dá muito trabalho – falou Francisco.

- Os dois, parem com isso. Ainda estou tentando descobrir com quem poderemos falar nessa cidade sem Principado. Francisco, você morou aqui durante muito tempo. Quem você acha que pode nos informar sobre Giuliano e pode usar as forças angelicais contra Laoviah? – falou Laviniah.

O mago não respondeu, continuando a comer sem se importar com as palavras da anjo. Sua impertinência era tanta que não cabia no apartamento, talvez precisando da cidade toda para se acomodar.

- E quem disse que apenas os mortos são silenciosos? – brincou Elkalas. – Deixe comigo... – Assumiu a expressão parecida com a de um vidente. – Francisco, você está aí?

- Parem... – xingou Laviniah, mas Zem'Yuriah apareceu do lado dela e colocou uma mão em seu ombro, pedindo mais calma.

- Salak... Vão falar com Salak. Ele pode ajudar de alguma maneira. Não tenho contatos no Rio há um bom tempo, mas sempre soube que com a queda de Josué, ele assumiria a posição de liderança.

- Levante-se e vamos, então – ordenou a anjo.

- Pra que essa comissão? Vou ficar aqui e descansar. Já estou

cheio de correr de um lado para o outro. E Salak não vai gostar de me ver. – A última frase fez o grupo entender a relutância do mago. Mais um inimigo na longa lista de Francisco.

Os anjos se retiraram apressados, deixando Gabriela e Francisco sozinhos. Depois da separação em São Paulo, os dois estavam aflitos para esses momentos. Na capital paulista, eles dormiram juntos, mas com a supervisão direta dos outros.

Os celestiais pararam em frente ao prédio de Salak e subiram sem pedir permissão. Liel usou alguns de seus poderes para convencer os porteiros a não barrar a entrada de nenhum deles. Laviniah não se importou com educação, pois estava farta de políticos como Salak. Pelo que Francisco contara, o anjo queria subverter a ordem imposta pela Cidade de Prata. Não seria capaz de um ato de sacrifício como o de Josué. As portas da cobertura se abriram e o luxo se revelou. Um chamado mental os conduziu até a área descoberta. Salak os esperava em frente à piscina.

- O que querem? – perguntou ele. Ficou nervoso por alguns momentos, imaginando que já havia alguém da Cidade de Prata pronto para o acusar. Acostumado com jogos políticos, controlou-se, tornando o coração frio, deixando um sorriso receptivo na face e preparando a língua fêria.

- Viemos aqui para falar sobre Laoviah – falou Laviniah, pouco se importando com as devidas apresentações. Deixou que o Nimbus lesse os nome sem suas mentes e depois fechou os pensamentos mais uma vez.

Salak analisou os anjos e pensou nas possibilidades. Poderia chamar de imediato os Caroz e pedir ajuda contra aqueles anjos, no entanto percebeu que nenhum deles sabia sobre seu contato com o padre Giuliano. Aqueles celestiais precisavam de informações fiéis quanto a Laoviah, nada mais. Isso ele poderia dar sem se comprometer.

- Se vieram me alertar, estão perdendo tempo. Já tenho meus

planos para me proteger dele. Eu é que tenho informações para vocês – disse, desarmando Laviniah.

- O que você sabe? – perguntou Laviniah.

- O padre Giuliano esteve por aqui. Ele recolheu algumas almas fazendo promessas sobre redenção. Anunciou que as almas penadas teriam uma chance de adquirir a salvação.

- Impossível. A salvação só é digna quando o arrependimento e a fé ocorre quando a pessoa vive. Depois de morta, é inútil – falou Zem'Yuriah, firme nos ensinamentos. – Os mortais colhem as conseqüências de suas vidas depois que fazem a Passagem.

- Não estou discutindo nada disso. Só estou contando o que Giuliano fez. Ele também fez um acordo com os demônios. Não entendi qual é, mas conseguiu levar alguns infernas para lutarem a seu favor. Ele está reunindo forças para guerrear. E reunindo seguidores, preciso dizer – comentou Salak.

Os anjos não precisaram ouvir mais nada. Alarmados, apressaram-se de volta ao quarto de Francisco, deixando Salak rindo da própria esperteza.

Guilherme Oliveira, da Casa de Chronos, era conhecido no Rio de Janeiro por ser um dos magos mais cultos da capital. Ninguém acumulara tanto conhecimento quanto ele, o que o permitira ser indicado para uma alta posição no conselho de magos local. Seu renome era grande em todo o estado, para não dizer no Brasil. Inúmeros estudantes do oculto o procuravam para poder consultar seus livros ou aprender a partir de seu conhecimento. Humilde, ele não se importava em ajudar. Acreditava que cada um sabia o que fazer com as informações que eram passadas. Costumava avaliar as pessoas, entregando-lhes apenas o essencial para o deixarem em paz e continuarem seus caminhos.

Um exemplo das reações de Guilherme foi o que usou para lidar com Victorious. Tão logo aquele mago infernalista requisitou uma

reunião, o sábio preparou um chá e sentou-se para esperá-lo no escritório decorado com quadros de anjos e deuses gregos. Observou a chegada estapafúrdia do feiticeiro maligno enquanto limpava os óculos. Colocou-os em frente aos olhos, deixando que as lentes mágicas exercessem seu poder. Como era de se esperar, a aura do outro era negra como breu. Também pôde identificar alguns demônios que o acompanhavam nas sombras. De relance quase notou outra criatura que o acompanhava, mas não se esforçou para enxergar melhor. Já notara que os acompanhantes de Victorius eram membros da Irmandade Rubra, a seita que causara tanto caos no Rio de Janeiro. Aqueles assassinos haviam fixado uma base na cidade e ameaçavam a frágil paz que os seres sobrenaturais haviam construído.

- O que deseja, Victorius? – perguntou Guilherme, que já começava a ansiar pela saída do visitante.

- Preciso de algumas informações... – disse Victorius, demonstrando ser um estereotipo do mago maligno. Suas palavras saíam como uma promessa de agressão, afirmando que teria o que procurava, não se importando com os meios. – Quero tudo o que você tem sobre abertura de portais e sobre a Chave.

- A Chave? – perguntou de volta o sábio, praticamente tomando o feiticeiro maligno como um louco. Era apenas mais um que queria saber sobre a Chave. Quantos insanos já não haviam perdido suas vidas e suas almas no meio daquela procura?

- Quero agora – exigiu Victorius.

Guilherme levantou-se devagar, pedindo licença. Não precisava ser mal educado só porque o visitante se comportava como um bárbaro. Saiu do escritório e foi até a biblioteca. Tinha o livro certo para entregá-lo. Conseguira o tomo a partir de um grupo de magos rosacruz e queria se livrar dele. Guilherme voltou para o escritório e entregou aquelas páginas amareladas a Victorius. Não se espantou quando viu o feiticeiro rindo como um vilão vitorioso. Imaginou quantas vezes por dia aquele louco não gargalhava tão absurdamente. Sem agradecer, Victorius levantou-se e foi embora, acompanhado pelos demônios que tentavam se esconder. Guilherme

sentiu-se aliviado e continuou a tomar o chá. Estava livre do feiticeiro e do livro. Aquele era um conhecimento que ele não precisava guardar. Melhor deixar com aquele de alma maligna, pois eles seriam consumidos por usar o que aprendiam sem sabedoria. Como era o caso de Victorious.

Capítulo Oito

O Avanço da Nova Cruz

Na Catedral do Julgamento, os cinco se ajoelharam perante seu Meretz, demonstrando sua fidelidade e submissão frente ao Serafim. Laoviah logo os liberou, deixando que se levantassem e ficassem à vontade. Depois do sucesso daquela missão, todos mereciam um bom descanso. Eles se levantaram feridos, mas orgulhosos de terem servido seu mestre. Todos tinham sorrisos em seus rostos, com exceção de Kesser e Kushiell.

O Anjo da Força despediu-se de seu líder e voou para longe, dizendo que precisava comungar com o Senhor. Não era uma mentira. Ele sentia necessidade de rezar logo, pedir perdão pelo que fizera. Sentia que devia ter matado todos os Coah lá no Inferno e impedido que encontrassem Azazel. Não o fizera por que suspeitava que Laoviah simplesmente enviaria outros para fazer o serviço e seus planos estariam acabados. Agora ele precisava avisar daquela ameaça. Era necessário contatar a Cidade de Prata com urgência, pois Azazel estava à solta na Terra e com o apoio de Laoviah.

Kushiell observou a partida de Kesser e pensou em acompanhá-lo, mas desistiu. Queria saber quais seriam os próximos planos de Laoviah, fazendo questão de participar deles. Aproximou-se do Serafim enquanto Rizielle partia, com certeza para descansar, sabendo que teria uma outra missão importante em breve. Apenas Zilliah, Kushiell e Shof Kam ficaram, formando um semicírculo diante de Laoviah. À esquerda deles estava Azazel, envolvido em sua capa negra que não parava de se agitar.

- Seja bem-vindo a nosso meio, Azazel – saudou Laoviah, sorrindo vitoriosamente para o anjo caído.

- Não preciso de suas boas vindas, Laoviah. – De repente, sua voz não era tão sedosa, tão bonita quanto no Inferno. Agora parecia uma cobra falando, uma serpente nervosa, próxima do ataque. – Só quero o que me foi prometido!

- E terá! Não ouse duvidar de mim, anjo caído! – disse

Laoviah, perdendo o sorriso e dando alguns passos na direção do infernal. Os Coah ficaram aflitos, mas evitaram olhar para a cena.

Azazel resistiu para não sacar a espada, sabendo que se o fizesse o desafio estaria feito e Laoviah não hesitaria em avançar contra ele com Expurgo, sua poderosa lâmina. A luta seria difícil e acabaria com as chances de o anjo caído reencontrar Rafael.

- Quando? É isso o que eu quero saber. Quando? – perguntou, agora com a voz sedosa.

- Tudo tem seu momento, Azazel. Pensa que é fácil trazer Rafael à Terra? E antes disso, quero que nos diga onde está seu filho. Encontre Neftali logo – ordenou Laoviah, deixando Azazel irritado.

O anjo caído não fez nada além de fechar seus olhos e se concentrar. Ninguém percebeu nenhuma mudança nele, pois o véu cobria o rosto. Só quando o sorriso ressurgiu debaixo do pano, eles souberam que algo acontecera.

- Já o encontrei. Tem um mapa ou precisarei guiá-lo?

Os Coah esperavam um ritual complexo ou sacrifícios para encontrarem o nefalim, já que encontrar essas criaturas costumava ser uma tarefa quase impossível. Por um momento, cogitaram se Azazel não estava os traindo, mas aquilo não seria possível. Se o anjo caído assim o fizesse, perderia sua chance de vingança. E isso ele não deixaria acontecer.

Durante toda a conversa com Azazel, Decrus se manteve escondido nas sombras, com a cabeça abaixada humildemente, apenas esperando as palavras de Laoviah. Estava disposto a aceitar o que viesse, pois considerava o Serafim o grande juiz do Senhor, aquele que deveria destruí-lo ou castigá-lo se assim fosse necessário.

Quando a reunião acabou, Laoviah se aproximou dele e pôs a grande mão sobre sua testa, seus dedos pressionando o crânio do demônio. Decrus sentiu-se queimar por dentro e depois sua chama interior se apagou de repente, assim como sua sede de sangue. Quando

abriu os olhos, viu-se em sua forma humana, só que sem qualquer traço de aparência demoníaca. Aquilo o deixou curioso e quando olhou para Laoviah de novo, perguntava-se se seu destino agora seria viver como um humano.

O Serafim disse que não. Decrus poderia tomar a forma de demônio quando quisesse, mas seu principal trabalho seria em meio à humanidade. Ele serviria Laoviah de outra maneira. Então ele se virou para Annah, que se escondia atrás de Kushiell, mal aparecendo atrás do enorme Anjo da Punição.

Ela precisou erguer a cabeça para fitar Laoviah, mas não teve coragem de mirar seus olhos. Então caiu de joelhos antes que ele dissesse ou fizesse qualquer coisa. Jurou fidelidade e pediu desculpas antes que o Serafim fizesse qualquer coisa.

- Levante-se, mulher. Se eu fosse puni-la, de nada valeria você se ajoelhar ou desculpar-se, receberia seu castigo sem que nenhuma piedade eu sentisse por você. Mas não merece isso. Ao menos não agora.

Ela levantou-se com dificuldade, mas ainda de cabeça baixa. Não era apenas seu medo que a fazia baixar os olhos, mas algo naquela criatura milenar, um poder que comprimia seu espírito e a tornava ainda menor naquele mundo.

Para sua surpresa, o Serafim não lhe disse mais nada, apenas dando meia-volta e saindo. Suas últimas palavras foram para que se preparasse para ser a primeira a ter uma nova vida como um espírito purificado.

Já sabiam qual era a cidade e estavam certos de seu alvo. Seriam obrigados a tomar Divinópolis, uma cidade de porte médio de Minas Gerais, situada à cerca de cem quilômetros de Belo Horizonte. A primeira etapa do ataque foi conhecer o inimigo, para o qual enviaram Shof Kam.

O Anjo da Vigilância cumpriu seu trabalho com primazia.

Detectou todos os pontos fortes da cidade, descobrindo quais eram os principais anjos e demônios que ali viviam. Quando voltou para contar tudo aos Caroz, podia até dizer os nomes dos principais líderes de Divinópolis. Contou até sobre aquelas criaturas que se julgavam escondidas, que imaginavam que nunca seriam descobertas. Eram os seres que se imaginavam os grandes jogadores da cidade. Mas agora eles se tornariam peças.

- Nós vamos invadir a cidade e tomá-la. Betânia e Zih'Diel já estão cuidando disso entre os humanos, nós o faremos entre os seres espirituais – anunciou Laoviah para o Conselho Coah. O grupo estava todo de pé no típico semicírculo.

- Outros Coah serão chamados? – perguntou Kesser, já imaginando como alertaria a Cidade de Prata.

- Não, iremos apenas nós. Mandeí que preparassem logo suas fâlanges justamente por isso. Quero um ataque rápido – contou o Serafim.

- Não acha que deveríamos dar-lhes uma chance de se renderem ou passarem para o nosso lado? Desde que a Hadash Tzlav começou, vários anjos e anjos caídos nos procuraram para se converterem e se tornarem Caroz – argumentou Kesser, fazendo seu papel de mediador da força.

Laoviah parou para pensar um pouco, cruzando os braços e levando a mão direita ao queixo. Ficou pensativo por um bom tempo, enquanto era observado pelos Coah e por Azazel. Entre os conselheiros, apenas Rizielle teve raiva de Kesser. "Pela Ira do Senhor! Se quisessem se converter, já o teriam feito como os outros fizeram", pensou ela, já se preparando para aconselhar Laoviah contra as palavras de Kesser.

- Acho que está certo, Kesser. Tenho que dar crédito a você nesse caso – concordou Laoviah, para a surpresa dos Coah. Rizielle achou melhor se calar, pois o tom de seu Meretz já indicava sua decisão.

- Envie-me para dar-lhes a notícia e anunciar que têm a oportunidade de se unirem ao Senhor – ofereceu o Anjo da Força.

Shof Kam resolveu intervir nesse momento, ainda que não quisesse se mostrar contra Laoviah.

- Meu Meretz, devo lembrá-lo de que Trael, o Principado de Divinópolis, é membro da Inquisição Celestial e não permitirá que nossos mensageiros saiam vivos de lá. Ele os punirá por serem contra as palavras de Christos – avisou o Caroz humildemente.

- Não me importo, senhor. Eu lutarei mesmo assim. Não será esse Trael que me manterá preso ou me pegará. Ainda levarei algumas de minhas fálanges – disse Kesser.

Laoviah deixou um sorriso irônico escapar, mas os lábios se afinaram apenas nas pontas.

- Não, Kesser. Isso faria parecer que estão sendo muito pressionados, além do que, Trael é poderoso e tem muitas fálanges sob seu comando. Divinópolis é um dos centros da Inquisição Celestial e está bem preparada. Mesmo os demônios que lá vivem estão sempre nas sombras e na periferia, temendo a ira angelical. Já sei quem vou enviar como mensageiro.

Bastou que ele dissesse a última palavra para que todos sentissem um frio tomar-lhes o peito. Então o Assassino de Almas surgiu, aparecendo aos poucos como se fosse um fantasma. Quando seu corpo tomou forma, absorvendo a luz ambiente, os olhos vazios se abriram, encarando todos os Coah. Aquelas duas covas negras eram ainda mais terríveis do que os olhos de Kushiell, pois mostravam o fim de qualquer alma, eram um portal para o Nada.

- Você vai enviar essa mensagem para eles. Sua simples presença indicará o que acontecerá com quem não se unir à Hadash Tzlav – anunciou Laoviah, para o desespero de Kesser.

O Anjo da Força custou a se conter, pois ele sabia do risco que os celestiais de Divinópolis iriam correr simplesmente por estarem diante do Assassino de Almas.

- A reunião acabou. Preparem suas fálanges. Kesser, você vai com Zilliah. Os dois atacam os demônios, eliminando quem encontrarem. Podem partir agora. Quero os dois sempre juntos, pois suas lutas não serão fáceis. O ataque de frente aos anjos será feito por

Kushiel, Rizielle e Shof Kam. Já temos nossos planos.

- E o senhor? – perguntou Kesser, tentando ganhar tempo enquanto tentava imaginar um modo de se livrar de Zilliah. A amiga nunca trairia Laoviah e, perto dela, ele não conseguiria enviar nenhuma mensagem para a Cidade de Prata. Começou a imaginar se o Serafim aceitaria outro conselho, um que o separasse da Anjo da Retribuição ou que o enviasse para lutar contra os anjos, onde poderia poupar algumas vidas ou até tramar a captura de um Coah ou do Meretz.

- Ainda tenho que avaliar. Você conhece as regras, Kesser. Se eu for, posso atrair presenças indesejáveis. Meu ataque significa dar a oportunidade de outros anjos usarem poder parecido. Mas talvez eu vá – disse o Serafim e algo em sua voz era uma ameaça, indicando aos Coah que seu poder, ou parte dele, seria demonstrado no campo de batalha. Até mesmo o coração de Kesser se apertou, pois ele sabia que os anjos de Divinópolis encontrariam apenas sofrimento em seu futuro.

Trael, o Principado de Divinópolis, reunira seu conselho naquele dia, pois estava pensando seriamente em levar parte de seus anjos para Belo Horizonte. Ele julgava que a cidade precisava de uma limpeza urgente, não confiando na maioria de seus anjos, principalmente seu Principado, Ofeon. Há alguns meses, fizera uma requisição à Cidade de Prata, pedindo que enviassem logo um inquisidor para avaliar o caso de Belo Horizonte. Um anjo chamado Petrus desceu dos Céus para fazer o trabalho. Trael confiava nele, mas queria se certificar de que tudo daria certo, como fazia acontecer em Divinópolis.

Seus conselheiros, todos Arcanjos e Virtudes, além de um Nimbus e um Querubim, pousaram sobre a Igreja Matriz no momento em que os fiéis se reuniam para a missa. Estavam ali não porque favoreciam os católicos, mas simplesmente porque era um bom lugar para se reunirem. Haveria orações e fé, o que alimentaria os corações dos anjos. Nenhum deles tinha preferência por uma religião na Terra, a

não ser pelo cristianismo em geral.

- Aqui estamos todos por nossa fé em Christos – disse o Principado, quando o último de seus conselheiros chegou. Era Helenius, o Arcanjo responsável pelas defesas da cidade. Pousou ao lado de Ephain, o Querubim.

O sol começava a se pôr quando o padre começou a missa e os anjos iniciaram a reunião. Seus olhos captaram os últimos raios de luz e as asas absorveram a energia solar, reconfortando-se e aquecendo seus corações para a noite que chegava.

- Acho que vou enviar alguns inquisidores para Belo Horizonte – avisou Trael enquanto pegava um pergaminho preso em seu cinto. – Não sei se Ofeon tem feito um trabalho decente em sua cidade. Quero verificar isso e usarei o mandato da Inquisição. Por isso enviarei um de vocês.

- Mas o senhor acha prudente entrar assim na jurisdição de outro Principado? Nem sei se é um bom momento, já que há problemas demais em Belo Horizonte – falou Ephain. O Querubim não era como aquelas representações infantis que apareciam em muitas pinturas sobre anjos. Tinha um certo ar infantil, mas aparentava ter uns quinze anos. Vestia uma cota de malha leve com uma coroa de espinhos no peito. No meio dela havia uma cruz. Sempre carregava consigo um arco e uma aljava dourada que nunca se esvaziava. As asas não eram majestosas como as dos outros anjos, mas não deixavam de ser bonitas.

Trael olhou para as bochechas vermelhas do Querubim e pensou em seu conselho. Apesar daquela aparência jovem, Ephain tinha muitas décadas de existência e suas palavras eram sábias. No entanto, ao olhar para os brilhantes olhos azuis, o Principado não conseguia levá-lo a sério.

- Não, Ephain. Se não queremos que Belo Horizonte caia, devemos acabar com o que há de ruim por lá agora. Eu já me decidi. Pretendo enviar Helenius para lá logo.

O Arcanjo se surpreendeu. "Dilúvios! Logo eu? Mas que droga! Larga de mim!", pensou ele, tentando esconder seus

pensamentos. Não sabia por que o Principado confiava tanto nele.

Trael olhou para seu conselheiro de guerra. Era um anjo estranho que calçava botas do exército humano e usava calças de couro cinza. A camisa era de lã grossa e também era acinzentada. Por cima dela havia uma jaqueta, de couro, é preciso dizer, só que preta. Para contrastar com essas roupas modernas, usava um elmo romano, com uma de crista flamejante. O Arcanjo não tinha asas, mas uma grande besta ficava presa nas suas costas. Sua outra arma era a espada na cintura. Ah, também havia a trombeta prateada presa no cinto.

- Não sei se sou a melhor escolha, meu Principado – respondeu ele com uma cortesia que contradizia seus pensamentos.

- Não se subestime, Helenius. Sei do que você é capaz, por isso quero que vá e cumpra o trabalho do Senhor – insistiu Trael.

"Dilúvios! Por que ele tem que insistir tanto comigo? Vê se me erra!", pensou Helenius, tentando imaginar uma maneira de se livrar daquela missão. Seu desejo de não fazê-la não vinha de preguiça ou por ser contra seu Principado, mas por saber que não a cumpriria da melhor maneira. Por isso teve uma idéia que julgou brilhante. Olhou para o lado e viu Ephain, aquele anjo jovem sorrindo sem motivo nenhum. Ele mesmo abriu um sorriso devido à idéia que teve.

- Meu Principado, por favor, envie Ephain comigo. Esse Querubim poderá aprender a ser um guerreiro de verdade enquanto me ajuda a cumprir minha missão com êxito – sugeriu Helenius, sem precisar se virar para ver a cara de espanto do colega.

- Tudo bem. Vão para a saída da cidade e toquem sua trombeta lá. Os anjos designados para missões fora da cidade os seguirão em breve – ordenou o Principado, sem dar chance de Ephain questionar.

Helenius deu as costas para o conselho e saltou da igreja começando a correr para longe. Ephain abriu as asas e o seguiu, verificando sua aljava para se preparar para as confusões. Não houvera uma vez em que Helenius não os metesse em confusão.

Os dois estavam no trevo da rodovia na saída da cidade esperando pelos outros anjos. Mas eles nunca chegariam e sua espera seria inútil. Àquela altura, todos já estavam mortos, tendo encontrado com um visitante que, no momento, rumava para a igreja matriz com o objetivo de dar uma mensagem a Trael. Sem saber que sua espera era inútil, os dois ficaram parados ali, observando os carros passarem.

Helenius já coçava a cabeça e Ephain sabia que aquele era um grande sinal de impaciência. Em breve começariam os xingamentos. De fato, não demorou muito para que começasse a reclamar.

- Eu deveria ser um Tronos, Ephain. Um Tronos – começou Helenius, arrancando um suspiro enfiado do Querubim. – Sabe, justamente um Tronos, um anjo ligado à arte. Pra dizer a verdade, um anjo ligado à música. Imagina o estrago que eu não faria com uma guitarra na mão?

- Realmente, você estragaria toda a Sinfonia Celestial. Ainda bem que admite – falou o Querubim, sem entender a gíria.

- Deixa de ser idiota, Ephain! Falei que ia melhorar a sinfonia! E você acha que não? Aquela música celestial é uma droga! Não é à toa que os mortais reclamam tanto que Demiurgo não os ouve. Ele deve ter colocado um tapa-ouvidos só para não ouvir mais aquele monte de anjo com voz de pajem castrado cantando. Eu faria isso! E faria mesmo! – Abriu bem os braços e levantou as mãos pro céu. – Eu iria fazer o maior sucesso e a música não seria aquela pasmaceira toda. Só precisava de ser um Tronos e de ter uma guitarra na mão.

Helenius ficou calado depois disso como se estivesse pensando seriamente em suas próprias palavras. Ephain não deu atenção, olhando para a cidade e pensando onde estariam os anjos que deveriam acompanhá-los. Começava a se preocupar, pois não era normal que eles se atrasassem.

- Dá vontade de te meter a mão na cara, Ephain – comentou Helenius de repente, assustando o Querubim. – Você fica aí parado e calado, todo emburrado. Parece até criança que não ganhou seu presente. Dá vontade de te meter a mão na cara.

O Querubim ficou olhando o Arcanjo durante um tempo,

surpreso com aquelas palavras.

- Mas eu não estou nervoso com nada – negou.

- Olha aí. Por isso eu não tenho paciência com você. Agora fica falando no meu ouvido, xingando e negando que não está nervoso ou algo assim. Você é muito chato, Ephain.

- Helenius, por favor, toque sua trombeta. Estou preocupado porque os outros ainda não chegaram – pediu o Querubim, tentando deixar as loucuras do colega de lado.

- Agora fica dando ordens. Olha, se você está nervoso, não precisa descontar em mim, ouviu? – Mesmo reclamando, o Arcanjo pegou a trombeta e tocou, chamando pelos anjos. Eles esperaram por uma resposta, mas não ouviram nada. – Acho melhor verificarmos o que houve. Mesmo nesta cidade podem haver ataques de demônios. Vamos logo, Ephain! Pare de reclamar e ser preguiçoso e vamos!

Os dois saíram preocupados, já com as armas na mão.

Trael não resistiu dar um passo para trás quando aquela criatura surgiu no meio deles. De certo modo, antes que ela aparecesse de repente, bem no meio do círculo de anjos, todos sentiam que algo estava para acontecer. Subitamente, seus corações paralisaram-se e um vazio surgiu em seus corpos, como se seu sangue gelasse. Então ele surgiu com sua armadura negra e a pele prateada, as asas o envolvendo como uma capa. O Assassino de Almas apareceu sem medo algum de estar no meio daqueles anjos.

- O que é você, criatura? O que quer aqui? – perguntou Trael, sacando sua espada e tentando entender o que estava à sua frente. O que era aquele ser? Não havia sinal de ser um demônio, muito menos anjo caído. Era outra coisa, algo que ele não podia identificar.

Trael preferiu não ter perguntado, pois a resposta quase partiu o coração de todos os anjos. Ele não abriu a boca para falar, levando sua voz à mente deles. E ouvi-lo era como estar prestes a receber uma notícia ruim, a pior que a pessoa esperava. Era como se alguém

estivesse diante de um mensageiro que viesse contar a morte de um parente e visse em seus olhos que não poderia ouvir algo bom, mesmo antes de abrir a boca. E, quando as palavras chegavam aos ouvidos, cortavam o coração, criavam um buraco, um grande vazio de puro desespero.

"Trago uma mensagem de Laoviah, o Serafim da Destruição e do Castigo Final. Em nome da Hadash Tzlav, chamada Nova Cruz entre os humanos, ele os convida para se tornarem todos Caroz, chamados arautos entre os homens. Sua recusa significa apenas sua destruição, pois piedade não existe no coração de Laoviah", disse ou emanou ele nas mentes do conselho de anjos. Cada palavra gerava um palpite no coração, deixando o órgão parado até que a palavra seguinte fosse dita. E aquelas frases surgiam lentas nas cabeças dos anjos. No fim, todos estavam de olhos arregalados, paralisados sem conseguir pensar no que fazer.

"Seus corações estão cheios de outra fê. Vejo que recusam o convite", emanou o Assassino de Almas, deixando os anjos atônitos. De fato, nenhum deles aceitaria aquele convite absurdo. Era óbvio!

Um dos anjos até tentou atacar, mas antes de sacar sua espada, a lâmina do inimigo, Fim das Almas, já estava enfiada em sua testa. Os outros ficaram observando, assustados com a morte do irmão. Viram algo incomum acontecer nos olhos dele. Suas pupilas começaram a crescer como dois grandes buracos, ficando cada vez maiores, tomando a íris e depois ocupando o branco. Por fim, seus olhos viraram dois buracos e as mudanças começaram a ocorrer no restante do corpo. A luz que emanava do anjo desapareceu e a pele começou a murchar, a enrugar-se até assumir uma aparência acinzentada. Ficou cada vez mais fino e cinzas começaram a se despregar. De repente, desapareceu sem deixar vestígios.

- Todos, para longe daqui – ordenou Trael, sabendo que precisava avaliar a força do inimigo antes de atacar ou se defender. Fugir não era nenhuma desonra para aquele anjo.

Eles tentaram escapar e alguns conseguiram, mas nem todos tiveram a mesma sorte. Um deles começava a voar quando foi

envolvido pelo Assassino de Almas, as asas negras da criatura o capturaram como um morcego envolve uma mariposa em pleno ar. Quando o inimigo abriu de novo as asas, apenas a espada do guerreiro caiu. E ele ficou voando, observando os anjos fugirem enquanto percebia a aproximação de seu líder. Laoviah estava chegando, pois sabia que seu convite fora negado.

Helenius e Ephain não gostaram nada da cena que presenciaram enquanto procuravam por outros anjos. Trombetas começavam a soar por toda a cidade, indicando um ataque perigoso que colocava em risco todo aquele centro de poder da Inquisição Celestial. Eles puderam ver anjos descendo dos céus, mas nenhum deles vinha para ajudar. Traziam todo tipo de armas e já desciam atirando flechas e lanças nos celestiais.

- O que está acontecendo? – perguntou Ephain, mas Helenius não soube responder, apenas continuou a olhar perplexo a cena.

- Comece a preparar suas flechas, Ephain, pois, se esse não é o Dia do Julgamento, vai ser algo parecido. Nunca enfrentamos algo assim – disse ele, tocando sua trombeta para avisar aos guerreiros que havia um Arcanjo ali e que os mais próximos deveriam se reunir naquele local. Sacou a grande besta e começou a apontar para os anjos de capa púrpura. – Não atire ainda ou atrainemos a atenção deles sobre nós e eles acabarão conosco. Será inútil nossa resistência.

Ephain ficou impressionado com a lucidez das palavras do Arcanjo. Aqueles momentos eram muito raros. Talvez sua perplexidade houvesse atingido alguma área inutilizada de seu cérebro, a da sensatez e da paciência.

- Veja, um dos Arcanjos vai tentar rebater o ataque – apontou Ephain.

Os dois olharam um grupo de guerreiros subir rapidamente, atirando suas flechas e apontando as espadas para um embate decisivo. Mas nenhum deles chegou a tocar os inimigos. Algumas de suas

flechas até derrubaram alguns oponentes, mas antes que pudessem causar maior estrago, algo aconteceu. Uma nuvem de fogo formou-se no céu e desceu sobre os defensores como castigo divino, envolvendo-os de uma vez só. De onde estavam, Ephain e Helenius puderam ouvir os gritos de agonia, enquanto ossos calcinados e armas derretidas começavam a cair.

- Pelos olhos da Virgem – disse Ephain, impressionado.

- Fogo do Inferno! – exclamou Helenius.

O que os estava atacando não era nenhum inimigo comum. Não havia dúvidas sobre isso. Mas nenhum deles conhecia realmente o perigo que enfrentavam, pois não suspeitavam que Laoviah fosse atacar daquela maneira.

- O Céu está caindo! – disse Helenius, puxando Ephain para se protegerem.

Enquanto isso, outros anjos começavam a se acumular em volta deles, esperando ordens e imaginando como defenderiam sua cidade daquela ameaça.

- Precisamos recuar e reagrupar todos os guerreiros. Precisaremos de todos os anjos, sem exceção. Até os anjos da guarda deverão parar seu trabalho se quisermos vencer – falou Ephain. Ele colocou uma flecha no arco e fechou os olhos, concentrando seu poder. Era hora de enviar uma mensagem e isso seria feito pelo disparo. – Flecha, procure Trael e envie essa mensagem. Diga que precisamos recuar até à periferia e nos reunirmos no parque de exposição.

O Querubim disparou e eles observaram a flecha voar como um pássaro, procurando por Trael para dar o recado. Ela precisava ser rápida. E eles também, por isso começaram a voar na direção combinada, enquanto Helenius tocava sua trombeta para chamar por mais guerreiros.

Capítulo Nove

Separações

Francisco estava almoçando no restaurante do Aeroporto da

Pampulha em Belo Horizonte quando viu a notícia. Não gostava de assistir televisão, mas seus olhos passaram de relance pela tela e não puderam deixar de notar a figura que falava em uma entrevista. Chamou a atenção dos outros no mesmo momento, tentando mostrar-lhes quem estava declarando ao mundo seus planos.

Todos os anjos, exceto Gabriela, sentiram o coração palpitando ao verem Giuliano na televisão. Ele dava uma entrevista a um telejornal contando tudo o que descobrira quando traduzira os Pergaminhos do Mar Morto. Falava as palavras do Senhor e do quanto outras religiões estavam erradas. De algum modo, conseguia ser convincente, oferecendo salvação a todos, desde que aceitassem seus pecados e a devida punição por eles. Suas palavras eram duras, mas chegavam aos ouvidos e corações desesperados que não conseguiam mais encontrar respostas às suas aflições. Giuliano falava sobre punição a todos os criminosos que a lei dos homens deixava impune. Oferecia às pessoas a oportunidade de se vingarem daqueles que haviam lhes retirado seus parentes e amigos, qualquer amado do qual sentiam falta profundamente. Ele conseguia atingir quem não suportava mais viver sob as leis de um sistema que não lhes parecia funcionar. O impressionante era que conseguia convencê-los. Chegava ao coração de cada um.

Francisco olhava impressionado para a eloquência daquele homem. Via como todos no restaurante não tiravam os olhos da tela e até a entrevistadora parecia paralisada, apenas ouvindo o padre como se já houvesse lhe entregado sua fidelidade. O mago olhou para Gabriela e a abraçou, preocupado com a reação dela, mas o anjo não estava se importando com Giuliano. Tinha os pensamentos no filho que agora sonhava ter. Apenas os outros anjos ficaram estáticos assistindo à televisão até a entrevista acabar. Quando os comerciais começaram, um rebuliço imediato começou no restaurante. As pessoas discutiam as palavras de Giuliano sendo radicalmente contra ou totalmente a favor. Não havia meio termo. As frases do padre atingiam o âmago da fé de cada um e criavam uma reação turbulenta, fosse fundamentando o que já acreditavam ou atraindo para aquela nova religião que ele declarava

como a Nova Cruz.

- Começou – comentou Elkalas.

- O que ele pode querer com uma nova religião, principalmente uma fundamentada nos conceitos e poderes dele? – perguntou Zem'Yuriah.

- Talvez ele queira se tornar um deus – sugeriu Francisco, falando mais de brincadeira.

- Anjos não podem se tornar deuses. Apenas seres cuja alma seja maleável como os humanos, que estão ligados à carne, podem chegar à divindade algum dia. Teoricamente... – explicou Liel.

Francisco se lembrou de Adapa, seu antigo mestre. Ele tivera a oportunidade de se unir aos deuses e a deixara passar para viver junto à humanidade e tentar salvar seu povo dos anjos e demônios. “Eu não perderia a oportunidade de me tornar um deus”, pensou o mago, já se lembrando que conhecia a letra da destruição. “Eu seria um ótimo deus da destruição e da magia”, pensou consigo mesmo. Sonhos mirabolantes apareceram em sua mente, como a oportunidade de criar novas asas para Gabriela. Ele sabia como sua amada ainda sentia falta de seus vôos livres. Por mais que ela quisesse se tornar humana, ainda iria querer ter a oportunidade de voar de novo.

- Ele falou que montará sua nova igreja e receberá os fiéis em Divinópolis. Onde é isso? – perguntou Laviniah, começando a fazer planos para chegar a Laoviah. A pergunta retirou Francisco de seus sonhos, deixando-o lamentar-se do azar de estarem tão próximos daquela cidade.

- Fica a uns cem quilômetros daqui. Acho que a uns trinta quilômetros de Itaúna, a cidade onde eu estava me escondendo – disse o mago, pensando em como poderia ser tão azarado a ponto de escolher uma cidade tão próxima da futura base de ação de Laoviah. “Talvez por estar tão próximo do inimigo ele não me encontre”, pensou, só imaginando como os problemas aumentariam geometricamente dali por diante.

- O que estamos esperando? Vamos seguir em frente. Onde conseguimos carros, Francisco? – continuou a anjo. Todos já estavam

de pé e o mago já começava a se erguer, ainda que com preguiça e sem muita vontade de sair do lugar.

- Não sei por que essa pressa de morrer – comentou o feiticeiro, começando a deixar o restaurante. – Provavelmente você não liga muito para isso, não é? – perguntou para Elkalas.

- Eu não. Quanto mais gente assim, mais amizades eu faço. Gosto de conhecer gente nova. O trabalho nunca fica tedioso – respondeu o anjo da morte.

Eles alugaram carros para poderem viajar, decidindo passar por Itaúna para conseguirem mais componentes materiais para as magias de Francisco e talvez pegarem armas mais pesadas para a batalha. Demoraram um pouco para sair porque Laviniah foi obrigada a se retirar por alguns momentos. Disse estar recebendo uma mensagem de seu mentor, o anjo Belcol. Durante esse tempo, Francisco se sentou com Gabriela em um banco e segurou em suas mãos, preocupado com ela. A anjo tinha um sorriso no rosto, feliz com seus novos planos, o que quase fez passar a preocupação do mago.

- O que foi? – perguntou ela, dando-lhe um beijo na bochecha.

- Vamos ver Laoviah de novo. Isso não te preocupa? Está se sentindo bem? – o rosto de Francisco estava alterado de um modo que só ficava diante da anjo. Era uma mistura de paixão e medo. Não queria ver sua amante machucada.

Ela baixou a cabeça por alguns instantes e seu rosto se contorceu. Veio a memória de suas asas sendo arrancadas pelo Serafim da Destruição. Balançou a cabeça em seguida, afastando os pensamentos ruins e deixando imagens de um futuro filho em seus braços. Não queria lembrar-se daquela dor, nem do fato de perder as asas. Era ruim demais não poder voar.

- Não se preocupe, meu amor. Eu tenho outros planos agora. Cansei de ser anjo. Quero ser uma mulher e nada mais. Espero que você goste disso – falou ela.

- Por favor, me fale caso se sinta mal – pediu ele. Ela fez que sim no exato momento em que Laviniah voltou.

- Belcol já sabe dos planos de Laoviah. O Serafim já está invadindo Divinópolis e a cidade não resistirá por muito tempo. Temos que agir depressa. Parece que o Serafim tem alguns planos estranhos, como encontrar um nefalim chamado Neffali. Algum de vocês já ouviu falar? – perguntou ela, olhando para Elkalas e Zem 'Yuriah.

- É o filho de Azazel – respondeu o anjo da morte. – Ele é tão perigoso para os humanos quanto o pai é para os anjos. Já o vi matar anjos da morte...

Elkalas calou-se depois daquilo, não respondendo às perguntas de mais ninguém. Laviniah achou estranha a atitude do colega, aproximando-se dele e perguntando o que acontecera, mas não obteve resposta. Ele apenas a abraçou e entrou no carro como se estivesse se despedindo para sempre. Ela ficou ali parada, de repente triste com a oportunidade de não vê-lo mais. Obviamente, irritou-se consigo mesma por pensar aquilo e fez questão de rumar para o carro de Francisco, ficando separada do anjo da morte.

Zem 'Yuriah entrou no carro e colocou as mãos no volante. Ficou excitado ao girar a chave e preparar-se para sair com o carro.

- Acho que a despedida não foi só dramática. Foi real – falou Elkalas, pensando na terrível viagem com o amigo dirigindo.

Victorius não estava ansioso. Passara os últimos dias apenas fazendo guarda em frente ao lado da casa de Francisco. Como? Ele apenas entrara na residência dos vizinhos do mago e matara os donos da casa, deixando apenas as duas filhas. Aquelas eram bonitas demais para serem desperdiçadas. Transformou-as em suas escravas, dominando suas mentes e seus corpos como bem podia, alcançando níveis de perversidade que não atingia há anos. As garotas nem tinham mentes mais. Não gritavam perante os estupros do mago. Apenas deixavam sua mente viajar por mundos de loucura enquanto eram possuídas por aquele ser perverso. Ele as tinha sempre que estava

entediado, o que acontecia com frequência.

Uma delas apareceu para lhe servir o vinho. Antes chegava tremendo à sala onde Victoriuss ficava sentado, mas agora aprendera a não demonstrar seu medo, pois sempre que o fazia, o mago ficava mais excitado. Também não rezava mais, porque ouvia vozes no escuro sempre que o fazia. Eram coisas horripilantes que sussurravam, deixando um hálito quente tocar sua nuca. Ela entregou o vinho para seu novo mestre e ele provou. Deixou a bebida molhar a língua por alguns instantes e depois fez uma careta.

- Não era esse que eu queria! – gritou ele, levantando-se depressa. Esbofeteou-a, mas ela não reagiu. Não soltou um gemido que fosse. Apenas ficou parada observando com olhos que pareciam feitos de vidro. Não moviam-se ou exprimiam emoção. Isso fez a raiva do mago passar e também seu interesse pela garota. Sentiu-se enjoado de tê-la. Gostava de ouvir os gritos. Precisava ouvir os gritos e a recusa, sentir o cheiro do medo correr nas veias dela. – Ah, podem ficar com ela. Não, esperem um pouco.

Ele estalou os dedos, sinal para que a outra garota fosse até a sala. Ela chegou de joelhos, como sempre era obrigada a andar diante dele. Victoriuss riu ao ver o medo nos olhos dela.

- Ah, sim. Agora vocês podem... – disse.

Mal acabou de falar, os demônios saltaram sobre a primeira de suas escravas. Surgiram das sombras e a devoraram, consumindo até os ossos. Mantos vermelhos esvoaçaram e misturaram-se ao sangue da humana. Enquanto isso, a irmã gritava, enlouquecida ao ver a cena horrorosa que se passava diante dela. Recuou até a parede e lá ficou encostada até que os demônios acabassem de se alimentar.

- Cássia... está com medo? – perguntou ele, aproximando-se com os olhos cheios de vontade.

Pararam em frente à casa de Francisco e desceram de seus carros com os olhos prontos para encontrar inimigos. Não acharam

nada que pudesse alertar seus sentidos naquele princípio de noite. Entraram na casa calmamente. O mago já pensava em comer alguma coisa. Tentava imaginar o que poderia preparar rapidamente antes de irem para Divinópolis, mas não conseguiu chegar até a cozinha. Quando perceberam, a sala já estava cheia de chamas. Foi por pouco que as labaredas não consumiram sua carne. Um de seus amuletos o protegeu. Quando as chamas passaram, sua primeira reação foi ver como Gabriela estava, mas ela tinha apenas algumas queimaduras. Zem'Yuriah havia sentido o poder destrutivo se formando e invocou um escudo para proteger os anjos, sabendo que Francisco já tinha seu amuleto.

A fumaça subia dos móveis queimados e algumas chamas ainda cresciam nos cantos da sala quando os mantos rubros começaram a surgir. Os olhos deles se arregalaram ao verem aquelas criaturas. Eram oito Irmãos Rubros saltando na direção deles.

- A Irmandade Rubra? – surpreenderam-se, pois aqueles assassinos haviam se tornado inimigos de Laoviah há algum tempo.

- Nunca se sabe o que se esperar deles. Talvez Laoviah esteja irritado apenas com Af – comentou Laviniah, defendendo-se do primeiro demônio que tentou a atingir com uma espada.

- Parece que a maioria são demônios – falou Zem'Yuriah, agradecendo pela sorte de não estar diante de oito anjos caídos da seita. Ele golpeou com Doutrina, mas sua espada de fogo cortou o ar quando o demônio se abaixou. O Irmão Rubro aproveitou para dar uma estocada, quase atingindo a perna do anjo.

- Formem um círculo! – gritou Laviniah, que já tinha a Espada da Sina nas mãos. Ela conseguia apenas se defender. Não conseguira atacar por uma vez que fosse. Os Irmãos Rubros pressionavam o grupo, fazendo seu círculo se tornar cada vez mais apertado.

Francisco não deixaria que a luta favorecesse os demônios. Ele tratou de usar seus poderes assim que teve a oportunidade de ficar no meio dos anjos, protegido e pronto para usar suas magias. Arrancou uma pedra negra do bolso e a ergueu, reunindo as energias mágicas.

Pretendia criar um arco de energia espiritual, chamando as forças destrutivas das tempestades de Spiritum para cortar seus inimigos. Antes de acabar de recitar a magia, pegou sua adaga para fazer uma experiência perigosa. Arranhou a letra da destruição na pedra. Quando acabou de falar as palavras mágicas, abaixou a mão e fez um arco na horizontal, visando os inimigos que estavam à frente de Gabriela e Dumah. A magia que saiu foi mais poderosa do que ele imaginava, tendo a pedra desaparecido e sua mão se queimado no processo. O arco atingiu em cheio dois dos Irmãos Rubros. Eles foram partidos ao meio pela força espiritual, suas metades caindo cheias de espasmos. Francisco ficou segurando seu pulso, olhando para a mão queimada e para os inimigos tombados. Estava gostando cada vez mais do que vinha aprendendo.

Dumah não parou para se perguntar como Francisco executara uma magia tão poderosa. Viu que o arco de destruição espiritual cortara ao meio a espada de um dos Irmãos Rubros. O anjo atacou com seu machado, quase o atingindo. O demônio esquivou-se por pouco, sacando uma adaga e atirando no celestial. Dumah foi atingido no ombro e sentiu energias negativas enfraquecendo seu ser. Seu braço ficou paralisado, o que o demônio aproveitou para um novo ataque. Ele preparou outra adaga, agora para atingir a testa do anjo, mas seu ataque não se completou. As lâminas de Gabriela atingiram seu peito e seu pescoço, afundando em sua carne escura. Ele recuou, mas o braço bom de Dumah o alcançou, pegando-o pela testa. O anjo ergueu a criatura e depois afundou sua cabeça no chão, espalhando sangue negro pela sala.

- Liel, precisamos de cobertura – disse Elkalas. – Laviniah.

Eles já sabiam o que fazer. O anjo mago invocou uma parede de luz para atrasar o ataque de dois Irmãos Rubros, ainda invocando dardos luminosos para atingi-los. As criaturas esquivaram-se dobrando os corpos como se fossem contorcionistas, às vezes defendendo-se com as armas, mas o tempo que Elkalas e Zem'Yuriah precisavam foi garantido. Laviniah deixou o círculo por um momento e emitiu uma sequência de ataques em dois demônios. Deixou-os distraídos com seu

avanço furioso.

Elkalas estava com a pistola Foice na mão esquerda e a espada Boas Vindas à Morte na direita. Não dera um tiro ainda, esperando o momento certo para atingir as criaturas. Quando apenas um demônio sobrou para ele e Zem'Yuriah, os dois avançaram sobre o inimigo. O infernal se defendeu com competência, mas não podia agüentar aqueles dois anjos. Acabou tombando e, nem bem ele caiu, Elkalas virou-se para Laviniah. Apontou Foice e disparou. A bala deixou a arma com um estalo e passou por cima do ombro de Zem'Yuriah; voou entre os cabelos de Laviniah, que estavam soltos no ar durante seus movimentos; quase raspou na Espada da Sina no momento em que ela se chocava com uma lâmina demoníaca. O projétil só foi parar no olho esquerdo de um Irmão Rubro, fazendo a cabeça do monstro recuar com o impacto e sangue flamejante pular da ferida. Ele caiu com um grito rouco no momento em que Zem'Yuriah saltava sobre seu colega. Esse, distraído com Laviniah, se viu encantado por dois anjos. Doutrina cortou o rosto, deixando uma marca flamejante e fazendo o assassino recuar com um salto que o deixou do outro lado da sala.

Os anjos achavam que tinham chance de vencer, pois haviam afastado os assassinos. Acabaram sendo surpreendidos por mais um ataque. Agora era Victorius que aparecia com suas magias. Gotas de fogo voaram pela sala, caindo sobre os anjos e explodindo em suas peles. Francisco tentou invocar um escudo mágico, mas algo o atingiu antes que pudesse executar a magia. Quando percebeu, havia um anjo caído de manto rubro parado à sua frente. Ele já estava com a espada cheia do sangue de Francisco. O mago baixou o rosto para ver o corte em seu peito e caiu, tentando encontrar o ar.

Gabriela deu um grito de surpresa e virou-se para enfrentar o anjo caído que aparecera. Fitou os olhos de dragão de Draquiel e arremessou suas adagas. O Irmão Rubro defendeu todas com sua espada, depois avançou contra a anjo. O ataque foi detido por Dumah, que interceptou o golpe com o machado de prata. Eles se encararam e depois se separaram, bem no momento em que Rasfirian saltava sobre

os outros anjos, acompanhado dos demônios ainda vivos.

Os anjos se viram acuados mais uma vez. Tentaram reformar o círculo, mas foi impossível. Os assassinos não deixavam que voltassem. Rasfirian atacava como um redemoinho, deixando a espada voar em movimentos que pareciam aleatórios, mas que sempre defendiam um ataque e depois quase acertavam o corpo de um dos anjos.

Francisco sentiu sua visão escurecer, mas o ar voltou a seus pulmões e suas forças começaram a se restabelecerem. Ele havia usado um truque que todo mago precavido deveria conhecer. Bebera algumas poções de cura e deixara um encanto nelas para serem ativadas apenas quando seu corpo precisasse. Depois do ataque traiçoeiro de Liel em Portugal, não poderia permitir que fosse pego de surpresa de novo. Continuou deitado, movendo-se devagar para pegar mais material para invocação. Seus dedos encontraram um pouco de incenso e de rosas que colhera em um cemitério. Sorrindo, ele começou a invocar uma nova magia. Chamaria um espírito para lutar por eles, um que apareceria com um ataque brutal contra um dos inimigos. Riu feliz quando se lembrou da letra da destruição. Era uma ótima oportunidade para testá-la de novo, sem nem se importar com as consequências.

Draquiel se abaixou e deixou que o machado de Dumah passasse por cima dele. Já se levantou atingindo o anjo no lado esquerdo do abdome e depois chutando seu joelho, fazendo-o se dobrar. Ergueu-se de uma vez e girou o corpo para cortar a cabeça de Dumah, mas foi impedido por Gabriela. Seus dentes de dragão apareceram quando sorriu, gostando daquele combate. Investiu contra o anjo com uma estocada e deixou que ela desviasse seu ataque. Nesse meio tempo, o assassino arrancou outra arma de dentro do manto e atingiu o ombro da oponente. Tentou um giro para decapitá-la, mas Dumah já estava lá para a defender. Agora o machado prateado quebrou a espada do assassino. Draquiel riu, pulando para trás e pegando uma espada curta que tinha na cintura. Ele sempre tinha muitas armas reservas.

Victorius resolveu ajudar os Irmãos Rubros, pois achava entediante ficar apenas observando. Pegou alguns cacos de vidro e

jogou-os no ar enquanto entoava a magia. Os pedaços se multiplicaram e rodopiaram em um furacão até chegarem a Dumah. O anjo foi envolvido pelo ataque, sentindo suas roupas e pele se cortarem. Quando a magia acabou, todo o seu corpo estava sangrando e Draquiel já o atacava mais uma vez. Gabriela foi obrigada a defender, mas perdeu o equilíbrio quando foi atingida nas costas por adagas mágicas de Victorious. Agora os dois estavam à mercê dos assassinos.

Francisco acabou de invocar sua magia, mas nada aconteceu. Assistiu desesperado enquanto Gabriela e Dumah lutavam para derrotar Draquiel e ficou horrorizado quando Victorious interviu. Só então se levantou e começou a invocar outro de seus feitiços, decidido a encerrar tudo aquilo e xingando-se por testar a letra em um momento tão importante. Poderia perder Gabriela graças àquela brincadeira irresponsável.

Foi no meio da magia de Francisco que aconteceu. A batalha inteira parou por alguns segundos quando seus corações foram dominados por um vazio que não os deixava erguer os braços ou pensar em nada. O frio tomou a sala e eles souberam que faltava alguma coisa naquele lugar. As palavras mágicas que saíam da boca de Francisco foram substituídas pelo nome da criatura que agora aparecia:

- O Assassino de Almas.

Ele apareceu em meio a uma fenda negra que se abriu no ar, saltando com suas asas abertas e caindo sobre o Draquiel. Envolveu o assassino naquela negritude enquanto a espada Fim das Almas enfia-se em seu coração. Quando as asas se abriram novamente, apenas o manto vermelho estava caído e a figura prateada, que sugava luz, fitava-os com as órbitas vazias. Sua voz, ou a falta dela, emanou na mente de Francisco. Ele sentiu aquelas palavras sumindo de sua mente, só então entendeu do que se tratava aquela fala. “Está aprendendo a ser como eu?”, perguntou o Assassino de Almas. O mago caiu de joelhos com a boca aberta, quase gritando de horror ao reencontrar aquela criatura. Sentiu-se próximo daquele ser doentio e teve nojo de si mesmo.

- Saiam daqui! – gritou Victorious, acionando uma magia para viajar pelas trevas e desaparecer daquela casa. Sumiu, sendo

acompanhado pelos Irmãos Rubros sobreviventes e levando Cássia, sua escrava.

O Assassino de Almas continuou parado, olhando para Francisco. Seus lábios se moveram de repente e a boca vazia ficou à mostra. Seus olhos se fecharam um pouco, estreitando-se como se mirassem uma presa. Parecia lamber os lábios como se houvesse visto uma refeição apetitosa. Então ele avançou rápido como as trevas. Sua espada parou a centímetros do pescoço de Francisco. Seu golpe fora interrompido por Elkalas, que agora assumira sua forma angelical. De repente, ondas de energia negra emanavam do anjo da morte, como um tênue vapor preto saindo de seu corpo. Exalava um cheiro que lembrava flores e velas em um velório. A face estava mais pálida e marcada por veias negras.

- Vão embora – disse Elkalas com uma voz profunda, sem aquele típico humor.

Francisco não conseguiu dizer ou fazer nada. Sentiu-se ser agarrado por Zem´Yuriah, enquanto Liel e Laviniah puxavam Gabriela e Dumah. Começaram a correr para a porta quando a líder das Lanças de Christos parou para ver Elkalas em uma disputa de força com o Assassino de Almas. Os dois saltaram cada um para um canto da sala e apontaram suas espadas. A guerreira notou as diferenças no colega e se impressionou, ficando ansiosa quando ele levou a mão à nuca. Seus dedos afrouxaram o nó da venda que cobria os olhos.

- Elkalas – gritou Laviniah, mais preocupada com a vida daquele guerreiro do que deveria estar.

- Ele nos alcançará – falou Zem´Yuriah, puxando-a.

Ela os mirou, parando seu olhar preocupado sobre Dumah. O anjo do silêncio assentiu, chamando-a para correrem dali. Assim eles desapareceram.

Elkalas quase desamarrou a venda, mas parou assim que viu o Assassino de Almas sorrindo. A criatura colocou um dedo sobre a testa, enquanto emanava suas gargalhadas. O anjo da morte sentiu que o inimigo ria pois uma forte tristeza quase se abateu sobre seu coração. Ele parou de retirar a venda e saltou, abrindo as asas negras e vendo o

oponente saltar de volta. Fim das Almas e Boas Vindas à Morte se chocaram. Uma onda negra varreu o recinto, destruindo o que restara dos móveis, transformando em cinzas as plantas que ainda viviam e corroendo a pintura das paredes. Voaram pelo curto espaço golpeando e a cada choque o lugar parecia envelhecer um ano, pois a essência da morte e o vácuo do vazio sugavam as energias e a consistência das coisas.

Laviniah sentou-se no meio do campo de futebol com vontade de chorar naquela noite silenciosa. Sentia que perdera Elkalas para aquela criatura. Quando olhou para Francisco, quis gritar com ele. Conteve-se durante um bom tempo, observando o silêncio de todos, mas explodiu momentos depois. Ergueu-se e apontou um dedo para o mago.

- A culpa é sua! Você invocou aquela criatura! Para começar, você libertou aquele monstro! – gritou a anjo, quase sacando sua espada. Suas feridas estavam se fechando, mas o sangue ainda escorria de seu rosto e agora se misturava às lágrimas.

Francisco não respondeu. Ficou calado, seus olhos fixos na mulher que gritava tão avidamente com ele, mas o olhar mais distante, como se visse através dela. Baixou a cabeça pensativo, perdido em suas próprias preocupações. Laviniah o empurrou, quase o derrubando.

- Seu cretino! Pois eu vou marcar sua alma de novo! – falou ela. Já havia usado esse poder sobre o mago uma vez e fora por isso que ele tomara o sangue do Assassino de Almas, para se libertar da maldição de ser enviado para o Inferno e ser torturado eternamente. A marcação da alma implicava que os demônios tinham todo direito sobre ela e que Francisco nunca poderia escapar do inferno, fosse por qualquer ritual ou por pacto com outra criatura. Apenas o sangue do Assassino de Almas permitia se libertar disso.

O mago olhou de volta, mas continuou calado, sem querer reagir. Ainda tentava entender como invocara aquela criatura. Sim, com

certeza a letra da destruição tinha algo a ver com isso. Mas o que mais? Seu sangue? O ritual de purificação? E o que era aquela proximidade que sentira? O que aquelas palavras queriam dizer? Ele nem ligou quando foi empurrado de novo e Laviniah sacou sua lança para marcar sua alma.

A guerreira preparou-se para executar sua tarefa e os outros não a impediram, pois ela tinha autoridade para isso e, de fato, Francisco merecia esse castigo por todos os crimes que cometera. Ela levantou a lança e preparou para enfiar no peito do mago, um golpe que não o mataria, apenas atingiria seu espírito. Gabriela a impediu antes que completasse o ataque. Atingiu o rosto de Laviniah com o cabo de sua lança e afastou, depois acertando seu estômago e fazendo com que ela se dobrasse. Então chutou seu rosto e a jogou no chão.

- Não toque no meu marido! – disse ela, apontando um dedo para sua ex-líder. Sua voz estava firme e os olhos estreitos, fitando uma inimiga e a desafiando para um combate mortal.

Laviniah se levantou com a lança na mão. Dumah se colocou ao lado dela, pronto para defender sua líder. Ambos assumiram posições de combate. Francisco despertou de suas dúvidas ao ver Gabriela ameaçada. O vazio de seu coração foi substituído por chamas de raiva abastecidas pelo perigo que sua amada sofria. Ele arrancou uma pedra negra do casaco e apontou para os anjos.

- Tentem – desafiou, começando a recitar as palavras mágicas.

- Parem com isso! – gritou Liel, vendo que Zem'Yuriah não interferiria. O anjo colocou-se entre eles, invocando um escudo mágico antes. Ele sabia o perigo que corria. Ergueu as mãos educadamente, com seus típicos modos de nobre. – Ninguém vai fazer nada. De que adianta brigarmos? Vamos seguir em frente e usar essa raiva contra Laoviah. Lembrem-se que estamos do mesmo lado.

- Por enquanto... – falaram Gabriela, Laviniah e Francisco. A surpresa foi aquelas palavras saírem da boca de Gabriela. A anjo reagiu de um modo inesperado para todos.

Eles resolveram baixar as armas. Francisco e sua esposa se abraçaram e sentaram-se no chão. Ficaram cochichando um no ouvido

do outro e fazendo carinhos. As mãos dele se perdiam nos cabelos dela. Liel os observou durante algum tempo e percebeu algo inesperado surgir dentro dele. Alguma coisa rastejava em sua mente, apertava seu coração. Sua boca encheu-se de palavras ruins e foi com alguma dificuldade que percebeu que estava com inveja deles. Lembrou-se de um momento parecido, de suas mãos alisando os cabelos de uma mulher e depois percorrendo seu corpo nu. O nome Lorraine surgiu de novo em sua mente e a lembrança desapareceu. Quis estar no lugar de Francisco, desejou Gabriela por alguns segundos. A vontade foi apaziguada pela culpa e pela memória da traição que já cometera com os amigos. Afastou-se dos dois enjoados, intolerante consigo mesmo. Seus sentimentos humanos estavam voltando e os ruins deixavam sua marca.

Laviniah sentou-se e sentiu Dumah a seu lado como um guarda-cosas. Encostou a cabeça no ombro do amigo e chorou mais um pouco. Estava preocupada com Elkalas e consigo mesma. Como poderia derramar lágrimas assim por alguém? Era muita idiotice perder tempo com isso. Apenas humanos lidavam com esses sentimentos baixos. Ela deveria se preocupar com Demiurgo e sua fé, nada mais.

- Vamos embora – o grupo ouviu. Era a voz de Elkalas, só que soava cansada. Ele estava em sua forma angelical, mas sem as diferenças de momentos antes. Seu sobretudo estava rasgado e cortes enegrecidos estavam abertos em seu rosto.

Laviniah se pegou agradecendo a Demiurgo pelo fato de o anjo da morte ter sobrevivido. Levantou-se e resistiu à tentação de correr para abraçá-lo. Eles se reuniram em volta dele, curiosos para saberem o que acontecera no combate. Elkalas destruíra o Assassino de Almas?

- Você o destruiu? – perguntou Liel.

- Não – respondeu Francisco, falando pelo anjo da morte. Os dois se olharam por alguns segundos, um momento tenso que despertou curiosidade em todos.

- Zem'Yuriah, nós temos que ir. Assuma sua forma angelical e se prepare para a luta – falou o anjo da morte, sem disposição para

mais perguntas.

O anjo da destruição deixou suas chamas envolverem seu corpo e a armadura voltar a brilhar em seu peito. Laviniah observou a transformação e voltou a olhar para Elkalas.

- Você já vai? – perguntou ela.

O anjo da morte a fitou por detrás daquela venda negra e ela sentiu seus olhos daquela maneira ávida de antes, mas uma frieza súbita substituiu aquele momento.

- Temos que ir. Continue com Francisco. Tente encontrar Neftali. Nós não temos muitos agentes o procurando entre os humanos. Precisamos de vocês agindo – disse ele, abrindo as asas negras. Olhou para Zem´Yuriah e viu o anjo da destruição deixar que suas penas flamejantes brilhassem na noite.

Laviniah os viu voarem na direção de Divinópolis e ficou pensando no quanto estava sendo sentimental. Precisava se analisar e se entender. Não podia se deixar levar por seu coração. Era difícil quando via os sentimentos aumentando ao longo dos anos. Ela até temia recuperar sua memória e ficar como Liel. Não desejava voltar a pensar como um mortal dominado por desejos. Queria se concentrar em sua fé.

- Acho melhor começarmos a viagem. Somos apenas nós cinco agora – disse Liel, tomando uma atitude. Começou a se perguntar se não caberia a ele tomar a liderança do grupo. Achou que gostaria da idéia e riu para si mesmo. Seria aquele outro sentimento? Ele estaria sentindo ambição agora? Não, era apenas praticidade. Tomar as rédeas enquanto os outros se resolviam. Laviniah não tardaria a impor sua personalidade mais uma vez e as discussões com Francisco se reiniciariam.

Divinópolis era uma cidade importante em Minas Gerais. Francisco teria preferido viver lá do que em Itaúna, onde teria mais recursos e poderia ter contato com um ou outro mago que morava ali.

Talvez até tivesse conversas mais freqüentes com outros místicos. Ele realmente achava uma pena ficar isolado em Itaúna, diferente de Gabriela e gostava da paz daquela cidade pequena. Pensou nisso durante quase todo o caminho, sendo quase uma maneira de se livrar da dor de cabeça que era decifrar o Assassino de Almas. Ao chegarem na cidade, ele parou o carro em uma praça em um dos bairros afastados e todos saíram para conversar melhor do lado de fora.

- Como encontraremos esse nefalim? Não é possível diferenciá-lo de um ser humano de maneira alguma. Não há ritual conhecido que possa fazê-lo – comentou Liel. – Isso sem contar o fato de que não sabemos se ele já despertou todas as suas memórias.

- Você não tem nenhum contato que possa nos ajudar aqui? – perguntou Laviniah, trocando as primeiras palavras com Francisco. Sua voz era fria e distante, totalmente impessoal.

- Tenho um colega rosacruz com quem me corripondi nos últimos meses – contou o mago, recebendo um olhar reprovador de Gabriela. – Agora acho que não seria boa idéia procurá-lo. Duvido que ele esteja sob influência de Laoviah, mas não quero arriscar a vida dele.

- E CD, aquele demônio maldito? Não acha que ele pode nos ajudar? – perguntou, lembrando-se do amigo informante de Francisco.

- Não, acho melhor não. Não duvido que ele tenha me denunciado para os assassinos. Deve ter vendido a informação por um preço muito alto – comentou o mago, coçando o cavanhaque enquanto o cérebro funcionava.

- Francamente, deveríamos ir lá e arrancar as informações dele e depois matá-lo – falou Laviniah.

- Não, ele é meu amigo – retrucou Francisco, ainda coçando o cavanhaque e pensando.

- Amigo? Ele o entrega e você o chama de amigo? – perguntou ela, erguendo uma sobrancelha surpresa.

- Amigos, amigos.... negócios à parte – respondeu o mago. – Óbvio... É óbvio. Vamos procurar alguns estudiosos do Umbral. Se esse nefalim já despertou ou está para despertar, é lógico que deve ter procurado essas pessoas para descobrir algo sobre encarnações e saber o

que tem acontecido com ele.

- Mas você acha mesmo que ele fará isso? – perguntou Laviniah.

- O espiritismo tem muitos seguidores no Brasil e se um nefalim precisa saber sobre encarnação, acabará procurando um centro espírita ou um estudioso do umbral, já que eles se ligam à doutrina espírita às vezes, trocando informações com eles.

- Eles são espíritas? – perguntou Laviniah, pensando se deveria lidar com aquelas pessoas.

Francisco deu de ombros, pois não se importava com qual religião as pessoas seguiam, desde que eles não usassem essa religião para acender fogueiras e tentar fazer um churrasco de mago. Conhecia magos cristãos, muçulmanos, alguns que se diziam ateus e outros que queriam ser deuses.

- Vamos logo – falou Liel, com medo que uma discussão religiosa começasse. Eles entraram no carro mais uma vez e Francisco dirigiu até um posto de gasolina que ficava aberto vinte e quatro horas. Perguntou algumas informações ao frentista e seguiu o caminho. Gabriela estava no banco do passageiro e ligou o rádio, deixando uma música lenta e romântica tocar. A canção acabou e as guitarras do rock começaram.

- Que música ruim! Ainda bem que nós temos os Tronos lá em cima – comentou Laviniah.

- Que pena que você está aqui em baixo então. Pode ter certeza, estamos torcendo para você subir de novo para lá – retrucou Francisco.

- E o bom é que eu não vou encontrar nenhum desses lá em cima – disse ela em um tom ácido como se já estivesse marcando a alma de todos os roqueiros.

- É por isso que o Inferno deve ser um local tão mais animado. Outra razão para eu não achar ruim o fato de tanta gente me mandar para o Inferno.

Francisco nem gostava de rock, tendo discutido apenas pelo prazer de provocar Laviniah. Naquela noite, ele até começou a apreciar

a música. Geralmente preferia os cânticos espirituais que ouvia através da barreira dos mundos ou sons puramente instrumentais, como só violino.

Francisco tomou uma poção de restauração para que o cansaço deixasse seu corpo. Não sentiria sono durante um bom tempo, ficando plenamente recuperado. Desceu do carro seguido pelos outros. Deu a mão para Gabriela enquanto olhava para a casa onde os estudiosos do Umbral se reuniam. Eram um grupo pequeno, não mais do que cinco pessoas. As luzes estavam acesas, o que indicava que ainda estavam em reunião. Com a batalha entre os anjos e os seguidores de Laoviah, eles deveriam estar com bastante trabalho para entender o que estava acontecendo.

Observaram o pequeno jardim coberto por begônias enquanto esperavam alguém atender a campainha. O portão foi aberto sem que ninguém perguntasse quem estava chamando. Hesitaram para entrar, temendo que algo ruim estivesse acontecendo, mas alguns estudiosos do Umbral não precisavam perguntar quem estava tocando suas campainhas. Os espíritos podiam responder facilmente essas perguntas.

Francisco entrou na frente, levando Gabriela, mesmo preferindo que a anjo ficasse esperando no carro. Tinha medo de encontrar seus inimigos. Pensou em dar o aviso para ela, mas aquilo seria o suficiente para a deixar irritada por uma semana. Acabaram entrando todos juntos, torcendo para não haver nenhum inimigo ou traidores entre os estudiosos. A porta já estava aberta e dava para uma sala que tinha apenas uma luz tênue e uma mesa redonda no centro exato do recinto. Havia três pessoas sentadas nela. Estavam todos calados, não movimentando um palmo que fosse. Aquilo assustou ainda mais o grupo, fazendo Francisco e Liel prepararem magias. Os outros concentraram energia para invocar suas armas. Desejaram que Elkalas e Zem'Yuriah estivessem ali.

- Por favor... nós – começou Francisco.

Uma mulher se virou para fitar o mago. Sua boca movia-se, pronunciando algo em um sussurro constante. Todos fitaram os olhos dela enquanto tentavam ouvi-la. Viram olhos secos nas órbitas, como se toda água houvesse sido expelida de uma vez só. Ela não podia enxergar nada e continuava repetindo que errara.

- Eu não deveria ver os mortos – dizia ela, com um tom assustado, a voz modificada pela dor.

Outro homem se virou para eles, notando as novas presenças na sala. Ele tentou se levantar, mas tropeçou nas próprias pernas. Liel correu para o acudir, preocupado. Ajudou-o a se erguer e perguntou o que havia de errado. O homem abriu a boca para falar, mas sua língua caiu seca naquele exato instante. O órgão rolou pelo chão como se nunca fosse vivo. O anjo notou que suas roupas começavam a se sujar de sangue. As orelhas do homem também estavam feridas. O líquido vermelho não parava de escorrer, enquanto ele emitia sons abafados, tentando se comunicar.

- Precisamos ajudá-los – disse Liel, preocupado com aquelas pessoas. Não suportava ver ninguém daquela maneira.

Gabriela se aproximou para auxiliar o amigo, mas levou a mão à boca assustada antes de chegar a ele. Seus olhos caíram sobre o terceiro membro da mesa. Era uma mulher também com os ouvidos sangrando. Sua boca também começava a expelir sangue, espirrando-o sobre os papéis que estavam logo à sua frente. A anjo viu que havia algumas coisas escritas neles. Ela estava psicografando. Só podia ser. Nem bem Gabriela concluiu, a mulher levantou as mãos que estavam abaixo da mesa. Estavam secas. Não eram capazes de se movimentar. A pele grudava nos ossos, estando quase para se partir. Os dedos pareciam garras, finos e alongados, deixando as falanges evidentes. As unhas eram amarelas, quebradiças. A mulher cuspiu mais sangue, deixando-o molhar suas mãos e encharcar o papel ainda mais. Tentou levar os dedos até uma caneta, mas bastou encostar para que suas unhas se desgrudassem da pele seca e caíssem sobre a mesa. Assustada, ela começou a emitir um som que parecia o de um choro.

- “Não achará no meio de ti quem faz passar pelo fogo teu

filho ou a tua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz essas coisas é abominável ao Senhor” – citou alguém que começava a surgir de um corredor que eles não haviam notado. Eles reconheceram aqueles versículos do Deuteronômio. Francisco conhecia aquelas palavras por uma tradução diferente, mas aquilo não era importante no momento.

O homem que surgiu do corredor usava um terno negro e uma gravata azul. Era elegante e tinha um porte que impunha mais do que respeito. Impunha medo e arrependimento. Seus olhos quase flamejantes fitaram o mago e os anjos, deixando evidente que aquele era Laoviah. Ele trazia um homem e uma mulher nas mãos, sendo que um deles estava com os lábios destruídos, como que ruídos por vermes. A mulher tinha o rosto paralisado e o olhar fitando o nada. Francisco viu que seus olhos estavam esbranquiçados.

Outro homem surgiu atrás de Laoviah. Era Giuliano. Perto dele estavam mais algumas pessoas, esses nitidamente humanos. Eram os novos seguidores do Serafim, convertidos para sua causa.

- É uma felicidade vocês se entregarem assim. Estão arrependidos e preparados para suas punições? – perguntou ele.

Eles quase se ajoelharam perante aquelas palavras. Apenas Dumah se manteve de pé, encarando o Serafim, o que deu forças para os outros evitarem que seus joelhos se dobrassem. Laviniah olhava para o inimigo e pensava naquelas palavras. Dúvidas passavam por sua mente. Conhecia as Leis, mas não podia acreditar que aquele era o melhor meio de lidar com elas. Já pensara daquele modo, mas agora, vendo aquelas ações horrendas, não podia acreditar que não houvesse outra maneira. Por Christos, deveria haver.

- Como pôde fazer isso? – perguntou Liel, sensibilizado com o sofrimento daquelas pessoas. Ele podia reconhecer que segundo as leis bíblicas elas estavam erradas, mas não deveriam ser julgadas por uma religião que não seguiam. “Nem que seguissem”, pensou ele, revoltado com aquilo.

- Simples... eu posso mostrar – disse ele, olhando para Gabriela. No mesmo instante, a anjo inclinou-se tomada pela dor que crescia em suas costas. As cicatrizes doíam mais do que nunca. Parecia que perdia as asas mais uma vez. Francisco tentou segurá-la, mas ela caiu e começou a se agitar violentamente, descontrolada pela dor.

- Pare com isso! – gritou o mago, lançando energias espirituais contra o inimigo.

Laoviah riu da tentativa patética. Ergueu a mão e fez o ataque mágico desaparecer. Gabriela continuava com seus gritos, contorcendo-se sem controle, o que só aumentava a raiva de Francisco. Ele tentou outra magia, mas antes que pudesse lançá-la, uma onda de força invisível o jogou contra a parede.

- É hora de serem punidos. Ou querem encontrar sua salvação? – perguntou Laoviah. – Dumah, acha que pode merecer minha atenção mais uma vez ou deverei continuar fingindo que você não existe?

O anjo do silêncio respondeu erguendo o machado, mas aquela reação não surpreendeu Laoviah. Ele continuou com a expressão inalterada enquanto olhava para Liel. O anjo mago recuou um passo, ainda com o estudioso do umbral nos braços. Por pouco não caiu na tentação de se salvar pela doutrina de Laoviah, mas não cederia àquela vontade. Não podia admitir que as pessoas fossem tratadas daquela maneira.

- Esqueça – disse ele, concentrando todo o poder que tinha em apenas uma magia. Ouvindo os gritos de Gabriela, ele quase deixou que as lágrimas escapassem de seus olhos. Concentrou ainda mais energia e depois liberou toda a luminosidade de uma vez só. Laoviah percebeu e protegeu a si mesmo e aos outros do efeito destrutivo do feitiço. – Vamos embora!

Laviniah agarrou Francisco no mesmo momento, enquanto Dumah puxava Liel de uma vez. Ele deixou o estudioso do umbral cair, surpreso com a força do anjo do silêncio. Laviniah ainda tentou pegar Gabriela, mas Laoviah já começava a usar seus poderes mais uma vez, aumentando a temperatura e preparando suas chamas mortais.

Ela foi forçada a fugir, levando Francisco.

O mago revoltou-se quando foi puxado. Tinha uma adaga na mão e começava a desenhar a letra da destruição em sua pele, arrancando sangue e preparando uma magia para acabar com Laoviah. Laviniah o interrompeu e o retirou dali. Eles correram o máximo que puderam, protegidos pela aura de silêncio de Dumah e por magias de invisibilidade de Liel. Francisco xingou o tempo todo, gritando para voltar e encontrar Gabriela.

O grupo já estava muito longe quando Laviniah finalmente jogou Francisco no chão. O mago tinha o rosto vermelho e levantou-se com os punhos cerrados, fitando Laviniah com um ódio que ela nunca vira. Dumah e Liel se surpreenderam com aquele olhar, mesmo depois de terem visto tantas vezes como os dois se odiavam.

- Como você pôde deixá-la lá? – perguntou com uma voz distorcida. – Não imagina o quanto ela já sofreu nas mãos dele?

- Não havia como pegá-la. Não podíamos ficar lá e morrer. Ainda podemos resgatá-la – disse ela, usando um tom que parecia um pedido de desculpas, algo que nunca mostrara a Francisco. Estava se sentindo mal por abandonar Gabriela, mesmo a considerando uma traidora. Ela era uma guerreira e estava sob sua liderança. Não podia admitir que estava perdendo seus aliados daquela maneira.

Francisco calou-se e não falou mais nada, para a surpresa de todos. Liel sentiu que aquilo era ruim, muito ruim. Francisco calado era pior do que reclamando ou discutindo, muito pior. Aproximou-se dele e tentou pousar a mão sobre seu ombro, mas teve uma sensação tão ruim que paralisou-se. Recolheu o braço e hesitou antes de abrir a boca.

- Tudo vai ficar bem, meu amigo – disse, sabendo que aquilo não ajudaria. – Pode contar conosco para o resgate dela.

Francisco não respondeu. Começou a caminhar na direção da cidade.

- Onde você vai? Vai voltar lá sozinho? – perguntou Liel, enquanto os outros observavam de braços cruzados.

- Preciso encontrar um lugar para dormir. Poções de restauração não são tão eficientes quanto uma boa noite de sono – respondeu, ainda com a voz alterada.

Liel sabia que se Gabriela morresse, Francisco nunca se recuperaria. Teve pena tanto da anjo quanto do mago. Ela seria torturada e ele sentiria a mesma dor, talvez preferindo estar no lugar dela. Não, pensando bem, Francisco não era de pensar assim. Ele preferiria pensar que estaria destruindo todos que ousassem tocar nela e a libertando. Ele não pensaria no próprio sofrimento. Não gostava de se colocar nessas situações.

Capítulo Dez

O Céu se movimenta

O Conselho dos Treze se reuniu tão logo teve oportunidade. A situação fugira do controle há muito tempo, de um modo que nenhum deles percebera. Eles se sentaram para debater como retaliariam os ataques de Laoviah, alguns ainda em dúvida quanto o que fazer com aquele Serafim.

Metatron foi o último a chegar, abrindo as grandes portas com força e afobação como raramente era visto. Era acompanhado por outro anjo, que quase não era notado na presença de uma figura tão magnânima. O fogo que surgia do Príncipe dos Serafins estava ainda mais intenso e as labaredas assustavam quem estava próximo. Quando se sentou, soltou um grande suspiro, que soou como um furacão. O anjo continuou a seu lado, tentando se manter um pouco afastado das chamas.

- Laoviah acabou de atacar um dos centros da Inquisição Celestial – anunciou Metatron, embora a maioria deles já soubesse disto. – Hoje precisamos encarregar alguém de começar a investida contra o Serafim da Destruição ou ele continuará realizando seu trabalho. Como ele está usando seus poderes na batalha, podemos

enviar um dos nossos.

Os anjos se agitaram pensando em quem seria enviado. Havia aqueles que temiam enfrentar Laoviah, outros que não queriam por seu passado de amizade com o Serafim e aqueles que ansiavam por um combate com ele.

- Também tenho outra notícia – continuou Metatron de uma maneira que não agradou os anjos. Suas chamas crepitaram menos intensas antes que continuasse. – Vós vos lembrais de Azazel, sem dúvida. – Houve certa agitação entre os anjos, principalmente entre aqueles que estavam mais próximos de Rafael. – Sabeis que ele foi libertado do Deserto de Dudael, onde deveria estar preso com os outros criminosos da Segunda Rebelião. Até então, não nos causava problema, pois estava no Inferno. Nas outras vezes em que compareceu à Terra, pudemos acabar com seus planos. Agora, no entanto, Azazel está de volta. Laoviah o retirou do Inferno para procurarem por seu filho, Neffali.

A notícia alarmou todos. Ainda não sabiam que aquilo estava acontecendo. Uma criatura como Azazel de volta à Terra? O que Laoviah estava fazendo? Por acaso se corrompera de vez?

- Belcol, por favor – disse Metatron, aparentemente falando para o anjo que o acompanhara.

Vestido em um terno e portando um monóculo, o celestial adiantou-se para falar, conseguindo a atenção dos mais velhos.

- Conseguimos um espião entre os seguidores de Laoviah. Kesser, o Anjo da Força, está do nosso lado e tem nos informado tudo o que está acontecendo. Infelizmente, ele não teve tempo de nos dizer que Laoviah enviara uma missão para resgatar Azazel. Até o momento, Kesser nos contou que o Serafim está planejando criar uma nova religião. Já há uma grande repercussão sobre isso no mundo dos mortais, tendo tudo começado com os Pergaminhos do Mar Morto. E Zih'Diel, o Anjo da Fé, tomou a forma da carne para chamar o rebanho para essa nova fé.

- Belcol, suponho que essa fé seja contra o Nosso Senhor Christos – falou Rafael que sem dúvida era um dos anjos cristãos.

- Não importa se é contra o Nazareno ou não, mas sim se ameaça a unidade da Cidade de Prata e a vinda das almas para cá – argumentou Phanuel, um daqueles que não reconhecia Christos como o Ungido.

- Discutir isso é irrelevante, o que importa é como agiremos e quem será responsável pela caçada a Laoviah – falou Miguel, Príncipe da Guerra, sem que um pingo de emoção houvesse em sua voz.

Metatron acenou com a cabeça, concordando com as palavras do Grande General.

- Eu posso ir – ofereceu Gabriel, falando com calma, suas palavras cheias de sentimento, ao contrário de seu irmão Miguel.

- Tu sabes que não pode enfrentar Laoviah diretamente, Gabriel. Não é sensato que isto aconteça. Conheces muito bem os resultados de uma luta entre tu e o Príncipe da Destruição – falou Metatron, negando a oferta do Anjo da Anunciação e, antes de tudo, Anjo da Morte.

- Azazel é responsabilidade minha, então eu vou – disse Rafael de um modo que não aceitaria uma negação por parte de ninguém. Suas palavras arrancaram uma risada debochada de Gabriel e olhares curiosos dos outros. Uriel o observou com desprezo, Miguel o fitou intensamente, avaliando-o. – Ele cairá por meu arco ou por minha espada. Tanto Azazel quanto Laoviah serão minhas vítimas. Lembrai-vos que quando o Anjo da Vida escolhe vítimas, elas estão fadadas a ver o rosto de Gabriel.

- Palavras bonitas, mas duvido que sejam suficientes para derrotar meu irmão – provocou Uriel.

Rafael quase ficou vermelho de raiva, mas conteve-se. Pensou em uma resposta mais educada para o Anjo do Sol, mas antes que pudesse falar, um anjo que até o momento mantivera-se calado, resolveu tomar a palavra.

- Isso mesmo. Melhor que eu tenha essa missão – falou Mashit, um anjo da destruição, antigo general de Laoviah e seu mais provável sucessor. Suas palavras arrancaram outra risada de Gabriel. -

Do que ris, irmão? – perguntou Mashit, com os olhos enfiados tomados por chamas.

- Tu és apenas um substituto. Imaginas mesmo que pode derrotar Laoviah? Voto na ida de Rafael, pois ele também é um dos Primeiros. – Largou o tom debochado para falar sério, de uma maneira tão imperiosa que fez o anjo da destruição se recostar na cadeira. – Mashit, tua boa vontade não será esquecida, mas acredite em mim quando peço para que contendas teu ímpeto guerreiro.

- Agora ficaremos defendendo aquele traidor? – perguntou Rafael, com a voz carregada de ironia e desprezo. Gabriel deu outra risada, atraindo um olhar sério de Miguel. O Anjo da Anunciação não deu atenção e continuou descontraído como sempre. – Eu descerei com minhas fálanges e deterei o avanço daquela criatura. Trarei tanto Azazel quanto Laoviah para sofrerem no calor do deserto.

- Vai, Rafael. Mostra que o Céu não é clemente com quem peca a nossos olhos. Usa tua espada, usa teu arco, mas trazei até nós os criminosos. Vivos ou mortos – decretou Metatron.

A reunião estava encerrada. Nenhum deles tinha mais nada a falar, preferindo se abster. Quem estava mais interessado em participar daquela batalha era Rafael e eles não lhe negariam isso. Só participariam da luta quando fosse realmente necessário.

Um a um os líderes angelicais se levantaram para saírem, mas pararam quando Belcol disse algo. Nem bem ele abriu a boca para falar, todos já o observavam com seus olhos de luz ou de fogo.

- Por que não enviamos as Lanças de Christos? – perguntou ele, referindo-se ao grupo que se empenhara tanto para acabar com os planos do Serafim.

- Eu não preciso, pois tenho minhas fálanges. Fico grato pela oferta, Belcol, mas não será necessário. Também devo lembrá-lo de que quando Laviniah e seus guerreiros enfrentaram Laoviah esse estava menos poderoso. Não sei se teriam chance agora.

Belcol não ficou satisfeito, mas calou-se.

Ele foi aparecer no zoológico de Belo Horizonte, bem em frente à jaula onde estava preso o gorila. Observava o animal com muita curiosidade, como se nunca houvesse o visto. Claro que não era bem assim. Gabriel não precisava se surpreender com aquela criatura, mas adorava observar todos os aspectos da Criação. Era quase obcecado com isso. Talvez essa fosse outra razão para comparecer tanto à Terra e adotar a forma humana, como fazia no momento.

O anjo Gabriel gostava de se mostrar como um homem jovem de pele parda, nem negro nem branco, com olhos amendoados que sempre estavam brilhando e sorrindo. Os lábios não eram nem finos nem grossos, mas costumavam esticar-se em um sorriso. Aquele anjo conseguia se divertir com quase tudo, mantendo um bom humor constante, a não ser quando sua mente perdia-se para contemplar os enigmas e as profecias do mundo. Tinha cabelos que chegavam até os ombros, eram negros e começavam lisos, mas acabavam encaracolados. Adorava se vestir de preto e branco, entretanto usava azul ocasionalmente. Gabriel nem parecia ser o Anjo da Morte, pois estava sempre se mostrando tão feliz e divertido que nenhum humano o tomaria como tal. Talvez fosse por isso que a maioria dos mortais não retornasse da morte, já que o carisma do anjo os atraía como um ímã espiritual.

A criatura que o anjo esperava não ligava para o carisma de Gabriel. Quando ele apareceu, o celestial sorriu, mas evitou o tom debochado que era tão freqüentemente em seu rosto. O recém-chegado era seu irmão mais velho e merecia respeito, apesar de tudo o que acontecera entre os dois. Também havia o fato de que nunca era bom enfiar o Portador da Luz.

Lúcifer começou a caminhar em meio às pessoas sem precisar pedir licença. Ninguém ousava sequer tocar naquele homem, desviando-se dele enquanto baixavam a cabeça. Crianças choravam simplesmente ao passar a seu lado, assustadas sem saber o motivo. As mães mandavam-nas calarem-se como se estivessem se envergonhando diante de uma autoridade. E essa era a palavra de Lúcifer, autoridade. Ele era mais do que imperioso; cheio de si, dominava com um

simples olhar, seduzia com um gesto, possuía com um beijo.

Os olhos azuis encontraram Gabriel rapidamente, ainda que O Anjo da Morte estivesse disfarçado e usando poderes de ocultação. Algumas mulheres pararam para observar Lúcifer, inevitavelmente paralisadas por sua beleza e majestade. Os cabelos dourados brilhavam no sol como se fossem de metal. O rosto sério e branco estava cheio de confiança e lembrava um nobre europeu ou um artista de cinema, daqueles galãs poderosos. Tinha as unhas pintadas de preto com desenhos rúnicos em vermelho. Os dedos eram cobertos por anéis com rubis, safiras e esmeraldas. As roupas eram todas de couro preto, reluzente e caro. Parou ao lado de Gabriel sem se incomodar com os olhares que atraía, habituado com a fascinação que causava nos humanos.

- Como estás, meu irmão? – perguntou o anjo.

- Como deveria, Gabriel, como deveria. Vejo que mudou sua aparência mais uma vez. Cavanhaque? – perguntou ele, olhando para o gorila ao invés de encarar o irmão.

- Sim. Gostaste do cavanhaque? – Gabriel coçou o queixo e sorriu.

- Não, você ficou com cara de estuprador. Acho que não fica bem para quem fica anunciando nascimentos para virgens – zombou Lúcifer, ainda que não houvesse aparecido um sorriso em seus lábios.

Gabriel parou para pensar um pouco, coçando a cabeça. Por fim, decidiu que era melhor retirar o cavanhaque. Se havia alguma coisa de que seu irmão entendia era de pecadores e se ele dissesse que estava parecido com um pecador, então era melhor levar a sério. Bastou um gesto para que o rosto ficasse liso como pele de bebê.

- São todos iguais. Colocam essa criatura presa aqui e vêm observá-la, mas bastariam olharem-se em um espelho... – comentou Lúcifer, observando o gorila.

- Não viemos aqui para mais uma discussão sobre os humanos, meu irmão. Pois bem, vamos direto ao assunto. Já sabes que Laoviah trouxe Azazel para a Terra, então temos que começar a agir para acabar com os planos dele – falou Gabriel, mas parou assim

que viu uma criança passar.

O anjo ficou de cócoras para encarar o menino e passou a mão em seus cabelos, atrapalhando-os. Deu uma gargalhada forte e o menino riu. Em seguida, os dois se abraçaram como se fossem grandes amigos. Do nada, Gabriel fez aparecer um saco de pipocas e deu para a criança, aumentando seu sorriso. Ninguém percebeu o truque, mas as pessoas se impressionaram com a ação do anjo, mesmo que a atitude fosse tão simples. Qualquer outro poderia dar uma pipoca para uma criança, mas ninguém podia fazê-lo de maneira tão carismática como Gabriel. Aquilo fez os corações de todas as mulheres passarem de Lúcifer para o Anjo da Anunciação.

O anjo caído olhou para o menino e depois para o Príncipe da Morte, em seguida observou todos em volta e bastou passar seus olhos sobre as pessoas por um milésimo de segundo para que todos tivessem vontade de beijar seus pés.

- Vamos parar com isso. Direto ao assunto, Gabriel – sugeriu o anjo caído.

- Que assim seja. – Ele retirou uma bala do bolso e jogou para as crianças que começaram a fazer festa e a correr para as mães, mostrando o que haviam pegado. Gabriel riu, divertindo-se com o sorriso dos meninos, meninas e mulheres. – Laoviah procura por Neftali e está começando uma nova religião. Seu centro será em Divinópolis, uma das bases da Inquisição Celestial. Precisamos agir logo, meu irmão.

- Quem foi enviado para detê-lo? – perguntou o Portador da Luz, erguendo uma sobrancelha.

- Rafael – respondeu o anjo, deixando de sorrir pela primeira vez.

- Eu desconfiava. É uma pena. Não podemos deixar que ele mate Laoviah. Azazel até pode morrer, apesar de eu não querer isso, mas Laoviah não.

- Verdade e ainda há mais. Não sei como os outros não vêem o que acontecerá. Imagino se não é isso o que ele quer. Mas não importa agora. Precisamos agir, meu irmão – alertou Gabriel.

- Vou começar, tenho meus meios. Vou enviar alguns Decaídos para fazer o trabalho – disse o anjo caído de maneira decidida, como se já fosse vitorioso. Mas Lúcifer sempre soava assim, cheio de si.

- Falas dos Auréolas Negras? – perguntou Gabriel, com um sorriso esperto enchendo sua face.

Lúcifer fitou-o nervoso, franzindo o cenho. Tentava imaginar como Gabriel soubera de sua ordem especial de assassinos.

- Talvez, mas vou alertar a Irmandade Rubra. E você, colocará os Gabrielitas em ação? – Agora Lúcifer exibia um sorriso maldoso.

- Alguns segredos não podem ser guardados, não é? Ótimo. Vamos começar a agir e depois nos encontramos de novo. Não que eu aprecie estar em companhia de um perverso como tu, mas és meu irmão e devo confessar que acho deveras interessante falar contigo.

- Já sei, Gabriel. Não precisa se desculpar. Que nosso reencontro seja breve.

Os dois se abraçaram sem ódio ou medo, para depois darem as costas um para o outro e desaparecerem na multidão. Para o lado que Lúcifer foi, surgiram choros de crianças. Todas deixaram suas pipocas e balas caírem no chão. Gabriel viu aquilo e riu da brincadeira maldosa, mas desconfiava que o irmão o faria. Uma das estranhas brincadeiras de Lúcifer.

Era um daqueles bares de beira de estrada, onde os caminhoneiros paravam para descansar e beberem um pouco. Vários caminhões estavam espalhados pelo estacionamento e uma música brega espalhava-se pela noite. Elkalas, o anjo da morte, apareceu em cima de um dos caminhões com suas asas negras fazendo sombra sobre um dos caminhoneiros que entrava bêbado em seu veículo.

- Ah, mas as pessoas gostam de facilitar meu trabalho – disse para si mesmo, retirando o pergaminho cinza e anotando algo com a

pena negra. Saltou do caminhão e recolheu as asas assim que tocou o chão em frente ao bar. Fez um bico ao ouvir a música alta. – Por Demiurgo! Que música ruim. Nem dá vontade de levar um sujeito que toca isso pro Céu.

Zem'Yuriah apareceu ao lado dele, mexendo no poliedro. Estava quase terminando e aquilo o deixava ansioso. Parou e orou um pouco para se acalmar. O fundamento daquele jogo era criar paciência então não deveria ficar tão afobado enquanto o jogava. Ficava feliz só de pensar o quanto seu temperamento melhorara com o passar dos anos.

- Guarda isso logo! – falou Elkalas.

- Calma, é que eu quero acabar. Aí eu mostro para Ele. Tenho certeza de que Ele ficará orgulhoso.

- Nem vou comentar isso. Muito bem, é hora de procurarmos um local para agirmos.

- Ótimo. Zem'Yuriah, Cólera Flamejante, vai agir – declarou ele, deixando o fogo crepitar com mais força.

- Você vai fazer muito sucesso com esse nome. Não sabe quantas pessoas eu recebi por causa de cólera – comentou Elkalas.

- É? Eles morreram de raiva mesmo? Ou alguém raivoso atacou? – perguntou o anjo da destruição, interessado.

- Hum... eu nunca resgatei espíritos caninos. Na verdade, esses humanos morriam por causa da água contaminada mesmo.

- Essa não teve graça!

- Pra dizer a verdade, esse seu título também não. Nós anjos da morte não temos esse problema. Para que título quando você já é a morte. Não precisamos de apresentação ou cartão de visita. A gente chega e comove as pessoas, sabe?

- Sei... – falou Zem'Yuriah, pensando em inventar um novo título. Aproveitou para mudar o rumo da conversa. Estava curioso quanto ao combate do amigo com o Assassino de Almas – E a luta? Como foi?

- Como era de se esperar. O mundo ia perder seu charme sem mim, não acha? – perguntou o anjo da morte, abrindo as asas e

alçando vôo.

Helenius, o Arcanjo de Divinópolis, e Ephain, seu companheiro Querubim, estavam bastante atarefados naquele dia. A luta que se iniciara na noite de domingo estendera-se pela semana, sendo que todo o centro da cidade já estava tomado pelas forças da Hadash Tzlav. Quando descobriram quem era o inimigo, já era tarde demais. Quando reforços chegaram de outras cidades, já haviam perdido pelo menos três quartos de Divinópolis. Agora apenas corriam boatos de que Rafael estava descendo para encontrá-los e apoiar sua resistência. Os dois anjos rezavam para que ele chegasse bem naquele momento, pois estavam cercados por cinco Caroz e corpos de seus aliados estavam caídos a seus pés.

- Dá vontade de te chutar a bunda, Ephain. Estamos quase morrendo e você fica aí calado! – xingou Helenius, que já jogara a besta no chão e empunhava a espada. A seu lado, o Querubim ainda tinha o arco, sua melhor arma. Apontava para os Caroz, sabendo que poderia acertar um, mas seria pego por outro antes que usasse sua velocidade para outro tiro.

Suas preces aparentemente foram atendidas, pois foram salvos no último instante. Quando os Caroz começaram a investir contra eles, veio dos céus uma bola de fogo que envolveu mortalmente dois daqueles anjos inimigos. Suas capas púrpuras queimaram, enquanto sua pele enchia-se de bolhas e se desfazia com o calor das chamas.

- Dilúvios! Que fôgaréu! Ah, o que vocês estão pensando? Nós também temos nossos anjos destruidores! – comemorou Helenius, vendo Elkalas e Zem'Yuriah descendo dos céus com suas armas apontando para os Caroz.

Os seguidores de Laoviah tentaram assumir formação de defesa, mas Ephain começou a atirar em sua direção, atingindo o mais próximo duas vezes. Uma das flechas celestiais enfiou-se no pescoço e a outra penetrou no olho do adversário. Helenius investiu contra outro

Caroz, aproveitando-se da surpresa para acertar o coração do inimigo. Pena que não teve oportunidade de matar o último. Esse defendeu o golpe e desarmou-o com facilidade, ainda o socou com tanta força que o jogou contra Ephain, derrubando os dois e deixando-os indefesos.

Elkalas caiu sobre o Caroz, tentando acertá-lo com sua espada, mas o inimigo desviou-se com agilidade. Ele torceu o corpo, girando e atacando de modo que sua lâmina quase cortou o pescoço do anjo da morte. Elkalas foi obrigado a se afastar, passando a mão sobre a pele e sentindo o sangue escorrer.

- Pelo que vejo, você é um daqueles que acha que pode vencer a morte – disse o celestial.

Zem'Yuriah veio logo depois, a grande lâmina não acertando por pouco o Caroz. Mais uma vez ele se desviou, saltando na direção de Helenius e Ephain, que já estavam de pé e armados. A espada do Caroz se enfiou na coxa do Arcanjo, enquanto ele arremessava um dardo em Ephain, acertando sua bochecha e fazendo-o gritar.

- Esse sujeito é bom – elogiou Elkalas, partindo para mais um ataque.

Mesmo desarmado, o Caroz conseguiu escapar, mais uma vez esquivando-se. E ainda evitou outra investida de Zem'Yuriah, colocando-se de lado e chutando o peito do anjo da destruição. A armadura, aliada à força do celestial, reduziu a força do golpe, mas ele ainda cambaleou e quase caiu.

O Caroz saltou já com a perna estendida, chutando a cabeça de Helenius no ar. O Arcanjo rolou pelo asfalto, parando quando o inimigo o segurou para retirar a espada. Teria morrido ali se Elkalas não atacasse mais uma vez. Mas o seguidor de Laoviah conseguiu evitar mais um ataque, aparando a lâmina do celestial e levando-a para cima. Deixou a guarda de Elkalas aberta e seu peito livre para mais um ataque. Um dardo voou de sua mão para fincar-se sobre o coração do anjo da morte.

Salvo pela armadura, o celestial tentou escapar de mais um ataque, conseguindo aparar a lâmina inimiga, mas sendo socado no rosto e depois chutado no queixo. Ele caiu e rolou para se distanciar

do oponente enquanto o via disparando uma série de dardos na direção de Zem'Yuriah.

O anjo da destruição usou seus poderes para se defender, criando uma aura de fogo que destruiu os dardos. Mas aquela quase foi sua perdição, pois o Caroz aproveitou-se do momento para saltar para as costas do celestial, enfiando-lhe a espada assim que pousou. Zem'Yuriah sentiu a lâmina atravessar sua armadura e mergulhar entre suas costelas, mas conseguiu escapar antes que o dano fosse maior.

Ele virou-se para o oponente já com a mão cheia de fogo que foi arremessado em uma esfera crepitante. Como esperava, o Caroz escapou do ataque, afastando-se um pouco. Nesse meio tempo, Helenius, Ephain e Elkalas começavam a se levantar, todos feridos mas ainda dispostos a batalhar.

- Quem é você? – perguntou Zem'Yuriah, enquanto concentrava uma de suas magias.

O Caroz observou-os e riu, agora retirando o capuz púrpura. Era branco, bastante branco, com sobrancelhas grossas e olhos brilhantes. Tinha a tatuagem de um dragão começando na bochecha esquerda e envolvendo o olho.

- Eu sou seu anjo da morte – disse ele, sua voz saindo entre os dentes como se fosse um desafio rancoroso.

- Sacrilégio! Ele quer roubar meu trabalho! – protestou Elkalas, dando um passo para frente e mostrando o punho para o outro. – Nem morto que você faz isso!

- Acho melhor você falar quem é ou vamos começar a lutar de verdade! – disse Helenius, duvidando das próprias palavras.

- Diga quem é – falou Zem'Yuriah com as chamas de seu rosto apontando para o inimigo.

- Será que importa o nome de quem os matará? Podem me chamar de Assassino Abençoado, se lhes interessa tanto – disse por fim, mexendo com a mão esquerda. Em um instante, quatro dardos apareceram entre seus dedos.

- Acho que você pode se preocupar, Zem'Yuriah – falou Elkalas.

- Por quê? Você o conhece? – perguntou o anjo da destruição.

- Não o conheço, mas o título dele é mais pomposo que o seu. E ele tem um visual mais legal. Isso é sinal de poder – falou o anjo da morte, sem perder o bom humor.

- Tenho que concordar com o título e o visual – comentou Helenius.

Ephain e Zem'Yuriah suspiraram enfiados com aqueles comentários.

- Vamos parar com a brincadeira – avisou o anjo da destruição. Seus dedos começaram a se movimentar, sendo acompanhados pelos lábios. Começava a invocar uma magia e os outros três entenderam que precisavam ganhar tempo para que ele terminasse.

Ephain atirou duas flechas, as quais serviram apenas de distração, já que o Caroz desviou-se delas como se estivesse brincando. Helenius e Elkalas atacaram em seguida, suas espadas sendo aparadas seguidamente pelo Assassino Abençoado. Ele passou pelos dois e atirou os dados quando ainda estava de costas, atingindo o dorso do joelho de Elkalas e o pescoço de Helenius. Atirou os dardos restantes em Zem'Yuriah, mas o anjo da destruição já terminara sua magia.

Uma rede de fogo voou na direção do Caroz e ele saltou para se livrar da magia, tentando alcançar a maior altitude e distância que conseguia. No entanto, seus esforços não foram suficientes para evitarem o ataque mágico. Acabou sendo envolvido e preso pela rede, só se salvando porque a armadura mágica e seus anéis de proteção impediram dano maior. Ele caiu chamuscado com apenas pedaços da capa púrpura tapando o corpo. Levantou-se mancando e deu as costas para o grupo.

Zem'Yuriah não se mexeu, mas Ephain atirou uma última flecha, atingindo o ombro do Caroz. Não foi o suficiente para pará-lo, mas sim para aumentar sua fúria e desejo de vingança.

O Querubim guardou o arco e correu até Helenius, arrancando o dardo de sua nuca e a tocando. Sua mão começou a brilhar enquanto

usava seus poderes para fazer o ferimento desaparecer e trazer o anjo de volta à consciência.

Os quatro se sentaram em um círculo para se recuperarem do combate, enquanto pensavam quem era aquele Caroz. As apresentações logo foram feitas.

- Seja bem-vindo, Elkalas – disse Ephain, cortesmente.

- Hum, que estranho. Eu não ouço isso normalmente. Só os suicidas costumam dar boas vindas à morte. E até eles mesmo se arrependem – falou ele, deixando o Querubim sem graça e arrancando uma boa risada de Helenius. – Por falar nisso, o nome de minha espada é Boas Vindas à Morte, mas eu a apelidei de Já Era. Também tenho uma lança muito boa, chamada Último Suspiro, mas tem o apelido carinhoso de Sinto Muito – disse ele, mostrando as armas como troféus. A lança apareceu em suas mãos surgindo do nada.

- Você também tem duas adagas. Elas não têm nomes? – perguntou Helenius, mais interessado do que Ephain. – O nome da minha espada é Relâmpago, mas podem chamá-la de Bate Mais que Todo Mundo.

Zem'Yuriah e Ephain se olharam com rostos de tédio. Cada um se perguntava se já não bastava ter um companheiro meio amalucado. Agüentar dois seria difícil. O pior era para o anjo da destruição, que já precisava suportar Francisco e Elkalas de uma vez só trocando ironias sem dar-lhe descanso.

- Minhas adagas se chamam Ele Era Uma Pessoa Muito Boa Mesmo e Meus Pêsames – contou Elkalas, entregando uma das lâminas para que Helenius avaliasse.

- São ótimas! Viu Ephain, você é um otário! Nem pra colocar um nome no seu arco! Mas pode chamar o arco dele de Meu Dono é um Idiota – disse Helenius.

- Mas...

- Mas nada, Ephain. Já vai começar a reclamar. Ele é o anjo mais mal humorado que eu já vi. Reclama de tudo! Isso quando não está calado e emburrado! – falou o Arcanjo para os dois novos companheiros.

- Vamos parar com isso. Precisamos chegar ao Principado e começar a formar uma linha de defesa logo. Sabe se Rafael já chegou? – perguntou Zem'Yuriah, cortando aquela conversa amalucada.

- Trael está para fazer uma investida hoje ainda, mas não temos sinal de ajuda, a não ser por vocês – contou Ephain, satisfeito por finalmente começar uma conversa sensata. – Perdemos três quartos da cidade só no primeiro ataque. Nem um dos nossos conseguiu ficar lá. Até mesmo os anjos da morte foram destruídos.

Aquilo atraiu a atenção de Elkalas. Os três podiam jurar que seus olhos estavam arregalados debaixo da venda.

- Mas nem anjos ou demônios da morte podem ser destruídos durante as batalhas, a não ser que interfiram – disse o anjo.

- Laoviah não liga para isso e não sabemos ainda o motivo. Sei que, desde domingo, nem uma alma de Divinópolis subiu aos céus, apesar de desconfiarmos de que algumas desceram aos Infernos – falou Ephain. – E até os anjos da guarda foram mortos. Precisamos convocar todos os que restaram para a luta.

- Pela Luz Celestial! Essa luta será mais terrível do que imaginamos. Laoviah realmente está disposto a ir até o fim. Vamos logo encontrar o Principado. Suponho que Rafael não esteja aqui porque ainda está reunindo suas falanges ou preparando um novo plano. – Virou-se para Elkalas. – Podemos aproveitar essa chance e tentar reverter ao menos parte desse quadro antes que o Príncipe da Vida chegue.

- Há mais um detalhe. Eles estão procurando por alguma coisa aqui. Nós interceptamos esses inimigos enquanto eles realizavam um ritual de procura ou algo assim – avisou Ephain.

Elkalas e Zem'Yuriah se olharam preocupados. Laoviah ainda não encontrara Neffali, sabendo apenas que o nefalim estava em Divinópolis.

Os quatro se levantaram e abriram suas asas para partirem dali. Havia muito o que fazer naquele dia.

Encontraram Trael quase no fim da tarde. Ele estava reunido com Arcanjos vindos de outros territórios para ajudarem na batalha contra Laoviah. Toda aquela região estava se preparando para lutar contra o Serafim, exceto por Belo Horizonte, que ainda não encontrara um modo de enviar seus guerreiros, talvez porque precisasse de todos eles.

O Principado saudou-os com grande felicidade, mas mostrou-se um pouco decepcionado quando disseram que apenas eles eram os reforços.

- Morte e destruição vêm para te ajudar e você ainda acha pouco? – perguntou Elkalas, cheio de ironia.

- Tudo bem. Nós lançaremos um ataque hoje ainda. Há um traidor entre eles e ele nos informou de uma brecha nas defesas do Serafim. Pelo que sei, o próprio traidor tentará ajudar a criar essa brecha.

- Podemos confiar nele? – perguntou Zem'Yuriah.

- Sim, recebemos hoje uma mensagem de Belcol, o Recípere Vigia das Almas Santas. Ele nos disse que esse espião seria um grande aliado na batalha.

- Quantos irão nesse ataque? – perguntou Zem'Yuriah.

- Pretendo enviar quatrocentos anjos. É o que conseguimos até o momento. Perdemos muitos na primeira batalha, quando não conhecíamos o inimigo, mas sei que mais reforços estão vindo para cá. Além disso, deixarei outros duzentos e cinquenta na retaguarda, prontos para defenderem nosso território ou avançarem para ajudar.

- De fato, é um bom plano. Mas e se Laoviah intervier? – O autor da pergunta foi Elkalas, agora sério e pensativo.

- Ele não apareceu nas últimas lutas, apenas no início da invasão. O Serafim não parece muito disposto a descumprir essas regras. Ele sabe que se agir nos dará direito de combatê-lo da mesma forma. Então acho que não precisamos nos preocupar e podemos investir contra aqueles traidores. Vocês vão conosco na linha de frente?

- Trael fez a pergunta confiando na força dos dois, apesar de estar decepcionado por ter apenas aqueles reforços.

Uma intensa movimentação começou entre os anjos, pois pretendiam partir em breve para o campo de batalha com planos de retomarem no mínimo metade da cidade, isso se não vencessem as forças de Laoviah.

Kushiel era um dos encarregados de defender as fronteiras de Divinópolis, mais precisamente a parte em que havia mais ameaça dos anjos fiéis à Cidade de Prata. Naquele fim de tarde, o Anjo da Punição apenas esperava sua troca de turno. Kesser apareceria em breve para tomar aquela posição junto com seus Caroz, enquanto Kushiel iria fazer um outro trabalho designado por Laoviah. Era hora de começar a arrebanhar as almas e punir quem merecia.

Alguns dos Caroz de Kushiel começavam a assumir posições de retirada, prontos para serem substituídos. A guarda já começava a baixar, pois confiavam que o Anjo da Força apareceria em breve.

- Meu Coah, estamos prontos para nos retirarmos. Os anjos já fizeram suas preces para começarem a coleta das almas – disse um dos Caroziel, isto é, um dos capitães de Kushiel.

- Ótimo, mas diga para manterem a guarda. Somos apenas nós na defesa e a maioria de meus Caroz já está tomando o lugar dos anjos da morte e encarregada de pegar as almas penadas espalhadas pela cidade – disse Kushiel.

- Meu Coah, se me permite ser sincero, não acho que deveríamos estar aqui. Outros Coah possuem mais Caroz disponíveis para defender parte tão essencial...

- Questionar é bom, Caroz, desde que isso não lhe faça esquecer de que ainda deve seguir as ordens. Também acho que não deveríamos estar aqui, mas nosso Meretz avisou que tinha trabalhos mais importantes para os outros Coah que estão na cidade. Não nos...

– Sua frase parou no meio e ele sacou a espada e a lança imediatamente.

O Caroziel virou-se para a mesma direção que seu Coah e viu

dezenas de anjos voando na direção deles, suas asas brilhando no entardecer, enquanto as lâminas estavam avermelhadas como que antecipando as mortes da batalha.

- Eles vêm para a luta. Rápido, toque a trombeta de alerta geral. Também chame os guerreiros para a formação da falsa parede. Todos – ordenou Kushiell, abrindo suas grandes asas negras e voando enquanto já ouvia a trombeta sendo tocada.

O Anjo da Punição viu seus Caroz se prepararem, voando ou tomando posições para o combate. Olhou para trás e viu que outros na cidade começavam a se movimentar. Ele só esperava que Kesser aparecesse logo, pois tinha apenas cento e cinquenta anjos sob seu comando. O restante de seus seguidores estavam espalhados por Divinópolis.

Parou no ar com as asas se agitando, enquanto seus guerreiros formavam uma parede a seu lado, com a altura de três anjos e a largura de vinte. Suas armas estavam em punho, sendo estas espadas, lanças e machados. Além disso, preparavam suas correntes para a defesa.

- Lanceiros prontos – gritou um dos Caroziel. Kushiell não precisou olhar para trás para ver os vinte anjos com lanças nas mãos.

- Arqueiros prontos – avisou o capitão responsável pelas flechas.

Kushiell deu ordens para que seus guerreiros avançassem sem nenhum temor. Eles fizeram suas preces pedindo bênçãos para suas armas e jurando derrotar aqueles anjos que julgavam infiéis à Lei.

Do outro lado, os anjos voavam em uma formação que lembrava uma pirâmide. Com certeza pretendiam abrir a parede de Kushiell, separando todos os Caroz e eliminando-os com muito mais facilidade. Mas nenhum dos seguidores do Anjo da Punição cairia assim. Ele não permitiria.

Os dois grupos se aproximaram com a superioridade numérica dos celestiais evidente, mas eles não estavam preparados para o treinamento especial das forças de Laoviah. Aquelas falanges lutaram juntas durante séculos sem cessar, treinando até que parecessem ser

apenas uma mente em batalha.

Os anjos mostraram suas espadas para os Caroz, ameaçando-os quando já estavam bem próximos e então a parede se abriu, revelando um espaço de onde vieram flechas e mais flechas, atingindo mortalmente quem estava na dianteira do ataque. Corações, olhos e testas foram perfurados fazendo as pararem de bater e corpos rumarem para o chão, apagando suas luzes enquanto desciam.

Os Caroz foram recuando até formar uma nova parede e os anjos avançaram, levantando escudos para se protegerem das flechas. As novas proteções de nada adiantaram. Mais uma vez a parede se abriu e lanças foram arremessadas contra os celestiais. Eram tão fortes que perfuraram os escudos, derrubando mais uma vez a linha de frente dos celestiais. Estando os escudos caídos, mais flechas voaram na direção deles enquanto os lanceiros sacavam suas espadas e partiram para tomar suas posições na parede dos Caroz.

Mas os anjos não pararam, sabiam que hesitar seria um passo para uma derrota humilhante contra um número inferior de inimigos. Continuaram voando para tentar fazer suas espadas alcançarem os Caroz. Viam colegas tombarem com flechas vindas de disparos precisos, mas não paravam. Quando já estavam próximos, julgavam-se praticamente vitoriosos, mas as correntes começaram a sair dos corpos dos Caroz, prendendo, perfurando, quebrando ossos. Àquela altura, ao menos cem celestiais já haviam morrido na luta, sem que nenhum dos seguidores de Laoviah houvesse sofrido um arranhão que fosse.

Podia parecer que os Caroz ainda tinham chance de vencer, mas não, aquilo não aconteceria. Os anjos começaram a cercá-los, agora usando seus poderes mágicos para desfazerem a parede. Bolas de fogo e raios de luz surgiram daqueles com poderes místicos, enquanto outros usavam suas habilidades especiais para deterem as correntes dos anjos da punição. Em pouco tempo os Caroz estavam cercados, enquanto um grupo de celestiais passava por eles para chegar até os arqueiros.

Laoviah acabara de pousar em frente ao hospital com sua forma angelical sobressaindo-se à todas as outras criaturas que ali estavam. Seus olhos, que não estavam em chamas no momento, rodearam o ambiente, notando todos os celestiais que tomavam conta dali. A maioria deles eram de Querubins, mas havia pelo menos um anjo da morte. Ao lado do Serafim, Rizielle começava a dar ordens para que seus Caroz cercassem o hospital e não deixassem nenhum anjo sair. Qualquer um que ousasse deixar o lugar deveria ser executado sumariamente.

- Os Querubins ficam aqui para aliviar o sofrimento das pessoas, sejam elas doentes ou aqueles que os acompanham. Eles ajudam a atender as preces – explicou ela, pois seu Meretz não entendia muito dessa parte das missões celestiais.

- Até os criminosos ou aqueles que não seguem devidamente a religião são ajudados, não é? – perguntou ele, mas a frase saiu quase como uma afirmação, como era natural de sua pessoa.

- Sim, meu Meretz – confirmou ela.

Laoviah pôs a mão sobre seu ombro e mostrou-lhe um sorriso que raramente aparecia em seu rosto. Começou a andar na direção do hospital entrando sem cerimônia. O corredor estava um pouco vazio, mas Querubins voavam de um lado para o outro, alguns rezando, outros conversando sobre quais preces deveriam ser atendidas. Seus rostos de crianças com suas bochechas vermelhas e rechonchudas pararam para observar a entrada daquela criatura. Aquele ser existia para contradizer tudo o que os anjos infantis faziam e eles souberam disso antes mesmo de ouvir suas palavras ou saber de suas intenções.

Não foi nenhum dos Querubins que dirigiu a palavra a Laoviah. Eles observaram atentamente até aparecer um homem vestido em uma batina branca. Veio flutuando pelo corredor parando a uns seis metros do Serafim.

- Não pode fazer guerra aqui. Sou um anjo da morte e posso realizar meu trabalho sem ser tocado. Além disso, os Querubins também não são guerreiros – avisou.

Laoviah apenas riu, olhando para o lado quando Rizielle

chegou e apontou seu arco. Não disse nada, preferindo deixar as palavras para ela.

- Não serão tocados apenas se aceitarem a fê verdadeira da Hadash Tzlav. Convertam-se e serão poupados – declarou a Anjo da Justificação, avaliando todos os que estavam à frente. Concluindo sua avaliação, virou-se para seu Meretz. – Seus corações já aceitaram o Nazareno e não pretendem perder a fê nos Evangelhos.

Laoviah riu mais uma vez, mas logo aquele sorriso se dissolveu em seu rosto, dando lugar a uma seriedade assustadora. Ele olhou para os Querubins, criaturas que considerava patéticas. Simplesmente odiava aqueles anjos em forma infantil. Nunca eram bons guerreiros. Havia até um que fora criado para ser o inverso de Laoviah, tendo até o mesmo nome que o Serafim. Era uma criatura patética frente aos olhos do Príncipe da Destruição. Ele preferia os antigos Querubins, aqueles seres de forma assustadora que antes protegiam a Arca da Aliança.

O fim daquelas criaturas foi decretado e o Serafim começou a se adiantar com passos que abalavam os corações. Os mais sensatos pensaram em fugir, mas ficaram paralisados quando o anjo destruidor se aproximou do anjo da morte. Bastou um movimento com as mãos em frente ao rosto dele para que o anjo começasse a gritar. Ele ergueu as mãos como que pedindo ajuda ao céu, enquanto sua boca abria-se cada vez mais. Algo começou a se mover dentro dele, alguma coisa negra que se agitava sob sua pele. Eram moscas que começaram a sair por sua boca, nariz e olhos. Milhares delas tentavam sair de seu corpo, não demorando a romper a pele em busca de liberdade. Em instantes, os corredores estavam cheios de moscas, ainda que essas aparecessem apenas para os seres espirituais.

- Esse é o poder da Quarta Praga, uma das dez que fizeram os egípcios se arrependerem e se curvarem – falou Laoviah, continuando sua caminhada mortal. As moscas que criara espalhavam-se pelo hospital, atacando anjos e espíritos. – Agora é hora da Sexta Praga, mortal para vocês incrédulos.

Enquanto o corpo do anjo da morte caía em convulsão,

mexendo-se apenas porque ainda havia moscas saindo dele, os Querubins começaram a gritar com suas vozes agudas e infantis. Úlceras começaram a se formar em seus corpos, abrindo-se cheias de pus e sangue. Algumas começavam como bolhas que estouravam espirrando sangue, outras simplesmente se abriam como cortes. Eles começaram a cair tomados pela dor e Laoviah continuou a andar.

Alguns Querubins ainda tentaram fugir dali, mas de nada adiantou. Aqueles que voavam tiveram um sofrimento ainda maior. Simplesmente com a proximidade do Serafim, suas asas começavam a queimar com uma fumaça negra e sufocante que logo também começava a sair de sua boca e orelhas, indicando que o fogo também estava dentro de seus corpos. Aqueles que voaram pelas janelas foram abatidos pelos arcos dos Caroz. No fim, nenhum anjo estava vivo no hospital.

- Não há mais nenhum, meu Meretz – alertou Rizielle, ficando mais uma vez ao lado do Serafim e observando os corpos.

- Eu sei. Quero um Caroz da Morte aqui para que se torne responsável pelo hospital. Traga também alguns de seus servos mais ligados à cura. Dêem a benção a quem se arrepende e já estiver pagando por seus pecados. Aqueles sem arrependimento, os criminosos, devem sofrer até o fim – ordenou Laoviah.

Os dois começaram a sair do hospital enquanto Rizielle enviava as ordens para os Caroz sob sua responsabilidade. Ela não precisava nem abrir a boca para fazê-lo, podendo muito bem usar seus poderes telepáticos. Ouviram o aviso de Kushiell apenas quando já estavam fora do hospital.

- Diga para Azazel se preparar, assim como nossos guerreiros de elite – ordenou Laoviah, sorrindo.

Kushiell fez seus guerreiros descerem e formarem uma pequena redoma no chão. Alguns dos arqueiros conseguiram chegar até eles, mas o total de Caroz havia se reduzido para apenas vinte, enquanto os

anjos ainda estavam em um número muito superior.

- Meu Coah, se Kesser não chegar logo, temo que não resistiremos por muito mais tempo – avisou um de seus Caroziel. Todos os seus capitães ainda estavam vivos, o que deixava Kushieli satisfeito, mas a perda de guerreiros valorosos o deixara consternado.

O Anjo da Punição não disse nada, apenas fez suas correntes perfurarem o peito de um anjo que se aproximava e suas serpentes envolverem um outro. As cobras trouxeram o pobre celestial para ser degolado pela espada do Coah.

- Elkalas e Zem'Yuriah estão aqui. Eu os reconheci no meio da batalha. Pena que não tive a oportunidade de me aproximar de nenhum deles.

Os anjos começavam a descer para o ataque final e os Caroz se preparavam para levar consigo uma boa quantidade de seus oponentes. A luta acabou interrompida quando um trovão soou por toda a cidade como se fosse um grito irado do Senhor. Todos se voltaram para ver Laoviah e seus guerreiros parados sobre um prédio, apenas observando a batalha. Tinham suas armas prontas para começarem a batalhar.

- Resolveram lutar mais? Querem cair assim? – perguntou ele com uma voz tão potente quanto o trovão.

Os guerreiros celestiais ficaram parados, sem saber como deveriam reagir na presença do Serafim. Esperavam as ordens de Trael e acabaram atendendo ao comando de refazerem sua formação e se prepararem para uma nova investida. Agora conheciam uma das técnicas de batalha dos inimigos e estavam mais preparados. Helenius, Ephain, Elkalas e Zem'Yuriah pousaram ao lado do Principado em um prédio a um quarteirão de Laoviah. Kushieli voou para ficar ao lado de seu Meretz.

- Laoviah, traidor, entregue-se agora e desista de suas ações – gritou Trael, mesmo sabendo que era inútil.

Ephain notou que o Caroz que os enfrentara e estava perto de Laoviah. Kushieli se pôs ao lado de alguns outros que pareciam ser os guerreiros de elite, sendo que alguns deles usavam véus púrpuros para

taparem seus rostos. O Querubim cutucou Zem'Yuriah e apontou para aqueles guerreiros.

- Pela Décima Praga! Aqueles de véu são seguidores de Azazel, treinados especialmente por ele. Com certeza se converteram para a Hadash Tzlav – falou o anjo destruidor, não contendo um pouco de exaltação.

- Acha que poderão traí-lo? Azazel está entre eles? Há mais deles? – perguntou o Querubim um pouco aflito.

- Se aceitaram a fê de Laoviah, não vão o trair. Duvido que Azazel está entre esses convertidos e se houver outros, não devem ter aceitado a fê e devemos nos preocupar, pois estes estão soltos por aí com um dos mestres de armas do Inferno.

Trael ouvira a conversa e ficara igualmente preocupado. Via suas chances se reduzirem cada vez mais. Seu exército já sofrera enfrentando um Coah poderoso como Kushiell e estar frente a frente com o Serafim e sua elite era o mesmo que enxergar sua derrota. Sua alternativa seria fugir ou convocar o restante dos anjos e investir tudo o que tinha.

- Pretende recuar, Principado? Nem pense em se unir a nós, pois essa oportunidade você já teve e não terá de novo – falou Laoviah.

- Ninguém aqui pretende se unir a sua escória não, seu cretino! O raio que o parta! – gritou Helenius, mostrando o punho para o Serafim.

Trael ficou genuinamente surpreso com o comportamento do Arcanjo, esperando que algo assim só partisse de Ephain. Teve certeza de que o Querubim estava sendo uma péssima influência para seu guerreiro.

- Eu já ouvi uma história de um anjo caído que morreu assim, partido por um raio depois de desafiar o Senhor – gritou Ephain, achando que estava falando algo muito bonito.

- Você não morre de vergonha de si mesmo não? – perguntou Elkalas. – Acha que ele vai morrer de medo com essa frase sua?

De fato, Laoviah e seus guerreiros estavam rindo. Até mesmo Kushiell exibia um sorriso indecente.

- Claro que eu conheço essa história. Fui eu quem lhe acertou esse raio. Quer que eu mostre como fiz? – perguntou Laoviah, erguendo um braço. Sua mão começou a brilhar enquanto ele mexia os dedos.

Trael olhou para Ephain com ódio nos olhos, tomado de raiva pelo Querubim. Zem'Yuriah avisou para todos se protegerem e se afastarem, mas não houve tempo. Antes que pudessem fazer qualquer coisa, relâmpagos desceram dos céus atingindo pelo menos quinze anjos. Eles atravessaram os corpos celestiais enquanto os deixavam em convulsão e queimando até finalmente caírem.

- Dá vontade de te chutar daqui até no Inferno, Ephain. Você só fala besteira! – gritou Helenius, enquanto todos os anjos levantavam escudos e esperavam ordens, sem saber como reagir a uma força como a de Laoviah.

O Querubim só queria fazer uma provocação, tentando aliviar o desafio mal educado de Helenius, mas suas palavras soaram piores do que as do Arcanjo.

Trael já se preparava para recuar. Decidira esperar pelos reforços que chegariam de outras cidades. Tinha certeza de que conseguiria reunir pelo menos quinhentos anjos guerreiros e mais outros quinhentos não tão especializados na arte da batalha. Era melhor esperar do que perder mais celestiais.

O recuo foi paralisado assim que ouviram uma trombeta soar pelo Céu. Todos reconheceram o chamado de Rafael. O Príncipe da Vida acabara de chegar juntamente com suas tropas. Boa parte de suas falanges voou pelos céus de Divinópolis, pairando sobre o prédio onde estava Trael. O Principado olhou para cima cheio de confiança mais uma vez e, quando baixou a cabeça para ver Laoviah, tinha um sorriso vitorioso no rosto.

Rafael parou sobre eles voando com três pares de asas. Era um anjo com feições delicadas, mas definitivamente masculinas. Seus olhos brilhavam incessantemente, assim como os cabelos que, de tão loiros, pareciam formados por raios solares. A armadura era totalmente branca com uma cruz orgulhosa sobressaindo-se no peito. Carregava

uma espada, mas o que mais chamava atenção era o arco composto que segurava no momento, além da aljava dourada.

O Príncipe da Vida tirou uma das flechas enquanto apontava o arco para Laoviah. Ao contrário de muitos arqueiros, que preferiam usar a aljava presa às costas, ele gostava de deixá-la na cintura. Retirava as flechas rapidamente e dava um simples giro na mão para posicioná-la. Em seguida, puxava a corda com o indicador e o dedo médio, os olhos mirando o inimigo enquanto a boca fazia uma prece pelos pecados do inimigo.

A flecha foi solta e voou na direção de Laoviah, que nem se preocupou em seu mexer. O Serafim apenas levantou a mão e apontou um dedo para a seta, despedaçando-a antes que chegasse a ser uma ameaça.

- Quantas flechas tu podes evitar, patética criatura da destruição – perguntou Rafael, satisfeito por finalmente desafiar Laoviah e ter a oportunidade de destruí-lo. – Estás preparado para a batalha de hoje?

Laoviah soltou o ar entre os dentes no que parecia ser uma risada tediosa, talvez enfiado pelas palavras do príncipe angelical.

Os anjos de Rafael prepararam suas flechas e espadas, mas foram surpreendidos. De repente, sangue começou a voar entre as fileiras mais próximas do Príncipe da Vida; asas, cabeças e membros caíam sem parar, enquanto um ameaça veloz rumava na direção do líder angelical. Rafael notou a aproximação do inimigo e conseguiu reagir, mas não em tempo suficiente. Quando conseguiu se afastar, havia uma espada enfiada em sua barriga e ele tinha dificuldade para se manter no ar. Uma de suas asas, a da esquerda inferior, fora decepada. O sangue escorria de suas feridas quando o inimigo se apresentou, flutuando em frente ao exército dos anjos.

Azazel já tinha outra espada nas mãos e um riso debaixo do véu.

- Eu voltei e quero seu sangue – prometeu ele, deixando escapar a perversa voz de cobra.

Rafael não se intimidou. Seu rosto ficou alterado,

desaparecendo qualquer expressão que lembrasse bondade. Puxou a corda do arco e apontou, mas Azazel não se moveu.

- Que o Senhor tenha piedade do que tu és e possa redimi-lo de alguma maneira, pois aqui eu levo-te ao fim de tua existência.

Disparou perfeitamente, mas a flecha não atingiu Azazel. O anjo caído usou a espada para cortar ao meio o projétil e já começaria a dizer mais alguma coisa quando curvou-se subitamente. Uma flecha perfurara seu ombro, atravessando sua carne. A ponta cheia de sangue negro aparecia em suas costas. Rafael atirara outra flecha tão rapidamente que nem Azazel notara.

- Achas mesmo que podes vencer um príncipe angelical, criatura pútrida?

Antes que suas palavras acabassem, ele já atirara outra flecha, que se fincara na barriga de Azazel. Mais uma vez o anjo caído se curvou, dobrando-se sobre o próprio corpo. Rafael levou mais uma flecha ao arco, enquanto anjos e Caroz observavam impressionados. Azazel parecia vencido, mas desdobrou-se repentinamente lançando uma série de adagas sobre o anjo. Pelo menos duas delas atravessaram a armadura dele para fincar-se na pele iluminada. Rafael disparou, mas o anjo caído segurou a flecha com as próprias mãos.

- Não me vencerá tão facilmente, anjo! – gritou Azazel.

- Pois bem, hei de mostrar-te que a vitória será minha, em nome do Senhor, podendo ela ser difícil ou não – bradou já colocando outra flecha na corda.

Ambos se surpreenderam quando ouviram alguém batendo palmas logo acima de suas cabeças. Todos os anjos voltaram-se para Laoviah, que batia as gigantescas asas de fogo e acabara de sacar Expurgo. Perto dele estavam Kushiell, Kesser, Rizielle e Zilliah.

- Pretende usar seu poder contra Azazel? – perguntou, sendo que a malícia da pergunta não deixou de ser percebida por ninguém. – Acabou de se comprometer para derrotá-lo.

Rafael ponderou antes de responder. Usar seu poder? Aquilo daria a Laoviah a oportunidade de invocar toda a fúria da Palavra da Destruição. Além disso, o Príncipe da Vida teria que se ocupar

enfrentando Azazel, enquanto Laoviah e seus Coah enfrentavam suas fálanges. Ainda que houvesse anjos poderosos sob suas ordens, eles acabariam caindo perante a força total do Serafim.

- Tramaste bem, Laoviah. Aprecio tua perspicácia – elogiou o príncipe angelical, baixando o arco e guardando a flecha. – Não é o momento de nos enfrentarmos, mas podes esperar, pois minhas flechas ainda atravessarão teu peito.

- Verdade? Espero que esteja disposto a cumprir sua promessa – falou Laoviah de um modo que apenas Elkalas e Zem 'Yuriah compreenderam totalmente.

Rafael não disse nada e tomou aquilo como um desafio. Ele ergueu a mão e fez as trombetas serem tocadas. Era hora de recuar e repensar o combate. Enquanto voava de volta, tentava imaginar se precisaria chamar por outro príncipe angelical. Se o fizesse, daria oportunidade para Laoviah usar ainda mais de seu poder.

Os anjos voltaram a se reunir no parque de exposições da cidade, embora soubessem que em breve precisariam de outra base. Agora havia muito mais guerreiros e Laoviah também estava chamando seus Caroz para se reunirem em Divinópolis. Também chegara notícia de que muitos anjos caídos estavam se convertendo para a Hadash Tzlav, aumentando o contingente do Serafim. Eles marchariam para expulsar os anjos dali e Rafael ainda não arquitetara um plano para vencê-lo. No momento, o Anjo da Vida estava reunido com vários Arcanjos e outros líderes vindos de várias cidades de Minas Gerais.

Elkalas, Helenius, Ephain e Zem 'Yuriah também se dirigiam para lá. Desde que vira Rafael pela primeira vez, Helenius já antipatizara com ele. Aquilo era o bastante para que o Arcanjo começasse a xingar e fizesse questão de chegar atrasado à conferência. Apenas deixaria seu Principado constrangido, mas imaginava que estava mostrando sua opinião de alguma maneira.

- Sujeito chato. Dá vontade de chutar a bunda dele de volta pra Cidade de Prata – reclamou.

- Paciência, Helenius. Rafael realmente parece chato, pois leva muito a sério seu trabalho. Ele se mata de tanto trabalhar – explicou Elkalas. – Posso dizer que ele é um dos príncipes angelicais que mais se preocupa com os humanos, além de ser um dos líderes daqueles que aceitaram a fé de Christos. Para que você tenha uma idéia, o Príncipe da Vida mantém um general para cada grande religião cristã do mundo. Evangélicos e católicos são vigiados e protegidos por ele.

- Verdade. Eu confio em Rafael – declarou Ephain.

- Dilúvios! Será que você tem realmente que se meter em conversa alheia, Ephain! Nem sei por que ainda ando com você. Nem sei mesmo, viu! – gritou ele, xingando o Querubim até estarem muito próximos do círculo de conferência de Rafael. – Agora fica calado e pára de reclamar. Será que eu vou ter que pedir por favor ou lavar sua boca com sabão?

Zem'Yuriah acompanhou a discussão, mas estava entretido com seu quebra-cabeça. Faltava tão pouco que ele estava se sentindo muito bem por conseguir montar tudo pacientemente. Achou mais útil ter percorrido o caminho todo lidando com o poliedro do que ouvindo as conversas absurdas de seus novos companheiros de guerra. Só guardou a peça quando tomou seu lugar no círculo.

Trael observou a chegada dos quatro e encarou Ephain com um olhar de decepção. Já se convencera de que o Querubim estava atrasando Helenius, atrapalhando bastante o trabalho do Arcanjo.

Rafael viu a chegada de Zem'Yuriah e Elkalas e estranhou um pouco, parando seu olhar sobre os dois e se calando por algum tempo. Seu silêncio foi perturbado por Ziriél, um de seus líderes de guerra.

- Não podemos enviar alguns de nossos guerreiros mais experiente para distrair Laoviah enquanto o senhor derrota Azazel?

- Não, Ziriél. Com certeza sairei enfraquecido da batalha contra Azazel e não terei forças para enfrentar Laoviah. Se usar meus poderes plenos sobre o anjo caído, o Serafim não deixará de usar os

seus para destruir boa parte de nosso exército. Lembra-te do que o poder da destruição é capaz quando plenamente ativado e Laoviah não precisa mais da licença do Conselho para ativar esses poderes.

- Mas por que outro Serafim ou outro Príncipe Celestial não pode descer aqui também? Se Laoviah tem Azazel, nós podemos ter alguém de tamanho poder também? Isso não é contra as regras de combate na Terra... – argumentou Ziriél.

- Errado, meu guerreiro, pois Azazel é um servo infernal apenas aliado a Laoviah, não é da Hadash Tzlav – respondeu Rafael, paciente. Ele analisava a situação, preocupando-se com as almas das pessoas daquela cidade. O julgamento de Laoviah nunca era brando, o que levaria os mortos a sofrerem.

- Então o que faremos? – insistiu Ziriél.

- Cercaremos Divinópolis e impediremos que outros Caroz entrem. Além disso, precisamos acabar com os planos dele. Trael me informou que Neffali ainda não foi encontrado. Usaremos nosso espião para nos passar as pistas sobre o paradeiro do nefalim e o capturaremos antes de Laoviah.

O restante de reunião apenas tratou da divisão das tropas e missões específicas, deixando Helenius ainda mais agitado, ainda que se comportasse como um guerreiro extremamente sério quando na frente de seus líderes. Os outros apenas ouviram pacientemente, atentos a qualquer detalhe. No fim, os quatro ficaram encarregados de encontrar Neffali.

Laoviah sempre gostou de parar em lugares altos para observar a Criação, mas não por apreciar sua beleza. Fazia-o para vigiar melhor e observar o que deveria ser julgado, encontrar pontos fracos e planejar batalhas. Possuía um enorme respeito por tudo o que Demiurgo criara, mas tinha uma grande dificuldade para apreciar a beleza por Ele construída, já que fora criado simplesmente para destruir. Ainda sim, havia uma porção de seu coração que o permitia

sentir-se emocionado ao ver o pôr-do-sol.

Naquele dia, estava parado no terraço de um prédio em sua forma humana, vestindo o terno negro e usando a gravata azul. Tinha abotoaduras douradas, além de um fino prendedor de gravata, este ornado com o símbolo da Nova Cruz. O prédio já era dele, tendo sido comprado por Betânia e seria a sede política de sua nova religião, aquela que trazia de volta a antiga Lei. Ouviu alguns passos, mas sabia que não era Betânia ou um de seus Coah. Esperava um de seus irmãos naquele dia.

Apareceu a seu lado um homem de barba negra, tão bem aparada e cuidada que fazia parecer que passara um dia inteiro no salão de beleza. Seus cabelos tinham o mesmo tratamento e estavam amarrados em três tranças por fios de platina. Sua pele era amarronzada e charmosa. Tinha uma espécie de beleza agressiva, característica dos demônios e anjos caídos. Isso porque era um anjo caído, como mostrou ao retirar os caros óculos. Seus olhos eram rubros, cor de sangue.

O homem também vestia um terno negro, mas tanto a camisa quanto a gravata eram vermelhos. Ficando ao lado de Laoviah, notava-se a diferença entre os dois. O Serafim tinha mais elegância e um porte natural de líder, emanando um poder que fazia os outros se curvarem simplesmente por pânico, culpa ou fé. Aquele a seu lado faria as pessoas se ajoelharem por medo, para implorar misericórdia. Ele, que era chamado Moloch, era um guerreiro nato, assassino ávido por sangue humano, que durante muitos anos exigira sacrifícios em sua homenagem.

- Como vai, general demônio? – perguntou Laoviah.

- Por favor, prefiro anjo caído. Sabe que ainda sou um anjo caído, embora esteja liderando muitos demônios – corrigiu Moloch.

- Como vão as coisas no Inferno? – Laoviah tinha um tom casual e seus olhos não deixavam de apreciar os últimos raios de luz desaparecendo.

- Lúcifer está tramando algo e desconfio que há mais alguém importante no meio de tudo isso.

- A cicatriz que você me deixou ainda dói um pouco – disse Laoviah, interrompendo.

Moloch ficou sem saber o que dizer por algum tempo. Ele fora um dos responsáveis pela Queda e pelas queimaduras no corpo de Laoviah, tendo enfiado a espada em seu peito na batalha em que a traição do Serafim fora revelada.

- Espero que não haja rancor – desculpou-se Moloch, começando a planejar suas defesas se Laoviah resolvesse lutar.

- Há sim, mas não estou aqui para me vingar de você. Seu trabalho foi feito e isso é o que importa. Sua lâmina furou meu coração e me libertou. Agora temos que olhar para o futuro e continuar nossos planos. A guerra não pode parar – afirmou o Serafim. O sol havia se posto e não havia mais luz. Enfim ele se virou para encarar o outro. Era um pouco mais alto, mas Moloch era mais musculoso. – Sei de sua rivalidade com Azazel, mas não poderá lutar contra ele. Peço que fique de olho na Irmandade Rubra e em seus pupilos, principalmente Af

- Não pretende mais se vingar da Irmandade? – perguntou Moloch, estranhando a atitude do Serafim.

- Só faço o que é necessário para atingir meus objetivos. – Aquela resposta deixou o anjo caído ainda mais intrigado. – Lembre-se, haverá outra guerra e você ainda terá oportunidade de se unir a mim.

Moloch pensou naquela oferta, vinha pensando naquilo desde que soubera que Laoviah tivera sucesso ao criar a Nova Cruz. Havia muitos de seus subordinados que procuraram pelo Serafim para passarem pelo ritual e se tornarem Caroz. Ele até enviara alguns espões, mas esses morreram durante seu novo batismo. Colocar traidores dentro da seita era difícil e ainda maior seria o trabalho de convencer algum deles a abandoná-la. Laoviah oferecia a oportunidade de os anjos caídos voltarem à Cidade de Prata e vingarem-se daqueles que os tiraram de lá. Esse sentimento era um dos que o Serafim melhor sabia manipular, portanto atraía os anjos caídos como uma lanterna na escuridão chamava pelas mariposas.

Nada mais gratificante do que oferecer a um Decaído a chance de reaver sua glória, a oportunidade de comungar com Demiurgo mais uma vez e ainda não ter mais que ouvir o Conselho. Suas bocas salivavam e seus corações saltavam em seus peitos simplesmente ao ouvirem aquela proposta.

Nem todos corriam para Laoviah obviamente. Muitos deles odiavam Demiurgo e sabiam que o Serafim o louvava ainda. Outros preferiam a balbúrdia e a libertinagem do Inferno e havia aqueles que eram tão fiéis a Lúcifer que não ousavam nem ouvir as propostas da Nova Cruz. E aqueles que seguiam o Portador da Luz eram maioria. Laoviah podia ter atraído muitos, mas estava longe de converter todos os caídos. Havia aquelas mariposas cegas que preferiam a escuridão. Tanto Laoviah quanto Moloch sabiam disso, mas não era possível dizer o quanto cada um deles se importava.

- Quero a guerra, Laoviah. Você sabe muito bem o que quero – falou o anjo caído sem vergonha nenhuma de declarar suas perversas ambições.

- Ainda haverá o dia em que voltará a preferir a luz, Moloch. Se não houver, precisaremos encontrar uma maneira de eu não o destruir – retrucou Laoviah, quando seus olhares se cruzaram marcando um desafio iminente.

- Veremos. Já vou, Laoviah, mas não espere nada de amistoso se nos encontrarmos durante a guerra – disse Moloch.

- Só mais uma coisa. Acha que pode entregar algo para ele? – perguntou Laoviah, deixando de lado o desafio.

- Ele? Fala de Lúcifer? – perguntou Moloch, curioso, mas o rosto de Laoviah mostrava que não. Estaria o Serafim falando de Satã? Talvez de outro general das legiões infernais? Não, não era. Então a resposta veio à mente do anjo caído como um martelo caindo sobre uma bigorna. – Não, não pretendo me encontrar com ele e não sei quem gostaria de fazê-lo. Consiga outro para o trabalho. O que você quer que seja entregue?

Laoviah voltou a olhar para o horizonte. Não responderia àquela pergunta de maneira alguma e Moloch se deu por satisfeito. Não

queria se envolver naquilo, apesar de alguma curiosidade ter aparecido no canto de sua mente. Seria a Chave? Laoviah queria entregar a Chave? “Se for, eu preciso agir depressa”, pensou Moloch.

Capítulo Onze

O Inferno Conspira

Era lua cheia, uma lua perfeita em um céu limpo como eles haviam programado. Os cinco foram para o meio do mato com a desculpa de que iriam acampar, mas, no fundo, pensavam apenas em invocar o Diabo para que ele realizasse todos os seus desejos. Nenhum deles estava ali para namorar enquanto observava a lua. Quem estava não ousou falar, com medo de que os outros caçassem de seu romantismo. Então eles seguiram o ritual. Levaram a galinha preta, acenderam a fogueira.

Estavam felizes e cheios de esperanças de que o ritual desse certo. Havia achado um texto em latim na internet que lhes dava a certeza de que era a invocação certa para o Diabo. A ideia do ritual aparecera depois de terem encontrado aquilo. Fizeram questão de imprimir tudo em papel especial em que deram um tratamento de envelhecimento e queimaram as pontas. Diziam que assim ficava mais legal, deixava tudo mais interessante.

Obviamente, levaram muita bebida para o caso de o ritual dar errado. Se não conseguissem que seus desejos fossem realizados, ao menos conseguiriam um bom porre. Esse desejo seria saciado. Alguns até imaginavam se outras vontades mais libidinosas não seriam possíveis. E se as jovens do grupo resolvessem ficar mais liberais naquela noite?

Começaram o ritual entoando os cânticos, sem saber se estavam falando latim ou inventando uma língua totalmente nova. Cantaram em volta da fogueira até repetirem as palavras por quinze vezes. Então o mais velho, líder ocasional do grupo, pegou a galinha preta e preparou-se para degolá-la. O bicho tentava escapar de toda maneira, chegando a arranhá-lo. Houve certa confusão e algumas risadas abafadas, mas ele conseguiu segurar a galinha e colocou a faca em seu pescoço.

- Príncipe das Trevas, nós o invocamos com esse sangue – gritou para a noite, enquanto hesitava para cortar o pescoço do animal.

- Não precisa fazer isso, eu já estou aqui – disse uma voz atrás deles, vinda das árvores.

Um deles desmaiou simplesmente ao ouvir, outros sentiram um frio na espinha e se amontoaram, enquanto seu líder ainda segurava a galinha atônito, sem saber o que fazer. Eles observaram um homem alto e imponente sair da escuridão, seus cabelos dourados brilhando mesmo com a pouca luz da lua. Imperioso como só ele, andou até ficar em frente à fogueira.

- Sacrifício de galinhas? Não sei porque tantos demônios e espíritos gostam disso. Um conselho, não usem esses componentes baratos para invocar anjos caídos. Nós somos mais exigentes, para não dizer superiores a esses rituais ridículos – disse ele.

O garoto soltou depressa a galinha, jogando-a no chão e se afastando. Não queria acreditar que aquele era o Príncipe das Trevas, mas algo dentro dele o avisava. Podia sentir sua alma o alertando para desaparecer dali, pois quem atendera seu chamado fora o Portador da Luz.

Para dizer a verdade, Lúcifer não estava ali para atender ao chamado daqueles garotos. Preferiria deixar um daqueles patéticos demônios se divertir com os humanos. Ouvindo aquelas preces no que só era latim na boa intenção, ele resolveu comparecer. Adorava ver os rostos assustados e arrependidos dos mortais quando reconheciam a idiotice que haviam feito ao invocar uma criatura do Inferno.

- Um de vocês está rezando – declarou ele, olhando com o rabo dos olhos para um garoto pálido. Na verdade, ele não era pálido, mas tinha o rosto tão branco quanto neve por causa do medo. Bastou ouvir aquilo para desmaiar também, deixando apenas aquele que havia segurado a galinha e mais duas garotas.

- Você é Satã? – perguntou uma delas.

Ele riu antes de responder, uma risada que cativou os três e os amedrontou, tudo ao mesmo tempo.

- Não, sou Lúcifer. Há uma diferença entre o Rei da Escuridão e o Príncipe das Trevas. Veja bem, ele é o Acusador, aquele que se opõe naturalmente ao Altíssimo. Eu sou o líder dos anjos caídos, a

criatura que negou a luz do Céu para viver nas trevas. A maioria dos mortais não entende muito bem isso.

- Vai atender nossos desejos? – perguntou a outra, menos sábia.

Mais uma vez ele riu e os três ficaram em dúvida. Não sabiam se recuavam de medo ou se adiantavam para ficar mais perto de sua magnitude.

- Garota, nunca ouviu falar que Demiurgo é tão sábio porque não atende a todos os desejos das pessoas? Já imaginou o caos que isso causaria na Criação? – zombou ele. Então olhou para ela de um jeito que a fez se apaixonar e entregar-lhe sua alma. Quando percebeu, já estava perto dele, sentindo seu cheiro, ansiosa por tocar sua pele. Lúçifer tocou seu queixo com uma das mãos e ela se sentiu no paraíso, como se um de seus desejos já fosse atendido. – Mas eu não sou Demiurgo. Ainda não. Por isso acho melhor perverter a chamada sabedoria dele e conceder alguns desejos. Que mal faria, para mim, um pouco a mais de caos na Criação? Por enquanto, o que eu quero, uma das coisas que eu quero, é justamente avançar em meus planos. Para isso, posso atender um de seus desejos.

- Vai levar nossas almas? – perguntou o garoto.

- Almas? Acha que no fim elas me fazem tanta diferença? Para demônios menos poderosos sim, mas hoje em dia os mortais aumentaram tanto sua população e pecam tanto que todo dia milhares deles chegam a meu reino, fadados a me servirem sem que eu ao menos tenha o trabalho de subir aqui para coletar seus espíritos. – Olhou para ele enquanto segurava o queixo da garota. Ela não conseguia desviar seu olhar e sentiu-se triste simplesmente por ele virar o rosto. – Mas eu quero suas almas. Não dispensarei isso. Vocês estarão em dívida comigo eternamente.

A garota não se importava, desde que sempre o visse, desde que tivesse a mais simples oportunidade de vislumbrá-lo.

- O que querem? – perguntou ele, de modo que nenhum dos três pôde deixar de responder.

Lúçifer saiu daquele acampamento sorrindo. Tinha novos

servos na Terra e eles seriam úteis, ainda que fossem apenas jovens incautos. Agora era hora de continuar seus planos. Precisava encontrar Af

O contrato dizia que o demônio morava em uma enorme casa no Brasil, mais precisamente em Conselheiro Lafaiete, uma cidade próxima a Belo Horizonte. Havia avisos de que o lugar era protegido por magia, além de outros demônios guerreiros disfarçados entre os humanos. Qualquer tentativa de invasão ativaria as defesas mágicas da casa, sem nenhuma exceção. Os dois estavam a par disso e ficavam felizes por terem aquela oportunidade de mostrar seu poder e testar suas habilidades.

Subiram no muro e não notaram problema algum. O primeiro a saltar foi Af, o Anjo da Fúria. Suas botas tocaram a grama sem fazer barulho, silencioso como todo assassino deveria ser. Os olhos vermelhos procuraram por inimigos e qualquer sinal de armadilhas mágicas, mas não encontraram. Resolveu sacar suas espadas, Assassina e Flagelo, por precaução. As lâminas saíram de baixo do manto rubro para amedrontar ameaças ocultas.

Sacando as lâminas, deu sinal para que sua parceira e amante saltasse do muro, caindo a seu lado. Seu nome era Patrícia, Anjo da Culpa. Era uma beldade de cabelos castanhos escuros, tão lisos que escorriam nas mãos de Af durante seus momentos de paixão. Os olhos cor de mel também procuraram por inimigos como seu mestre e amante sempre lhe ensinara. Então sacou sua espada longa, deixando uma espada curta pronta debaixo do manto rubro que ocultava a beleza descomunal.

Os dois se olharam, ambos com faces pálidas e duras. Pareciam estátuas de mármore. Em seus rostos havia manchas avermelhadas vindas de lágrimas que escorreram por suas bochechas. Ficavam marcadas ali como sinal de seu sofrimento. Naquele instante, elas não importavam, pois os assassinos estavam mais preocupados

com sua missão, além de estarem felizes por poderem concluí-la em conjunto. Terminando de analisar o ambiente, eles dispararam até a casa, suas formas mal sendo vistas enquanto corriam nas sombras. Só pararam quando já estavam em frente a uma janela. Afa tocou, usando seus poderes para procurar por magia. Não sentiu nenhum traço, o que o fez olhar novamente para os lados.

- O que foi, minha paixão? – sussurrou Patrícia na mente dele.

- Sem magia – disse ele, usando as poucas palavras, como era sua característica. Aferiu mais um ser de atitude do que de conversa. Vivía para filosofar consigo mesmo, concentrando-se em suas batalhas e na paixão por Patrícia.

A anjo caída notou que aquilo preocupava o amante, o que era óbvio. Haviam recebido as informações sobre os perigos da casa, mas invadi-la estava sendo mais fácil do que matar um humano. Desconfiada, ela fechou os olhos e se concentrou, usando seus poderes para tentar perceber inimigos pela casa. Procurou por forças malignas e energias negativas, encontrando-as acumuladas em um simples ponto.

- Há alguém aí e espera por nós – disse ela, sentindo um chamado em sua mente.

Af levantou Assassina e Flagelo e flexionou os joelhos. Era hora de deixar de ser assassino e agir como um guerreiro. Saltou pela janela, espalhando vidro e madeira, caindo de pé sobre o tapete da sala. Patrícia caiu atrás dele segundos depois, guardando suas costas. Seus olhos vasculharam a escuridão, encontrando apenas uma figura sentada em uma cadeira. O homem segurava um copo de vinho, levando-o devagar até a boca. Na outra mão havia uma espada que ele apoiava discretamente no chão, deixando sangue escorrer pela lâmina e criar uma poça no piso de madeira.

Os assassinos notaram que alguém chegara antes dele. Corpos se acumulavam por todo o lugar. As paredes estavam tingidas de sangue, membros de demônios e homens se espalhavam pelo chão. Só então Af viu que quase pisara na cabeça daquele que deveria ser sua vítima.

- Vocês demoraram – disse o homem, colocando o copo de vinho sobre uma mesinha ao lado da cadeira e se levantando com elegância. Seus anéis brilharam quando ele ergueu a mão para estalar os dedos. Uma luz tênue surgiu como que invocada pelo som e a forma daquele homem ficou à disposição dos anjos caídos. Af ajoelhou-se, colocando suas espadas no chão. Patrícia surpreendeu-se com as atitudes do amante, que não se curvava nem para Moloch, um dos líderes da Irmandade Rubra. O homem riu ao ver a dúvida no olhar da assassina. Ela não demorou a dobrar seus joelhos, achando sensato seguir as ações de seu amante.

- Assim apareço diante do primeiro de nós – falou o Irmão Rubro, quando o homem parou diante dele. Af levantou-se, guardou as espadas e o encarou, sendo acompanhado por sua amante. – O que deseja? Algum contrato com a Irmandade? – perguntou o anjo caído, mudando completamente o tom de submissão para desafio.

Patrícia, que estava em dúvida quanto às primeiras atitudes do companheiro, quase tremeu de medo quando reconheceu a figura diante deles. Ficou sem saber o que fazer ao ouvir as palavras de Af. Lúcifér guardou sua espada, deixando a lâmina, Insurreição, emitir um brilho quando acabou de se encerrar na bainha.

- Não preciso contratá-los. Vim para dar um alerta sobre Laoviah, algo que pode interessar a nós dois – falou o Portador da Luz.

Af franziu o cenho, pensando na proposta de Lúcifér. O Primeiro nunca fazia pactos sem ganhar algo em troca. Esse prêmio poderia ser a servidão do assassino, algo que ele já evitava há séculos. Não pretendia deixar a Irmandade Rubra, muito menos se tornar um dos peões do Portador da Luz. Se estava entre os Irmãos Rubros era porque queria agir por conta própria, ajudando na libertação dos anjos caídos sem se envolver em guerras desnecessárias, ultrapassando os obstáculos em redes de conspiração diferentes daquelas que Lúcifér usava.

- Envie um dos Auréolas Negras – disse Af, desafiador. Patrícia ficou se perguntando quem eram aqueles.

- Será que eles se tornaram um segredo público? – perguntou Lúcifer, soltando uma risada irritada.

- Não, um deles tentou me matar há um ano. Não se lembra dos ossos e das asas que eu deixei em frente a seu castelo? – falou Af. Patrícia notou que apesar de desafiar claramente o Primeiro Anjo Caído, seu amante ainda o respeitava. Seu tom de voz não era da arrogância costumeira que usava contra alguns de seus inimigos mais poderosos.

- Ah, sim. Sabe como é... São tantos pedaços de inimigos vencidos e idiotas que me desafiam que fica difícil notar mais um. Mas eu percebi o súbito desaparecimento de um dos meus assassinos. Acredite, Af, não fui eu o mandante. Ele pretendia desafiá-lo e eu não pude frear esse desejo de competição de um dos meus pupilos. Preciso disso para me certificar de que eles continuem tentando se tornar melhores do que a Irmandade Rubra, se já não estão – disse Lúcifer.

Af não falou mais nada, já começando a pensar em ir embora. Não tinha mais nada a tratar com o ex-Príncipe da Luz.

- Af.. – começou o Portador da Luz, mas antes que acabasse de falar, o assassino já sacara as espadas e as apontava para o pescoço dele.

- Não queira me dar ordens ou terá que me destruir – falou o guerreiro.

Lúcifer riu como se ouvisse uma piada, divertindo-se com atitudes que considerava infantis.

- Se eu quisesse te dar uma ordem, você não teria tempo de sacar essas espadas – disse o anjo caído, deixando as palavras saírem dentre dentes cerrados. – Agora, ouça-me. Laoviah tem planos que devemos impedir. Ele tem reunido muitos anjos caídos sob sua tutela. Há guerreiros treinados por Azazel, Irmãos Rubros e até um Auréola Negra se converteu. Ele é uma ameaça e é por isso que eu quero que você colabore na destruição daquele Serafim.

Af guardou mais uma vez as espadas enquanto pensava naquelas palavras. Não podia permitir que Laoviah controlasse seus irmãos. O Serafim levaria todos à destruição. Aos olhos de Af, a luta

dele era insensata assim como a salvação que oferecia. Era seu dever participar dos planos para acabar com aquela ameaça à liberdade dos Decaídos.

- Quem eu tenho que matar? – perguntou, pois aquilo era o que melhor sabia fazer.

- Lembra-se de Zih'Diel? – perguntou Lúcifer. Af assentiu enquanto Patrícia apenas assistia à conversa. – Ele será seu alvo. Acabe com ele, assassino, pois é um dos grandes articuladores da Hadash Tzlav.

Af não precisava ouvir mais nada. Deixaria Patrícia conseguir o restante das informações enquanto analisaria um meio de matar Zih'Diel. A missão não era fácil, pois passar pelas defesas daquele anjo era uma tarefa quase impossível. Talvez ele precisasse ativar poderes adormecidos. Será que Lúcifer queria isso?

- Você levará um Auréola Negra com você – disse Lúcifer, estendendo o braço para apresentar uma figura feminina que saía das sombras. Havia uma auréola de metal escuro sobre sua cabeça, fazendo uma sombra que ocultava suas feições. Seu rosto só pôde ser visto quando ela quis. A face branca apareceu no meio da escuridão de antes, deixando seus traços finos embelezarem o ambiente. Preciosos olhos dourados, que atirariam a cobiça dos homens, fitaram os Irmãos Rubros. Ela mexeu nos cabelos negros, deixando os dedos escorrerem por uma das mechas douradas, depois ajustou a armadura, que era feita de um metal preto e de ouro. Dois pares de asas cresciam em suas costas com penas que eram brancas, mas não poderiam deixar de ter a cor do precioso metal que se espalhava por seu corpo.

- Letiziah? – sussurrou Af surpreso com a aparição dela.

- Irônico, não? – disse Lúcifer, antes de desaparecer em pleno ar. Os outros não se importaram. Aproximaram-se e começaram a fazer os planos para a luta que se seguiria.

Af deixou alguns pensamentos vagarem por sua mente antes de concentrar-se na missão. Era irônico que Letiziah estivesse ali, lutando a seu lado. Ela fora uma Gabrielita, a elite de assassinos do Céu, matadores de assassinos, para ser mais exato. Aquela guerreira

passara anos perseguindo Af, mas nunca tivera a oportunidade de pegá-lo. O Anjo da Fúria ainda se lembrava de todos os parceiros dela que conseguiu eliminar, o que quase o fez rir. Preferiu ficar quieto e passar a agir como se a situação fosse normal. Era o modo mais fácil de se lidar com as ironias que as guerras entre o Céu e o Inferno criavam em sua vida.

Patrícia observou aquela mulher, curiosa para saber o poder de um Auréola Negra. Ainda perguntaria a Af o que ou quem eram aqueles seres. Não adiantaria esperar que ele explicasse. O anjo da Fúria raramente lhe ensinava algo que não fosse a arte da luta. Apesar de saber muito sobre as conspirações e seitas do Céu e do Inferno, ele sempre preferia se manter calado, não expressando nomes que podiam ser perigosos até se sussurrados. Gostava sempre de se manter perdido em seus segredos furiosos, rancores que acumulara através dos anos. Suas conversas com Patrícia eram sempre animadas e cheias de significado, mas nunca seriam aulas de ocultismo como ela gostaria. Prepararia um inquérito para retirar algumas informações dele mais tarde. Ela fora uma Inquisidora Celestial, sabia como fazer perguntas. No caso de Af, ainda poderia usar seu corpo de maneira bastante peculiar para conseguir respostas mais facilmente. Ele não recusaria essa troca. Patrícia até achava que o amante esperava essas atitudes dela.

Os três assassinos colocaram suas botas sobre um dos prédios de Divinópolis. Olhavam para o canteiro de obras onde começava a ser erguida a catedral da Nova Cruz. Uma gigantesca placa anunciava a construção e exibia o símbolo da seita. Todos os mortais que passavam olhavam impressionados para as paredes que começavam a ser erguidas. Alguns deles já haviam parado no lugar e assistido a uma celebração em um altar improvisado. O padre Giuliano, identidade de Zih'Diel na forma humana, discursara para as pessoas e falara de seus planos, contando como a salvação chegaria a quem se

arrepêndia e se submetia ao castigo merecido.

- Ele sabe como usar a culpa – disse Patrícia durante o discurso. – Quase dá vontade de dar ouvido a ele.

Os três notaram que havia anjos caídos e demônios movendo-se entre os humanos. Eles se aproximavam de Zih'Diel esperançosos de poderem encontrar seu verdadeiro lugar na Criação.

- Traidores – disse Letiziah, rindo de seus irmãos que se juntavam a Laoviah.

- Desesperados – falou Patrícia. – Desesperados, não traidores. Pelo que eu sei, todos nós somos traidores.

- Mas eles traem a convicção que os trouxe a nosso estado de Decaídos. É diferente de ter traído a Lei. Nenhum de nós tinha a Lei verdadeiramente no coração, mas as convicções que nos levaram à Queda estavam dentro de nós. Eles traem isso, sem contar o fato de virarem as costas para o Portador da Luz – insistiu a Auréola Negra.

- Estão apenas desesperados – insistiu Patrícia, o que gerou um bico nos lábios de Letiziah.

Af não deu ouvidos à discussão das duas. Não podia perder tempo com brigas de mulheres. Não se importava se aqueles demônios e anjos caídos haviam passado para o lado de Laoviah. Eles haviam tomado sua decisão e era problema deles. Acabariam destruídos se aparecessem em sua frente. Nenhum deles impediria sua missão de salvar os outros Decaídos das palavras tentadoras de Zih'Diel. Sacou as espadas quando viu a multidão se dispersando, deixando apenas o padre Giuliano a observar a obra.

Patrícia e Letiziah sacaram suas armas. A primeira usava uma espada longa e uma lâmina curta, tendo abandonado a lança que um dia empunhara ao lado das Lanças de Christos. A outra sacou uma espada e uma adaga negra, ambas feitas de um metal que causava ferimentos especiais nos anjos. Eles não poderiam cicatrizar suas feridas facilmente. Aquelas armas raras chamaram a atenção de seus parceiros assassinos.

- Vantagens de se trabalhar para o Portador da Luz – explicou ela, sorrindo, mas sentindo falta de estar em um grupo mais animado.

Desejou voltar a lutar ao lado de outros anjos que a faziam rir. Letiziah já se considerava séria demais, por isso gostava de alguém que a ajudasse a se descontrair durante o trabalho. Aquilo era impossível com Af e Patrícia. Os dois só se divertiam ao se banhar de sangue ou em seus beijos luxuriosos. Não precisavam de conversa ou de piadas.

- Pena que nesse pacote ele não pode incluir a salvação – disse uma voz atrás deles.

O grupo virou-se para notar anjos de capa púrpura os cercando no prédio. Alguns tinham asas, outros não. Eram cinco Caroz com armas prontas para lutar contra eles. Um deles usava um véu da cor de seu manto, tapando o rosto. Era justamente ele que falava com o grupo.

- Parabéns por terem chegado até aqui sem que ninguém os visse entrando na cidade. Mas era de se esperar isso da Irmandade Rubra – disse ele, olhando para Letiziah e vendo que as feições da anjo já haviam desaparecido sob sua auréola. – Vieram para receber seu castigo e procurarem a salvação ou apenas pelo castigo?

Af não deu sua resposta em palavras, mas em atitudes, como gostava de fazer. Correu na direção dos inimigos, atacando com ambas as espadas e fazendo-os se movimentarem. Eles saltaram ou recuaram, escapando de todos os ataques. Af analisou cada salto, deixou os olhos captarem os movimentos de seus inimigos, notando até como suas capas se moviam, verificando o fio de suas espadas. Deixou que eles se preparassem para um novo ataque e esperou pelas ações de Letiziah e Patrícia. As duas começaram seus movimentos, procurando pelos inimigos que tinham mais falhas.

A Imã Rubra já estava acostumada a lutar ao lado do amante. Analisou os movimentos dos inimigos assim como ele, apesar de carecer da experiência de Af. Patrícia saltou contra o primeiro que abriu as asas para escapar. O movimento que ele fizera para evitar as espadas do anjo caído fora rápido, mas o fato de usar as asas para ganhar impulso para trás o deixaria sem agilidade para manobrar mais uma vez. Ele já começava a tentar ganhar impulso para ir para frente e atacar Af. Patrícia se aproveitou disso, caindo sobre o oponente com suas

duas lâminas. O Caroz conseguiu aparar o primeiro ataque, mas ela não esperava menos dele. O segundo não foi detido. A espada curta se enfiou em sua barriga, saindo para penetrar de novo, agora em seu coração. O último ataque dela foi para decapitar o inimigo. Virou-se para continuar a batalha, mas um outro Caroz já caía sobre ela. Agora haveria uma disputa real.

Letiziah apontou suas armas para os Caroz e invocou um de seus poderes. Pequenas estrelas negras começaram a voar de seu corpo, atingindo os inimigos como balas. Elas furaram as peles duras deles, deixando buracos circundados por queimaduras. A Auréola Negra avançou para um ataque, passando no meio de suas estrelas e unindo-se a elas no dano provocado aos Caroz. Sua espada cortou o peito de um deles, enquanto a adaga era enterrada no pescoço de outro. O primeiro ficou apenas ferido, apesar de ter sentido o poder da lâmina da Auréola Negra. Ele contra-atacou assim que se sentiu seguro.

Af não precisou olhar para os lados para ver que suas aliadas haviam feito um bom trabalho. No momento, ele estava mais preocupado com o Caroz que usava o véu. O Anjo da Fúria odiou Azazel por estar treinando guerreiros para Laoviah, mas devia confessar a si mesmo que apreciava ter aquele oponente. Desde que Lúcifer frustrara seu assassinato, ele sentia que precisava de uma boa luta para apagar sua fúria. Odiava quando alguém tomava sua missão.

As espadas dos dois se cruzaram. O Caroz usava apenas uma lâmina, tendo um escudo para se defender. Exibia a cruz envolvida pela rosa como seu brasão, deixando explícita sua fé na Hadash Tzlav. Af tentou fazer uma finta, mirando a perna do inimigo, atraindo seu escudo para baixo. Quando estava prestes a ter seu ataque defendido, levantou a espada para atingir a barriga do Caroz. O adversário já estava preparado, tendo experiência naquelas técnicas. Ele já saltou para trás enquanto defendia a segunda espada do Irmão Rubro, para depois jogar seu escudo para frente e forçar Af a aparar o braço dele com uma espada. O Caroz atacou mais uma vez, agora com sua lâmina, o que obrigou Af a mais uma defesa. Então o inimigo abriu os braços, afastando as duas armas do anjo caído, para depois fechar os membros

de uma vez só, em uma tentativa de decapitar. Af não se deixou levar por aquele ataque, inclinando o corpo para trás e começando uma cambalhota. Seus pés atingiram o queixo do Caroz enquanto seu corpo se virava no ar para depois cair ereto e preparado para continuar a luta.

O arauto da Hadash Tzlav começou a atacar mais uma vez. Sua espada caiu sobre o ombro de Af, mas ele moveu-se discretamente, escapando do ataque. Quando o inimigo tentou acertá-lo com o escudo, ele defendeu usando a lâmina Flagelo, para depois atacar com Assassina. O Caroz se desviou, dobrando-se para a esquerda e depois usando suas pernas para chutar o joelho de Af. O Irmão Rubro sentiu o golpe e fingiu perder o equilíbrio, deixando que o inimigo tentasse um golpe final. A espada do Caroz passou perto do nariz do assassino, deixando um filete de sangue escapar da pele pálida. Af não deu atenção para isso, erguendo uma de suas lâminas e furando o braço do adversário. Usou a outra arma em um ataque, mas o Caroz defendeu-se com o escudo. O guerreiro da Nova Cruz ainda defendeu mais um dos ataques de Af, mas aquela foi só uma estratégia do Irmão Rubro. Nem bem a espada bateu no escudo, a segunda lâmina foi levantada para cortar o braço que trabalhava na defesa do Caroz. O Anjo da Fúria abriu os braços e cruzou Assassina e Flagelo sobre o pescoço do Caroz, encerrando a luta.

Af virou-se para ver como as outras estavam se saindo. Elas já haviam derrotado os Caroz e estavam apenas apreciando a luta do anjo caído. Ambas tinham alguns ferimentos, mas nada que as impedisse de continuar lutando. Letiziah o avaliou como se ainda pudessem ser adversários mais uma vez. Ele não disse nada, sem se importar se lutaria contra aquela guerreira novamente. Apenas correu para a borda do prédio e saltou para o embate com Zih'Diel.

Os três caíram na construção já com as armas prontas para a batalha. Desceram como cometas obscuros para chocar-se diretamente com o inimigo. As espadas de Af miravam o padre Giuliano que não fez nada além de esperar pelo impacto. As duas lâminas ficaram próximas a ele, mas não puderam alcançar sua pele. Pararam a milímetros do corpo do Caroz. Af já suspeitava que suas forças seriam

inúteis, saltando para trás de deixando que Patrícia de Letiziah atacassem. Ambas perceberam que suas armas eram incapazes de danificar o adversário. Zih'Diel, ou Giuliano, ficou a observá-los com olhos de professor decepcionado. Virou de um lado para o outro, encarando cada um dos anjos. Quando começou a abrir a boca, Af caiu sobre ele mais uma vez. As espadas do anjo caído batiam contra as defesas do Caroz, mas ele nem se movia. Continuava a observar o ataque com aquele olhar de paciência, de alguém que tenta compreender as atitudes furiosas de um amigo.

- Acabaram? – perguntou o Anjo da Fé.

Letiziah ainda tentou mais alguns ataques, mas foi inútil. Suas armas não surtiavam efeito, nem suas estrelas negras. Ela irritou-se, pensando que estava falhando com Lúcifer. Deveria ser capaz de destruir aquele Caroz, já que era uma das melhores assassinas dos Auréola Negra.

- Desistam, meus irmãos. Juntem-se a nós – disse ele, abrindo os braços e sorrindo para eles. Nenhum deles poderia negar que se sentiu tentando a aceitar a oferta. Af se protegeu das palavras com sua fúria, enquanto Patrícia se eximiu de qualquer culpa que poderia sentir e, contraditoriamente, usou seus poderes para se culpar por qualquer vontade de seguir Laoviah que pudesse sentir. Letiziah pensou em Lúcifer e em todo o ódio que sentia da Cidade de Prata. Não queria uma salvação que a ligasse aquele reino de novo, a não ser que fosse para colocá-lo em chamas.

- Esqueça. Estamos aqui para acabar com essa balbúrdia. Você sabe que está errado – começou Patrícia, tentando usar seus poderes de Anjo da Culpa. Suas palavras foram inúteis, pois ricochetearam na barreira de fé de Zih'Diel.

O Anjo da Fé riu mais uma vez para eles. Balançou a cabeça e soltou o ar calmamente, demonstrando que estava decepcionado com aqueles assassinos.

- Acho que é hora de alguém ensinar a vocês o que é assassinato – falou, dando as costas para o grupo e começando a andar para fora da construção. Um carro parou na rua em frente, abrindo a

porta para esperá-lo.

Os assassinos se irritaram com a petulância do alvo. Brandiram as armas mais uma vez e prepararam-se para um novo avanço. Acabaram parando pelas ordens de Af. O Irmão Rubro ergueu uma das mãos, dando sinal de parada. Alguma coisa começava a surgir das sombras. Um anjo coberto por roupas negras apareceu. Restos de asas brotavam em suas costas e um véu preto cobria seu rosto. Os assassinos notaram o sorriso dele, assim como a espada de cabo escuro e lâmina prateada que ele ergueu.

- Azazel – falou Letiziah, quando Af já apontava as armas para o novo inimigo. Patrícia se surpreendeu ao conhecer outra figura lendária naquela noite. Em poucas horas ela estivera diante do líder da Primeira Rebelião e agora estava para enfrentar uma das maiores ameaças da Segunda Rebelião.

- Af.. Quer me ensinar o que aprendeu com Moloch? Ou vai lutar com o que eu o ensinei? – disse ele com a voz de cobra.

O Irmão Rubro não respondeu nada, só apertou as empunhaduras das espadas e respirou profundamente antes de atacar. Deixou a fôrma da fúria aquecer seus músculos enquanto avançava para a luta. Atacou com um giro e o primeiro golpe foi aparado como esperava. A segunda lâmina voou na direção do pescoço de Azazel. O ataque foi evitado com um simples movimento de cabeça. Af não parou, principalmente quando percebeu Letiziah e Patrícia o acompanhando. As espadas delas procuraram pelas laterais do mestre de armas, mas uma outra lâmina surgiu na mão dele para aparar os golpes da Irmã Rubra. Os ataques da Auréola Negra foram inócuos, pois ele saltou para se livrar do cerco do grupo, já caindo de novo com ataques precisos.

Af sentiu a espada prateada cortar seu ombro, sendo obrigado a saltar para trás antes que a lâmina afundasse em seus músculos. Azazel caiu no meio das assassinas, usando uma das espadas para desarmar Patrícia e depois girando o corpo para chutar o rosto de Letiziah. Tentou dar um golpe final na Auréola Negra, mas Af interviu. Atacou primeiro com Flagelo e deixou que o inimigo defendesse,

depois tentou desarmá-lo com Assassina. Foi uma manobra inútil que apenas arrancou do inimigo um silvo misturado a uma risada. O Irmão Rubro tentou mais uma vez, agora estocando com as duas lâminas. Azazel deu um passo para trás, escapando do golpe. Afabriu os braços de uma vez com a intenção de acertar os punhos do adversário, mas o inimigo afastou as mãos, para depois fechá-las em um ataque que cortou o manto rubro do outro.

Azazel continuou contra-atacando, subindo e descendo as espadas. Af defendeu-se das primeiras investidas, assumindo posição de defesa e recuando. Aparou um ataque do mestre de armas e deixou que ele o desarmasse, soltando a espada com cuidado. Usou a arma que ainda tinha em mãos para uma sucessão de golpes, enquanto a mão livre se movia para pegar a outra lâmina ainda no ar. Segurou-a de cabeça para baixo e a fez subir, cortando a roupa do inimigo até chegar a sua cabeça. A lâmina arrancou um pedaço do véu, o que fez Azazel recuar, surpreso por ter sido atingido. O pedaço de pano negro caiu no chão acompanhado pelo sangue de Af. O Irmão Rubro não percebera, mas a manobra lhe custara alguns ferimentos que agora o importunariam na luta.

- Você aprendeu... mas acho que é hora de eu o ensinar algumas coisas. Vou começar ensinando-lhe a morrer – sibilou Azazel, fincando as espadas no chão. Adagas surgiram em suas mãos e foram arremessadas. Duas delas atingiram o peito de Af e uma enfiou-se em sua coxa. – O que acha? – perguntou ele, brandindo as lâminas de novo.

Letiziah percebeu que a luta estava perdida. Ela saltou e segurou Patrícia, depois correndo até Af e o tocando. Antes que Azazel pudesse alcançá-los, a Auréola Negra entrou nas sombras, deslocando-se na escuridão. O mestre de armas ficou rindo, dando as costas para a cena da batalha e começando a procurar outras coisas para fazer. Tinha alguns planos em mente ainda.

- Você nunca me disse que tivera aulas com Azazel, minha paixão – disse Patrícia, enquanto limpava as feridas do amante. Af fitou com uma expressão que significava apenas uma coisa: você não perguntou. Ela sabia que só podia esperar aquilo como resposta e riu apaixonada pelos modos taciturnos do assassino.

Letiziah andava de um lado para o outro. Pensava consigo mesmo o perigo que haviam corrido, estando satisfeita por sua sobrevivência. Nunca vira alguém como Azazel lutar. Agora tinha uma idéia do que seria um combate ao lado de Lúcifer e estava orgulhosa do que seu mestre poderia fazer. Ela não tivera a oportunidade de vê-lo lutar na casa em que encontraram Af. O Portador da Luz chegara antes para se divertir um pouco. “Azazel não deve ter usado todo o seu poder ou será que usou e Af é tão poderoso a ponto de ter condição de o atingir?”, perguntava-se. Olhou para Af, curiosa para saber mais sobre o guerreiro. Lembrava-se dos boatos que haviam surgido entre os Gabrielitas. Eles diziam que Af era mais do que aparentava. Letiziah não duvidava disso antes, quando via seus aliados tombarem um a um enquanto caçavam o anjo caído. Agora tinha quase certeza de que aqueles boatos eram verdadeiros.

- Precisamos de um novo plano de combate – disse ela, tentando imaginar algum poder que passasse pela armadura de Zih ‘Diel.

- Deve haver algum momento em que ele não usa aqueles poderes – comentou Patrícia, arrancando mais uma adaga do peito de Af. Ele não gemeu nem reclamou, apenas deixando que ela continuasse com o tratamento.

- Não há – disse o Irmão Rubro, falando pela primeira vez desde que chegaram.

As duas o miraram esperando que continuasse, mas o assassino olhou para outro lado, perdido em seus pensamentos. Patrícia riu e continuou limpando a ferida, acostumada com o jeito dele, sempre falando apenas o que achava essencial. Letiziah ficou nervosa, pois queria tomar uma atitude rápida.

- Como sabe disso? – perguntou ela.

Af voltou-se para a Auréola Negra como se a notasse pela primeira vez desde que haviam fugido.

- Eu lutei ao lado dele – respondeu o assassino. Letiziah ficou parada de braços cruzados, esperando que ele continuasse, mas o silêncio voltou à boca do anjo caído.

- Você é louco? Acabe a história de uma vez e nos poupe tempo – disse ela.

O Irmão Rubro se levantou com o cenho franzido e os punhos cerrados. Patrícia colocou-se na frente dele e o abraçou, na esperança de conseguir um pouco de calma. Sussurrou promessas eróticas em seu ouvido e passou a língua por seu pescoço.

- Também fui um dos generais de Laoviah, quando era outro Af. Foi há muito tempo e vi Zih'Diel protegendo dezenas de anjos de uma vez só. Ele saía das batalhas sem ser tocado. Era protegido pela fê em Demiurgo.

Elas se impressionaram tanto com o número de frases quanto com a história. Não entenderam o que ele quis dizer com “outro Af”, mas passaram a se perguntar como eram os outros generais do Serafim. Se fossem poderosos como Af, precisariam de muito mais apoio naquela missão.

- Podemos atacá-lo em sua base. Eles estão abrindo as portas para outros anjos caídos. Zih'Diel estará lá e nós vamos enfrentá-lo. Azazel não estará junto com ele – falou Af, cruzando os braços e olhando para as duas, esperando que concordassem.

- Como você sabe? – perguntou Letiziah.

- Azazel não ficará rondando o local onde convertem outros anjos caídos. Qualquer um que não queira se converter ficará enjoado com isso. Logicamente, Zih'Diel estará recepcionando esses anjos caídos. Eles não poderão lutar contra nós, pois provavelmente estarão passando pelo ritual de conversão. Atacaremos nosso alvo com tudo o que podemos, liberando todos os nossos poderes e vamos torcer para que vençamos antes de os outros Caroz nos ataquem – falou ele, deixando-as mais uma vez impressionadas com o número de frases. Letiziah também se surpreendeu com o modo rápido que Af criara

aquele plano, conseguindo uma brecha perigosa, mas a única para chegarem ao alvo e terem um tempo mínimo para atacar.

Azazel saiu das sombras, aparecendo em cima do posto rodoviário que ficava na estrada de Divinópolis para Belo Horizonte. Ficou de braços cruzados, esperando que o outro chegasse. Observava os carros passarem enquanto passava a mão no rosto, sentindo o pedaço do véu que se partira. O tecido já começava a crescer de novo, ocupando o espaço para impedir que qualquer vestígio de luz chegasse aos olhos do anjo caído.

Outra figura pousou ao lado dele. Esse tinha grandes asas negras e vestia uma armadura dourada e negra, coberta por uma capa preta que era agitada pelo vento. Aquela era apenas mais uma de suas muitas formas. Lúcifer parou ao lado de seu porta-estandarte e ficou observando a estrada, vendo os pecados nos corações de todos que passavam.

- Quase matei o discípulo de Moloch hoje – falou Azazel, que nunca se esquecera do fato de que Af se tornara aprendiz do outro anjo caído.

- Por quê? – perguntou o Portador da Luz, rindo ao notar que uma alma pura passara dentro de um carro. Se tivesse tempo, correria para tentá-la um pouco. Era sempre divertido brincar com aqueles humanos de espírito limpo.

- Ele estava tentando matar Zih'Diel. Havia uma outra assassina com eles. Já vi alguns deles no Inferno. Dizem que os nomes deles são Auréolas Negras – comentou o mestre de armas.

“O pecado da fôfoca! Será que ninguém guarda segredo de mais nada?”, perguntou-se Lúcifer. Felizmente, Azazel não sabia que o Portador da Luz era o grande mestre desses assassinos. Os poucos que conheciam os Auréolas Negras ainda não conseguiam ligá-los ao Príncipe das Trevas.

- Trágico. Gostaria de saber o que Moloch está tramando.

Confesso que me desliguei dele depois que assumiu aquela forma demoníaca e passou a liderar legiões de demônios – comentou Lúcifer com voz de desdém. – Alguma novidade que me interesse?

- Laoviah está com a Chave e a mantém na Terra. Talvez Moloch esteja querendo isso – sibilou Azazel, quase tremendo de raiva ao se lembrar de Moloch. Aquele anjo caído era seu grande rival no Inferno. Os dois disputavam em tudo, mas o mestre de armas vinha ficando para trás há um bom tempo, principalmente depois do aumento de poder da Irmandade Rubra. Azazel até colaborara para quase destruir a seita uma vez, mas aqueles malditos haviam renascido das cinzas e agora voltavam a fazer seu trabalho. Mais uma vez assassinavam e entre suas vítimas estavam os membros da seita de matadores que o mestre de armas pretendia criar. Há algum tempo só podia treinar alguns guerreiros de Lúcifer e preparar-se para as guerras. Mal sabia que o Portador da Luz também tramava para que nunca criasse uma seita e continuasse treinando alguns Auréolas Negras sem que soubesse. As coisas no Inferno eram assim e sempre estavam para esquentar mais.

Lúcifer ficou pensando na Chave. Era uma ótima idéia falar daquele item importante naquela guerra. Gabriel não contara sobre aquilo, mas já deveria esperar isso de seu irmão. Planos surgiram em sua cabeça. Precisava que Af a pegasse com urgência.

- Quando volta para o nosso lado? – perguntou Lúcifer casualmente.

- Assim que eu puder matar Rafael – respondeu Azazel.

- Boa sorte – disse o Portador da Luz, antes de voar para a escuridão da noite. Azazel também desapareceu, esperando encontrar Moloch e Rafael naquela guerra. Seria ótimo lutar contra os dois.

Capítulo Doze

Desejo de Vingança

Francisco entrou no quarto do hotel e foi direito para o banheiro. Avisou a Liel que tomaria um banho e não queria ser incomodado. Precisava descansar para pensar em um meio de ajudar Gabriela. Se os outros não acreditaram, acharam melhor não falar nada. Ninguém se opôs a Francisco, pois o mago não estava para discussões. Dentro do banheiro, ele arrancou o espelho e o colocou no chão. Devido à falta de cuidado, o objeto se quebrou um pouco, mas ainda serviria para as pretensões do mago. Ele retirou alguns componentes materiais do casaco surrado e jogou sobre sua imagem refletida. Nem deu atenção para a face suja ou as olheiras que cresciam sob os olhos. Queria apenas salvar Gabriela. Recitou as palavras mágicas e chamou por seu contato.

- CD, você está aí? – perguntou ele. Sua imagem desapareceu e todo o espelho ficou negro por alguns segundos, até começar aparecer um demônio de boca de sapo.

- Francisco, meu amigo. Você está com um ar de cansado – falou o demônio informante, dando uma cuspidinha e depois passando as unhas pontudas nos dentes. Começou a retirar comida que estava presa ali há uma semana.

- Preciso de uma informação, CD. Quero contatar Af e quero isso para essa noite – começou o mago com um rosto tão sério que fez CD rir.

- Olha, Af não é fácil de contatar assim. Imagine qual será o preço disso e...

- Escute, CD. Escute com atenção... Eu passei os últimos anos escondido e vivendo uma vida tranquila. Isso me deu tempo para pesquisar incessantemente algumas magias novas. Não queira experimentar o que eu aprendi – disse Francisco, ameaçando o amigo pela primeira vez na vida.

CD se surpreendeu com a atitude do mago, erguendo uma de suas sobrancelhas espinhentas e pensando se deveria levar a sério.

Pensou em simplesmente quebrar seu espelho e deixar aquilo de lado, mas antes que o fizesse, viu Francisco colocando a mão sobre sua imagem e deixando uma mistura de sangue, lágrimas e as cinzas de um dedo indicador caírem sobre seu rosto. Quase que de imediato, o demônio sentiu sua face se cortando.

- Sabe, essa magia tende a atrair espectros depois de usada. Nunca quis colocá-la em prática, mas agora não ligo mais. Tenho outras piores, não me faça usá-las. Melhor, não me faça invocar o restante do poder dessa. Sei que você vendeu a informação de onde eu estava e não ligo, mas agora Gabriela está nas mãos de Laoviah e eu a quero de volta. Trate de conseguir o que eu quero ou você vai desejar estar no Inferno mais uma vez – falou o mago.

CD percebeu o quanto o amigo falava sério quando a situação de Gabriela foi mencionada. “Pisei na bola com ele”, pensou, começando a tremer. Francisco mudara bastante nos últimos tempos e ele não queria experimentar sua fúria, ainda mais se algo pior acontecesse com a anjo guerreira.

- Tudo bem. Vou contatar Af e dizer para ele te encontrar..

O mago não precisou dizer onde estava. Cancelou a magia e se levantou. De pé, olhou para o espelho, notando pela primeira vez o quanto sua aparência estava horrível. Talvez fosse uma boa idéia tomar um banho enquanto Af não chegava. Poderia refrescar seus pensamentos e pensar melhor em uma maneira de salvar Gabriela.

A madrugada avançara bastante e o mago já estava sentado na única poltrona do quarto, esperando pela chegada de Af. Não sentia fome, sede, frio ou calor, só esperava pelo assassino. Levantou-se apenas quando percebeu as sombras se movendo a seu redor. Três figuras encapuzadas apareceram dentro do quarto. As espadas estavam em suas mãos, prontas para rebater qualquer ameaça. Af olhou para Francisco, parando diante do mago.

- O que quer comigo? – perguntou o Irmão Rubro, desconfiado do humano. Lembrava-se dele quando ainda perseguia Adapa ao lado das Lanças de Christos. Tentava imaginar o que estaria fazendo em Divinópolis.

- Quero um aliado na luta contra Laoviah. O que acha? – perguntou Francisco, perguntando-se como Af chegara tão rápido. Imaginou que ele já estivesse ali, talvez em meio a planos para acabar com o Serafim.

- O que pode nos oferecer? – perguntou uma anjo que ele não conhecia. A outra, de manto rubro, Francisco reconhecia como Patrícia, a amante do Anjo da Fúria, mas aquela era estranha.

- Posso ajudá-los a acabar com as defesas de Laoviah. Sei algo que pode causar mais dano que suas espadas – contou ele, disposto a revelar pela primeira vez que sabia sobre a letra da destruição.

- O que é? – perguntou a anjo de negro.

- Não direi agora. Vamos começar a lutar e vocês verão. Aliás, eu não duvido que já estejam se movendo para se encontrar com o Serafim. Eu serei apenas mais um aliado. Não atrapalharei em nada. Caso não queiram me levar por espontânea vontade eu posso contratá-los – disse ele, colocando-se de pé e encarando o anjo caído sem medo. Os dois analisaram a fúria que carregavam em seus corações e se sentiram próximos por alguns instantes. Estavam apaixonados e cheios de raiva por terem seus planos de vida interrompidos. Af queria continuar seus assassinatos ao lado de Patrícia e Francisco queria Gabriela de volta.

- Ele não será um peso – disse Af, o que parecia ser um sim para alguma das ofertas de Francisco.

- Não confio nele – comentou a anjo de negro mais uma vez.

- Então encontre outro que nos ofereça alguma maneira de passar pelas defesas de Zih'Diel – falou Patrícia. – Nós não temos alternativas, Letiziah.

- Quem é Zih'Diel? – perguntou Francisco.

Letiziah explicou ao mago de quem estavam falando e ele não demorou a perceber que aquele era Giuliano, o mesmo padre que convertera os rozacruzes em Portugal, colocando-os contra o grupo. Aquele homem realmente tinha o dom da fê, usando-a como defesa e despertando-a no coração dos outros. Era uma figura perigosa, talvez

mais do que alguém como Af

Eles levantaram-se e prepararam-se para irem embora. Já estavam próximos à janela quando viram um pombo branco entrar. O pássaro passou por eles desesperado e começou a voar em círculos pelo quarto. Subitamente, explodiu e suas penas encheram o lugar. Francisco tapou o rosto, esperando que o sangue também se espalhasse, mas, quando abriu os olhos, percebeu que nenhuma gota de sangue fora perdida nas paredes ou em qualquer outro lugar. Todo o líquido fora usado com apenas um propósito: criar uma mensagem. Havia algo escrito no chão em uma língua que o mago não reconheceu. Os anjos leram e se olharam, assimilando ordens.

- O que é? – perguntou o humano.

- Uma mensagem do nosso contratador – contou Patrícia.

- Sutil. Muito sutil – debochou Francisco, sem saber que ria de Lúcifer.

A Nova Cruz tinha como base provisória uma igreja que haviam comprado de uma outra comunidade religiosa. Estava esperando que sua imponente catedral ficasse pronta, então acolhiam os fiéis em um lugar improvisado. Francisco e os anjos caídos andaram pelo mundo espiritual até chegarem à igreja. As magias do mago, aliadas às técnicas de ocultação dos assassinos, garantiam que nenhum dos Caroz os percebesse. Havia muitos deles rondando o mundo espiritual, mas Francisco conseguiu algumas rotas alternativas, utilizando passagens no Umbral que anjos e demônios não costumavam frequentar. Eram espécies de corredores por onde as almas penadas transitavam. Seus aliados sentiram-se estranhos por caminharem por aqueles locais, observando os rostos fantasmagóricos que apareciam nas paredes e estranhando as imagens que surgiam do nada. Às vezes, uma explosão de fúria ou tristeza abatia-se sobre eles, forçando-os a concentrarem seus pensamentos.

- São marcas deixadas pelos fantasmas que passaram por

aqui. Memórias, sentimentos ou até pedaços de suas essências. Tudo vai ficando – explicou Francisco, enquanto os guiava. Após passarem por muitos desses corredores, ele abriu a mão e tocou uma das paredes com a palma, recitando um encantamento. As memórias e rostos que apareciam desvaneceram para dar lugar a um outro corredor, esse real, de natureza consistente. – É aqui. Vamos.

- Vocês também estão procurando por salvação? – ouviram alguém perguntar quando colocavam os pés para fora do corredor espiritual. Havia um fantasma atrás deles, aparecido do nada. Francisco imaginou que ele houvesse vindo de outra rota e os surpreendera sem querer.

- Do que você está falando? – perguntou o mago, começando a concentrar uma magia.

- Vieram procurar pelos arautos? Eles podem nos retirar daqui... – falou ele, na esperança de deixar aquela pós-vida trágica. Seu rosto era de pura tristeza, mas alterou-se para raiva de repente, quando percebeu que eles usavam um portal para o mundo real. Alma nenhuma entrava nas terras dos vivos daquela maneira. – Vocês não são fiéis da Nova Cruz!

O espírito começou a brilhar, transparecendo sua imensa raiva por ver que aquelas criaturas não deveriam ter boa intenção chegando daquela maneira na igreja. Começou a preparar um grito estridente, que alertaria todos os arautos da Nova cruz, mas antes que pudesse emití-lo, a mão de Francisco já estava sobre sua testa. O mago pronunciava as palavras arcanas e fazia a luz da criatura diminuir cada vez que uma sílaba mística saía de sua boca. Aos poucos, o espírito tornou-se apenas um ser translúcido, quase feito de seda. Parecia que qualquer vento desfaria sua essência. Francisco nunca pensou que sua magia chegaria àquele nível. Podia enfraquecer as almas, mas agora se via quase destruindo aquela criatura. O pior era que não conseguia parar. Não tinha forças para evitar. A sensação o fazia se sentir poderoso, algo crescia dentro dele; um vazio que não era explicado, que não era a tristeza que ele imaginava que pudesse ser, mas uma paz que o deixava livre de suas perturbações. Ele piscou, tentando se concentrar e,

quando abriu os olhos, não havia mais nada à frente. Sua mão estava erguida no ar sem tocar coisa alguma. Ele olhou para trás e viu que os anjos caídos o observavam. Af tinha uma caricatura de sorriso naquele rosto frio.

- Vamos continuar, depressa – disse o mago, entrando no mundo real aliviado por deixar os espíritos um pouco mais longe. Arrependeu-se por suas atitudes, mas não teve tempo de se culpar. Precisava encontrar Gabriela; deixaria as lamentações para mais tarde.

Af os guiava agora, ditando onde deveriam pisar e o que deveriam tocar. Andavam por corredores cobertos por penumbra, iluminados por luminárias que eram imitações de archotes. Cheiro de incenso desagradava seus narizes, chegando a incomodar os anjos. Francisco percebeu que havia alguma magia ou poder sobrenatural naquele odor, com certeza feito para causar algum dano a criaturas do Inferno. Tratou de usar uma de suas magias para proteger o grupo, enquanto entravam cada vez mais naquela base. Passaram por alguns humanos e seres disfarçados de mortais, mas não foram percebidos, pois Af conseguia cobri-los muito bem.

Francisco parou em determinada parte do caminho e começou a se concentrar. Há algum tempo, ele havia desenvolvido um encanto único para saber onde sua amante estava localizada. Temia tanto perdê-la que passara um bom tempo pesquisando um modo de sempre a encontrar. Sua mente indicou o caminho a seguir e eles continuaram a corrida.

Suas pernas só pararam de se mexer quando chegaram a um corredor cheio de salas. O lugar costumava ser um dormitório, mas agora fora transformado em salas vigiadas por arautos. Havia seis deles, um para cada porta. Francisco começou a preparar uma magia naquele mesmo instante, sabendo que não passariam por eles sem batalha. Os anjos caídos brandiram as espadas, sendo Af o primeiro a se colocar no corredor. Ele rodopiou Assassina e Flagelo, correndo na direção dos inimigos, mas eles já estavam preparados. Haviam percebido os invasores assim que eles colocaram os pés no corredor, pois eram anjos da vigilância, servindo diretamente a Shof kam, um dos Coah de

Laoviah.

Uma Caroz de longos cabelos prateados defendeu a espada de Af e tentou contra-atacar, mas o anjo caído não lhe deu tempo, continuando seu caminho para se colocar entre os outros inimigos. Ela percebeu o que aconteceria, virando-se para defender o ataque de Patrícia e curvando o corpo para escapar da lâmina de Letiziah. Foi uma manobra esplêndida, mas que se encerrou por ali, pois raios espirituais atingiram seu rosto em cheio, queimando sua pele até que nada restasse da frente de seu rosto, fossem ossos, músculos ou olhos.

Af continuou seu avanço. Assassina subiu para atingir a barriga de um inimigo, não o pegando por pouco. O Caroz se defendeu, provando que não eram meros soldados que estavam vigiando aquelas portas. Af foi obrigado a parar, porque viu que outro inimigo já pulava sobre ele usando uma lança como arma. Ele aparou o ataque e defendeu-se de novo, depois recuou dois passos, perdendo terreno e continuando a movimentar suas lâminas apenas para se defender. Letiziah passou pelos três guerreiros para se encontrar com os outros três arautos que sobravam. Patrícia a seguiu, não se preocupando com o amante.

Francisco observou os anjos caídos lutando e imaginou que eles dariam conta do restante dos Caroz. Virou-se para a segunda porta e usou um encantamento para perceber se havia algum poder mágico protegendo a entrada. Descobriu armadilhas que destruiriam quem estivesse arrombando a entrada. Provavelmente o prisioneiro também perderia sua vida. Preocupado, ele começou a concentrar uma magia para desativar as proteções e entrar. Não deixaria Gabriela presa nem que precisasse destruir todo o mundo para reavê-la.

Era óbvio que Francisco não ajudaria Af. O anjo caído viu o mago se aproximar da porta e não se importou. Nem queria que alguém colaborasse com ele para derrotar aqueles Caroz. Abaixou-se para deixar uma espada voar por cima de sua cabeça e se levantou para defender a lança, depois esquivou-se para passar pelo inimigo da espada, ficando lado a lado com ele. O arauto tentou evitar a manobra, dando alguns passos para trás e movendo o corpo para ficar de frente

com o Irmão Rubro e atacar mais uma vez. Af não deixou que isso acontecesse, acertando o cotovelo no rosto do Caroz e rodando Flagelo entre os dedos para apontar a lâmina para baixo. Enquanto baixava uma arma, usava Assassina para defender-se da lança. Aparou a arma no exato instante em que Flagelo adentrava no corpo do outro Caroz. Ele desconectou sua espada da lança e girou o corpo, já retirando a outra do corpo do inimigo. Durante o giro, Assassina passou pelo pescoço do Caroz ferido, decapitando-o enquanto Flagelo defendia mais um ataque de lança. Af continuou com a luta, aproveitando-se que suas armas eram mais rápidas que as do oponente. Era sua vez de atacar e colocá-la na defensiva.

Francisco não conseguia se livrar das defesas da porta, então teve uma idéia. Criaria um corredor de energia, o mesmo que gostava de usar para conter os efeitos destrutivos de quando estava criando uma magia nova. Invocou essa magia sobre a porta, garantindo que toda a energia que fosse liberada dentro do quarto passasse pelo corredor. Assim ele arrombou a entrada da prisão de Gabriela e sentiu quando os chicotes de chamas voaram para o açoiar. Por pouco o mago não foi pego. Ele os fez se desviarem para que atingissem os Caroz que ainda estavam no corredor. O fogo acertou o oponente de Af e outro de Letiziah, deixando marcas flamejantes em seus corpos.

Af viu seu inimigo cair de joelhos e executou-o sem pensar duas vezes. Já retirou as espadas de seu corpo olhando para a próxima vítima. Como Patrícia já havia eliminado seu inimigo, ele saltou sobre um dos adversários de Letiziah. Fincou as espadas nas costas do Caroz e começou a procurar por mais alvos.

- Não precisava – disse ela, enquanto enfiava a lâmina no peito do arauto atingido pelos chicotes de chamas. Af não respondeu, continuando de guarda enquanto Francisco entrava para encontrar Gabriela.

O coração do mago quase se partiu quando viu a amante caída no chão, ainda se contorcendo. Ela tinha as unhas quebradas e os lábios mordidos, ferimentos que havia provocado em si mesma por causa da dor em suas costas que não parava. Ainda rolava no chão e

gritava por ajuda, enlouquecida pelo sofrimento. Francisco aproximou-se dela, mas não pôde tocá-la. Sentiu a dor da amante em sua pele e lágrimas desceram por seu rosto ao ver que ela não era nem capaz de reconhecê-lo, apenas continuando com sua agitação nervosa. Ele olhou para os lados, como se procurasse uma solução, e viu as marcas de unhas nas paredes. Chorou ainda mais e tentou imaginar uma magia que aliviasse a dor dela. Lembrou-se de uma que já tivera a oportunidade de usar sobre a amante.

Ajoelhou-se o mais próximo que pôde e invocou os espíritos para retirarem o sofrimento dela do plano físico. Faria as almas penadas, merecedoras de julgamento, receberem toda a dor de Gabriela. Não estava se importando se algum espírito iria sofrer, apenas não queria ver a amante naquele estado. O efeito funcionou e Gabriela se acalmou instantes depois. Francisco a puxou para perto de si e a abraçou como se fosse a última criatura na Terra, como se tê-la em seus braços fosse fundamental para que seu coração continuasse batendo. Pegou poções de cura e restauração dentro do casaco e a fez beber.

- Vamos embora, mago – chamou Letiziah, falando do corredor.

Francisco não olhou para a Auréola Negra, continuando com seu abraço agoniado. Quando sentiu os dedos de Gabriela começando a envolvê-lo, percebeu que ela finalmente se salvara. Ajudou-a a se levantar sem conseguir tirar os olhos de seu corpo e temendo ver seu rosto sofrido. Pela primeira vez o arrependimento realmente tomou seu coração. Aquela era a segunda vez que Gabriela sofria nas mãos de Laoviah porque Francisco se metera em uma empreitada daquelas. Jurando destruir o Serafim e imaginando como pediria desculpas, ele começou a movê-la para fora.

- Pode deixar – ouviu-a dizer com uma voz fraca, enquanto se desvencilhava dele.

Aquela atitude quase destruiu o coração de Francisco, fazendo-o sentir-se ainda mais culpado. Agora conseguiu conter uma lágrima, mas sentiu-se sozinho no mudo quando viu Gabriela se levantando. Um sentimento egoísta se apossou dele, quase ocultando

sua felicidade ao vê-la capaz de se movimentar por si mesma. Francisco desejou que a amante continuasse apoiada nele, dependendo de sua força para ser salva. Imaginava que assim poderia pagar de algum modo o sofrimento que ela passara.

- Depressa! – chamou Patrícia, do fundo do corredor. Francisco não podia vê-la, mas sabia que ela deveria estar ao lado de Af Letiziah olhou para o casal mais uma vez e partiu para o encontro dos aliados. O mago olhou para a amante, constrangido e triste, sem saber o que dizer.

Gabriela invocou sua lança e a pôs em riste, respirando profundamente antes de se virar para Francisco. Para a surpresa do mago, havia um sorriso no rosto dela. Apesar das marcas de sofrimento, ela ainda deixou a felicidade brilhar na face.

- Obrigada – ela disse, beijando-o de um modo que só o fez se sentir mais culpado.

- Você está bem? – perguntou ele, mordendo um dos lábios nervoso e ansioso.

Ela não respondeu, apenas respirou profundamente mais uma vez e segurou com firmeza a lança. Na outra mão apareceu uma das adagas negras. Francisco se assustou, porque subitamente uma lágrima escorreu pelo rosto dela, passando pelos lábios que se dividiam entre o sorriso e o choro. O mago não sabia o que dizer, mas se abrisse a boca, gritaria que sentia um ódio como nunca antes. Laoviah precisava tombar e ele trataria de fazê-lo naquele dia. Pegou uma adaga ritual no bolso e empurrou a amante, fazendo-a sair do quarto.

- Vá, meu amor. Siga Af, ele está do nosso lado – disse ele.

Gabriela o olhou em dúvida, mas o mago continuou a empurrando, colocando-a no corredor. Depois entrou no quarto e preparou-se para mais um de seus experimentos. Colocou a língua para fora e pegou a adaga. Graças à raiva, não sentiu dor quando a lâmina começou a cortar. Desenhou a letra da destruição na língua, acabando o processo com um ritual de selo. Deixaria aquela marca selada em suas palavras, justamente para serem proferidas contra Laoviah e seus discípulos.

Os anjos caídos estavam esperando pelo mago no fim do corredor. Havia corpos de mais dois Caroz sob seus pés e Afexibia um corte no rosto. O ferimento se fechava quando ele virou-se para Francisco.

- Temos mais uma missão aqui. É hora de nos ajudar, mago. Precisamos encontrar uma chave – disse o assassino.

- Acho que sei do que vocês estão falando – disse Gabriela. – Ouvi-os comentarem sobre essa chave. Eles queriam colocá-la em meu corpo.

Af olhou para a guerreira enquanto apertava a espada. O brilho em seus olhos vermelhos indicava que ele estava pronto para abrir o corpo de Gabriela e pegar o que queria. Francisco movimentou os dedos, preparando uma magia.

- Eles não o fizeram porque precisavam discutir alguma coisa com alguém. Não sei o que aconteceu, mas essa chave está aqui na parte debaixo. Eles têm um dos líderes a protegendo – disse a anjo.

Af não precisou ouvir mais nada. Começou a correr pelo corredor acompanhado dos outros. Francisco o seguiu pensando em vingança. Sabia que Gabriela estava dividida entre a raiva e o medo de se apegar aos sentimentos ruins, mas ele não ligava. Preferia que a amante mantivesse o bom coração, a parte ruim ficaria com ele, que não se sentiria nem um pouco mal por dançar sobre os corpos de seus inimigos.

Betânia estava verificando alguns papéis em sua pasta quando sentiu alguém se aproximando. Braços a envolveram em um abraço caloroso e lábios tocaram sua nuca. Ela quase cedeu, mas preferiu se afastar, negando a satisfação do Caroz que acabara de chegar.

- Shof Kam, não ouse fazer isso de novo – disse ela, com ares de quem manda no momento.

O Caroz a observou com tristeza, enquanto Betânia pensava o quanto era incômodo estar com Shof Kam mais uma vez. A Caroz

pegou-se temendo que Laoviah houvesse visto a cena. Não queria que seu líder pensasse de qualquer maneira que ela ainda tinha um caso com o Anjo da Vigilância.

- Pensei que pudéssemos recomeçar. Todos tiveram a chance de um novo começo. Os exilados voltaram, os caídos reganharam sua luz. Por que nós não podemos continuar nosso amor? – perguntou ele, estendendo uma mão aberta, como quem estivesse pedindo.

Betânia lembrou-se de bons tempos e hesitou, depois balançou a cabeça, destruindo as esperanças do outro.

- Não há mais amor, Shof Kam – disse ela, com uma praticidade que machucava o coração do Caroz. – Lembre-se que você tem uma tarefa e certifique-se de cumpri-la. Precisamos ganhar algum tempo antes que os planos continuem.

- Não precisa me lembrar de nada. Meus Caroz estão perseguindo os invasores nesse momento. Já sei como eles entraram e alertei outras partes da segurança. Foi bom termos deixado algumas passagens para possíveis invasores. Já descobri todas as rotas de entrada. Agora poderemos tornar esse lugar inexpugnável. Justamente como você – disse o Anjo da Vigilância.

- Sua estratégia foi arriscada. Espero que esteja disposto a pagar por isso – falou ela, juntando suas coisas e preparando-se para sair. – Já coloquei Annah para buscar as almas penadas da cidade. Elas chegarão em breve, portando fique atento. E acabe com os invasores.

Betânia saiu com sua costureira elegância, deixando para trás um Caroz arrasado. Shof Kam balançou a cabeça com raiva, recusando-se a acreditar que aquela fora sua última chance. Ficou pensando se Betânia não estava apaixonada por outro. Usaria seus poderes para descobrir o que se passava na mente da Caroz. Pouquíssimos seres podiam escapar a sua vigilância. Ela não era um deles. Nunca seria. Virou-se para a extensa sala onde estava. As paredes eram todas feitas de pedra, transmitindo a idéia de que estava em uma caverna. Apenas a porta de madeira quebrava a imagem. No meio havia um pedestal rochoso com uma caixa de metal. Não havia nenhum adorno, muito menos uma fechadura ou marcas de uma tampa. Era

compacta, feita para ser aberta apenas pelo poder destruidor de Laoviah.

Uma luta começou no corredor e ele soube que os inimigos haviam chegado. Não podia esperar menos de Af, mas sabia que a batalha acabaria ali. Nenhum deles sobreviveria a sua ira. Podia vê-los lutando, prever suas manobras. Estava sozinho para defender aquela base, pois as forças de Rafael pressionavam a Hadash Tzlav, porém nada disso importava. Laoviah confiava nele para proteger a Chave, já que Shof Kam era um dos Coah.

Sacou as espadas japonesas assim que a porta foi arrombada. Uma figura rubra voou para dentro do aposento com as espadas zunindo em pleno ar. Shof Kam afastou-se das lâminas enquanto fazia um arco com um braço, cortando as costas do inimigo. Não parou o movimento, pois outros três vultos seguiram o primeiro. Os pés do Caroz moveram de um lado para o outro, suas lâminas acompanhando os atacantes. Quando tudo parou, havia quatro anjos feridos dentro da sala rochosa. Shof Kam os fitava, enquanto mantinha uma vigilância no mago que acabara de aparecer na porta. Não precisava dos olhos para notá-lo.

- É um prazer revê-lo, Af – cumprimentou o Caroz, curvando-se gentilmente. – Prontos para a batalha?

Os anjos sangravam e tentavam entender como haviam sido atingidos. Viam seu sangue escorrer pela katana e pela wakizashi do Caroz e perguntavam-se como ele podia ser tão rápido e escapar com tanta facilidade daqueles ataques. Af sabia que aquele era o Anjo da Vigilância e que precisaria se esforçar para vencer aquela luta. Olhou para a caixa sobre o pedestal e soube que ali estava a chave que procuravam. Não sabia do que se tratava, mas não importava. Talvez não precisasse destruir Shof Kam para conseguir o que queria.

- Patrícia – disse ele, enquanto corria mais uma vê na direção do inimigo.

A Irmã Rubra saltou para pegar a caixa de metal, mas antes que chegasse a seu objetivo, adagas de arremesso estavam cravadas em seu corpo. Ela caiu ensangüentada, encolhendo-se e tentando retirar as armas dos ferimentos. Letiziah esperou que Gabriela atacasse e também

saltou para pegar a caixa. Nesse momento, Af já estava se atracando com Shof Kam e a amante de Francisco apareceu para aumentar as distrações do Caroz. O mago ainda estava na porta quando a Auréola Negra pegou o que queria e começou a correr para a fuga. Ela viu Francisco preparar uma magia e fazer espadas negras rodopiarem na direção de Shof Kam.

A magia não saiu como havia planejado, mas ele já esperava isso. Viu que as espadas, normalmente fantasmagóricas, agora apareciam negras como se fossem sombras. Era efeito da letra da destruição que ele inserira em todas as palavras que pronunciava. Deixou que suas lâminas mágicas voassem na direção de Shof Kam, sabendo que elas não atingiriam Gabriela. Não se importava se Af saísse ferido, mas sabia que o Irmão Rubro escaparia antes. Assim aconteceu. Quase sendo atingido por um ataque, o assassino esquivou-se e se afastou, deixando a magia passar. Gabriela continuou pressionado o Caroz e as lâminas passaram inócuas por seu corpo para cortar as vestimentas do inimigo. Francisco ficou surpreso ao ver que sua magia desapareceu depois de tocar Shof Kam, mas deduziu que havia alguma defesa especial naquele arauto da Nova Cruz. Observando os estranhos aparatos que cobriam o corpo dele, concluiu que o estranho colar africano deveria oferecer a proteção contra poderes espirituais. Precisaria mudar de estratégia, usando outros feitiços que não usassem invocações de Spiritum. Começou a preparar outra magia, contudo, antes que a usasse, Shof Kam o fitou. O Caroz pousou o indicador nos próprios lábios como que mandando o inimigo se calar. Assim se fez, pois nenhuma palavra saiu da boca do humano e o arauto pôde continuar sua batalha. Ele derrubou Gabriela e caiu na frente de Letiziah, atingindo a Auréola Negra e fazendo-a soltar a caixa. Tanto a anjo quanto o objeto caíram e arrastaram-se pelo chão, cada um para um lado.

Francisco sorriu, recusando-se a admitir a derrota para o silêncio. Pegou um pouco de água benta no casaco e colocou na boca. Bochechou o líquido ao mesmo tempo em que fazia sinais em frente ao lábio. Era uma magia que sempre tinha preparada para evitar encantos

de silêncio. Cuspiu a água, recusando-se a beber algo daquele tipo. Lembrou-se de tempos de infância quando a mãe o forçava a ir à missa e ele sentia raiva quando o padre o abençoava e dava aquele sorriso pedante, como se estivesse mais próximo de Deus do que ele. Velhas memórias que não importavam no momento. Abriu a boca para soltar outro feitiço, mas percebeu que continuava silenciado. As palavras não saíam. Irritado, começou a pensar em outras magias que não necessitassem de um componente verbal. Deveria se concentrar em seu interior e buscar energia a partir de sua alma. Só esperava que isso fosse possível. Havia um temor dentro dele que o impedia de usar esses recursos.

Shof Kam estava até se divertindo com a luta. Havia acertado Gabriela e a jogado no chão com um corte na barriga e outro no ombro, tendo quase acertado o pescoço dela. Não fosse a pressa para pegar Letiziah, teria decapitado a guerreira. Usou um de seus poderes mentais para fazer a caixa voar e prender-se ao teto. Aquilo faria seus inimigos abrirem mais a guarda para conseguirem chegar a seu objetivo. Agora precisaria lidar apenas com a anjo caída de preto e Af. O mago estava fora de combate, assim como as outras guerreiras.

A katana e a wakizashi brilharam quando as espadas do Irmão Rubro chocaram-se nelas. Shof Kam levantou uma das armas e tentou estocar, mas teve o avanço impedido. Suas armas estavam presas às de Af, porém o Caroz fez uma manobra inesperada, adiantou o corpo e soltou suas espadas. Adagas apareceram em suas mãos e foram direcionadas para o Irmão Rubro, incapaz de se defender devido à proximidade do arauto. As lâminas enfiaram-se entre as costelas de Af, que precisou recuar depressa, atacando no processo. Shof Kam ainda escapou de um ataque, mas Flagelo cortou seu ombro, quase incapacitando o braço esquerdo. O Caroz precisou se abaixar para evitar um ataque súbito de Letiziah, chamando as espadas de volta para a mão enquanto rolava e punha-se pronto para defender-se mais uma vez.

Francisco desenhou a letra da destruição na mão. Com sangue escorrendo pelos dedos, pegou um punhado de ossos e começou a movimentá-los. Palavras arcanas rodopiavam em sua

mente, enquanto buscava força da própria alma para o feitiço. Encontrou mais do que esperava. Havia uma força dentro dele que acharia melhor nunca ter encontrado. Era algo que aparecera há pouco tempo e se hospedara dentro de seu ser. Todas as sensações do mago desapareceram assim que sua mente tocou aquele pedaço desconhecido de seu íntimo. Subitamente, não diferenciava nada a seu redor. Tudo era a mesma coisa, matéria que se desfazia aos poucos. Algumas partes desse todo desapareciam com maior rapidez. Eram seus aliados e seu inimigo.

Uma transformação se deu no corpo do mago. Sentiu o frio enfiar-se em seus ossos, mas não viu que sua pele tornou-se pálida e seu sangue passou a correr negro, aparecendo em caminhos estranhos que se desenhavam. Os olhos haviam desaparecido, substituídos por um vazio que mirava Shof Kam. Francisco liberou a magia com toda a força que acumulara. Um som de palmas ecoou entre as rochas, depois o estalar de dedos. O barulho começou a aumentar, tornando-se intenso como se dezenas de pessoas se agitassem ao mesmo tempo. Mãos escuras apareceram na frente do mago, tantas que não era possível contar. Elas agitaram-se na direção de Shof Kam, flutuando agressivas para pegar o Caroz.

A cena foi assistida pelos outros, que se impressionaram com a força da magia. Perguntavam-se a quem haviam se aliado quando viram o inimigo tentar escapar da magia. A princípio, o Caroz saltou de um lado para o outro, esquivando-se das mãos, mas elas não demoraram a alcançá-lo. Suas espadas cortaram os primeiros dedos que arriscavam tocá-lo, fazendo-os desaparecer no ar, mas outros surgiam para continuar o ataque. Palmas e estalos ecoavam pelo recinto enquanto as mãos envolviam Shof Kam, apertando seus membros, quebrando seus ossos, enforcando-o. Ele tentava se livrar, mas era quase impossível escapar daquilo.

Letiziah brandiu sua espada e saltou para um ataque. O corpo de Shof Kam estava quase desaparecendo no meio das mãos. Era possível ouvir seus ossos se partindo no meio do barulho que aqueles membros faziam. Letiziah não se intimidou, enfiando sua arma no

peito do Caroz até sentir que perfurara seu coração. Girou a lâmina no meio da carne e puxou-a de volta, já começando a correr para pegar a caixa.

O calor voltou ao corpo de Francisco, tornando sua pele rosada e viva mais uma vez, o sangue voltando ao vermelho vívido. Quase caiu, sendo aparado por Gabriela. Ao apoiar-se nos braços da amante, dúvidas que começavam a surgir em sua mente se apagaram de uma só vez.

- Vamos embora – disse Letiziah, partindo para o corredor com a caixa na mão.

- Não – chamou Af pulando ao lado de Francisco. – Tire-nos daqui, mago. Não conseguiremos passar pelas defesas dele. Com certeza estão se reunindo lá fora apenas para nos pegar.

- Por que não entraram antes? – perguntou Francisco, quase surpreso por ouvir a própria voz. Olhou na direção de Shof kam e viu o corpo ensangüentado do Caroz. Algumas mãos ainda se arrastavam sobre ele, mas a maioria já desaparecera.

- Ele podia nos derrotar, não havia porque deixar o restante do lugar sem proteção em outros pontos. Outros poderiam se aproveitar de nossa invasão – falou Af Patrícia apareceu a seu lado ainda com dificuldade para se mover.

Aquele não era o momento para se fazer mais perguntas. Francisco começou uma outra magia para abrir o portal que precisavam. Usaria um outro caminho agora, justamente um que mais se aproximasse do vazio que encontrara dentro de si mesmo. Assim eles desapareceram da base de Laoviah. O mago sentiu que não poderia mais usar aquela rota para penetrar nas defesas do Serafim, pois os Caroz a fecharam no exato momento em que o grupo entrou na passagem.

Cansados e ensangüentados, eles sentaram-se no telhado de uma mansão observados apenas pela noite sem lua. Não sabiam para

onde ir, portanto ficaram parados tentando recuperar as forças e torcendo para que nenhum Caroz aparecesse. A batalha na base de Laoviah fôra dura e exigira o máximo de cada um deles. Os casais se abraçavam, Francisco e Gabriela procurando forças um no outro, Af e Patrícia beijaram-se para esquecer-se um pouco de seu estado de fraqueza. Letiziah olhava de um lado para o outro, pensando como poderia contatar Lúcifer. Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada súbita de mais inimigos. Ela levantou a espada enquanto os outros erguiam-se sem a firmeza do início da noite.

Irmãos Rubros apareceram em volta deles, o que os fez respirarem aliviados. Um humano estava entre eles e Francisco o reconheceu. Era Victorius junto com o anjo caído e os demônios que haviam atacado em Itaúna. O feiticeiro adiantou-se na direção de Letiziah.

- Entregue a Chave – disse ele.

- Ela já tem um destinatário. Acredite, humano, você não vai querer desagradar o novo dono dela – replicou a Auréola Negra, apontando a espada enquanto segurava com mais firmeza a caixa.

- Pouco me importa quem a quer. Vamos... Meu mestre quer isso logo. Af, faça-a entregar essa caixa – falou Victorius. Rasfrian, o anjo caído que o acompanhava, parou a seu lado, movendo as mãos para as armas debaixo do manto rubro.

Os olhos vermelhos de Af passaram do mago para Letiziah e voltaram para o humano.

- Essa caixa faz parte de uma de minhas missões. Eu tenho que cumpri-la – declarou o assassino.

- Não seja idiota, Af. Sua fidelidade pertence à Irmandade, nada mais. Entregue a maldita Chave para que terminemos isso logo – falou Rasfrian.

O rosto de Af avermelhou-se como se uma explosão surgisse dentro dele.

- Acho bom não me ofender. Não gosto de matar meus irmãos. Você sabe disso, Rasfrian – falou o assassino, mostrando as espadas.

- Não tenho medo de suas armas – retrucou o outro Irmão Rubro.

Aquela bravata já chegara aos ouvidos de Af muitas vezes e ninguém tivera a oportunidade de dizê-la mais de uma vez. Os únicos inimigos que não precisavam temer Assassina e Flagelo geralmente não precisavam falar nada sobre isso.

- Sejam sensatos. Não é preciso mais luta. Af, eu entendo que queira terminar sua missão, mas é imprescindível que nos entregue a Chave. Entenda que o próprio Moloch exige isso – falou Victorius.

- Então diga a ele que há mais alguém jogando – disse Letiziah, preparando-se para fugir dali. Não tinha certeza se Af ficaria do seu lado no caso de uma batalha e já percebia que Francisco e Gabriela estavam se preparando para sumir. Lutar contra aqueles Irmãos Rubros estava longe de ser a melhor idéia do dia. Olhou para os lados, avaliando o cerco. Talvez ainda pudesse escapar se usasse alguns de seus poderes, mas não tinha certeza se sobreviveria à perseguição.

Francisco entediava-se com a situação. Não queria se envolver naquela luta de anjos caídos. Já tinha Gabriela e não se importava com o que mais ocorresse. Pouco importava quem ficaria com a tal chave, contanto que ele continuasse ao lado de Gabriela. Ainda que estivesse fraco, sabia que era momento de usar outra magia. Acabaria com o restante de sua força mística, mas conseguiria afastá-los. Cuidadosamente, pegou um pouco de seda negra dentro do casaco. A invocação saiu como um sussurro. Quando terminada, permitiu que o mago e sua amante fossem envolvidos por uma nuvem de trevas que os engoliu e começou a voar como uma sombra, tirando-os de lá. As adagas de Gabriela voaram contra aqueles que tentaram interceptá-los, dando tempo para o casal partir.

- Vão atrás deles! – ordenou Victorius para três demônios. – Tragam a anjo viva! – Ele virou-se para Letiziah, agora mais zangado e apressado. – Não me irrite mais, anjo. Pode ter certeza de que eu vou matá-la se não me entregar isso logo.

A Auréola Negra notou que aquela seria sua única chance de escapar. Começou a invocar seus poderes para se misturar às trevas e

viajar para um local seguro. Seu corpo começou a desaparecer na noite escura. Rasfirian tentou se mover para pegá-la, mas Victorius o impediu com um aceno. Olhou para a Auréola Negra com um brilho de sucesso. Estendeu a mão e pronunciou palavras mágicas. Imediatamente, Letiziah sentiu as sombras a engolindo, levando-a mais do que depressa para o local onde queria ir, mas a caixa escapou de sua mão, saltando para a posse do inimigo. Ela tentou voltar, mas já era tarde demais. Foi liberada de novo há uma boa distância. Viu inúmeras casas e alguns prédios, não reconhecendo aquela parte da cidade. Só lhe restou fazer uma desculpa silenciosa para o Anjo Caído e começar a saltar sobre os telhados para procurar por seus inimigos.

Victorius desapareceu no exato momento em que a caixa tocou sua mão. Os outros Irmãos Rubros tiveram menos pressa para sumir. Rasfirian ficou alguns segundos a mais, desafiando Af com o olhar, mas seguiu o mago ao notar que Af não dava atenção para sua presença.

- O que faremos? – perguntou Patrícia, olhando na direção em que Rasfirian sumira.

Af sentou-se e retirou suas espadas. Pegou um pedaço de pano e começou a limpá-las. Sua amante esperou pela resposta de braços cruzados.

- Esperamos Letiziah voltar e depois partimos para a matança que se sucederá – explicou.

Patrícia deixou um sorriso ambicioso transbordar nos lábios e continuou olhando a noite.

- Como sabe dessa matança?

- Eu sinto o cheiro no ar.

- E a tal chave?

- Não me importa quem a tenha. Não ia matar Irmãos Rubros para reavê-la. Letiziah deixou que o mago pegasse. É problema dela, não nosso.

A magia de Francisco se esgotou a quase três quilômetros do local de invocação. Puseram os pés em uma estrada de terra batida, tendo árvores empoeiradas e cercas de arame como testemunhas de sua chegada. A nuvem tenebrosa desapareceu, deixando o casal a mercê de seus inimigos. Os Irmãos Rubros não demoraram a cercá-los, brandindo suas armas para o assassinato. O mago levantou-se e chamou por sua espada mágica, Espírito Silencioso, mas a arma não apareceu. Ele estranhou a princípio, mas depois desistiu da idéia. Não era páreo para aqueles guerreiros em uma luta corpo a corpo. Nem Gabriela seria se fosse obrigada a combater três Irmãos Rubros sozinha, mesmo que fossem demônios e não anjos caídos. A guerreira posicionou-se na frente do mago, mostrando a lança em uma atitude defensiva.

- Eu te amo – disse ela, deixando uma lágrima escapar sorrateira.

- Nosso caso de amor não termina aqui – disse ele, movendo as mãos como se fosse lançar uma magia. Era apenas um blefe, pois ele não tinha mais nenhuma energia naquela noite. Precisaria descansar para recuperar seus poderes. Os Irmãos Rubros esperaram ansiosos pelo ataque místico, redobrando suas defesas. – Prometa que vai buscar minha alma no Inferno.

- Está prometido desde o primeiro beijo que eu te dei – falou a anjo.

Francisco gargalhou e colocou as mãos dentro do casaco, procurando por algum amuleto mágico que pudesse ajudar. Nenhum mago que se prezasse saía de casa confiando apenas nas magias que podia invocar. Retirou uma pequena esfera de quartzo e jogou-a no chão. Aquilo ativou uma barreira mágica que impediria os primeiros ataques dos inimigos. Voltou as mãos para os bolsos para encontrar outros itens que pudessem colaborar para sua sobrevivência.

O escudo se rompeu após cinco golpes dos inimigos. Gabriela espalhou suas adagas pelo ar e depois começou a defender os outros ataques, no entanto não demorou muito para que fosse dominada pelos assassinos. Conseguiu feri-los, retirando um da luta,

mas os outros dois lutavam em conjunto, utilizando manobras que a confundiam e impediam suas defesas. Francisco foi jogado no chão logo no início, tornando-se mais um fardo do que uma ajuda. Encurralados, eles deram as mãos para esperar pela morte.

- É hoje que muita gente vai ter suas preces realizadas. Eu finalmente vou pro Inferno – falou o mago, abraçando a amante.

Os demônios começavam a avançar para o ataque final quando raios de luz surgiram repentinamente. Eles atravessaram o corpo de um dos assassinos, despedaçando-o. O outro se esquivou do ataque súbito, saltando para perto do companheiro que ainda estava vivo, mas um machado prateado o fez repetir o movimento. Dumah apareceu em sua forma angelical, movimentando-se como um titã. Sua arma desceu para decapitar o demônio imobilizado, enquanto continuava caminhando na direção do inimigo vivo. O Irmão Rubro viu-se em uma situação invertida. Agora ele estava encurralado. Quando estava para usar seus poderes de fuga, uma lâmina atravessou sua barriga. A arma escorregou para fora de seu corpo e zuniu para atingi-lo, agora decapitando-o. Laviniah pisou sobre a criatura enquanto se aproximava de Francisco. Também estava em sua forma angelical e vinha acompanhada de Liel.

Francisco levantou-se sorridente e batendo palmas para si mesmo. Abraçou Gabriela e a beijou intensamente, grudando seus lábios nos dela com paixão. Virou-se para os outros e abriu os braços.

- E o povo amarga mais uma vez a infelicidade de não ter seus desejos atendidos – falou o mago.

- Dizem que Demiurgo é tão sábio porque não atende todas as preces que ouve – falou Liel, que escutara aquelas que seriam as últimas palavras de Francisco.

- Acho que esse é o único momento em que eu duvido dele. Por que não atender à prece de um dos inimigos de Francisco? – disse Laviniah.

- Há quem reze por ele, guerreira. Pode ter certeza de que há – falou o celestial místico, com uma expressão pacífica no rosto.

- Como sabiam que eu estava aqui? – perguntou o mago,

abraçando Gabriela mais uma vez.

- Não achou mesmo que eu o deixaria sozinho, sem nenhuma observação? Eu sabia que você cometeria um ato de loucura. Deixei uma magia pronta para encontrá-lo. Pena que ela não funciona quando você está no plano espiritual. Então tivemos que esperar que você voltasse para a Terra – explicou Liel, aproximando-se para abraçar o casal.

- E por que a demora? – disse Francisco, enquanto os três se abraçavam como grandes amigos que eram.

- Tive que parar para atender uma oração. Uma garota pediu para não ter pesadelos naquela noite. Não pude negar isso a ela. Eu sabia que você poderia se manter vivo nesse meio tempo. Imaginava que Gabriela já estava aqui para impedir que sua cabeça continuasse com planos sem sentido e criasse ações bizarras – contou o celestial mago, arrancando uma gargalhada dos amigos. Francisco achou engraçada e boba a atitude dele, mas Gabriela riu de felicidade ao ouvi-lo contar sobre uma atitude boa como aquela.

Laviniah ficou observando o grupo, vendo como Liel perdera por alguns segundos seus modos aristocráticos para se misturar com os amigos. Um pouco de inveja aflorou em seu coração, mas o sentimento desapareceu no mais leve vento que passou por ela. Ansiou estar perto de seus amigos e, não soube por que, lembrou-se de Elkalas antes de companheiros falecidos como Critias, Saú e Ioulah. Quase se sentiu culpada, mas o braço de Dumah passou sobre seu ombro. Seu coração sobressaltou-se com a atitude inesperada do anjo do silêncio, a seguir se acalmando para aproveitar o momento. Aquela paz ilusória serviria para descansar corações e corpos para as lutas que se seguiriam. Precisavam encontrar o filho de Azazel e ainda não tinham pistas para isso.

Capítulo Treze

Sacrifício e Revelação

Laoviah sentou-se sobre a cadeira de mogno, aconchegando-se nas almofadas púrpuras. Apoiou os braços e colocou as mãos na fente do rosto, tocando as pontas dos dedos esquerdos nas dos direitos. Sua mente absorvia as informações recentes, dando pouca atenção para as tapeçarias que se estendiam pelas paredes do escritório ou para a enorme cruz de ouro e pedras preciosas que estava fixada na grande porta que dava entrada para seu aposento. A decoração de Betânia não lhe importava. O bom gosto e a boa vontade da Caroz não lhe interessavam no momento. Apenas as notícias que haviam saído da boca dela e da de Giuliano, ou Zih'Diel, atiçavam seu cérebro. Por sinal, esses dois estavam no escritório parados em frente à mesa do Serafim. Havia outros à espera, como Rizielle, a Anjo da Justificação, uma das principais conselheiras do líder da Hadash Tzlav.

- Roubada – sussurrou para si mesmo, deixando alertas os outros dois Caroz que estavam no recinto. A anjo negociadora e o Anjo da Fé entreolharam-se preocupados. – Shof Kam morto... – Os dedos do Serafim se cruzaram e seu olhar se dirigiu para Zih'Diel. – É hora de agirmos com mais agressividade. Chame os outros Coah, Zih'Diel.

O Anjo da Fé, ainda em sua forma humana, saiu do aposento, deixando o Serafim sozinho com as duas Caroz. Betânia e Rizielle olharam-se com seriedade. A primeira tinha pensamentos debochados e enciumados em relação a outra. A Anjo da Justificação tentava imaginar se era realmente necessário que aquela advogada permanecesse naquelas reuniões.

Os outros Coah não demoraram a chegar, tendo desocupado seus postos de vigilância para irem ao encontro de seu Meretz. Kushiell, Anjo da Punição, apareceu primeiro, seguido de Zilliah, Anjo da Retribuição, Kesser, Anjo da Força, e Zih'Diel, que reaparecia em sua forma angelical. O anjo da Fé era o único que não tinha asas, colocando-se mais uma vez ao lado de Betânia e impondo-se no

ambiente sem precisar de esforço. Kesser cruzou os musculosos braços, parecendo mal humorado por estar na presença de Laoviah. Zilliah continuava discreta como sempre, quase se escondendo ao lado do Anjo da Força, enquanto Kushiell aguardava silencioso pelas ordens de seu líder.

- Precisamos partir para a guerra. Kushiell, prepare o avanço de seus Caroz. Rizielle o acompanhará em breve. Zih'Diel, você retomará sua forma humana e seguirá com Betânia para resgatar o nefálim. Kesser os protegerá. Ele os protegerá em sua forma angelical, juntamente com alguns de seus Caroz. Quero o restante dos guerreiros dele sob o comando de Rizielle. Podem ir – disse para Kushiell, Zih'Diel, Betânia e Kesser. Os quatro saíram acompanhados pelo silêncio.

Rizielle esperou que as portas se fechassem e os sons dos passos dos outros Caroz não fossem mais ouvidos. Quando ficou satisfeita, começou a falar.

- Meu Meretz, não acho que o senhor deveria enviar Kesser para uma missão essencial como essa.

Zilliah balançou a cabeça, desaprovando as palavras da outra. Laoviah sorriu e fez sinal para que a Anjo da Retribuição expressasse suas opiniões.

- Rizielle, você não deveria falar desse modo de Kesser. Ele tem lutado ao nosso lado há séculos.

- Isso não é motivo para eu confiar nele.

- Chega... – interrompeu Laoviah, erguendo uma mão. – Rizielle, você também tem uma missão. Mantenha todos os seus guerreiros prontos para a luta. Quanto a você, Zilliah, quero que fique na retaguarda e prepare-se para resgatar o nefálim. Não podemos perdê-lo, portanto esteja pronta para cobrir a falha de Kesser.

Zilliah assentiu, despediu-se e deu as costas para os dois, atravessando as paredes em sua forma espiritual e rumando para seu trabalho. Rizielle fez o mesmo momentos depois, deixando Laoviah sozinho no escritório. O Serafim cruzou os dedos mais uma vez e esperou que duas formas aparecessem. O Assassino de Almas e Azazel surgiram calados e pararam em frente à mesa do líder da Nova Cruz.

- Preparem-se para a libertação e a grande batalha. Vai acontecer em breve. Vou sair agora para preparar meus Caroz. Vocês sabem muito bem quando e onde aparecer – declarou o Serafim, levantando-se e dando a volta na mesa. – Ah, Azazel, não se preocupe. Eu suponho que o espírito de seu filho sobreviverá – falou o Serafim. O Assassino de Almas emanou o que parecia uma risada, mas o anjo caído ficou calado, concentrando-se para não se irritar. Laoviah passou por eles sem dar atenção àquelas presenças demoníacas e seguiu seu caminho.

O Assassino de Almas desapareceu com a eficiência de sempre, deixando Azazel acompanhado apenas de pensamentos traiçoeiros, naturais de quem precisa sobreviver no Inferno. Laoviah estava arriscando o espírito de Neftali, seu filho? Lúcifer precisava saber disso.

Laviniah esperava há cinco dias por alguma resolução por parte dos líderes da Cidade de Prata. Fora forçada a retomar a forma humana e a esperar em um hotel de beira de estrada. Foi a primeira vez que sentiu-se tão próxima do Inferno. Francisco e Gabriela haviam se hospedado no quarto ao lado e ela era obrigada a ouvir gemidos durante todas as noites, às vezes durante o dia. Se aqueles dois não estavam em atos de luxúria, com certeza o mago estava pesquisando novas magias e testando poderes arcanos que também eram agressões contra a pureza divina. A própria existência daquele humano era uma ofensa ao Céu. Ela olhava para as nuvens enquanto estava parada em frente à janela e rezava para se acalmar.

- Outra vez rezando? – perguntou Liel, entrando devagar no quarto e parando ao lado dela. Acompanhou o olhar de sua ex-líder e cruzou os braços.

- Nunca é demais rezar – falou a anjo.

- Quantas vezes já pediu perdão por não ter deixado os demônios levarem a alma de Francisco? – perguntou Liel, rindo da

surpresa que surgiu no rosto da guerreira.

Laviniah chateou-se com a pergunta, no entanto sorriu aceitando a dedução lógica de Liel. O anjo mago a conhecia bem depois de tantos anos a seu serviço. O interessante era que ela nunca lhe dedicara tanta atenção, só passando a notá-lo como alguém maior que um subordinado dois anos antes da Queda dele.

- Não se preocupe. Você fez o que era certo. Sabe que fez. Deve proteger Francisco por enquanto. E ele não é tão mal quanto você pensa. É humano... Tente exercer o perdão e a compreensão – falou o mago.

- Não sei se ele merece tais atitudes por parte de um anjo. E eu não sou anjo da guarda. Só estou aqui porque Belcol me enviou. A existência de Francisco às vezes me faz pensar se Laoviah não está certo quando fala do sofrimento que devemos impor aos pecadores. Aquele mago me irrita! – confessou ela, entretanto resolveu interromper o assunto. Não queria contar mais de seus pensamentos mais íntimos para Liel. Ele ainda era um anjo caído e poderia se tornar seu inimigo no futuro. – Você tem mudado cada vez mais. Já o vi como um anjo quieto, depois como alguém impaciente. Agora age como um nobre, às vezes mudando um pouco seu humor, mas quase sempre aristocrático.

- Verdade... Acho que são essas memórias que estão voltando lentamente – explicou, fitando os céus.

- Não quer que alguém as retire? – perguntou Laviniah, imaginando que poderia levar Liel de volta para a Cidade de Prata como um anjo. Talvez o Conselho o perdoasse.

- Não, obrigado. Quero ser um anjo com memórias. É um modo de entender melhor o que os humanos passam. Fico mais próximo, o que torna mais fácil ajudar.

- E envolver-se nos problemas deles – replicou ela, decepcionando-se com o anjo mago.

Eles calaram-se e continuaram olhando para o céu. Seus olhos perdiam-se nas nuvens e no sol. Um pombo surgiu no meio do azul e começou a descer até eles. Sorriram, apesar de seus corações

terem se preocupado, pois sabiam que o pássaro trazia notícias. Ele desceu e deixou uma pequena carta cair nas mãos de Laviniah, voltando para as alturas sem perda de tempo. A anjo abriu o envelope e desdobrou o papel. Reconheceu a letra de Belcol imediatamente e seus olhos correram pelas letras negras. Terminando de ler, jogou a carta no ar, dando as costas sem parar para a observar se queimando. Liel a seguiu, curioso para ter mais notícias.

A guerreira fez sinal para que Liel chamasse Francisco e Gabriela, pois não bateria na porta daqueles dois. Se estava cansada de ouvi-los, vê-los naquele ato seria pior ainda. Dumah apareceu no corredor no momento em que Francisco gritava que estava só colocando as roupas. Ele e Gabriela apareceram pouco depois, com o mago comentando em criar uma magia para recompor a aparência dele após os momentos íntimos. Sua amante ficou satisfeita por finalmente ouvir falar de algum experimento que não envolvia espíritos perigosos, pactos, demônios assassinos, explosões ou, em suma, morte e caos.

- O nefalim foi achado. Um dos espões de Belcol finalmente conseguiu a informação secreta. Nós estamos encarregados de pegar o tal Neffali e levá-lo para longe da cidade, onde vários anjos da guarda serão encarregados de protegê-lo – contou Laviniah. – O momento finalmente chegou.

- Até parece que havia alguém na expectativa – comentou Francisco, que acabava de voltar à realidade. Conseguira passar os últimos três dias esquecido dos problemas que tivera, concentrando-se apenas em Gabriela e em novas magias de ataque. Queria misturar os encantos que conhecia aos novos poderes que havia adquirido. Ainda não tivera muito sucesso, apenas concluindo que não podia mais invocar espíritos como antes. Para sua tristeza, agora podia acontecer de destruir os mais fracos no momento em que os chamava. Apenas sombras e espectros tinham maior resistência, mas o mago preferia não lidar com aquelas criaturas.

- Estão preparados? – perguntou Laviniah, sem dar atenção aos comentários do mago. Todos confirmaram, enquanto Francisco soltava o ar pelo nariz. – Você não vai me irritar, mago.

- Você já nasceu irritada. Não jogue a culpa em mim. Vamos embora... – falou o feiticeiro, tomando a dianteira, o que destruiu instantaneamente o bom humor de Laviniah. Felizmente, o grupo não teve tempo para discussões. Enfiaram-se no mesmo carro alugado em que haviam chegado à cidade. A ansiedade os manteve calados e com pensamentos que premeditavam as batalhas.

Os cinco pararam em uma rua deserta. Não havia ninguém andando pelo bairro, salvo algumas donas de casa que levavam as compras e um carteiro. Esperaram que o lugar se esvaziasse para começarem a agir. Elkalas e Zem'Yuriah apareceram para ajudar no momento em que eles discutiam como seria a invasão. Um anjo musculoso os acompanhava, sendo apresentando enquanto os dois recém-chegados tomavam a forma humana.

- Kesser... Anjo da Força, já ouvi falar de você – comentou Laviniah.

- Acho que ouviu falar mal. Não pude demonstrar um comportamento exemplar nos últimos tempos – falou o Caroz traidor. – Não temos tempo para mais conversa. Betânia e Zih'Diel...

- Giuliano – explicou Elkalas, pois Francisco não se dera ao trabalho de falar nada sobre sua invasão à base de Laoviah.

- ...chegarão em breve – continuou Kesser. – Vocês podem agir, porque todos os Caroz que eu trouxe estão do lado de Christos. O nefalim é o garoto maior e já demonstra revolta contra tudo o que é religioso. Cuidado com ele, pois não sabemos se já despertou alguma de suas memórias ou até algum poder. Ele é filho de Azazel, podemos esperar o pior. Tenho que voltar para a minha posição, onde terei meus últimos momentos de espião. Sejam rápidos.

Eles assentiram e prepararam suas armas, assistindo o Anjo da Força voar para seu ponto de vigília. Laviniah ficou feliz ao ver Elkalas de volta e quase pediu informações sobre o que estava acontecendo no mundo espiritual, mas não havia tempo para discussão.

- Não precisam se preocupar, pois temos proteção espiritual. Há um dos generais de Rafael nos escoltando. Ele está escondido para

o caso de alguém atacar de repente, partindo do mundo espiritual – contou Elkalas.

A espera dos assassinos ocorreu nas sombras. Abrigaram-se na garagem de um prédio e lá ficaram por três dias, até Lúcifer contatá-los. Letiziah estava treinando alguns movimentos de espada quando sentiu a mão formigar. Retirou a luva, percebendo que estava molhada e viu o sangue escorrer pela palma. Um ferimento de cortes finos e cuidadosos estava marcado na pele. Percebeu que se tratavam de letras tão logo o sangue parou de escorrer. A regeneração se iniciou e ela pôde ver a localização do nefalim escrita. Guardou a espada na bainha e chamou pelos companheiros. Começaram a saltar pelas sombras enquanto começavam a planejar a estratégia para capturar Nefali.

Bruno estava cansado de assistir televisão naquela tarde, mas não tinha muita coisa para fazer além de ficar em casa. Sua mãe o proibira de pisar na rua durante uma semana, a não ser que fosse para ir à escola. “Seria melhor só ficar por aqui mesmo”, pensava ele, enquanto mudava de canal. Nada de interessante além de um filme ridículo ou a reprise de uma novela. Desejou ter TV a cabo, mas sabia que os pais não poderiam pagar aquilo. Pouco lhe restava além de ficar parado, de vez em quando ouvindo músicas ou quebrando o tédio com um telefonema para um colega.

O toque da campanha soou como um anúncio de salvação para um prisioneiro sem esperanças. Ele atendeu depressa, porque estava sozinho em casa. Abriu a porta para Isaac, amigo antigo que conhecia desde os dez anos de idade. Estudavam juntos a sete e até comentavam em tentar vestibular na mesma faculdade, isso se Bruno conseguisse se concentrar nos estudos, parando de caçar brigas na

escola ou com sua obsessão por armas e artes marciais. Isaac entrou com seu jeito quieto, mas insinuante. Os dois logo se sentaram no sofá para conversarem e criticarem tudo o que passava na TV. Aquele era um de seus passatempos prediletos quando Bruno estava confinado em casa.

- Tenho uma piada nova – falou Bruno.

- Qual? – perguntou Isaac, curioso para saber qual anedota carregada de blasfêmia que sairia da boca do amigo. Sabia que não deveria esperar nada de bom, mas achava engraçada a obsessão que o outro tinha por falar qualquer coisa que agredisse a religião.

- Tinha um homem ateu pescando no meio do Lago Ness. Ele tava lá na dele, sem pensar em mais nada, quando uma onda bem grande começou a crescer no meio do lago, chegando pertinho dele. Então saiu o monstro do Lago Ness, pronto para comer o ateu de uma vez só. Ai o cara gritou: Ai, meu Deus, me salva! Foi só ele acabar de falar e o tempo parou. Os dentes do bicho ficaram a um centímetro dele. Tudo tava parado, menos o ateu. Quando olhou pro lado, viu que tinha um velhinho barbudo sentado na beirada do barco. Esse velho se levantou, cruzou os braços e gritou: Peraí! Você não era ateu? Não acreditava em nada? Como é que vem me pedindo ajuda assim então? O ateu parou, olhou pro velho sem se preocupar e respondeu: Ah, cara, até a uns segundos atrás eu num acreditava em monstro do Lago Ness também.

Isaac continuou olhando para Bruno como se ainda esperasse a piada terminar. Nem ligou para o colega dobrando-se de rir das próprias palavras. Estava acostumado com aquilo. A cada dia que passava imaginava o quanto ele era louco, mas sentia que podia esperar aquele comportamento por parte dele.

- Você é definitivamente uma má companhia – falou Isaac, tomando o controle remoto e desligando a televisão.

- E quem é uma boa companhia então? – perguntou o outro, ofendido com as palavras do amigo, apesar de as ouvir tantas vezes.

- A Cláudia. Ela sim é uma boa companhia – contou Isaac, falando de uma garota que ele vinha tentando conquistar há um bom

tempo.

- Conseguiu alguma coisa com ela? – perguntou Bruno, curioso pois a garota tinha um namorado. Na verdade, ele estava louco para que Isaac a beijasse logo e que uma grande encrenca começasse. Seria mais uma oportunidade para se envolver em uma briga.

- Claro. Eu a convenci a terminar o namoro pra ficar comigo... É só ter lábia – disse Isaac, congratulando-se. Bruno cruzou os braços decepcionado. – Já estava procurando por uma briga, não é? É por isso que eu digo que você é uma má companhia, Bruno.

- Sei... Mas vai me dizer que você também não gostaria de dar umas pancadas naquele namoradinho metido dela?

Isaac balançou os ombros e riu, pensando em como seria entrar diretamente em uma briga. Ele raramente precisava levantar o braço para fazer alguma coisa, pois Bruno sempre estava lá para lutar antes dele. Os dois já haviam feito aulas de todo tipo de artes marciais, mas Isaac raramente as usava fora do tatame. Quem precisava disso com um amigo como Bruno a seu lado?

A campainha tocou pela segunda vez naquela tarde e agora Bruno levantou menos animado. Não esperava visita de mais ninguém e odiava que interrompessem suas conversas. Queria saber mais sobre Cláudia e se ela tinha alguma amiga disponível. Atendeu a porta e fez um muxoxo, estranhando as figuras que estavam em frente à sua casa. Eram sete pessoas que formavam o grupo mais bizarro que já vira. Um homem de óculos escuros e um outro cabeludo o empurraram e entraram de uma vez para dentro da casa. Não fosse pela presença das duas beldades que os acompanhavam, Bruno já estaria gritando.

- O que tá acontecendo? – perguntou Isaac, vindo da sala de televisão para a sala de estar. Teve uma súbita vontade de fugir ao ver aquele grupo, mas resistiu ao notar que um deles estava segurando Bruno. O amigo tentava se soltar com algum golpe de judô, mas um negro gigante o segurou e o imobilizou sem dificuldade.

- O maior é esse aí mesmo – falou o homem de óculos escuros. – Vamos levá-lo.

Um deles, que tinha cavanhaque e usava um casaco surrado,

aproximou-se e passou a mão na frente dos olhos de Bruno. O jovem fechou os olhos imediatamente, caindo em um sono profundo.

- Não seqüestrarás não está incluído entre os Dez Mandamentos, não? – falou o do cavanhaque.

- Cale-se. Vamos embora! Liel, use uma ilusão para que ninguém note que estamos com o nefalim – chamou uma das mulheres. Seus olhos de esmeraldas fitaram Isaac, paralisando-o. O garoto observou o grupo desaparecer pela porta, ficando em dúvida sobre o que fazer. Pensou em ligar para a polícia, mas uma voz dentro avisou para não fazer nada. Era melhor ficar parado. “Isso estava para acontecer”, pensou, não acreditando na frase que aparecia em sua mente.

Isaac sentou-se de novo no sofá e olhou para a televisão desligada, quase vendo sua imagem na tela. Penava em ligar para a mãe de Bruno ou para o pai dele, mas não conseguia. Sem querer, imaginava que era melhor ficar calado e voltar para casa. Pensaria na sua vida daqui para frente. Mas como poderia se esquecer de seu amigo? Mais uma vez pensou que aquele era o destino de Bruno. Deve ter ficado pelo menos duas horas sentado sem saber o que fazer. Começou a imaginar coisas devido ao choque. Via-se rindo do destino de Bruno, vangloriando-se porque tudo dera certo. Levantou-se para ir embora e então ouviu um barulho na porta. Desesperou-se, olhando para todos os lados, procurando um meio de fugir. Poderiam ser os pais de Bruno e ele não saberia o que explicar. Poderiam ser aqueles estranhos voltando.

- Isaac – chamou uma voz da sala de estar. Ele não conseguiu resistir ao chamado. O som tocou em sua alma, despertando memórias que ele não sabia que tinha. Suas pernas o levaram para onde não queria, só parando quando viu um homem e uma mulher observando sua chegada. Ela acomodou-se em uma poltrona e cruzou as pernas, mas ele continuou de pé com as mãos cruzadas nas costas.

- Isaac, meu nome é Betânia e esse é Giuliano. Estamos aqui para conversarmos com você – disse a mulher, sorrindo como quem se prepara para negociar.

- O quê? – perguntou ele, boquiaberto.

- Neffali – chamou Giuliano, atraindo a total atenção do garoto. Ele esbugalhou os olhos e abriu ainda mais a boca, porque reconheceu de imediato o nome. – Não se preocupe, porque sua isca funcionou muito bem. Bem pensado o caso de esse meio-demônio renascer com você... Muito bem pensado, mas não nos enganou. Apenas os outros.

- Mas é claro – disse Betânia, ainda sorrindo. – Muito bem, vamos ao que interessa.

Zilliah observou aquele estranho grupo sair da casa com um garoto nos braços. Ficou parada, observando e esperando que Kesser agisse. Para sua total surpresa, o Anjo da Força continuou quieto, apenas olhando para a fuga daquelas pessoas. A princípio, ela pensou que aquilo fizesse parte do plano de Laoviah, mas precisou confirmar com o amigo. Voou até parar a seu lado.

- Zilliah? – perguntou o Caroz, surpreso com a aproximação da amiga. Sua mão foi ao machado por impulso, o que fez a outra saltar alguns passos para trás e sacar a espada e uma de suas pequenas lâminas circulares.

- O que está fazendo, Kesser? Está louco? – perguntou ela, não crendo na traição do amigo.

- Não, Zilliah. É hora de acabar com as loucuras de seu Meretz. Em nome Christos, isso vai acabar. Aceite a Boa Nova e venha comigo – gritou o anjo da Força, erguendo o machado e o escudo para lutar com a Anjo da Retribuição. Ela saltou para trás, tomando impulso com as asas, e lançou sua lâmina circular. A arma se multiplicou no ar, tornando-se sete. Kesser conseguiu rebater cinco delas com o escudo, mas duas se fincaram em seu braço. Ele não deu atenção para os ferimentos, continuando seu avanço. Zilliah o atacou com a espada, mas o traidor desviou o ataque com o escudo, abrindo caminho para o machado. A lâmina atravessou a armadura dela,

penetrando no peito esquerdo e a jogando no chão.

A Caroz caiu no meio da rua e recebeu outro ataque assim que se levantou. Conseguiu apará-lo com a espada, mas Kesser a atingiu no rosto com o escudo. Ela cuspiu sangue enquanto cambaleava. Nem bem se recuperou, sentiu a armadura se partir mais uma vez. A lâmina do traidor cortou sua barriga e os dois se olharam. Zilliah não podia acreditar que seu melhor amigo a traía. Por que o defendera? Como ele poderia ter traído Laoviah? Aturdida, ela levantou a espada e o atacou, mas o escudo impediu o golpe. Usou suas asas para pular para trás outra vez, porém Kesser adiantou-se e acertou-lhe o machado. Agora a arma caiu entre seus seios, arrancando tanto sangue e causando tanta dor que a Caroz acabou se entregando. Caiu em uma poça vermelha que não parava de aumentar, invisível para os humanos que andavam a sua volta.

- Pena que eu não posso perdoá-la – disse Kesser, alçando vôo e chamando seus guerreiros.

Zilliah continuou caída, sentindo a vida deixar seu corpo. Lágrimas se misturaram e perderam-se em seu sangue. Eram suas últimas forças que iam embora. “Meu Meretz... eu duvidei de suas palavras. Eu me sacrifico por isso, aceitando a punição”, orou ela, preparando-se para ativar seu poder máximo. Era hora da retribuição. Sua morte, seus sentimentos traídos, a fê de Laoviah, tudo precisava ser vingando. Os anjos precisavam receber a retribuição e ela viria por intermédio de todos os Caroz. Era chegado o momento de levantar de vez as lâminas.

As nuvens tornaram-se mais escuras e o dia se tornou noite. Relâmpagos sugiram ameaçadores no meio da tempestade que se formava. Os mortais sentiram seus corações oprimidos, mas todos os Caroz ganharam força ao levantar suas armas. A força do castigo e da retribuição era invocada e liberada dentro deles. Zilliah fez sua última oração e calou-se para sempre. Seu corpo desapareceu, tomando-se um vapor que subiu aos céus para se misturar à tempestade que estava prestes a cair.

Os três observaram a correria do grupo de cima de um prédio, reconhecendo Francisco e Gabriela no meio dos anjos. Af sabia que os outros eram Dumah e Laviniah, antigos inimigos, mas demorou um pouco para reconhecer Elkalas e Zem'Yuriah. Não sabia o nome do anjo de cabelos brancos, mas lembrava-se de seu rosto. Já lutara com ele outras vezes. Era membro das Lanças Christos na última vez em que se encontraram. O Irmão Rubro avaliou a força deles e traçou uma estratégia para separá-los e matar um a um enquanto Patrícia pegava o nefalim e o levava para um local seguro. Suas espadas despontaram no exato momento em que o dia escureceu. Olhou para cima, impressionando-se com as nuvens negras. Não era a primeira vez que as via. Aquilo era sinal de ira divina, o que não representava nada de bom para os inimigos de Laoviah.

- Vamos – disse ele, achando melhor atacarem antes que os Caroz aparecessem.

- Não... veja... – apontou Letiziah. Ela mostrava um grupo de celestiais tentando se esconder enquanto escoltava. Contaram quinze deles andando como fantasmas no meio das pessoas, usando poderes para ocultar sua presença. Af irritou-se por não ter notado aqueles inimigos antes. – Precisamos acabar com eles primeiro.

- O momento é propício para assassinato – falou Af

Patrícia não precisou ouvir mais nada. Saltou como uma sombra, passando rente às janelas do prédio. Tocou o chão como uma pluma e misturou-se às pessoas, andando atrás delas como se fosse seu anjo da guarda. Arrancou uma adaga do manto rubro enquanto começava a perseguir um anjo. Via o elmo do inimigo aparecendo às vezes no meio das pessoas, apesar dos poderes ilusórios que ele tentava utilizar para se esconder. “Desde quando um anjo pode se esconder melhor do que um demônio?”, pensou ela, aproximando-se. O celestial movia a cabeça de um lado para o outro, na maioria das vezes para cima, esperando pela chegada dos Caroz que sobrevoavam a cidade. Patrícia riu da ingenuidade dele, ficando a dois passos do

inimigo. O coitado só notou a presença dela quando a adaga já estava enfiada em sua garganta. Ele tentou reagir e chamar a atenção dos outros com seus poderes mentais, mas Patrícia não deixou. A assassina sobrecarregou os pensamentos dele com culpa por ter falhado na missão. Deixou seu corpo cair na calçada e não parou para ver a poça de sangue celestial formando-se. Nenhum dos mortais notou o assassinato espiritual.

A Irmã Rubra começou a caçar outro inimigo, notando que Af e Letiziah já faziam cabeças dos anjos restantes desaparecerem no meio dos humanos. Eles continuaram com os assassinatos, agindo furtivamente como gostavam. Suas principais técnicas eram para matar furtivamente, não para combates diretos como haviam feito nos últimos dias.

Ziriel era um dos generais de Rafael, o Príncipe da Vida. Fora o primeiro a se oferecer para a perigosa missão de se infiltrar na cidade e proteger a fuga de Laviniah e dos outros. Ele estava ansioso por agir e confiava no seu poder, já que era um dos mais poderosos guerreiros de Rafael. Escolheu os soldados mais furtivos e habilidosos que tinha, apesar de saber que nenhum deles era especializado em poderes furtivos. Contava com a fé e a habilidade na espada que tinham, esperando que aquilo fosse suficiente. Só percebeu seu erro ao sentir um frio na nuca, um aviso de perigo. Olhou para trás bem a tempo de ver um guerreiro de manto rubro se aproximando com uma adaga na mão. Lamentou por seus soldados no momento em que viu o sangue pingando da arma.

- Maldito! – gritou, já enviando uma mensagem telepática para Laviniah. “Saíam daqui agora. Há Irmãos Rubros por aqui”, avisou, sacando sua espada para enfrentar o assassino. Arrependeu-se por não ter sido mais atento e pediu perdão a Christos e Rafael. Orou pelas vidas dos soldados. Era a primeira vez que via seus subordinados caírem tão facilmente, mas não podia contar que eles enfrentassem

assassinos tão habilidosos como aqueles. – Quem ousa enfrentar esse guerreiro da fé?

O inimigo retirou o capuz, revelando-se como Af, o Anjo da Fúria. Arremessou a adaga contra o celestial enquanto sacava suas espadas. Ziriél moveu-se para a esquerda, deixando a adaga passar e levantando um escudo que apareceu subitamente em seu braço. Defendeu-se das espadas de Af e recuou para um golpe estratégico. Durante o recuo, Ziriél usou suas asas para dar um impulso de um lado só, girando depressa o corpo e esticando a espada para cortar Af. Foi por pouco que o assassino escapou do ataque, saltando dois metros e pousando com um sorriso. Aquele fora um bom golpe, merecia ser copiado e aperfeiçoado.

- Do que ri, criatura amaldiçoada? – perguntou o anjo, brandindo a espada para um novo ataque.

Af continuou parado, apenas observando. Baixou suas armas, para a surpresa de Ziriél. O celestial pensou em se aproveitar do momento, mas sentiu um calafrio na nuca mais uma vez. Era aquela sensação de perigo. Ele tentou se virar, mas uma espada atravessou sua barriga antes que se mexesse. Quando olhou para o lado, viu uma Irmã Rubra saltando sobre ele para enfiar uma adaga em seu olho. A assassina continuou sobre seu corpo, levantando e baixando a adaga, sujando-se com o sangue celestial. A espada também entrou e saiu de Ziriél várias vezes antes que ele caísse.

Af passou correndo pelas duas assassinas, continuando sua perseguição para pegar o nefalim. As duas o seguiram satisfeitas por terem matado aquele general. Nem imaginavam que aquele acontecimento era melhor para Laoviah e que o Serafim já esperava ver as forças de Lúcifer e de Rafael se embatendo, destruindo-se e se enfraquecendo para depois sucumbirem sob seu poder.

Helenius e Ephain estavam disfarçados em sua forma humana. Haviām visto Elkalas e Zem'Yuriah entrarem na casa e saírem com

nefálim. Deveriam acompanhá-los, agindo como uma terceira escolta, que os protegeria no mundo mortal enquanto Ziriél cuidava da guarda espiritual. Já deveriam estar em movimento, seguindo os outros como sombras, mas preferiram ficar. Melhor dizendo, Helenius preferiu não cumprir as ordens de Rafael.

- Dilúvios! E você acha que eu vou lá ficar dando ouvidos praquela doido? Lógico que não! Pra que mais defesas, sendo que um general celestial está com eles? Ainda mais de um Arcanjo de cidade do interior e de um Querubim bundão. Tudo bem que eu sou o máximo, mas você, Ephain? Você é a grande desgraça dessa cidade – disse ele, sentando-se no meio-fio e olhando emburrado para a casa de Bruno.

Ephain tentou abrir a boca para convencer o amigo a se levantar e seguir com a missão, mas quando Helenius começava com seus discursos de protesto, era difícil convencê-lo a se mexer. O máximo que o Querubim podia fazer era ficar calado e continuava errado da mesma forma. Entediado e aflito para seguir sua missão, Ephain olhava de um lado para o outro, pensando como Trael o culparia pela desobediência, afirmando mais uma vez que ele estava desencaminhando o Arcanjo.

- Vamos embora, Helenius – disse, quando o Arcanjo parou para respirar. Foi quando ouviram o barulho de uma luta e notaram que Zilliah e Kesser batalhavam acima deles, invisíveis aos olhos mortais, mas pouco discretos para os sentidos sobrenaturais. Assustados, eles acharam melhor se esconder, saltando um muro e caindo no jardim de uma casa. Encostaram-se nos tijolos e ficaram sentados, esperando que a batalha do outro lado passasse. Um cachorro avançou sobre a dupla, mas Ephain usou seus poderes para acalmá-lo e ficou um bom tempo o acariciando. – Adoro animais...

- Grande... agora essa. Fica aí reclamando agora porque não é um anjo Potência pra cuidar da natureza. Por que você nunca fica satisfeito com nada, Ephain? – xingou Helenius.

- Mas...

- Mas nada! A gente no meio de uma guerra como essa e você

só sabe reclamar de tudo e de todo mundo. – O Arcanjo começou a ladainha, enchendo os ouvidos do Querubim. Até o cachorro se cansou daquela fôlação e saiu de perto deles. Helenius começou a falar tanto que alguém os ouviu dentro da casa e eles foram obrigados a saltar para fora. A essa altura, a luta de Kesser e Zilliah já acabara e as nuvens negras já haviam tomado o céu. Impressionados, os dois ficaram na rua por algum tempo, ainda pensando no que deveriam fazer. Não adiantava mais seguir Elkalas e Zem'Yuriah.

- Talvez seja melhor voltarmos e falarmos com Trael e Rafael – sugeriu Ephain.

- Já te avisei pra não ler meus pensamentos, Ephain! – gritou Helenius, enquanto algumas pessoas corriam por eles, aflitas para chegarem em casa antes da chuva. Seu grito só não chamou muita atenção porque trovões ribombavam como gritos irados de divindades do tempo.

- Mas eu não...

- Chega! – Mais uma vez a ladainha começou e Ephain se pôs a olhar de um lado para o outro, preocupado com as mudanças súbitas do tempo. O Querubim reconheceu um rosto junto à porta da casa de Bruno. Era Giuliano ou melhor, Zih'Diel. Ele tocou no ombro de Helenius, mostrando o inimigo no exato momento que ele entrava acompanhado de uma mulher. – Zih'Diel! E você querendo sair daqui, Ephain! Será que não tem vergonha não? Tá com medo, é? Vamos ver o que está acontecendo!

Os dois desapareceram das vistas dos mortais, voltando para suas formas de anjos e brandindo suas armas. Ephain retirou o arco das costas e Helenius preparou a espada. Nervosos, ambos começaram a caminhar na direção da casa. Ephain usou seus poderes para ouvir o que se passava lá dentro assim que atravessaram a rua. Surpreendeu-se com o que ouviu.

- O nefalim... Aquele que eles pegaram não é o nefalim... Era uma isca... – disse ele.

- O quê? Precisamos avisar os outros – disse Helenius, começando a virar-se para partir. Bastou dar meia-volta para ver um

inimigo do outro lado da rua. Era o mesmo Caroz que já haviam enfrentado e que quase os matara. O Assassino Abençoado aparecera de novo para os atormentar. Ephain apontou seu arco para o inimigo. – O que faz aqui?

- Eu sou o anjo da guarda de Neftali... Ou melhor, o Caroz Guardião da alma dele. E vocês estão o ameaçando – falou o Assassino Abençoado. – Preparem-se para a espada de Tel'Merah.

Helenius reconheceu aquele nome. Aquele era o guerreiro que um dia protegera um dos portões da Cidade de Prata. Fora deslocado para guardar a alma de um humano predestinado a lutar contra as hordas demoníacas. Não podia acreditar que ele agora estava do lado de Laoviah. O Arcanjo ergueu o braço, fazendo Ephain baixar seu arco.

- Você não vai lutar, meu amigo. Vá contar o que sabe para os outros – disse ele, apontando sua arma para Tel'Merah.

- Mas você não pode lutar contra ele sozinho...

- Por favor, Ephain...

O Querubim comoveu-se ao ouvir o amigo pedindo por favor. Aquelas palavras raramente saíam da boca dele, principalmente em um tom tão calmo. Tel'Merah ria para a dupla, trocando a expressão para ira apenas quando saltou a rua para atingir o Querubim com a espada. Helenius parou em frente ao amigo e defendeu o ataque, passando a disputar força com o inimigo. Ephain ficou parado por alguns segundos, em dúvida sobre o que fazer. Só abriu as asas depois de orar por Helenius, deixando o Arcanjo entregue a uma última batalha. Esperava ter a oportunidade de cair como aquele guerreiro, que revelava sua verdadeira natureza naquele momento difícil. O Querubim seguiu o vento, tentando tomar uma rota que não o levasse até os Caroz espalhados por Divinópolis.

Tel'Merah tentou escapar de Helenius para pegar o Ephain, mas o Arcanjo estava usando todas as suas energias para distrair o Caroz. Nem bem o guardião saltou para lançar suas armas contra o fugitivo, o anjo já o assaltava com a espada, fazendo-o assumir a defensiva. Tel'Merah abaixou-se para escapar de um golpe e deu uma estocada, mirando a barriga do celestial. Helenius curvou o corpo para

trás, escapando do ataque, depois rolou para evitar um segundo golpe. Tel'Merah adiantou-se para continuar as espadadas, mas o Arcanjo passou-lhe uma rasteira. Para escapar de uma queda, o Caroz saltou e deu uma cambalhota no ar, caindo atrás de Helenius e atacando mais uma vez. O Arcanjo tentou se curvar para frente para escapar, mas a lâmina cortou suas costas. Mordendo os lábios por causa da dor, o anjo virou-se enfurecido, atacando em um arco que deveria acertar o pescoço de Tel'Merah. O Caroz defendeu-se e os dois mediram forças mais uma vez, forçando a arma um do outro. Helenius aproximou-se e cuspiu no inimigo, sujando-lhe o rosto, mas Tel'Merah não alterou sua concentração na luta.

Eles se separaram saltando para trás. No meio de seu pulo, Tel'Merah pegou seus dardos e lançou sobre o inimigo, procurando por seus pontos vitais. Helenius conseguiu deter dois dos projéteis usando a espada, mas foi atingido no coração e no olho. Por pouco não ficou totalmente cego, conseguindo evitar um outro ferimento ao mover o rosto. O dardo fincou-se em sua bochecha. Sangrando-se e sentindo-se fraco, o Arcanjo tentou invocar seus poderes para regenerar as feridas, mas foi inútil. Tel'Merah já estava sobre ele antes que o sangue parasse de escorrer. A espada do inimigo enfiou-se em seu peito, apenas para ser retirada mais uma vez e entrar outras tantas em seu coração. Helenius sentiu cada estocada, ainda segurando a própria arma. Apesar da dor e da derrota, não se sentia mal. Orava uma última vez, mirando o céu com o olho bom e notando que Ephain já desaparecera. Nada mais lhe importava. Cumprira sua missão. Caiu de joelhos finalmente, com a cabeça voltada para cima. Agradeceu a Demiurgo pela morte honrada e pela oportunidade de cumprir seu dever. Antes de falar o último obrigado, sua cabeça rolou pelo chão. Tel'Merah chutou aquela parte decepada e deu as costas para o Arcanjo.

O Caroz entrou na casa e foi recepcionado por Betânia e Zih 'Diel. Ela fez sinal para que ele aparecesse para os olhos de Neffali. O garoto ficou ainda mais pálido ao ver aquele ser sujo de sangue, com a espada vermelha e gotejante, parado no meio da sala.

- Esse é seu anjo da guarda, Neffali. Ele o protegerá de todas as ameaças demoníacas e dos anjos traidores de Demiurgo. Não se preocupe, porque o poder dele aumenta muito quando é para o proteger de uma ameaça. Seu nome é Tel'Merah, seguidor fiel de nosso Meretz – apresentou Betânia. O Caroz Guardião acenou com a cabeça e depois desapareceu da visão do nefalim. – Grandes obras o aguardam. Prepare-se, Neffali.

- Eu avisei para usarmos o carro – reclamou Francisco, quando finalmente pararam de correr. Já estavam quase na rodovia que levava para Belo Horizonte. Tudo estava tão escuro que eles não podiam saber se era dia ou noite. As luzes das casas já estavam acesas. Fora isso, a única iluminação que obtinham era dos relâmpagos que surgiram no meio das nuvens, às vezes, descendo como chicotes divinos. Havia poucas casas no lugar e eles estavam todos encostados em um muro. Dumah colocara Bruno no chão e agora olhava para os lados, vendo que os Caroz voavam pela cidade, reunindo-se para um ataque. Não foi só isso que o anjo do silêncio notou. Procurando pelos anjos que deveriam estar os protegendo, não encontrou nenhum. Cutucou o ombro de Laviniah, avisando que havia algo de estranho.

- Onde está nossa proteção, Elkalas? – perguntou a guerreira, imaginando que os celestiais poderiam estar escondidos e rezando para que Ziriël vivesse.

O anjo da morte levantou a cabeça, procurando pelos aliados. Sacou a espada tão logo teve certeza da ausência deles. Os outros acompanharam o movimento do anjo da morte, sem se importar se alguém na rua poderia notar aquelas atitudes. Só Francisco percebeu o quanto era perigoso mostrarem as armas daquele modo. Começou a usar uma magia de ilusão que afetaria apenas mentes fracas, pois duvidava que existisse um arquimago dentro de uma daquelas casas. Nenhum humano os notaria fazendo qualquer ação inexplicável. Os mortais nem chegariam a notar a presença deles, ainda que gritassem

ou balançassem suas armas para chamar a atenção.

Dumah segurava o braço de Bruno para ter certeza de que não perderia o garoto. Estavam próximos ao muro, usando-o como proteção de sua retaguarda. Tinha o machado erguido e sua atenção voltada para a frente e para cima. Errou ao imaginar que o perigo não poderia vir de trás. Antes que pudesse reagir, alguém segurou seu pescoço e enfiou uma adaga em seu peito. Era Af, saindo das sombras que o enorme corpo do anjo do silêncio projetava. O assassino esfaqueou Dumah outras três vezes antes de desaparecer nas sombras mais uma vez. Letiziah já havia pegado o nefalim e o levado para a escuridão enquanto o companheiro atacava o anjo.

- Dumah – gritou Laviniah ao ver o amigo ajoelhar-se fraco. Ela procurou pelos inimigos, mas eles já haviam desaparecido. – Eles estão nas sombras...

Liel reconheceu sua deixa. Chamou por seus poderes mágicos, usando toda sua luz para acabar com as sombras da região. Uma área de cinquenta metros iluminou-se tanto e tão repentinamente que se poderia dizer que um relâmpago caíra no lugar. Foi um efeito rápido, mas Elkalas já estava com Foice e Desencarnadora preparadas. Viu os inimigos apenas de relance. Sacara as pistolas já sabendo que eles precisariam estar na forma material para poderem pegar Bruno. Viu Afe e uma anjo caída vestida de preto saltando e mirou sem perdão. As balas deixaram a arma silenciosas como um cadáver. Passaram sobre os ombros de Liel e por pouco não atingiram a testa de Zem'Yuriah. Continuaram seu caminho até se alojarem nos corpos dos inimigos. Desacostumados com aquele tipo de ataque, os dois pararam e se viraram para ver o que estava acontecendo. Outros dois tiros perfuraram seus peitos. Os dedos do anjo da morte começaram a pressionar os gatilhos mais uma vez, mas pararam quando ele viu quem era a assassina de negro.

- Letiziah... – disse, quase parando o tiro, porém, como arauto da morte, não podia parar sua missão. Respirou profundamente antes de deixar as balas voarem mais uma vez. Os tiros teriam acertado as testas dos inimigos, entretanto o ataque foi detido quando a espada

de Patrícia bateu nas pistolas. A Irmã Rubra tentou acertar Elkalas, mas foi impedida por Zem'Yuriah, que a obrigou a saltar das sombras de onde viera. Ela apareceu ao lado de Afe e Letiziah, que já estavam de pé e preparados para lutarem. Bruno continuava dormindo e caído ao lado deles.

- Vocês não conseguirão fugir – gritou Laviniah, parando ao lado de Elkalas. Ela esperava ver o anjo da morte erguendo as pistolas mais uma vez, mas ele ficou parado. A guerreira teve certeza de que, debaixo dos óculos escuros, os olhos dele miravam a assassina de negro.

- Letiziah... Af... desistam! – gritou Zem'Yuriah, que também conhecia a Auréola Negra. – Entreguem o nefalim.

O anjo da destruição tentava imaginar o que aqueles assassinos queriam com o garoto. Ele sabia para quem Letiziah trabalhava e não conseguia entender o que Lúcifer queria com Neffali. Olhou para Elkalas consternado e notou que o anjo da morte começava a erguer as pistolas mais uma vez. Tinha aquele rosto decidido, de alguém que se dedica ao trabalho sem se preocupar com mais nada, tornando sentimentos coisas fúteis, detalhes a serem esquecidos. Teve pena do amigo, pois reconhecia aquele tipo de sofrimento.

- Elkalas, deixe comigo – falou Zem'Yuriah.

O anjo da morte não deu atenção, apontando sua pistola para Letiziah. A anjo caída olhou-o com atenção, assumindo a mesma expressão que o celestial. Ela deixou a forma material, assumindo a essência do espírito para se proteger das pistolas e apontando a espada para o inimigo. Lentamente, Elkalas guardou as pistolas e sacou a espada Boas Vindas à Morte e a adaga Meus Pêsames.

- Elkalas... – chamou Zem'Yuriah.

Os ouvidos do anjo da morte não assimilavam as palavras do anjo da destruição. Elkalas colocou a mão debaixo da camisa e pôs para fora um medalhão na forma de um crânio atravessado pela espada. O cordão era todo feito de outros pequenos crânios. Aos poucos sua forma foi mudando. Os outros esperavam que ele assumisse a mesma que usara para enfrentar o Assassino de Almas, mas apenas deixou que

a venda substituísse os óculos e as asas negras surgissem. Alcançou dez metros de altura com um salto e apontou a arma para os assassinos.

- Gabrielita... – sussurrou Patrícia. Ele conhecia aqueles assassinos de assassinos. Eram os guerreiros da morte de Gabriel, treinados para caçar os matadores do Inferno.

- Letiziah... Af.. Patrícia... Em nome de Demiurgo e pela espada de Gabriel, Príncipe da Morte, venho negar-lhes o direito de continuarem sua existência.

Af dobrou as pernas para saltar na direção de Elkalas, mas Letiziah o impediu, estendendo o braço contra o peito do Irmão Rubro.

- Ele é meu. Temos alguns assuntos para resolver – explicou ela, abrindo as asas de penas brancas e douradas. Parou na mesma altura que o inimigo. – Antes eram nossos lábios... agora nossas espadas se beijam.

- Irônico, não? De amor para ódio... Eu costumo causar essas reações... Ou as pessoas se jogam de alturas por minha causa ou correm de mim como se eu fosse a criatura mais assustadora do mundo – disse Elkalas, no que deveria ser uma brincadeira, mas sua voz soou fria como a de um anjo da morte comum. Não conseguia agir do modo habitual ao ficar diante de Letiziah. Depois de séculos sem vê-la, não era fácil encontrar sua paixão mais uma vez, aquela que quase o fizera cair. – Lutei tanto a seu lado e agora sou destinado a caçá-la... Sua traição realmente compensou?

- Óbvio... Faria tudo de novo para estar nos braços do Portador da Luz... – provocou ela, sabendo que alcançaria o coração distante do anjo da morte.

Elkalas suspirou desanimado. Amigos seus haviam morrido por causa daquela assassina, fosse pela espada dela ou pelas consequências de sua traição para se juntar a Lúcifer. Talvez aquele fosse o momento de vingar todos aqueles anjos.

- Dê boas vindas à morte – falou o anjo, avançando para a luta. As espadas zuniam no ar, antes de emitirem um som agudo

quando se embatiam. Elkalas procurava as falhas na defesa de Letiziah, procurando pelas mesmas que ela tinha quando um dia fora sua aliada. A Auréola Negra cobrira a maioria delas, mas ainda deveria haver algumas que Elkalas poderia usar. Preparou-se para uma estocada violenta, mas um grito chamou-lhe a atenção. Os dois inimigos se distanciaram e olharam para os lados. Sua atenção foi atraída para Af, que segurava uma flecha destinada a encontrar seu coração. Procuraram o autor do disparo e encontraram Ephain parado no telhado de uma das casas.

- Vamos embora... Precisamos chegar até Rafael! – gritou o Querubim. – Os Caroz estão muito agitados, não vou conseguir passar sozinho por eles.

- Temos que pegar o nefalim! – gritou Zem'Yuriah.

- Esse não é o nefalim! É apenas uma isca! Vamos embora! – gritou Ephain. Ele ainda apontava o arco para Af

O Irmão Rubro olhou para o jovem caído a seu lado e o analisou. Não havia como diferenciar um nefalim de um humano normal, mas ele precisava ter certeza do que o Querubim estava falando. Sabia que o anjo não poderia mentir ou já teria caído, entretanto ainda achava que estava sendo enganado. Letiziah pousou ao lado do assassino e analisou o corpo de Bruno como se quisesse inutilmente comprovar as palavras de Ephain. Acabaram concluindo que o Querubim não poderia estar mentindo. Laoviah os enganara.

- Minha missão acabou – sussurrou Af, apontando as espadas para os inimigos. Ele avançou sobre o adversário, girando as armas em um ataque que mais parecia o frenesi de um animal acuado. Quando se deu por satisfeito, parou e desapareceu no meio deles, misturando-se às sombras. Laviniah procurou Liel para que o anjo invocasse sua magia mais uma vez, mas ele havia desaparecido, assim como Patrícia. De seus inimigos, apenas Letiziah ficara, como se ainda tentasse entender o que estava acontecendo.

- Agora é só você... – disse Laviniah, apontando para a Auréola Negra.

A anjo caída riu antes de se transformar em uma sombra e

desaparecer. Laviniah baixou a cabeça, chateada com a fuga dos inimigos e o rapto de Liel. Sua atenção voltou-se para Dumah quando viu o anjo do silêncio levantando-se, quase recuperado das feridas, porém sem condições de lutar. Elkalas pousou a seu lado, enquanto Gabriela corria para ajudar Bruno. Sentimentos afloravam. Laviniah sentia uma pontada de ciúmes ao perceber a tensão que havia entre Elkalas e Letiziah; a amante de Francisco expunha suas tendências maternas ao se preocupar com Bruno.

- Nem preciso dizer que é preciso guardar segredo – disse Elkalas, falando do fato de ele ser um Gabrielita. Todos concordaram, exceto Francisco, que havia se aproximado de Gabriela como se realmente estivesse preocupado com Bruno. – Francisco, isso serve pra você também. Nada de vender essa informação ou eu venho te buscar.

- Não sei por que desconfiar assim da minha pessoa. Assim você me ofende, Elkalas – falou o mago, percebendo que não poderia escapar daquela. Imaginava o quanto não valeria a informação. Acabara de descobrir que existia mais uma ordem secreta no céu e sabia quem era um de seus membros. – Gabriela, venha. Temos que salvar Liel.

A anjo acabara de encostar Bruno ao muro, depois de se certificar de sua boa saúde. Ela se emocionou quando ouviu Francisco se preocupar com o amigo. Gostava quando o mago tentava ajudar alguém que amavam. Abraçou-o e o beijou, sussurrando uma promessa carnal em seu ouvido.

- Às vezes até que compensa ser bom – comentou o mago. – Nós já vamos.

- Que Demiurgo esteja com vocês, mas esqueçam-se de mim por um tempo. Espero que eu não precise ir até vocês – disse Elkalas. Ele não poderia acompanhar os dois, pois sua presença seria necessária na batalha que se seguiria. Zem'Yuriah estava na mesma situação. O anjo da morte olhou para Laviniah, praticamente perguntando se ela não queria ir.

A guerreira sabia que fazia parte de sua missão continuar protegendo Francisco. Não poderia deixar que o mago e os anjos que o acompanhavam sumisse. Eles deveriam estar nos planos de Laoviah

ainda. Ela olhou para Elkalas com vontade de o abraçar e sentiu-se surpresa quando o anjo da morte a envolveu em seus braços. Os lábios dele tocaram sua bochecha, deixando-a corada e sem reação. Devagar, abraçou-o e o apertou com força, como se fosse a última vez que o visse. Mais uma vez aquela impressão que o anjo da morte sempre deixava nas despedidas.

- Eu a verei depois... e não será a trabalho – falou o anjo da morte, alçando vôo.

Laviniah o observou partir com as pernas fraquejando. Ao voltar-se para o resto do grupo, constrangiou-se com os olhares que estavam direcionados para ela. Gabriela parecia assistir a um filme romântico, mas Dumah não tinha nada de diferente. O problema era com Francisco que olhava cheio de maldade.

- Agora eu sei o que é o problema dessa mulher... É falta de homem mesmo! – disse o mago, apontando para ela e rindo.

O constrangimento foi superado instantaneamente assim que o mago abriu a boca para fazer aquele comentário. A raiva saiu pela garganta da anjo e ela precisou se conter para não avançar sobre aquele humano mal educado.

- Deixe disso... Temos que encontrar Liel – disse ela.

Francisco assentiu ainda rindo. Suas gargalhadas só cessaram quando recebeu uma cotovelada dolorosa de Gabriela.

- Tudo bem... Tudo bem... Eu sei um jeito muito fácil de encontrar Liel... – disse o mago.

- Como? – perguntaram as duas anjos em conjunto.

- Eu criei uma magia especial para localizá-lo – contou o mago, cruzando os braços e erguendo uma sobrancelha como se fosse a criatura mais inteligente do mundo. Orgulho era o que não faltava naquele rosto.

- O quê? Mas por que você faria isso? – perguntou Laviniah, duvidando que Francisco pudesse fazer qualquer coisa com boa intenção.

- Ora... O sujeito estava para morar comigo e eu nem o conhecia. Pra dizer a verdade, ele não tinha bons antecedentes. Onde já

se viu... Ele andava com uns tais Lanças de Christos! Então eu tratei de criar uma magia para localizá-lo caso um dia eu precisasse matá-lo. Não sabia se ele viria a me roubar ou fazer qualquer coisa do tipo.

- Tais Lanças de Christos? É bom te lembrar que Gabriela era uma das nossas... – falou Laviniah, chateada com o comentário. Mas quando é que ela não se chateava ao ouvir alguma frase saída da boca de Francisco?

O mago abraçou a amante e beijou sua bochecha.

- Mas ela foi suficientemente inteligente para procurar algo muito melhor assim que apareceu: eu.

Laviniah apontou um dedo para Francisco e perguntou para Gabriela com a voz carregada de desdém:

- E isso é melhor?

A amante de Francisco quase ficou constrangida, mas depois se lembrou de que já desafiara Laviniah mais uma vez. Não devia nada a ela.

- Você precisaria experimentar para saber... Mas ele já tem dona e você precisaria ter coragem para isso.

A guerreira celestial se admirou com a resposta e começou a rebater, mas foi interrompida por Francisco.

- Olha, você vai acabar levando uma surra de novo. Então vamos procurar Liel de uma vez, certo?

Laviniah observou Francisco executando a magia enquanto pensava nas palavras que ouvira do casal. Era a primeira vez que as provocações do mago tocavam tão fundo em seu coração, talvez porque Gabriela houvesse concordado com ele. Também havia o problema da aproximação de Elkalas. Ela não sabia o que fazer. Carregada de dúvidas, seu último recurso era levantar as armas e lutar para esquecer o que estava acontecendo. Teve saudades dos velhos tempos, em que não precisava se importar com os sentimentos latentes. Orou para esquecer que tinha um coração, mas duvidava que o Senhor ouvisse suas preces. Talvez aquilo fizesse parte de sua provação.

- Vamos embora! Agora deixe de ser ranhosa e venha com a gente! – disse Francisco, aparentemente tendo sucesso em localizar

Liel.

Uma onda de desânimo atravessou o corpo de Laviniah, quase a jogando no chão. Ela baixou a cabeça e orou mais uma vez. Ficou pensando nas palavras do mago. Tanto ele quanto Gabriela pareciam a considerar uma perfeita idiota mandona. A guerreira não deixou de pensar nos últimos colegas das Lanças de Christos que haviam caído, nem naqueles que morreram. Talvez precisasse mudar seu comportamento, apesar de ainda imaginar que seus modos fossem ideais para uma líder. Ela não podia se envolver ou deixar sentimentos atrapalharem. Deveria ser intransigente para tomar algumas decisões difíceis. Mas será que não estava se comportando assim o tempo todo? Será que não estava se esquecendo de que precisava ser diferente para ter amigos ou... para ter Elkalas? Decidiu por não fazer mais perguntas. Usaria a espada e a lança como as melhores respostas para qualquer questão que viesse à sua mente. Nada como uma guerra para afogar todos os problemas pessoais.

Victorius, julgando-se o melhor servo de Moloch no mundo, colocou a caixa com a Chave no chão da casa. Ria e batia palmas para si mesmo como um louco. De fato, ele era um assassino insano. Só podia ser, pois quem em sua plena sanidade estaria em uma casa com corpos cortados e queimados espalhados pela sala? Quem teria entrado ali e matado toda a família para depois colocar uma escrava, Cássia, para preparar comida em uma cozinha que tinha sangue até no teto? Só uma criatura que tinha como maior sonho satisfazer todas as suas perversões sexuais e banhar-se em sangue como um deus recebendo sacrifícios estaria em uma situação como aquela. Naquele exato momento, Victorius imaginava que faltava pouco para realizar seus desejos, muito pouco. Começou a imaginar como abriria a droga da caixa. Coçou a cabeça imaginando um feitiço capaz de liberar a Chave.

- Finalmente... – disse alguém atrás dele.

Victorius virou-se devagar e respeitosamente, vendo Moloch

em sua forma humana. O anjo caído estava acompanhado dos Irmãos Rubros que haviam sobrevivido às batalhas com o grupo de Francisco. Afe e Patrícia também estavam lá.

- Acabou seu trabalho, Af? – perguntou o mago, sem medo do assassino.

O Irmão Rubro não se deu o trabalho de responder. Jogou o corpo de Liel no chão e virou-se para seu líder.

- Fiz o que precisava ser feito. Espero que agora eu esteja liberado – falou Af, baixando a cabeça levemente para falar com seu superior.

- Pode voltar para o Inferno se é isso o que quer. Pena que não queira presenciar meu poder máximo. Finalmente terei minha verdadeira forma liberada sem restrições na Terra. Não se surpreende com isso? – perguntou Moloch, enquanto Victorious ria feliz a seu lado. – Nenhum dos outros líderes da Irmandade Rubra tem esse poder. Não imagina o que eu posso fazer pela seita aqui no mundo dos vivos?

- Eu o congratulo – disse Af, fazendo uma mesura e dando as costas para os outros. Rasfirian soltou um rosnado desafiador para o outro assassino, mas não recebeu a mínima atenção. Af partiu acompanhado da amante, deixando que os anjos caídos, os demônios e o mago terminassem seu trabalho.

Moloch não deu atenção à deserção de Af, estando satisfeito com o fato de ele ter entregado Liel. Aproximou-se da caixa e a verificou, tentando entender a demora para Victorious abri-la.

- Ainda estou pensando em uma magia que possa a abrir.. Caixa estranha – falou o mago.

O Decaído, um dos mais antigos, sorriu para ele, deixando os olhos brilharem e um canino afiado aparecer entre os lábios. Fechou um punho e colocou a palma aberta sobre ele. Foi distanciando uma mão da outra e uma lâmina surgiu em pleno ar. Sem dar explicações, usou-a para partir a caixa ao meio e ela se abriu como se fosse feita de isopor. Uma esfera de diamante rolou pelo chão, indo parar sobre uma poça de sangue coagulado. O objeto emitia um brilho intenso, como se houvesse chamas em seu interior. Um som de gritos e pedidos de

ajuda, assim como calúnias começou a se espalhar pela casa.

- O doce som do Inferno. É mesmo a chave – disse Moloch, estendendo a mão e fazendo a esfera parar em sua palma. – É hora de ativá-la. Pegue o sangue desse anjo fedido.

- Não entendo... Por que estamos indo embora? Por que não continuar aqui e apoiar um dos nossos líderes em um de seus momentos de glória? – perguntou Patrícia, aflita por deixar Moloch e perder a oportunidade de entrar em uma batalha onde poderia matar dezenas de anjos. Tingiria seu manto com o sangue deles tantas vezes que o deixaria negro, quase da cor da roupa de seu amante.

- Pode ficar se quiser – falou o anjo caído, ainda andando para fora da casa. Eles pararam no jardim, olhando para os espíritos de corvos que cercavam o lugar. Eram criaturas negras de olhos flamejantes, criadas no Inferno por Rasfirian. – Nem de longe são como os corvos do mestre dele... – comentou Af, só parando de andar porque Patrícia o puxara pelo manto. Olhou para a amante com uma ordem e uma ameaça. Ela largou o tecido, mas não parou de insistir. – Patrícia, se Moloch conseguir o que quer, nós nunca mais poderemos pisar no Inferno. Se a seita tem muitos inimigos, terá todos tanto no Céu, quanto na Terra, quanto no Orco. Muitos demônios não admitirão que nós tenhamos alguém tão poderoso assim à solta. Nem Lúcifer. Acredite, ele já está tramando. E quando ele o faz...

- Mas a seita é poderosa... – argumentou Patrícia.

- Mas não é indestrutível, como já foi provado uma vez. E ainda estamos nos recuperando da última investida de nossos inimigos. Vamos voltar para o Inferno...

Af retirou uma cruz invertida de dentro do manto, enquanto olhava para o telhado de uma casa logo adiante. Patrícia olhou na mesma direção, demorando um pouco para notar que Laviniah e os outros estavam à espreita. Levou a mão à espada, pronta para retirar a arma da bainha, mas Af soltou uma risada sarcástica e a abraçou. O

anjo caído ativou seu item mágico, criando uma passagem de volta para o Inferno. Olhou para os corvos antes de desaparecer.

- Imprestáveis. Nem de longe são como os corvos do mestre dele – repetiu. Partiu pensando em como ajudaria a seita a se recuperar dos males provocados pela ambição de Moloch. Sabia que o anjo caído estava fazendo tudo aquilo mais para si mesmo do que para a Irmandade Rubra e isso o irritava, irritava muito. Só esperava que ele encontrasse Azazel e os dois se matassem.

- Ele vai nos atacar – disse Laviniah, pegando a lança e a espada ao mesmo tempo. Francisco e Gabriela também se preparam para o ataque, mas baixaram as armas quando viram Dumah tocar o braço de Laviniah e balançar a cabeça, avisando-a para não avançar. O grupo ficou parado, oculto no telhado da casa. Viram Af desaparecer e ficaram imaginando se aquilo não seria uma emboscada.

O grupo estava a cinco casas de distância do esconderijo da Irmandade Rubra. Uma magia de Francisco os protegia de qualquer detecção, além dos poderes de Dumah.

- Acho que ele já fez o trabalho dele – comentou Gabriela. – Será que Patrícia é feliz com ele? Eu fico preocupada com ela..

Francisco deu de ombros, enquanto Laviniah soltava o ar com raiva, fazendo questão de demonstrar que não gostara do comentário. A reação da Lança de Christos gerou no mago uma vontade de responder. Ele não pôde resistir a esse desejo.

- Acho que sim... Não imagina os beijos dos dois quando eu estava junto com eles.

Gabriela sorriu, gostando de saber que sua ex-colega estava bem, ainda que as duas pudessem ser inimigas de novo em breve.

- Vamos parar com toda essa perda de tempo. Dumah, silencie os corvos. Gabriela, use suas adagas para pegar todos. Francisco ajude-a com suas magias. Nenhum deles pode sobreviver – ordenou a guerreira.

- Será que o por favor custa tão caro assim no Céu? Aqui nós não temos que pagar pra falar isso não – comentou o mago, pegando os componentes materiais dentro do casaco. Laviniah não deu atenção, pois aquele não era o momento de ceder às provocações de Francisco.

Dumah não precisou anunciar que fizera seu trabalho. Estava feito antes mesmo que sua líder acabasse de falar. Gabriela levantou-se e lançou as adagas negras, acertando os animais em cheio. Aqueles que escaparam tombaram pelas magias de Francisco. Eles saltaram pelos telhados, sendo que Gabriela carregou seu amante até caírem nos jardins. Já estavam com as armas prontas e preparavam-se para entrar na casa. Contavam com Francisco e Gabriela para a entrada furtiva. A guerreira foi a frente e preparou-se para abrir a porta, mas parou, pressentindo o mal que havia do outro lado.

Moloch já estava com a Chave na mão e concentrava-se em seu poder para abrir o Inferno. Sabia que precisava controlá-la para deixar apenas sua própria essência sair do Orco e chegar ao mundo dos vivos. Se perdesse controle sobre a passagem, poderia deixar que outras criaturas atravessassem a barreira, possíveis inimigos que ele seria obrigado a derrotar. Ainda poderia quebrar as regras espirituais e acabar destruído por isso. Então tinha que se concentrar, porque com a Chave ele podia exibir todo seu poder. Tinha liberdade para andar na Terra quando quisesse, com o poder que quisesse.

Victorius colocou Liel em frente a Moloch e sacou uma adaga, preparando-se para retirar o sangue do anjo e abrir de uma vez as portas para os reinos infernais. O mago quase babava de tanta alegria, olhando para os Irmãos Rubros e para Cássia, sua escrava. Ele a mataria assim que Moloch o desse algumas succubus para satisfazer toda sua lascívia. Para que pecar com uma humana sendo que poderia ter uma demônio treinada por séculos para cometer todos os atos proibidos relativos ao sexo? O mago só parou de pensar em todos os males que poderia provocar quando notou Rasfirian dando as costas e

chamando os Irmãos Rubros para fora da casa. Havia algum problema.

- O que foi? – perguntou Victorius, enquanto Moloch o olhava zangado. O anjo caído queria se mexer, mas não podia parar de se concentrar para controlar a Chave. Ele ainda deixou o objeto em uma mão e sacou a espada com a outra, mas não poderia usar todas as suas forças.

- Inimigos. Eu cuido deles – falou Rasfirian. Ele andou até a porta e esperou que ela fosse aberta. Levantou a espada e assumiu uma posição especial para lançar um de seus poderes. Ele estava com raiva, pois sentira quando seus corvos foram mortos. Demorara a treinar aqueles espíritos para os perder tão facilmente! Não permitiria que aquele atentado saísse impune. Lambeu os lábios e rosnou levemente, antecipando a matança, mas sua excitação se foi assim que sentiu uma lâmina penetrar em suas costas, na altura do peito. Virou-se violentamente, já atacando e chamando os demônios assassinos.

Francisco acabara de atravessar o mundo das sombras e aparecer atrás do Irmão Rubro. O mago estava impressionado, pois suas magias de silêncio e furtividade estavam funcionando melhores do que nunca, além de poder viajar pelas partes mais sombrias de Spiritum com facilidade. “Nossa! Como é bom ser poderoso!”, pensou, enquanto criava uma lâmina mágica para enfiar no inimigo. O sorriso não deixou seu rosto quando percebeu que ainda não era capaz de invocar a Espada do Espírito Silencioso. O desespero só lhe ocorreu quando se viu cercado de Irmãos Rubros. Foi aí que começou a se xingar pela idéia idiota de se servir de isca, tendo apenas algumas magias como proteção. No momento em que a porta arrebentou, ele riu de novo e liberou uma de suas magias. Ergueu a mão com um punhado de minhocas secas, enxofre e seda negra entre os dedos e depois bateu no chão. O piso tremeu e se rompeu quando formas cilíndricas, feitas de terra, subiram para pegar os inimigos. Elas bateram e pregaram na parede quando os Irmãos Rubros conseguiram escapar. Francisco ficou no meio delas, como se estivesse preso em uma teia de aranha.

Um dos demônios assassinos tentou pegar o mago, saltando

entre aquelas formas de terra e pedra como se fosse uma cobra. Finalmente caiu no meio da teia terrosa e enfiou a espada no inimigo, mas percebeu o erro do ataque quando viu a forma de Francisco desaparecendo, demonstrando ser apenas uma sombra. O demônio ainda tentou fugir, no entanto a terra explodiu, liberando chamas e rochas cortantes. O corpo do infernal foi queimado e cortado até que tombasse.

Rafirian estava ferido, entretanto usou seu poder sobre os inimigos recém-chegados. Cortou o ar, fazendo o golpe de sua lâmina atravessar a distância e atingir os três de uma vez. Gabriela não se deteve, pois uma magia de Francisco a protegeu. A anjo teve apenas um arranhão no peito, nada mais. Dumah sofreu um corte mais profundo, mas a armadura o defendeu de um dano maior. Laviniah também foi cortada e viu seu sangue espirrar, porém contou com sua regeneração e continuou avançando. Rasfirian tentou pular para trás para melhorar sua guarda, mas a magia de Francisco explodiu, acertando-o e acabando com suas defesas. Laviniah não o poupou atravessando seu corpo com a lança e o decapitando. Os outros demônios foram presas fáceis para Dumah e Gabriela, pois ainda estavam atordoados pela explosão repentina. Conseguiram atingir os anjos uma ou duas vezes, mas o chão foi seu destino final.

- Onde está Francisco? – perguntou Gabriela, antes que continuassem avançando.

A terra exposta onde o piso fora quebrado começou a se mexer. Uma mão saiu de dentro, seguida pelo restante do corpo do mago. Ele se levantou se limpando e reclamando.

- Que droga! Tenho que adaptar isso pra não ficar sujo assim... Mas funcionou. Há um bom tempo eu queria usar essa magia – disse ele, pegando um espelho e um isqueiro dentro de um bolso. Usou a chama para escurecer a superfície reflexiva. – Vamos?

Eles recomeçaram a corrida para dentro da casa. Já foram recepcionados por bolas de fogo. Victorious usou todo tipo de chamas contra os anjos e o mago. Francisco defendeu-os com suas barreiras mágicas, terminando por apontar o espelho enegrecido para o inimigo.

Os olhos de Victorius escureceram imediatamente, impossibilitando sua visão. Gritando de raiva, deixando espuma nos cantos da boca, o servo de Moloch começou a preparar outra magia, enquanto seu senhor levantava a espada, nervoso com a interrupção.

- Como ousam me impedir? – perguntou Moloch.

Francisco se irritou com aquela frase típica do vilão interrompido. Imaginou quando teria a oportunidade de a usar enquanto sacava uma adaga ritual para usar outra magia. Antes que pudesse terminar, Victorius liberou seu poder, causando um furacão de fogo na sala. O poder da magia, aumentado por Moloch, jogou todos no chão, acabando com as barreiras mágicas de Francisco. A adaga do mago escorregou pelo piso, sumindo atrás do sofá. Victorius ainda gritava de raiva, até Moloch usar seus poderes para restituir a visão de seu servo. O mago perverso gargalhou de felicidade ao ver os outros no chão e começou a procurar algo nos bolsos, feliz por poder acabar com Francisco e se vingar das derrotas. Moloch deu alguns passos, ficando à frente do mago e ameaçando os anjos com a espada, dando tempo para seu servo agir. O único erro da dupla maligna foi se esquecer da escrava, Cássia. Victorius havia a deixado protegida de suas magias, pois odiava perder escravos por erros durante batalhas. Também a deixara enlouquecida de ódio por sua pessoa. Foram esses dois fatores que a permitiram pegar a adaga de Francisco e correr até seu mestre, enfiando a arma em sua nuca e dando estocadas seguidas, gritando o quanto o odiava.

Moloch virou-se para trás para saber o que estava acontecendo e surpreendeu-se ao ver seu servo caído em uma poça de sangue. O anjo caído levantou a espada para golpear, mas foi impedido pelo machado de Dumah. O anjo do silêncio parou em frente ao general infernal e tentou forçá-lo para trás. Moloch riu da ousadia do inimigo, usando sua força, ainda que tentasse se concentrar na Chave.

- Pois bem, acha que não o reconheço, Dumah? Onde está sua espada de fogo? Ou prefere morrer sem ela? – perguntou Moloch, começando a exalar chamas que impediam a aproximação dos outros. Ele apontou a Chave para o anjo do silêncio, o que o fez recuar com

um longo salto. – Mas não estamos todos sob a forma da carne aqui? Será que há o sangue de mais algum anjo que eu possa derramar? – Apontou a arma para cada um deles. Gabriela havia saltado e abraçado Cássia, levando-a para trás do sofá. Não queria que nada de mal acontecesse à garota. Laviniah acordara Liel com alguns tapas no rosto e o celestial mago já se levantara e invocara sua lança. – Estamos em um impasse... Mas eu vou matá-los e conseguir o que eu quero!

- Será? – sussurrou uma voz, aparecida subitamente das sombras. Nenhum deles a ouviu a princípio, mas o sussurrante estava ali. Acabara de chegar e esperava seu momento.

Capítulo Catorze

Sangue Celestial

Os anjos ainda mantinham seu campo no parque de exposições de Divinópolis. Haviam estranhado o fato de os Caroz não terem os expulsado de lá. Redobram suas defesas e continuaram planejando o ataque contra as forças de Laoviah. Julgavam-se perto da vitória, já que haviam conseguido o nefalim e também descoberto que a Chave fora roubada. Graças a Kesser, eles sabiam que tinham algumas vantagens na batalha, como o fato de Laoviah ter perdido dois de seus Coah. Rafael estava contente com isso, principalmente porque sabia que quanto mais os planos do Serafim da Destruição atrasassem, mais almas ele poderia salvar. Infelizmente, o Anjo da Vida descobrira que os Caroz da Morte estavam coletando todas as almas das pessoas que morriam em Divinópolis. Nem Kesser sabia para onde elas estavam sendo levadas, mas todos desconfiavam que havia alguma preparação para que aqueles espíritos fossem transportados para um bolsão espiritual, onde seriam julgados e purificados a ferro e fogo, para depois serem enviados para o Céu ou qualquer outro lugar para onde a mente distorcida de Laoviah quisesse.

Rafael dera ordens para os anjos afastarem todos os mortais do parque de exposições. Deixara seus líderes se reunirem nos espaços usados para os bares durante as festas, enquanto os guerreiros espalhavam-se pela grande área aberta. O Príncipe da Vida caminhava entre seus soldados, supervisionando-os e os cumprimentando como seus amigos. Desejava que Demiurgo estivesse com eles e avisava que estavam lutando por almas que precisavam ser salvas em nome de Christos. A seu lado estavam dois antigos generais e Trael, o Principado de Divinópolis. Este último contava para seu grande líder quais eram os pontos que deveriam usar para combater Laoviah. Dizia que já tinha seus Arcanjos preparados para lutar em certos bairros e os mandara passar todas as dicas de estratégia para as tropas celestiais. Rafael aprovava e sorria para Trael, tentando animá-lo. O Príncipe da Vida não era de rir enquanto estava para lutar, mas sabia que seu colega

precisava de ânimo após ter sua cidade perdida para o inimigo. Trael sentia todas as modificações espirituais que Laoviah fazia no lugar. Ainda que isso não fosse o suficiente para uma vantagem estratégica, o sofrimento do Principado era evidente.

Os dois se separaram quando Rafael foi para o espaço que reservara para si. Deixara suas armas e alguns de seus conselheiros à espera lá. Não podia perder tempo para ter uma última conversa com eles. A batalha começaria naquele dia. Também queria falar com Kesser, deixá-lo a parte da importância de sua posição na luta. O Anjo da Força estaria na linha de frente, provando aos inimigos o quanto eles estavam errados.

Trael despediu-se de Rafael e caminhou com alguns Arcanjos até o quiosque que lhe fora reservado. Entrou com um ar de cansado e jogou o elmo sobre a mesa, suspirando e contendo uma reclamação. Substituiu o xingamento inútil por uma oração desesperada. Olhou para seus Arcanjos e preparou-se para a reza de despedida, pois eles sabiam que era pequena a probabilidade de sobreviverem. Tinham como única certeza a promessa de se sacrificarem para que Rafael vencesse aquela guerra. O Principado estendeu as mãos para formar um círculo de oração. Fechou os olhos esperando que os outros seguissem seu exemplo, no entanto suas expectativas não foram concluídas. O sacrifício veio mais cedo. Trael abriu os olhos, pressentindo o perigo quando já era tarde demais. Havia dois Caroz no meio do quiosque, ambos com o rosto coberto por véus de cor púrpura. Eles já haviam matado três de seus Arcanjos e agora iam de encontro ao Principado.

- Não é o momento de meu sacrifício – disse o Principado, erguendo a espada juntamente com o último Arcanjo. Os dois ficaram lado a lado e esperaram pelo ataque da dupla. Pensaram em gritar, mas perceberam que havia algum poder ilusório impedindo que os outros anjos percebessem o que se passava dentro do quiosque.

Trael foi salvo por pura sorte ou por ter suas preces atendidas. De repente, Elkalas, Zem'Yuriah e Ephain entraram para dar a notícia do rapto do nefalim. Só apareceram por insistência do Querubim, que queria avisar ao Principado antes de todos, além de dar

a triste notícia da morte de Helenius. Os três acabaram pegos de surpresa ao verem os corpos ensangüentados dos Arcanjos e as espadas dos Caroz. Um dos assassinos reagiu de imediato, dando tempo para o outro terminar a missão. O último arcanjo tombou sem cabeça e Trael foi desarmado com facilidade. Coube a Elkalas impedir que o golpe final fosse dado, usando sua espada para aparar o golpe do inimigo e afastar o Caroz. Fez o oponente recuar dois passos e já lançou uma de suas adagas. O assassino segurou a arma no ar e a arremessou de volta. Elkalas simplesmente se desviou e adiantou-se com um golpe lateral que acabou aparado. Eles mediram forças e o anjo da morte forçou o Caroz a baixar a espada, esforçando-se até que a lâmina do oponente tocasse o chão. Manobrando fantasticamente, Elkalas pisou sobre a arma do Caroz com o pé direito, apoiando para girar o corpo e chutar o oponente com a perna esquerda. O assassino afastou-se com um grito abafado e demorou um precioso segundo para levantar a arma de novo. Esse tempo custou-lhe a vida, pois seu coração foi trespassado por Boas Vindas à Morte.

- Mais um com idéias humanas de vencer a morte...

Elkalas só conseguiu ajudar Trael porque Zem'Yuriah conteve os ataques do outro Caroz. O anjo da destruição mal teve tempo de sacar Doutrina, tendo recebido um ataque que quebrou o protetor de seu ombro antes que levantasse sua espada. O dano não foi maior porque o Caroz estava golpeando apenas para causar distração e não para matar. Quando o inimigo estava saltando sobre Ephain, Zem'Yuriah jogou seu corpo de chamas para o proteger. Tinha uma técnica especial para acabar com aquele assassino. Invocou o poder da destruição sobre a espada do inimigo, despedaçando a lâmina. Não se surpreendeu quando duas adagas apareceram de repente nas mãos do oponente e atacou com sua espada flamejante. O Caroz esquivou-se do ataque, passando rente aos braços do inimigo e enfiando uma das adagas em uma das frestas da armadura. A outra ele jogou contra Trael. O Principado conseguiu gerar um escudo de fê e proteger-se do ataque, aproveitando para pegar sua espada. O Caroz acabou pressionado por quatro anjos e não teve como resistir por muito tempo.

- Assassinos! Usaram alguma técnica especial para entrar aqui e matar meus líderes! Malditos! - xingava Trael, agachando-se e tocando os rostos dos amigos mortos.

Zem'Yuriah se aproximou do Principado segurando o ferimento. Ephain tentou ajudar ao ver o sangue escorrendo entre os dedos do colega. Usou seus poderes de cura, mas o machucado não se fechou completamente. Quis tentar de novo, movido pela vontade de ajudar e incapaz de ver alguém sofrendo. Zem'Yuriah negou, levantando a mão e abanando a cabeça. Ainda que contrariado, o Querubim deixou de dar atenção ao guerreiro e virou-se para o Principado. Elkalas acabava de erguer Trael, fazendo-o voltar-se para o anjo com cara de adolescente.

- Onde está Helenius, o meu mais fiel guerreiro? – perguntou. Ephain simplesmente baixou a cabeça com medo de contar o que acontecera com o Arcanjo. Imediatamente, sentiu uma saudade arrebatadora da estranha amizade que tinha com Helenius. Talvez fosse por causa da mudança repentina do guerreiro quando precisou se sacrificar para ajudar seus aliados. – Você não estava com ele?

- Estava... mas um de nós precisava fugir para contar que Laoviah conseguiu capturar o nefalim.

Trael pareceu não dar atenção à segunda notícia, ainda atendo-se à morte do guerreiro a quem considerava tanto. Era duro perder um amigo fiel em um momento como aquele. Contava com Helenius para liderar parte das tropas.

- Ele se sacrificou por nós... – insistiu Ephain. O Querubim estava pronto para dar mais desculpas, mas foi interrompido por Zem'Yuriah.

- Rafael! Se havia assassinos aqui, deve haver outros querendo matar Rafael e os outros generais. Já perdemos Ziriel para Af, não podemos deixar que mais nenhum dos outros líderes sejam mortos.

Rafael entrou no discreto cômodo onde fixara seu centro de reuniões. Não havia nada além das paredes nuas, uma mesa e algumas cadeiras. O único objeto que realmente chamava atenção era o suporte onde estavam o arco e o elmo do Príncipe da Vida. Ele tocou a arma, imaginando como a usaria para acabar com Laoviah e Azazel. Precisaria mirar suas flechas com toda sua fé. Não poderia se dar ao luxo de um mínimo erro que fosse. As setas deveriam atravessar os corações daqueles anjos caídos.

- Cuidado – alguém gritou atrás dele. Era a voz de um de seus generais, um guerreiro Virtude que o acompanhava. Rafael virou-se para ver a cabeça do companheiro rolando pelo chão, enquanto um anjo vestido de negro, com o rosto coberto por um véu, pulava em sua direção.

O Príncipe da Vida invocou uma barreira de fé para desviar o ataque de Azazel. Admirado com a habilidade do inimigo por ter invadido seu campo e chegado despercebido, Rafael sacou depressa sua espada, exibindo a lâmina como sinal de ameaça para ganhar tempo e se recompor. Foi um ato quase ingênuo, porque Azazel estava dominado por uma fúria assassina que cultivava há milênios. O mestre de armas, porta-estandarte de Lúcifer, não se importou em preparar-se para a lâmina imponente do inimigo, avançando sem receio para atacar. Uma de suas espadas desceu em um arco, acabando detida pela barreira de fé. A outra surgiu em uma estocada, passando pela defesa mágica de Rafael e batendo na armadura. Metal rompeu metal, espada forjada no Inferno atravessou armadura criada no Céu. O Príncipe da Vida sentiu a lâmina começar a entrar em sua barriga. O sangue iluminado começou a escorrer pelo buraco, manchando o metal. Sem temer a dor, Rafael atacou com sua espada, já levando a mão livre para a lâmina do inimigo. Usou sua barreira de fé para se proteger do fio e fechou seus dedos na arma, começando a arrancá-la. O Anjo da Vida atacava, forçando o inimigo a se defender ao mesmo tempo em que usava sua força para evitar que Azazel enfiasse ainda mais a lâmina.

- Ah! – gritou Rafael, usando a voz do Senhor sobre o oponente. O ar reverberou em volta deles e o mundo parou por alguns

instantes. Uma explosão invisível se seguiu à parada temporal, jogando vento e energia divina sobre Azazel. As roupas escuras dele se rasgaram; o véu esvoaçou, quase revelando seu rosto. Sua mão quase soltou a espada. O anjo caído já estava afastado quando tudo voltou ao normal. Na entrada do aposento, ele mostrava as lâminas, sendo que o sangue de Rafael pingava de uma delas, como uma ameaça à vida do celestial. – Anjo caído, tu imaginas mesmo que vencerás esse Príncipe da Vida?

Um sorriso cortante se formou debaixo do véu, atingindo o coração do anjo como uma fâca assassina, quase destroçando sua vontade. Rafael orou, oferecendo sua essência à Santíssima Trindade e ao bem dos mortais, depois avançou com sua espada brilhando como um raio de luz. Seu sangue ainda espirrava quando ele embateu-se com o inimigo. Azazel defendeu-se com uma das armas e atacou com a outra. Rafael respondeu com um giro para se esquivar da primeira lâmina e levantou a espada para impedir o ataque que veio em seguida. Próximo do anjo caído, o celestial estendeu a mão e fez um desenho rápido no ar, usando umas das letras sagradas. Uma oração escapou de seus lábios, abrindo um selo divino e deixando seu poder escorrer sobre o inimigo como uma tempestade. Um relâmpago saiu das mãos de Rafael, atingindo em cheio o peito de Azazel, rompendo sua roupa negra e mostrando um peito que estava ao mesmo tempo chamuscado e pálido. Sua pele, que não experimentava sol há milênios, mostrou-se alva como cal. O ataque não foi suficiente para destruí-lo, mas o afastou alguns passos, deixando sua guarda quase aberta.

Rafael pretendia aproveitar-se da fragilidade do inimigo, mas quando pensou em erguer a arma, percebeu que estava ferido. O anjo caído o acertara logo abaixo do braço e ele não percebera. “Julguei que fui muito rápido no ataque, mas não fui”, pensou, reavaliando sua estratégia. Azazel já estava com a defesa perfeita mais uma vez. Eles se encararam, cada um pensando na destruição do outro, até ouvirem palmas no canto do aposento. Não ousaram quebrar o desafio para saber quem os aplaudia com tanta petulância. No entanto, só havia dois anjos que seriam tão desagradáveis: Gabriel, pensou Rafael;

Lúcifer, pensou Azazel.

- Bravo! Meus irmãos, há quanto tempo não vejo tanta habilidade. Vós sois excepcionais! – disse uma voz que só poderia pertencer ao Príncipe da Morte.

- Pretende entrar na batalha, Gabriel? – perguntou Azazel, movendo uma espada para o lado do novo inimigo.

- Ah, não! Tu pareces tão ingênuo quanto uma ovelha, Azazel. Estou até em minha forma humana. Pode voltar tua atenção para mim porque Rafael não há de se aproveitar de tal momento para um ataque, não é, meu irmão?

Azazel não baixou a guarda, muito menos Rafael. O rosto do Anjo da Vida exibiu uma expressão de zanga, perdendo o semblante concentrado de antes.

- O que queres aqui, Gabriel? – perguntou o celestial.

- Ora, pois eu não vim aqui apenas para dar um recado de um precioso amigo teu? – disse o Príncipe da Morte, colocando-se entre os dois com uma petulância que não parecia caber no aposento. Sorriu para as armas, olhando para a lâmina de Azazel e apreciando seu reflexo, só porque sabia que aquilo deixaria os dois nervosos. Adorava que pensassem que ele era frívolo. – Azazel... Sabe que enquanto se encontra aqui, prestes a ser atacado por uma centena de anjos, Moloch está usando a Chave para liberar todo o seu poder do Inferno?

Aquela observação atraiu quase toda a atenção de Azazel. Seus olhos se voltaram para Gabriel e suas espadas aproximaram-se perigosamente do pescoço do Príncipe da Morte. Ele sorriu de volta e soprou na lâmina. Seu hálito embaçou o reflexo e, naquela umidade, seu nome foi escrito por dedos invisíveis. Ele riu, divertindo-se com a brincadeira arrogante. Os outros dois ficaram ainda mais irritados. Azazel adiantou mais a espada como quem estivesse dizendo insistentemente: Conte! Continue contando, seu verme!

- Ora, mas que insistência. Muito bem. Moloch roubou a Chave e está a usando para liberar seu poder sobre a terra sem ter que se preocupar com as regras. Tu, Azazel, tens a chance de morrer lutando contra Rafael agora ou fugir daqui, do modo como entraste, e

deter o avanço de um de teus piores inimigos. Tu sabes que será uma das primeiras vítimas caso aquela criatura pise livre na Terra...

Azazel bufou, fazendo o véu mexer-se levemente. Recuou alguns passos, observado por um sorridente Gabriel e um nervoso Rafael. Acabou por desaparecer em pleno ar, como se não fosse nada, como se não existisse. Nem bem o inimigo desapareceu, Rafael levantou a mão e puxou o Príncipe da Morte pelo ombro. Gabriel ainda sorria e soltou uma exclamação divertida quando foi forçado a se virar para encarar o irmão.

- Quem enviou o recado, Gabriel? Como soube disso? Por que não deixou a luta terminar? – exigiu saber o Príncipe da Vida.

- Ora, meu irmão. Tu ainda sangras! Vá te cuidar, pois Laoviah está à tua porta no momento em que conversamos. Concentre teu poder agora com o tempo que tem e saia para a batalha. É o único recado que lhe dou... – disse Gabriel voltando à seriedade e saindo do recinto.

Rafael olhou para os corpos caídos no chão. Dois de seus generais foram mortos sem que ele percebesse a presença do inimigo. Consternado, ele desenhou um novo selo e usou seus poderes para renovar o corpo. Pegou suas armas lentamente, orando e agradecendo por elas cada vez que preparava uma para a luta. Ao sair, era um anjo pronto para a batalha final, tendo um arco na mão e uma espada na bainha, além de uma armadura que brilhava como um fârol de esperança. Ele sabia que era preciso transmitir aquele sentimento a seus companheiros. Seus olhos viram isso assim que apontaram para cima e viram as falanges púrpuras de Laoviah avançando sobre o campo angelical.

Os generais celestiais que haviam sobrevivido às tentativas de assassinato já haviam preparado os guerreiros. Rafael agradeceu a Demiurgo enquanto olhava para os lados procurando por Gabriel. Não havia sinal do Anjo da Morte. Ele viu apenas uma figura negra no meio dos soldados iluminados. Era Elkalas que assumira um posto de comando. Do outro lado do campo, ele também viu Zem'Yuriah brandindo sua espada flamejante, pronto para desafiar seu antigo

general. Trael, o Principado de Divinópolis, apareceu acompanhado pelo Querubim Ephain.

- Meu general, temos que vencê-los aqui, pois eles têm o nefalim. Nós fomos enganados – contou Trael.

Rafael colocou o elmo enquanto orava pelo fim daquela guerra. Olhou para os dois anjos e deu ordens para ocuparem seus postos. Abriu as enormes asas, ainda que lhe faltasse uma, e voou para assumir sua posição. Parou bem em frente aos anjos que estavam no céu, na posição de frente. Aqueles celestiais organizavam-se em esferas, batendo as asas no mesmo lugar. Havia uma esfera dentro da outra, uma posição de defesa especial para enfrentar o inimigo. No chão, vários anjos empunhavam arcos, já com as cordas retesadas. Formavam retângulos separados pelo peso de suas segundas armas, aquelas que empunhariam tão logo fosse necessário largar os arcos. Aqueles dos primeiros grupos tinham alabardas para recepcionar os inimigos, os segundos portavam lanças e escudos, enquanto os últimos tinham espadas.

- Nós estamos em maior número e temos que vencer! Assumam formação de ataque! – gritou Rafael, pois aquela era sua única alternativa. Não podia contar com o primeiro ataque de Laoviah. A ofensiva cabia ao Céu. Ele mesmo ergueu o arco, enquanto via Kesser assumindo a frente com as primeiras falanges brilhantes. A maioria daqueles guerreiros era de Caroz que estavam apenas esperando para voltar a lutar pela Cidade de Prata. Eles haviam deixado a forma esférica e agora se organizavam vários triângulos, um voando sobre o outro. Rafael retirou uma flecha da aljava, deixando a ponta soltar raios de luz que eram uma promessa de destruição para os inimigos. Preparou-se para soltar o projétil que seria o sinal para os arqueiros do chão atacarem, tentando desestabilizar a frente de defesa de Laoviah e facilitando o ataque dos anjos. O Príncipe da Vida esperou, apontando para o inimigo que surgiu no meio dos guerreiros púrpuras.

Laoviah apareceu como uma estrela, puro fogo e luz. Brandia a espada Expurgo, pairando no ar como um ícone da destruição divina, espalhando medo mesmo para quem não o via. Portas se fechavam e

pesadelos se espalhavam pelos mortais alheios à guerra sobre suas cabeças. Os olhos flamejantes do Serafim miravam Rafael cheios de ímpeto destrutivo. Um sorriso desafiador crepitava no meio daquelas chamas. O braço esquerdo se levantou de repente, apontando para os inimigos. Rafael preparou-se para lançar sua flecha, pois os guerreiros de Kesser já estavam bastante próximos. Já era quase o momento... Quase... Bastava bater as asas mais um pouco... As armas já estavam erguidas... Os olhos já escolhiam os alvos... Os mesmo olhos que subitamente foram cegados por chamas súbitas que não apareceram de outro lugar se não de seus próprios corpos. Os anjos admiraram-se e observaram estupefatos enquanto os traidores de Laoviah eram consumidos por chamas. O Serafim continuava olhando para aqueles inimigos e apontando sua mão, ainda liberando um selo divino.

- Traidores! Recebam o poder da retribuição! – gritou o Serafim, invocando a energia de Zilliah, a Caroz morta por Kesser.

Bocas surpresas abriram-se entre os celestiais. Se eles já não esperavam pela imolação dos mais recentes aliados, ficaram ainda mais surpresos quando relâmpagos desceram dos céus, atingindo em cheio aqueles seres englobados pelas chamas. Foi subitamente que o ataque dos anjos se transformou em uma tempestade de fogo e enxofre. Cada Caroz traidor caiu rumo aos arqueiros como uma estrela cadente, ardendo em chamas, consumido pelo poder do castigo e da retribuição. Os anjos tentaram escapar, mas aquelas chamas espirituais explodiram no meio deles, destruindo alguns instantaneamente, jogando outros para cima, aniquilando algumas formações, desorganizando outras. Asas caíam de um lado, armas de outro, membros queimados rolavam pelo chão.

O Querubim Ephain estava na última fileira, a dos anjos da espada, a menos atingida. Ainda que estivesse longe, ele sentiu o poder de Laoviah. Um dos Caroz flamejantes caiu há cerca de dez metros dele. Ele viu os amigos sendo consumidos pelo fogo, suas formas se desfazendo no meio das chamas. Um deles rolou pelo chão queimando, gritando até imobilizar-se como um cadáver negro. Horrorizado, Ephain precisou pensar na coragem de Helenius para

voltar a erguer seu arco. Os líderes gritavam ordens para os arqueiros se prepararem, pois Rafael estava para atirar. Kesser, o Anjo da Força, ainda voava desafiador diante de Laoviah e mais guerreiros aproximavam-se atrás dele.

Laoviah baixou o braço sorrindo, apreciando a destruição que causara. Virou-se para Kushieli, o Anjo da Punição, e viu que o Caroz o acompanhava naquele divertimento.

- Levantem suas armas. O poder de Zilliah foi libertado em todos os Caroz. Estamos em menor número mas somos poderosos. Nossas armas são abençoadas pela Retribuição.

Gritos de guerra saíram da boca dos Caroz. Eles avançaram para se encontrarem com Kesser. Kushieli foi à frente, liderando as primeiras falanges. Ele já sabia o que esperar, por isso colocara demônios na frente de batalha, deixando-os serem presa fácil para as flechas dos anjos. Assim aconteceu. Mantos púrpuros rumaram ao chão quando os celestiais liberaram seus projéteis. Não apenas demônios, mas Caroz também caíram, principalmente quando a flecha do próprio Rafael passou por eles. A seta furava os inimigos do Príncipe da Vida, atravessando seus corpos e continuando seu caminho sem parar em nenhum dos cadáveres que gerava. Passou pela linha de frente e foi parar entre os outros Caroz. Uma espécie de túnel se formou para que ela passasse e desaparecesse no horizonte.

Kushieli continuou avançando, mesmo quando uma flecha fincou-se em sua perna. Não se importou com o ferimento e voou para encontrar-se com Kesser. Um de seus chicotes retirou a arma de um anjo, deixando-o desprotegido e dando liberdade para o Caroz trespassá-lo com sua lâmina. Uma serpente surgiu de suas asas para morder o pescoço de um guerreiro celestial, furando seu pescoço e o envenenando. Tonto, o soldado foi fatiado pelos guerreiros de Laoviah. As correntes atravessaram um Arcanjo que se colocou em seu caminho, liberando a passagem para finalmente ficar frente a frente com Kesser. O

Anjo da Força acabara de derrubar três Caroz e apontou o machado e o escudo para o antigo colega.

- É hora de perceber que Christos não é clemente com aqueles que pervertem as palavras de Seu Pai! – gritou o Anjo da Força, atacando de uma vez como Kushiell e Laoviah esperavam. O Anjo da Punição riu e fez um elogio silencioso à esperteza de seu líder, brandindo a espada de lâmina vermelha para se defender do primeiro ataque. Quase foi jogado pela força do inimigo, mas já contava com ela. Kesser tentou socá-lo com o escudo, mas correntes saíram do corpo de Kushiell e bateram no braço do traidor, afastando-o. As asas negras o levaram para trás, dando espaço para que os chicotes surgissem no ar para acertar Kesser. Dois foram defendidos pelo escudo e pelo machado, mas um terceiro acertou o rosto do anjo, abrindo um corte sobre sua barba loira.

Kesser gritou o nome de Christos e avançou em fúria. Seu machado passou pela túnica negra de Kushiell, cortando o tecido e quebrando parte da armadura coberta. O anjo da Punição precisou recuar mais uma vez, agora deixando as cobras surgirem para atacarem o inimigo. Kesser recuou rapidamente, vendo de perto a cabeça de uma serpente. As presas pararam a centímetros dele e depois recuaram. Kushiell assumiu a ofensiva no segundo seguinte, adiantando-se com a espada brandida e as correntes tilintando assustadoramente. O Anjo da Força afastou a lâmina com o escudo e defendeu-se daqueles tentáculos de aço com o machado como pôde, mas atingido na perna e em uma das quatro asas. Deixou o corpo cair para escapar do ataque e invocou um de seus poderes. Apontou o machado e o liberou de sua mão, deixando-o voar na direção do inimigo. Kushiell sorriu e jogou as correntes contra a arma, deixando que elas o envolvessem como Kesser esperava que fosse acontecer. Incapazes de conter a força do machado, elas se partiram e a lâmina continuou voando contra o Anjo da Punição. Por pouco ele não foi atingido, esquivando-se depressa, apenas para notar que Kesser já ia de encontro a ele. Usou seus chicotes para golpeá-lo. Alguns até o acertaram, mas o Anjo da Força absorveu o dano como se plumas estivessem roçando sua pele. Puxou

Kushiel para perto de si, usando a própria arma do Caroz. Quando o inimigo estava próximo, socou seu braço, desarmando-o. A espada caiu rumo ao chão enquanto o Anjo da Força segurava o ex-colega pelo colarinho, puxando-o para seus rostos se aproximarem. Kesser fechou os dedos na garganta de Kushiel, preparando-se para quebrar o pescoço do inimigo. Teria conseguido, mas hesitou um momento ao ver o sorriso no rosto do Caroz.

- Achou que destruiria minhas correntes? – perguntou o Anjo da Punição, no momento em que o metal saía de seu corpo e enfiava-se no corpo de Kesser, visitando suas entranhas como vermes devoradores. Seu sangue espirrava quando buracos abriram-se para as correntes saírem e entrarem. O traidor olhava abismado, sentindo suas forças diminuírem. Por fim, abriu os braços e esperou que o corpo caísse, enquanto a luz apagava-se em seus olhos e o sangue caía. – O traidor está morto! Sangue de Caroz está sendo derramado! Que os portões do Inferno sejam abertos!

O grito de Kushiel foi ouvido apenas por Laoviah, que gargalhou ao ver como seus planos estavam sendo bem encaminhados, apesar de todos os contratempos. Ele fora forçado a mudar muito do que pretendia, mas continuava rumo à vitória. O Serafim precisou parar de apreciar seus feitos quando mais flechas voaram contra seus Caroz. Mais deles caíram vitimados por setas que não erravam seus alvos. O Príncipe da Destruição olhou para baixo, mirando os arqueiros sobreviventes. Ainda havia muitos deles. Desejando que pudesse liberar seu poder como fizera em Sodoma e Gomorra, começou a invocar a criatura que estava no meio deles.

Fora graças ao Assassino de Almas que Azazel e os Caroz entraram no campo de Rafael para cometerem os assassinatos. A criatura usou seus poderes para manter os assassinos indetectados, ainda se disfarçando no meio dos celestiais. Foi com prazer que o Assassino de Almas ouviu o chamado do Serafim do Castigo Final. Aquela face pálida deixou escapar um sorriso ao passo que suas asas negras se abriam entre os arqueiros. Seus braços acompanharam o movimento dos membros alados, deixando o corpo aberto para que seu

poder fosse liberado. Laoviah não podia usar a força da Destruição ou do Castigo Final, mas não havia problema canalizar suas energias através do Assassino de Almas. Assim ocorreu.

Lanças foram sacadas na segunda fila de retângulos no momento em que os anjos viram aquela criatura surgir entre eles. Os movimentos foram inúteis, porque Laoviah abriu mais um selo. A cena seguinte foi uma das mais horrorizantes na guerra. Os anjos sentiram o tempo parar enquanto olhavam para o inimigo, suas mentes funcionavam, mas os corpos eram lentos demais para fugir ou atacar. Só puderam sentir a pele despedaçar lentamente, escapando do corpo primeiro como se fossem estátuas de areia ao vento, depois em pedaços ensangüentados que rumavam para o Assassino de Almas. A carne deixava o corpo, afastando-se violenta como os pólos semelhantes de ímãs. Ossos ficavam expostos, tomando-se rapidamente brancos e limpos, pois o sangue também voava para ser absorvido pela criatura. Por fim, os esqueletos começavam a cair, mas também iam desaparecendo aos poucos, desvanecendo, sublimando como naftalina.

Asas começaram a bater com mais força entre as capas púrpuras. Os Caroz não precisavam mais se preocupar com as flechas e começavam a avançar. As forças de Kushiel já haviam dizimado os anjos da frente de ataque celestial. Os poucos que restavam foram mortos pelos Caroz que avançavam. Eles seguiam em um formato de um garfo de duas pontas, sendo cada uma dessas formada por oito guerreiros. Rapidamente, eles se engalfinharam com os triângulos dos anjos. As pontas envolveram a formação celestial distraindo os guerreiros e começando a impedir que aqueles que estavam dentro atacassem. Quando os soldados do interior do triângulo começaram a desfazer a formação para lutar, a ponta do garfo dobrou-se para o meio deles, destruindo de vez a organização dos celestiais. Assim aconteceu outras vezes no campo de batalha aéreo. Alguns triângulos conseguiram evitar a estratégia dos Caroz, mas os anjos começaram a perceber que sua vantagem numérica começava a se acabar, principalmente ao notarem o que se sucedia com os arqueiros no chão.

Rafael teria se desesperado se não fosse um guerreiro experiente ou se não tivesse tanta fé. Ver o Assassino de Almas destruindo seus soldados foi um golpe em cheio no coração do anjo, mas ele pegou mais uma flecha na aljava e atirou contra o inimigo. Deixou o poder da vida fluir pelo projétil e o soltou para se enfiar entre aquelas asas de seda negra. O Assassino de Almas sentiu o golpe, mas sorriu ao invés de gritar, divertindo-se com a dor, antes de sugar a energia vital. Rafael não esperava destruir o inimigo com aquilo, mesmo porque não era possível destruir uma representação do Nada. Apenas quis distraí-lo, aproveitando o tempo para abrir mais um selo e criar uma esfera de vida em volta daquele ser maldito. O Assassino de Almas perderia tempo sugando aquela nova energia, o que daria tempo para os anjos escaparem. O Príncipe Angelical abriu um sorriso ao ver os guerreiros se reunindo de novo. Pôde notar Trael e outros Arcanjos os colocando em formação e os preparando para subir. Teria sorrido de novo se uma nuvem de espadas e relâmpago não fosse jogada sobre si. O ataque súbito envolveu o Príncipe da Vida, cortando-o e só não o destruindo porque ele usou todas as suas forças para se defender. Não obstante, caiu envolvido por lâminas e raios, batendo na terra e manchando-a de sangue, parte desse escapando pela boca.

Rafael virou-se e pôs-se de quatro, levantando-se devagar, apoiando-se na espada enquanto uma golfada de sangue saía de sua boca. Bastou se levantar para ver que Laoviah descia dos Céus para enfrentá-lo. Ele pôde jurar que a terra tremeu quando os pés do Serafim tocaram o chão. Suas botas abriram buracos, ainda que ele estivesse na forma espiritual. Caiu como um relâmpago, ajoelhando-se levemente apenas sobre uma das pernas. Levantou-se devagar, erguendo um braço. Os dedos se moviam, abrindo mais um selo. Enquanto seu corpo se erguia, as chamas começavam a rodeá-lo e afastaram-se dele na forma de espirais fatais. O vento se tomou cortante, despedaçando os anjos. A terra se abria para tragá-los. Alguns eram levados pelo ar, gritando enquanto sumiam no meio das nuvens escuras, suas vozes

desaparecendo enquanto eram consumidos pelos raios. Passando por inimigos agonizantes, pouco se importando com os juramento de ameaça, com as maldições, muito menos com as lamúrias e os últimos suspiros, Laoviah avançava para enfrentar Rafael. O Príncipe da Vida o observava, levantando sua arma com obstinação.

Francisco estava pensando seriamente se as forças no universo não estavam conspirando contra ele. Só podia ser. Não havia outra resposta. Não se lembrava quem havia dito que o Universo conspirava a seu favor, mas tinha quase certeza de que aquilo era uma grande besteira. Desde quando estar diante de um dos Senhores do Inferno era ter algo a seu favor? Só se fosse a favor dos inimigos dele, isso sim! Moloch bem ali na sua frente, no meio de uma sala destruída, com corpos espalhados pelo chão e tudo o que ele tinha do seu lado eram três anjos inúteis, uma ex-escrava de um mago e sua amante, que ele nunca deixaria enfrentar Moloch. Definitivamente, aquilo não era o Universo conspirando a seu favor.

- Acho que tudo pode ser negociado – falou Francisco, pensando se Moloch precisava de alguma coisa que ele tinha.

- Não tenho que fazer negócios com você, mago. Eu quero o sangue de um anjo que tenha bebido da essência do Assassino de Almas e terei. Sinto o cheiro de dois deles aqui. Vamos, entreguem-nos – exigiu Moloch, mostrando a espada. Dumah continuava na frente dele, encarando-o enquanto ameaçava com seu machado.

Francisco olhou para Gabriela, vendo a amante atrás do sofá, segurando a garota que Victorious escravizara. Voltou-se para Liel, julgando se aquela não era a hora de o anjo pagar por ter quase o matado. Não poderia negar que se sentiu tentado a entregar o amigo, só não o fazendo por causa daquela palavra: amigo. Também não podia negar que teve medo de ver Gabriela zangada por causa daquilo. Então o mago olhou de um lado para o outro e começou a imaginar se aquele não era um bom momento para aprender a rezar. “Sabia que deveria ter

freqüentado as aulas de catecismo. Bem que minha mãe avisou”, pensava ele, sem negar que estava com medo. Não se sentia nem um pouco bem ao ter sua vida ameaçada. Confessava abertamente que não tinha um coração guerreiro. Para que isso se podia contratar um? Pra que morrer lutando sendo que o Céu fazia aquilo por ele?

- É o último momento de vocês – gritou Moloch, sem se importar com as armas que apontavam para ele.

- De jeito nenhum! – gritou Francisco, atraindo a atenção do anjo caído para se arrepender logo em seguida. Olhos vermelhos apontaram para ele, o que fez seus joelhos tremerem por alguns instantes. Controlou-se antes de prosseguir. – Moloch, eu posso fazer uma troca com você. Posso ensiná-lo a abrir o selo da destruição se nos deixar ir. Lembre-se que o que não faltam são Caroz de Laoviah voando por aí. Basta pegar um deles. Você deve ter outros Irmãos Rubros na cidade.

Os anjos acompanharam o olhar de Moloch, surpreendendo-se tanto quanto o anjo caído. O selo da destruição? Aquilo era inacreditável. Como um mortal como Francisco pudera aprender uma coisa daquelas? Era impossível. Ou talvez não... todos se lembraram do sangue do Assassino de Almas naquele instante e temeram pelo que ainda estaria por vir se o mago sobrevivesse. Aquela era a única resposta, Francisco aprendera o selo, a letra da destruição, a partir do sangue do Assassino de Almas.

- Duvido que você tenha tal conhecimento! – disse Moloch, avançando para pegar Liel.

- Pois eu te mostro, aí você nos deixa ir? – perguntou o mago.

- Não aprenderei o selo em meros segundos. Precisarei de muito tempo.

- Pode me levar para o Inferno para que eu possa o ensinar – sugeriu o mago, embora temesse ficar separado de Gabriela.

- Não sei se notou, mago, mas pretendo ficar algum tempo por aqui – falou Moloch, preparando-se para pegar Liel. Dumah interrompeu seu avanço, mas acabou sendo jogado contra uma parede.

O mesmo aconteceu com Laviniah, que caiu com um corte extenso no peito. Gabriela preparou-se para atacar, mas Francisco pulou na frente dela antes que o fizesse. Ele começou a desenhar o selo da destruição, o que atraiu o olhar do anjo caído. – Pois bem, acho que você está falando a verdade. Mas não ouse!

Francisco acabou de fazer o selo, liberando uma magia sobre o anjo caído. Uma explosão espiritual surgiu diante dos olhos do adversário, quase o cegando. Na verdade, o mago pretendia fingir ensinar a técnica para o anjo caído enquanto usava uma magia contra um inimigo desprotegido. Obviamente, Moloch não cairia num truque daqueles, então o mago tentou um último recurso. Já que o adversário não acreditava nele, melhor pegá-lo de surpresa. Infelizmente, o anjo caído ainda conseguiu preparar suas defesas, o que era normal para uma criatura de seu poder. Sem se preocupar com isso, o mago agarrou Gabriela e começou a puxá-la para uma das janelas. Sabia que a anjo não deixaria Cássia lá dentro, então correu na direção da garota. A guerreira a pegou e os três saltaram para fora da casa com Gabriela quebrando os vidros e a madeira da janela fechada.

Liel aproveitou a deixa para começar a sair correndo, mas Moloch o segurou pelo manto usando apenas dois dedos antes que pudesse se afastar. Começou a levantar a espada para um golpe final e, mais uma vez, o anjo mago começou a preparar sua última prece. Aparentemente, ela foi atendida, pois o golpe de Moloch foi detido. Liel imaginava ver Dumah ou Laviniah o protegendo, mas virou-se para ver um anjo caído vestido de preto. Não sabia que aquele era Azazel, o mestre de armas.

- O que faz aqui, seu fracassado! – gritou Moloch.

- Vim impedir que faça uma besteira! – replicou Azazel com sua voz de cobra passando pelo véu. Não foram só as palavras que atravessaram o tecido, mas agulhas finas e pequenas acompanharam a fala. Elas se fincaram no rosto de Moloch, um enfiando-se em seu olho.

- Eu devia ter acabado com você antes! – gritou Moloch, soltando Liel e levantando o braço para segurar o novo adversário. Os

dentes do general infernal já haviam se transformado em navalhas e o corpo já fedia enxofre, preparando-se para o combate.

Suas espadas rebatiam ataques e seus corpos movimentavam-se, destruindo o que sobrara da mobília da casa. Liel não parou para observar a luta, correndo para ajudar Laviniah. A guerreira levantou-se sozinha, negando o apoio do celestial mago. Dumah colocou-se a seu lado, com o machado erguido. A anjo levantou a Espada da Sina enquanto observava a luta. Ela começou a se preparar para dar cabo de um dos dois, sacrificando-se no processo. Aquele era o momento de se livrar de um dos grandes inimigos da Cidade de Prata ou talvez dos dois. Um poderia ser morto na luta e ela aproveitaria o momento para atacar o fraco sobrevivente.

- Vamos embora... – chamou Liel, sabendo que mesmo fraco, aquele que vencesse ainda os destruiria facilmente. Laviniah não se mexeu, nem Dumah, então o celestial mago resolveu ficar. Não abandonaria sua antiga líder. Estava certo de que se morresse ali seria pelo bem dos outros. Não podia se arrepender disso. Torceu para que nenhuma memória aparecesse naquele instante para fazê-lo mudar de idéia. Estava ali para praticar o bem e não poderia hesitar por causa de suas vidas passadas, fôsse como anjo ou como humano.

Moloch estava começando a se cansar da batalha, pois precisava se concentrar na Chave e em Azazel, um oponente poderoso, um rival a sua altura. Não sabia quanto tempo conseguiria manter aquele ritmo, sendo que havia poupado quase todas as suas forças até o momento do mestre de armas aparecer. Foi então que teve a surpresa. A Chave teve seu poder liberado. A esfera brilhou e o envolveu com um brilho incandescente. Sentindo as forças infernais, Moloch as liberou contra Azazel. O anjo caído tentou escapar ao sentir o que estava acontecendo, sem saber que Kesser acabava de ser morto, como Laoviah planejara.

Moloch sentiu a força infernal sendo chamada para a terra. O portal abria mais do que deveria e ele mesmo estava quase para ser tragado de volta para o Orco. Redobrou sua concentração para trazer sua forma verdadeira com todo seu poder para a Terra. Nunca mais

ficaria preso no Inferno, teria sua liberdade e seu poder todo de volta, sem depender de ninguém. Sua concentração foi sua perdição. Laviniah aproveitou-se daquele momento para atacar, sendo apoiada por Dumah. O anjo do silêncio abriu caminho pelo brilho incandescente, imune às energias infernais. A própria Laviniah não entendia como seu companheiro evitava o dano, pois ela mesma estava sentido as chamas queimando sua pele e os gritos machucando seus ouvidos mesmo com as proteções de Dumah. Insensível, o guerreiro continuou abrindo caminho deixando Moloch à mostra para a anjo. O general infernal abriu os olhos para ver o rosto negro do muçulmano e os dois trocaram um olhar surpreendente. Pela primeira vez, surgia no rosto de Dumah uma expressão que indicava sentimento. Havia algo nele que dizia: É minha vez. Laviniah não parou para ver a satisfação no rosto do amigo. Ela levantou a Espada da Sina e deixou que ela fizesse efeito, enfundando-a no peito do inimigo. Uma arma normal não mataria Moloch e a lâmina, mesmo tão poderosa, não o fez. Ela apenas fez cumprir o destino do anjo caído, enviando-o de volta para o Inferno. Moloch já tinha dificuldade para controlar o poder que tentava jogá-lo de volta para o Orco e não resistiu ao ataque de Laviniah. A energia infernal, os gritos agonizantes e os urros demoníacos o envolveram como correntes, puxando-o de volta com elos fortes que deveriam estalar pela força com que o anjo caído tentava resistir. Mas foi inútil. Ele tombou de qualquer forma, voltando para sua prisão.

Laviniah caiu de joelhos. Sua pele estava queimada, os olhos ardiam como que irritados por fumaça. Agradecia aos Céus por ainda estar viva para continuar lutando, quando notou que Dumah ainda estava de pé e sua arma se erguia. O anjo do silêncio a apontava para Azazel. A guerreira tentou se levantar, mas não teve forças. Deixou a espada coberta de sangue negro cair no chão de tão fraca que estava. Olhou para Azazel mais uma vez e viu que ele tinha a Chave em uma das mãos. Ela ainda estava aberta e a força infernal começava a voltar para a Terra, depois de ter levado Moloch. Sorrindo, Azazel saltou, atravessando o teto em forma espiritual e levitando para os céus.

- Não! – gritou a anjo.

Dumah quase alçou vôo para pegar Azazel, mas sabia que era inútil e não poderia deixar sua líder sozinha. Olhou para trás e viu que Liel se aproximava para ajudar. O anjo mago preparava magias de cura para tratar das feridas graves da líder das Lanças de Christos. Agora só lhes restava rezar para que Rafael pudesse deter Laoviah e Azazel. Eles haviam cumprido parte de sua missão, mas não contavam com as ações do mestre de armas.

Trael liderava sua falange para acabar com os Caroz e usava todos os poderes acumulados durante os anos para derrubar os servos de Laoviah. Teve sucesso durante um bom tempo, sendo acompanhado por Ephain. A espada do Principado atacava aliada às flechas do Querubim. Vários inimigos tombaram até as forças reservas dos Caroz aparecerem. Rizielle, a Anjo da Justificação, subiu acompanhada de tantos guerreiros que as esperanças dos anjos quase se acabaram. Trael gritou por Demiurgo e apontou sua espada, incitando seus aliados a continuarem combatendo e derrubando os Caroz.

Rizielle percebeu logo quem era o líder da falange que impedia o avanço de seus Caroz. Ela mesma usou um arco para atingir primeiro o Querubim que guardava as defesas do Principado. A flecha atingiu em cheio o peito de Ephain, atravessando sua armadura e quase se enfiando no coração. O que impediu sua morte foi um milagre, ainda que essa benção não impedisse que seu corpo rumasse para a Terra. O Querubim bateu no chão e desmaiou no meio dos corpos de adversários e aliados mortos. Rizielle soltou o arco e sacou a espada e a adaga, voando para se encontrar com Trael. A lâmina da Caroz passou sobre o ombro do Principado quando ele abaixou-se de leve, mas a adaga penetrou na barriga trespassando a armadura sem empecilho. Trael tentou se afastar, mas Rizielle já estava enfiando a espada entre seu ombro e seu pescoço, afundando-a no tronco do anjo. Terminado o trabalho, a Caroz soltou o corpo e continuou seu avanço. Havia mais líderes para derrotar.

Francisco, Gabriela e Cássia haviam parado de correr quando a anjo levou os dois para o alto de um prédio de cinco andares. Eles ficaram lá em cima descansando até o mago sentir um súbito vazio no corpo. Seu corpo esfriou enquanto o sangue enegrecia e os olhos desapareciam. A boca se abriu em um grito, pois a mente do mago não conseguia compreender o que estava acontecendo. Uma mistura de dor e prazer surgia em todos os nervos do corpo, confundido a consciência e a razão. Ele rolou e esperneou, deixando Gabriela aflita, sem saber o que fazer. Cássia observou tudo congelada, não conseguindo mover um dedo que fosse.

- Francisco! – gritou a guerreira, tentando saber se o tocava ou não. Ela mesma estava pasma com a transformação no corpo do amante. Via as artérias e veias negras sob a pele, sendo que às vezes o sangue voltava a ficar vermelho e brilhante, para depois tornar a ser um líquido tenebroso.

O corpo do mago sacudia e tremia, a boca continuava aberta e sua voz começava a falhar. As cordas vocais não eram capazes de suportar a força dos gritos. Gabriela não entedia como poderia haver tanto ar naqueles pulmões para que Francisco continuasse gritando tanto. Ela o segurou com firmeza, mas soltou-o assustada quando sentiu o frio que o envolvia. O mago quase sugara o calor de seu corpo. Levantou-se desesperada, olhando de um lado para o outro. Encontrou a batalha bem à frente e não deixou de sentir aquela presença. O Assassino de Almas estava usando seus poderes. Ela sentia isso em seu sangue. Pensou em correr para o campo de guerra, mas não quis deixar o mago sozinho. Foi então que se voltou para ele viu que havia estabilizado.

Francisco colou-se de joelhos, surpreso consigo mesmo. Olhava para os braços quase sem acreditar que aquela pele pálida cheia de traços negros era sua. Olhou para cima e não viu nada além da energia correndo de um lado para o outro, viu criaturas se desfazendo e se deliciou com a destruição que aparecia. Lambeu os lábios ao sentir

duas vidas próximas dele e levantou-se depressa, faminto por elas, mas então sentiu que não precisava daquilo, pois já tinha o suficiente por algum tempo. “Não, não sou eu que tenho... é ele!” , pensou, assustando-se ao saber que a confusão em seu interior vinha do fato de sua mente tentar compreender o que o Assassino de Almas sentia. Esforçou-se para negar todas as reações dele e abriu os olhos para perceber que Gabriela estava o abraçando. Envolveu-a com seus braços enquanto depositava tudo que vinha do Assassino de Almas em um canto vazio de seu íntimo, justamente aquele que as forças daquela criatura já habitavam. Era aquele o lugar de onde viera o selo da destruição.

- Por favor, diga que está tudo bem! – pediu Gabriela, apertando o amante. Francisco fez que sim e os dois continuaram abraçados por alguns instantes. Após assegurar-se de que o mago estava bem, a guerreira virou-se na direção da batalha.

- Meu amor, o Assassino de Almas está causando destruição entre os anjos. Como vamos pará-lo? – perguntou Gabriela, quase chorando ao pensar nas mortes. Ao mesmo tempo, estava aliviada por ver Francisco de pé de novo.

O mago olhou na direção da batalha, sabendo o que acontecia. Ele entendia tudo. O Assassino de Almas estava se alimentando da energia vital de Rafael e ria da ingenuidade do anjo, que se sacrificava para salvar seu exército. Francisco também riu, quase em dúvida se aquela risada era dele. Largou Gabriela, tentando se concentrar. Realmente, não podia deixar que o Assassino de Almas continuasse solto. Precisava mandá-lo para outro lugar. Um lugar cheio de almas onde ele pudesse causar a destruição que bem entendesse e, ao mesmo tempo, ficasse longe de Francisco. O mago mordeu os lábios quando sua mente se conectou mais uma vez à do Assassino de Almas. Caiu de joelhos ao ouvir aquela risada. Francisco entendeu aquilo porque toda sua felicidade desapareceu subitamente. Gabriela ajudou-o a se levantar. Agora o mago estava irritado.

- O que você quer? – gritou ele, mesmo sabendo que bastava pensar para que o Assassino de Almas o entendesse. A resposta gelou

ainda mais o corpo de Francisco. O mago a entendeu como a falta de sua própria alma. Todos os seus pensamentos desapareceram e não pôde sentir seu corpo por alguns segundos. – O que é você?

O mago arrependeu-se de perguntar. Sentiu-se totalmente impotente naquele mesmo instante, distante de tudo, ao mesmo tempo solto onde não deveria estar. Era uma série de negações que o deixaram boquiaberto. Quando acabou, Gabriela o beijava e chorava, pedindo para que ele agisse ou ela mesma partiria para a luta. Só aquilo poderia fazer Francisco reagir. Ele apontou para o céu e começou a recitar suas magias. Era hora de quebrar a barreira dos mundos. Criaria caos de verdade e daria um motivo verdadeiro para ser perseguido por tanta gente. Naquele exato momento, Azazel subia gargalhando para os céus.

- Azazel escapou – disse Liel. O celestial mago aparecera ao lado deles acompanhado de Laviniah e Dumah, sendo que a guerreira ainda estava muito ferida. – Ele tem a Chave para o Inferno, Francisco. Precisamos detê-lo.

Nada mais providencial do que aquela notícia. A idéia de Francisco foi imediata. Era o momento de invocar o Assassino de Almas de novo. O mago sorriu e a felicidade entrou em sua alma enquanto começava a fazer sua invocação.

Zem'Yuriah olhou para os lados e viu os generais celestiais caindo. Eles não resistiam ao avanço vingativo dos Caroz. O anjo da destruição apontou sua espada flamejante para os inimigos e começou a gritar ordens, chamando todos os soldados da Cidade de Prata para se reunirem em um único ponto. Acuados, os anjos mais próximos foram se aproximando, protegendo as costas uns dos outros até estarem todos lutando em uma esfera. Zem'Yuriah já estava no meio, concentrando seu poder de destruição. Queria poder quebrar as armas de todos os inimigos, mas ainda não conseguira aperfeiçoar aquela técnica. Precisaria de algo menos sutil, mas não menos eficiente. Ele esperou que os Caroz os cercassem, que criassem uma outra esfera em volta

deles. Então deu ordens para todos os guerreiros assumirem posições de defesa, usando seus escudos e deixando frestas entre si. Os Caroz pressionaram para quebrar a formação defensiva dos anjos, justamente o que Zem'Yuriah esperava. Satisfeito, liberou seu poder da destruição em finos raios de fogo, passando-os entre os espaços que os celestiais haviam deixado. Os seguidores de Laoviah foram atingidos de maneiras variadas, alguns mortalmente, outros acabaram apenas aturdidos.

- Ataque em fúria! – gritou Zem'Yuriah, levantando Doutrina e voando na direção dos Caroz. Os anjos iniciaram um ataque violento e frenético, aproveitando-se da distração dos Caroz.

Elkalas viu o trabalho bem feito do colega e não o invejou, pois também assumira uma posição de comando e a usava para acabar com a vantagem dos arautos da Nova Cruz. Percebendo que a formação em triângulo era desastrosa, comandou uma segunda estratégia. Ordenou que os anjos assumissem uma coluna reta e se preparassem para um ataque escorpião. Os guerreiros foram se reunindo em vários grupos, formados por três filas próximas e avançaram até os garfos dos Caroz. Foram envolvidos pelas pontas do tridente de arautos. Então as filas de trás se moveram como o rabo de um escorpião, avançando por cima e por baixo para tingir os Caroz. Nem sempre funcionou, mas a batalha tornou a ficar mais acirrada, sem vantagem evidente por parte da Hadash Tzlav.

Os anjos poderiam ter continuado com suas vantagens se tivessem a orientação de bons generais o tempo todo, mas Elkalas e Zem'Yuriah acabaram distraídos. O anjo da morte viu que seu amigo acabara de se engalfinhar com Kushieli. As correntes do Anjo da Punição passavam pelas chamas do celestial, quase o acertando mortalmente. Sem medo da batalha, Elkalas voou entre inimigos e aliados para se chocar contra o líder Caroz. Kushieli evitou o ataque e começou a se defender de dois guerreiros simultaneamente. Suas correntes impediam que um se aproximasse, enquanto a espada cuidava do outro. A luta se seguiu daquele modo até uma visão chamar a atenção de Elkalas. Afrito, o anjo da morte chamou Zem'Yuriah para

se afastar. Kushiell também se aproveitou do tempo para avaliar a força dos oponentes.

- Veja! É Azazel – apontou o anjo da morte.

- Sinto o poder do Inferno brotando nele! Ele está com a Chave, eu posso sentir! Vá, Elkalas, eu cuido desse inimigo aqui!

O anjo da morte não parou para se preocupar. Não poderia se dar ao luxo de lamentar qualquer coisa que acontecesse com Zem'Yuriah. Voou direto para encontrar as espadas de Azazel.

- Está chegando ao fim – comentou Kushiell, no meio da batalha.

- O seu fim! – bradou Zem'Yuriah, mas o Anjo da Punição ergueu uma mão. As correntes voaram em volta do seu corpo.

- Acho que esse é o momento de aguardar. Só de ganhar tempo – falou o Caroz. Então ele tentou voar na direção de Azazel. Zem'Yuriah se colocou em seu caminho e os dois se encararam. Kushiell não podia parar para combater o anjo da destruição. Tentou se desviar, mas o inimigo criou uma parede de fogo para impedir seu avanço. Não teve alternativa além de tentar romper aquele empecilho.

A lâmina de Laoviah bateu contra a espada de Rafael, soltando faíscas que se espalharam pelo campo de batalha e poderiam ter ferido quem estivesse perto, mas só havia corpos ao redor daqueles dois combatentes. O Serafim socou o Príncipe da Vida, fazendo-o cambalear. Rafael tentou conseguir apoio para os pés, mas recebeu um golpe no peito antes de se equilibrar. Sua armadura, já rachada, partiu-se de vez, deixando o peito aberto. O Príncipe da Vida contra-atacou com vontade, recusando-se a tombar. Sua lâmina raspou o braço do adversário, arrancando sangue incandescente. Laoviah não perdoou aquele ferimento. Atacou mais uma vez enquanto seus dedos se movimentavam para abrirem outro selo.

Rafael estava se defendendo da espada de Laoviah quando se viu atingido por agulhas que enfiavam-se em seu peito. As pontadas

no corpo o fizeram recuar e preparar-se para usar seus selos. Chamou pelas forças da vida para romper os poderes de Laoviah. Foi o momento certo, porque Laoviah preparava-se para abrir outro selo de destruição quando seus poderes foram cancelados momentaneamente. O Serafim irritou-se e esqueceu-se do poder, partindo para um ataque com a espada. Expurgo cruzou o ar para chocar-se mais uma vez contra a lâmina de Rafael. Laoviah jogou um pé para frente e levantou a outra mão para socar o anjo. Rafael conseguiu defender o murro, acabando por cair em uma estratégia. O Serafim segurou o braço do adversário e o torceu, abrindo sua guarda e o desarmando. Foi com prazer que apontou a espada para o pescoço de Rafael.

As feições dos dois anjos eram opostas. Um era pura destruição e o outro pura graça. Um tinha seu próprio sangue espalhado pelo corpo, enquanto o outro fazia o sangue dos inimigos evaporar com o calor das chamas que gerava. Laoviah usou seu poder para dobrar as pernas do celestial querendo ver o inimigo gritar de dor. Ouviu-se um estalo e o braço de Rafael adquiriu uma forma impossível. O anjo ficou calado, recusando-se a gritar. Apenas caiu incapaz de suportar os ataques. Laoviah gargalhava enquanto dava a volta em torno dele. Era hora de fazer uma das coisas que mais lhe davam prazer.

- O que acha disso? – sussurrou enquanto passava as mãos nas penas manchadas de sangue das asas do Príncipe da Vida. Segurou a asa com força, rindo como nunca. As penas começaram a queimar, agora arrancando um grito do celestial. Então o Serafim começou a puxar os ossos daquele membro alado. Puxou aos poucos, vendo o sangue brotar das costas do adversário e deleitando-se no processo. Arrancou todas as asas que restavam, depois parando para o golpe final. Rafael estava caído, derrotado pelo Serafim da Destruição e do Castigo final depois de milênios o odiando. Laoviah levantou Expurgo, pronto para a execução, mas um braço o segurou, puxando-o e o jogando no chão. Pegado de surpresa o Serafim não teve como reagir, mas levantou-se depressa e apontou a arma para o novo inimigo. Qual não foi sua surpresa ao ver o Primeiro diante dele.

- Há quanto tempo – disse Lúcifer. Ele estava em sua forma humana, mas tinha uma espada na mão.

- Chegou a hora – desafiou Laoviah, levando Expurgo para desafiar Insurreição.

- Ainda não... – falou alguém atrás do Serafim. Era Gabriel, em sua forma humana. Laoviah saltou para trás, assustado com a chegada de outro de seus irmãos.

- Pretendem me enfrentar? – perguntou Laoviah apontando a lâmina de um para outro e preparando um selo.

- Não. Você já perdeu. Moloch não tem mais a Chave. Ele não vai para o Inferno fazer o que quer que você queria que ele fizesse – contou Lúcifer, olhando para o Céu. Os Caroz e anjos ainda lutavam. Um ponto negro surgiu perto das nuvens escuras. Era Azazel, usando os poderes da Chave para acumular energia infernal.

Laoviah abriu seis asas flamejantes e seus olhos explodiram em fúria. Lúcifer e Gabriel riam a seu redor, zombando do Serafim.

- Ainda não acabou! – vociferou Laoviah.

- Acabou sim! – Agora quem falava era Rafael. O Anjo da Vida acabara de se levantar. Usara o poder de um selo para recuperar o braço e depois invocara seu arco. Naquele momento, a ponta de uma flecha brilhava, apontando para o coração de Laoviah. O Serafim riu...

- Rafael, não faça isso, irmão – pediu Gabriel, quase se colocando na frente de Laoviah. O Serafim da Destruição não se mexia.

- Cala-te, Gabriel. Tu apareces aqui junto com a escória que negou ao Senhor e vens me fazer um pedido? Estás louco? – disse Rafael, retesando a corda do arco ao máximo e imbuindo seus poderes na flecha. Seu corpo estava coberto de sangue. As costas estavam banhadas de vermelho. O líquido escorria até de suas mãos, banhando o arco e a corda.

- Vejo que minha opinião não valerá nada aqui – disse Lúcifer, dando de ombros e apoiando a espada no chão. Cruzou as mãos sobre o cabo da arma e ficou observando, esperando que Gabriel resolvesse a situação.

- Não faça isso... Eu peço-te, meu irmão. Deixa-me resolver

isso... Ou melhor, deixa quem já tem as mãos sujas afundar-se nesse poço... – falou Gabriel, olhando para Lúcifer. O Primeiro olhou de volta e riu, balançando os ombros mais uma vez como se não fosse da sua conta.

- Não... – foi a última palavra de Rafael.

A flecha foi solta, rumando para o peito de Laoviah. O Serafim levantou sua arma, mas não parou o ataque, recebendo-o em seu peito enquanto seus dedos abriam um último selo. A flecha atravessou um buraco que já existia na armadura, passando por uma velha cicatriz e enfiando-se no coração. Aquele era seu castigo e ele o recebia com prazer. Enfim, chegara o momento.

Elkalas saltou sobre Azazel no momento certo. O mestre de armas estava pronto para absorver o poder da Chave o que o daria livre passagem do Inferno para a Terra. Ele teria liberdade para fazer o que quisesse. Graças ao anjo da morte, o anjo caído precisou se concentrar em uma luta durante alguns instantes, o que o impediu de concluir suas ambições. Elkalas exibia aquela mesma forma poderosa que já invocara usando a espada e a lança durante a luta. Precisava de concentração total para que nenhum dos golpes de Azazel o atingissem. Os dois flutuavam no céu, subindo e descendo para atacar e defender. Não conseguiam acertar um ao outro, pois ambos tinham experiência naquelas lutas. Elkalas estava usando todo seu poder para lutar, enquanto Azazel tinha parte de sua concentração voltada para a Chave.

O anjo da morte tentou um golpe com a lança, mas ela foi aparada por uma espada. Azazel usava as duas depois de ter guardado a Chave em um dos bolsos secretos. O anjo caído defendeu-se e atacou seguidas vezes, tendo todos os golpes aparados pelo inimigo. Tentou abrir a guarda de Elkalas de várias formas, mas não conseguia. O anjo da morte continuava se defendendo com firmeza, até recuar de repente. O anjo caído não entendeu porque o inimigo afastara-se daquela

maneira, mas aproveitou o momento para pegar a Chave e começar a sugar seu poder. Foi então que percebeu aquele vazio dentro de seu coração. Aquilo só significava uma coisa: o Assassino de Almas estava diante dele. A criatura surgiu subitamente, já com a espada sendo enfiada no peito do anjo caído. Azazel sentiu a lâmina de Fim das Almas afundar-se em seu coração, enquanto seu ex-aliado exibia um sorriso sinistro. As energias do mestre de armas começaram a ser sugadas e ele pensou que aquele seria seu fim, mas sentiu o portal para o Inferno se abrindo subitamente. Mãos espirituais o agarraram de uma vez só. Línguas sem corpos sussurravam que era seu castigo. Elas falavam de pecados que ele não cometera, acusavam-no de ações que ele nunca fizera ou de acabar com vidas que ele nunca tomara. No meio de tudo aquilo, ele reconheceu algumas atitudes. Ele nunca havia mandado nenhuma alma para o Inferno, nunca destruíra nenhuma cidade usando fogo e enxofre, muito menos tentara apressar o Apocalipse ou libertara o Assassino de Almas. O culpado daquilo era Laoviah e, no entanto, Azazel era punido por aqueles crimes. Mais uma vez o bode expiatório. Assim foi arremessado ao Inferno, dessa vez para ficar preso, incapaz de fugir.

O Assassino de Almas também foi sugado pela força do portal e não recusou a proposta de entrar no Inferno. Ele sabia que poderia sair quando quisesse, mas alimentar-se naquele lugar seria ótimo. Continuou seu caminho rumo ao Orco enquanto sentia as energias infernais ainda subindo para a Terra. De certa forma, Laoviah concluiria seus planos.

Laoviah caiu de joelhos e olhou para o Céu.

- Senhor! Saiba que acabo aqui meus planos em seu nome! – gritou o Serafim, finalmente tombando. O corpo formou uma poça vermelha, misturando o que seria sangue tanto seu quanto das vítimas que tentaram interromper seu caminho. Aos poucos, o vento foi o levando. A essência espiritual do Serafim começava a se espalhar,

voltando para Demiurgo. Desapareceu aos poucos, deixando cadáveres e corações feridos como registro de sua existência.

Lúcifer olhou para Gabriel e Rafael. Os dois anjos olhavam para onde estava o corpo de Laoviah, o primeiro lamentando e o outro satisfeito com a missão cumprida. Lúcifer gargalhou, chamando a atenção dos dois, depois calou-se subitamente, assumindo um semblante preocupado.

- O Assassino de Almas foi para o Inferno. Acho que teremos alguns problemas por lá... Mais alguns... Vou deixar isso para Satã resolver – falou o anjo caído.

- Lúcifer... – começou a falar Rafael, mas ele não tinha forças para lutar.

- Rafael... você não consegue me derrotar em estado normal e quer lutar assim? Acho que eu deveria ter deixado Laoviah acabar com você. Pena que seu irmão pediu para eu intervir! – falou Lúcifer, rindo para Gabriel. Rafael voltou seu olhar raivoso para o Príncipe da Morte, afastando-se um pouco daqueles dois.

- Não dê ouvidos a ele, meu irmão – disse Gabriel, sabendo que o Portador da Luz já estava jogando mais uma vez.

- Resolveremos isso depois. E Azazel? – perguntou Rafael, olhando para cima.

- Foi para o Inferno, punido. Vai ficar acorrentado lá por um tempo. Laoviah usou o poder do castigo sobre ele – comentou Lúcifer, de repente estreitando os olhos preocupado.

- O que foi? – perguntou Gabriel.

Lúcifer deu uma risada enfastiada e balançou os ombros, mas uma sombra de preocupação ainda ficou em seu rosto. Gabriel também pareceu entender o irmão caído, porque calou-se de repente, enquanto Rafael começava a caminhar mancando para se afastar dos dois.

- Já vou, Gabriel. Espero que eles o expulsem lá de cima. Você será bem vindo lá embaixo – falou Lúcifer.

- É muito educado de sua parte oferecer, mas eu prefiro ficar por aqui ou lá por cima mesmo. A paisagem é mais bonita.

Lúcifer estendeu a mão em despedida, já de costas para o

anjo. Seu corpo começou a se desfazer no ar, transformando-se em serpentes negras que se espalhavam pelo chão, desaparecendo no meio das carcaças de anjos e Caroz. Gabriel voltou-se para Rafael, correndo para alcançar o irmão.

- Onde vais?

- Vencer uma guerra! – disse Rafael, ainda que mal conseguisse se mover.

- Tu já perdestes, meu irmão. Vencestes Laoviah, mas perdestes a guerra... Não percebestes o que Laoviah fez? Ele assumiu o castigo de todos os Caroz e todos os que seguem a seita dele. Não há mais heresia ou pecado por parte deles.

Rafael olhou assustado e enfurecido para o irmão. Não podia crer que Gabriel estava falando daquele modo. Não era capaz de admitir que criaturas como aqueles Caroz continuassem a existir.

- Meu irmão... Laoviah venceu de um modo, apesar de ter perdido de outro. Agora eles são mais uma simples religião que segue o nosso Senhor. Lutar contra eles é como cristãos lutarem contra judeus, católicos lutarem contra protestantes. É uma briga mais humana do que celestial. Acho que tu não entendes, pois assumiste de maneira completa uma fé, sem entender os humanos, como deverias fazer. Lembra-te, meu irmão. Nós somos anjos e velamos pelos humanos. Proteja o rebanho de Christos como tu gostas de fazer, mas deixa que os mortais escolham seus caminhos, afinal, o livre arbítrio existe para isso. Laoviah compreendia tal parte da existência melhor do que nós imaginávamos – falou Gabriel, abraçando o Príncipe da Vida.

Aturdido, Rafael olhou para cima mais uma vez e viu os anjos recuando. Os Caroz faziam o mesmo, embora assumissem posições de guarda. O Príncipe da Vida sentia-se derrotado, pior do que nunca. Começava a ter raiva de Gabriel por ter se aliado a Lúcifer, como se não bastasse a humilhação que sofrera por parte de Laoviah. Jogou sua espada no chão e cerrou os punhos. Não conseguia orar, apenas tinha raiva. A falha o deixava angustiado. Depois de anos esperando pelo fim de uma criatura como Laoviah, agora não estava feliz, muito menos completo. Tentava imaginar se tudo aquilo não fora

um erro. Lágrimas desciam por seu rosto, sendo fruto de uma angústia e dúvidas que nunca existiram em na essência íntegra do Anjo da Vida. A derrota que abarcava seu coração não era uma agressão ao orgulho ou à honra, mas, principalmente, a sua fé, a única razão que julgava para sua existência.

O príncipe angelical quando viu três pessoas se aproximando. Reconheceu dois deles como Caroz, mas um era humano. Deduziu claramente quem eram...

Betânia parou em frente a Rafael com um sorriso prático e vitorioso. A se lado estavam Nefali e Tel'Merah. O nefálim parecia intimidado, olhando para tudo a sua volta sem saber o que dizer. Coube a Betânia tomar todas as decisões, sendo que a maioria delas já haviam sido previstas por Laoviah.

- Senhores... Como estão? – perguntou ela, com sorriso de advogada.

Rafael olhou de volta com uma mistura de nojo e pena, talvez um pouco de dó de si mesmo.

- O que quer? – perguntou o Anjo da Vida com uma voz agressiva.

- Um acordo de não agressão com a Cidade de Prata. De hoje em diante, essa cidade é nossa, o centro da nossa seita. O Principado de vocês fôleceu na batalha, infelizmente, portanto, vocês não têm mais nenhum direito sobre nós e declarar guerra contra uma seita religiosa como a nossa será o mesmo que violar o direito de qualquer outra religião de existir. Espero que estejam de acordo com isso – disse ela, com o mesmo sorriso, agora retribuído por Gabriel. O Príncipe da Morte estendeu a mão para a Caroz e selou o acordo, não havia muito o que fazer além disso.

O Anjo da Vida não ouvia mais as palavras que saíam da boca de Betânia. A seguidora de Laoviah continuava falando do acordo, citando termos, negociando com indiferença. Nem parecia se importar com a morte de seu líder. O Príncipe da Vida não se importou com nada do que foi dito. Sangrando, ele ouvia apenas à sua própria mente, tão ferida quanto o corpo. Rafael deu as costas a eles e se

afastou, cansado de tudo aquilo, decepcionado consigo mesmo, talvez com tudo e com todos. Não tinha em quem colocar a culpa, acabando frustrado com o mundo em geral. Perguntava-se se Christos poderia perdoá-lo por aquela falha. Esperava que sim, mas não sabia se poderia contar com aquilo. Uma nova religião? Para que mais um caminho para criaturas tão confusas quanto os mortais? Para que um caminho tão tortuoso quanto o que Laoviah criara?

O portal aberto pela Chave ainda não se fechara, apesar de os anjos, muito menos os mortais, não serem capazes de enxergar o que estava para se passar. As nuvens negras foram atingidas pela tormenta de fogo, enxofre, gritos e almas que fora arrastada do Inferno, invocada pelas forças de Laoviah para seu último intento. Todas essas forças primordiais, vindas de um lugar de sofrimento, foram canalizadas para outro portal. Elas explodiram em Spiritum, consumindo espíritos e pequenos reinos místicos que se acumulavam naquele plano abstrato. Houve destruição, sem dúvida, mas era de se esperar esse fator em qualquer ação de Laoviah. Não deixou de haver castigo para as criaturas que viviam nos locais afetados. No entanto, nada disso impressionava tanto quanto a convulsão que foi criada no plano espiritual. As formas se desfizeram, algumas eliminadas para todo o sempre, outras apenas estilhaçadas para terem seus cacos aproveitados.

Foi aos poucos que a tormenta passou. Os gritos advindos do Inferno começaram a cessar. O fogo se abrandou. A paisagem antes formada por um nevoeiro frio diante do olhar, congelante diante do toque, foi transformada. Agora haviam nuvens vermelhas semelhantes a um pôr-do-sol. Elas eram quentes para quem tocasse e induziam pesadelos em quem olhasse demais. Bastava fixar os olhos naquelas nuvens para se encarar os erros do passado e se afundar em angústia. Ou o indivíduo se retirava logo ou ficaria tentado a entrar de uma vez naquele novo reino que se formava.

Por sinal, naquele exato momento, havia um anjo parado em

frente às nuvens. Elas começavam a se abrir para que ele passasse, bastando que seus braços se estendessem para mostrar o que escondiam. Foi possível vislumbrar pouco do que havia, mas as catedrais gigantescas ficaram à mostra. Os enormes poços também não escaparam aos olhos, muito menos as fortalezas de pedra negra. No início, a visão atormentava, parecendo mais um grande campo de guerra, mas se os olhos tivessem coragem para superar o temor inicial, poderiam enxergar as escadas douradas ao longe, assim como os campos verdejantes. Não havia caminho para lá, pois esse só poderia ser feito na hora, justamente por quem andasse naquele novo reino.

O anjo, que vestia uma túnica branca e exibia a Nova Cruz no peito, virou-se com o sorriso, encarando as pessoas que começavam a surgir no meio das nuvens. Elas eram escoltadas por outros seres angelicais, mas diante deles vinha uma alma puxando os primeiros pela mão. Zih'Diel riu ao ver Annah se aproximando. Voando acima dela estavam Kushiell e Rizielle. Os dois passaram pelo Anjo da Fé enquanto Annah parava diante do Caroz que tanto servira a Laoviah.

- Seja bem vinda a Geena – disse ele, estendendo um braço e mostrando o lugar.

Os olhos de Annah brilharam, pois viram uma estrada que a levava diretamente aos campos verdejantes que sempre sonhara existir no Céu. Ela começou a caminhar com coragem, vendo que Rizielle se sentava em um trono no topo de uma torre que separava os campos de sofrimento dos campos de descanso. A Anjo da Justificação observou a alma se aproximar enquanto Kushiell voava de um lado para o outro, verificando todas as partes de sua nova montanha de punição.

Zih'Diel observou Annah caminhar, assim como as outras almas hesitantes que a seguiam. Aqueles espíritos tiveram curtos caminhos, não demorando a começarem os gritos e os desesperados pedidos de ajuda. Correntes começaram a saltar dos fossos, buracos se abriram no chão, chamas vieram do céu tempestuoso, tudo para atingi-los sem um pinga de piedade. No entanto, eles continuaram entrando, pois aquela fora sua opção, aquela fora a sua chance. Zih'Diel avaliava cada um que entrava, verificando a fê no íntimo das almas. Ele sorria,

orgulhoso do que seu Meretz criara. Riu ainda mais quando uma estátua começou a surgir do chão nebuloso onde pisava. Lá estava a imagem de Laoviah, esculpida no mármore, mas com olhos de chamas, apontando sua espada para recepcionar aqueles que chegavam. Ela, por si só, já era uma prova para as almas, dizendo-lhes que se prepararem-se para as aflições que viriam.

- Sejam bem vindos à Geena – dizia Zih'Diel, imaginando o que se passava agora à suas costas. Outros Caroz já apareciam para ver aquele novo reino. Estavam todos cientes que aquilo estava longe de ter a magnitude do Céu ou o tamanho abismal do Inferno. Geena não tinha a abrangência nem o poder descomunal daqueles grandes reinos espirituais, mas, para os Caroz, era o grande desejo de suas vidas. Aquele era seu lar, sua razão de ser. Podia ser infinitamente menor do que o Inferno, tão menos brilhante do que o Céu, mas, a seus olhos, não havia lugar melhor do que sua casa, o novo lar da fé daqueles que acreditavam na Nova Cruz.

Azazel caiu como nunca acontecera antes. Viu seu corpo descer pela Cascata das Almas, sentindo as mãos de espíritos tentarem agarrá-lo. Sua espada cortou quem caía a seu lado, movida desesperadamente. Ele praguejou e cortou, sua voz se perdendo no meio dos gritos até chegar a inconsciência, fato que só acontecera duas vezes em todos os seus milênios de existência. Acordou só quando sentiu a terra quente a suas costas. Podia ouvir os gritos das almas ao longe, mas ali o lugar era silencioso, a não ser pelos estranhos barulhos de gafanhotos. Gafanhotos, no Inferno? Azazel se levantou procurando pelas espadas. A névoa densa do lugar quase o impediu de encontrar as lâminas. Deixou-as erguidas tão logo as achou. Não sabia o que poderia encontrar naquela região que desconhecia.

Andou um pouco antes de se lembrar que ainda tinha algo precioso. A Chave estava com ele. Guardou uma das espadas para segurar mais uma vez a esfera que lhe daria liberdade eterna. Colocou-a

diante do rosto gargalhando entre silvos bizarros. Só parou de rir para espantar um pequeno gafanhoto que pousou em seu ombro. Continuou fazendo planos até notar que outros estavam se espalhando por suas roupas. Mãos rápidas retiraram aqueles insetos, esmagando alguns. Nem bem retirou o último, ergueu a espada preocupado, pois acabara de ouvir um barulho de asas. Olhou para os lados e viu-se cercado de algo improvável. Gafanhotos maiores do que ele o observavam. As criaturas mexiam as patas e as batiam no chão, ansiosas para atacar, mas não se moviam, apenas estalavam as línguas... Línguas! Aqueles seres demoníacos tinham rostos de homens com expressões maldosas e famintas, olheiras profundas e dentes de leão. Havia marcas em suas testas, eram dois números, 9:11. Azazel entendeu então qual revelação era aquela. Baixou as armas imediatamente e soltou um suspiro derrotado.

- Onde está você? – perguntou o anjo caído, antes de ver uma forma surgir no meio da névoa.

Um outro anjo veio caminhando. Ele tinha uma coroa de espinhos na cabeça, só que essa estava em chamas. A face estava oculta por sombras bruxuleantes. O corpo era todo envolvido por uma pesada capa de couro negro, de onde saíam chamas que furavam o tecido, que logo depois se reformava. O anjo estendeu a mão para o Decaído, deixando chamas escaparem de dentro de suas vestimentas. Os dedos ossudos e machucados moveram-se em um pedido. Cada movimento parecia o de metal ralhando em metal, pois faíscas espalhavam-se.

Azazel sabia que não tinha opção. Estendeu a esfera e colocou naquela mão queimada. Nem bem a Chave foi pega pelo anjo, dois números surgiram em sua superfície, escritos por sangue, 20:1. O Decaído mordeu os lábios, xingando-se pelo que acabara de acontecer. Aqueles eram planos de Laoviah desde o princípio, ainda que houvessem sido alterados pelas manipulações de Lúcifer e de Gabriel. O mestre de armas imaginava o que não teria acontecido se não fosse pela intervenção do Portador da Luz e do Príncipe da Morte. Porém, os desejos de Laoviah ainda se cumpririam. Estava escrito. Bastava olhar a Bíblia... Era até irônico que o Serafim houvesse se aproveitado

justamente daquelas profecias, daquele último livro, Apocalipse. Mas quem suspeitaria que alguém como ele assim o faria? Quem suspeitaria que Laoviah, que não cria em Christos, usaria o Novo Testamento a seu favor?

O anjo deu as costas e começou a caminhar para o meio da névoa. Azazel notou que ele tinha sete pares de asas magras, feitas quase que de esqueletos e preenchidas pelo que parecia ser teia de aranha. O anjo sumiu e o mestre de armas ergueu as armas. Os gafanhotos estavam prontos para atacar e ele para passar uma eternidade lutando para sair dali. Sabia que aquele fora seu castigo. Mais uma vez, era o bode expiatório, destinado a pagar pelos pecados dos outros.

Gabriela colocou Cássia para dormir na cama do casal. Francisco fez um muxoxo, mas não reclamou. Foi para a sala de estar, que não fora destruída durante o combate com Victorius, e logo se jogou sobre o sofá para descansar. Julgava-se livre de toda aquela batalha. Laoviah finalmente se fora! Um inimigo a menos no mundo. Agora só tinha que enfrentar alguns magos, um bando de demônios, Af, Moloch, os Caroz sobreviventes, alguns anjos vingativos, alguns rosacruzes que desejassem de volta os pertences roubados de amigos falecidos, o Assassino de Almas... Ao menos não poderia reclamar de tédio nunca mais.

Liel sentou-se ao lado do mago, sentindo-se feliz de estar em casa mais uma vez. Nenhuma de suas memórias havia voltado nos últimos dias apesar da tensão que sofrera. Só havia um detalhe, tinha certeza de que sonhara naqueles instantes em que permanecera inconsciente ao ser capturado, mas não sabia o quê. Lembrava-se do rosto perfeito de sua antiga amada e de vontades perdidas, mas tudo era vago demais para causar algum choque ou ter relevância. Calmo, ele olhou para Francisco, enxergando a sombra negra que se adensava na alma do amigo.

- Acha que pode lidar com isso? – perguntou o celestial.

- Por que não? – replicou o mago, olhando para o teto.

Liel deu de ombros sem saber o que falar. Estalou os dedos e continuou a olhar para o amigo.

- É poder, não é? Eu sei lidar com o poder.. Nasci para isso – brincou o humano.

Gabriela chegou, interrompendo a conversa. Vestia um roupão e tinha os cabelos molhados, tendo acabado de sair do banho. Sentou-se ao lado de Francisco e o abraçou. Beijou a bochecha do amante, que continuava a olhar para o teto. Houve um instante de silêncio, antes que outros anjos aparecessem. Laviniah, Dumah, Elkalas, Zem'Yuriah e Ephain surgiram na sala de estar do mago. Ele não deu importância ao anjo de chamas ou à figura macabra, muito menos ao negro gigantesco e à mulher guerreira. Já vira o Inferno algumas vezes, já estivera cara a cara com a morte, já fugira de guerreiros poderosos e tinha sua própria beldade para amar. Para que se preocupar então? Nem ligou para o Querubim até o instante que viu o olhar de Gabriela para aquela figura infantil. A anjo se aproximou do ouvido do amante e sussurrou:

- Eu vou ter um filho... – falou ela, o que fez o mago tremer e arrepiar-se desde os dedos dos pés até a última ponta de cabelo. Não sabia se aquilo era uma realidade ou um plano que sua amada acabara de fazer, mas ele preferia enfrentar Af e toda a Irmandade Rubra a ter que pensar naquilo. Antes que gritasse de susto, ouviu os outros conversando.

- Parece que acabou, ao menos por enquanto – comentou Liel, que acabara de se levantar para cumprimentar os outros.

- Só acaba quando a morte diz que acabou – falou Elkalas, com o que parecia ser uma piscadela debaixo da venda.

- Mas nós cumprimos nossa parte e vamos continuar cumprindo – falou Laviniah.

- Tinha que ter alguém pra falar isso. Não podemos simplesmente ter uma despedida agradável? Tem que ter alguém para as bravatas eloqüentes! – falou Francisco, levantando-se irritado.

- Você não vai me irritar, mago – respondeu Laviniah.

- Nem quero, anjo. Vá em paz... Essas são as últimas e únicas palavras boas que você ouvirá de minha boca. Não quero nenhum de vocês pisando em minha casa mais. Nenhum... Eu os vejo depois, quando eu for visitá-los – falou Francisco, dando as costas para eles e cruzando os braços enquanto olhava para uma janela. Enxergava o céu lá em cima e perdia-se em pensamentos. Seu futuro estava mais incerto do que nunca. Um filho? Como se não bastasse ter que ajudar uma ex-escrava a se recuperar, os alunos para ensinar magia, agora deveria se preocupar com o filho que Gabriela desejava?

- Mas nem eu posso vir? – perguntou Elkalas.

- Muito menos você! – falou Gabriela, subitamente irritada com a presença mórbida.

- Santo Ataque Cardíaco! Eu acabo aparecendo. Não há lar nesse mundo que eu não visite... – falou o anjo da morte.

- Deixe disso, Elkalas. Vamos embora. Eu vim aqui para dizer que foi bom lutar ao lado de vocês. Fui anistiado e em breve vou voltar para a Cidade de Prata. Ainda não sei se quero voltar para lá... Há muito o que fazer aqui... Mas... Bem... É isso – disse Zem'Yuriah, abraçando Gabriela e Liel. Francisco continuou de costas. – Saibam que eu não serei inimigo de vocês, mesmo que eu seja exilado de novo.

- Obrigada – disse Gabriela, dando-lhe um beijo no rosto. As chama de Zem'Yuriah tornaram-se vermelhas, como se houvesse corado. Ele lembrou-se de sua paixão passada, tendo saudade de ter um amor em seus braços de novo. Viu-se subitamente distante da Cidade de Prata e riu de si mesmo. Resolveu que voltaria lá para rever Christos, agradecer por tudo, contar que estava quase acabando o jogo do poliedro e depois voltar para a Terra, onde imaginava que poderia cumprir melhor a palavra Dele.

- Eu também quero! – disse Elkalas, mas antes que pudesse se aproximar de Gabriela, Francisco estendeu o braço e a puxou. – Ciumento... Sabe que ninguém resiste ao beijo da morte. – Ficou sério e continuou falando. – Francisco, agora, sem brincadeiras. Gostaria de agradecer por sua ajuda.

O anjo da morte deu as costas e voou, desaparecendo ao atravessar o teto. Não se despediu, porque a morte nunca abandona ninguém. Zem'Yuriah acenou e deu um último abraço nos outros, também voando para o alto. Laviniah sorriu enquanto balançava a cabeça cinicamente, depois alçou vôo acompanhada de Dumah. Francisco virou-se e se surpreendeu, pois Ephain ainda estava de pé na sua sala.

- O que quer aqui, garoto? – perguntou o mago.

- Hum... Eu vou ficar nessa cidade mesmo – confessou o Querubim.

- Pela cidade, mas na minha casa não, oras! Vai falar com o Principado. O nome dele é Payg.

- Vamos, eu o levo até ele – disse Liel, querendo aproveitar para deixar os amigos sozinhos.

A casa ficou silenciosa e triste quando os outros se foram. Gabriela abraçou Francisco mais uma vez, apertando-o com força e desejo. Queria animá-lo, mas preocupou-se ainda mais quando viu o mago baixando a cabeça de um modo que nunca fazia. Parecia quase derrotado.

- O que foi, meu amor? – perguntou ela.

- Acho que isso pode se tornar um fardo... Um fardo que não sei por quanto tempo vou conseguir carregar... – confessou o mago, esfregando o rosto. Pensou que derramaria lágrimas, mas elas não saíam. Não podia deixar, pois simbolizariam sua derrota plena.

- Pretende me deixa sozinha? – sussurrou a anjo no ouvido dele, sabendo o que uma pergunta como aquela provocaria. Então estendeu a mão do amante e a colocou sobre sua barriga.

- Já disse que volto do Inferno por você – falou Francisco, sabendo de algum modo que não iria para lá. Não abandonaria Gabriela.

- Eu sei... – disse ela, abraçando-o. Trocaram um de seus beijos ardentes enquanto caíam no sofá. As mãos começaram a navegar pelos corpos.

- Vamos conhecer essa cidade, Dumah. Ouvi dizer que batalhas violentas já aconteceram nessa região... Mas onde elas não aconteceram nesse mundo de hoje em dia, não é? O que não faltam são lutas entre anjos e demônios – falou Zem'Yuriah, quando estavam no teto da casa de Francisco.

O anjo do silêncio olhou desconfiado para o anjo da destruição, depois soltou o que parecia um sorriso. Eles abriram as asas e começaram a voar rumo ao centro da cidade. Deixaram Elkalas e Laviniah de pé observando o sol. O anjo da morte olhou para a guerreira e se aproximou, puxando-a pelo braço. Sem tempo de reação, Laviniah sentiu seus lábios serem tocados como nunca antes. Seu corpo se arrepiou e pediu por mais, mas Elkalas já havia se distanciado antes que se desse conta. Constrangida, ela tentou disfarçar o rosto corado.

- Espero que um dia queira mais – falou Elkalas. Então alçou vôo sem mais explicações. Foi embora pensando no passado e no presente, no que era e no que poderia ser. Já estava certo de tanta coisa que não quase se exasperava, mas apenas quase. Decidido como sempre, preferia ter paciência antes de agir e tomar as decisões. Aprendera sobre o erro de ser impulsivo observando os humanos. Era fácil conhecer as consequências da impulsividade sendo um anjo da morte.

Laviniah colocou os dedos sobre os lábios e quase chorou, sem entender o que acontecera. Ficou algum tempo imaginando se não estava fazendo algo errado, olhando para os lados para procurar alguém que houvesse visto. Decidiu que não estava errada, mas também manteria tudo em segredo até ver o anjo a morte mais uma vez. Ela era uma guerreira e a morte estava sempre à sua frente. Não seria surpresa se estivesse diante de Elkalas mais uma vez. Satisfeita consigo mesma e feliz como não se lembrava de ter sido, ela abriu as asas para mais um vôo. Aquela foi a primeira vez em anos que não sentiu nenhum peso em seus ombros. Seus olhos apreciaram a terra de um jeito que

só o fariam se fossem mortais. E assim foram naqueles breves instantes de ingênua felicidade.

Gabriel parou bem na beirada do edifício, juntando os pés e equilibrando-se como se estivesse para cair. A brincadeira não impressionou Lúcifer, que se mantinha calado a seu lado. O Portador da Luz estava de braços cruzados e observava a noite. Era uma das poucas vezes que não deixava os ouvidos captarem os pecados dos mortais ou que não se mantinha atento a um esquema de guerra.

- Ele aceitou o castigo para deixar seus Caroz e sua religião sobreviverem. Irônico, não? Uma idéia pouco original, mas quem poderia pensar que ele a usaria? Foi um improviso que deu certo – disse Gabriel, rompendo o silêncio. Continuava sua brincadeira, olhando para os mortais que voltavam para casa naquele princípio de noite. – A Cidade de Prata não pode declarar guerra aos Caroz, pois eles não têm pecados. E sua religião não pode mais ser considerada uma heresia segundo as Leis de Demiurgo.

- Não é isso que me preocupa – falou Lúcifer.

- O quê? Geena? Agora tu pareces até Rafael, preocupando-te com coisas pequenas... – falou Gabriel, agora pulando da beirada do edifício para perto do irmão.

- Não... Moloch está realmente preso no Inferno. Azazel está desaparecido. E alguma coisa a mais aconteceu. Impedimos o plano de Laoviah de punir os pecadores, não deixamos que ele continuasse espalhando sua destruição, mas outras coisas aconteceram – disse o anjo caído em tom de profecia.

- Então só o tempo dirá, meu irmão – disse Gabriel, agora com o rosto preocupado. Ele ainda não voltara para a Cidade de Prata, mas sabia que problemas o esperavam nos Céus. Sem dúvida, as ações de Laoviah teriam maiores repercussões do que um simples reino espiritual.

- Tenho algumas coisas a resolver por aqui, depois voltarei

para o Inferno. Quero saber o que o Assassino de Almas está provocando por lá. Depois nos falamos, meu irmão – disse Lúcifer.

- Que assim seja – respondeu Gabriel, vendo o Portador da Luz se afastar. Ficou imaginando o que o anjo caído estaria tramando e no que precisaria pensar para deter seus planos até dar-se conta de que primeiro teria de resolver seus próprios problemas. Parecia que o castigo de Laoviah também recaía sobre ele.

Epílogo

A tempestade finalmente despencou sobre Divinópolis. A água varreu a cidade, formando enxurradas escuras e barrentas que levavam toda a sujeira. Almas eram lavadas naquele dia. Olhos mágicos notariam que a água escorria vermelha, levando o sangue dos anjos mortos na batalha. Armas eram carregadas e formas espirituais desapareciam, dissolvidas naquele líquido brilhante que despencava abundantemente do céu. No meio daqueles relâmpagos, abaixo daquelas nuvens escuras, um rosto recebia a chuva de olhos fechados. As pálpebras abriram-se devagar e fitaram uma estrela solitária que começava a despontar no meio da escuridão nebulosa. Ele continuou caído ali durante muito tempo, sentindo a água passar por sua pele e o barro sujar seu corpo nu. Mexeu-se para levar a mão ao rosto e sentir as pequenas cicatrizes de queimadura. Sorriu ao tocá-las e sentir sua textura. Abriu a boca e colheu alguns pingos de chuva com a língua, sentindo a água escorrer por suas papilas. Gargalhou sem sentido e começou a se levantar. Sua espada estava caída a seu lado. Pegou-a firmemente, pela primeira vez impressionando-se com seu peso e a frieza do metal. Eram sensações que desconhecia e o deixavam impressionado. Impressionado, admirado! Nunca sentira nada daquilo! Como poderia ter sentido depois de tantos milênios?

Olhou para si mesmo e gargalhou ainda mais. Passou a mão pelo corpo. Sentia frio, mas não se importava. Queria sentir o frio. Mordeu os lábios e deixou que sangrassem experimentando o gosto metálico na boca. Deliciou-se e quase pediu mais. Desejou mais...

Então sentiu que era humano. Para confirmar, olhou para os céus e lembrou-se de sua imensidão. Dúvidas passaram por sua mente e ele quase se pegou fazendo uma oração, desesperado por não compreender, confuso por sentir-se distante de seu espírito. Foi então que confirmou que era humano. Foi então que confirmou que tinha alma. Falhara, mas também vencera. Vencera a si próprio, enganara os outros. Começou a gargalhar por algum tempo e parou quando viu que tinha companhia. Três adolescentes, duas garotas e um garoto, estavam diante deles. Dois tinham pistolas na mão e uma estava com uma faca.

- Você que é o tal Laoviah? – disse um daqueles que estava com a pistola.

- Era... e sou... – respondeu ele, despreocupado. Sabia que poderia ser morto pela pistola, não era invulnerável como antes, mas não se importava.

- Lúcifer mandou avisar que sempre tem algumas cartas na manga – falou o adolescente, apontando a arma.

- É? – perguntou Laoviah, com o cinismo temperando a saliva.

O garoto irritou-se e começou a apertar o gatilho, mas antes que atirasse, uma esfera de aço acertou-lhe a mão. A arma voou longe, acompanhada pela da amiga. Assustados, eles pegaram as facas que traziam consigo, preparados para lutar. Havia ganhado poder do próprio Lúcifer. Pena que antes que pensassem em usar seus presentes obscuros, um demônio negro pulou entre eles. As garras da criatura, assim como suas armas, começaram a bater nos corpos daqueles pobres mortais. Cadáveres foram ao chão rapidamente. Assim que o último caiu, Betânia apareceu com um guarda-chuva.

- Muito obrigado, Decrus – disse ela, andando com cuidado para não deixar o barro sujar demais os saltos. O demônio desapareceu nas sombras, indo para um ponto de vigília.

Laoviah riu para ela e se aproximou para se proteger da chuva. Ficou ao lado dela, olhando para os cadáveres.

- Quem disse que eu também não tenho minhas cartas na manga? – disse mais para si mesmo. Castigara-se para salvar seus

Caroz, mas nada daquilo significava que deveria se destruir. Jogara a maior parte do castigo contra Azazel e outros, reservando para si a punição de se tornar humano. Quantas vezes o Céu já não condenara anjos a viverem como humanos? E não era ele mesmo o Serafim do Castigo? O melhor de tudo era que ser humano lhe dava novas chances... muitas novas chances.

A chuva ainda caía e lavava as almas. Laoviah divertia-se com a água passando por seu corpo, até notar um brilho no chão. Havia algo no meio do barro. Ele se baixou para pegar, passando seus dedos pelo metal. Qual não foi sua surpresa quando retirou uma coroa da lama. Riu de si mesmo e do mundo, olhando para o céu. As gostas caíam em seus olhos, mas ele não os fechava.

- Está brincando comigo? – perguntou, ciente da ironia, mas não deu maior atenção. Era humano, não precisava se importar o tempo todo com os assuntos relativos ao Céu. Não era assim que os mortais viviam? Talvez fosse.

- Senhor... É verdade o que dizem sobre as sensações? – perguntou Betânia, curiosa sobre a coroa, no entanto mais atizada pela vontade sobre a questão que acabara de sair de sua boca.

Naquele instante, Laoviah olhava para o céu com uma impaciência e uma ambição dignas de um ser humano, ainda que o fosse há tão pouco tempo. Nunca havia visto o céu com aqueles olhos que agora ocupavam sua face. Orgulhava-se de si mesmo naquele instante, pois provara o que podia provocar no mundo e deixara tempo para provar o que ainda poderia fazer.

- Sim, Betânia, por quê? – perguntou ele, olhando para o corpo perfeito da anjo.

- Pensei que houvesse algo que ainda desejasse experimentar – disse ela.

A Caroz mal teve tempo de deixar as últimas palavras saírem de sua boca. Laoviah já estava a abraçando e envolvendo-a com seus lábios antes que terminasse. O guarda-chuva caiu, assim como a pasta que sempre carregava. A chuva lavou seus corpos enquanto aprofundavam-se em paixão e desejo.

FIM